UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

SHIRLEY FREITAS SOUSA

**Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na
formação do papiamentu**
(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

SHIRLEY FREITAS SOUSA

**Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na
formação do papiamentu**

(VERSÃO CORRIGIDA)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor na área de Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo.

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F862c Freitas, Shirley
Contribuições linguísticas cabo-verdiana e
sefardita na formação do papiamentu / Shirley Freitas
; orientador Gabriel Antunes de Araujo. - São Paulo,
2016.
670 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Descrição e análise linguística. 2.
Criologênese. 3. Papiamentu. I. Araujo, Gabriel
Antunes de, orient. II. Título.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	15
2	MATERIAIS E MÉTODOS	25
2.1	OS DADOS DA PESQUISA	25
2.2	METODOLOGIA	41
2.3	OS APÊNDICES E ANEXOS	48
2.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	50
3	O PAPIAMENTU E O KABUVERDIANU	52
3.1	A ILHA DE CURAÇÃO	52
3.1.1	A comunidade sefardita de Curação	60
3.1.2	Estatísticas populacionais de Curação	62
3.2	PAPIAMENTU: CARACTERÍSTICAS GERAIS	69
3.2.1	Papiamentu: primeiro registro e origem do nome	71
3.3	O ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE	74
3.4	KABUVERDIANU: CARACTERÍSTICAS GERAIS	81
3.4.1	Hipóteses sobre a origem do kabuverdianu	84
3.5	SÍNTESE DO CAPÍTULO	92
4	HIPÓTESES SOBRE A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO PAPIA- MENTU	94
4.1	CRIOULO ESPANHOL	99
4.2	CRIOULO OU PROTOCRIOULO AFROPORTUGUÊS FALADO POR ES- CRAVOS AFRICANOS	118
4.3	DESENVOLVIMENTO A PARTIR DO KABUVERDIANU DE SANTIAGO	127
4.3.1	Dados linguísticos	138
4.3.2	Dados históricos	156
4.4	‘DIALETO’ JUDEO-PORTUGUÊS DA COMUNIDADE SEFARDITA E DE SEUS ESCRAVOS	181
4.4.1	A procedência dos judeus sefarditas	183
4.4.2	Os judeus saíram do Brasil levando escravos?	187
4.4.3	A quais atividades os judeus se dedicavam?	190
4.4.4	Qual era a língua usada pelos judeus sefarditas e seus escravos?	194
4.5	SÍNTESE DO CAPÍTULO	214
5	CONVERGÊNCIA DE HIPÓTESES: EVIDÊNCIAS	217
5.1	O PAPIAMENTU E O KABUVERDIANU CLÁSSICOS	219
5.1.1	Características fonológicas do papiamentu clássico	219

5.1.1.1	<i>Sistema vocálico</i>	222
5.1.1.2	<i>Sistema consonantal</i>	224
5.1.1.3	<i>Estrutura silábica</i>	227
5.1.1.3.1	Núcleo	228
5.1.1.3.2	Onset	228
5.1.1.3.3	Coda	231
5.1.1.4	<i>Acento</i>	233
5.1.1.5	<i>O Woordenlijst: um exemplar do papiamentu clássico</i>	234
5.1.2	Características fonológicas do kabuverdianu clássico . .	240
5.1.2.1	<i>Sistema vocálico</i>	244
5.1.2.2	<i>Sistema consonantal</i>	247
5.1.2.3	<i>Estrutura silábica</i>	250
5.1.2.3.1	Núcleo	251
5.1.2.3.2	Onset	252
5.1.2.3.3	Coda	254
5.1.2.4	<i>Acento</i>	254
5.1.3	Comparação entre as variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu	256
5.2	O PAPIAMENTU SEFARDITA	290
5.2.1	Documentos setecentistas sefarditas	292
5.2.2	Vocábulos e expressões da comunidade sefardita	309
5.3	CONVERGÊNCIA DE HIPÓTESES	325
5.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	341
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	344
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	353
I	Apêndices	367
A	ASPECTOS GRÁFICOS E LINGÜÍSTICOS DO PAPIAMENTU MODERNO	368
B	ASPECTOS GRÁFICOS E LINGÜÍSTICOS DO KABUVERDIANU MODERNO	409
II	Anexos	447
A	DADOS DO PAPIAMENTU CLÁSSICO: O WOORDENLIJST	448
B	DADOS DO KABUVERDIANU CLÁSSICO	541
C	DADOS DO PAPIAMENTU SEFARDITA	592
D	PRIMEIRO REGISTRO DO USO DO PAPIAMENTU	644
E	LÁPIDES DO ANTIGO CEMITÉRIO JUDAICO	646
F	DOCUMENTOS EM PORTUGUÊS DA COMUNIDADE SEFARDITA	659
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS APÊNDICES E ANEXOS	664

Aprovado em: 08 de agosto de 2016

BANCA EXAMINADORA

Membros titulares

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo (Universidade de São Paulo)

Prof. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter (Universidade de São Paulo)

Prof. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (Universidade Federal de Minas Gerais)

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (Universidade de São Paulo)

Prof. Dr. Pedro Perini Frizzera da Mota Santos (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri)

Membros suplentes

Prof. Dra. Ana Livia dos Santos Agostinho (Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti (Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dra. Gladis Massini-Cagliari (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)

Prof. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo)

Prof. Dr. Thomas Daniel Finbow (Universidade de São Paulo)

Agradecimentos

A realização deste trabalho teve o apoio de algumas pessoas e instituições. Assim, agradeço:

Ao meu orientador, professor Dr. Gabriel Antunes de Araujo, pela dedicação e paciência durante esses cinco anos e meio, por me apresentar Curaçao e o papia-mentu, pelas leituras e comentários valiosos durante toda a realização da pesquisa. Obrigada não apenas pelo suporte acadêmico, mas também pelo apoio pessoal, contribuindo (junto com sua família — Dani, Olívia, Pedro e Joaquim) para a adaptação à cidade de São Paulo.

À minha mãe, Suzy, por todo amor, carinho e incentivo e por incutir em mim o interesse pelos estudos. Ao meu pai, Raimundo, pelo seu olhar mais valioso que qualquer palavra e pelo constante estímulo. À minha irmã, Sheila, por apoiar minhas escolhas e se fazer presente.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (número de processo 2010/14252-3) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de auxílio financeiro através das bolsas de mestrado e doutorado, respectivamente.

À Universidade de São Paulo (USP) por todos os seus serviços — bandejão, circular, hospital universitário — que facilitaram a vida em São Paulo e pelo apoio financeiro que permitiu a apresentação dos resultados preliminares desta pesquisa em encontros nacionais e internacionais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa pelo apoio financeiro em diversas ocasiões.

Aos professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) pelas aulas e conhecimentos partilhados. Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, pelos comentários desde a qualificação de mestrado, pela disposição constante em ajudar e pela tradução dos textos de Schuchardt; à Prof. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, pelas sugestões na qualificação de doutorado, apontando caminhos alternativos; à Prof. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira, pelo estímulo e por sempre acreditar na minha pesquisa; e à Prof. Dra. Flaviane Fernandes-Svartman, pelas agradáveis conversas e conselhos valiosos.

Aos professores doutores da Universidad de Puerto Rico en Río Piedras (UPRP) Nicholas Faraclas, pela participação na banca de mestrado e contribuições

à pesquisa, e Yolanda Rivera-Castillo, pelos comentários sobre as lápides judaicas do antigo cemitério de Curaçao.

Aos meus familiares, especialmente a Suza, Tonho, Gai, Adriano, Adriana, Felipe, Ricardo, Calú, Léo, Iracema, Lúcia, Fernando e Carmosa, por todo carinho, pelos momentos de alegria e descontração e, sobretudo, por compreenderem minha ausência em alguns momentos ou minha ‘presença pela metade’, nas muitas horas dedicadas a esta tese.

Aos professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelos ensinamentos partilhados. Agradeço, em especial, ao Prof. Dr. Dante Lucchesi, meu orientador da iniciação científica, por me apresentar o fascinante mundo da pesquisa e pela paciência e incentivo nas etapas iniciais; e à Prof. Dra. Ilza Ribeiro, pela valiosa convivência e por mostrar o quão instigante pode ser a prática pesquisadora.

Aos membros do projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, pelos encontros anuais e palavras de encorajamento. Agradeço especialmente a Lanuza Lima, Elisângela Mendes e Vívian Antonino pela amizade, apoio e conselhos.

A Danilo Santiago, pelos esclarecimentos com relação ao espanhol.

A Adriana Carolinne, pela confecção das figuras sobre as hipóteses da gênese e do desenvolvimento do papiamentu e por fazer tão pacientemente as (muitas) alterações necessárias.

Aos membros do Grupo de Estudos de Línguas em Contato (GELIC) pelos momentos e conhecimentos partilhados nas horas passadas na sala 4. Agradeço sobretudo a Manuele Bandeira, pelas leituras atentas e sugestões de trabalho; a Ana Livia Agostinho, pelos valiosos *insights* na pesquisa e pelos momentos de descontração; a Amanda Bauduino, pela motivação e frescor dos primeiros anos de pesquisa; a Eduardo Santos, pela companhia durante as tardes de estudo; e a Francisco Lopes, pela disposição em responder perguntas sobre o kabuverdianu.

Ainda na USP, a Wânia Miranda, por esclarecer dúvidas a respeito do kabuverdianu, pela indicação de materiais e, sobretudo, pelas conversas sempre agradáveis; a Gabriela Braga, pelo apoio e carinho; e a Vinícius Gonçalves, por ser sempre gentil e solícito.

A Manu, amiga que embarcou comigo na mudança para São Paulo, por tudo que tem feito nesses mais de dez anos de amizade. Seu apoio e incentivo nas esferas acadêmica e pessoal foram imprescindíveis para a realização deste trabalho. Obrigada pelo otimismo contagiante e por acreditar em mim até quando eu mesma

duvidava. Agradeço também a Aluísio, por me acolher como amiga, o que deu origem a um verdadeiro trio nordestino.

Aos amigos de São Paulo, especialmente a Felipe, Juliana Piroupo, Carlos, Vanessa, Carla, Juliana Luquez, Marcelo e Daiane. Agradeço por me trazerem alegria e me mostrarem uma São Paulo mais doce e colorida. À minha *roomate* Marcela, agradeço pela amizade, carinho, paciência na convivência diária e por todo apoio nas diversas esferas da minha vida.

Aos amigos de Salvador, especialmente a Jéssica, Elisiane, Nadjane, Lorena, Fabiana, Taíse, Cleber, Fredson, Rafael, Lanuza, Danilo, Zoraide, Lúcia, Marcos e Renata (os dois últimos agora em Sampa), por se fazerem sempre presentes apesar dos cerca de 1.500 km de distância física.

A Barbara Perquin e Epifânio Claresa por me acolherem em Curaçao, tornando minha estadia na ilha inesquecível. Agradeço por todo carinho, apoio, cuidado e ensinamentos sobre o papiamentu.

A Monica Armenta, por sua amizade e pela gravação dos dados.

A Bea, Fred, Mercedes, Ronulfo e Alice, pelas tardes de conversa sobre Curaçao e o papiamentu. A Virginia, por suas palavras de incentivo.

A Melvin e Ingrid Dovale, e Daniella Vos, pelos agradáveis encontros e pelas discussões sobre o papiamentu.

A Luisette Sambo, pelos esclarecimentos sobre o papiamentu e por permitir que eu frequentasse suas aulas na Universidade de Curaçao (UoC, antiga Universidade das Antilhas Holandesas — UNA). Agradeço ainda aos seus alunos, especialmente a Suzanna, Francine e Gustavo, por gentilmente terem participado da gravação dos dados.

Ao Programa *Mòru Bon dia* da *Emissora Tele Kòrsou*, especialmente às suas apresentadoras Angelica Parris e Ai Leen Looman, pelo convite para duas entrevistas, ajudando a divulgar o trabalho, e, assim, entrar em contato com pessoas interessadas em contribuir para a pesquisa.

A Rene Rosalia, Rose Mary Allen, Su Girigori, Richenel Ansano, Reginald Römer, Imi Swakhoven-Troeman, Amy Victorina, Louis Philippe Romer, Marta Dijkhoff, Mariselle Bermudez, Ronnie Severing, Sidney e Debbie Joubert pelas prazerosas conversas que me permitiram compreender melhor o papiamentu. Agradeço por me fornecerem materiais importantes para a realização da pesquisa e também por contribuírem para o estudo mesmo depois da minha volta ao Brasil, sempre solícitos e atenciosos nas respostas aos e-mails.

A Jeroen Heuvel, pelas discussões sobre o papiamentu e pelo artigo no *Antillians Dagbad* sobre as investigações realizadas na USP no tocante à língua caribenha.

A Laura Quast, Igma Van Putte de Windt, Elvira Bonafacio, Philippe Maurer e Gerda Dunk, pelos e-mails trocados e indicações valiosas para o estudo do papiamentu.

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade de Curaçao, da Biblioteca Mongui Maduro, da Biblioteca Pública de Curaçao (Fundashon Biblioteka Público Kòrsou), da Biblioteca Nacional de Curaçao (Biblioteka Nashonal Kòrsou Frank Martinus Arion), do NAAM (National Archaeological Anthropological Memory Management), do Arquivo Nacional (Nationaal Archief Curacao), da Fundação para Planificação do Idioma (Fundashon pa Planifikashon di Idioma — FPI), da Fundação Material para Escolas (Fundashon Material pa Skol), por buscarem e fornecerem materiais sobre o papiamentu sempre com gentileza e um sorriso no rosto.

Aos funcionários da Sinagoga Mikve Israel-Emanuel e do Museu Judaico (Jewish Historical Cultural Museum), do Museu Marítimo (Curacao Maritime Museum) e do Museu Kura Hulanda (Curaçao Museum Kura Hulanda), pela atenção e disponibilidade.

Em síntese, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização da pesquisa. *Masha danki!* Apesar de ter recebido comentários e sugestões, gostaria de destacar que quaisquer equívocos ou inadequações que aparecerem no decorrer desta tese são de minha inteira responsabilidade.

[...] as typological, descriptive, comparative, and socio-historical research on the Atlantic Creoles and their input languages progresses, it becomes increasingly difficult to identify a single source for many Atlantic Creole words and constructions, because so many creole forms and structures are identical to those found in a number of different African languages as well as in a number of different European varieties spoken in the Afro-Atlantic during the colonial period and beyond. We argue that linear, mono-causal and mono-dimensional accounts of creole genesis must therefore give way to multi-directional, multi-causal and multiplex scenarios of convergence among forms and structures found in what have been traditionally classified as superstratal, substratal and adstratal input varieties as well as those found universally and in a Proto West African Portuguese Creole.

Nicholas Faraclas *et al.*

Resumo

Este estudo propõe uma hipótese que considera fundamental a atuação linguística conjunta dos cabo-verdianos e dos judeus sefarditas e seus escravos na gênese e no desenvolvimento do papiamentu. A justificativa para a pesquisa reside no fato de que, a despeito de ser um tema discutido na literatura, ainda se trata de um assunto controverso entre os estudiosos, havendo até o momento, pelo menos, quatro hipóteses diferentes. Maduro (1965), Rona (1970) e Munteanu (1996), por exemplo, defendem que o papiamentu seria um crioulo de base espanhola, tendo seus elementos portugueses introduzidos posteriormente pelos judeus sefarditas e seus escravos. Já Lenz (1928) e Martinus (1996) consideram o papiamentu como resultado da relexificação de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos trazidos da África. De acordo com Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999), por seu turno, o papiamentu seria um crioulo de base portuguesa, surgido a partir de um ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos. Por fim, Jacobs (2012) considera que o papiamentu teria se originado a partir do crioulo falado na ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde, sendo mais tarde levado para Curaçao. Analisando as hipóteses, observou-se que duas apresentam argumentos e fatos linguísticos evidenciáveis, a saber, as relações com o kabuverdianu (especialmente, a variedade de Santiago) e a participação dos judeus sefarditas e seus escravos. A fim de decidir a favor de uma das hipóteses, itens lexicais e funcionais das variedades setecentistas e oitocentistas do papiamentu e do kabuverdianu clássicos, bem como do papiamentu sefardita, foram comparados, resultando em convergências nos níveis lexicais e funcionais. De um lado, a grande quantidade de elementos derivados do português no papiamentu clássico seria uma evidência de que esses itens representaram um papel basilar no desenvolvimento da língua, de outro, as convergências lexicais e funcionais — uma vez que há uma menor probabilidade de substituição dos itens funcionais (em virtude de sua opacidade semântica) (MATRAS, 2009) — não podem ser explicadas por acaso. Já as similaridades com o kabuverdianu clássico confirmariam seu parentesco linguístico. No que diz respeito ao papel da comunidade sefardita e seus escravos, observou-se que a expressão linguística dos judeus também faz parte da estrutura geral do papiamentu clássico, deixando marcas inclusive na variedade moderna. Tendo em vista o material documental dos séculos XVIII e XIX, escolher uma única hipótese resultaria em um quadro parcial, sendo necessário postular uma *convergência de hipóteses*, que consiste não somente na reunião de duas hipóteses (a cabo-verdiana e a sefardita), mas na proposta de um novo cenário para se explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. Dentro dessa perspectiva, é importante considerar que, em situações de contato, as línguas continuam se influenciando mutuamente ao longo dos tempos (PERINI-SANTOS, 2015), sendo necessária, portanto, uma análise que privilegie a contribuição dos falantes de diferentes línguas em diversas sincronias. Assim, seguindo Faraclas *et al.* (2014), uma convergência de elementos linguísticos cabo-verdianos e dos sefarditas e seus escravos deve ser considerada nos estudos sobre a formação e desenvolvimento do papiamentu.

Palavras-chave: Papiamentu. Kabuverdianu. Judeus sefarditas e seus escravos. Contribuição de múltiplos agentes. Convergência de hipóteses.

Abstract

This study proposes a hypothesis considering fundamental the joint linguistic agency of Cape Verdeans and Sephardic Jews and their slaves for the genesis and development of Papiamentu. The rationale for the study lies in the fact that, despite being a topic discussed in the literature, it is still a controversial subject among scholars. So far, there are at least four different hypotheses. Maduro (1965), Rona (1970) and Munteanu (1996), for example, argue that Papiamentu is a Spanish-based Creole and that its Portuguese elements were later introduced by Sephardic Jews and their slaves. On the other hand, Lenz (1928) and Martinus (1996) consider Papiamentu a result of a relexification of a Creole or an African-Portuguese Proto-Creole language spoken by the slaves brought from Africa. According to Goodman (1996 [1987]) and Smith (1999), Papiamentu was a Portuguese-based Creole emerged from a Judeo-Portuguese ‘dialect’ of the Sephardic community and its slaves. Finally, Jacobs (2012) considers that Papiamentu would have originated from the Creole spoken on Santiago island, in the Cape Verde Islands, and was later taken to Curacao. By analyzing the hypotheses, it was observed that two of them have arguments and linguistic facts capable of being evidenced: relations with Cape Verdean Creole (especially the Santiago variety) and the participation of Sephardic Jews and their slaves in it. In order to decide in favor of one of these hypotheses, lexical and functional items of the eighteenth and nineteenth-century varieties of Classic Papiamentu, Classic Cape Verdean Creole and Sephardic Papiamentu were compared, resulting in convergences at the lexical and functional levels. On the one hand, the large number of elements derived from Portuguese in Classic Papiamentu would evidence that these items played a fundamental role in the development of the language. On the other hand, lexical and functional convergence — as it is less likely to replace functional items (by virtue of their semantic opacity) (MATRAS, 2009) — cannot be explained by mere chance. Similarities with Classic Cape Verdean Creole confirm their linguistic kinship. Regarding the role of the Sephardic community and its slaves, it was observed that the linguistic expression of Jews was also part of the overall structure of Classic Papiamentu, leaving marks even in its modern variety. Given the eighteenth and nineteenth-century documentation, choosing a single hypothesis would result in a partial picture. It is necessary to postulate a *convergence of hypotheses*, which consists not only in uniting two hypotheses (Cape Verdean and Sephardic), but also in the proposal of a new scenario to explain the genesis and the development of Papiamentu. Within this perspective, it is important to consider that, in contact situations, languages continue to influence each other over time (PERINI-SANTOS, 2015), requiring therefore an analysis that favors agency on the part of speakers of different languages in different synchronies. Thus, following Faraclas *et al.* (2014), a convergence of linguistic elements of Cape Verdean Creole and of the languages of Sephardic Jews and their slaves must be considered in studies on the formation and development of Papiamentu.

Keywords: Papiamentu. Cape Verdean Creole. Sephardic Jews and their slaves. Multiple agents agency. Convergence of hypotheses.

Lista de Quadros

1	Quadro pronominal do papiamentu, kabuverdianu de Santiago e kriyol de Guiné Bissau e Casamança (JACOBS, 2012a: 84).	141
2	Itens funcionais de étimo português no papiamentu e seus cognatos nos crioulos portugueses da Alta Guiné (JACOBS, 2012a: 258). . . .	149
3	Comparação entre os aspectos fonológicos do papiamentu e do kabuverdianu clássicos.	258
4	Pronomes do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	262
5	Algumas preposições do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	263
6	Alguns interrogativos do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	264
7	Algumas conjunções do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	265
8	Alguns determinantes do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	266
9	Alguns elementos locativos do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	267
10	Alguns elementos temporais do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	267
11	Alguns indefinidos do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	268
12	Outros elementos funcionais do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.	269
13	Convergências entre itens lexicais do papiamentu sefardita e da variedade geral (clássica e moderna).	311
14	Convergências entre itens funcionais do papiamentu sefardita e da variedade geral (clássica e moderna).	312
15	Divergências entre o papiamentu sefardita e a variedade geral (clássica e moderna).	312
16	Fonemas vocálicos do papiamentu moderno.	374
17	Fonemas consonantais do papiamentu moderno.	383
18	Fonemas vocálicos do kabuverdianu moderno.	416
19	Fonemas consonantais do kabuverdianu moderno.	422

Lista de Figuras

3.1	Mapa de Curaçao.	53
3.2	Mapa de Cabo Verde.	75
5.1	A <i>carta de 1775</i> (HENRIQUEZ, 1988: 101).	294
5.2	A relação do papiamentu com o kabuverdianu de Santiago (baseada em QUINT, 2000b: 199).	334
5.3	O ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e de seus escravos como fonte do papiamentu (baseada em GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999).	335
5.4	Convergência de hipóteses.	336
D.1	Primeira menção ao nome do papiamentu (COOMANS & COOMANS-EUSTATIA, 2004: 156).	645
E.1	Comentário sobre as lápides.	649
E.2	Lápide 1.	650
E.3	Lápide 2.	651
E.4	Lápide 3.	652
E.5	Lápide 4.	653
E.6	Lápide 5.	654
E.7	Lápide 6.	655
E.8	Lápide 7.	656
E.9	Lápide 8.	657
E.10	Lápide 9.	658
F.1	Documento 1 (EMMANUEL, 1957: figura 11).	660
F.2	Documento 2 (EMMANUEL, 1957: figura 77).	661
F.3	Documento 3 (EMMANUEL, 1957: figura 32).	662
F.4	Documento 4 (EMMANUEL & EMMANUEL, 1970: 748).	663

Lista de Abreviaturas

1	Primeira pessoa do discurso
2	Segunda pessoa do discurso
3	Terceira pessoa do discurso
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
CAG	Crioulos portugueses da Alta Guiné (kabuverdianu e kriyol de Guiné Bissau e Casamança)
CGG	Crioulos portugueses do Golfo da Guiné (santome, lung'ie, fa d'ambô e angolar)
COMP	Complementizador
CON	Conectivo
DET	Determinante
ESP	Espanhol
FUT	Futuro
HOL	Holandês
IMP	Aspecto imperfeito
KG	Kriyol de Guiné Bissau e Casamança
KV	Kabuverdianu (moderno)
KVC	Kabuverdianu clássico
PASS	Passado
PL	Plural
POSS	Possessivo
PP	Papiamentu (moderno)
PPC	Papiamentu clássico
PPS	Papiamentu sefardita
PT	Português
S	Singular
SUBST	Substantivo
SUJ	Sujeito
ST	Santome
V	Verbo

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Na literatura, há pelo menos quatro hipóteses que tratam da gênese e do desenvolvimento do papiamentu, língua crioula falada principalmente em Aruba, Bonaire e Curaçao. Considerando essa diversidade de hipóteses, o presente trabalho tem o objetivo de investigá-las, buscando estabelecer qual (ou quais) dela(s) traz(em) as melhores explicações e evidências tanto no âmbito linguístico quanto no sócio-histórico. A partir das investigações e da análise de dados, formulou-se uma hipótese própria para explicar a formação do papiamentu: a *convergência de hipóteses*, considerando o papel tanto dos falantes de kabuverdianu quanto dos judeus sefarditas e seus escravos no desenvolvimento da língua caribenha. Esse cenário de convergência consiste não somente na união das hipóteses propostas por Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999), de um lado, e por Jacobs (2012a), de outro, mas na apresentação de um novo panorama, que se coaduna com as propostas de Faraclas *et al.* (2014) e Perini-Santos (2015). Faraclas *et al.* (2014) advogam que, para explicar a formação dos crioulos atlânticos, é preciso considerar uma multiplicidade de fatores, notadamente a contribuição de falantes de diversas línguas convivendo em um mesmo espaço. Já segundo Perini-Santos (2015), em situações de contato, as influências linguísticas mútuas perduram por muito tempo, sobretudo no caso de coexistência de línguas em contextos multilíngues. No caso do papiamentu, dentre os diversos fatores, os escravos têm uma contribuição fundamental, na medida em que eles ajudaram a criar e a desenvolver a língua, incorporando elementos do kabuverdianu e das línguas faladas pelos judeus sefarditas, seja o português, seja o

próprio dialeto papiamentu sefardita. Como evidências linguísticas para tal hipótese, esta tese compara o papiamentu e o kabuverdianu setecentistas e oitocentistas, bem como o papiamentu sefardita característico da comunidade judaica e de seus escravos, a partir de fontes documentais dos séculos XVIII e XIX, a fim de revelar a relação existente entre a região da Alta Guiné, Recife, Amsterdã e Curaçao.

O papiamentu é uma língua de base ibero-românica¹ falada na região do Caribe e ainda na Holanda². Este estudo concentra-se na variedade falada em Curaçao, onde vivem cerca de três quartos dos falantes dessa língua, aproximadamente 150 mil pessoas (CBS, 2012: 02). No que concerne à gênese e ao desenvolvimento do papiamentu, não há concordância entre os estudiosos, havendo, pelo menos, quatro hipóteses. De acordo com Maduro (1965, 1966a, 1966b, 1966c), Rona (1970) e Munteanu (1996), o papiamentu seria um crioulo de base espanhola, tendo seus elementos portugueses introduzidos mais tarde pelos judeus sefarditas. Já Lenz (1928) e Martinus (1996, 2007) consideram o papiamentu como resultado da relexificação de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos trazidos da África. Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999), por seu turno, advogam que o papiamentu seria um crioulo de base portuguesa, surgido a partir de um ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e de seus escravos. Por fim, Jacobs (2009a, 2009b, 2012a) defende que o papiamentu teria se originado a partir do crioulo falado na ilha de Santiago, situada no arquipélago de Cabo Verde, sendo mais tarde levado para Curaçao.

O ponto convergente entre as hipóteses é a origem ibero-românica do papiamentu. Todavia, estabelecer a sua língua lexificadora — português ou espanhol —

¹Nesta tese, o termo ‘ibero-românico’ se refere ao português e ao espanhol, não considerando o galego e o catalão, também falados na região da Península Ibérica. Assim, com o termo ‘base ibero-românica’, assume-se que o espanhol e/ou o português foram as línguas lexificadoras do papiamentu, isto é, as que forneceram a maior parte do seu léxico.

²No decorrer deste trabalho, ao fazer referência à unidade política conhecida como Reino dos Países Baixos ou Holanda, será sempre utilizada a forma como ele era chamado na época do evento abordado. Assim, os nomes adotados em cada período serão os seguintes: (i) de 1581 a 1795: República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos ou República Unida dos Países Baixos ou Províncias Unidas ou República Holandesa; (ii) de 1795 a 1806: República Batava; (iii) 1806 a 1810: Reino da Holanda; (iv) de 1815 a 1839: Reino Unido dos Países Baixos; (v) de 1839 aos dias atuais: Reino dos Países Baixos, que reúne os Países Baixos (também conhecidos como Holanda), Aruba, Curaçao e São Martinho.

ainda é algo controverso, havendo defensores das duas posições. Maduro (1966a, 1966b, 1966c), por exemplo, defende uma base espanhola para o papiamentu. Godman (1996 [1987]: 544-554) e Smith (1999: 273-295), por sua vez, advogam um crioulo inicial de base portuguesa. Adicionalmente, Kouwenberg & Muysken (1995: 205) afirmam que o léxico mais antigo do papiamentu teria uma forma portuguesa, sendo o contato posterior e extensivo com o espanhol o responsável por obscurecer essa contribuição inicial. Birmingham (1970: 143), por seu turno, aponta que a principal dificuldade em determinar se o papiamentu deriva do português ou do espanhol diz respeito ao fato de as línguas ibero-românicas em geral apresentarem aspectos morfológicos coincidentes. Já Lipski (2008: 547) considera que a influência atual do espanhol no papiamentu dificulta (ou mesmo impede) uma investigação completa sobre a fonte dos elementos portugueses na língua caribenha. Dentro desse debate, o posicionamento de Grant (2008a: 47-61, 2008b: 73-84) ocupa uma espécie de meio-termo. O autor não toma partido na discussão acerca da base lexical do papiamentu — português ou espanhol — advogando uma convergência de diferentes cenários. Para o autor, “O resultado final seria que o componente ibero-românico do papiamentu seria um tipo de *cocoliche*³ [mescla] espanhol/português (ver Meo-Zilio 1956 para um esboço do que isto implica), com formas niveladas [semelhantes ou idênticas em português e espanhol] e de *portmanteau* [palavras formadas a partir da combinação de elementos com formas similares no português e no espanhol] sendo abundantes.”⁴ (GRANT, 2008a: 52, grifos do autor, tradução nossa). Sustentando sua postura teórica, ele chama a atenção para o fato de que diferentes fontes portuguesas podem ter influenciado o papiamentu, como um pidgin afroportuguês, o judeo-português ou pelo menos a variedade de português usada pelos judeus sefarditas, os crioulos portugueses falados na região da Alta Guiné, o português falado no nordeste do Brasil, de onde saíram muitos dos judeus sefarditas que foram para

³Em linhas gerais, o termo *cocoliche* se refere à variedade linguística híbrida que mesclava o espanhol e dialetos italianos, usada por imigrantes italianos recém-chegados na América, especialmente na Argentina e no Uruguai (RAE, 2001).

⁴Citação original: “The net result would be that the Iberoromance component of Papiamentu would be a kind of Spanish/Portuguese *cocoliche* (see Meo-Zilio, 1956 for an outline of what this implies), with levelled forms and portmanteau forms abounding.”

Curaçao, entre outros. Assim, o estrato português seria bastante heterogêneo — posicionamento também assumido por outros autores, como Andersen (1974: 59), Maurer (1998: 199) e Joubert & Perl (2008: 138, 153). Do mesmo modo, no caso do espanhol, além da variedade latino-americana, formas dialetais também devem ser consideradas (GRANT, 2008a: 50-53). Ademais, de acordo com Grant (2008a: 48), o português e o espanhol falados no momento da formação do papiamentu (cerca de 350 anos atrás, isto é, em meados do século XVII⁵) se assemelhavam muito mais com relação aos itens do seu vocabulário básico do que as suas variedades atuais, o que pode ser ilustrado pela supremacia de formas do papiamentu que derivam de vocábulos iguais (ou similares) em espanhol e português⁶. Todos esses fatores dificultariam a afiliação do papiamentu a uma ou outra língua, sendo preferível considerá-lo como tendo uma base ibero-românica.

Ainda com relação à base do papiamentu, seria possível questionar porque em Curaçao não se desenvolveu um crioulo de base holandesa, uma vez que os holandeses se estabeleceram na ilha em 1634 e, até os dias atuais, mesmo com a independência política da ilha caribenha, continuam a exercer sua influência. Uma possível justificativa para a presença tão maciça do elemento ibero-românico é apontada por Maurer (1998: 201, tradução nossa), para quem o papiamentu é uma língua crioula de base lexical mista — ibero-românica e holandesa:

Em nossa opinião, o papiamentu tem um caráter ibero-românico tão acentuado porque a classe dominante não era homogênea cultural e linguisticamente; daí que os holandeses não puderam impor seu idioma nem como base do idioma crioulo nascente nem aos

⁵Outros autores também situam o período de formação e cristalização do papiamentu mais ou menos na segunda metade do século XVII, a exemplo de Munteanu (1996: 201) e Joubert & Perl (2008: 139).

⁶A análise desenvolvida por Freitas (2012) confirma essa afirmação. Trabalhando com palavras pertencentes ao vocabulário básico da língua — retiradas de obras de Antoine Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c) —, de um total de 252 vocábulos, a autora encontrou que 78 (o que equivale a 31%) podem ser oriundos do português ou do espanhol. É o caso, por exemplo, de **ariba** ‘acima, para cima, em cima’, **brasa** ‘1. braço, 2. abraço’, **kabes** ‘cabeça’. Caso se analise o *corpus* da autora como um todo, que possui 1.942 vocábulos, o número de palavras com uma dupla etimologia (portuguesa ou espanhola) será muito maior, congregando centenas de vocábulos e provavelmente chegando a mais da metade do total.

sefarditas. Além disso, parece que uma parte da população holandesa tinha alguns conhecimentos de uma variedade ibero-românica, seja europeia, brasileira, africana ou eventualmente asiática. Também é provável que uma parte dos escravos chegados na época de formação do papiamentu tivesse algumas noções de variedades afroportuguesas. Em outros termos, todos os grupos que tiveram um papel importante na formação do papiamentu — os africanos, os holandeses e os sefarditas — tiveram algum conhecimento de uma ou mais variedades ibero-românicas⁷.

Ferrol (1982: 20) também discute essa questão, afirmando que o holandês não influenciou muito o papiamentu porque os holandeses, em geral, não se interessavam muito por povos e idiomas que consideravam inferiores. A respeito do comportamento dos holandeses, segundo Domingos (1974: 10), em geral, eles não se misturavam com as populações colonizadas, estabelecendo limites bem definidos e, assim, se mantendo como uma elite em quase total isolamento. Essa atitude contribuiria ainda mais para diminuir o papel do holandês na configuração linguística do papiamentu. Ademais, Ferrol (1982: 20) menciona o papel dos missionários espanhóis, responsáveis por cristianizar índios e negros mesmo durante a ocupação holandesa, o que também permitiu que o espanhol influenciasse o papiamentu. Desse modo, a partir dos relatos dos autores, é possível perceber que, a despeito de Curaçao nunca ter sido uma colônia portuguesa e ter ficado sob o domínio espanhol durante um tempo relativamente curto e de pouca atuação por parte da metrópole, o português e o espanhol sempre estiveram presentes de alguma forma na ilha.

Como referencial teórico, nesta tese, são adotadas as discussões de Perini-Santos (2015), que considera que, em uma situação de contato, as influências de uma língua sobre a outra não cessam já que, nesse caso, as línguas convivem por muito tempo. Além disso, as influências se mantêm mesmo depois que a situação

⁷Citação original: “A nuestro juicio, el papiamentu tiene un carácter iberorromance tan pronunciado porque la clase dominante no era homogénea cultural y lingüísticamente; de ahí que los holandeses no pudieron imponer su idioma ni como base del idioma criollo naciente ni a los sefardíes. Además, parece que una parte de la población holandesa tenía algunos conocimientos de una variedad iberorromance, sea europea, brasileña, africana o eventualmente asiática. También es probable que una parte de los esclavos llegados en la época de formación del papiamentu hayan tenido algunas nociones de variedades afroportuguesas. En otros términos, todos los grupos que tuvieron un papel importante en la formación del papiamentu — los africanos, los holandeses y los sefardíes — tuvieron algún conocimiento de una o más variedades iberorromances.”

de contato termina. Assim sendo, as línguas com as quais o papiamentu convivia em seus primórdios (como o espanhol, o português e o próprio papiamentu sefardita, além das diversas línguas faladas pelos escravos) foram relevantes para o seu desenvolvimento. Como será demonstrado no capítulo 5, essas diversas línguas colaboraram para a gênese e o desenvolvimento do papiamentu de forma muito profunda. Ademais, sustenta-se ainda uma *convergência de hipóteses*, cenário similar ao apontado por Faracías *et al.* (2014: 178-181) ao tratar das línguas crioulas atlânticas. Para esses autores, diversos segmentos sociais atuaram na formação dos crioulos do Atlântico, sendo necessário considerar essa atuação conjunta, sem preterir nenhum dos grupos, para que se possa ter uma visão mais ampla da gênese e do desenvolvimento dessas línguas. Esse fenômeno de convergência foi visto inclusive nas análises de alguns vocábulos das obras de Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c), para os quais não se pôde atribuir um único étimo⁸ (FREITAS, 2012). Em muitos casos, Freitas (2012) utiliza o rótulo ‘étimo ibero-românico’ quando não foi possível decidir com certeza entre uma procedência portuguesa ou espanhola, visto que, nas duas línguas, havia formas (quase) idênticas ou similares com os mesmos significados⁹. Em síntese, o rótulo indica um étimo ibero-românico indefinido (português ou espanhol), mas uma origem ibero-românica certa. Há ainda exemplos em que se estabeleceu um étimo de uma língua ibero-românica (português e espanhol) e outro de uma língua não ibero-românica (em especial, holandês e inglês). Assim sendo, em geral, determinar com exatidão se a palavra vem do português ou do espanhol (ou mesmo de outra língua) passa a ser secundário, sendo de maior relevância procurar descobrir como a análise dos dados pode contribuir no debate sobre as hipóteses da

⁸O termo *étimo* pode ser definido, segundo Viaro (2011: 99), como “a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer”. Assim, nesta tese, dizer que uma determinada palavra do papiamentu tem um étimo português, por exemplo, significa que esse vocábulo entrou no papiamentu por intermédio do português, não se atendo à procedência dessa palavra no português.

⁹Acerca do estabelecimento de etimologias, Grant (2008a: 49) já havia apontado que nem sempre é fácil determinar com certeza a origem de uma palavra ibero-românica. Tendo em vista essa dificuldade, Quint (2000b: 69) apresenta um posicionamento similar ao adotado nesta tese e emprega o termo ‘hispânico’ para se referir às duas principais línguas hispano-romanas (português e espanhol), excluindo o catalão (considerado galo-românico).

formação do papiamentu. A etimologia funciona, assim, como uma aliada na discussão, na medida em que um maior número de palavras de procedência portuguesa, fundamentalmente aquelas do léxico funcional ou as classificadas como mais antigas (após comparação com palavras da lista Swadesh, que reúne itens lexicais do vocabulário básico para diversas línguas do mundo, permitindo, a partir da comparação dos dados, estabelecer as similaridades — e consequentemente as relações genéticas — entre as diversas línguas), poderá indicar uma possível base portuguesa para o papiamentu, favorecendo uma das hipóteses. Neste momento, não se pode esquecer de mencionar qual variedade de português e de espanhol interessa mais quando se trata do papiamentu: o português possivelmente é o das variedades que deram origem aos crioulos de base portuguesa da Alta Guiné e que se mostra através dessas línguas ou ainda o do (nordeste do) Brasil (levado para Curaçao pela comunidade sefardita) e também o português da comunidade sefardita e seus escravos; já o espanhol deve ser majoritariamente o da Venezuela, não se esquecendo, porém, da variedade da Península Ibérica — especialmente os dialetos andaluz e leonês-extremenho segundo Domingos (1974: 5) —, visto que, entre os séculos XVII e XIX, apesar de se ter um espanhol da Venezuela embrionário, a influência do castelhano certamente ainda era grande. Com relação à presença do português e do espanhol em Curaçao e ao seu contato com o papiamentu, o seu estatuto é diferenciado. Enquanto o português teve uma participação marcante no passado, destacando-se dentro da comunidade sefardita, especialmente no domínio religioso, e hoje pouco influencia o papiamentu¹⁰, o

¹⁰Joubert & Perl (2008: 152) discutem a influência do português no papiamentu, afirmando que, ao chegarem a Curaçao, os falantes de português (bem como os do crioulo haitiano), em geral, precisavam abandonar sua língua e logo aprender o papiamentu, uma vez que os falantes das demais línguas não os compreendiam. Ademais, os autores apontam que grande parte dos curaçolenhos desprezava os portugueses sem nenhum motivo aparente. Acerca de influências mais recentes, Joubert & Perl (2008: 151) consideram que nem mesmo os falantes de português que foram trabalhar na Shell a partir de 1918 tiveram impactos significativos no papiamentu, uma vez que esse grupo recebia um visto de permanência limitado, vivia em acampamentos isolados do restante da comunidade e voltava para seus países de origem depois do fim do contrato. Em conversas com imigrantes portugueses — cuja comunidade, em fins dos anos 2000, era formada por cerca de 4.000 pessoas —, os autores constataram ainda que a variedade de português empregada consistia em uma mescla de português e papiamentu, com uma perda cada vez maior do costume de transmitir a herança portuguesa para os seus descendentes (JOUBERT & PERL, 2008: 149).

espanhol, apesar de não ser língua oficial da ilha, conserva uma grande importância na região circundante (suplantando qualquer outra língua e sendo falado, sobretudo como segunda língua, por diversas pessoas), com seu domínio sendo um dos caminhos para atingir o sucesso nas atividades econômicas da região (GRANT, 2008a: 67).

Este estudo se justifica na medida em que a gênese e o desenvolvimento do papiamentu ainda é um assunto controverso, havendo aspectos obscuros que merecem ser discutidos — posição também defendida por Joubert & Perl (2008: 138). Além disso, a comparação entre o papiamentu e outras línguas de base portuguesa da África, como o kabuverdianu, (especialmente) em uma perspectiva diacrônica, e a discussão da influência da comunidade sefardita na língua falada em Curaçao não têm sido objeto de nenhum estudo sistemático, lacunas que esta pesquisa buscou sanar. Apesar de a conexão entre o papiamentu e o kabuverdianu ser reconhecida por autores como Martinus (1996) e Jacobs (2009a, 2009b, 2012a), os dados do papiamentu do século XIX e os seus correspondentes em kabuverdianu, por exemplo, nunca foram comparados de forma organizada. No que tange aos sefarditas, esses mesmos autores admitem que a comunidade judaica teve uma participação importante na configuração da sociedade curaçolenha, contudo pouco é dito sobre as influências dessa comunidade no âmbito linguístico e mesmo sobre as especificidades da variedade sefardita do papiamentu. Essa postura de considerar, junto com o kabuverdianu, outros elementos como importantes na configuração linguística do papiamentu (a exemplo da atuação dos judeus sefarditas e seus escravos) justifica-se na medida em que caso se considere o papiamentu como um descendente direto do kabuverdianu — como o faz Jacobs (2012a) —, não é possível explicar algumas divergências em aspectos basilares da gramática (no âmbito das palavras funcionais, por exemplo) encontradas nas duas línguas.

O texto está organizado da seguinte forma: o capítulo 2 traz os materiais e métodos que norteiam este estudo. Esse capítulo expõe as etapas da pesquisa e o arcabouço teórico que sustenta a hipótese da convergência das contribuições caboverdiana e sefardita na gênese e no desenvolvimento do papiamentu. Em seguida, no capítulo 3, são apresentadas algumas das principais características da história de

Curaçao, já que este estudo enfoca o papiamentu falado nessa ilha, e aspectos gerais da língua, como seu estatuto dentro da sociedade curaçolêna e os seus primeiros registros. Ainda nesse capítulo, trata-se da colonização do arquipélago de Cabo Verde, enfatizando os traços da ilha de Santiago, e passando, na seção seguinte, à apresentação dos aspectos gerais do kabuverdianu e as hipóteses que procuram explicar sua formação. No capítulo 4, encontra-se a discussão das hipóteses sobre a gênese e o desenvolvimento do papiamentu (a saber: (i) crioulo espanhol; (ii) crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos; (iii) desenvolvimento a partir do kabuverdianu de Santiago; (iv) ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos), apontando seus argumentos comprováveis e aspectos controversos. O capítulo 5 é dedicado ao cenário de convergência de hipóteses, que considera a atuação conjunta dos cabo-verdianos e dos judeus sefarditas e seus escravos. Inicialmente, aparece a análise dos dados, realizada em duas linhas: (i) comparação de itens funcionais e lexicais de alta frequência do papiamentu clássico com seus correspondentes em kabuverdianu clássico, observando as similaridades formais e semânticas, bem como características divergentes; (ii) análise do papiamentu sefardita, examinando documentos escritos por judeus sefarditas no final do século XVIII, possivelmente alguns dos primeiros registros que se tem da língua, e também cotejando vocábulos e expressões característicos da comunidade com o registro geral da língua. Com base nas leituras das hipóteses e na análise dos dados, apresenta-se o cenário da convergência, que considera elementos de duas hipóteses (a cabo-verdiana e a sefardita) para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu, o que se coaduna com as ideias de Faraclas *et al.* (2014), Perini-Santos (2015) e as abordagens gradualistas da crioulogênese. Por fim, o capítulo 6 expõe as considerações finais da pesquisa, retomando o que foi discutido na tese e apresentando ainda possíveis desdobramentos futuros deste estudo.

Esta tese possui ainda dois apêndices e seis anexos, que estão em um segundo volume. Os apêndices A e B discutem aspectos gráficos, fonológicos (como os sistemas vocálico e consonantal, a estrutura silábica e as características do acento) e morfológicos (os processos de formação de palavras) do papiamentu moderno e do kabuverdianu moderno, respectivamente. No anexo A, encontram-se os dados do

papiamentu clássico, coletados em Frederiks & Putman (2004 [1859]). O anexo B, por sua vez, reúne os dados do kabuverdianu clássico, retirados de Coelho (1967a [1880]), Costa & Duarte (1967 [1886]), Brito (1967 [1887]) e Schuchardt (1888). Já o anexo C apresenta os dados do papiamentu sefardita, extraídos de Henriquez (1988, 1991). No anexo D, encontra-se um excerto do diário de bordo que registra a primeira menção ao nome da língua caribenha. O anexo E, por seu turno, mostra algumas lápides de judeus sefarditas sepultados em Curaçao. Por último, o anexo F contém registros do uso do português pelas comunidades sefarditas de Curaçao e de Amsterdã.

Capítulo 2

MATERIAIS E MÉTODOS

Este capítulo apresenta os materiais e métodos que orientaram a realização do estudo. Inicialmente, o foco recai sobre os dados da pesquisa, mencionando a periodização definida para o papiamentu e o kabuverdianu, os *corpora* (as variedades clássicas e modernas do papiamentu e do kabuverdianu e o papiamentu sefardita) da pesquisa, o sistema de apresentação dos dados quanto à sua grafia, transcrição fonética e glosas em português. Em seguida, são apresentados aspectos metodológicos, definindo as etapas do estudo, os critérios de análise dos dados e os pressupostos teóricos que subjazem o cenário de convergência de hipóteses, adotado para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. Por fim, os apêndices e anexos que fazem parte desta tese são caracterizados.

2.1 OS DADOS DA PESQUISA

Os estudos acerca das línguas crioulas, logo de início, lançam um desafio com relação à forma de grafar o(s) nome(s) da(s) língua(s), dificuldade também enfrentada por outras investigações linguísticas e pelas pesquisas antropológicas. Nesta tese, optou-se por adotar a grafia usada dentro da própria língua (e não a grafia do português). Esse posicionamento também é seguido em estudos linguísticos que enfocam línguas indígenas e nos trabalhos antropológicos. Assim, as línguas crioulas mencionadas nesta tese aparecem grafadas da seguinte forma: *papiamentu*, *kabuverdianu*, *kriyol de Guiné Bissau e Casamança*, *santome* (também conhecido

como *forro*), *lung'ie* (também conhecido como *principense*), *fa d'ambô* (também conhecido como *anobonense* e *falar de Ano Bom*) e *angolar*. No que tange às línguas (ou grupos de línguas) africanas, foram adotadas as seguintes grafias: *bantu*, *gbe*, *kwa*, *ewe*, *twi*, *ibo*, *fula*, *edo* e *iorubá*.

Para a consecução dos objetivos traçados para este estudo, era necessário analisar registros pretéritos do papiamentu e do kabuverdianu, na medida em que essas variedades refletem de forma mais clara o parentesco entre as duas línguas. Assim, foi proposta uma periodização para o papiamentu e o kabuverdianu. O estabelecimento dos períodos (antigo, clássico e moderno) considerou alguns marcos miliários das línguas. Para o papiamentu, utilizou-se a periodização estabelecida por Araujo (2011: 1), que compreende três fases¹: (i) *papiamentu antigo/pré-literário*: poucos registros escritos²; (ii) *papiamentu clássico*: de 1825 (ano em que ocorreu a publicação do primeiro material conhecido em papiamentu³: *Declaracion corticu di catecismo pa uso di catholica di Curacao pa M. J. Niewindt, prefecto apostolico di Mision di Curacao* (*Breve declaração do catecismo para uso dos católicos de Curaçao, por M. J. Niewindt, prefeito apostólico da Missão de Curaçao*), marcando o início de uma grafia coesa para a língua) a 1905; (iii) *papiamentu moderno*: de 1905

¹Jacobs (2012a: 11) aponta outra proposta de periodização, dividindo o papiamentu em duas fases: (i) *papiamentu antigo* (Early Papiamentu): de 1775 a 1928; (ii) *papiamentu moderno* (Modern Papiamentu): de 1928 aos dias atuais. O autor menciona que a escolha de 1928 (ano em que é publicado o estudo de Lenz sobre a língua caribenha) é um tanto arbitrária e reflete a escassez de publicações sobre o papiamentu entre esse ano e a década de 1950.

²Há alguns testemunhos desse período, como a *carta de 1775* escrita por um judeu sefardita (que será objeto deste estudo na seção 5.2.1 do capítulo 5) e alguns documentos dispersos, a exemplo dos testemunhos citados por Jacobs & van der Wal (2015: 46): (i) um diálogo entre duas escravas registrado por Semuel Costa Andrade, um judeu sefardita, em 1776 (documento que será discutido na seção 5.2.1 do capítulo 5); (ii) cartas pessoais datadas de 1781 e 1783, escritas por membros de uma família de origem holandesa — uma dessas cartas é escrita totalmente em papiamentu (e analisada pelos autores quanto a suas implicações sociolinguísticas e seus elementos linguísticos); as outras, escritas em holandês, apresentam trechos na língua caribenha —; (iii) uma sentença que aparece em um depoimento de 1790 de uma testemunha de briga de rua; (iv) um documento que faz parte de um processo jurídico arubano de 1803, transcrito e analisado por Martinus (1996: 33-36). Contudo, em nenhum desses documentos, observa-se um uso sistematizado dos símbolos gráficos, sendo grafias autorais.

³Parece que houve uma publicação anterior, em 1823, citada na literatura, mas depois nunca encontrada.

(quando foi publicado o poema *A tardi*, escrito por Joseph Sickman Corsen) aos dias atuais. Para estabelecer o ano em que se inicia o papiamentu clássico, Araujo (2011) considerou somente os materiais publicados que mostravam uma regularidade e/ou uma proposta ortográfica, mesmo que não declarada de forma explícita. Assim, apesar de reconhecer a existência de materiais dispersos escritos em papiamentu antes de 1825, o autor optou por considerar esse como o ano inaugural do período clássico, já que é a partir daí que começa a haver uma grafia coesa e sistematizada, com objetivos de documentação do vernáculo de Curaçao (o papiamentu), sendo os escritos pré-1825 idiossincráticos. Já a subdivisão da história do kabuverdianu foi elaborada para esta tese e também abrange três períodos: (i) *kabuverdianu antigo/pré-literário*: sem registros escritos conhecidos; (ii) *kabuverdianu clássico*: de 1880 (quando Adolfo Coelho publica seu primeiro ensaio sobre a língua) a 1936; (iii) *kabuverdianu moderno*: de 1936 (ano de publicação da revista *Claridade* e início de um movimento de libertação social, cultural e política do arquipélago, (re)afirmando a identidade e a cultura cabo-verdianas e valorizando a língua nacional) aos dias atuais.

O estudo do papiamentu e do kabuverdianu clássicos é relevante neste estudo por permitir um retorno ao período das formas documentadas mais antigas das duas línguas, sem a necessidade de recorrer à reconstrução de formas hipotéticas, o que exigiria o uso do método comparativo de reconstrução linguística. Em linhas gerais, de acordo com Crowley (1997 [1992]: 87-112), esse método, tomando como base duas ou mais línguas geneticamente relacionadas, busca reconstruir a língua ancestral (a chamada protolíngua). Para tanto, alguns passos devem ser seguidos: (i) coleta de vocábulos cognatos nas línguas filhas, desconsiderando para análise aqueles que não o são; (ii) através da comparação das palavras, estabelecimento de um quadro de correspondências sonoras, atentando para casos de elementos em distribuição complementar e contrastiva; (iii) definição dos fonemas que existiam na protolíngua e, assim, das protoformas dos vocábulos. Sendo uma reconstrução, todos os elementos da protolíngua são de natureza abstrata, hipotética e devem ser antecidos por um asterisco para indicar que essas formas não foram atestadas com falantes reais da língua (CROWLEY, 1997 [1992]: 87). No que diz respeito às formas fonéticas,

Crowley (1997 [1992]: 110-112) aponta que esse não é o foco de uma reconstrução linguística, tampouco é possível se ter certeza absoluta das realizações fonéticas de fonemas e vocábulos na protolíngua. Segundo o autor, a precisão das hipóteses fonéticas pode ser avaliada, por exemplo, a partir de registros escritos antigos datados mais ou menos da mesma época da protolíngua. Esta tese não emprega esse método da reconstrução, uma vez que não busca a língua ancestral que teria dado origem às formas clássicas do kabuverdianu e do papiamentu (e mesmo do kriyol de Guiné Bissau e Casamança). As duas variedades são estudadas isoladamente, estabelecendo-se suas características para, em seguida, compará-las. A análise aqui realizada se assemelha ao método da reconstrução interna (CROWLEY, 1997 [1992]: 119-125), que se debruça sobre uma única língua e, a partir de um estágio posterior, reconstrói uma forma mais antiga da língua. Contudo, diferentemente desse método, nesta tese, não se construirá um retrato profundamente detalhado de uma sincronia pretérita, trazendo as mudanças que ocorreram na passagem da variedade clássica para a moderna nas línguas estudadas. Em síntese, tomando como base os registros escritos das variedades clássicas do kabuverdianu e do papiamentu (portanto formas atestadas) e atentando para as sistematicidades dos padrões empregados, será realizada uma reconstrução fonética dos vocábulos das duas línguas⁴.

Para o papiamentu clássico (PPC), este estudo utiliza como *corpus* três documentos religiosos escritos por missionários holandeses — datados de 1833⁵, 1837 e 1850 e compilados por (ARAUJO, 2011) — e o *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken (Glossário com as palavras mais utilizadas no vernáculo de Curaçao e guia de conversação)* (doravante *Woordenlijst*) (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859])⁶.

Os documentos religiosos usados foram os dos missionários holandeses Niwindt (1833, 1837) e Putman (1850), compilados e analisados por Araujo (2011)⁷.

⁴Trata-se de procedimento análogo ao utilizado ao reconstruir a pronúncia do latim falado a partir de testemunhos gráficos remanescentes.

⁵O documento impresso de 1825, atualmente desaparecido, foi também escrito por Niwindt.

⁶O *Woordenlijst* é o *corpus* principal, sendo os documentos religiosos usados de forma suplementar.

⁷Esse uso do papiamentu nos documentos religiosos ilustra a afirmação de Domingos (1974:

A obra de 1833 — *Prefecto Apostolico di Curacao na Cristian di su mision (Do Prefeito Apostólico de Curaçao aos Cristãos de sua Missão)*, de autoria de Martinus Joannes Niewindt — é considerada o documento impresso mais antigo em papiamentu (já que não há informações sobre a (possível) publicação de 1823 e a obra de 1825 mencionada anteriormente (a *Declaracion corticu di catecismo pa uso di catholica di Curacao pa M. J. Niewindt, prefecto apostolico di Mision di Curacao*) está desaparecida, sabendo-se que ela existiu somente por menção de estudiosos) e trata-se de uma carta do autor destinada à comunidade curaçolenha, possivelmente os nascidos na ilha e os escravos e homens-livres descendentes de mestiços ou de escravos (ARAUJO, 2011: 19-21). Já o texto de 1837 — *Catecismo corticu pa uso di catolicanan di Curaçao (Catecismo breve para uso dos católicos de Curaçao)*, também de Niewindt — foi escrito sob a forma de um diálogo com perguntas e respostas sobre os preceitos da religião católica (ARAUJO, 2011: 21-23). Por fim, a obra de 1850 — *Kamiena di Kroes, koe historia, meditasjon i orasjon kortiekoe (A Via Crucis, com história, meditação e breve oratório)*, de Jacobus Josephus Putman — narra as 14 etapas do caminho que Jesus percorreu carregando a cruz (ARAUJO, 2011: 27-29). Diferentemente das obras de Niewindt (1883, 1837), que seguiam uma grafia hispanicizada, o *Kamiena di Kroes* adota uma grafia de inspiração holandesa. A análise empreendida por Araujo (2011: 233-244) acerca dos padrões gráficos adotados por Putman (1850) e a correspondência entre grafemas e fones foi importante, visto que esse padrão é o mesmo que rege a escrita do *Woordenlijst* (ARAUJO, 2011: 233).

Além dos dados dos documentos religiosos, esta pesquisa analisou o *Woordenlijst*. Um original dessa obra do século XIX foi encontrado em 1958, sem as informações acerca da autoria, título, editora, local e ano de publicação, sendo considerado, assim, um trabalho anônimo. Pesquisas posteriores — de acordo com Coomans & Severing (2004: 1, introdução da obra) — sugerem que se trata de uma obra de 1859 dos missionários holandeses Bernardus Th. J. Frederiks e Jacobs J. Putman.

7) de que, no início do século XVIII, o papiamentu foi reconhecido para fins religiosos (inclusive com descrições dos clérigos) e, em 1776, os franciscanos começaram a pregar em papiamentu. De maneira geral, a prática de usar as línguas autóctones era comum no mundo católico.

Em 2004, uma edição em fac-símile da obra foi publicada pela Fundashon pa Planifikashon di Idioma e a Stichting Libri Antilliani (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859]). Segundo Johnen (em elaboração), essa obra surgiu para ensino do holandês e alfabetização de escravos, sendo editada primeiramente em 1853 como uma gramática holandesa para ser usada na comunidade de Santa Rosa em uma escola para pessoas pobres⁸. Ainda em 1853, em uma segunda edição, a obra foi complementada com um guia de conversação holandês-papiamentu. Em 1859 e 1869, outras duas edições foram lançadas, contudo a gramática já não se fez mais presente. A obra é formada por duas partes⁹: um glossário temático papiamentu-holandês de autoria de Frederiks e o guia de conversação, escrito por Putman, já presente na segunda edição de 1853 (JOHNEN, em elaboração).

As duas partes do *Woordenlijst* apresentam as seguintes características: (i) a primeira parte, que começa na página 3 e termina na 94, é um dicionário bilíngue papiamentu-holandês (exceto os verbos, que aparecem em holandês-papiamentu), em que as palavras são separadas por campos semânticos (conceitos religiosos, partes do corpo, objetos e partes da casa, frutas, alimentos, animais, graus de parentesco, natureza, marcação de tempo, dias de festa, unidades de medida, escola, jogos, cidade, campo, vestimentas, metais/minerais, guerra, profissões, doenças, cores, ferramentas, sentimentos) ou classes gramaticais (adjetivos, conjunções, preposições, interjeições e verbos); (ii) a segunda parte, que se estende da página 95 até a 142, consiste em 33 diálogos curtos, que estão em holandês-papiamentu. Os temas dos diálogos são diversificados, incluindo desde conversas sobre condições climáticas e estações do ano, relações familiares, rotina de estudo e escrita, convites para refeições (almoço, lanche da tarde), compras de tecido, cuidados com o cavalo, estudo de música, enfermidades, realização de trabalhos, sons de animais, brincadeiras de

⁸Deve-se notar que o ensino do holandês seria mediado pelo papiamentu, o que mostra a difusão da língua na comunidade. Esse cenário ilustra o posicionamento corrente no século XIX de que os curaçolenses aprenderiam melhor uma língua estrangeira se tomassem como ponto de partida sua língua materna, que eles conheciam e dominavam bem (SEVERING & WEIJER, 2010: 17).

⁹Na edição fac-similada, após as duas partes, aparece um texto em holandês de Henny Coomans e Maritza Coomans-Eustatia sobre o papiamentu, o pastor Frederiks e os glossários, acompanhado de referências bibliográficas.

criança, até discussões linguísticas, como casos em que uma palavra em papiamentu corresponde a mais de uma palavra em holandês, exemplos de homônimos, parônimos e frases em que não é possível uma tradução literal de palavra por palavra do holandês para o papiamentu. Em geral, as palavras presentes nessa segunda parte já apareceram na primeira, sendo relativamente poucos os casos de vocábulos novos, ainda não mencionados no dicionário.

Além dos dados do papiamentu clássico, considerando que a comunidade judaica teve uma participação na gênese e no desenvolvimento do papiamentu, recorreu-se também a Henriquez (1988, 1991), que traz vocábulos e expressões característicos do papiamentu falado pelos judeus sefarditas (o papiamentu sefardita, PPS). As duas obras foram escritas totalmente em papiamentu e constituem glosários organizados em ordem alfabética em que, além do significado da palavra ou expressão, aparecem também, em muitos casos, exemplos de frases e os correspondentes em português e espanhol. Dois documentos do século XVIII (um de 1775 e outro de 1776) escritos por judeus sefarditas, que constituem os primeiros registros do papiamentu, também foram analisados (ver seção 5.2.1 do capítulo 5). Com relação a esses documentos, duas leituras diferentes foram realizadas. Inicialmente, é apresentada uma leitura diplomática, que reproduz o texto exatamente como consta no original, não havendo acréscimos ou supressões; em seguida, aparece uma leitura semidiplomática, que incorpora algumas alterações propostas pela pesquisadora, como a junção ou separação de vocábulos. Junto a essas leituras, aparecem também o correspondente em papiamentu moderno e a tradução para o português.

Para o kabuverdianu clássico (KVC), foram consultadas três obras compiladas por Morais-Barbosa (1967) e dois textos de Schuchardt (1887, 1888) para buscar os correspondentes das formas do papiamentu e realizar a comparação. Dentre as obras compiladas, primeiro, investigaram-se os estudos de Coelho (1967a [1880], 1967b [1882], 1967c [1886]), escritos em português e provavelmente os primeiros a tratar da língua falada nas ilhas de Cabo Verde. Nessas obras, nas partes que tratam do kabuverdianu de Santiago (já que o autor aborda também outras línguas crioulas de base portuguesa, espanhola e francesa e variedades dessas línguas,

mencionando inclusive o papiamentu), aparecem cartas, frases diversas e adivinhações em kabuverdianu com suas traduções em português. São apresentadas ainda algumas informações fonéticas, morfológicas, etimológicas e a análise de hipocorísticos. A segunda obra consultada foi a de Costa & Duarte (1967 [1886]), também escrita em português, que possui a estrutura de uma minigramática: inicialmente, aborda questões fonéticas, em seguida, trata das classes de palavras e, por fim, traz a tradução da parábola do filho pródigo no kabuverdianu de Santiago, Fogo, Brava, Santo Antão, São Nicolau e Boa Vista e exemplares de frases em kabuverdianu (sem especificar de qual ilha). Por fim, recorreu-se à obra de Brito (1967 [1887]), uma gramática bilíngue escrita em kabuverdianu e português, dividida em fonologia e morfologia (classes de palavras). Em seguida, são registrados nomes próprios, provérbios, poesias, adivinhações, frases soltas e um vocabulário em kabuverdianu com os correspondentes em português. No que tange aos textos de Schuchardt, a publicação de 1887 foi escrita como um comentário à obra de Costa & Duarte (1967 [1886]). Nesse texto, o estudioso tedesco tece alguns comentários sobre o kabuverdianu (especificando muitas vezes a variedade a que ele se refere), nos âmbitos fonético-fonológico e morfológico, bem como quanto à gênese da língua e suas diferenças quanto ao crioulo falado na Guiné (o kriyol de Guiné Bissau e Casamança). Ademais, é possível encontrar algumas palavras e expressões em kabuverdianu, por vezes comparadas com os étimos portugueses. O texto de 1888, por seu turno, apresenta quatro excertos em kabuverdianu santiaguense, acompanhados por comentários de Schuchardt (com relação, por exemplo, ao vocabulário, às construções morfossintáticas, às realizações fonéticas, aos costumes do arquipélago) que permitem compreender melhor as amostras em crioulo, bem como depreender algumas características gerais da língua.

Esses documentos do século XIX foram escolhidos para investigar as semelhanças entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos pelo fato de que se o papiamentu realmente se origina a partir do kabuverdianu — como defendem Martinus (1996), Jacobs (2009a, 2009b, 2012a), entre outros —, é na variedade mais antiga das línguas que as similaridades serão mais numerosas. Separadas por pouco mais de três séculos (JACOBS, 2012a: 307), as formas modernas apresentam características mais

diferenciadas, o que ocorreria devido às influências que as duas línguas recebem atualmente, entre outros fatores. O papiamentu moderno toma diversos empréstimos do holandês e do espanhol (BANDEIRA, 2013: 70-73), apresentando também um caráter hispanicizado. Já o kabuverdianu, atualmente, possui aspectos que podem ser atribuídos ao português (língua oficial do arquipélago), sobretudo no “crioulo leve”. Assim sendo, as variedades clássicas das duas línguas são as mais adequadas para o presente estudo. Além disso, no tocante ao kabuverdianu, deve-se dar primazia ao “crioulo fundo”, uma vez que, pelo fato de essa variedade ser mais conservadora, arcaica e distante do português, ela torna-se mais adequada para o comparativo do que o “crioulo leve”, mais influenciado pelo português, assemelhando-se a ele.

Quanto à datação dos materiais das variedades clássicas, em um primeiro momento, poder-se-ia pensar que a comparação entre o papiamentu e o kabuverdianu não seria possível, uma vez que há um lapso temporal entre as duas línguas: os primeiros registros do kabuverdianu clássico datam de 1880, ao passo que os dados do papiamentu clássico são, em grande parte, da primeira metade do século XIX (1833, 1837 e 1850), sendo o material mais utilizado (o *Woordenlijst*) datado de 1859. Assim, seria necessário explicar como o kabuverdianu clássico poderia ter influenciado a variedade clássica do papiamentu, uma vez que os dados da língua caribenha precedem em cerca de 50 anos aqueles colhidos para a língua de Cabo Verde. Uma análise mais aprofundada permite entender o porquê da escolha desses materiais e como ela não invalida as conclusões da pesquisa. Em primeiro lugar, conforme já mencionado, nesta tese, optou-se por utilizar somente as formas documentadas, sem partir para a reconstrução linguística. Dentre os registros existentes, os estudos de Adolfo Coelho constituem as primeiras reflexões publicadas sobre o crioulo falado nas ilhas de Cabo Verde, não havendo materiais anteriores em conhecimento público. Deve-se ter em mente que, a despeito de terem sido publicados em 1880, os estudos de Coelho refletem uma fase de língua mais antiga (não necessariamente a de 1880), o que pode ser depreendido a partir de comentários sobre a atenção que as línguas crioulas vinham chamando há algum tempo e sobre a necessidade de compilação daquilo que alguns estudos esparsos já diziam sobre o tema. Outro

ponto que deve ser considerado é o fato de que as formas encontradas nas variedades clássicas não são as mesmas do período antigo, porém seria improvável que as mesmas mudanças (em um sentido convergente) tivessem ocorrido nas duas línguas (papiamentu e kabuverdianu) aproximando-as, o que demonstra a força de se usar o material documentado. Além disso, a periodização do kabuverdianu estabelecida neste estudo embasa-se em acontecimentos que tiveram algum impacto mais direto sobre a língua, como a publicação de estudos e revistas (mesmo procedimento adotado por Araujo (2011: 1) com relação ao papiamentu). Contudo, como apontado por Delgado (2009: 437-439), alguns fatos históricos ocorridos antes de 1880 também trouxeram implicações para o desenvolvimento do kabuverdianu, tais como: (i) em 1810, António Pusich, nobre europeu que se estabeleceu mais tarde em Cabo Verde, apontou a existência de variedades regionais do kabuverdianu; (ii) em 1834, há registros de que os europeus já não mais usavam o português (optando provavelmente pela língua nativa das ilhas). Assim sendo, justifica-se o uso do material do kabuverdianu, permitindo sua comparação com o do papiamentu.

Outro ponto que poderia trazer discordâncias diz respeito ao uso do termo *variedade* neste estudo. Admite-se que, como a língua é um organismo vivo e dinâmico, sempre passível a variações e mudanças, não há uma única variedade de papiamentu, nem de kabuverdianu. Contudo, seria impossível descrever todos os dialetos das duas línguas de maneira satisfatória dentro do escopo desta tese. Assim, para desenvolver a pesquisa, um recorte foi mais do que necessário. No caso do papiamentu, optou-se por focar o registro usado em Curaçao, que deu origem aos dialetos falados em Aruba, Bonaire e outras regiões¹⁰. Quanto às diferenças dialetais e mesmo entre os diferentes grupos falantes do papiamentu, tomando como base Grant (2008b: 104, tradução nossa), é possível considerar que, apesar de algumas diferenças superficiais, os aspectos basilares sejam mais ou menos compartilhados:

É também interessante que a língua representada nesses textos [os primeiros registros conhecidos em papiamentu], que foram todos

¹⁰Segundo Jacobs (2012d: 2), somente em fins do século XVIII, o papiamentu foi levado para Aruba e Bonaire a partir de Curaçao.

produzidos dentro de um período de 30 anos, não aponta muitas diferenças surpreendentes entre o uso linguístico do papiamentu pelos judeus sefarditas, índios americanos e africanos/escravos, tampouco aparecem neles grandes diferenças entre o uso arubano e o curaçoleno. Tudo isso indica algum tipo de norma estrutural comunitária que transcendia linhas étnicas¹¹.

Já no tocante ao kabuverdianu, o foco recaiu no dialeto falado em Santiago, do qual surgiram os dialetos das demais ilhas do arquipélago, especialmente os registros do chamado “crioulo fundo”, variedade mais distante do português. Em alguns momentos da tese, mencionam-se outros dialetos, como é o caso dos falados nas ilhas de Barlavento. Sempre que se tratarem de outros registros, haverá uma menção explícita. Desse modo, ao empregar o termo *variedade* nesta tese (seja do papiamentu ou do kabuverdianu), são os dialetos supramencionados os que se tem em mente.

Além das variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu e do *corpus* do papiamentu sefardita, no decorrer da tese, aparecem dados das variedades modernas. Eles são mencionados não apenas para caracterizar o estado atual das línguas, mas também para fins de comparação: (i) verificar se os dados do papiamentu e do kabuverdianu clássicos se mantiveram atualmente e (ii) observar as mudanças e diferenças entre os dois recortes temporais. Os dados do papiamentu moderno foram retirados de Ratzlaff-Henriquez (2008), FPI (2009) e Joubert (2013). Ademais, Freitas (2012), que constitui uma compilação dos dados de étimo ibero-românico de algumas obras de Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c), denominada *lista Maduro*, também foi usado de forma suplementar. Os dados do kabuverdianu moderno, por seu turno, foram coletados em Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002). Os sistemas gráficos e alguns aspectos fonológicos e morfológicos do papiamentu e do kabuverdianu modernos são apresentados nos apêndices A e B, respectivamente. Dentre os aspectos discutidos estão a correspondência entre grafemas e fonemas,

¹¹Citação original: “It is also interesting that the language depicted in these texts [the first known records in Papiamentu], which were all produced within a 30-year period, does not show many striking differences between Sephardic, Indigenous American and African/slave Papiamentu linguistic usage, nor do many differences between Aruban and Curaçaoan usage appear here. All of this bespeaks some kind of a community structural norm which transcended ethnic lines.”

o sistema vocálico e a distribuição das vogais, o sistema consonantal, a estrutura silábica, as regras de atribuição do acento e os processos de formação de palavras.

Os dados das variedades clássicas (tanto do papiamentu quanto do kabuverdianu), bem como do papiamentu sefardita, figuram nos anexos (no volume 2). Os vocábulos do papiamentu clássico (ver anexo A) estão organizados por campo semântico ou classe gramatical (no caso dos verbos e itens funcionais, como advérbios, preposições, conjunções) — usando como base as categorizações que aparecem no *Woordenlijst* — e em ordem alfabética dentro de cada campo lexical. Todos os vocábulos aparecem na forma em que eram grafados no *Woordenlijst* e em negrito e caixa alta seguidos das suas formas modernas na grafia atual em negrito¹². Caso a palavra não seja mais usada atualmente, será utilizado um traço (—). Após as formas gráficas na sincronia pretérita e na atual, segue-se a glosa em português. Em (1), é possível visualizar como as palavras do papiamentu clássico virão nos anexos (seguindo a ordem: variedade clássica, moderna e glosa):

- (1) a. **ZOENTSJE sunchi** ‘beijar’;
 b. **PEKADOOR pekadó** ‘pecador’;
 c. **PLANTA planta** ‘plantar, semear’;
 d. **DAUW** — ‘orvalho, sereno’.

Os dados do kabuverdianu clássico, por seu turno, figuram nos anexos (ver anexo B) na forma em que eram grafados nas obras de onde foram retirados e em itálico e caixa alta. São apresentados alguns textos e vocábulos na língua, seguidos das glosas em português. Caso apareça algum exemplo em kabuverdianu moderno,

¹²A grafia oficial do papiamentu moderno de Curaçao foi padronizada em 1976 e possui uma inspiração fonológica, adotando um alfabeto com 31 grafemas: <a, b, c, d, e, è, f, g, h, i, j, k, l, m, n, ñ, o, ò, p, q, r, s, t, u, ù, ü, v, w, x, y, z> (FPI, 2009: 15, 17-18). De maneira geral, a relação entre grafemas e fones é transparente, contudo algumas correspondências devem ser mencionadas: (i) <h> representa [h], mas pode opcionalmente deixar de ser pronunciado; (ii) <x> representa [ks]; (iii) <zj> representa [ʒ]; (iv) <dj> representa [dʒ]; (v) <sh> representa [ʃ]; (vi) <ch> representa [tʃ]; (vii) <g> representa [g] (diante de <a, o, u, l, r> e nas terminações <gel, ger>) ou [h] (diante de <e, i>). Uma discussão mais detalhada dos aspectos gráficos do papiamentu moderno (abordando questões como a realização fonética dos símbolos gráficos e as regras de acentuação) aparece no apêndice A.

será usada a grafia atual em itálico¹³. Esse padrão pode visto nos exemplos (os dois primeiros são do kabuverdianu clássico; os dois últimos são do kabuverdianu moderno):

- (2) a. *PÉTO* ‘peito’;
b. *ENBARÁÇO* ‘embaraço, dificuldade’;
c. *durmi* ‘dormir’;
d. *konbersa* ‘conversar’.

Por fim, os vocábulos e expressões característicos do papiamentu sefardita aparecem no anexos (ver anexo C) em negrito e itálico, com a mesma grafia usada nas obras de onde foram retirados, seguidos da glosa em português entre aspas, como se observa em:

- (3) a. ***bizjitá*** ‘visitar’;
b. ***para (di)*** ‘parar, cessar’;
c. ***famia*** ‘família ou parente próximo’;
d. ***enshoval, inshoval*** ‘enxoval’.

No decorrer da tese, a grafia dos dados provenientes das diversas línguas (papiamentu, kabuverdianu, santome, português, espanhol, inglês, entre outras) segue alguns padrões. Os vocábulos do papiamentu e do kabuverdianu tanto em suas variedades clássicas quanto nas modernas, bem como as palavras do papiamentu sefardita, serão grafados de acordo com os mesmos critérios adotados nos anexos. Já os exemplos das demais línguas (santome, português, espanhol, holandês, inglês,

¹³A grafia do kabuverdianu moderno segue o ALUPEC (CABO VERDE, 1998), proposta de um alfabeto unificado (de inspiração fonético-fonológica) para as ilhas de Cabo Verde como um primeiro passo para a padronização da língua. O alfabeto adotado possui 23 grafemas: <a, b, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, v, x, z>. A realização fonética de alguns símbolos gráficos (em virtude de não ser totalmente transparente) deve ser mencionada: (i) <g> representa sempre [g], independentemente do segmento seguinte; (ii) <h> de forma geral não é pronunciado; (iii) <j> representa [ʒ]; (iv) <x> representa [ʃ]; (v) <dj> representa [dʒ]; (vi) <tx> representa [tʃ]; (vii) <lh> representa [ʎ]; (viii) <nh> representa [ɲ]. Os aspectos gráficos do kabuverdianu moderno (tratando da correspondência entre grafemas e fones e das regras de acentuação gráfica) são discutidos com mais detalhes nos apêndice B.

entre outras), que estão em sua grafia atual, aparecem em *itálico*¹⁴. Em alguns vocábulos que se referem a plantas e animais, após a grafia oficial na língua (em geral, *papiamentu* ou *kabuverdianu*), aparece o nome científico¹⁵.

Ademais, ao tratar dos aspectos morfológicos, mais precisamente dos afixos, do *papiamentu* e do *kabuverdianu* (sobretudo nos apêndices A e B, respectivamente), na forma gráfica dos exemplos, serão usados hífen para separar as bases dos afixos.

Além da grafia, os itens do *papiamentu* e do *kabuverdianu* clássicos e modernos vêm acompanhados das transcrições fonéticas. Nos exemplos do *papiamentu* moderno, as transcrições foram obtidas em trabalho de campo realizado pela autora em Curaçao nos meses de outubro a dezembro de 2011 e entre julho e agosto de 2013. Os dados foram gravados com falantes nativos do *papiamentu* de diferentes faixas etárias, sobretudo falantes jovens e idosos. Assim, foi possível registrar palavras desconhecidas pelos mais jovens e também verificar a ocorrência de mudanças semânticas.

Foram realizadas três viagens de campo a Curaçao. Além das duas já mencionadas no parágrafo anterior, viajei para Curaçao em fevereiro de 2011, ficando lá uma semana. Na ocasião, visitei a Biblioteca Mongui Maduro e a Universidade de Curaçao, ambas em Willemstad, onde pude ter acesso a diversos materiais acerca do *papiamentu*. Já nas viagens de campo feitas em 2011 (com duração de dois meses) e 2013 (com duração de um mês), realizei as seguintes atividades: (i) gravações para depreender a realização fonética dos vocábulos e buscar seus significados; (ii) coleta de material bibliográfico sobre o *papiamentu*, especialmente na Biblioteca Mongui

¹⁴Nesta tese, a marcação com *itálico* será usada ainda: (i) em nomes científicos; (ii) para dar destaque a palavras e expressões.

¹⁵De acordo com o Código de Nomenclatura Internacional vigente desde o século XVIII, nos nomes científicos em latim, a primeira palavra (que remete ao gênero) deve ser escrita com a inicial maiúscula, já a segunda palavra (que se refere à espécie) sempre é escrita com letras minúsculas e ambas devem vir em *itálico*. Após esses dois nomes, pode vir o nome do autor em fonte normal (sem nenhuma marcação de negrito ou *itálico*) e o ano. Caso a classificação da espécie tenha mudado, as informações do primeiro autor e do ano virão entre parênteses. Nesta tese, no caso dos nomes científicos, optou-se por indicar somente o gênero e a espécie, dispensando informações sobre autor, ano e nome anterior (no caso de mudança). Ademais, os nomes científicos de palavras do *kabuverdianu* moderno serão grafados sem *itálico* e entre aspas duplas, uma vez que os vocábulos dessa língua já aparecem em *itálico*.

Maduro, na Biblioteca Central da Universidade de Curaçao, na Biblioteca Nacional de Curaçao Frank Martinus Arion e na Biblioteca da Fundação para Planificação do Idioma (Fundashon pa Planifikashon di Idioma). Nesses locais, tive acesso a livros que tratam de diversos temas: desde a história de Curaçao e sua característica de comunidade multilíngue até aspectos linguísticos do papiamentu, como fonologia, morfologia e sintaxe, e discussões das hipóteses acerca da formação da língua; (iii) presença como ouvinte em algumas aulas da professora Luisette Sambo na Universidade de Curaçao, cuja disciplina tratava da preparação de estudantes para lecionar papiamentu nas séries iniciais; (iv) aprendizado da língua, com a ajuda sobretudo de falantes nativos; (v) conversas com estudiosos do papiamentu sob diversas óticas.

Já nas palavras do kabuverdianu moderno, as transcrições tomam como base aquelas que aparecem no dicionário de Brüser *et al.* (2002), realizando modificações sustentadas pela descrição fonética de Rodrigues (2007) (ver apêndice B). Essa postura foi tomada em virtude de as transcrições apresentarem algumas incoerências, com os autores, muitas vezes, parecendo confundir representação fonética com fonológica, como é o caso da representação das vogais nasais e do <l> velarizado. Assim, a fim de desfazer equívocos, foram adotadas algumas mudanças, dentre as quais se destacam:

- (4) a. Emprego das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] em lugar das oclusivas palatais [c] e [j];
- b. Emprego da vibrante simples [r] em lugar da vibrante múltipla [r̃];
- c. Emprego da lateral velarizada em posição de coda (medial e final) [ɭ] em lugar de [l] (realização confirmada a partir de gravações com falante nativo do kabuverdianu);
- d. Representação das vogais nasalizadas com o til, em vez de colocar uma vogal oral seguida de consoante nasal. Se tal representação fosse adotada, significaria dizer que a consoante nasal é pronunciada, o que não se acredita ser o caso mais geral;
- e. Nas consoantes (pré-)nasalizadas, o elemento nasal aparece sobrescrito, e não no mesmo nível da consoante;
- f. Nas palavras reduplicadas, será marcado somente o acento primário.

Nesses casos, Brüser *et al.* (2002: 49) consideram duas sílabas tônicas, o que se contrapõe às próprias características de formas reduplicadas, que conservam o acento de uma das partes componentes, passando o outro acento a ser secundário (ARAÚJO, 2002: 74-79).

Para as variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu, foi proposta uma transcrição fonética normalizada, ou seja, usando a mesma transcrição para uniformizar os dados, tornando-os úteis para o uso, mesmo que sejam transcrições hipotéticas. No caso de uma palavra do papiamentu clássico, por exemplo, com uma sequência de duas vogais (como <AA>, <EE>, <OO>), na transcrição fonética, não aparece uma vogal longa. Isso porque, em algumas obras (como no *Woordenlijst*), a grafia adotada é de inspiração holandesa e, por conseguinte, utiliza duas vogais idênticas seguidas (como no holandês) apenas por uma questão gráfica e não fonética. É o caso, por exemplo, de **SOLDAAT** *[soł.'dat] ‘soldado’, **MANE-ERA** *[ma.'ne.ra] ‘maneira, modo’, **FABOOR** *[fa.'bor] ‘favor’. Pelo fato de terem sido reconstruídas, todas as transcrições das variedades clássicas virão antecedidas por um asterisco, que indica que se trata de uma pronúncia hipotética, que não foi obtida realmente (por meio de gravações, por exemplo) com informantes da língua. Como exemplos, citam-se: PPC **CUSTUMBRE** *[kus.'tũ.bre] ‘costume’, KVC **NÔBO** *['no.bu] ‘novo’.

Após as representações gráficas e fonéticas, os dados do papiamentu e do kabuverdianu (tanto clássicos quanto modernos) vêm acompanhados por uma glosa em português entre aspas. No caso de haver mais de uma acepção, aparece um número para cada uma das acepções (como se observa em **kuenta** ['kwẽ.ta] ‘1. conta, 2. história, relato, conto, 3. explicação’). Já se forem listados termos sinônimos, eles serão somente separados por vírgula, como em **papia** ['pa.pja] ‘papear, conversar’. Nos dados do papiamentu, os significados foram obtidos através de listas de palavras, glossários e dicionários, como Frederiks & Putman (2004 [1859]), Ratzlaff-Henriquez (2008), Araujo (2011), Freitas (2012) e Joubert (2013), além de entrevistas com falantes nativos nas viagens para Curaçao. Já nas palavras do kabuverdianu, os significados foram obtidos nas obras da variedade clássica, compiladas por Morais-Barbosa (1967), e no dicionário de Brüser *et al.* (2002).

2.2 METODOLOGIA

Para a consecução dos objetivos traçados para este estudo (ver capítulo 1), seguiram-se alguns critérios teórico-metodológicos. Inicialmente, foram analisadas as principais hipóteses que tratam da gênese e do desenvolvimento do papiamentu — a saber, (i) crioulo espanhol; (ii) crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos; (iii) desenvolvimento a partir do kabuverdianu de Santiago; (iv) ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos —, levantando os pontos positivos e negativos de cada uma delas¹⁶. A partir das leituras realizadas, observou-se que nenhuma das hipóteses sozinha é capaz de explicar a formação do papiamentu, uma vez que todas elas apresentam elementos controversos. Dentre as hipóteses, duas apresentam argumentos comprováveis: a relação com o kabuverdianu (sobretudo a variedade da ilha de Santiago) e o papel desempenhado pelos judeus sefarditas e seus escravos.

Após a discussão crítica das hipóteses, passou-se à seleção e análise dos dados linguísticos. Considerando que os falantes de kabuverdianu e a comunidade sefardita e seus escravos atuaram diretamente na gênese e no desenvolvimento do papiamentu, foram selecionados dados do papiamentu e do kabuverdianu clássicos e do papiamentu sefardita — ademais, para fins de comparação, observaram-se também as variedades modernas do papiamentu e do kabuverdianu. A escolha pelos estágios clássicos do papiamentu e do kabuverdianu partiu do pressuposto de que, se de fato as duas línguas apresentavam uma origem comum, as convergências seriam maiores nas sincronias pretéritas, quando as duas línguas estariam mais próximas. Atualmente tanto o papiamentu quanto o kabuverdianu recebem influências diversas das línguas do seu entorno (sobretudo holandês e espanhol no caso do papiamentu; português para o kabuverdianu), o que certamente provoca mudanças na sua estrutura mais antiga, distanciando as duas línguas. Já a escolha do papiamentu sefardita guiou-se pelo fato de que, se a comunidade sefardita e seus escravos teve uma participação relevante na sociedade curaçolêna, refletida inclusive no âmbito

¹⁶A discussão das hipóteses é tema do capítulo 4 desta tese.

linguístico, esse dialeto acabaria exercendo influências na variedade geral da língua. No momento de selecionar os dados, decidiu-se comparar somente registros de língua documentada, não partindo para a reconstrução linguística de formas hipotéticas (conforme apontado na seção 2.1). Assim sendo, foram usados documentos setecentistas e oitocentistas do papiamentu e do kabuverdianu (exemplares das variedades clássicas das duas línguas) e glossários do papiamentu sefardita, compilados por Henriquez (1988, 1991), bem como cartas do final do século XVIII de autoria judaica.

Depois de coletados os dados, a análise foi feita de duas formas: (i) as palavras do papiamentu clássico foram comparadas com suas correspondentes em kabuverdianu clássico, considerando as convergências tanto na forma fonética quanto no conteúdo semântico; (ii) os dados do papiamentu sefardita foram cotejados com a variedade geral da língua.

A comparação entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos enfatizou os itens funcionais, uma vez que, segundo Myers-Scotton (2002: 291-293) e Matras (2009: 153-165), vocábulos dessa natureza tendem a ser mantidos em situações de contato entre línguas, sendo menos propensos a serem substituídos em virtude de sua opacidade semântica. Assim, as convergências entre as palavras funcionais do papiamentu e do kabuverdianu clássicos seriam evidências de sua origem comum. Itens pertencentes ao léxico geral também foram objeto de análise. O cotejo desses dados teve como foco o vocabulário básico, formado por palavras e estruturas que foram introduzidas na língua há algum tempo (uma vez que remetem a conceitos basilares para a comunicação) e são de alta frequência de uso. Dada a antiguidade desses vocábulos tanto no papiamentu quanto no kabuverdianu clássicos, a presença de convergências também fortaleceria a hipótese de uma filiação genética. Com relação ao papiamentu sefardita, os vocábulos e expressões que se referem a conceitos mais gerais, conhecidos da comunidade curaçolense não judaica, foram o foco da análise, não se atendo a itens que remetem a conceitos (culturais, religiosos, culinários) específicos dos judeus. Tal procedimento foi adotado em virtude de a análise estar centrada no papel sefardita na configuração linguística do papiamentu como um todo, e não na difusão dos costumes da comunidade judaica. Com relação

aos documentos de 1775 e 1776, a ênfase recaiu nas diferenças linguísticas entre a variedade linguística empregada e o papiamentu moderno. Ademais, na *carta de 1775*, discutiu-se a etimologia de alguns vocábulos, buscando constatar se havia um maior número de itens de étimo português no papiamentu sefardita.

A análise dos dados mostrou que as convergências entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos eram consideráveis, ocorrendo não somente no âmbito dos itens funcionais, mas também com relação ao léxico geral. Ademais, observou-se que as similaridades nas variedades mais antigas das duas línguas são maiores do que pode ser encontrado atualmente nas variedades modernas. Com relação ao papiamentu sefardita, o estudo dos glossários mostrou que os vocábulos e locuções apontados como característicos da comunidade judaica também fazem parte da variedade geral da língua. Em alguns casos, as palavras já aparecem nos registros do papiamentu clássico, demonstrando que a comunidade sefardita de fato influenciou a configuração do papiamentu já nos primeiros anos após sua chegada. O exame dos documentos do século XVIII mostrou um maior número de palavras derivadas do português, que na variedade moderna foram substituídas por formas hispanicizadas.

A partir das leituras empreendidas e da análise dos dados linguísticos, foi então formulada uma hipótese própria para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu: a *convergência de hipóteses*, que considera a contribuição conjunta dos falantes de kabuverdianu e dos judeus sefarditas e seus escravos na configuração da língua caribenha. Além de congregar os pressupostos de Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999), de um lado, e de Jacobs (2012a), de outro, no que tange à formação do papiamentu, esse cenário de convergência segue as propostas de Faraclas *et al.* (2014) e Perini-Santos (2015).

Antes de discutir as propostas desses autores, é necessário mencionar de forma geral as características de uma língua crioula e como ela se origina. Uma língua crioula surge a partir do contato de uma língua colonial/imperial (não necessariamente uma língua europeia, nem a língua do colonizador) com múltiplas línguas sem que nenhuma dessas línguas emerja como uma língua franca. Já o pidgin, considerado como um ancestral dos crioulos, seria uma língua simplificada, especialmente com relação aos aspectos morfológicos, resultante da necessidade de comunicação entre

dois ou mais grupos de pessoas que não possuem nenhuma língua em comum. Seu domínio de atuação é bastante limitado, sendo usado especialmente para estabelecer comércio e, em geral, quando o contato entre os povos cessa, o pidgin desaparece (MUYSKEN & SMITH, 1995: 3-6). Segundo Muysken & Smith (1995: 3), a principal diferença apontada entre pidgins e crioulos reside no fato de existirem falantes que têm o crioulo como língua materna, o que não se verifica no caso dos pidgins. Os próprios autores apontam que existem questionamentos quanto ao fato de a nativização ser o aspecto primordial para distinguir pidgins e crioulos. Holm (2000: 7), por exemplo, considera que a diferença entre pidgins e crioulos não estaria na nativização, mas no fato de a língua ser uma referência étnica, funcionando como um elemento identificador de um dado grupo. Assim sendo, seria possível considerar que uma língua emergencial torna-se crioula a partir do momento em que se converte em uma língua veicular, seja através de sua ampla difusão dentro da comunidade, seja por meio da nativização (ARAÚJO, 2011: 6). Quanto à gênese das línguas crioulas, diversas hipóteses têm sido propostas, sendo possível agrupá-las, de acordo com Muysken & Smith (1995: 8-13), em quatro correntes: superstratistas, substratistas, gradualistas e desenvolvimentistas, e universalistas. As teorias superstratistas buscam traçar propriedades específicas dos crioulos a suas línguas lexificadoras. Dentro desse arcabouço, estão: (i) a hipótese monogenética, segundo a qual todas as línguas crioulas descendem de um ancestral comum; (ii) a hipótese de que os crioulos são variedades das línguas lexificadoras; (iii) a hipótese de que os crioulos são o resultado de um processo de aprendizado imperfeito de segunda língua. As hipóteses substratistas, por seu turno, defendem a importância das línguas do substrato, isto é, das línguas dos grupos dominados, de menor prestígio, na configuração das gramáticas das línguas crioulas que se formaram. Essas línguas dos povos subjugados teriam desempenhado um papel no desencadeamento de mudanças nas línguas-alvo, dando, assim, forma aos crioulos. Já as hipóteses gradualistas e desenvolvimentistas advogam que o surgimento das línguas crioulas ocorre de forma gradativa, com a estabilização dos seus subsistemas ocorrendo num intervalo de várias gerações de falantes. No âmbito dessas teorias, duas questões recebem maior destaque: (i) a concepção de que a criouliização é um processo de mudança

linguística; (ii) a ocorrência de gramaticalizações e as características específicas que esse mecanismo adquire em línguas crioulas. Por fim, as teorias universalistas afirmam que a configuração dos crioulos decorre de processos específicos universais de aquisição de segunda língua por adultos. Como principal expoente dessas teorias está a hipótese do bioprograma, defendida por Derek Bickerton, segundo a qual as características similares das línguas crioulas se devem a aspectos universais da faculdade da linguagem. O surgimento de uma língua crioula se daria através das crianças, que, ao entrarem em contato com um pidgin, ativariam suas estruturas mentais inatas, transformando essa língua emergencial em um crioulo. Essas questões acerca das línguas pidgins e crioulas (como sua definição, características particulares e teorias quanto à sua origem) não serão discutidas com detalhes por fugirem do escopo da tese. O leitor interessado nessa temática pode consultar, por exemplo, as obras de Arends, Muysken & Smith (1995) e Holm (2000).

Estudando a formação dos crioulos atlânticos, Faraclas *et al.* (2014) defendem a necessidade de se considerar um cenário plurilíngue e pluricultural, atribuindo importância a uma multiplicidade de fatores, como as línguas africanas e europeias presentes na região e os universais linguísticos. Para os autores, diferentes segmentos sociais influenciaram a configuração dos crioulos, devendo ser considerada a atuação conjunta desses grupos para que se tenha uma compreensão global do processo que deu ensejo às línguas crioulas. Essa abordagem multifacetada permite explicar o cenário da gênese e do desenvolvimento do papiamentu a partir de uma confluência de fatores: o kabuverdianu de Santiago, o ‘dialetto’ português dos judeus sefarditas e seus escravos, as línguas africanas, o espanhol, o holandês. Independentemente do nível maior ou menor de influência, todos esses elementos contribuíram para formar a língua caribenha.

Tomando como base o posicionamento de Faraclas *et al.* (2014: 180), é possível afirmar que os diferentes atores sociais tiveram um papel na formação do papiamentu, já que eles não assumiram uma posição passiva o tempo todo (ver seção 5.3 do capítulo 5). Mufwene (2001: 64) aponta o papel ativo dos falantes das línguas lexificadoras, advogando que eles não apenas se limitavam a tornar sua língua disponível para o aprendizado dos não europeus, mas acomodavam suas diferentes

variedades metropolitanas (uma vez que os falantes das línguas do superstrato não eram linguisticamente homogêneos) e produziam novos dialetos coloniais. Quanto à contribuição dos escravos, segundo Arends (1995: 21), eles não eram tão importantes quanto se costuma pensar e, apesar de não serem livres, tinham bastante mobilidade, contribuindo, por conseguinte, para o surgimento das línguas crioulas. Em geral, as descrições tendem a desconsiderar os segmentos marginalizados socialmente, como é o caso de mulheres, renegados, indígenas e escravos. Os povos escravizados normalmente são considerados como vítimas passivas do capitalismo e do racismo (FARACLAS & LUNA, 2012: 2), ignorando-se que tinham suas habilidades pregressas trazidas da África livre ou escravizada reconhecidas. É possível, por exemplo, que muitos (ou a maioria) dos escravos da África ocidental que foram para as Américas tivessem um forte sentimento de resistência aos modelos políticos e culturais eurocêntricos, quadro decorrente dos sucessivos bloqueios que esses povos imprimiram às tentativas europeias de conquistar a costa ocidental africana entre os anos de 1400 e 1850 (FARACLAS & LUNA, 2012: 19). Segundo esses autores, apenas quando os segmentos marginalizados forem considerados de fato como agentes no processo de formação dos crioulos atlânticos, será possível ter uma visão mais pormenorizada da situação que deu ensejo ao surgimento dessas línguas:

Uma vez que a atuação de mulheres, marginalizados e povos de descendência indígena e africana é seriamente considerada, torna-se possível reconceitualizar a emergência da escravidão racial e das línguas crioulas como processos dinâmicos e multifacetados que são formados por uma matriz multicausal de fatores econômicos, culturais, políticos, de gênero, europeus, indígenas, africanos, universais, monogenéticos e plurigenéticos. Como originalmente sugerido por Alleyne (1971), é apenas quando tais cenários multidimensionais são visualizados e explorados que algo próximo de uma contextualização sócio-histórica viável para a criouliização pode ser alcançada¹⁷. (FARACLAS & LUNA, 2012: 35, tradução nossa)

¹⁷Citação original: “Once the agency of women, renegades, and people of Indigenous and African descent are taken seriously, it becomes possible to reconceptualize the emergence of racialized slavery and creole languages as dynamic and multiplex processes that are shaped by a multi-causal matrix of economic, cultural, political, gendered, European, Indigenous, African, universal, monogenetic, and pluri-genetic factors. As originally suggested by Alleyne (1971), it is only when such multi-dimensional scenarios are envisioned and explored that anything approaching a viable sociohistorical contextualization for creolization can be achieved.”

No que tange ao segmento escravo de Curaçao, deve-se considerar ainda que as relações entre escravos e judeus sefarditas eram de natureza diferente daquelas entre escravos e holandeses. De certa forma, os holandeses não mantinham contatos próximos nem com os sefarditas, nem com os escravos, mantendo-se fechados dentro do seu próprio grupo. Essa espécie de isolamento se reflete inclusive no âmbito linguístico, na medida em que os holandeses que vivem em Curaçao até hoje resistem em adotar o papiamentu, preferindo usar o holandês. Os judeus, por seu turno, apresentavam uma relação mais estreita com os demais segmentos da sociedade e, com o passar dos anos, adotaram o papiamentu como língua materna (desenvolvendo inclusive um dialeto próprio). Diante disso, deve ter sido criada uma relação de empatia, dentro do possível, entre as comunidades sefardita e escrava, o que permitiu um intercâmbio linguístico entre os dois grupos¹⁸. Assim sendo, ao discutir o papel dos escravos, deve-se ter em mente essa diferença, sendo possível conjecturar que os cativos que pertenciam aos judeus sefarditas tiveram uma maior participação na configuração linguística do papiamentu em virtude de seu contato mais aberto com a comunidade sefardita, também falante de papiamentu.

Em síntese, seguindo Faraclas *et al.* (2014), deve-se considerar um cenário multicausal, em que todos os segmentos (escravos africanos, holandeses, judeus sefarditas e seus escravos e demais imigrantes) atuaram de alguma forma (seja direta ou indiretamente) na configuração do papiamentu.

De acordo com Perini-Santos (2015), por sua vez, em situações de contato, a convivência entre as línguas continua por muito tempo, o que se reflete em influências linguísticas mútuas duradouras. Diante disso, mesmo que o contato entre as línguas tenha fim, as influências de cada segmento se mantêm por diversas gerações. Aplicando essa ideia ao caso do papiamentu, as diversas línguas em contato em Curaçao quando o papiamentu estava se formando (a exemplo do espanhol, do

¹⁸A ausência de uma hierarquia muito forte entre seus membros pode ser apontada como uma característica das comunidades judaicas como um todo, não sendo privativa de Curaçao. Analisando o código de leis *Las Siete Partidas*, publicado durante o reinado de Alfonso X na região da Península Ibérica entre 1254 e 1264, Cohen (2014) aponta a convivência dos judeus com os mouros (e mesmo com os cristãos), o que demonstra que a comunidade judaica era mais aberta a contatos com outros povos.

português, das línguas africanas faladas pelos escravos e mesmo do papiamentu sefardita) exerceram influências fundamentais na configuração da língua caribenha. Em outras palavras, a diversidade de línguas durante os primeiros anos de formação do papiamentu atuou de forma importante para dar forma à língua caribenha.

No quadro geral da crioulogênese, o cenário da convergência de hipóteses para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu vincula-se às teorias de criouliização gradual e de constante influxo de línguas. Segundo Arends & Bruyn (1995), essas hipóteses consideram que a formação das línguas crioulas ocorreria de forma lenta e gradual, com a estabilização dos seus subsistemas levando um intervalo de várias gerações de falantes. Baseando-se em evidências diacrônicas e demográficas e em casos de pidgins que se estabilizaram antes de se nativizarem, as chamadas hipóteses gradualistas e desenvolvimentistas costumam tratar sobretudo de duas questões: (i) a concepção de que a criouliização é um processo de mudança linguística, apontando os aspectos gerais e particulares da formação de línguas crioulas com relação aos demais casos de mudança; (ii) a ocorrência de mecanismos de gramaticalização nas línguas crioulas. Os pressupostos da criouliização gradual justificam a assunção de que múltiplos agentes contribuíram no processo de constituição do papiamentu. Uma vez que a língua caribenha não se formou instantaneamente (levando, ao contrário, algum tempo para se estabilizar), diversos elementos puderam atuar nesse processo, mesmo que não estivessem presentes em Curaçao no momento exato em que a língua começou a ser falada, como é o caso dos judeus sefarditas.

2.3 OS APÊNDICES E ANEXOS

Além do texto principal, esta tese contém dois apêndices e seis anexos em um segundo volume, cujas características são apresentadas nesta seção.

O apêndice A discute aspectos gráficos e linguísticos (fonológicos e morfológicos) do papiamentu moderno. No que tange à grafia, são apresentados os grafemas usados, as correspondências entre grafemas e fones e as regras de acentuação gráfica.

Em seguida, o exame da fonologia se debruça sobre os seguintes tópicos: (i) o sistema vocálico; (ii) o quadro consonantal; (iii) a estrutura silábica e os elementos que podem ocupar o onset, o núcleo e a coda; (iv) os critérios para atribuição do acento e do tom. Quanto às questões morfológicas, o foco recai no processo de formação de palavras por afixação.

No apêndice B, são discutidas questões gráficas e linguísticas (fonológicas e morfológicas) do kabuverdianu moderno. Sua estruturação segue aquela adotada para o papiamentu moderno: inicialmente, apresentam-se os símbolos usados na escrita, os sons representados por certos grafemas e as regras de uso dos acentos gráficos. No que tange à fonologia, são apresentados os inventários fonológicos de vogais e consoantes, a estrutura silábica e os segmentos passíveis de preencher as posições de onset, núcleo e coda, e as características do acento. Com relação à morfologia, trata-se dos prefixos e sufixos da língua.

Passando aos anexos, no anexo A, encontram-se os dados do papiamentu clássico, retirados do *Woordenlijst* (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859]). Todos os vocábulos que constam na primeira parte da obra (o dicionário bilíngue papiamentu-holandês) foram digitados — mantendo a grafia que aparece no *Woordenlijst* e estando em negrito e caixa alta — e traduzidos para o português.

O anexo B, por seu turno, apresenta os dados do kabuverdianu clássico, retirados de Coelho (1967a [1880]), Costa & Duarte (1967 [1886]), Brito (1967 [1887]) e Schuchardt (1888) (nessa ordem). Os vocábulos do kabuverdianu clássicos foram mantidos na grafia adotada nas obras de onde foram retirados e aparecem em itálico e caixa alta.

Já no anexo C, encontra-se o material do papiamentu sefardita, retirado de Henriquez (1988, 1991). Os dados aparecem em negrito e itálico e foram divididos de acordo com a obra de onde provêm e numerados de forma contínua.

O anexo D traz uma imagem do excerto do diário de bordo em que é mencionado pela primeira vez o nome do papiamentu (COOMANS & COOMANS-EUSTATIA, 2004: 156).

O anexo E apresenta imagens de algumas lápides de judeus sefarditas sepultados em Curaçao. Inicialmente, aparecem alguns dados digitados de Emmanuel

(1957: 109-116) e agrupados da seguinte forma: (i) preces comuns nas lápides; (ii) lápides em português; (iii) lápides em espanhol. Em seguida, encontram-se imagens de reproduções de lápides do século XVII do antigo cemitério judaico Beth Haim. Essas reproduções estão na parte externa da Sinagoga Mikvé Israel de Curaçao e foram fotografadas em 2013.

Por fim, no anexo F, constam quatro imagens, retiradas de Emmanuel (1957: figuras 11, 32 e 77) e Emmanuel & Emmanuel (1970: 748), que mostram o uso do português pela comunidade sefardita de Curaçao e de Amsterdã.

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo abordou os aspectos metodológicos deste estudo. Inicialmente, os dados da pesquisa foram apresentados, definindo os critérios para a periodização do papiamentu e do kabuverdianu (que serão divididos em *antigo/pré-literário*, *clássico* e *moderno*) e a relevância do estudo do período clássico dessas línguas e do papiamentu sefardita. As variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu permitem que se conheçam estágios mais antigos das línguas sem a necessidade de realizar a reconstrução linguística. Já os dados do papiamentu sefardita possibilitam mensurar a participação da comunidade judaica na configuração do papiamentu. Ainda na seção 2.1, foram apontados os *corpora* utilizados (do papiamentu e do kabuverdianu clássicos e modernos e do papiamentu sefardita) e as normas adotadas para apresentação dos dados no que tange à grafia adotada, às transcrições fonéticas e às glosas em português.

A seção 2.2 apontou os pressupostos metodológicos do estudo, discorrendo sobre as etapas da pesquisa, a saber leitura e discussão das hipóteses sobre a gênese e o desenvolvimento do papiamentu, análise dos dados e proposta do cenário de convergência. Ademais, essa seção apresentou os critérios de análise dos dados e as teorias subjacentes ao cenário de convergência de hipóteses. Na análise dos dados

do papiamentu e do kabuverdianu clássicos, foram privilegiadas as similaridades situadas no âmbito funcional e também nos itens do vocabulário geral básico; já com relação ao papiamentu sefardita, o foco recaiu nos vocábulos e estruturas que se referem a conceitos gerais, compartilhados pela comunidade curaçolense como um todo, e na discussão da carta de 1775 e do documento de 1776 escritos por judeus sefarditas. Quanto ao arcabouço teórico, a convergência de hipóteses adota as propostas de Faraclas *et al.* (2014), Perini-Santos (2015) e as abordagens gradualistas no que tange à crioulogênese.

Por fim, a seção 2.3 tratou dos apêndices e anexos desta tese, detalhando sua estrutura e conteúdo. Há dois apêndices e seis anexos (no volume 2), assim nomeados: (i) apêndice A — Aspectos gráficos e linguísticos do papiamentu moderno; (ii) apêndice B — Aspectos gráficos e linguísticos do kabuverdianu moderno; (iii) anexo A — Dados do papiamentu clássico: o *Woordenlijst*; (iv) anexo B — Dados do kabuverdianu clássico; (v) anexo C — Dados do papiamentu sefardita; (vi) anexo D — Primeiro registro do uso do papiamentu; (vii) anexo E — Lápides do antigo cemitério judaico; (viii) anexo F — Documentos em português da comunidade sefardita.

Capítulo 3

O PAPIAMENTU E O KABUVERDIANU

Este capítulo apresenta as principais regiões em que o papiamentu e o kabuverdianu são falados (Curaçao e Cabo Verde), caracterizando em seguida as duas línguas. Inicialmente, o foco é a ilha de Curaçao, destacando sua colonização e os segmentos formadores da sociedade. São apresentados também alguns aspectos gerais da comunidade sefardita da ilha, uma vez que os judeus e seus escravos tiveram um importante papel no desenvolvimento do papiamentu. Fechando a seção 3.1, aparecem estatísticas populacionais históricas da ilha caribenha. O papiamentu é o objeto da seção 3.2, que apresenta suas características gerais, mencionando também seu primeiro registro e a origem do nome. Em seguida, a seção 3.3 enfoca a história de Cabo Verde, destacando seu passado colonial e como se deu a formação de sua sociedade. A seção 3.4, por seu turno, apresenta alguns traços gerais do kabuverdianu, discutindo ainda as hipóteses sobre a origem da língua (seção 3.4.1).

3.1 A ILHA DE CURAÇAO

Localizado no mar do Caribe, entre as ilhas de Aruba e Bonaire e o norte da Venezuela, Curaçao possui aproximadamente 62 km de comprimento, de 4 a 14 km de largura (o menor valor aparecendo no centro da ilha) e uma superfície de 444 km², sendo a maior e a mais proeminente das ilhas que formavam as antigas Antilhas Holandesas (Aruba, Bonaire, Curaçao (ilhas ABC), Saba, Santo Eustáquio e São Martinho) (ver figura 3.1).

Figura 3.1: Mapa de Curaçao.

(Fonte: <<http://mapmaker.nationalgeographic.org/>>)

Distante somente cerca de 60 km da costa da Venezuela, Curaçao desde cedo foi tecendo relações comerciais com esse país hispanofalante (OCTA, 20–). A capital da ilha, Willemstad, funcionou durante muito tempo como o centro da colonização holandesa no Caribe. De acordo com o censo de 2011, a ilha possui aproximadamente 150 mil habitantes (CBS, 2012: 02), que constituem a maior parte dos falantes do papiamentu.

A ilha de Curaçao foi tomada pelo espanhol Alonso de Ojeda em 1499, sendo ocupada pelos hispânicos entre os anos de 1521 e 1634. Os espanhóis consideravam a ilha como inútil, em virtude da ausência de metais preciosos, não havendo, assim, grande interesse em colonizá-la. Houve uma tentativa de ocupação por parte de Juan de Ampués levada adiante por sua filha após sua morte. Contudo, essa iniciativa foi frustrada e não surtiu muito efeito no sentido de povoar a ilha. Um dos resultados da presença espanhola para a história de Curaçao foi a retirada em massa, no ano de 1513, dos indígenas que aí viviam, falantes sobretudo de línguas da família arauaque.

Somando as populações das ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, cerca de 2.000 nativos foram enviados para a ilha Hispaniola (MARTINUS, 1996: 3)¹.

A colonização de Curaçao se inicia de fato em 1634, ano em que passa ao domínio contínuo holandês² (exceto por dois curtos períodos de dominação inglesa — de 1800 a 1803, e 1807 a 1816 — durante as Guerras Napoleônicas) até a independência da ilha. A colonização holandesa (inicialmente a cargo da Companhia das Índias Ocidentais) não possuía motivações religiosas, não havendo, assim, o desejo de propagar o calvinismo — doutrina seguida pela maioria dos holandeses — e conquistar uma nova legião de seguidores. O desinteresse pela questão religiosa é percebido pelo fato de os holandeses não chegarem a impor sua religião, permitindo a liberdade de culto entre os povos conquistados e inclusive a atuação de missionários católicos, muitos deles falantes de espanhol (DOMINGOS, 1974: 11; MUNTEANU, 1996: 179). Desse modo, a preocupação era de cunho estritamente econômico/financeiro, tendo em vista o lucro e atendendo a dois anseios principais: (i) o desejo da Companhia das Índias Ocidentais de controlar pontos estratégicos no

¹A retirada em massa das populações locais poderia justificar a influência pequena das línguas indígenas na formação do papiamentu, sobretudo na variedade falada em Curaçao, não havendo inclusive muitas referências ao elemento indígena nas pesquisas sobre a língua (como apontado por JOHNEN, em elaboração). Contudo, estudos mais recentes, como o de Van Buurt & Joubert (1997), sugerem que a presença indígena no léxico do papiamentu pode ser maior do que era até então considerado. Johnen (em elaboração) advoga que uma das razões da dificuldade em estabelecer um étimo indígena ou africano para vocábulos do papiamentu se relaciona ao grande número de línguas que teriam estado em contato. Grant (2008a: 55), por seu turno, discute o trabalho de Van Buurt & Joubert (1997) — autores que analisam os elementos de étimo indígena americano no papiamentu e afirmam que a contribuição indígena ultrapassa a africana — e conclui que a maior parte das cerca de 200 palavras consideradas por esses autores como de étimo arauaque é também encontrada no espanhol antilhano ou trata-se de termos internacionais presentes em uma série de outras línguas indígenas nas Américas. Esses fatos levam Grant (2008a: 55) a seguir o posicionamento de Maurer (1998: 185-187), segundo o qual os elementos de origem arauaque poderiam ter sido incorporados ao papiamentu a partir do espanhol falado na região, não constituindo um empréstimo direto de uma língua arauaque. Assim, é possível notar que a questão dos itens lexicais de procedência indígena em papiamentu ainda é um assunto em aberto.

²Segundo informações coletadas no Museu Marítimo de Curaçao, os espanhóis não se conformaram com a tomada da ilha pelos holandeses. Assim, entre os anos de 1634 e 1642, eles tentaram diversas vezes recuperar Curaçao, mas não tiveram sucesso. Após um fiasco em mais uma tentativa em 1642, os espanhóis então desistiram de reaver o domínio da ilha.

Caribe, o que tornaria possível saquear os navios espanhóis; (ii) o interesse dos mercadores e navegantes holandeses de fazer parte da exploração das riquezas atlânticas e, com isso, obter mais lucros (ARAUJO, 2011: 6-8). Nos primórdios da colonização europeia de Curaçao, dois grupos de holandeses chegaram à ilha (ANDERSEN, 1974: 61-65; DOMINGOS, 1974: 2): (i) funcionários do governo colonial e oficiais, que falavam uma variedade de holandês mais próxima daquela usada na República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos e, em geral, procuravam não se misturar com os habitantes da ilha, casando-se, por exemplo, apenas com pessoas do mesmo grupo social; (ii) pequenos artesãos, mercadores, navegantes e soldados, que formavam a camada mais baixa, usando uma variedade mais popular da língua da metrópole e mantendo contatos frequentes com navegantes e sul-americanos (muitas vezes, holandeses pertencentes a esse grupo inclusive se casavam com mulheres latino-americanas), o que permitiu uma mescla maior entre as diferentes etnias. Essa distinção entre as diferentes classes sociais é importante na medida em que, alguns autores, como Andersen (1974: 62, 75), consideram que os holandeses da camada mais baixa (falantes de variedades não padrão) tiveram um papel mais ativo no fornecimento de palavras para o papiamentu, o mesmo sendo defendido no caso do léxico ibero-românico (ou seja, que o papel dos ibero-falantes das camadas mais baixas foi mais expressivo).

Quanto à economia, o sistema de *plantation*, com largas propriedades monocultoras cultivadas por mão-de-obra escrava, não foi implantado com sucesso em Curaçao em virtude da insalubridade de suas terras, aptas somente para a prática de uma agricultura de subsistência. Posteriormente, Curaçao passou a se dedicar à produção de sal, sisal, babosa, entretanto tais cultivos não promoveram a implantação de um sistema de *plantation*. Assim, outro motivo guiou o interesse dos holandeses por Curaçao: além de sua localização estratégica no Caribe, a ilha poderia ser um entreposto de escravos devido à qualidade de seu porto, sua localização longe do circuito dos furacões, sua proximidade com a América, entre outros fatores. Com o início da importação de escravos em 1641, a partir da tomada pela República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos de fortes portugueses na África, Curaçao passou a funcionar como um depósito de escravos, fornecendo cativos não

só para as colônias espanholas, mas praticamente para toda a América Central e Caribe (MARTINUS, 1996: 4-5)³. Desse modo, escravos de diferentes etnias (e falantes de diversas línguas) passaram a fazer parte da sociedade curaçolenha, constituindo a maior parte da população da ilha. Eles permaneciam em Curaçao em média dois anos a fim de serem aculturados e aprenderem os ofícios antes de serem enviados para as demais colônias. Nessa estadia em Curaçao, além do treinamento, havia ainda o intuito de aumentar o seu valor agregado e controlar a relação entre oferta e procura para manter o negócio de escravos lucrativo na região (ARAUJO, 2011: 9). Essa situação perdurou até 1863, ano em que a escravidão foi abolida em Curaçao e, por conseguinte, a importância econômica da ilha diminuiu bastante (BIRMINGHAM, 1970: vii). Apesar do *apartheid* e da discriminação sofridos pelos negros (quando eram escravos e mesmo depois disso), proibindo-se inclusive a mestiçagem, é impossível negar a participação dos escravos na vida e na cultura curaçolendas em seus contatos com outros membros da sociedade, como, por exemplo, a relação estabelecida entre os filhos de colonizadores nascidos em Curaçao e suas amas de leite negras, chamadas em papiamentu de **yaya** (plural **yayanan**). A respeito da miscigenação, é possível considerar que o fato de ser proibida não significava que ela não ocorria, como ilustram os crescentes números de mulatos na ilha (DOMINGOS, 1974: 3)⁴.

Somando-se aos holandeses e aos escravos africanos, o terceiro elemento formador da sociedade curaçolenha em seus primórdios foram os judeus sefarditas (e

³Para Domingos (1974: 2), os holandeses iniciaram o tráfico de escravos para Curaçao em 1638. Já outros autores consideram que os escravos começaram a chegar a Curaçao um pouco mais tarde. Lenz (1928: 48) e Birmingham (1970: vi), por exemplo, afirmam que a entrada de escravos negros, mulatos e mestiços na ilha caribenha se iniciou em 1648. Munteanu (1996: 39-40) e Joubert & Perl (2008: 139), por seu turno, advogam que o comércio escravocrata em Curaçao começou em 1650 e terminou em 1778.

⁴Alguns autores, como Araujo (2011: 2-3) e Jacobs (2012d: 5), afirmam que o papiamentu era inicialmente uma língua de escravos/africanos. Domingos (1974: 5-7) sugere que o uso inicial do papiamentu por não africanos pode ser explicado pelo seu caráter de língua franca entre protestantes (os holandeses) e judeus. Além disso, segundo esse autor, a difusão posterior do papiamentu entre os membros de descendência holandesa e judaica e das classes sociais mais abastadas (não sendo mais concebido como meio de comunicação dos estratos sociais mais baixos) se deu em virtude de um forte sentimento de nacionalismo surgido na ilha (DOMINGOS, 1974: 12-13).

seus escravos pessoais ou privados). No século XVI, ocorreu uma diáspora judaica sefardita. Como os holandeses eram mais tolerantes do que os portugueses e espanhóis, muitos judeus que viviam nesses países foram para a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos. Em 1630, essa República conquistou Pernambuco (exercendo seu domínio durante vinte e quatro anos, até 1654), o que desencadeou uma ampla migração de judeus de Amsterdã para Recife. Lá, os judeus se tornaram prósperos comerciantes e fundaram uma das primeiras sinagogas das Américas, a sinagoga *Kahal Zur Israel*. A partir de 1651, os judeus começaram a deixar o nordeste do Brasil e foram para o Suriname, Nova Iorque, República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos e também para Curaçao, como registram Emmanuel & Emmanuel (1970: 37-50), Casseres (1990: 9-10), entre outros. Na ilha caribenha, a participação dos judeus na sociedade era bastante diversificada: eram proprietários de navios negreiros e de escravos, possuíam hortas e *plantations*, se dedicavam ao comércio em geral, eram investidores e banqueiros (formais e informais). Havia ainda a possibilidade de trabalharem como tradutores, já que, segundo Andersen (1974: 65-69), os judeus falavam não apenas judeo-espanhol, português e espanhol, mas também outras línguas, como inglês e francês, sendo amplamente requisitados em atividades de tradução⁵. De qualquer forma, dentre essas inúmeras atividades, os judeus se dedicavam ao comércio de escravos. Uma vez que a Companhia das Índias Ocidentais detinha o monopólio sobre o comércio de escravos com a África, os judeus atuavam na revenda de escravos, tanto no atacado quanto no varejo (ARAUJO, 2011: 8).

Além desses três grupos, com o passar do tempo, outros povos foram tendo participação dentro da sociedade curaçolenha. Em primeiro lugar, devido à localização e características de seu porto, Curaçao sempre atraiu mercadores de diferentes nacionalidades em suas atividades de comércio. Segundo Domingos (1974: 2-4), desde o começo da colonização de Curaçao, a imigração era uma realidade: além de holandeses, judeus sefarditas e espanhóis (que começaram a chegar a partir de 1634), no século XX, a ilha recebeu pessoas de outras partes, como sírios, chineses,

⁵Uma discussão sobre a língua falada pelos judeus será empreendida na seção 4.4.4 do capítulo 4 ao tratar das hipóteses sobre a formação do papiaumentu.

indianos, judeus asquenazes, portugueses da Madeira e dos Açores, surinameses, arubanos, bonerianos, ingleses e americanos. Além disso, a proximidade da ilha com o continente, sobretudo com a Colômbia e a Venezuela, favoreceu a relação com esses países. Ainda no século XX, dois fatores foram responsáveis pelo contato com outras nações: a abertura econômica promovida por meio do estabelecimento da refinaria de petróleo da companhia anglo-holandesa Shell em Curaçao, o que atraiu imigrantes, e o fato de a ilha ter se tornado um local turístico, recebendo pessoas de diversas nacionalidades.

Reunindo pessoas de várias regiões, Curaçao se constituiu e se constitui como uma comunidade multilíngue. Com base em Crystal (1991 [1980]) e Dubois *et al.* (2006 [1978]), o multilinguismo pode ser definido como uma situação na qual duas ou mais línguas faladas dentro de uma comunidade (ou por um mesmo indivíduo) gozam do mesmo estatuto, sendo usada em diferentes situações comunicativas e por diversos estratos sociais. Essa situação difere daquela de diglossia, na qual duas ou mais línguas coexistem dentro de uma mesma comunidade, mas possuem diferentes funções sociais e comunicativas. Segundo Garret (2008: 29), na sociedade curaçole-nha, inicialmente, o holandês e o papiamentu se encontravam em uma situação de diglossia⁶: o holandês era geralmente usado em ambientes mais formais e prestígio-sos (sendo adotado inclusive para a escolarização), ao passo que o papiamentu era reservado para os contextos mais informais e de menor prestígio. Os resultados da autora com relação aos contextos de uso do papiamentu e as percepções do falante quanto à importância de usar a língua caribenha sugerem que, com o passar dos anos, a situação foi mudando e o papiamentu começou a ter seus usos estendidos para outras esferas, cumprindo funções instrumentais. Assim, Curaçao passou de uma sociedade diglósica, em que as línguas tinham usos compartimentalizados, para uma verdadeiramente multilíngue, com as diferentes línguas sendo usadas nos mesmos espaços (GARRET, 2008: 38-39).

O uso de diversas línguas parece datar dos primórdios da colonização da ilha. Segundo Grant (2008b: 77), o multilinguismo provavelmente dominava a ilha desde o

⁶A autora não especifica claramente até quando as duas línguas encontravam-se em diglossia.

século XVII. Um relato de 1819 trazido por Severing & Weijer (2010: 15) menciona o uso corrente do papiamentu em Curaçao, ao lado do holandês, inglês, francês, espanhol, alto alemão (usados pelos comerciantes e pelas classes mais abastadas), variedades crioulas e coloniais de francês e dinamarquês. Em um dos primeiros estudos sobre o papiamentu, Lenz (1928: 14-15, tradução nossa) também chama a atenção para essa profusão de línguas na ilha caribenha:

Nota-se o caráter poliglota da ilha nos avisos, dados às vezes em castelhano e holandês. Frequentemente, aparecem no meio do texto crioulo palavras e frases típicas do inglês e do francês sem tradução. O vocabulário popular do papiamentu se completa com o espanhol, e em assuntos administrativos e técnicos, com o holandês [...]⁷

Atualmente, a maioria dos habitantes nativos de Curaçao fala, em geral, quatro línguas: holandês, espanhol, inglês e papiamentu⁸. A pergunta “Em qual língua você quer falar?” é muito comum em diferentes estratos sociais. Há também casos em que, durante uma conversa em papiamentu, por exemplo, o falante emprega uma palavra ou expressão holandesa, o que ilustra o fenômeno de *codeswitching* (MYERS-SCOTTON, 2002: 43-48)⁹, ou ainda situações em que, no decorrer de uma conversa, muda-se de uma língua para outra. Segundo Taylor (2009: 83-84), o papiamentu se mantém em uma situação de contato linguístico tão intenso (enriquecendo-se das línguas e culturas circundantes) que, muitas vezes, torna-se difícil determinar quais palavras são realmente nativas do papiamentu e quais são emprestadas, adaptadas ou apenas fazem parte do repertório multilíngue local.

Essa presença de inúmeras línguas na sociedade curaçolenha é demonstrada inclusive nos dados do censo de 2011. Em uma das perguntas, os entrevistados

⁷Citação original: “El carácter poligloto de la isla se nota en los avisos, que a veces se dan en castellano i holandés. A menudo aparecen en medio del testo criollo palabras i frases típicas inglesas i francesas sin traducción. El vocabulario popular del papiamento se completa con el español, i en asuntos administrativos í técnicos con el holandés [...]”

⁸Joubert & Perl (2008: 137) apontam ainda o uso de crioulos de base francesa, português, árabe e sranan na ilha caribenha.

⁹Essa mudança de código é um processo complexo e decorre de diversos motivos: (i) porque o falante não se recorda do vocábulo em papiamentu; (ii) porque ele quer dar determinado destaque ao vocábulo; (iii) porque o falante sabe que o interlocutor também compreende holandês; (iv) porque ele acha que a palavra não existe em papiamentu (casos raros).

deveriam responder qual era a língua mais usada em suas casas na comunicação cotidiana. Os resultados mostraram que o papiamentu é a língua escolhida em 78,4% dos lares, sendo também a língua materna da maioria dos habitantes da ilha. Em seguida, aparecem o holandês (9,5%), o espanhol (6,1%), o inglês (3,5%) e, por fim, outras línguas (2,4%), não especificadas no censo¹⁰ (CBS, 2012: 14). A partir desses dados, é possível perceber que ainda que o papiamentu goze de uma supremacia com relação ao uso, não se pode negar a presença de outras línguas em Curaçao, como o holandês (língua metropolitana) e o espanhol (falado pelos imigrantes dos países circunvizinhos). E é nesse cenário de multilinguismo que o papiamentu se desenvolve, sendo, assim, impossível negar as interferências de outras línguas, como é o caso da forte hispanicização que vem ocorrendo, processo discutido mais detalhadamente na seção 4.3 do capítulo 4.

3.1.1 A comunidade sefardita de Curaçao

Dentre os segmentos formadores da sociedade curaçolense, a comunidade sefardita é de grande importância para a hipótese defendida nesta tese com relação à gênese e ao desenvolvimento do papiamentu. Os judeus sefarditas começam a chegar a Curaçao em 1651. De acordo com Emmanuel & Emmanuel (doravante E&E) (1970: 228, 277), nesse ano, migraram para a ilha caribenha de 50 a 100 judeus. Com o passar dos anos, esse número foi aumentando e, no final do século XVIII e começo do XIX, os sefarditas formavam cerca de metade da população branca da ilha (CASSERES, 1990: 26; MUNTEANU, 1996: 40-41; MAURER, 1998: 192). Os dados dos censos populacionais de 1789 e de 1816 (discutidos na próxima seção), retirados de Maurer (1998: 193), trazem, respectivamente, as seguintes cifras com relação aos sefarditas: 3.964 (20% do total geral) e 2.780 (19,7% do total geral). Os censos seguintes não mencionam o número de sefarditas com relação ao total

¹⁰É possível conjecturar que o português (talvez falado por grupos de imigrantes) figure nesse grupo.

de habitantes de Curaçao. Nos anos 2000, existiam na ilha caribenha aproximadamente 450 judeus, dos quais 75% eram sefarditas e os demais eram asquenazes (THE CURAÇAO, 20–). A partir dos números, é possível observar que, apesar de nos dias atuais, a comunidade sefardita ser pequena, no passado, ela contava com um número expressivo de pessoas, exercendo influência na sociedade curaçolenha e, por conseguinte, na configuração linguística do papiamentu.

Ao chegarem a Curaçao, os judeus sefarditas se engajaram em diversas atividades, como comércio, finanças e navegação, cultivo da terra e, sobretudo, comércio de escravos. Apesar de a Companhia das Índias Ocidentais ter o controle do tráfico escravocrata, os judeus sefarditas participavam ativamente nos negócios escravistas, obtendo grandes lucros com essa atividade (como será discutido na seção 4.4.3 do capítulo 4). Dada o amplo engajamento dos sefarditas na indústria de escravos, é possível conjecturar que o período áureo da comunidade judaica coincidiu com a duração do comércio escravocrata (de 1650 a 1778). O fim do tráfico de escravos, contudo, não significou o fim da importância da comunidade sefardita dentro da sociedade curaçolenha, uma vez que esse segmento continuou a desempenhar um papel substancial no comércio e nas atividades financeiras, com o controle de um dos maiores bancos do Caribe, o Maduro & Curiel's Bank. No que tange às contribuições judaicas para o desenvolvimento geral de Curaçao, E&E (1970: 465-488) apontam a atuação sefardita em diversos setores: agricultura, instalação de portos, serviço de correio, comércio, indústria, atividades bancárias, loteria pública, transporte, clubes e associações, cultura (como teatro e música), filantropia, administração das ilhas e também no desenvolvimento do papiamentu.

Em síntese, a comunidade judaica de Curaçao possui uma grande importância histórica, política e econômica, atuando no passado à frente de um dos motores da economia da ilha (o comércio escravocrata) e atualmente se destacando em atividades financeiras e comerciais. Esse papel desempenhado pelos judeus sefarditas também se refletiu no âmbito linguístico, influenciando a configuração do papiamentu que ia se formando nas ilhas, seja pelo uso do português, seja através da

variedade própria de papiamentu que desenvolveram ou seja por meio das **yayanan**, que atuaram na transmissão e difusão da língua caribenha¹¹.

3.1.2 Estatísticas populacionais de Curação

Para analisar o papel dos diversos segmentos da sociedade curaçolense na formação e difusão do papiamentu, é necessário discutir a relação entre demografia e crioulogênese. Arends (1995: 21) chama a atenção para a necessidade de considerar os fatores demográficos para um melhor entendimento sobre a formação dos crioulos, uma vez que as características populacionais estão intrinsicamente ligadas aos processos que possibilitam o nascimento de uma nova língua. Segundo o autor, há dois aspectos demográficos que não podem ser desconsiderados. O primeiro deles diz respeito à proporção entre brancos (colonizadores) e negros (escravos) sobretudo na fase inicial da colonização. Esse dado é importante porque a presença de falantes da língua de prestígio (do colonizador) é essencial para o processo de aprendizagem dessa língua como segunda língua (L2). Ademais, a quantidade de falantes também exerce influência: quanto maior o acesso à língua-alvo, mais próxima dela tende a ser a forma aprendida pelos colonizados. Outro fator se refere à homogeneidade linguística tanto dos colonizadores (e, por conseguinte, da língua de superstrato) quanto dos colonizados (logo, das línguas de substrato) (ARENDS, 1995: 22-24). Esse aspecto permite observar as influências que a língua em formação irá receber.

Parkvall (2000: 185-213) também discute o papel da demografia no processo de formação de uma língua crioula. Para o autor, quanto maior a proporção do elemento branco em uma dada colônia, maiores as chances de haver um predomínio de variedades acroletais (isto é, mais próximas de suas línguas lexificadoras) do crioulo (PARKVALL, 2000: 193). Contudo, o próprio autor adverte que a presença ou ausência do elemento branco não é um fator cabal para um crioulo ser basilectal (mais distante do lexificador) ou acroletal, sendo necessário levar em consideração diversos

¹¹A participação dos sefarditas no cenário da gênese e do desenvolvimento do papiamentu será discutida mais detalhadamente na seção 4.4 do capítulo 4.

fatores populacionais, a saber: (i) a heterogeneidade das línguas de substrato; (ii) as características tipológicas das diversas línguas envolvidas na situação de contato; (iii) os dados do trânsito dos escravos da África para as colônias; (iv) a quantidade de crianças no cômputo geral da população escrava; (v) a miscigenação; (vi) as mudanças na língua de prestígio; (vii) as atitudes linguísticas do falante e outros fatores linguísticos microsociais; (viii) a proximidade tipológica entre o superstrato e o substrato; (ix) as fugas de escravos e a posterior organização de comunidades quilombolas; (x) a taxa de mortalidade de escravos e o número de imigrações anuais; (xi) a proporção entre escravos de casa e de campo; (xii) a persistência do contato entre a língua crioula e seu lexificador; (xiii) as oportunidades educacionais (PARKVALL, 2000: 197). Diante dessa multiplicidade de fatores, nem sempre é possível fazer uma análise aprofundada dos aspectos demográficos envolvidos na formação de uma língua crioula até mesmo porque, muitas vezes, os registros sobre esses elementos não são muito numerosos e claros, permitindo somente um retrato parcial (mas ainda assim, importante) dos aspectos demográficos.

De acordo com Holm (2004), um dos fatores sociais elementares na crioulaização é a proporção entre falantes nativos e não nativos da língua-alvo nos primeiros anos de surgimento de uma língua crioula, determinando em que medida essa nova língua que está surgindo será mais próxima ou mais distante da língua lexificadora (HOLM, 2004: 24-26, 136). O autor aponta que o momento em que a população não branca (escrava) ultrapassa o número de habitantes brancos tem uma grande importância para engatilhar o processo de desenvolvimento dos crioulos. Essa importância das proporções entre os diversos segmentos da sociedade não deve, contudo, ser tomada isoladamente, uma vez que outros fatores sociais desempenham um papel relevante na crioulogênese, como o tempo necessário para o desenvolvimento da língua e mesmo o fato de a população recém-chegada já dominar um pidgin (HOLM, 2004: 135-136).

Apesar da notável relevância dos critérios demográficos, nem sempre eles são considerados nos estudos dos crioulos. Mufwene (2009 [1996]: 373) afirma que, ao analisar os elementos europeu e não europeu nas línguas recém-formadas, em geral, negligenciam-se a importância demográfica desses segmentos com relação ao

cômputo geral dos habitantes e sua possível variação durante o período de desenvolvimento das comunidades falantes dos crioulos.

Considerando a relação estabelecida entre demografia e crioulogênese, é de grande relevância conhecer as estatísticas populacionais de Curaçao nos séculos XVII, XVIII e XIX para determinar o número de pessoas de cada segmento social (judeus, holandeses, escravos, entre outros) e sua relação com o total de habitantes. A partir da história de povoamento da ilha, é possível notar que havia uma grande heterogeneidade linguística tanto no segmento dominante (que incluía holandeses e judeus) quanto no dominado (escravos). Diversas línguas eram usadas em Curaçao e cada uma delas foi contribuindo (mais ou menos) para a formação do papiamentu.

Munteanu (1996: 42) e Maurer (1998: 190) mencionam a dificuldade de se chegar ao número exato de pessoas de cada segmento até 1789/1790, quando foi realizado o primeiro censo populacional da ilha. Algumas cifras sobre a composição demográfica durante os primeiros 150 anos da colonização holandesa são encontradas de forma esparsa nas obras que tratam do papiamentu. Segundo Maurer (1998: 190), em 1634, ano em que os holandeses chegaram a Curaçao, a população da ilha compreendia 421 europeus e 75 índios nativos¹². Em 1635, de acordo com o autor, o número de ameríndios já havia diminuído para 50¹³. Nos anos posteriores, já não há mais menção a esse segmento, o que sugere que os ameríndios não representavam uma comunidade numericamente representativa. Isso não significa, porém, que os indígenas foram completamente exterminados de Curaçao, havendo a possibilidade de manutenção de alguns núcleos isolados no interior da ilha — Maurer (1998: 190) afirma inclusive que o último índio curaçoleno morreu em 1778.

Quanto ao elemento africano, Maurer (1998: 90) aponta a presença de 8 a 9 africanos em 1639. Esse número aumentou para 100 em 1650 (MUNTEANU, 1996: 42; MAURER, 1998: 190), ano considerado por alguns autores como o início

¹²Munteanu (1996: 42) aponta um número levemente menor de nativos: 70.

¹³As estatísticas mostram que, no período de formação do papiamentu (iniciado por volta de 1640), o número de indígenas era pequeno, o que justificaria a pequena influência desse segmento na estruturação da língua. Como será discutido na seção 5.3 do capítulo 5, é possível que o léxico indígena tenha entrado no papiamentu através do espanhol.

do tráfico negreiro para as ilhas (conforme seção 3.1), e só foi crescendo gradativamente durante o período em que Curaçao foi um entreposto de escravos. Em 1652, a população de descendência africana ultrapassava 20% do total, chegando a mais da metade em 1657 e, por fim, em 1685, já era de mais de 80% da população da ilha (GRANT, 2008b: 95). Em 1683, segundo Kouwenberg & Muysken (1995: 205) e Munteanu (1996: 42), havia 2.400 escravos africanos em Curaçao, dos quais 1.800 (75%) eram escravos de casa, atuando em atividades domésticas, e 600 (25%) trabalhavam no campo. A mesma cifra total de escravos é registrada em 1697 por Maurer (1998: 190-191), acrescentando que esse valor incluía apenas os escravos que pertenciam à Companhia das Índias Ocidentais, desconsiderando os escravos de particulares. De acordo com E&E (1970: 228, 277), em 1765, havia 5.534 escravos em Curaçao; dentre eles, 860 eram propriedade dos judeus (aproximadamente 15,3%).

Com relação à comunidade judaica, E&E (1970: 228, 277) afirmam que, em 1651, entre 50 e 100 judeus chegaram a Curaçao. Em 1713, havia 140 famílias judaicas vivendo na ilha caribenha, ao passo que as famílias não judaicas (holandesas e outras) somavam 320 (E&E, 1970: 109). A proporção de judeus foi aumentando com o passar dos anos e, em 1715, esse segmento correspondia a 36% da população branca da ilha de acordo com E&E (1970: 115, 228, 277). Entre as décadas de 40 e 70 do século XVIII, o número de judeus manteve-se mais ou menos constante, o que pode ser percebido pelas cifras de Emmanuel (1957: 7) e E&E (1970: 302, 1024): (i) 1745: cerca de 1.400; (ii) 1746: aproximadamente 1.450; (iii) 1750: mais ou menos 1.500; (iv) 1769: cerca de 1.350.

Por volta de 1700, segundo Grant (2008b: 96), a população total de Curaçao era de menos de 3.000 habitantes, dos quais uma grande parte era composta por escravos e mulheres, segmentos que não gozavam de grande mobilidade social. Munteanu (1996: 42) e Maurer (1998: 191), por seu turno, trazem cifras bastante superiores para o mesmo período. De acordo com eles, a população curaçolense seria de 6.000 habitantes, divididos da seguinte forma: 2.400 brancos (incluindo judeus, holandeses e demais segmentos), o que equivale a 40% do total, e 3.600 escravos, representando 60%.

As cifras para os séculos XVII e XVIII mostram que a porcentagem de escravos

africanos só foi aumentando a partir de 1650, sendo esse grupo um importante criador e difusor da nova língua que ia se formando na ilha. Quanto aos holandeses, não há muitos dados sobre o número total dos colonizadores, uma vez que as cifras do período, em geral, tratam dos europeus como um todo. De qualquer forma, no caso do papiamentu, o holandês não é a língua de superstrato (ou seja, aquela que forneceu a base para a língua que estava se formando); ela pode ser classificada como uma língua de adstrato, atuando no empréstimo de palavras e/ou estruturas. Por fim, com relação aos sefarditas, sua porcentagem só vai aumentando no decorrer do século XVIII, justificando o posicionamento de que, ainda que os judeus (e seus escravos) tenham influenciado a formação do papiamentu, não foi a língua falada por eles que deu origem à língua caribenha. A comunidade sefardita possivelmente tinha mais contato com os escravos do que os holandeses, o que permitiu que essa comunidade pudesse influenciar de forma mais direta a configuração do papiamentu, inicialmente uma língua de escravos (como apontado na seção 3.1).

Com relação ao século XVIII, E&E (1970: 277, 302) consideram que, em 1785, a população de Curaçao era de aproximadamente 8.500 habitantes, dos quais 1.200 eram judeus sefarditas e entre 3.000 e 3.200, holandeses brancos. Considerando a constituição demográfica da ilha no período, pode-se presumir que os 4.100/4.300 restantes possivelmente englobavam escravos africanos. Ao final do século XVIII, segundo Kouwenberg & Muysken (1995: 205), havia em Curaçao 16.000 negros, incluindo escravos e homens livres. Já os brancos somavam 5.500 habitantes; dentre os quais, 1.500 eram judeus sefarditas. Quanto aos judeus, Casseres (1990: 26) afirma que, nesse período, eles constituíam mais da metade da população branca. Já Munteanu (1996: 40-41) considera que os judeus representavam entre 30% e 50% dos brancos que viviam em Curaçao. Essa mesma cifra é estendida por Maurer (1998: 192) ao começo do século XIX.

No final do século XVIII, em 1789/1790, é realizado o primeiro censo em Curaçao. Em 1816, outro censo é realizado na ilha. Os resultados de 1789/1790 consideram se os diferentes segmentos sociais viviam no campo ou na cidade (Willemstad). As estatísticas populacionais são mostradas na tabela 3.1 (MAURER, 1998: 193)¹⁴:

¹⁴As cifras de 1789/1790 aparecem também em Munteanu (1996: 42) com um equívoco

—	1789			1816
	Cidade	Campo	Total	Total
Holandeses	2.001	469	2.469 (62,3% dos brancos)	1.759 (63,3% dos brancos)
Judeus sefar-ditas	1.423	72	1.495 (37,7% dos brancos)	1.021 (36,7% dos brancos)
Total de brancos	3.423	541	3.964 (20% do total geral)	2.780 (19,7% do total geral)
Escravos	5.359	7.445	12.804 (82,2% dos não brancos)	6.765 (59,8% dos não brancos)
Mestiços livres	2.615	161	2.776 (17,8% dos não brancos)	4.549 (40,2% dos não brancos)
Total de não brancos	7.974	7.606	15.580 (80% do total geral)	11.314 (80,3% do total geral)
POPULAÇÃO TOTAL	11.398 (58,3% do total)	8.146 (41,7% do total)	19.544	14.094

Tabela 3.1: Censos de Curaçao de 1789/1790 e 1816 (adaptada de MAURER, 1998: 193).

Os dados do primeiro censo quanto à distinção entre campo e cidade mostram que, entre o grupo branco, 81% dos holandeses e 95,2% dos sefarditas viviam em Willemstad. Essas porcentagens se relacionam com as principais atividades desempenhadas por esses segmentos: os holandeses atuavam na administração colonial e os judeus, no comércio escravocrata, navegação e finanças. No caso dos integrantes desses segmentos que se dedicavam às atividades de *plantation*, as cifras podem ser explicadas a partir da asserção de que, sendo donos das terras (e, portanto, não fazendo o trabalho braçal), eles não precisariam estar o tempo todo nas fazendas, podendo morar na capital e realizar visitas às propriedades. Com relação

quanto ao número de mestiços livres, que aparece como 1.776. Para o ano de 1816, Lenz (1928: 48) aponta os seguintes números: (i) brancos: 2.781; (ii) mulatos livres: 2.161; (iii) escravos: 690; (iv) negros livres: 1.872; (v) escravos: 5.336; totalizando 12.840 habitantes. Em seus dados, há duas cifras para escravos e o autor não apresenta um motivo específico para essa divisão.

aos segmentos não brancos, 41,9% dos escravos e 94,2% dos libertos moravam em Willemstad. Esses números podem ser explicados pelo fato de que os escravos eram bastante requisitados para os trabalhos no campo (ainda que também houvesse um número considerável deles na cidade, trabalhando nas casas de seus senhores). Já os mestiços livres, em geral, encontravam melhores oportunidades de emprego nos centros urbanos, saindo, assim, do interior assim que ganhavam sua liberdade.

Comparando os resultados dos dois censos, observa-se que o perfil demográfico de Curaçao pouco se alterou entre 1789/1790 e 1816. A porcentagem de holandeses e sefarditas se manteve mais ou menos constante, bem como o número de brancos quanto à população total. No que diz respeito aos negros e mestiços, seu número continuou sendo majoritário com relação ao total de habitantes. Contudo, a configuração interna do grupo sofreu algumas alterações. A porcentagem de escravos baixou de 66% para 48%, ao passo que o número de mestiços livres saltou de 14% para 32,3%. Com relação aos números totais absolutos nos dois censos, observa-se uma queda da população curaçolense, que passou de 19.544 habitantes para 14.094, havendo uma diminuição de 5.450 pessoas — 1.184 brancos e 4.266 não brancos. Segundo Maurer (1998: 192-193), uma das causas dessa redução foi o comportamento que os ingleses tiveram com relação aos comerciantes curaçolenses, especialmente sefarditas, entre 1800 e 1803 quando ocuparam a ilha pela primeira vez. Eles confiscaram ilegalmente grande parte dos bens dos comerciantes, que, por conta disso, deixaram Curaçao junto com seus escravos, passando a viver nas Ilhas Virgens, Santo Domingo, Coro, Maracaibo, Colômbia e Aruba. Além desse aspecto, o autor aponta ainda a escassez de alimentos e epidemias como responsáveis pela diminuição do número de habitantes. Quanto aos escravos e mestiços, pode-se apontar ainda um outro fator: o enfraquecimento da indústria escravocrata no começo do século XIX, resultante do fim (ou pelo menos, queda) na importação de escravos em 1778.

Depois de 1816, o próximo censo de Curaçao de que se tem notícia é o de 1930 (CBS, 2012: 2). Com relação ao período de mais de 100 anos que separa as duas contagens populacionais, são encontrados alguns dados em obras que tratam de Curaçao e do papiamentu. Lenz (1928: 48), por exemplo, afirma que a população total da ilha em 1833 era de 15.027 habitantes, divididos nos seguintes grupos: (i)

brancos: 2.602; (ii) negros e mulatos livres: 6.531; (iii) escravos: 5.894. Segundo o autor, em 1849, a ilha possuía 16.530 habitantes, sendo 10.892 livres e 5.638 escravos. Já em 1863, ano da libertação dos escravos, os negros e mulatos libertos somavam 6.751, o que correspondia a cerca de 1/3 da população da ilha (LENZ, 1928: 49), que deveria ser então de aproximadamente 20.000 habitantes. Para o mesmo período, Domingos (1974: 3) apresenta estimativas bastante diferentes: o número total da população seria de 30.000, dos quais apenas 4.000 eram brancos. Em 1886, de acordo com Lenz (1928: 49), havia em Curaçao 25.403 pessoas. Para o começo do século XX, há dados pra 1916 — 33.000 pessoas segundo Domingos (1974: 3) — e 1920 — 34.893 habitantes (LENZ, 1928: 47).

Em síntese, os dados populacionais de Curaçao para o período de formação do papiamentu mostram que, nessa época, diferentes segmentos compunham a sociedade, como judeus sefarditas, holandeses e escravos africanos. Esses grupos eram representados em diferentes proporções, o que se refletiu em graus de participação diversos na configuração da nova língua que ia se formando. Com o passar do tempo, a sociedade curaçolenha foi se diversificando e outros grupos começam a ser representados (a exemplo dos mestiços), os quais também trazem influências (em maior ou menor grau) para o papiamentu.

3.2 PAPIAMENTU: CARACTERÍSTICAS GERAIS

O papiamentu moderno é uma língua de base ibero-românica falada nas ilhas caribenhas de Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, Santo Eustáquio e São Martinho e também na Holanda¹⁵. A República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos foi a responsável pela colonização dessas ilhas (depois de tomá-las da Espanha em 1634)¹⁶, as quais se tornaram notórias no passado como entrepostos de escravos,

¹⁵No século XIX, o papiamentu também era falado como língua de imigrantes na Venezuela, Porto Rico, Cuba e Ilhas Virgens (JOHNEN, em elaboração).

¹⁶Na verdade, a Companhia das Índias Ocidentais Holandesa era quem detinha o controle da região, sobretudo de Curaçao (como será visto no capítulo 4).

se destacando atualmente pela indústria do turismo. Quanto ao estatuto político, Aruba, Curaçao e São Martinho são países independentes (formando, junto com a Holanda, o Reino dos Países Baixos) ainda que a administração central em Haia seja responsável por alguns assuntos (especialmente Política Externa, Controle de Fronteiras e Assuntos Econômicos¹⁷); ao passo que Bonaire, Saba e Santo Eustáquio constituem municipalidades especiais do Reino. Excetuando o caso de Aruba — que, em 1986, ganhou um *status aparte*, tornando-se um país independente em 1996 —, a configuração política atual se estabeleceu em 10 de outubro de 2010, quando da dissolução das Antilhas Holandesas (VERDUIJN, 2010). No âmbito linguístico, o papiamentu é a língua oficial, juntamente com o holandês, em Aruba, Bonaire e Curaçao. Em São Martinho, o inglês e o holandês gozam de tal estatuto. Já em Saba e Santo Eustáquio, o holandês é a língua oficial e o inglês tem *status* regional reconhecido, sendo língua veicular. O papiamentu é inclusive uma das línguas oficiais do Reino dos Países Baixos ao lado do holandês, do inglês e do frísio, sendo esse o único país da Europa a ter uma língua crioula como oficial.

O papiamentu atualmente tem um *status* social prestigioso quando comparado a algumas línguas crioulas de base portuguesa/espanhola, como, por exemplo, o santome. Segundo Quint (2000a: 7), dentre as línguas crioulas do mundo, o papiamentu é provavelmente a mais padronizada. Ele goza de um grande prestígio entre os falantes, sendo usado por todas as classes sociais, em diferentes situações comunicativas (BIRMINGHAM, 1970: viii-ix; ANDERSEN, 1974: 2-4; DOMINGOS, 1974: 7). Além disso, a língua usada na literatura (poesia, novela, drama, ensaio, entre outros) também tem mudado. Antes, muitos autores (inclusive falantes nativos de papiamentu) produziam suas obras principalmente em holandês com o objetivo de alcançar um maior prestígio e visibilidade. Hoje, a produção de literatura em papiamentu, que passou a ter uma grafia oficial em 1976, tem se desenvolvido cada vez mais, até mesmo como uma forma de (re)afirmar a identidade nacional. Não

¹⁷A manutenção do vínculo entre a colônia e sua antiga metrópole mesmo após a independência não é uma conjuntura rara. Appel & Verhoeven (1995: 65) afirmam que os processos de emancipação e liberalização das colônias, iniciados desde a Segunda Guerra Mundial e atingindo seu ápice nos anos de 1950 e 1960, não implicam necessariamente autonomia nos âmbitos político, econômico e administrativo, mantendo-se, em muitos casos, uma ligação com o colonizador de outrora.

se pode deixar de mencionar ainda a presença do papiamentu nos meios de comunicação (HOLM, 2000: 76): há milhares de sites na internet, jornais diários, canais de televisão e emissoras de rádio em papiamentu, os quais são bastante populares e já ultrapassam o número de programas em holandês, por exemplo. Desde 1986, o papiamentu é também usado na escolarização, havendo um grande interesse em dar às crianças uma alfabetização bilíngue: em holandês e em papiamentu. Além de holandês e papiamentu, em geral, nas escolas, as crianças aprendem também espanhol e inglês. Dessa forma, o papiamentu foi ganhando um espaço cada vez maior na educação (até mesmo porque essa é a língua que a criança aprende no seio familiar antes mesmo de chegar à escola). Atualmente, há um curso de licenciatura na Universidade de Curaçao para formar professores de papiamentu para atuarem no ensino básico, fundamental e médio.

Como mencionado no capítulo 1, no que tange à formação do papiamentu, não há consenso entre os estudiosos, havendo pelo menos quatro hipóteses diferentes, a saber: (i) crioulo espanhol; (ii) crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos; (iii) desenvolvimento a partir do kabuverdianu de Santiago; (iv) ‘dialetto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos. Essas hipóteses serão discutidas detalhadamente no capítulo 4, uma vez que estabelecer o cenário em que se deu a gênese e o desenvolvimento do papiamentu é o objetivo principal desta tese.

3.2.1 Papiamentu: primeiro registro e origem do nome

De acordo com Munteanu (1996: 31), a mais antiga definição do papiamentu parece ser a do padre jesuíta Alexius Schabel, que viveu em Curaçao, atuando na catequização dos nativos, até 1703. Em um relato de 1704, Schabel aponta que os escravos africanos que viviam em Curaçao falavam “um espanhol mal-falado”¹⁸, considerando, assim, o papiamentu como um descendente do espanhol.

¹⁸Citação original: “un español chapurreado”.

Já a primeira menção ao nome do papiamentu, segundo Severing & Weijer (2010: 13), ocorreu em 1747 em um diário de bordo manuscrito narrando a tomada de um navio por corsários ingleses no trajeto entre Curaçao e a Venezuela¹⁹. O confisco do navio se deu pelo fato de os ingleses presumirem que se tratava de um navio espanhol e, nesse período, as duas nações estavam em guerra. Após capturar o barco, os oficiais ingleses questionaram qual a língua falada a bordo e obtiveram as seguintes respostas de membros da tripulação: “Espanhol e holandês imperfeitos/mal-falados, que é chamado papiamentu espanhol”²⁰ e “Holandês, inglês e papiamentu, mas principalmente papiamentu”²¹. Os ingleses perguntaram ainda se o papiamentu era comumente falado em Curaçao e obtiveram uma resposta afirmativa. Assim, o primeiro registro de que o papiamentu era a língua mais falada em Curaçao data de 1747 e nele a língua já recebe um nome (*poppemento*, na grafia do autor do diário de bordo) similar ao atual.

Além desse diário de bordo, Severing & Weijer (2010: 14-15) mencionam ainda o relato do professor Paddenburgh acerca da situação linguística de Curaçao em 1819. Segundo o professor, o papiamentu seria uma mistura de espanhol, holandês e línguas indígenas, usada não apenas pelos negros, mulatos e demais pessoas de pele escura (geralmente das classes sociais mais baixas), mas também pelos brancos nascidos na ilha. Nessas famílias, as crianças, em geral educadas por babás negras, aprendiam inicialmente o papiamentu, adquirindo outras línguas (como o holandês) mais tarde. A partir do excerto de Paddenburgh, é possível notar que o papiamentu realmente já tinha um uso difundido em Curaçao, corroborando o registro de 1747.

Segundo Martinus (1996: 9), vinte anos depois da primeira menção ao papiamentu, encontra-se o primeiro registro escrito na língua. Trata-se de um provérbio que dá nome ao barco de um comerciante judeu: **Awa ta pasa harina**, que remete a ‘tempos difíceis’ (tradução literal: ‘a água ultrapassa a farinha’). Em seguida, em

¹⁹Um excerto desse diário aparece no anexo D.

²⁰Citação original: “Broken Spanish and broken Dutch, which is called *Poppemento* Spanish.”

²¹Citação original: “Dutch, Spanish and, *Poppemento*, but mainly *Poppemento*.” Quanto à grafia da língua, segundo os autores, é possível que no manuscrito apareça *Pappimento* (SEVERING & WEIJER, 2010: 13).

1775, aparece o primeiro texto escrito da língua: uma carta escrita por um judeu sefardita (HENRIQUEZ, 1988: xii; MARTINUS, 1996: 9-11; entre outros). Maurer (1998: 203) especifica inclusive a data da carta: 05 de outubro de 1775. Segundo Wood (1972a: 21) e Ferrol (1982: 80-81), a carta data de 1776. Nesta tese, será considerado 1775 como o ano em que a carta foi escrita, seguindo autores como Maduro (1971: 55 *apud* HENRIQUEZ, 1988: 100), Martinus (1996: 9-10) e Maurer (1998: 101). O exemplar da carta que chegou aos dias atuais constitui um excerto em que não consta o início. Com base na tradução da carta do holandês para o espanhol, Maurer (1998: 101) aponta um possível começo para a carta, que será analisada na seção 5.2.1 do capítulo 5, apontando os elementos portugueses/sefarditas, bem como as diferenças com relação ao papiamentu moderno. Além da *carta de 1775*, Kouwenberg & Muysken (1995: 205-206) apontam ainda a existência de um diálogo escrito entre dois criados, datado desse mesmo ano, contudo não trazem referências de onde essa obra pode ser encontrada. Provavelmente, esse registro se refere à conversa entre duas escravas registrada no tribunal em 1776 por um judeu sefardita (JACOBS & VAN DER WAL, 2015: 46), cujo excerto será analisado na seção 5.2.1 do capítulo 5.

Já quanto ao nome atual da língua, pode-se considerar que seu étimo seria o verbo do português *papear* (cuja pronúncia eleva a vogal [e] para [i]: [pa.pi.'a(h)]) — ‘bater papo, trocar ideias, conversar’ (HOUAISS & VILLAR, 2001, verbete *papear*) — acrescido do sufixo formador de substantivo **-mentu**, cuja origem também pode ser ligada ao português *-mento*. Segundo Birmingham (1970: 142) o próprio nome do papiamentu seria um indicativo de sua origem portuguesa, já que a ocorrência de nomes com o sufixo *-mento* é muito mais comum nessa língua do que no espanhol. Embora seja claro quais os elementos que formam o nome da língua (o verbo **papia** [‘pa.pja] + o sufixo **-mentu** [‘mẽ.tu]), muitos autores discordam em atribuir uma procedência portuguesa para eles. Maduro (1965: 26), por exemplo, aponta a existência do verbo *papear* em espanhol antigo, galego e português, bem como do sufixo *-mento* em palavras do espanhol antigo e sobretudo culto, considerando, assim, ‘um exagero, uma meia verdade’ atribuir uma origem indubitavelmente portuguesa ao termo. Munteanu (1996: 31-32) também menciona que o verbo *papear*/*papiar*

ocorre em espanhol e galego-português, significando ‘1. falar, conversar, 2. falar uma língua com dificuldades, cometendo alguns erros’ e considera que o nome da língua pode ter derivado a partir desse verbo. No Dicionário da Academia Real Espanhola (RAE, 2001, tradução nossa), aparece o verbo *papear*, definido como ‘balbuciar, tartamudear, falar sem sentido’²². Já Martinus (1996: 6-7) mostra a presença dos verbos *papea* e *papia* no kabuverdianu, no kriyol de Guiné Bissau e Casamança, no saramancan (um dos crioulos falados no Suriname) e aponta para uma provável origem portuguesa (a partir do verbo *papear*) do termo. Quanto ao **-mentu**, Grant (2008a: 54) afirma que, a despeito de se assemelhar à forma do português moderno *-mento*, esse sufixo pode ter sua origem ligada a uma forma não ditongada do espanhol *-miento*.

Ademais, deve-se lembrar que comumente os nomes das línguas são dados por associação a um grupo étnico, a um local (país, território etc), ou pode ainda ser um termo pejorativo dado por terceiros e, posteriormente, incorporado pela comunidade, mesmo que seja incômodo aos próprios falantes. Segundo Jacobs (2012d: 5), esse último cenário se aplicaria ao nomear o papiamentu. Para o autor, o termo seria derivado do verbo português/espanhol *papia* e seu significado pejorativo (‘ato de tagarelar, balbuciar, conversar sem sentido’) seria mais uma indicação de que o papiamentu surgiu como uma língua de escravos (ainda que tenha rapidamente se difundido para os demais segmentos da sociedade).

3.3 O ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE

O arquipélago de Cabo Verde, situado a cerca de 385 km da costa ocidental da África e 500 km das costas do Senegal e da Mauritânia, é formado por 10 ilhas e 5 ilhéus, divididos em dois grupos: (i) Barlavento (ao norte do paralelo 16º), que inclui as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Boa Vista, Sal e os ilhéus Branco e Raso; (ii) Sotavento (ao sul do paralelo 16º), que compreende

²²Citação original: “balbucir, tartamudear, hablar sin sentido”.

as ilhas de Santiago, Fogo, Maio e Brava e os ilhéus Luís Carneiro, Sapado Grande e de Cima (RODRIGUES, 2007: 27) (ver figura 3.2).

Figura 3.2: Mapa de Cabo Verde.

(Fonte: <<http://mapmaker.nationalgeographic.org/>>)

De acordo com o Censo de 2010, o arquipélago possui aproximadamente 491 mil habitantes. Desse total, cerca de 167 mil pessoas vivem nas ilhas de Barlavento e o restante (mais ou menos 323 mil), nas ilhas de Sotavento (INE, 2010). Como se vê, as ilhas de Sotavento concentram a maior parte da população do arquipélago; esse conjunto também foi o primeiro a ser povoado (apresentando, assim, uma variedade de kabuverdianu mais conservadora) e é em uma de suas ilhas que se localiza a sede do governo. Dentre as ilhas que formam o grupo de Sotavento, Santiago ocupa um lugar de destaque, abrigando cerca de 185 mil pessoas (quase metade dos habitantes de todo o arquipélago). Desde cedo, a ilha chamou atenção por sua localização geográfica no Atlântico, sobretudo pela proximidade com relação à costa da Guiné, sendo objeto de disputa entre espanhóis e portugueses (RODRIGUES, 2007: 29-30). Ademais, as atividades políticas e econômicas de Cabo Verde concentram-se em Santiago, onde se encontra o antigo centro dos tempos de colonização (Ribeira

Grande, atualmente chamada de Cidade Velha) e a atual capital do arquipélago (Praia).

A questão da conquista das ilhas de Cabo Verde é marcada por controvérsias no que diz respeito ao ano e ao seu conquistador. Segundo Rodrigues (2007: 27-28), o ano de tomada das ilhas varia entre 1445 e 1460 nos diferentes registros e esse fato é disputado pelos italianos Alvise Cademosto e Antônio de Noli, e pelos portugueses Diogo Gomes, Vicente Dias e Diogo Afonso. Deixando essa discussão de lado, sabe-se que, em 1460, as ilhas de Sotavento (iniciando-se por Santiago) já estavam sob domínio português; as ilhas de Barlavento, por seu turno, só serão mencionadas em 1462, ano que marca o início do povoamento e colonização das ilhas do arquipélago, que, segundo registros, foram encontradas desabitadas. Os primeiros habitantes de Cabo Verde eram em sua maioria escravos trazidos do continente, sobretudo da região da Guiné. Esse fato, de acordo com Rodrigues (2007: 24), legitima a postura de se falar em *povoamento* de Cabo Verde, já que o termo *colonizado* se restringe aos colonos europeus, representados em pequeno número nas ilhas. De qualquer forma, o fato é que inúmeras populações escravizadas começaram a chegar às ilhas nos primeiros anos de seu povoamento. A colonização oficial começou por Santiago, seguida das demais ilhas de Sotavento: Fogo, Maio e Brava (nessa ordem) (PRATAS, 2002: 15). Só depois se iniciou a colonização da área de Barlavento: primeiro as ilhas de Boa Vista, Santo Antão e São Nicolau começaram a ser povoadas e, em seguida, as de São Vicente e Sal (RODRIGUES, 2007: 151 dos apêndices)²³. A ilha de Santa Luzia permanece desabitada até os dias de hoje, bem como os ilhéus Rombo, Branco e Raso (RODRIGUES, 2007: 153 dos apêndices; RODRIGUES, 2010: 212). As ilhas cabo-verdianas, à exceção de Santiago, foram povoadas principalmente pela migração das populações do próprio arquipélago (em especial, de Santiago) para fugir dos períodos de estiagem e da fome que diversas vezes assolou essa ilha, recebendo também alguns habitantes da Europa (PRATAS, 2002: 16). A esse respeito, Lopes (2012: 9) menciona que escravos provenientes do

²³Schuchardt (1887: 137) também menciona essa diferença no período de povoamento das diferentes ilhas de Cabo Verde.

continente africano foram enviados somente para as ilhas de Fogo, Santiago, São Nicolau e Santo Antão. O povoamento das demais ilhas, segundo o autor, foi realizado pelas populações provenientes das quatro ilhas mencionadas (umas das primeiras a serem povoadas) e colonos portugueses, madeirenses e açorianos.

Por não apresentar muitos recursos naturais e vivenciar períodos de seca com certa recorrência, as ilhas cabo-verdianas não despertavam na Coroa Portuguesa a mesma atenção que outras colônias (como Angola, Brasil e Moçambique, regiões em que abundavam riquezas naturais), havendo desde cedo dificuldades em atrair uma população branca para a região (PRATAS, 2002: 23). Assim, outro interesse guiou a colonização das ilhas: a sua posição geográfica privilegiada, permitindo que a região funcionasse como importante entreposto comercial nas rotas de navegação do comércio de escravos (BRÜSER *et al.* 2002: 19; RODRIGUES, 2007: 27). Em 1466, se iniciou o tráfico oficial de escravos a partir da *Carta de Privilégios*, que autorizava os colonos a trazerem pessoas da região da Guiné para povoar as ilhas (RODRIGUES: 2007: 31). De fato, entre os séculos XVI e XIX, período de duração da indústria escravocrata em Cabo Verde, o arquipélago, especialmente as ilhas de Santiago e Fogo, recebeu diversos escravos da região da Guiné (RODRIGUES, 2007: 30-31; SILVA, 2008: 19). A atuação no comércio de escravos não era exclusiva dos portugueses, havendo inúmeros habitantes de Santiago (europeus e mestiços) que, desde o início do tráfico, comercializavam escravos da região da Guiné. Essa prática não oficial deu origem aos *lançados*: portugueses (cristãos e judeus), outros europeus e cabo-verdianos (negros ou mulatos) que atuavam clandestinamente no tráfico, sendo intermediários entre os africanos e os comerciantes europeus. Esses lançados contavam com o auxílio das *tangomás* (africanas que se tornavam mães de seus filhos) e dos *grumetes* (africanos ladinizados que auxiliavam os lançados, ocupando, assim, uma posição subalterna) (COUTO, 1992: 110-112; RODRIGUES, 2007: 35). De qualquer forma, tanto nas transações oficiais quanto nas clandestinas, a ilha de Santiago, situada a cerca de 650 km da costa da Guiné, exercia um papel de destaque no comércio de escravos, concentrando grande parte das atividades:

Veiga (2002) observa que a ilha de Santiago e, em especial, a Cidade de Ribeira Grande, funcionou, na época, como um grande motor do tráfico escravocrata: os escravizados eram capturados

em grande quantidade na Costa Ocidental da África e, seguidamente, eram trazidos para a Ribeira Grande, onde aprendiam os rudimentos da língua e da religião. Depois, eram exportados tanto para a Europa quanto para a América do Sul. (MIRANDA, 2013: 11)

A partir do excerto, é possível depreender algumas características do comércio escravocrata em Cabo Verde (RODRIGUES, 2007: 34-38). Apesar de grande parte dos escravos estarem apenas de passagem pelas ilhas, muitos que chegavam a Cabo Verde, especialmente a Santiago, permaneciam um tempo antes de partirem para seus destinos (em geral, Portugal, Madeira, Canárias, Sevilha, Cádiz, Antuérpia e América, sobretudo as Antilhas). O tempo de permanência dos escravos no arquipélago, muitas vezes, servia para sua ladinização, levada a cabo especialmente pelos vigários, em que eram transmitidos não apenas ensinamentos sobre algum ofício, mas também conhecimentos linguísticos. Além disso, em geral, era realizada também a catequização. Essa prática de catequizar e ensinar a língua e um ofício aos escravos era alicerçada pela política corrente de atribuir um maior valor aos escravos ladinizados do que aos inexperientes/boçais. Segundo Rodrigues (2007: 35, 38), em 1500, o batismo passou a ser obrigatório em Santiago, e registros de 1600 a 1613 mostram que a ladinização também deveria ser realizada. Contudo, apesar dessa obrigatoriedade, nem todos os escravos recebiam ensinamentos antes de partirem para os seus destinos: a maioria sequer parava na ilha em virtude da pressa dos comerciantes.

Quanto aos segmentos formadores da sociedade cabo-verdiana, apontam-se dois grupos principais (RODRIGUES, 2007: 30-36; MIRANDA, 2013: 11). De um lado, estavam os europeus, especialmente portugueses, mas também genoveses, espanhóis e outros (em menor número). Dentre eles, havia povoadores livres, degredados, missionários, enfim pessoas com diferentes perfis. Do outro lado, estavam os escravos africanos. Não se sabe ao certo a real procedência desses escravos, tampouco as línguas africanas que contribuíram para a formação do kabuverdianu (MIRANDA, 2013: 11). As descrições são variadas. Rodrigues (2007: 32, 53), por exemplo, defende que, entre os primeiros povoadores de Santiago, havia jalofos e fulas, apontando ainda a presença de balantas, papéis, bijagós, falupes e sapes em

Santiago e Fogo. O que parece certo é que muitos dos escravos que chegaram a Cabo Verde foram trazidos da região da Guiné. Contudo, isso não resolve a questão, já que o termo *Guiné* se refere à região onde estão atualmente Senegal, Gâmbia, Guiné Bissau, Guiné Conacri e Serra Leoa, países em que são faladas várias línguas africanas (a exemplo do balanta, fula, mandinga, manjaco, papel, wolof, serer) pertencentes ao grupo niger-congo e aos ramos oeste-atlântico e mandê (RODRIGUES, 2007: 25; SILVA, 2008: 19). Assim, considerando que Cabo Verde funcionou como um entreposto de escravos, pode-se apenas admitir que várias etnias estiveram presentes no arquipélago. Além desses dois segmentos principais (europeus e escravos africanos), é possível citar ainda a presença de judeus em Cabo Verde, em especial na ilha de Santiago. De acordo com Rodrigues (2007: 36), eles começaram a chegar à região em fins do século XV (sendo inicialmente clandestinos), e, no começo do século XVI, uma colônia de judeus fixou residência nas ilhas. Sua presença causava certo incômodo aos demais habitantes, havendo acusações contra o Corregedor de Santiago de protegê-los, dando-lhes guarida. Com diversos povos habitando as ilhas cabo-verdianas e estando em contato constante, a mestiçagem era bastante frequente (PRATAS, 2002: 16; RODRIGUES, 2007: 35), sobretudo nas ilhas de Santiago e Fogo. Uma das razões dessa miscigenação era a pequena quantidade de mulheres europeias, justificando as relações entre europeus e escravas. Dessas relações, surgiu um quarto elemento importante na sociedade cabo-verdiana: o mestiço, os mulatos filhos da terra, cujo número só aumentou no decorrer dos anos. Essa presença cada vez maior de mestiços (mais comum em algumas ilhas do que em outras) não era vista com bons olhos pela metrópole portuguesa, que desejava a todo custo extinguir esses mulatos e ‘branquear e europeizar’ a população. Para tanto, em 1620, as mulheres que outrora eram degredadas para o Brasil passaram a ser enviadas para Cabo Verde. Em fins do século XVIII, essa preocupação ainda era patente com uma proibição real expressa quanto à entrada de mestiços provenientes de outras ilhas em São Vicente (RODRIGUES, 2007: 38, 45). Tais esforços, contudo, não surtiram muito efeito e, em 1836, quando o tráfico já estava praticamente extinto, a população do arquipélago era predominantemente mestiça (RODRIGUES, 2007: 41).

O período áureo das ilhas cabo-verdianas terminou à medida que o comércio de escravos entrou em colapso. De acordo com Miranda (2013: 11), a indústria escravocrata atingiu seu auge no século XVI, começando a declinar em princípios do século XVII. Nesse período, segundo Rodrigues (2007: 38), começaram a abundar as reclamações de fugas de escravos para o interior, o ataque de corsários e piratas e o descumprimento do batismo de escravos, revelando-se consequentemente a dificuldade enfrentada na ladinização. A autora aponta que, a partir de 1580, Santiago perdeu sua posição de importante fornecedor de escravos para as Américas. Em 1640, a ilha retomou seu posto, mas não conseguiu alcançar o sucesso de antes. As perdas decorrentes desse quadro foram vultosas e a recuperação não foi a esperada. Em 1664, se iniciou o declínio de Santiago, processo que atingiu seu auge em 1676 graças às pressões das companhias criadas para regular o tráfico e ao êxodo em massa da elite branca cabo-verdiana para a Costa da Guiné, o que significou a perda da riqueza acumulada nas ilhas (RODRIGUES, 2007: 39). Além da crise no sistema escravocrata, desastres naturais contribuíram para a queda das ilhas cabo-verdianas. Rodrigues (2007: 37-41) menciona que, próximo ao fim do século XVIII, as ilhas já tinham enfrentando 11 episódios de fome generalizada devido aos períodos de estiagem. Esses episódios ocorreram durante os anos de 1580 a 1583, 1609, 1685 a 1689, 1704 a 1712, 1745 a 1755, 1773 a 1775. No século XIX, houve mais casos de fome e estiagem em 1810 a 1814, 1830, 1845 a 1846, 1862 a 1866. Além dos episódios de fome, as ilhas foram acometidas também por outras catástrofes, como o terremoto de 1680 na ilha do Fogo, as epidemias de 1730 a 1732 e o surto de cólera-morbus e de varíola entre 1855 e 1856. Durante esses períodos de dificuldade, era comum a emigração de pessoas de Cabo Verde, o que, juntamente com a morte de um número elevado de pessoas (entre 1730 e 1732, 2.000 pessoas morreram; já em 1830, foram 30.500 mortes), implicava em grandes quedas populacionais. No período de 1580 a 1583, por exemplo, a autora afirma que muitos habitantes das ilhas de Santiago e Fogo (não apenas escravos, mas brancos e mestiços) foram para a Guiné. Já de 1810 a 1814, a crise atingiu Santiago, Maio e Boa Vista, levando à migração para São Nicolau e Fogo. Segundo Rodrigues (2007: 150, 152 dos apêndices), em 1864, durante mais um período de forte estiagem e fome, o governo estabeleceu

um decreto que ditava as regras da migração dos habitantes de Cabo Verde para as lavouras de Angola e São Tomé. Desse modo, juntamente com o colapso do comércio escravocrata (que terminou oficialmente em 1876 quando a escravidão foi enfim abolida), desastres naturais tiveram impactos nas ilhas cabo-verdianas, sobretudo em Santiago, fazendo com que elas caíssem no ostracismo, com uma participação diminuta dos colonizadores portugueses.

3.4 KABUVERDIANU: CARACTERÍSTICAS GERAIS

O kabuverdianu moderno é falado nas nove ilhas habitadas do arquipélago: Santiago, Fogo, Maio, Brava, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Boa Vista e Sal. Além disso, segundo Silva (2008: 25), muitos cabo-verdianos emigraram para outros países e, com eles, a sua língua também foi levada para além de Cabo Verde. Assim, atualmente muitos falantes de kabuverdianu moram em Portugal, França e Estados Unidos. Falado em diversos lugares, o kabuverdianu, como qualquer outra língua, apresenta variações, o que, contudo, não significa línguas diferentes. Essas variações são decorrentes das próprias características da colonização das diversas ilhas (diferentes períodos e agentes colonizadores) e também da distância entre as mesmas (RODRIGUES, 2007: 13; LOPES, 2012: 9). A despeito das diferenças, as variedades dialetais do kabuverdianu podem ser reunidas em dois grandes grupos (QUINT, 2000a: 9): (i) um nas ilhas de Barlavento, cuja variedade é de desenvolvimento mais recente. As influências africanas são menores dentro do léxico e a gramática é próxima do português, sobretudo nos âmbitos fonético e fonológico; (ii) e outro nas ilhas de Sotavento, que possuem uma variedade mais antiga, permeada de palavras africanas e com aspectos fonéticos diferentes do português. Quint (2000b: 80) afirma que os dialetos do sul estariam mais próximos do crioulo falado nos primeiros tempos, formado a partir das línguas africanas e do português dos séculos XVI e XVII. Essas variedades conservariam tanto os traços africanos do antigo crioulo (nos âmbitos do vocabulário e do sistema verbal) quanto a pronúncia

do português dos séculos XVI e XVII, que se diferenciava sobretudo com relação às vogais átonas. É possível ainda distinguir a variedade falada em Santo Antão, que, para Quint (2000a: 9-10), é tão diferente no âmbito das evoluções fonéticas e morfológicas que poderia estar em um grupo à parte. Schuchardt (1887: 137) também aponta a particularidade da fala de Santo Antão. Segundo o autor, o dialeto dessa ilha conservou muitos traços do português (o que, nas demais ilhas, seria menor) em virtude de seu isolamento anterior com relação ao resto do arquipélago, de sua colonização mais tardia e do grande número de europeus (brancos). Dentre as diversas variedades de kabuverdianu, esta tese se concentra na falada na região de Sotavento, especialmente em Santiago, já que foi a variedade dessa área que contribuiu para a formação do papiamentu segundo Jacobs (2012a). Tendo sido as primeiras a serem habitadas, as ilhas de Sotavento congregam as variedades mais antigas e conservadoras da língua e as que vêm despertando a maior parte da atenção dos estudiosos (RODRIGUES, 2007: 144, 197). Mais precisamente em Santiago, onde se iniciou o povoamento do arquipélago, segundo Brüser *et al.* (2002: 19), é falado “[...] um dos mais antigos crioulos de base europeia ainda vivos, ou talvez até o mais antigo.” A ilha de Santiago é considerada por Quint (2000a: 5) como a mais africana do arquipélago nos âmbitos étnico e cultural pelo fato de o povoamento ter se efetuado sobremaneira por escravos vindos do continente. Já o crioulo santiaguense, nas palavras de Quint (2000b: 96), dentre as demais variedades, é o mais antigo, o mais conservador e o mais distante do português. Lopes (2012: 4, 6) defende ainda a hipótese de que o crioulo falado nessa ilha, por sua antiguidade e conservadorismo, seria o mais próximo do protocrioulo a partir do qual derivaram as demais variedades do kabuverdianu e mesmo outras línguas crioulas, como o papiamentu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança.

Quanto ao seu estatuto, o kabuverdianu é a língua materna de grande parte da população cabo-verdiana, sendo o sistema linguístico preferido para a comunicação diária informal, sobretudo no registro falado. Por outro lado, a língua oficial do país é o português — Cabo Verde inclusive faz parte do grupo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) —, usado na escolarização, na mídia, nos documentos oficiais e na esfera político-econômica (QUINT, 2000b: 243; PRATAS,

2002: 18-20; SILVA, 2008: 25-26; LOPES, 2012: 7-8; MIRANDA, 2013: 12-13). Esse quadro cria uma situação de diglossia, no qual duas línguas convivem em um mesmo espaço, mas não gozam do mesmo *status* sociopolítico. Esse fenômeno é definido por Ferguson (1959: 336, tradução nossa) da seguinte forma:

Diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (frequentemente mais complexa do ponto de vista gramatical), o veículo de um largo e respeitado corpo de literatura escrita, ou de um período anterior ou em outra comunidade de fala, que é aprendido largamente pela educação oficial e usado para a maioria dos propósitos falados formais e escritos, mas não é usado por qualquer setor da comunidade para a comunicação comum²⁴.

As palavras de Ferguson ilustram exatamente a situação que vigora na sociedade cabo-verdiana, na qual o uso do português é tão restrito aos registros mais formais que muitos habitantes de Santiago não falam nem compreendem de fato o português²⁵, a despeito de essa ser a língua oficial e estar presente na escolarização (QUINT, 2000b: 249-250; MIRANDA, 2013: 13). Essa presença da língua portuguesa nas ilhas, mesmo depois do fim do domínio de Portugal na região, tem levado, de acordo com Rodrigues (2007: 243-247), à “descrioulização” do kabuverdianu. Em linhas gerais, nesse processo, o crioulo vai mudando em direção à sua língua de superstrato (no caso, o português), perdendo as características mais divergentes daquelas do lexificador. De fato, é possível observar, em Santiago, a presença de duas variedades mais gerais de crioulo: de um lado, o “crioulo fundo”, com traços arcaicos e, de outro, o “crioulo leve”, falado principalmente na capital e recebendo mais influências do português.

²⁴Citação original: “DIGLOSSIA is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any section of the community for ordinary conversation.”

²⁵Veiga (2015) mostra que, em Cabo Verde, setores oficiais têm adotado uma política constante para construir um bilinguismo efetivo, permitindo que o kabuverdianu ocupe esferas mais formais.

Além do português e do kabuverdianu, Quint (2003: 6) aponta ainda o uso de outras línguas em Cabo Verde. O francês e o inglês têm uso difundido em todo o arquipélago, especialmente nas grandes cidades e em locais turísticos, como Sal e Boa Vista. Em Fogo e Brava, o inglês também é falado por muitas pessoas, já que essas ilhas foram destino da emigração de muitos norte-americanos. Contudo, independentemente da ilha e das possíveis línguas que sejam faladas, o kabuverdianu ainda é o responsável pelas interações cotidianas.

3.4.1 Hipóteses sobre a origem do kabuverdianu

No que diz respeito à formação e difusão do kabuverdianu, a partir do contato principalmente entre o português dos séculos XVI e XVII e línguas africanas, segundo Quint (2000a: 55) e Rodrigues (2007: 220), a língua começou a se desenvolver no final do século XV, mais precisamente a partir de 1462, ano em que as ilhas cabo-verdianas começaram a ser povoadas. Assim, é possível situar o surgimento do kabuverdianu entre fins do século XV e começo do XVI. Quanto à formação do kabuverdianu, Rodrigues (2007: 48-60) e Silva (2008: 20-25) apontam a existência de quatro diferentes hipóteses para explicar o surgimento da língua (além da monogênese, segundo a qual todas as línguas crioulas se originam de um pidgin português em uso na costa africana durante os séculos XV e XVI): (i) hipótese da língua²⁶ de reconhecimento; (ii) hipótese continental ou guineense; (iii) hipótese insular ou cabo-verdiana; (iv) hipótese ambígua. Essas quatro hipóteses serão apresentadas resumidamente a seguir com base em Rodrigues (2007: 48-60)²⁷.

De acordo com a hipótese da língua de reconhecimento (NARO, 1978), o kabuverdianu teria surgido a partir de um pidgin português falado em Portugal por volta de 1400. Esse pidgin era ensinado formalmente em Portugal (provavelmente em uma

²⁶Rodrigues (2007: 48-49) emprega o termo ‘linguagem’ em lugar de ‘língua’.

²⁷A discussão das hipóteses relacionadas à origem do kabuverdianu será feita de forma breve, resultando em um quadro geral, uma vez que tratar dessa temática não é o objetivo desta tese (que visa discutir o cenário de gênese e de desenvolvimento do papiaamentu, aspecto abordado nos capítulos 4 e 5).

escala diminuta, considerando-se o período de fim da Idade Média, sem escolarização universal financiada pelo Estado) a fim de formar tradutores/intérpretes que pudessem ajudar nas atividades comerciais na costa ocidental africana e era usado sempre que uma das partes envolvidas na comunicação não tivesse conhecimento de português. Mais tarde, por volta do começo do século XVI, essa língua de reconhecimento foi transportada para a região da Guiné pelos lançados, sofrendo modificações que deram origem aos diferentes crioulos falados na região. Nessa hipótese, há ênfase no papel dos lançados, que, juntamente com os grumetes, as tangomás e os mestiços nativos das ilhas, tiveram uma participação substancial na configuração e difusão da nova língua (COUTO, 1992: 110-112; RODRIGUES, 2007: 48-49). Com relação a essa língua de reconhecimento, Teyssier (1959: 227-250), com base em algumas obras de Gil Vicente, traz registros que apontam para o uso da *Língua de Preto* em Lisboa no século XVI por escravos negros. Analisando vocábulos e expressões característicos da *Língua de Preto*, o autor encontrou que a variedade falada pelos escravos apresenta alguns traços que lhe são peculiares, a exemplo do uso do infinitivo como forma geral, do emprego de uma única forma pronominal para todas as funções, da ausência de artigo, do apagamento de [r, s, l] finais, da passagem de [v] a [b], da substituição da vibrante múltipla pela simples, da passagem de [ʎ] a [j], entre outros. Ademais, a comparação entre a *Língua de Preto* e alguns crioulos de base portuguesa demonstrou muitas similaridades (TEYSSIER, 1959: 248-249). Em linhas gerais, essa hipótese não parece muito apropriada para explicar a origem do kabuverdianu, uma vez que, a despeito de a existência dessa língua de reconhecimento ter sido de fato documentada em Portugal, há pouca probabilidade de tal língua ter sido levada de Portugal para as demais possessões portuguesas na África (ARAÚJO, 2011: 14-15). Além disso, essa hipótese ignora o papel dos milhares de escravos nas ilhas de Cabo Verde e os coloca como pessoas que simplesmente aprenderam essa língua de reconhecimento, sem nenhuma contribuição de suas estruturas linguísticas.

A hipótese continental ou guineense (COUTO, 1994, 1995 *apud* RODRIGUES, 2007), por seu turno — também sugerida por Schuchardt (1887: 138) —, advoga que o kabuverdianu pode ter surgido na atual Guiné Bissau, provavelmente na região de

Cacheu, sendo, mais tarde, transplantado para as ilhas de Cabo Verde, onde teria se especiado, diferenciando do kriyol de Guiné Bissau e Casamança. Aqui, novamente, atribui-se um papel aos lançados, tangomás e grumetes. A partir da comunicação entre esses três segmentos é que o pidgin teria surgido: os lançados iam para o continente com o intuito de capturar escravos, tecendo relações com as tangomás (que se tornavam mães de seus filhos) e com os grumetes (os intermediários da indústria escravocrata). Os filhos nascidos das relações entre lançados e tangomás seriam os responsáveis pela nativização e difusão do crioulo. O transporte posterior dessa língua (já estabelecida) da Guiné para Cabo Verde teria sido realizado através dos escravos que chegavam em grande número às ilhas e pelas atividades comerciais realizadas entre as duas regiões (RODRIGUES, 2007: 49-51). Como fatores contrários ao estabelecimento e difusão de uma língua crioula na região da Guiné, é possível citar: (i) os portugueses se estabeleceram apenas temporariamente na Guiné, não havendo estabilidade suficiente para formar uma língua; (ii) mesmo com a força militar portuguesa, não havia segurança na região, sendo constantes os episódios de destruição das vilas com a consequente desarticulação da incipiente estrutura social que ali se formava; (iii) a população na Guiné era formada por diversas etnias, sendo bastante heterogênea; (iv) a população africana sempre viveu de forma livre, sem que os portugueses exercessem um domínio efetivo, conservando, assim, suas línguas e valores culturais (CARREIRA, 1972: 338 *apud* RODRIGUES, 2007: 50-51).

Já a hipótese insular ou cabo-verdiana (CARREIRA, 1972, 1983 *apud* RODRIGUES, 2007) considera que o crioulo se desenvolveu e se difundiu a partir de Cabo Verde. Assim, o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança teriam um ancestral comum, o protocrioulo ibero-românico da África ocidental, nascido em Santiago (QUINT, 2000b: 116-117). A motivação para o surgimento dessa língua seria a necessidade de comunicação entre os senhores e os escravos (e mesmo entre escravos de etnias diferentes), os quais falavam línguas mutuamente ininteligíveis. Como facilitadores do desenvolvimento desse crioulo estavam: (i) o poder exercido pela Igreja Católica, responsável pela ladinização dos escravos, processo que envolvia, entre outras coisas, o domínio ainda que precário de alguma forma de português; e (ii) o suposto caráter homogêneo e pacífico da sociedade cabo-verdiana

desde o começo de sua formação. Ademais, registros históricos parecem sustentar a precedência do kabuverdianu sobre o kriyol de Guiné Bissau e Casamança: a primeira referência escrita ao crioulo de Cabo Verde data de 1546, enquanto que não se encontra menção a um crioulo da Guiné antes do final do século XVI. Assim, nascido em Santiago, esse crioulo posteriormente se difundiu para outras regiões a partir dos mulatos, negros forros e da emigração cabo-verdiana desde 1580 (RODRIGUES, 2007: 51-54). A hipótese insular possui alguns aspectos questionáveis. Em primeiro lugar, é pouco provável que a sociedade cabo-verdiana fosse tão homogênea e pacífica, não havendo nenhuma sociedade do mundo que seja assim. Uma evidência de que havia tensões entre os diversos segmentos sociais são os registros de fugas de escravos (mencionados na seção 3.3). Desse modo, a homogeneidade da sociedade cabo-verdiana é provavelmente algo muito mais presente nos discursos oficiais do que de fato uma realidade vivenciada no arquipélago. Além disso, o fato de terem sido encontrados registros do kabuverdianu antes daqueles que se referem ao crioulo da Guiné é apenas conjectural, não sendo necessariamente um caso de precedência. É possível que um crioulo tenha sido falado na Guiné até mesmo antes do surgimento do kabuverdianu, ainda que os primeiros registros da língua do continente sejam posteriores.

Por fim, segundo a hipótese ambígua (ROUGÉ, 1994; COUTO, 1994 *apud* RODRIGUES, 2007), seria possível postular uma língua kabuverdianu-kriyol de Guiné Bissau e Casamança, formada nas duas regiões a partir de um mesmo protocrioulo e com desenvolvimentos paralelos graças às influências semelhantes, ao intercâmbio contínuo entre as duas regiões e à atuação dos lançados. De acordo com Rougé (1994: 144-146), a partir de um mesmo material linguístico, foram formados, em épocas próximas, dois crioulos diversos, em regiões diferentes. Seria, assim, possível falar em uma língua guineo-cabo-verdiana, que, desde o seu surgimento, já se mostra dialetalizada. As duas línguas encontram-se tão relacionadas que não é possível determinar se foi o kabuverdianu que influenciou o kriyol ou vice-versa. Sustentando a hipótese ambígua, aparecem registros de que o contato entre portugueses e africanos (tanto no arquipélago quanto no continente) de fato ocorreu e de que, apesar de existirem diversas etnias sobretudo na região continental,

elas tiveram que encontrar um meio de conviver e, por conseguinte, se comunicar. Ademais, há diversas semelhanças estruturais e vocabulares entre o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança, as variedades de português que chegaram às duas regiões eram similares e as línguas de substrato que contribuíram para a sua formação foram as mesmas: as línguas dos grupos mandê e oeste atlântico, a exemplo do mandinga e do wolof, entre outras (RODRIGUES, 2007: 54-56).

Após a discussão das hipóteses, Rodrigues (2007: 56-60) defende a hipótese ambígua para explicar a formação do kabuverdianu, uma vez que ela considera uma multiplicidade de fatores, obtendo uma visão mais ampla das condições gerais sob as quais os crioulos surgiram. Segundo a autora, as outras três hipóteses (língua de reconhecimento, continental e insular) pecam justamente por querer se constituir como única possibilidade possível para a origem dos crioulos portugueses na África. Desse modo, em síntese, nas palavras da autora:

[...] reconhece-se que Cabo Verde precisou de contingente da Guiné para compor parte de sua comunidade e língua, ao mesmo tempo em que serviu de porto para o surgimento de uma variedade que iria contribuir no estágio inicial do pidgin/crioulo da Guiné. As ‘influências mútuas’ referidas por Mota (1954 *citado por* Rougé, 1987), defende-se, resumem o corolário da questão: Caboverdiano e Guineense tiveram muito para terem um fundo comum — a língua multifacetada da Era dos Grandes Descobrimentos —, e, por isso mesmo, para não serem línguas iguais. (RODRIGUES, 2007: 60, grifos da autora)

Para a autora, o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança foram formados a partir de uma mesma base (o português), o que explica as similaridades entre as duas línguas. Por outro lado, em momento algum, os crioulos formados eram homogêneos (sendo línguas iguais), haja vista as especificidades de cada região, como, por exemplo, o fato de, na Guiné, o contato com línguas nativas africanas ter se mantido, ao passo que, em Cabo Verde, ele foi sendo perdido pouco a pouco. A justificativa dada para as semelhanças entre as línguas (que se encontram profundamente arraigadas nos sistemas, ultrapassando similaridades lexicais) — um mesmo superstrato, o português — apresenta alguns problemas. Se assim o fosse, todos os crioulos de base portuguesa seriam próximos demais (o que não é o caso). Além

disso, essa explicação ignora o papel linguístico dos escravos, agentes na configuração linguística dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné.

Além dessas diversas hipóteses para explicar o surgimento do kabuverdianu, deve-se discutir ainda a apresentada por Jacobs (2010), que atribui um papel importante para a região de Cacheu, na Guiné. Para o autor, o protocrioulo da Alta Guiné (que teria se ramificado no kabuverdianu e no kriyol de Guiné Bissau e Casamança) teria surgido em Santiago por volta do fim do século XV e começo do XVI, sendo mais tarde levado pelos cabo-verdianos para Cacheu, de onde teria se difundido no fim do século XVI para outras partes do continente (JACOBS, 2010: 290). A linha de pensamento de Jacobs (2010), desse modo, poderia ser classificada no âmbito das hipóteses insulares ou cabo-verdianas, apresentando, contudo, o diferencial de considerar Cacheu como o local da especiação do kriyol (no que tange ao kabuverdianu) e ponto de partida de sua posterior difusão pelo continente. Ilustrando a maior antiguidade do crioulo falado em Cacheu estaria o fato de que, no âmbito fonológico, a variedade dessa região e a de Ziguinchor (consideradas mais conservadoras) possuem mais semelhanças com o kabuverdianu de Santiago do que o dialeto falado em Bissau (JACOBS, 2010: 294). Além disso, seguindo Bartens (1996), Jacobs (2010: 319) aponta que o crioulo falado na província de Casamança (Senegal) estaria relacionado historicamente ao dialeto de Cacheu.

Antes de discutir seu posicionamento, Jacobs (2010: 292-299) apresenta brevemente as outras hipóteses que tratam do surgimento do kabuverdianu, mencionando porque elas são inadequadas. A hipótese da língua de reconhecimento, postulando a existência de um pidgin ancestral compartilhado, não conseguiria explicar as similaridades estruturais entre o kabuverdianu e o kriyol no que tange às partículas de tempo, modo e aspecto (TMA), à morfologia flexional e derivacional e algumas categorias funcionais, já que tais aspectos estariam ausentes em um pidgin (JACOBS, 2010: 293-294). Quanto à hipótese continental, Jacobs (2010: 295-299) aponta que, nas comunidades comerciais situadas ao longo do rio da Guiné, é improvável que um crioulo de base portuguesa tenha se formado, uma vez que os lançados jamais constituíram uma comunidade forte, que exercesse domínio sobre os africanos (havendo, na verdade, uma forte interação entre os dois grupos, com os lançados incorporando

muitos costumes africanos). Estes também não tinham necessidade de um pidgin, uma vez que o mandinca²⁸ já exercia o papel de língua veicular. Ademais, nos antigos centros de comércio escravo (as chamadas *praças* ou *presídios*), como Cacheu, Ziguinchor, Geba e Bissau, os portugueses não exerciam um domínio efetivo sobre as populações locais, não criando, assim, condições propícias para o surgimento de um crioulo. Por fim, no que tange à hipótese ambígua, Jacobs (2010: 292-293) considera que ela não consegue explicar as similaridades estruturais entre o kabuverdianu e o kriyol, que se fazem presentes em aspectos basilares e em todos os níveis da gramática. Além disso, a hipótese de um desenvolvimento simultâneo pressupõe um intenso contato entre as duas regiões, o que é bastante difícil de precisar.

Para sustentar sua hipótese, Jacobs (2010: 299-334) utiliza dados sócio-históricos e linguísticos. Quanto aos aspectos históricos, o autor parte da assunção de que o kabuverdianu já era falado em Santiago em fins do século XV e início do XVI, o que é confirmado por alguns registros e dados linguísticos (como a presença de traços provenientes do wolof, língua falada pelos escravos que chegaram a Santiago nos primeiros anos da colonização, até cerca de 1550) (JACOBS, 2010: 299-302). Tendo isso em mente, o fato de ter ocorrido uma migração maciça de cabo-verdianos para a região da Guiné, especialmente para Cacheu, significou não apenas o povoamento do continente a partir de Cabo Verde, mas também a difusão da língua, que mais tarde foi se diferenciando e formando o kriyol de Guiné Bissau e Casamança. Considerada o berço do kriyol, Cacheu foi fundada e povoada a partir dos cabo-verdianos. Essa afirmação, segundo Jacobs (2010: 305), seria evidenciada pelo fato de que foi um cabo-verdiano (Manuel Lopes Cardoso) que liderou a construção do forte em Cacheu, simbolizando o início da colonização em 1589 (período no qual o kabuverdianu já existia). Além disso, existem registros da migração cabo-verdiana para Cacheu durante os episódios de fome em Santiago nos primeiros anos do século XVII. Jacobs (2010: 307 a 309) afirma ainda que, mais tarde, Cacheu foi o ponto de partida para o povoamento de outras regiões onde o kriyol é atualmente falado, como

²⁸Em muitas obras que tratam do kabuverdianu, a exemplo de Rodrigues (2007), não se faz uma diferença entre os termos *mandinga* e *mandinca*, sendo mais comum a forma *mandinga*. Contudo, segundo Petter (2015: 58), o mandinca é uma das línguas mais faladas da variedade mandinga, que faz parte da família mandê.

Farim (no interior) e Zinguichor (em Casamança), e a chegada de cabo-verdianos era uma realidade em vários locais da costa da Alta Guiné. Essas migrações maciças — por vezes relacionadas à cristianização e favorecidas, segundo Jacobs (2010: 309-313), por constantes episódios de fome e pela adaptação dos cabo-verdianos às condições climáticas e epidemias do continente — permitiram que os cabo-verdianos participassem da fundação (e povoamento) de quase todas as comunidades comerciais importantes da região da Guiné a partir do século XVI (JACOBS, 2010: 309), o que certamente teria impactos no âmbito linguístico.

No plano linguístico, Jacobs (2010: 316-328) inicialmente discute a presença de itens lexicais provenientes do mandinca (do grupo mandê) e do wolof (do grupo atlântico) no vocabulário compartilhado entre o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança. No que diz respeito especificamente ao wolof, essa é a segunda língua de substrato a fornecer mais vocábulos para os crioulos portugueses da Alta Guiné (ficando atrás apenas do mandinca) e os vocábulos desse étimo são relativamente numerosos e antigos, pertencendo ao vocabulário básico da língua. Segundo o autor, considerando que, na região da Guiné, no período de formação dos crioulos, não existiam comunidades falantes de wolof — sendo os pequenos grupos atuais resultado de migração posterior — e que vocábulos provenientes dessa língua não podem ser atribuídos às influências de intérpretes e/ou mercadores ou de relatos de viajantes, a presença de palavras de étimo wolof no protocrioulo da Alta Guiné seria evidência de seu surgimento na ilha de Santiago (onde falantes dessa língua se fizeram presentes). Ademais, contra a hipótese continental, encontra-se ainda o fato de, no léxico compartilhado entre o kabuverdianu e o kriyol, não haver itens provenientes de línguas difundidas na região da Guiné Bissau (antes como substrato; atualmente como adstrato), a exemplo do *balanta* e do *papel* (JACOBS, 2010: 318-325). Além da discussão sobre o wolof, Jacobs (2010: 330-334) menciona ainda alguns traços do português dos séculos XV e XVI que aparecem nos crioulos portugueses da Alta Guiné, como se observa no vocábulos: (i) PT dos séculos XV e XVI *coma* > KV *kuma* ~ *ma* / KG *kuma* ‘como’; (ii) PT dos séculos XV e XVI *assi coma* > KV *sima* / KG *suma* ‘como, se’. A ocorrência de elementos do português dos séculos XV e XVI seria mais uma evidência para o nascimento do crioulo em

Santiago, uma vez que a criouliização só poderia ter ocorrido no continente a partir de 1589 (ano da fundação do forte em Cacheu, instaurando-se as condições necessárias para a formação de um crioulo), período em que a variedade de português dos séculos XV e XVI já estava caindo em desuso.

A breve discussão das hipóteses mostra que, para definir como se deu o surgimento do kabuverdianu, é necessário levar em consideração diversos fatores (tanto de ordem linguística quanto histórica). Nesta tese, será assumida a hipótese de Jacobs (2010).

3.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram apresentadas algumas características físicas e demográficas de Curaçao e de Cabo Verde e as línguas analisadas nesta tese: o papiamentu (Curaçao) e o kabuverdianu (Cabo Verde). Inicialmente, foi feita uma breve caracterização de Curaçao, enfocando sua história como colônia holandesa a partir de 1634 e seu papel como importante entreposto de escravos, fornecendo cativos para quase toda a região da América Central e do Caribe. Ademais, foram discutidos os segmentos formadores da sociedade curaçolense: nos primeiros anos, a população da ilha era formada basicamente por holandeses, escravos africanos e judeus sefarditas, recebendo, com o passar do tempo, povos de outras nacionalidades. Esses diferentes segmentos foram importantes para a configuração do papiamentu, exercendo influências em maior ou menor grau. Sendo formado por diversos povos, Curaçao se constitui como uma comunidade multilíngue, assunto que também foi discutido. Na seção 3.1.1, alguns aspectos da comunidade sefardita, como seu surgimento, demografia e importância histórica, econômica e política, também foram destacados. Por fim, considerando a ligação entre demografia e crioulogênese, a seção 3.1.2 apresentou dados demográficos de Curaçao dos séculos XVII, XVIII e XIX, que ajudam a compreender a relação entre as proporções de cada segmento da sociedade e sua atuação diferenciada na gênese e no desenvolvimento do papiamentu.

A seção 3.2 apresentou algumas características gerais do papiamentu, como seu estatuto dentro da comunidade: é língua oficial de Curaçao, juntamente com o holandês, e possui prestígio entre os falantes, estando presente na mídia, na cultura e na escolarização. Essa seção mencionou ainda os primeiros registros do papiamentu, sendo sua primeira menção datada de 1747, e discutiu a origem do nome da língua.

Na seção 3.3, o foco recaiu sobre o arquipélago de Cabo Verde, tratando de seu passado colonial, iniciado em 1460 com o povoamento da ilha de Santiago, e seu papel como entreposto comercial estratégico nas rotas de navegação do tráfico escravocrata. O processo de formação da sociedade cabo-verdiana também foi discutido, apontando-se a presença sobretudo dos seguintes segmentos: europeus, escravos africanos, judeus sefarditas e mestiços.

A seção 3.4, por seu turno, tratou de alguns aspectos gerais do kabuverdianu. Inicialmente, foram apontadas as variedades linguísticas dialetais, sendo o dialeto de Santiago de maior interesse, já que ele influenciou a formação do papiamentu. O estatuto do kabuverdianu também foi objeto de discussão: a despeito de o crioulo ser a língua materna de grande parte da população cabo-verdiana, a língua oficial do arquipélago é o português, o que ilustra uma situação de diglossia. Por fim, as hipóteses que tratam da gênese do kabuverdianu foram brevemente discutidas. Dentre as diversas hipóteses existentes (a da língua de reconhecimento, a continental ou guineense, a insular ou cabo-verdiana e a ambígua), nesta tese, considera-se, junto com Jacobs (2010), que o protocrioulo português da Alta da Guiné (que se ramificou no kabuverdianu e no kriol de Guiné Bissau e Casamansa) surgiu em Santiago aproximadamente no fim do século XV; posteriormente, essa língua foi levada para Cacheu, de onde se difundiu para outras regiões.

Capítulo 4

HIPÓTESES SOBRE A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO PAPIAMENTU

Este capítulo discute as hipóteses sobre a gênese e o desenvolvimento do papiamentu, visto que o principal objetivo desta tese é discutir qual (ou quais) dessas hipóteses conta(m) com os melhores argumentos ou fatos evidenciáveis. Muitas dessas hipóteses apareceram em contextos de artigos e livros, mas nem sempre foram desenvolvidas seguindo métodos científicos. Em alguns casos, as hipóteses são apenas ideias que os autores mencionam brevemente (sem desenvolvê-las com mais detalhes) no âmbito do próprio trabalho e, por várias razões, acabam sendo citadas e repetidas na literatura como se fossem hipóteses confirmadas. É o caso, por exemplo, de Lenz (1928), que, embora defenda a hipótese de que o papiamentu teria se originado a partir de um crioulo de base portuguesa falado por escravos africanos, não discute explicitamente evidências que sustentem seu ponto de vista.

Inicialmente, são apresentadas, em linhas gerais, as principais hipóteses que tratam da gênese e do desenvolvimento do papiamentu, passando-se, nas seções seguintes, à discussão de cada uma delas, com seus pontos positivos e negativos.

Quanto ao processo de gênese e de desenvolvimento do papiamentu, não há consenso entre os estudiosos, havendo, pelo menos, quatro hipóteses diferentes. Maduro (1965, 1966a, 1966b, 1966c) e Munteanu (1996) defendem que o papiamentu seria um crioulo de base espanhola, cujos elementos do português foram introduzidos mais tarde pelas comunidades de judeus sefarditas e seus escravos. Essa atribuição de uma origem espanhola para o papiamentu pode ser desdobrada em ‘sub-hipóteses’. Martinus (1996: 12) aponta duas diferentes posições. Segundo o italiano

Emilio Teza (1864 *apud* MARTINUS, 1996: 12), o papiamentu seria uma vertente ‘corrompida’ do espanhol sem nenhuma conexão com línguas faladas na África, havendo ainda algumas palavras derivadas do holandês. Já a segunda corrente, que tem Maduro (1966a, 1966b, 1966c) e Rona (1970) como defensores, considera que o papiamentu seria originário de um pidgin ou crioulo afro-espanhol, admitindo, assim, uma influência africana. Tal postura advoga que o léxico do papiamentu é espanhol, e não português, e que sua gramática é africana, e não portuguesa (RONA, 1970: 8).

Lenz (1928) e Martinus (1996), por outro lado, advogam que o papiamentu seria a relexificação de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos levados da África para Curaçao. Após a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos ter conquistado Curaçao em 1634, essa ilha passou a servir como entreposto de escravos para outras colônias do Caribe e do continente americano (o tráfico negreiro durou de 1650 a 1778), recebendo dezenas de milhares de africanos, principalmente da Alta Guiné e da região do Congo e Angola. Esses cativos aprendiam um *crioulo afroportuguês* (ênfase nossa), segundo Martinus (1996: 15), durante o tempo em que ficavam confinados nos depósitos de escravos ou nos engenhos de açúcar na África antes de partirem para os seus destinos no Caribe ou nas Américas. Essa hipótese (que possui diversas versões) estaria ligada à corrente monogenética — defendida por alguns autores e discutida por Holm (2000: 44-49) —, a qual considera que:

[...] muitos dos pidgins e crioulos do mundo poderiam ser relacionados a uma origem comum, o pidgin de base portuguesa que surgiu no século xv na África, talvez a partir da Língua Franca, e foi por fim relexicalizado (ou traduzido palavra por palavra) nos pidgins de outras bases lexicais europeias que resultaram nos crioulos modernos¹. (HOLM, 2000: 46, tradução nossa)

Um argumento apontado em defesa dessa origem comum são as semelhanças

¹Citação original: “[...] many of the world’s pidgins and creoles could be traced to a common origin, the Portuguese-based pidgin that arose in the fifteenth century in Africa, perhaps from the Lingua Franca, and that was eventually relexified (or translated word for word) into the pidgins of other European lexical bases that gave rise to the modern creoles.”

existentes entre o papiamentu e outras línguas crioulas, como o kriyol de Guiné Bis-sau e Casamança, o kabuverdianu, o palenquero e o saramaccan (MADURO, 1987a, 1987b; MARTINUS, 1996: 12-15)². Associada a essa hipótese, sendo a sua primeira formalização concreta, está a ideia de Naro (1978) de que o papiamentu tem sua origem em um pidgin luso-africano, cujas raízes remontam a uma ‘reconnaissance language’ (língua de reconhecimento) adotada pelos africanos como forma de se comunicar com outros africanos dentro do território português³. Em linhas gerais, em sua proposta, Naro (1978: 315-320) defende que, nos primeiros anos do século XVI, alguma forma de português tinha se difundido na costa ocidental da África e era usada para contatos linguísticos entre portugueses e nativos. Esse dialeto (oriundo do contato do português com línguas africanas) não surgiu em territórios africanos, mas em Lisboa a partir de uma política do Príncipe Henrique instituída em 1435 (e colocada em prática em 1440) de treinar africanos para atuar como guias e intérpretes. O processo era feito da seguinte forma: os africanos eram capturados e levados para Portugal a fim de aprender formalmente a língua portuguesa. Depois da instrução (conforme mencionado na seção 3.4.1 do capítulo 3), viajavam com os portugueses a fim de auxiliar nos contatos comerciais com os nativos, já que conheciam as línguas dos dois grupos. No âmbito linguístico, os intérpretes africanos contribuíram para estabelecer e difundir a forma de português falada por eles na costa africana. Essa variedade era chamada de língua de reconhecimento e, para os portugueses, tinha o propósito de facilitar a compreensão linguística, podendo ser usada sempre que necessário por pessoas de qualquer estrato social ou nacionalidade (NARO, 1978: 326). Dois grandes grupos principais (europeus e africanos) falavam essa variedade, que se diferenciava do português padrão, apresentando muitos do

²Essas similaridades podem ser vistas de outra forma, sem considerar uma origem comum. Para Schuchardt (1980 [1914] *apud* HOLM, 2000: 32), por exemplo, as similaridades entre os crioulos atlânticos de todas as bases provêm não de um ancestral comum, mas de seus desenvolvimentos paralelos.

³Mais informações sobre a variedade usada pelos africanos, a chamada *Língua de Preto*, aparecem na seção 3.4.1 do capítulo 3.

traços mais básicos e característicos dos pidgins (NARO, 1978: 326-327). Em síntese, acerca da formação e difusão da língua de reconhecimento, Naro (1978: 334, grifos do autor, tradução nossa) conclui que:

[...] o pidgin português, mais tarde extensivamente usado por toda a África Ocidental, teve sua origem NA EUROPA, não na África, começando nos anos 1440 com o treinamento oficialmente instituído de tradutores. Suas peculiaridades estruturais básicas resultaram principalmente de modificações conscientes efetuadas pelos portugueses em sua fala. Fazendo essas mudanças, os portugueses podem muito bem ter sido influenciados pelo sabir oriental prévio; mas, de qualquer modo, princípios comportamentais do tipo dado diretamente acima [como o princípio de fatoração] parecem mais capacitados a explicar suas origens finais. Em um tempo muito curto, os africanos que falavam a língua de reconhecimento resultante começaram a aparecer na literatura popular, e suas peculiaridades se tornaram um código adquirido para a população em geral. Nós podemos especular que, com essa feição, ele foi exportado para a região da Guiné por lançados portugueses, provavelmente por volta do primeiro quarto do século XVI⁴.

No que diz respeito a explicar a formação do papiamentu com base na proposta de Naro (1978), considera-se que, embora seja possível afirmar que algo parecido com um código de comunicação precário de fato existiu em Lisboa no século XV, é pouco provável que ele tenha se tornado uma língua crioula e tampouco sido transplantado para as colônias atlânticas de Portugal (ARAUJO, 2011: 14-15)⁵.

Já de acordo com Jacobs (2009a, 2009b, 2012a), o papiamentu teria origem no crioulo falado na ilha de Santiago, situada no arquipélago de Cabo Verde, sendo mais tarde transplantado, juntamente com seus falantes, para Curaçao. Considerando tal

⁴Citação original: “[...] Portuguese pidgin, later extensively used throughout West Africa, had its origin IN EUROPE, not in Africa, beginning in the 1440’s with the officially instituted training of translators. Its basic structural peculiarities resulted primarily from conscious modifications of their speech by the Portuguese. In making these modifications, the Portuguese may well have been influenced by the earlier Eastern Sabir; but in any event, behavioral principles of the sort given directly above seem best able to account for their ultimate origins. In a very short time, Africans who spoke the resultant reconnaissance language began to appear in the popular literature, and its peculiarities became an acquired code for the populace in general. We may speculate that in this guise, it was exported to the Guiné region by the Portuguese lançados, probably around the first quarter of the 16th century.”

⁵Outros pontos contrários à hipótese de Naro (1978) são discutidos na seção 3.4.1 do capítulo 3.

hipótese, o kabuverdianu e outras línguas da Guiné podem ser vistos como fontes prováveis para o papiamentu. Desse modo, faz-se necessário comparar o léxico do papiamentu com o dessas línguas e observar o padrão de mudanças na Alta Guiné e no Golfo da Guiné, cotejando-o com o papiamentu.

Por fim, Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999) defendem que o papiamentu seria um crioulo de base portuguesa, originado de um ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos. Com a retomada de Recife pelos portugueses (Pernambuco ficou sob domínio holandês durante 24 anos, entre 1630 e 1654), os holandeses e os judeus que lá viviam foram expulsos. Além disso, já no século XVI, se mantém a dispersão judaica ao redor do mundo. Assim, em virtude desses dois fatores e sendo os holandeses mais tolerantes do que os portugueses e espanhóis⁶, muitos judeus que viviam na Península Ibérica e posteriormente em Amsterdã e também no estado brasileiro de Pernambuco decidiram migrar (junto com seus escravos) para Curaçao (chegando lá a partir de 1651) e, assim, levaram a sua língua para essa região.

De qualquer forma, ainda que a origem do papiamentu seja controversa, existe um ponto convergente entre as hipóteses: a certeza da base ibero-românica do papiamentu⁷, muito embora haja atualmente empréstimos sobretudo do holandês, não só pelo fato de essa ser a língua da metrópole e posteriormente do país mais poderoso política e economicamente no Reino dos Países Baixos, mas também em virtude da constante presença de holandeses nas ilhas; e do inglês, pelo seu papel na indústria do turismo a partir da segunda metade do século XX, além de sua posição de língua internacional.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 4.1, encontra-se a

⁶Segundo Emmanuel & Emmanuel (1970: 99), quase dois séculos antes da Revolução Francesa, a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos era o único país cristão em que os judeus gozavam de alguns privilégios e uma certa igualdade de direitos (mesmo que parcial). Para os autores, três razões explicariam esse comportamento dos holandeses: (i) os judeus portugueses possuíam ações na Companhia da Índias Ocidentais e Orientais Holandesa, sobretudo na segunda Companhia das Índias Ocidentais; (ii) tanto os judeus quanto os holandeses sofreram perseguições por suas crenças religiosas; (iii) tendo conhecido os marranos (judeus convertidos ao catolicismo à força) anteriormente, os holandeses estimavam os judeus, vendo-os como um segmento devoto e prestativo.

⁷As justificativas para o uso desse termo aparecem no capítulo 1.

discussão da hipótese do crioulo espanhol. A seção 4.2 discute a hipótese do crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos. Em seguida, a seção 4.3 apresenta a hipótese do desenvolvimento a partir do kabuverdianu de Santiago. Por fim, na seção 4.4, é discutida a hipótese do ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e de seus escravos.

4.1 CRIOULO ESPANHOL

As hipóteses que sugerem uma origem espanhola para o papiamentu têm como seus principais defensores Maduro (1965, 1966a, 1966b, 1966c), Rona (1970), Ferrol (1982) e Munteanu (1996). Uma das evidências apontadas pelos autores para advogar uma origem espanhola para o papiamentu seria o caráter hispanicizado de seu léxico. Outro aspecto geralmente mencionado para fortalecer essa hipótese são os registros de que havia constantes serviços de missionários religiosos hispanofalantes em Curaçao desde meados do século XVII (ARAUJO, 2011: 9-11; JACOBS, 2012a: 21, 334-335). Talvez essa presença do espanhol na ilha seja ainda mais antiga, uma vez que Araujo (2011: 9) aponta que, em 1531, mais de cem anos antes da ocupação holandesa, missionários espanhóis haviam fundado uma diocese próxima das ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, a qual foi transferida para Caracas em 1638.

A despeito de algumas pequenas nuances diferentes, as hipóteses que advogam uma base espanhola compartilham a premissa de que o papiamentu se formou a partir da criouliização do espanhol em uma região do Caribe, possivelmente em Curaçao e Aruba. Para essa corrente, o papiamentu não seria uma língua importada originária de um protocrioulo português trazido da África Ocidental pelos escravos, mas uma língua autóctone, formada no próprio Caribe com base no espanhol falado desde os primórdios da ocupação espanhola (RONA, 1970: 2, 8). De acordo com Ferrol (1982: 85), os (reduzidos) elementos portugueses encontrados no papiamentu poderiam ser atribuídos à influência dos judeus sefarditas (e seus escravos), que começam a chegar a Curaçao a partir de 1651. A assunção de que o papiamentu

seria um descendente direto do espanhol se apoia em dois pressupostos. Em primeiro lugar, atribui-se um importante papel aos indígenas na formação do papiamentu. Eles teriam fornecido a base sobre a qual o papiamentu se desenvolveu, uma vez que, juntamente com os colonizadores espanhóis, eram falantes de alguma forma de espanhol (provavelmente um pidgin ou um crioulo), herdada dos primeiros contatos com os hispânicos⁸. Considerando essa participação dos indígenas, os defensores de uma origem espanhola se opõem à ideia de que, após a tomada de Curaçao pelos holandeses em 1634, o elemento indígena era diminuto na ilha e, por conseguinte, não participou ativamente da configuração linguística do papiamentu. Van Buurt (2009: 57-59) afirma que, apesar de os registros apontarem que, com a conquista holandesa, todos os espanhóis e a maior parte dos indígenas foram deportados para a costa venezuelana, isso não significa o fim categórico da presença indígena em Curaçao. Segundo o autor, embora o número de índios caquetíos tenha diminuído na ilha, eles não foram totalmente banidos, com a permanência de alguns povoamentos. Assim, não se pode desconsiderar o contato entre os índios e outros segmentos sociais (como colonizadores europeus e escravos) e inclusive a influência indígena na formação do papiamentu. Jacobs (2012d: 2) também afirma que alguns índios continuaram a viver em Curaçao depois da conquista holandesa. Fouse (2002: 126) — com base em Brada (1951: 9) — menciona que, contrário à política inicial de enviar os indígenas curaçolenhos para a ilha de Hispaniola, a partir de 1520, Juan de Ampués, então governador de Curaçao, permitiu o retorno dos índios para a ilha caribenha. Munteanu (1996: 85) também defende a presença do elemento indígena em Curaçao mesmo após a ocupação holandesa, afirmando que a não menção a esse segmento em documentos de fins do século XVII não quer dizer necessariamente que ele não existia mais na ilha; já Grant (2008b: 88) aponta que a permanência de índios depois da ocupação holandesa seria justificada pelos seus conhecimentos sobre a criação de gado, aspecto valorizado pelos colonizadores⁹. Esse posicionamento dos

⁸Segundo Domingos (1974: 6), durante a ocupação espanhola, os indígenas que viviam em Curaçao falavam caquetío (língua da família arauaque); já em 1634, os holandeses que chegaram à ilha caribenha encontraram índios falantes de espanhol.

⁹Acerca da presença do elemento indígena em Curaçao, Maurer (1998: 186) menciona que os índios que viviam em Curaçao depois da conquista holandesa não eram necessariamente

defensores da base espanhola do papiamentu se coaduna àquele adotado por Luna & Faracías (2012: 88, tradução nossa) com relação à participação do elemento indígena na formação das línguas crioulas:

A evidência histórica contradiz premissas comumente defendidas sobre o extermínio das populações indígenas durante os cem primeiros anos de colonização, sobre a ausência de contato entre as populações indígenas e aquelas de descendência europeia e africana, sobre o total isolamento e marginalização dos povos indígenas, bem como sobre sua ausência de resistência à invasão. Contrário aos discursos predominantes entre os crioulistas, os povos indígenas não estavam apenas presentes em ‘ilhas críticas’ em ‘períodos críticos’, mas também tinham contato extensivo e íntimo tanto com as populações de origem africana quanto europeia¹⁰.

Além do papel desempenhado pelos indígenas, outro ponto basilar para as hipóteses defensoras da origem espanhola é o de que o espanhol era falado em Curaçao desde 1499 quando os espanhóis chegaram à ilha. Mesmo com o início da colonização holandesa, o uso do espanhol perdurou na ilha (com maior ou menor intensidade) entre os diversos segmentos, o que permitiu que a língua hispânica influenciasse o papiamentu desde os seus primórdios (RONA, 1970: 2; FERROL, 1982: 24, 85). Segundo Munteanu (1996: 86-87, 225), alguns fatos podem ser destacados como prova dessa presença do espanhol no período de formação do papiamentu e da não interrupção no seu uso no decorrer do tempo, tais como: (i) os casamentos entre pessoas pertencentes a diferentes grupos, como protestantes e católicos (libertos ou sul-americanos); (ii) as relações comerciais e culturais mantidas entre Curaçao e os países hispanofalantes circunvizinhos desde o período do comércio escravo; (iii) o trabalho de evangelização realizado pelos missionários católicos espanhóis; (iv) a presença no papiamentu de traços linguísticos característicos do espanhol que não

os mesmos que lá estavam quando os espanhóis chegaram. Segundo o autor, esses indígenas pós-1634 possivelmente pertenciam a etnias que guerreavam com os espanhóis.

¹⁰Citação original: “Historical evidence contradicts commonly held assumptions about the extermination of Indigenous populations within the first hundred years of colonization, about the lack of contact between Indigenous populations and populations of European descent and African descent, about the total isolation and marginalization of Indigenous populations, as well as about their lack of resistance to invasion. Contrary to prevailing discourses among creolists, Indigenous peoples were not only present on ‘critical islands’ at ‘critical periods’ but also had extensive and intimate contact with both African descended and European descended populations.”

podem ser explicados por uma re-hispanicização posterior, isto é, pela influência do espanhol falado no continente americano, sobretudo na Venezuela e na Colômbia; (v) a existência de pares de palavras sinônimas, sendo um dos membros proveniente do espanhol e o outro do holandês.

Dentro dos estudos sobre o papiamentu, em geral, as hipóteses que advogam uma origem espanhola são pouco aceitas por carecer de embasamento histórico e demográfico. Araujo (2011: 17) aponta que alguns autores — a exemplo de McWhorter (1995) — rechaçam tais hipóteses por considerarem que, em virtude de estarem limitados pelo Tratado de Tordesilhas, os espanhóis não criaram condições sócio-históricas para o surgimento de línguas crioulas no Atlântico ibérico. De acordo com McWhorter (1995: 227-228), a partir de uma perspectiva sócio-histórica e comparativa, é possível concluir que os supostos crioulos espanhóis (o papiamentu de Curaçao, Aruba e Bonaire, o crioulo espanhol das Filipinas e o palenquero da Colômbia) na verdade têm sua origem relacionada a um crioulo de base portuguesa, que mais tarde foi relexificado em direção ao espanhol. No caso específico do papiamentu, o autor aponta alguns aspectos que sustentam essa afirmação: (i) o espanhol só passou a fazer parte da sociedade curaçolenha (após os anos iniciais de ocupação) num período posterior à formação do papiamentu, quando judeus falantes de espanhol migraram da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos para a ilha caribenha e se tornaram a maior parte da população branca; (ii) os itens de étimo português fazem parte do vocabulário básico do papiamentu. Em uma perspectiva mais geral, McWhorter (1995: 237-240) apresenta três razões para o não desenvolvimento de crioulos de base espanhola na região atlântica. Em primeiro lugar, as colônias espanholas inicialmente se dedicavam a cultivos que envolviam uma pequena quantidade de mão-de-obra, passando ao regime açucareiro de larga escala apenas a partir do século XIX. Nessas colônias com baixo número de escravos, a língua-alvo (do colonizador) estava mais acessível para a população dominada, que difundiria esse modelo linguístico para os escravos recém-chegados. Além disso, a hegemonia anterior do português em regiões posteriormente ocupadas pelos espanhóis (como as Filipinas e a Colômbia) impediram a pidginização do espanhol; o que ocorreu foi a relexificação gradual pelo espanhol de um crioulo inicial de base

portuguesa. Tal processo foi facilitado pelas grandes similaridades (decorrentes da proximidade genética) existentes entre as duas línguas ibero-românicas. Por fim, os espanhóis não estabeleceram entrepostos na costa ocidental africana, o que não permitiu o surgimento de um pidgin de base espanhola (para fins comerciais), que poderia ser mais tarde levado para as colônias por meio dos escravos. Esse cenário se deu em virtude das condições econômicas mais escassas da Espanha (em comparação com outras metrópoles), de sua política financeira isolacionista e da baixa demanda por mão-de-obra escrava (sobretudo para suas colônias). Segundo McWhorter (1995: 238), dentre esses três aspectos, a causa principal da ausência de crioulos de base espanhola estaria no desinteresse por parte da metrópole em desenvolver um sistema de produção agrícola em larga escala em suas colônias. A argumentação do autor pode ser resumida da seguinte maneira:

Em síntese, o desinteresse espanhol em estabelecer economias de *plantation* de larga escala atrasou a expansão da produção de açúcar em suas colônias, eliminou o ímpeto para estabelecer um comércio de escravos privado na África e encorajou encontros em territórios onde outros poderes tinham estabelecido hegemonia linguística sobre populações subordinadas antes da chegada dos espanhóis. Como resultado, nenhum pidgin de base puramente espanhola resistiu em qualquer lugar no globo¹¹. (MCWHORTER, 1995: 239, tradução nossa)

Segundo McWhorter (1995: 239-240), seu posicionamento teria o mérito de conseguir explicar a ausência dos crioulos de base espanhola sem precisar supor que os colonizadores espanhóis eram mais dóceis no tratamento dos povos conquistados (beirando a igualdade) ou que outrora houve um crioulo de base espanhola profundamente difundido nas colônias e posteriormente extinto.

Acerca da não existência de crioulos de base espanhola na América Latina, Mufwene (2001: 63) adota um argumento similar ao de McWhorter (1995) e aponta que, de acordo com Chaudenson (1992), esse cenário poderia ser explicado pelas

¹¹Citação original: “In summary, the Spanish disinterest in establishing large-scale plantation economies delayed the expansion of sugar production in its colonies, eliminated the impetus to establish a private slave trade in Africa, and encouraged encounters in territories where other powers had established linguistic hegemony over subordinated populations before their arrival. As a result, no purely Spanish-based pidgin has endured anywhere on the globe.”

diferenças de duração da fase das sociedades de propriedade (*homestead societies*). Durante essa fase inicial, que precede o sistema de *plantation*, o número de escravos africanos era pequeno, sendo suplantado, no decorrer dos anos, por escravos nascidos na colônia. Uma vez que, nas colônias espanholas da América Latina, a fase das sociedades de propriedade durou bastante tempo (o que se refletiu em um número maior de escravos nativos, sendo diminuta a influência dos africanos recém-chegados na configuração de uma nova língua) e, durante esse período, os missionários espanhóis se dedicavam majoritariamente à cristianização dos escravos e ao ensino do espanhol, a reestruturação dessa língua ibérica não ocorreu vinculada a critérios raciais, não permitindo a configuração de uma língua crioula.

Além desse aspecto mais geral, há ainda outros pontos discutíveis nas hipóteses que advogam uma base espanhola para o papiamentu. Primeiramente, pode-se apontar que, embora os espanhóis tenham chegado a Curaçao em 1499, ocupando-a de fato entre os anos de 1521 e 1634, eles nunca se empenharam realmente em colonizar e desenvolver a ilha, já que a consideravam inútil em virtude da ausência de metais preciosos. Assim sendo, o número de espanhóis na ilha era ínfimo para que sua língua pudesse servir de modelo para a formação do papiamentu. Quando os holandeses chegaram em 1634, poucos espanhóis estavam em Curaçao; eles tiveram que sair da ilha (muitos, voluntariamente) e deixaram para trás somente cerca de 75 indígenas (MARTINUS, 1996: 3-4). Segundo Jacobs (2012a: 25, 28-29), o fato de os espanhóis terem deixado Curaçao quando os holandeses ocuparam a ilha mostra que é improvável que tenha havido uma continuidade linguística entre o período anterior e posterior a 1634, como considerado pelas hipóteses que sugerem uma origem espanhola. Munteanu (1996: 118, 130), por exemplo, afirma que, quando os holandeses ocuparam Curaçao, o uso do espanhol não cessou completamente (pelo menos parte da população indígena que permaneceu na ilha falava algum tipo de espanhol) e, assim, essa língua pôde influenciar o papiamentu desde seus primórdios. Grant (2008b: 88) também advoga que a colonização holandesa não significou uma ruptura com o espanhol; para ele, os índios falavam uma forma de espanhol reestruturado ou um espanhol aprendido como segunda língua, que se difundiu na ilha nos anos subsequentes. Dados históricos mostram que os holandeses

não permitiram tal continuidade: não só os poucos espanhóis, como também a maior parte dos indígenas foram deportados para o continente americano, sobretudo para a costa da Venezuela (restando na ilha, conforme mencionado, apenas cerca de 75 deles). Não há registro de contato entre essa pequena parcela de indígenas e os novos habitantes da ilha e mesmo que tal contato tenha ocorrido, o número de arauacanos (indígenas que viviam em Curaçao quando os holandeses chegaram) era muito pequeno para que pudesse influenciar a formação do papiamentu por meio da transferência de um pidgin indígena-espanhol (supostamente a base da qual o papiamentu teria derivado) para os holandeses, que, mais tarde, seria passado por eles para seus escravos — Birmingham (1970: 135) também apresenta esse argumento. Ademais, não há evidência de que os espanhóis e os índios arauacanos falavam um pidgin ou crioulo de base espanhola, nem que os arauacanos falavam uma forma de espanhol dos séculos XV e XVI (JACOBS, 2009b: 15). No âmbito linguístico, Quint (2000b: 184-185) aponta um argumento contra essa continuidade linguística, a saber, o comportamento do fonema /f/, que apresenta um percurso evolutivo bastante diferente do espanhol, aproximando-se do caminho seguido pelo português.

Jacobs (2012a: 334-335) discute ainda a questão dos serviços de missionários religiosos falantes de espanhol em Curaçao, fato muitas vezes considerado pelos defensores de uma origem espanhola como prova de que havia uma variedade de espanhol na ilha que poderia ter servido como base para a formação do papiamentu. Para o autor, apesar de haver registros de que realmente padres católicos provenientes da Venezuela foram para Curaçao no fim do século XVII com o objetivo de cristianizar escravos, as relações entre esses padres falantes de espanhol e os escravos curaçolenhos em períodos mais antigos não estão documentadas detalhadamente. Assim, não seria possível garantir uma grande influência do espanhol das missões religiosas nos alicerces do papiamentu, podendo-se presumir, contudo, que essas missões foram importantes num período posterior à formação da língua, contribuindo para seu processo de relexificação e subsequente caráter hispanicizado. Ademais, caso o espanhol tivesse um papel na configuração inicial do papiamentu,

isso teria sido documentado pelos espanhóis, pois o clero certamente faria gramáticas e dicionários para ensinar a língua que estava se formando. Para Araujo (2011: 206-208, 220-221), o espanhol foi importante pelo menos no final do século XVIII e começo do XIX. Nessa época, muitos padres católicos holandeses empregavam uma ortografia hispanicizante, o que revela que o espanhol tinha alguma influência em Curaçao. Sobre a questão de o espanhol servir como modelo para a formação do papiamentu, Martinus (1996: 30, tradução nossa) também se mostra descrente, já que

[...] é muito difícil descobrir um *input* fonte para o espanhol nas Antilhas Holandesas durante o período da ocupação espanhola: pouquíssimos espanhóis habitavam as ilhas durante esse período que nem mesmo um pidgin espanhol-indígena pode ser hipotetizado, quanto menos um do qual todo o reino castelhano participava¹².

Outro ponto problemático, mencionado por Martinus (1996: 19, 22), é que as hipóteses que defendem uma base espanhola para o papiamentu não têm um modelo explícito de aquisição da linguagem. O autor aponta que Emilio Teza (1864 *apud* MARTINUS, 1996: 19), por exemplo, afirma apenas que a fonte principal para a aquisição da linguagem era o ambiente das casas-grandes dos donos de escravos, de onde sairia o modelo de língua a ser aprendido pelos cativos. Esse cenário pressupõe uma certa frequência de uso do espanhol, com os escravos tendo acesso a essa língua-alvo, o que é bastante improvável (considerando que não houve continuidade no uso do espanhol após a ocupação holandesa). Em Rona (1971 *apud* MARTINUS, 1996: 22), por seu turno, também não fica claro de quem os habitantes de Curaçao aprenderam o espanhol, nem como se deu tal aprendizado: não fica definido se o léxico espanhol gradualmente foi começando a fazer parte da gramática das línguas africanas ou se a gramática dessas línguas foi aos poucos sendo incorporada ao espanhol falado como segunda língua pelos escravos. O autor também desconsidera a heterogeneidade linguística presente no segmento escravo. Ademais, não se sabe

¹²Citação original: “[...] it is very difficult to discover an input source for Spanish in the Netherlands Antilles in the Spanish period: So few Spaniards inhabited the islands during that time that not even a Spanish-Indian pidgin can be hypothesized, let alone one in which the whole Castillian kingdom took part.”

quem eram esses aprendizes de espanhol como segunda língua, já que havia poucos (praticamente nenhum) escravos em Curaçao quando a ilha esteve sob o domínio espanhol e os indígenas foram expulsos em massa quando os espanhóis chegaram (sendo enviados para a ilha Hispaniola), havendo, assim, poucos índios quando, em 1634, os holandeses tomaram a ilha *de facto*. O próprio Rona (1970: 8, tradução nossa) deixa claro que não vai discutir questões relacionadas ao aprendizado:

Em uma palavra, entendemos por papiamentu uma língua criada mediante a aplicação da gramática africana da costa da Guiné a um léxico espanhol do Caribe. Não é necessário decidir o que aconteceu primeiro, se o léxico penetrou paulatinamente na língua dos africanos, ou se a gramática africana penetrou paulatinamente no espanhol que os africanos intentavam falar. A questão é bizantina, já que, em nossa opinião, o papiamentu não é nem uma coisa, nem outra, senão algo completamente antilhano, confluência de ambas as coisas¹³.

No âmbito linguístico, Jacobs (2012a: 27-28) questiona como as hipóteses que sugerem uma origem espanhola explicam o fato de os elementos de procedência portuguesa estarem presentes nos estratos mais profundos do vocabulário básico do papiamentu. Conforme se verá na seção 4.3.1, há uma predominância de palavras funcionais derivadas do português no papiamentu. Elas pertencem às camadas mais conservadoras da gramática da língua, sendo mais estáveis que os itens pertencentes ao léxico, e, assim, menos suscetíveis a sofrerem mudanças no decorrer do tempo e serem substituídas (THOMASON & KAUFMANN, 1988: 14; MATRAS, 2009: 153-165). Se o papiamentu fosse um crioulo de base espanhola, o cenário seria outro: no âmbito das palavras gramaticais, haveria mais itens de origem espanhola. Assim sendo, para Jacobs (2012a: 319-327), o caráter mais hispanicizado do papiamentu moderno se deveria não a uma origem espanhola, mas a um maciço processo de relexificação ocorrido aproximadamente entre meados do século XVII e o XVIII. Para

¹³Citação original: “En una palabra, entendemos por papiamento una lengua creada mediante la aplicación de la gramática africana de la costa de Guinea, a un léxico español del Caribe. No es necesario decidir cuál fue primero, si el léxico penetró paulatinamente en la lengua de los africanos, o si la gramática africana penetró paulatinamente en el español que los africanos intentaban hablar. La cuestión es bizantina, ya que, a nuestro juicio, el papiamento no es ni una cosa, ni otra, sino algo completamente antillano, confluencia de ambas.”

sustentar a assertiva de que o processo ocorrido no papiamentu foi uma relexificação maciça (e não um cenário de empréstimo pesado), Jacobs (2012a: 323) apresenta duas evidências. Em primeiro lugar, o processo de substituição de palavras oriundas do português no papiamentu por itens derivados do espanhol não se restringiu a alguns itens do vocabulário de conteúdo ou certas preposições, advérbios e conjunções pouco usados; ao contrário, ele atingiu palavras do vocábulo básico da língua. Esse cenário aparece nos casos de relexificação, não se verificando, contudo, quando se tem empréstimo lexical (que, geralmente, afeta domínios específicos do vocabulário da língua, podendo não aparecer na comunicação mais geral). Como exemplos, citam-se algumas palavras de uso comum em papiamentu retiradas da lista Swadesh com 100 vocábulos, todas de provável étimo espanhol (exemplos retirados de JACOBS, 2012a: 324):

- (1) a. **hòmber** ‘homem’ (< ESP *hombre*, ≠ PT *homem*);
- b. **muhé** ‘mulher’ (< ESP *mujer*, ≠ PT *mulher*);
- c. **persona** ‘pessoa, ser humano’ (< ESP *persona*, ≠ PT *pessoa*);
- d. **palu** ‘1. árvore, 2. pau, madeira’ (< ESP *palo*, ≠ PT *pau*);
- e. **kueru, piel** ‘pele’ (< ESP *cuero, piel*, ≠ PT *couro, pele*);
- f. **sanger** ‘sangue’ (< ESP *sangre*, ≠ PT *sangue*);
- g. **wesu** ‘osso’ (< ESP *hueso*, ≠ PT *osso*);
- h. **strea** ‘estrela’ (< ESP *estrella*, ≠ PT *estrela*);
- i. **pieda ~ piedra** ‘pedra’ (< ESP *piedra*, ≠ PT *pedra*);
- j. **kayente** ‘quente’ (< ESP *caliente*, ≠ PT *quente*).

Além disso, em papiamentu, a troca por itens de étimo espanhol ocorreu de forma abrupta, aproximadamente em 100 anos, entre 1600 e 1700 (JACOBS, 2012a: 325)¹⁴. Esse caráter rápido, com o processo em geral não durando mais que algumas décadas, caracteriza a relexificação e não o empréstimo, que costuma ocorrer em um

¹⁴Ainda que caracterize o processo de relexificação e o situe temporalmente, Jacobs (2012a: 319-335) não explica de forma clara o que engatilhou essa mudança, nem apresenta evidências de que essas palavras antes eram do português. Assim, é possível considerar que a presença dos sefarditas (e seus escravos) em Curaçao pode ter sido o fator que desencadeou a mudança, uma vez que muitos falavam também espanhol.

intervalo de tempo maior. Apesar de considerar que as mudanças mais antigas do papiamentu em direção ao espanhol são explicadas pelo processo de relexificação, Jacobs (2012a: 326; seguindo HOLM, 1988: 315) salienta que tal posicionamento não implica desconsiderar a ocorrência de casos de empréstimo espanhol em um período pós-formativo. Assim, para ele, as mudanças do papiamentu em direção ao espanhol seriam de dois tipos: (i) relexificação inicial/primeira; (ii) empréstimo regular posterior. Seguindo uma postura similar, Quint (2000b: 185) aponta que o papiamentu trata os empréstimos provenientes do espanhol de forma diferente a depender se eles são antigos ou recentes. Segundo o autor, de forma geral, os itens lexicais que entraram recentemente sofrem menos modificações do que os de introdução antiga. Ademais, é necessário considerar também que à medida que o bilinguismo papiamentu-espanhol aumenta, as pessoas tendem a introduzir na língua caribenha empréstimos espanhóis mais hispanicizados. Esse tratamento diferencial dos empréstimos espanhóis (distinguindo os recentes dos antigos) indica que o papiamentu provavelmente vem tomando palavras emprestadas do espanhol há bastante tempo, havendo um incremento da hispanicização da língua no decorrer dos anos.

Especificamente com relação às obras de Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c), embora se reconheça a importância do seu trabalho por compilar um número considerável de dados sobre o papiamentu e tentar estabelecer um étimo para as palavras, a análise empreendida pelo autor caribenho apresenta alguns pontos discutíveis. Em seu estudo etimológico, Maduro não considera a questão do contato linguístico — aspecto apontado por Viaro (2011: 125) como importante no estabelecimento de étimos e reconstruções mais prováveis e científicas —, buscando, muitas vezes, étimos em línguas que sequer tiveram contato com o papiamentu, como o asteca. Essa postura demonstra que Maduro não distingue os conceitos de *étimo* e *origem*, distinção importante de ser feita (VIARO, 2011: 99-100, 312). Ter uma origem relacionada a uma língua A não significa necessariamente ter um étimo da língua A. Por exemplo, a palavra *sauna* é de origem finlandesa, contudo esse vocábulo entrou no português por intermédio da língua inglesa, e não diretamente do finlandês. Assim, pode-se afirmar que, em português, *sauna* é de origem finlandesa,

mas tem um étimo inglês (VIARO, 2011: 312; exemplo retirado desse autor). Assim sendo, considerando a distinção entre *étimo* e *origem*, no caso de palavras cuja procedência, de acordo com Maduro, está ligada a essas línguas não relacionadas ao papiamentu, como o asteca, é necessário verificar se a palavra existe em português, espanhol, inglês ou holandês, pois a palavra pode ter entrado por intermédio dessas línguas.

Ademais, Maduro argumenta que muitas palavras do papiamentu consideradas como de origem portuguesa podem vir do espanhol de além-mar, do espanhol do século XVI ou de outras línguas ibéricas, como o galego e o catalão. Jacobs (2012a: 25-26) mostra, por exemplo, que a preposição **na** (considerada por ele como sendo de étimo português), para Maduro, não viria indubitavelmente do português *na* (*em* + *a*), visto que tanto o espanhol dos séculos XV e XVI quanto o galego usam comumente a preposição *na*. Segundo Maurer (1998: 198, tradução nossa), essa atitude de considerar como fonte do léxico do papiamentu variedades espanholas de além-mar e não *standard* ou outras línguas românicas, em especial o catalão e o galego, é problemática porque “[...] é pouco provável que o galego ou o catalão/valenciano tenham tido alguma influência na formação do papiamentu, pois não se menciona a presença em Curaçao de catalães, valencianos ou galegos nas fontes históricas”¹⁵. Seguindo um posicionamento semelhante, Jacobs (2013: 157) também não leva em consideração línguas ibéricas como o galego e o catalão como prováveis étimos de vocábulos do papiamentu e acrescenta que isso é feito por muitos estudiosos numa tentativa de diminuir a participação do português no léxico do papiamentu. Tal postura de Maurer e Jacobs deve ser relativizada, uma vez que muitos marinheiros e religiosos falantes de catalão, galego e outras línguas românicas foram uma presença constante em Curaçao (ANDERSEN, 1974: 75). Assim, mesmo constituindo um grupo pequeno de pessoas com influência limitada, não se deve desconsiderar totalmente sua participação no papiamentu. Em suma, não há evidências para se descartar uma possível influência de outras línguas ibero-românicas (sobretudo no

¹⁵Citação original: “[...] es poco probable que el gallego o el catalán/valenciano hayan tenido alguna influencia en la formación del papiamentu, pues no se menciona la presencia en Curazao de catalanes, valencianos o gallegos en las fuentes históricas.”

léxico), nem para assumir que tais línguas forneceram itens gramaticais básicos para o papiamentu devido ao fato de a realidade linguístico-histórica de Curaçao na época em que a língua foi formada não ser conhecida detalhadamente, o que é importante no momento de estabelecer etimologias confiáveis.

Outro ponto da análise etimológica de Maduro a ser questionado diz respeito ao fato de ele, bem como outros estudiosos, “[...] procurar exageradamente equivalentes exatos em espanhol para as formas atuais do papiamentu. A forma atual em papiamentu não precisa necessariamente ser a forma da palavra no momento de sua adoção.”¹⁶ (MARTINUS, 1996: 20, tradução nossa). E tais equivalentes são buscados sobretudo na variedade *standard* do espanhol moderno, desconsiderando a(s) variedade(s) de espanhol falada(s) no período em que o papiamentu deve ter se formado. Ainda que se assuma a influência de formas dialetais do espanhol (em especial as americanas, com as quais o papiamentu esteve e ainda está em um grande contato), a sincronia atual acaba tendo primazia. Essa postura de Maduro gera críticas de estudiosos sob diversas perspectivas. Quanto ao foco dado às variedades *standard*, Mufwene (2001: 34-36; 2009 [1996]: 372-374) mostra-se contrário a essa abordagem dentro do estudo das línguas crioulas, uma vez que os registros sócio-históricos dos princípios da colonização evidenciam o quanto é ilusório conceber que os colonizadores europeus faziam uso de uma variedade *standard* de suas línguas maternas. Para o autor, movimentos populacionais pré-coloniais e mesmo contatos na própria Europa levaram a processos de reestruturações linguísticas, sendo formas dessas variedades reestruturadas que mais tarde foram levadas para as colônias e serviram como base para a formação dos crioulos. Desse modo, ao comparar as línguas crioulas com seus respectivos lexificadores, devem-se focar essas formas reestruturadas, e não as variedades *standard* a fim de obter resultados mais precisos. Já no que diz respeito à comparação com as formas atuais das línguas ibero-românicas, Ferrol (1982: 27) chama a atenção para o fato de que, tendo o papiamentu se formado por volta da segunda metade do século XVII, os étimos de seus vocábulos devem ser

¹⁶Citação original: “[...] look too much for exact equivalents in Spanish for current Papiamentu forms. The actual form in Papiamentu needs not of necessity be the form of a word at the moment of its adoption.”

buscados no português e no espanhol do século XVII, e não nas formas atuais. No prólogo do estudo de Munteanu (1996: 11), Manuel Alvar também adverte sobre a necessidade de se conhecer o espanhol falado na época de formação do papiamentu, já que comparar o papiamentu com a sincronia atual traria resultados errôneos. Alguns autores apontam ainda a necessidade de considerar formas arcaicas do espanhol (GRANT, 2008b: 21) e mesmo variedades diatópicas do espanhol, português e catalão (MUNTEANU, 1996: 109). Essa atitude de atentar para diferentes variedades linguísticas e inclusive para diferentes línguas no momento de estabelecer etimologias divide a opinião dos estudiosos. Para Jacobs (2013: 256-257), por exemplo, línguas como o catalão, o galego, o espanhol dos séculos XV e XVI e as variedades não padrão do espanhol americano não devem ter contribuído com itens lexicais para o papiamentu. Apresentando um posicionamento semelhante, Rona (1970: 2, grifo do autor, tradução nossa) discute o fato de Maduro considerar formas dialetais do espanhol, ao invés do português, como étimos para palavras do papiamentu e conclui que:

Ao mesmo tempo, essa interpretação de Maduro, se bem que seja absolutamente correta em seus detalhes, choca contra a objeção de que não é possível conceber o papiamentu como um mosaico composto de palavras procedentes de todos os dialetos antigos e modernos do espanhol, já que evidentemente se o papiamentu se origina a partir do espanhol, foi um espanhol, com características bem definidas, o que tem que ter chegado a Curaçao, Aruba e Bonaire¹⁷.

Seguindo a vertente oposta, Mufwene (2001: 56-57, 78) advoga que não existe nenhuma razão para assumir que todos os traços de uma língua crioula viriam de uma única língua fonte (uma determinada variedade do lexificador), assumindo, assim, a influência de diferentes dialetos da língua lexificadora e das línguas de substrato. Esse ponto de vista se coaduna com a proposta de Perini-Santos (2015)

¹⁷Citação original: “A su vez, esta interpretación de Maduro, si bien absolutamente correcto en sus detalles, choca contra la objeción de que no es posible concebir el papiamento como un mosaico compuesto de palabras procedentes de todos los dialectos antiguos y modernos del español, ya que evidentemente si el papiamento se origina en el español, fue un español, con características bien definidas, el que tiene que haber llegado a Curaçao, a Aruba y a Bonaire.”

de que a convivência continuada entre línguas resulta numa manutenção das influências linguísticas mútuas durante um longo período de tempo, mesmo depois que a situação de contato termina. Assim sendo, o crioulo seria influenciado por todas as línguas (em maior ou menor grau) que convivem em seu entorno. Segundo Mufwene (2001: 56-57, 78), essa heterogeneidade nas fontes dos traços estruturais das línguas crioulas, advinda do fato de que tais línguas foram formadas pelo contato linguístico entre diversas variedades (havendo inclusive vários dialetos de uma mesma língua), não deve ser associada ao Princípio da Cafeteria, segundo o qual o processo de formação de uma língua crioula se daria pela seleção aleatória de traços de várias fontes, podendo ser comparado a uma pessoa escolhendo itens em uma lanchonete. O grande desafio de assumir essa multiplicidade de origens, para o autor, seria explicar como se dá a recombinação de traços, ou seja, quais as diretrizes que determinam quais traços serão selecionados dentre as diversas fontes para compor o sistema da nova língua em formação. Quanto a esse debate, o posicionamento seguido nesta tese é considerar determinadas variedades das línguas lexificadoras (como o espanhol venezuelano e o português dos sefarditas e seus escravos), buscando, contudo, explicações no contexto sócio-histórico que justifiquem as influências desses dialetos na configuração linguística do papiamentu.

Em sua busca por etimologias, Maduro desconsidera ainda os desenvolvimentos internos próprios do papiamentu. Grant (2008a: 49-50) chama a atenção para a importância desse aspecto, apontando que, em alguns casos, vocábulos que não parecem derivar nem do português, nem do espanhol ou mesmo formas que parecem ter sido tomadas do português ou do galego revelam mais claramente seu étimo quando se consideram a aplicação de determinadas regras fonológicas, em geral específicas do papiamentu. Em suma, Maduro parece seguir uma perspectiva sincrônica e não diacrônica. A importância de se ter um olhar diacrônico no momento de propor etimologias mais prováveis e científicas é enfatizada por Viaro (2011: 119-121, 125, 312-313). Para o autor, o desconhecimento dos aspectos fonológicos e morfológicos das línguas envolvidas, bem como do significado do vocábulo no momento do empréstimo resultará certamente em etimologias falsas. Assim, é necessário que as sincronias pretéritas das diferentes línguas sejam conhecidas (não somente a norma

considerada padrão, mas também outras variedades) até para que se possa determinar se houve situações de contato e de influência entre tais línguas. As regras internas do papiamentu no âmbito morfofonológico também devem ser conhecidas e levadas em consideração no momento de estabelecer os étimos.

Além desses pontos, em alguns casos, Maduro atribui uma procedência exclusivamente espanhola para casos em que um étimo português não pode ser descartado, já que as duas línguas compartilham a mesma forma e o mesmo significado. Essa postura é assumida em casos como (2):

- (2)
- a. **asá/hasá** ‘assado’ (< PT *assado* / ESP *asado*);
 - b. **awaseru** ‘aguaceiro, chuva (forte)’ (< PT *aguaceiro* / ESP *aguacero*);
 - c. **kanoa** ‘canoa’ (< PT/ESP *canoa*);
 - d. **kapas** ‘1. capaz, hábil, 2. provável’ (< PT/ESP *capaz*);
 - e. **konfó** ‘conforme’ (< PT/ESP *conforme*);
 - f. **moskitero** ‘mosquiteiro’ (< PT *mosquiteiro* / ESP *mosquitero*).

Nos exemplos em (2), ao invés de apontar uma dupla possibilidade, como o faz para outros vocábulos, Maduro considera que a palavra viria apenas do espanhol, não havendo menção ao português. Entretanto, nesses casos, junto com um étimo espanhol, é possível também uma procedência portuguesa, mostrando que, muitas vezes, é difícil precisar se uma determinada palavra tem étimo exclusivamente espanhol ou português (MUNTEANU, 1996: 76; LIPSKI, 2008: 547). Subjacente a essa postura de Maduro de atribuir uma supremacia de palavras derivadas do espanhol está o intuito de defender a hipótese de que o espanhol seria a língua lexificadora do papiamentu, diminuindo, assim, a influência do português. Esse posicionamento é seguido também por outros autores. Segundo Ferrol (1982: 27), o aporte português no papiamentu seria tão pequeno (sendo, assim, a maior parte do seu vocabulário procedente do espanhol) que a discussão sobre a base lexical da língua caribenha já estaria encerrada há muito tempo se não fossem as similaridades entre o papiamentu e outras línguas crioulas. Quint (2000b: 120) e Grant (2008a: 51-52, 64-66) também advogam que haveria muito mais palavras de procedência espanhola do que portuguesa no papiamentu. Sustentando seu ponto de vista, Quint (2000b: 119-120)

analisa os possíveis étimos do vocabulário básico do papiamentu, apresentando os seguintes números: (i) português: 6%; (ii) português ou espanhol: 44%; (iii) espanhol: 40%; (iv) outras línguas românicas: 2%; (v) holandês: 8%. A partir dessas cifras, observa-se que os itens derivados do espanhol no papiamentu correspondem a 84% do total, dos quais 40% não poderiam ter um étimo compartilhado com o português. Grant (2008a: 51-52, 64-66), por seu turno, considera que os vocábulos de étimo português formariam uma espécie de ‘lista fechada’, com um pequeno número de itens pertencentes sobretudo ao vocabulário básico e introduzidos na língua há muitos anos, não havendo a entrada maciça de novos elementos nos últimos tempos. Ademais, segundo o autor, alguns dessas palavras de procedência portuguesa também estariam presentes em variedades do espanhol antilhano (como empréstimos antigos do português ou como resquícios do espanhol dos séculos XV e XVI), que poderia ter fornecido os itens para o papiamentu. Em outra obra, Grant (2008b: 81) aponta ainda que o fato de o espanhol e o português do século XVII serem mais próximos do que as duas línguas são hoje tem sido um aspecto negligenciado pelos estudos, o que leva a atribuir étimos portugueses quando formas arcaicas do espanhol também seriam possíveis. Munteanu (1996: 123) também defende uma posição similar, afirmando que quase todas as transformações fonéticas consideradas como prova de uma origem portuguesa seriam também encontradas no espanhol peninsular do século XVI e no espanhol falado pelos colonizadores e pelos sefarditas e seus escravos.

De maneira geral, observa-se que, a despeito de possuir méritos, a análise de Maduro termina cometendo muitos dos erros metodológicos e teóricos apontados por Rona (1970: 3-4), a saber: (i) considerar que a comprovação de uma etimologia portuguesa ou espanhola para determinados vocábulos do papiamentu (ou seja, os étimos por si só) acabaria com a dúvida sobre a origem (portuguesa ou espanhola) da língua; (ii) comparar os vocábulos do papiamentu com o espanhol acadêmico e atual, e não com o espanhol popular e falado na época em que o papiamentu foi formado; (iii) basear as comparações na grafia, que, em espanhol, não se baseia em critérios totalmente fonológicos; (iv) desconsiderar as diversas vias pelas quais palavras podem ter entrado no papiamentu, associando a questão linguística

a fatores sócio-históricos; (v) utilizar vocábulos que são usados em todo o Caribe, inclusive palavras indígenas; (vi) assumir que o papiamentu não teria regras de mudança interna, desconsiderando que as palavras atuais do papiamentu não coincidem necessariamente com a forma que elas tinham ao entrarem na língua.

Freitas, Bandeira & Araujo (2014) fazem uma análise das palavras de ‘étimo ibérico’ (sobretudo português, espanhol e galego) presentes na *lista Maduro* (conforme definido na seção 2.1 do capítulo 2). Dos 360 vocábulos analisados¹⁸, 132 (36,7%) não poderiam vir do espanhol. Dentre essas palavras de étimo seguramente português, aparecem itens tanto do léxico funcional (3) quanto do léxico geral (4):

- (3) a. **ainda** ‘ainda’ (< PT *ainda*, ≠ ESP *todavía*, *aún*);
- b. **semper** ‘sempre’ (< PT *sempre*, ≠ ESP *siempre*);
- c. **nos** ‘nós’ (< PT *nós*, ≠ ESP *nosotros*);
- d. **mes** ‘mesmo’ (< PT *mesmo*, ≠ ESP *mismo*);
- e. **na** ‘em’ (< PT *na* (*em* + *a*), ≠ ESP *en* + *la*);
- f. **te** ‘até’ (< PT *até*, ≠ ESP *hasta*);
- g. **ken** ‘quem’ (< PT *quem*, ≠ ESP *quien*);
- h. **unda** ‘onde’ (< PT *onde*, ≠ ESP *donde*).

- (4) a. **barbulètè** ‘borboleta’ (< PT *borboleta*, ≠ ESP *mariposa*);
- b. **bigui (de pechu)** ‘bico (de peito)’ (< PT *bico (de peito)*, ≠ ESP *pezón*);
- c. **bon** ‘bom, boa’ (< PT *bom*, ≠ ESP *bueno*);
- d. **chumbu** ‘chumbo’ (< PT *chumbo*, ≠ ESP *plomo*);
- e. **kachó** ‘cachorro’ (< PT *cachorro*, ≠ ESP *perro*);
- f. **nobo** ‘novo’ (< PT *novo*, ≠ ESP *nuevo*).

Algumas das palavras de étimo português encontradas na *lista Maduro* — as quais

¹⁸O étimo considerado por Freitas, Bandeira & Araujo (2014) nem sempre é igual àquele apresentado por Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c). Ademais, ao propor uma etimologia portuguesa para os vocábulos, os autores buscam mostrar apenas que a forma do papiamentu não provém do espanhol, mas não discutem a possibilidade, para determinadas palavras, de, junto com o português, outras línguas, como o galego, também poderem ter contribuído para a procedência dos vocábulos.

o autor muitas vezes atribui não só ao português como também ao galego — chegam a ser rejeitadas por alguns falantes como termos pertencentes ao papiamentu (conforme notado em trabalho de campo). É o caso, por exemplo, de:

- (5) a. **fika** ‘ficar’ (< PT *ficar*, ≠ ESP *quedar*);
 b. **koitadu/koitada** ‘coitado, coitada’ (< PT *coitado*, ≠ ESP *infeliz/desgraciado*);
 c. **lanso** ‘lençol de cama’ (< PT *lençol*, ≠ ESP *sábana*);
 d. **tinzji** ‘tingir’ (< PT *tingir*, ≠ ESP *teñir*);
 e. **zjanta** ‘jantar (1. comida, 2. comer à noite)’ (< PT *jantar*, ≠ ESP *yantar*);
 f. **zjeitu** ‘jeito’ (< PT *jeito*, ≠ ESP *modo/manera*);
 g. **zjuzjum** ‘jejum’ (< PT *jejum*, ≠ ESP *ayuno*).

Contudo, as palavras em (5) devem de fato ser consideradas como do papiamentu, já que aparecem nas obras de Henriquez (1988, 1991) como características do papiamentu sefardita (variedade falada pelos judeus), que apresentaria, supostamente, mais semelhanças com o português.

Em suma, a análise dos dados presentes na *lista Maduro* numa perspectiva etimológica sugere uma presença maior do português no vocabulário básico do papiamentu do que aquela admitida por Maduro. Dentre as 360 palavras de ‘étimo ibérico’ analisadas, Freitas, Bandeira & Araujo (2014) encontraram 132 casos de indubitável étimo português (equivalente a 36,7% do total) e 24 palavras (o que corresponde a aproximadamente 6,7%) — como os exemplos em (2) — que, ao lado do étimo espanhol, podem também ser atribuídas ao português. Os autores não mencionam explicitamente o étimo dos 204 vocábulos restantes (que equivalem a 56,6%), sendo possível conjecturar que eles seriam oriundos exclusivamente do espanhol ou mesmo do galego.

No que diz respeito à gênese e ao desenvolvimento do papiamentu, em virtude do exposto, é possível perceber que as hipóteses que propõem uma origem espanhola apresentam diversos aspectos controversos, não sendo as mais adequadas.

4.2 CRIOULO OU PROTOCRIOULO AFROPORTUGUÊS FALADO POR ESCRAVOS AFRICANOS

Dois autores têm sido considerados os principais defensores da hipótese do protocrioulo afroportuguês: Lenz (1928) e Martinus (1996). A hipótese do protocrioulo afroportuguês baseia-se nas semelhanças estruturais das línguas crioulas, sobretudo no tocante aos marcadores de tempo, modo e aspecto (TMA), e no fato de grande parte das línguas crioulas possuírem vocábulos de origem portuguesa. Para essa teoria, a relexificação — processo de substituição do léxico de uma língua, definido por Lefebvre (1998: 16, tradução nossa) como “[...] um processo mental que constrói novas entradas lexicais copiando os vocábulos de um léxico já estabelecido e substituindo suas representações fonológicas por representações derivadas de outra língua”¹⁹ — seria a responsável pelas diferenças lexicais existentes entre as línguas crioulas²⁰.

Rodolfo Lenz é autor de um dos primeiros estudos sistemáticos sobre o papiamentu, trazendo discussões gerais sobre a língua e dados históricos sobre Curaçao, bem como uma gramática (com afirmações gerais sobre fonética, classes gramaticais, processos de formação de palavras e sintaxe) e análise etimológica de alguns vocábulos. Em sua obra, Lenz não discute a hipótese do protocrioulo extensiva e sistematicamente, construindo uma argumentação que sustente seu ponto de vista. De fato, sua opinião no tocante à origem do papiamentu encontra-se dispersa no decorrer de sua obra, mesclada com suas discussões. Discordando da crença de que o contato entre o espanhol e as línguas indígenas deu ensejo à formação do papiamentu, Lenz (1928: 210, 325-328) advoga que o papiamentu surgiu a partir de um crioulo português (ele usa o termo “português aprendido imperfeitamente”²¹

¹⁹Citação original: “[...] a mental process that builds new lexical entries by copying the lexical entries of an already established lexicon and replacing their phonological representations with representations derived from another language.”

²⁰A despeito de a ideia de relexificação ter sido formalizada mais detalhadamente por Lefebvre em 1998, em seu estudo sobre o crioulo do Haiti, muitos autores, como é o caso de Lenz (1928) e Martinus (1996), já empregavam essa mesma ideia anos antes.

²¹Citação original: “português imperfeitamente aprendido”.

— tradução nossa) falado pelos escravos africanos. Assim sendo, a base do papiamentu (sua influência mais antiga) seria portuguesa, não sendo os judeus sefarditas e seus escravos os responsáveis por todos os elementos portugueses encontrados no papiamentu. Quanto à maior proximidade do papiamentu moderno com o espanhol (com uma proliferação de vocábulos provenientes da língua hispânica), Lenz (1928: 80, 144, 326) explica que o vocabulário inicial (quase exclusivamente) derivado do português foi aos poucos sendo assimilado ao espanhol, em virtude da forte presença dessa língua no Caribe²². Em síntese, para Lenz (1928: 194, tradução nossa):

[...] o papiamentu se formou em Curaçao desde 1648, com base na linguagem crioula negro-portuguesa trazida pelos escravos desde os barracões da costa africana. Contribuiu para sua formação, em primeiro lugar, o espanhol falado nas ilhas e na costa da Venezuela; e em segundo lugar, o holandês falado pelos donos políticos da região. O interesse linguístico se concentra naturalmente naqueles vocábulos que criaram formas crioulas especiais, distintas de sua base portuguesa, espanhola ou holandesa. Palavras que guardam sua forma primitiva podem ser formas antigas e populares que, em conformidade com as leis fonológicas, não deveriam mudar, ou são palavras ‘cultas’ modernas²³.

Na obra de Martinus (1996) é que a hipótese do protocrioulo será discutida detalhadamente, com argumentos favoráveis à sua adoção para explicar a origem dos crioulos em geral e sobretudo do papiamentu.

Martinus (1996: 12-14) defende que as semelhanças entre os crioulos portugueses, encontradas especialmente no nível fonológico, seriam decorrentes das características do protocrioulo afroportuguês (do qual todos os crioulos atlânticos supostamente descenderiam), com as diferenças se devendo às diversas línguas de substrato

²²A partir dessa afirmação, supõe-se que o autor possivelmente se referia ao processo de relexificação, a ser discutido na seção 4.3.2.

²³Citação original: “[...] el papiamento se ha formado en Curazao desde 1648, sobre la base del lenguaje criollo negro-portugués que traían los negros esclavos desde los barracones de la costa africana. Contribuyó a su formación en primer lugar el español hablado en las islas i la costa de Venezuela, i en segundo lugar el holandés hablado por los dueños políticos de la región. El interés lingüístico se concentra naturalmente en aquellas voces que han creado formas criollas especiales, distintas de su base portuguesa, española u holandesa. Palabras que guardan su forma primitiva pueden ser antiguas populares que, en conformidad con las leyes fonológicas, no se debían cambiar, o son palabras «cultas» modernas.”

e aos vários padrões demográficos determinantes da influência das línguas de substrato e de superstrato. No tocante ao aprendizado do protocrioulo, advoga-se que os escravos aprendiam a língua durante o tempo em que ficavam confinados nos depósitos de escravos ou nos engenhos de açúcar situados na costa ocidental africana e na região do Congo e Angola (áreas sob o domínio português) antes de partirem para os seus destinos (MARTINUS, 1996: 15; JOUBERT & PERL, 2008: 139). Com relação ao papiamentu, há autores que discordam desse ponto de vista. Rona (1970: 5), por exemplo, afirma que as similaridades entre as línguas crioulas não provam que essas línguas descendem de uma origem comum, um protocrioulo, muito menos que esse protocrioulo seja de base afroportuguesa, tendo se disseminado da costa ocidental africana para diversas partes do mundo. Para o autor, a teoria do protocrioulo se apoia em dois pressupostos: (i) um externo — o comércio de escravos realizado pelos portugueses e a necessidade de se comunicar com os cativos; (ii) um interno — as semelhanças entre as línguas crioulas devido ao elemento português. Rona (1970: 5-6) considera os dois pontos basilares errôneos e apresenta argumentos para sustentar seu ponto de vista. Quanto ao pressuposto externo, segundo o autor, além dos portugueses, os espanhóis e holandeses também participaram ativamente do tráfico negreiro. Ademais, a comunicação constante entre colonizadores e escravos não seria imprescindível e, mesmo nas situações em que ela existia, não havia regularidade para dar origem à formação de um crioulo. No âmbito interno, o autor aponta que nem todos os traços similares entre as línguas crioulas poderiam ser explicados como sendo portugueses. Além disso, mesmo os traços que admitem uma procedência portuguesa teriam nessa língua uma de suas fontes, mas não a única. A explicação para as semelhanças deveria ser buscada não no português, mas nas línguas africanas faladas na costa da Guiné. Essa argumentação de Rona pode ser desconstruída a partir de registros históricos de que, dentre as diversas nações engajadas no tráfico negreiro pelo menos nos séculos XV e XVI certamente, mas também nos séculos XVII e XVIII, os portugueses sempre tiveram supremacia e destaque; assim, nada mais natural do que a língua portuguesa ter sido a escolhida como veículo de comunicação para esse comércio.

Também rebatendo a teoria do protocrioulo, Lessa (1975: 18-23) anteriormente questionou a existência de uma língua ou protolíngua de base portuguesa, afirmando que não havia provas conclusivas para considerar que essa seja a explicação para a influência do português no papiamentu. Segundo ele, essa influência seria originária da comunidade sefardita (e seus escravos). Para Andersen (1974: 59), por seu turno, os itens lexicais de base portuguesa no papiamentu poderiam ter diferentes procedências: teriam se originado na África ou nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao por influência dos judeus falantes de português ou ainda nos dois lugares. Essa procedência múltipla dos elementos portugueses no papiamentu também é advogada por outros autores. Maurer (1998: 199), por exemplo, menciona, como possíveis fontes dos elementos (afro)portugueses no papiamentu, os escravos, que tinham algum conhecimento de um pidgin ou crioulo de base portuguesa; os holandeses e judeus sefarditas que tinham morado em Recife durante a ocupação holandesa (1630 a 1654); europeus que conhecessem alguma forma de português; a comunidade sefardita, que tinha o português como língua materna. Joubert & Perl (2008: 138), por seu turno, consideram que a influência portuguesa no papiamentu possivelmente emana de três pontos: (i) dos africanos, falantes de uma variedade afroportuguesa; (ii) dos judeus sefarditas; (iii) dos trabalhadores estrangeiros vindos da ilha da Madeira, dos Açores e de Portugal. Já Grant (2008a: 52-55) advoga que nem todos os elementos provenientes do português entraram no papiamentu a partir das mesmas fontes, seguindo o mesmo caminho e ao mesmo tempo. Assim, o estrato português seria bastante heterogêneo, com diferentes formas de português podendo ter influenciado o papiamentu, a saber: (i) um pidgin afroportuguês (ou luso-africano); (ii) uma variedade luso-asiática; (iii) o guene, dialeto secreto falado em Curaçao até os anos 1800²⁴; (iv) o judeo-português ou o português usado pelos judeus sefarditas (e seus escravos); (v) alguns elementos de línguas crioulas de base portuguesa faladas na Alta e/ou Baixa Guiné; (vi) os poucos traços portugueses atribuídos ao espanhol falados nas Antilhas; (vii) o dialeto português falado no nordeste do Brasil, mais especificamente em Recife, Pernambuco. Essa variedade era conhecida não só pelos judeus sefarditas, já que muitos deles tinham vivido no Brasil

²⁴Esse dialeto será discutido com mais detalhes na seção 4.3.

antes de se estabelecer em Curaçao, mas também pelos holandeses, que provavelmente aprenderam alguma coisa desse dialeto durante os anos em que estiveram no comando da região.

Mesmo defendendo a hipótese do protocrioulo afroportuguês, Martinus (1996: 14, tradução nossa) aponta que a principal lacuna dessa hipótese seria o fato de “[...] seus defensores falharem até agora em elaborar um arcabouço preciso e consistente para ela e em apresentar dados empíricos fortes na combinação de pressupostos e argumentos lógicos a partir dos quais a teoria se constitui.”²⁵. Contudo, para ele, isso não diminui seu valor, já que muitos autores (como VALKHOFF, 1966; GRANDA, 1970 *apud* MARTINUS, 1996: 15) têm fornecido evidências de que uma língua franca do tipo desse crioulo afroportuguês de fato existiu no contexto do comércio de escravos²⁶. Assim, em sua obra, Martinus (1996) busca construir sua teoria da forma mais acurada possível, trazendo dados que sustentem suas assertivas.

Segundo Martinus (1996: 1), em cerca de 1640, se inicia a formação do papiamentu a partir de vários dialetos afroportugueses provenientes da costa ocidental africana, que se destacava no comércio escravocrata. O português era a língua dominante nesse comércio não apenas entre os portugueses, mas também entre outros conquistadores, como os holandeses²⁷. O amplo contato desses colonizadores com as populações locais (sobretudo com as mulheres) permitia a difusão da língua portuguesa (e também do crioulo afroportuguês) para amplas regiões. De acordo com o autor, havia uma consciência do papel de destaque que o português tinha dentro da

²⁵Citação original: “[...] its supporters failed so far in building a precise and consistent framework for it and in presenting hard empirical data to fill in the combination of logical assumptions and arguments it consists of.”

²⁶Conforme mencionado na seção 3.4 do capítulo 3, o estudo de Teyssier (1959: 227-250) evidencia que realmente é possível defender a existência de uma variedade de língua falada pelos escravos e diferente das demais.

²⁷Até mesmo na colônia holandesa da Batávia, na Indonésia, no século XVII, o português era mais falado que o holandês ainda que não tenha havido uma maciça presença portuguesa na região, exceto como prisioneiros de guerra e visitantes ocasionais e passageiros (BOXER, 2002: 140). Segundo esse historiador, escravos e criados domésticos vindos da África haviam trazido para a região um crioulo de origem portuguesa, que passou a ser falado por holandeses e mulheres da classe social intermediária, muitas vezes suplantando o uso da língua materna. Mesmo esse costume recebendo muitas críticas, os holandeses não o abandonaram, pois, diferentemente de outros colonizadores (portugueses, ingleses e franceses), viam como uma honra o aprendizado de uma língua estrangeira.

indústria escravocrata. Falar português ou estar próximo de alguém que o falasse facilitava as transações e, desse modo, todos aqueles que queriam ser bem-sucedidos dentro dessa indústria obrigatoriamente acabavam aprendendo algum tipo de português.

Quanto ao período em que se deu a gênese do papiamentu, para Martinus (1996: 2, 29-30), no começo do século XVII, o papiamentu já era falado em Curaçao²⁸, o que seria sustentado, por exemplo, pela presença de traços do holandês dos séculos XV e XVI, como a manutenção de vogais simples em contextos nos quais atualmente aparecem ditongos e a ocorrência em algumas palavras de **ft**, ao invés de *cht*, no papiamentu. Segundo o autor, no século XVI e começo do XVII, o processo de ditongação no holandês já estava completo, com o /u/ > /ui/ (havendo o estágio intermediário /y/) e o /i/ > /ei/. Quanto ao encontro **ft**, ele seria um resquício frísio-holandês de acordo com Van Loey (1954: 96 *apud* MARTINUS, 1996: 30). Já que o papiamentu possui formas derivadas do holandês em que ocorrem vogais simples (e não ditongos) e **ft** em lugar de *cht*, como **pakus** ‘loja, depósito’ (HOL moderno *pakhuis*), **kakushi** ‘fezes’ (HOL moderno *kakhuis* ‘privada, banheiro’), **kinipi** ‘beliscar’ (HOL moderno *knijpen*), **strika** ‘passar a ferro, engomar’ (HOL moderno *strijken*), **hêft** ~ **hêftu** ‘costurar, suturar, coser’ (HOL moderno *hechten*) (exemplos retirados de MARTINUS, 1996: 29-30), isso comprovaria que o papiamentu já estava em uso no começo do século XVII e tinha tomado emprestadas as formas do holandês antes que as mudanças mencionadas ocorressem nessa língua.

Em sua discussão da hipótese (ou reformulação, de acordo com as palavras do autor), Martinus (1996: 119-145) relaciona o papiamentu ao kabuverdianu, defendendo que a língua crioula surgida nas ilhas de Cabo Verde, a partir da relação entre os colonizadores portugueses e escravos africanos, foi levada anos mais tarde

²⁸Assim, para o autor, a formação do papiamentu teria se iniciado cerca de 50 anos antes do que é usualmente assumido, ou seja, meados do século XVII (conforme apresentado no capítulo 1). Essa discrepância, aparentemente muito grande, se dilui se considerarmos que Martinus (1996: 2) situa o início do desenvolvimento da língua caribenha por volta de 1640, data não muito distante do meio do século. Ademais, mesmo o papiamentu estando presente na ilha no começo do século XVII, sua cristalização foi sendo consolidada no decorrer do século.

para Curaçao, dando origem ao papiamentu²⁹ (língua que teria uma base afroportuguesa a partir do kabuverdianu, recebendo, mais tarde, influências sobretudo do holandês e do espanhol). Segundo o autor, para entender profundamente a gênese e a evolução do papiamentu, é necessário que se conheçam com detalhes a colonização e o destino dos diversos povos que ocuparam as ilhas de Cabo Verde (MARTINUS, 1996: 191). Assim sendo, as conexões entre o Caribe e o continente africano sempre ocupam uma posição de destaque em seu pensamento.

Dois outros pontos da análise de Martinus (1996: 125-130) devem ser destacados. Primeiramente, ao tratar da difusão do protocrioulo afroportuguês, o autor enfatiza não apenas o papel dos depósitos — onde os escravos permaneciam por tempo indefinido até serem vendidos e aprendiam algum ofício (tornando-se carpinteiros, artesãos, pedreiros, ferreiros, alfaiates, trabalhadores de engenhos de açúcar, entre outros), a religião e, é claro, o crioulo português —, mas também o das crianças. De acordo com alguns dos esparsos registros da época, um número considerável de crianças cabo-verdianas falava o crioulo como primeira língua. Além disso, é possível que houvesse uma preferência por crianças (normalmente entre 4 e 15 anos) no comércio de escravos pelo fato de elas: (i) se adaptarem com mais facilidade a diferentes ambientes; (ii) demandarem menos espaço e alimentação durante o transporte; (iii) serem mais fáceis de controlar dentro dos navios; (iv) terem seu valor elevado na medida em que iam ficando mais velhas; (v) poderem se reproduzir em alguns anos, trazendo novos escravos para seus donos (MARTINUS, 1996: 128-130). Junto a esses fatores que certamente traziam mais lucros para o comércio de escravos, tal política de preferência por crianças (muitas das quais tinham o crioulo como língua materna) teve um papel fundamental na aquisição do crioulo e sua posterior difusão para diferentes regiões, entre elas a ilha de Curaçao.

Outro aspecto distintivo da análise de Martinus (1996: 2, 119-122, 142-145) diz respeito ao papel dos judeus dentro da indústria escravocrata. Segundo o autor, a atuação dos judeus no comércio de escravos tanto na África quanto no Caribe não tem recebido a devida atenção dos estudiosos das línguas crioulas. Considerar tal

²⁹Essa linha de pensamento também é defendida por Jacobs (2012a), como se verá na seção 4.3.

fator poderia trazer uma explicação alternativa para a existência de crioulos portugueses somente em locais onde houve uma forte presença judaica. E é exatamente isso que Martinus faz: ele mostra que os judeus, provenientes de Portugal, formavam parte da população branca de Cabo Verde no começo do século XVI (aproximadamente em 1512-1515, bem antes da chegada dos sefarditas em Curaçao), atuando no comércio e controlando muitas instâncias nas ilhas, como a alfândega. Essa presença marcante dos judeus nunca foi aceita de forma pacífica pelos habitantes do arquipélago, tanto que, em 1515, foi promulgada uma ordem de proibição à entrada de novos judeus em Cabo Verde, a qual, entretanto, não foi cumprida. Em Curaçao, os judeus sefarditas também constituíam uma importante parcela do tecido social (como será visto na seção 4.4.3), atuando não apenas como colonos, mas também como comerciantes de escravos (muitas vezes, combinando as duas atividades). Martinus (1996: 142) aponta que esse papel dos judeus no tráfico negreiro tem sido negligenciado, bem como sua identidade linguística e proveniência. Para ele, os estudos em geral enfatizam a emigração de judeus do Brasil para o Suriname e as antigas Antilhas Holandesas, deixando de mencionar a entrada nessas regiões de judeus portugueses provenientes da África Ocidental, mais precisamente das ilhas de Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé — exceção feita ao estudo de Henriquez (1988). Martinus (1996: 144-145) tem justamente uma postura diversa — seguida também por Jacobs (2012a: 294-300), conforme seção 4.3 —, apontando ligações entre os judeus portugueses da região da Alta Guiné (como Cacheu), Amsterdã e Curaçao através de alguns nomes que atuaram fortemente nas três regiões.

No plano linguístico, para sustentar a hipótese de que o kabuverdianu e o papiamentu (e ainda o kriyol de Guiné Bissau e Casamança) estão relacionados, Martinus (1996: 146-191) traz comparações nos níveis fonético, morfológico e sintático que demonstram a ocorrência supostamente das mesmas mudanças na entrada de palavras de étimo português nos crioulos, com o papiamentu compartilhando inclusive as alterações secundárias, exclusivas do kabuverdianu das diferentes ilhas, e aproximando-se ora das variedades de Barlavento, ora das de Sotavento. Para o autor, as semelhanças são tão fortes que seria impossível negar uma origem comum para os três crioulos. A passagem de /v/ para /b/ e a metátese, por exemplo, são

alguns dos traços mais característicos compartilhados pelo papiamentu e pelo kabuverdianu (o que pode não ser apenas coincidência), conforme, respectivamente: (i) PT *ventear* > PP **bencha** / KV *bentia* ‘abandar, escolher, catar’; (ii) PT *dormir* > PP **drumi** / KV (variedade das ilhas de Sotavento) *drumi* ‘dormir’ (MARTINUS, 1996: 168, 174). No nível sintático, é possível citar o uso do demonstrativo **es** ‘esse’, que, em papiamentu, deve estar seguido pelos advérbios de lugar **aki** ‘aqui’, **ei** ‘lá’, **aya** ‘lá (mais distante)’, remetendo, respectivamente, a ‘este’, ‘esse’ e ‘aquele’, e também o uso recorrente da voz passiva (MARTINUS, 1996: 183).

Dentre as transformações fonéticas aventadas por Martinus (1996: 146-180), é possível conjecturar que, em alguns casos, a mudança já tenha ocorrido no próprio português, e essa forma já alterada foi a que entrou no papiamentu e nos demais crioulos. É o caso, por exemplo, de:

- (6) a. assimilação do /e/ antes de sílaba acentuada: PT *medir* > PP **midi** / KV (variedade das ilhas de Sotavento) e KG *midí* ‘medida’;
- b. tratamento do /u/ final: PT *pato* > PP curaçoleno **patu** / KV (variedade das ilhas de Sotavento) e KG *patu* / PP arubano **pato** / KV (variedade das ilhas de Barlavento) *pote* ‘pato’³⁰;
- c. evolução do ditongo /ei/ (/ei/ > /e/ > /i/) (quando seguido por diferentes consoantes, sendo a mudança condicionada pelo contexto ou não): PT *manteiga* > PP **manteka** / KV *manteka* ‘manteiga’; PT *azeite* > PP **zeta** / KV *azete/zete* ‘óleo cru, azeite’; PT *peixe* > PP **pishi** / KV *peshe* ‘peixe’.

Essa possibilidade de as mudanças já terem ocorrido no próprio português, contudo, não oferece nenhum descrédito às discussões de Martinus, sendo necessárias pesquisas mais aprofundadas para determinar em qual das línguas o processo ocorreu.

Em síntese, grande parte dos traços morfofonológicos discutidos por Martinus (1996: 146-180) ilustra a relação existente entre o kabuverdianu e o papiamentu (e ainda entre eles e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança), com apenas poucos

³⁰Em sua análise, Jacobs (2012a: 53) desconsidera esses casos pelo fato de, no português corrente atual, o /o/ átono final em geral ser pronunciado como [u].

casos revelando desenvolvimentos próprios do papiamentu. Em geral, tais casos são de baixa frequência, não constituindo uma parte essencial na configuração do papiamentu, e podem ser explicados pela presença da língua holandesa em Curaçao ou pelas similaridades com outros crioulos, a exemplo da palatalização /si/ > /fi/, que ocorre em empréstimos congolezes que entraram no português, mas não nas variedades do kabuverdianu (MARTINUS, 1996: 190). Essa atitude de Martinus de trazer não só os aspectos similares entre o kabuverdianu e o papiamentu, mas também traços em que as duas línguas diferem vai de encontro à postura geral dos estudiosos que se debruçam sobre a origem dos crioulos. Independentemente de sua linha teórica (universalista ou substratista), esses autores costumam salientar as semelhanças entre as línguas crioulas, ocupando-se sobretudo de sua tipologia, e desconsideram o fato de que, a despeito das similaridades, essas línguas também apresentam diferenças consideráveis entre si. Para Martinus (1996: 13), uma teoria completa acerca da gênese dos crioulos deve dar igual peso aos dois aspectos e, em sua discussão, percebe-se que o autor não se contenta em apenas defender esse posicionamento teórico: ele busca colocá-lo em prática no momento de tratar da origem do papiamentu. Essa postura de sempre buscar ter um olhar amplo perante os fatos, admitindo inclusive aspectos por vezes desconsiderados (como a participação dos judeus), valorizam as reflexões de Martinus.

4.3 DESENVOLVIMENTO A PARTIR DO KABUVERDIANU DE SANTIAGO

De acordo com Jacobs (2012a), o papiamentu se origina do kabuverdianu falado na ilha de Santiago, em Cabo Verde, no século XVI. Para esse autor, o papiamentu e as línguas crioulas da Alta Guiné, isto é, o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança, possuem uma origem comum, um protocrioulo de base portuguesa da Alta Guiné. Uma vez que, para Jacobs (2010), o crioulo português da Alta Guiné teria surgido na ilha de Santiago e a partir daí se diferenciado nos demais crioulos

(conforme discutido na seção 3.4.1 do capítulo 3), considera-se o papiamentu como um descendente do kabuverdianu, que, na época em que a língua caribenha começou a se desenvolver, já tinha se separado do kriyol de Guiné Bissau e Casamança.

A relação entre o papiamentu e outras línguas crioulas, especialmente o kabuverdianu, já vem sendo apontada por outros estudiosos. Segundo Jacobs (2012a: 19-20), o primeiro a falar dos traços portugueses e afroportugueses no papiamentu foi Schuchardt (2009 [1882]). Tratando do santome, o autor traz exemplos de correspondentes no kabuverdianu de Santiago e no papiamentu, o que demonstra as semelhanças existentes nas três línguas. Suas considerações, contudo, não tiveram eco nos estudos sobre o papiamentu. Apenas anos mais tarde, seus comentários foram considerados e complementados de forma significativa por Lenz (1928). Quase sete décadas depois disso, Martinus (1996: 119-191) também contribui para essa temática, discutindo detalhadamente a relação do papiamentu com o kabuverdianu e propondo um parentesco entre as duas línguas. No intervalo das reflexões de Lenz (1928) e de Martinus (1996), outros autores também fazem comparações entre o papiamentu e o kabuverdianu e mesmo outras línguas crioulas de base portuguesa, como, por exemplo, Van Wijk (1958, 1968, 1969), Birmingham (1975) e Carreira (1983) (*apud* JACOBS, 2009b: 12)³¹. Depois deles, aparece também o trabalho de Quint (2000b: 99-196), defendendo que o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné compartilham uma origem comum. Dentre esses autores, a hipótese defendida por

³¹Até mesmo Maduro (1987a), defensor de uma origem espanhola para o papiamentu (conforme seção 4.1), escreve uma obra comparando o papiamentu e o kabuverdianu. Contudo, de acordo com o epílogo (escrito por Sidney Joubert), seu objetivo não é apontar similaridades, mas ressaltar as diferenças (segundo Maduro, enormes) entre as duas línguas, já que, para o autor, a hipótese de um protocrioulo afroportuguês do qual as línguas crioulas derivariam é muito ingênua. Para Maduro, as diferenças entre o papiamentu e o kabuverdianu seriam tão grandes que culminariam em ausência de inteligibilidade, afastando a hipótese de as duas línguas serem relacionadas entre si. O argumento da ininteligibilidade, entretanto, é questionável, uma vez que há casos de línguas irmãs incompreensíveis entre si, como é o caso do angolano e do santome, o que demonstra que a inteligibilidade não é crucial para o parentesco linguístico, não estando esses dois aspectos intrinsecamente relacionados. Ademais, em sua obra, Maduro não chega a discutir as diferenças entre o papiamentu e o kabuverdianu, limitando-se a apresentar textos (quatro deles usados nesta tese como *corpus* do kabuverdianu clássico — COELHO, 1967a [1880]) em kabuverdianu datados de 1880 e 1986 e seus correspondentes em papiamentu.

Jacobs (2012a) se relaciona mais com as reflexões de Martinus (1996) e Quint (2000b: 99-196).

Conforme visto na seção 4.2, Martinus (1996: 146-191) aponta similaridades (fonéticas, morfológicas e sintáticas) entre o papiamentu, o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança que, para ele, comprovam a hipótese de uma origem comum para essas línguas. Em linhas gerais, esse é o mesmo viés da hipótese de Jacobs (2012a). Assim sendo, seria possível questionar se as duas hipóteses não são iguais, podendo-se considerar os dois autores como pertencentes ao mesmo grupo de pensamento. Embora as duas abordagens se aproximem na medida em que ambas defendem uma origem compartilhada para o papiamentu e o kabuverdianu e trabalham com o conceito de relexificação, elas também diferem consideravelmente. Para Martinus (1996: 12-14), não apenas o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné teriam a mesma origem: ao lado deles, estariam as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné (santome, lung'ie, angolar e fa d'ambô), o palenquero e os crioulos sranan e saramaccan do Suriname. Jacobs (2012a: 46-47) discorda desse arcabouço monogenético subjacente à teoria de Martinus (1996: 12-14), afirmando que esse parentesco se apoia em bases fracas. Para o autor, as semelhanças entre o papiamentu e os crioulos portugueses do Golfo da Guiné não se deveriam a uma origem comum, mas às línguas das famílias kwa e bantu (substrato dos crioulos do Golfo da Guiné e línguas dos escravos que foram levados para Curaçao na segunda metade do século XVII) e mesmo ao contato direto entre falantes dos dois crioulos em um momento posterior à formação e estabilização do papiamentu por volta do fim do século XVII. Assim, as semelhanças estariam nas línguas do substrato ou no português.

O contato entre Curaçao e as ilhas do Golfo da Guiné, notadamente São Tomé, é demonstrado por alguns registros do tráfico escravocrata. No que diz respeito à procedência dos escravos, diversos autores — como Munteanu (1996: 40), Maurer (1998: 191), Jacobs (2012d: 4) e Parkvall (2012: 234) — apontam que se conhece pouco sobre a composição etnolinguística dos escravos que chegaram à ilha caribenha, especialmente as primeiras gerações, que teriam uma participação importante na configuração linguística do papiamentu. De qualquer forma, as referências aos

portos de embarque dos navios na costa ocidental africana com destino à Curaçao permitem algumas considerações sobre o tráfico curaçoleno. Regiões diversas são mencionadas como fornecedoras de cativos para Curaçao, como Golfo do Benin, Senegâmbia, Costa do Ouro, Costa dos Escravos, Congo, Angola, entre outras, o que mostra que a população africana que aportou em Curaçao era heterogênea nos âmbitos linguístico e cultural. Segundo Grant (2008b: 92), três áreas seriam as principais fornecedoras de escravos para a ilha caribenha a partir de 1658: a Costa de Escravos (onde são faladas línguas gbe), Loango (região onde pelo menos o kikongo e o kimbundu são falados) e a Costa do Ouro (onde predominam línguas akan e ga). Clements (2014) afirma ainda que, além de escravos do Congo, Angola, Togo, Benin e Nigéria, a partir de meados do século XVII, também começam a chegar a Curaçao escravos provenientes da região da Alta Guiné (o que justificaria o intercâmbio e a influência dos crioulos dessa região sobre o papiamentu). Ademais, algumas cifras do tráfico escravo curaçoleno são trazidas por Parkvall (2012: 270), que aponta a seguinte porcentagem de escravos curaçolenos com origem conhecida: Senegâmbia (1%); Costa do Ouro (7%); Bunto — nome dado pelo autor à região que vai desde Camarões até Angola — (36%); Costa dos Escravos (56%). Pelos dados do autor, é possível observar que, em Curaçao, houve um predomínio de cativos oriundos da Costa dos Escravos, falantes sobretudo de línguas kwa e delto-benuicas, e da área Bunto, onde são faladas principalmente línguas da família bantu (PARKVALL, 2012: 36-37, 271).

Além desses registros que ligam Curaçao à costa da Guiné (e, do ponto de vista linguístico, aos crioulos portugueses da Alta Guiné) através do tráfico de escravos, há também evidências de uma conexão direta entre São Tomé e as Américas/Caribe (incluindo Curaçao). Curtin (1969: 20), por exemplo, afirma que relatos fragmentários sugerem que alguns escravos levados do continente africano para São Tomé eram mais tarde enviados para as Américas. Já Mannix & Cowley (1963: 124-125) mencionam que navios negreiros saindo de São Tomé navegavam em direção a Cabo Verde a fim de seguir seu caminho para as Índias Ocidentais (termo arcaico usado pelos colonizadores europeus para se referir às ilhas da região do Caribe); apenas ao chegarem na latitude do arquipélago, os navios estariam livres de tempestades e

calmarias que poderiam atrapalhar a viagem. Esse relato indica que alguns dos escravos que chegaram ao Caribe (incluindo Curaçao) podem ter vindo de São Tomé. Por fim, Goslinga (1971: 348) aponta o seguinte caminho como o usual para os navios negreiros saídos da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos: inicialmente eles paravam na feitoria de Elmina (Costa do Ouro), onde deixavam suas cargas, soldados e outros funcionários destinados ao povoamento e ao trabalho nas feitorias e, em contrapartida, eram abastecidos com escravos, soldados cujo tempo de serviço tinha expirado e demais passageiros com destino às colônias nas Américas ou à Europa. Em seguida, esses navios paravam em São Tomé ou em Angola, recebendo mais escravos e, às vezes, também açúcar e algodão. Além dessas paradas, é possível que houvesse ainda o embarque de mais escravos em outras feitorias da costa angolana. Depois de abastecidos, os navios seguiam em direção a seu destino final: o Brasil (mais precisamente, Recife) ou o Caribe, incluindo Curaçao. Especificamente com relação a Curaçao, dados do comércio de escravos transatlântico (VOYAGE DATABASE, 2009) mostram que nos anos de 1663, 1667, 1671, 1681 e 1682, seis navios (dois no primeiro ano) aportaram em Curaçao trazendo escravos oriundos do Golfo de Biafra e das ilhas do Golfo da Guiné. Assim, a partir dessas informações, é possível defender a existência do contato entre Curaçao e São Tomé através do tráfico de escravos, o que certamente teve impactos na formação do papiamentu.

Quanto à atribuição de similaridades às línguas de substrato, a afiliação de traços dos crioulos a essas línguas não é tão simples quanto pode parecer à primeira vista. Arends, Kouwenberg & Smith (1995: 100) apontam alguns problemas metodológicos das pesquisas que analisam o papel do substrato na formação das línguas crioulas. O primeiro deles diz respeito ao chamado Princípio da Cafeteria, que, com relação às línguas de substrato, consiste na prática de atribuir arbitrariamente traços dos crioulos a línguas do oeste africano, desconsiderando se de fato essas línguas atuaram na formação dos crioulos (com base, por exemplo, em registros históricos). Esse procedimento é inapropriado, uma vez que, dado o grande número e diversidade de línguas africanas, não é raro encontrar um ou outro elemento dos crioulos nessas línguas. Outro problema metodológico é a prática de não

considerar a possibilidade de alguns traços das línguas crioulas serem decorrentes de universais linguísticos. Além dessas dificuldades no método, os autores mencionam ainda um problema empírico com o qual a pesquisa sobre a influência do substrato se defronta: como descobrir quais foram as línguas que realmente influenciaram a formação dos crioulos, onde, quando e qual o seu número de falantes. Já Mufwene (2001: 212-214, 2009 [1996]: 372), apesar de reconhecer a participação das línguas de substrato no desenvolvimento dos crioulos, afirma que a influência dessas línguas estaria primariamente no âmbito lexical e, em termos quantitativos, seria mínima em comparação com os itens derivados da língua lexificadora; ademais, segundo o autor, essa influência estaria circunscrita a certos domínios lexicais, mais conhecidos das populações do substrato. Além dessas dificuldades gerais nos trabalhos sobre o substrato, o posicionamento de Jacobs (2012a) quanto aos crioulos do Golfo da Guiné suscita ainda dois comentários. Em primeiro lugar, atribuir as semelhanças entre o papiamentu e os crioulos portugueses do Golfo da Guiné às línguas bantu e kwa é uma postura arriscada, uma vez que, mesmo que houvesse influência dessas línguas (considerando que, apenas no grupo bantu, há atualmente centenas de línguas e, no século XVIII, deveria haver muito mais), seria um acaso que as influências resultassem em mudanças mais ou menos semelhantes nas línguas do Golfo da Guiné e no papiamentu. Ademais, tendo o objetivo de enfatizar as relações entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné, Jacobs (2012a) muitas vezes dá pouca atenção ao Golfo da Guiné e à semelhança de suas línguas de base portuguesa (que, por vezes, têm vocábulos e estruturas iguais ou semelhantes) com o papiamentu, atribuindo as similaridades a desenvolvimentos paralelos e posteriores à formação inicial do papiamentu.

No que tange ao estudo de Martinus (1996), outra crítica apontada por Jacobs (2012a: 47) reside no fato de, para chegar a suas conclusões acerca do parentesco linguístico, Martinus (1996: 17-18, 193-263) recorrer aos registros do guene, espécie de língua secreta supostamente falada por parte da população escrava de Curaçao até o século XIX e atualmente extinta³². Para Jacobs (2012a: 47), confiar nesse

³²Com relação às características dessa língua, de acordo com Quint (2000b: 164-165), os dialetos da língua guene (considerando que a língua não era homogênea) tinham uma base

material é problemático, já que ele é bastante limitado, compreendendo fragmentos de músicas, provérbios e palavras isoladas³³. A própria definição dada por Martinus (1996: 17) ao termo guene é questionável. Segundo ele, o termo é usado para se referir a três coisas: (i) língua secreta usada por um grupo de escravos; (ii) língua falada por um grupo de escravos descritos como pequenos, muito negros e capazes de voar; (iii) conjunto de músicas, rimas, trocadilhos e palavras, considerado o legado do povo falante da língua guene e transmitido através das gerações entre os falantes

ibero-românica e eram permeados por um grande número de palavras de étimo africano. Atualmente, essa língua não é mais usada em Curaçao e, segundo o autor, várias estruturas e vocábulos que aparecem nos cânticos guene são ininteligíveis para os falantes do papiamentu moderno. Acerca do entendimento do guene, Martinus (1996: 18) defende que muito provavelmente as pessoas (em geral, mais velhas) que entendem as cantigas não conseguiriam traduzi-las palavra por palavra, chegando somente a um significado global, com o auxílio do contexto. Quanto à origem do guene, Domingos (1974: 9) afirma que as raízes dessa língua secreta usada por escravos devem ser buscadas em uma língua franca diferente do papiamentu, que se desenvolveu nos campos de escravos na costa africana. Uma vez que os escravos das diferentes *plantations* curaçolênhas tinham pouco contato entre si, é possível distinguir quatro dialetos do guene a partir dos locais em que a língua era usada: Lagun, Knip, Portomari e Savonet. Birmingham (1970: 136-138), por seu turno, considera ainda que a língua guene, surgida a partir do encontro entre o português e línguas africanas na costa da África, seria mais uma evidência de que a base do papiamentu é o português, e não o espanhol.

³³De acordo com Martinus (1996: 17-18), os registros da língua guene foram coletados especialmente pelo padre católico Paul Brenneker e pelo poeta Elis Juliana e compreendem cerca de 40 horas de material gravado, totalizando aproximadamente 1.400 itens. Na terceira parte de sua obra, Martinus (1996: 193-263) analisa textos na língua guene, fornecendo alguns exemplares nessa língua e tratando de aspectos lexicais, fonológicos, morfológicos e sintáticos. Desde 2010, as gravações da língua guene, realizadas entre 1950 e 1960 e conhecidas pelo nome de coleção *Zikinzá*, foram transferidas para o acervo do *National Archeological and Anthropological Memory Management — Gestão Nacional da Memória Arqueológica e Antropológica* (NAAM) em Curaçao, onde podem ser consultadas por aqueles que se interessarem. Além disso, há materiais do guene disponíveis na internet: (i) algumas cantigas podem ser ouvidas no site de Elis Juliana (<http://elisjuliana.com/?page=Oudio>); (ii) as teses de Rene Rosalia sobre o tambú (forma de expressão musical e dança africana) e de Rose Mary Allen sobre aspectos socioculturais da população afro-curaçolênhas durante os 50 anos posteriores à abolição da escravatura em 1863 (<http://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/20718/index.htm;jsessionid=D94A4B0B451174E6583BC105D9555220?sequence=19>) trazem muitas transcrições das cantigas guene.

de Curaçao e Bonaire. O item (ii) é fantasioso demais e sugere que talvez o guene esteja mais no mundo do mito do que na realidade³⁴.

Uma terceira crítica diz respeito ao argumento de inteligibilidade entre o papiamentu e o kabuverdianu levantado por Martinus (2007: 7). Segundo o autor, a única barreira para a comunicação entre falantes do papiamentu e do kabuverdianu se relaciona à partícula de negação: *ka* em kabuverdianu e *no* em papiamentu. Para Jacobs (2012a: 339-340), esse critério da inteligibilidade entre as duas línguas não se aplicaria de forma tão direta³⁵. Falantes monolíngues dos dois crioulos são incapazes de se comunicar efetivamente entre si em virtude de diferenças estruturais (como o operador de negação e a marca de plural), bem como diferenças nos itens lexicais. Segundo o autor, somente no caso de falantes de kabuverdianu com algum conhecimento de espanhol e holandês ou de falantes de papiamentu que soubessem um pouco de português, a comunicação poderia ser livre. De qualquer forma, esse argumento da inteligibilidade não seria crucial para a teoria que postula uma relação entre o papiamentu e o kabuverdianu, uma vez que as similaridades indicativas de parentesco estariam situadas sobretudo ao nível dos itens funcionais, e não nos lexicais (JACOBS, 2012a: 340).

Apesar dessas discordâncias gerais (o arcabouço monogenético, o papel atribuído ao guene e o argumento de inteligibilidade), Jacobs (2012a: 47) enfatiza que suas críticas não desqualificam a importância do trabalho de Martinus (1996) em

³⁴Grant (2008a: 61-64) também mostra ressalvas em recorrer ao material do guene. Segundo o autor, apesar de o material que se tem do guene permitir conjecturar que essa língua ajudou a moldar o papiamentu, não é possível estabelecer nenhuma conexão histórica irrefutável entre as duas variedades, tampouco o guene e seus supostos ancestrais diretos conseguem explicar por si só todos os elementos portugueses que aparecem no papiamentu. Para o autor, “O papel exato do guene nos estágios iniciais da formação do papiamentu é aquele das ‘cartas coringas’ remanescentes em nosso entendimento da história da língua. E até que nós estejamos mais certos sobre o lugar em que o guene se encaixa, nós talvez devêssemos tentar reconstruir a história do papiamentu sem referência a ele a menos que sua ausência crie problemas epistemológicos, do contrário, intransponíveis.” (GRANT, 2008a: 63, tradução nossa) — Citação original: “The exact role of Guene in the early stages of development of Papiamentu is one of the remaining ‘wild cards’ in our understanding of the history of the language. And until we are more certain whereabouts Guene fits in, we should perhaps try to reconstruct the history of Papiamentu without reference to it unless its absence creates otherwise unbridgeable epistemological problems.”

³⁵Grant (2008a: 62) também discorda dessa inteligibilidade mútua.

abrir caminho para as pesquisas sobre o parentesco entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné, contendo uma ampla gama de dados, que muitas vezes serão usados em seu estudo.

Além de Martinus (1996), a hipótese de Jacobs (2012a) se apoia ainda na descrição de Quint (2000b: 99-196), segundo a qual o papiamentu, o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamansa formariam uma família linguística. A fim de sustentar esse posicionamento, o autor primeiramente compara o kabuverdianu com o kriyol de Guiné Bissau e Casamansa, apontando similaridades e diferenças das duas línguas com relação a aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais. As semelhanças são tamanhas que o autor propõe uma origem comum (a partir de um protocrioulo hispânico da África ocidental) e considera, com base em alguns dados históricos, que a língua surgiu na ilha de Santiago, em Cabo Verde, difundindo-se, mais tarde, para a Guiné (QUINT, 2000b: 115-117). A separação entre as duas línguas ocorreu na primeira metade do século XVI, a partir do estabelecimento das primeiras feitorias portuguesas na costa ocidental da África e, desde então, as duas línguas têm se desenvolvido de forma independente. Uma das diferenças entre o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamansa apontada por Quint (2000b: 113) diz respeito ao maior número de palavras africanas encontrado no crioulo do continente em comparação à língua falada no arquipélago. A explicação para esse quadro, segundo o autor, estaria no fato de que o kriyol de Guiné Bissau e Casamansa se manteve em contato com as línguas africanas faladas na região, ao passo que, em Cabo Verde, tal contato não foi conservado e o crioulo que ali se desenvolveu estava sujeito somente às pressões do português. Após tratar das línguas da Guiné, o autor se debruça sobre o papiamentu, que teria surgido a partir da variedade santiaguense do kabuverdianu, provavelmente em meados do século XVII, entre 1634 e 1700 (QUINT, 2000b: 198). Demonstrando o parentesco entre o papiamentu e o kabuverdianu, aparecem alguns aspectos similares nos âmbitos da fonologia, morfologia, sintaxe e itens do léxico funcional. As diferenças entre as duas línguas também são abordadas, buscando-se explicações para elas. Conclui-se que o papiamentu se diferencia do kabuverdianu com relação a quatro características principais: (i) o sistema de tons; (ii) os fenômenos de metafoia; (iii) a ocorrência

de vogais médias-altas e médias-baixas; (iv) a inserção ou o apagamento de vogais em posição final (QUINT, 2000b: 167). Segundo Quint (2000b: 183), essas características divergentes ilustrariam dois traços fundamentais da língua caribenha. Em primeiro lugar, o papiamentu seria mais semelhante às línguas européias (português, espanhol e holandês) do que o kabuverdianu (não apresentando, por exemplo, consoantes pré-nasalizadas e tendo um número relativamente pequeno de palavras de origem africana), o que poderia ser explicado pelas influências que a língua recebe do espanhol e do holandês. Além disso, o papiamentu possui alguns elementos africanos provenientes das línguas bantu e kwa e similaridades (ainda que reduzidas em número) com as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné. Por fim, o autor discute ainda o elemento espanhol no papiamentu e, para ele, a presença marcante de itens provenientes dessa língua no papiamentu se deve à relexificação parcial em virtude de o espanhol ser bastante usado nos contextos religiosos e possuir grande prestígio (QUINT, 2000b: 192-194)³⁶.

Em síntese, para Quint (2000b: 198-208), o kabuverdianu, o kriyol de Guiné Bissau e Casamança e o papiamentu teriam uma origem comum: o protocrioulo da Alta Guiné. Essa asserção se sustenta pelas similaridades entre as três línguas (especialmente entre kabuverdianu e kriyol de um lado, e kabuverdianu e papiamentu de outro), que seriam tão numerosas, segundo o autor, que não poderiam ser tratadas como coincidência ou atribuídas ao acaso. Quanto às características do protocrioulo, o autor faz uma breve reconstrução de alguns aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos mais gerais com base nos traços compartilhados pelas três línguas.

Além de mostrar as semelhanças entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné, Quint (2000b: 180-183, 217-221) discute também as semelhanças e diferenças entre o papiamentu e os crioulos portugueses do Golfo da Guiné no intuito de fortalecer sua tese de que o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné constituem uma família linguística própria. Para o autor, os traços compartilhados entre o papiamentu e as línguas de base portuguesa do Golfo seriam limitados em número e

³⁶De fato, isso também foi atestado por Araujo (2011), que observou que a liturgia católica em Curaçao é enormemente influenciada pelo português e espanhol, mesmo sendo difundida por padres provenientes do Reino da Holanda/Reino Unido dos Países Baixos no século XIX.

escopo e, conseqüentemente, não seriam decorrentes de uma origem comum, mas de substratos similares (línguas bantu e kwa). Analisando as semelhanças no sistema de tempo, modo e aspecto (TMA) e alguns tratamentos convergentes de palavras oriundas do português, o autor aceita a possibilidade de que a formação dos crioulos do Golfo da Guiné e da Alta Guiné (incluindo o papiamentu) não ocorreu de maneira totalmente desvinculada, com o protocrioulo da Alta Guiné influenciando a formação da língua falada no Golfo da Guiné. Uma vez que a descoberta e o povoamento de Santiago ocorreram antes de São Tomé³⁷, esse ponto de vista encontra embasamento e poderia explicar alguns aspectos similares (tais como os sistemas de partículas verbais, as palavras oriundas do oeste africano e os vocábulos de étimo português diferentes da variedade padrão) encontrados nos dois grupos de línguas.

Nas palavras de Jacobs (2012a: 47, tradução nossa), as reflexões de Quint possuem um grande diferencial dentre as hipóteses que tratam da origem do papiamentu:

O que torna a hipótese de Quint única dentro da literatura existente sobre as origens do papiamentu é o fato de que ela corrobora a visão frequentemente postulada de que o papiamentu foi formado na costa ocidental africana e também depende de forma crucial do conceito de relexificação, mas, diferente das escolas de pensamento anteriores, não vincula suas afirmações a um arcabouço monogenético³⁸.

Apesar desse caráter único, a hipótese de Quint não tem recebido a devida atenção dos estudiosos do papiamentu, muitas vezes, não sendo sequer mencionada nas obras que tratam da origem dessa língua (JACOBS, 2012a: 48).

A fim de sustentar sua hipótese, Jacobs (2012a) recorre a dados de duas naturezas: linguísticos e históricos. Os aspectos linguísticos enfatizam a correspondência

³⁷Como visto na seção 3.3 do capítulo 3, Santiago foi conquistada entre 1445 e 1460 e começou a ser povoada em 1462. Já a conquista de São Tomé, segundo Agostinho (2015: 4-5), ocorreu provavelmente em 1470 e seu povoamento se iniciou entre 1480 e 1493.

³⁸Citação original: “What makes Quint’s hypothesis unique within the existing literature on PA’s [Papiamentu] origins is the fact that it supports the often postulated view that PA was formed on the African West Coast and also relies crucially on the concept of relexification, but, unlike earlier scholarship, does not embed these claims in a monogenesis framework.”

entre traços (sobretudo no âmbito das palavras funcionais) do papiamentu e dos crioulos portugueses da Alta Guiné, remontando à presença do português dos séculos XV e XVI nessas línguas crioulas. Já os dados históricos salientam que o comércio de escravos da região da Alta Guiné para Curaçao permitiu a transferência da língua que deu origem ao papiamentu. Dentre esses dois conjuntos de dados, conforme mencionado pelo próprio Jacobs (2012a: 348), os linguísticos são os que evidenciam mais fortemente a relação entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné, devendo-se somente considerar os aspectos históricos em consonância com a evidência linguística. Os dados sócio-históricos, desse modo, ajudam a localizar os elementos linguísticos e estes, por seu turno, contribuem para tornar o quadro histórico mais claro.

4.3.1 Dados linguísticos

No tocante aos traços linguísticos, Jacobs (2012a: 51-267) compara o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné com relação aos seguintes aspectos: fonológicos, lexicais (itens funcionais), morfológicos e sistemas verbais de marcação de tempo, modo e aspecto (TMA). Como exemplos de mudanças fonológicas compartilhadas (JACOBS, 2012a: 51-82) na introdução de itens de étimo português no papiamentu e nos crioulos portugueses da Alta Guiné, é possível citar:

- (7) a. mudança de /o/ átono para /u/: PT *f[o]rmiga* ($\neq$ ESP *hormiga*) > PP arubano **fr[u]minga** / PP curaçolêno **vr[u]minga** / CAG *fr[u]minga* ‘formiga’; PT/ESP *pr[o]s(s)eguir* > PP **p[u]rsigui** / CAG *p[u]rsigui* ‘perseguir’;
- b. restrição às fricativas sonoras (possivelmente em determinados contextos e sobretudo no vocabulário mais conservador do papiamentu):
- (i) /z/ > /s/: PT *vi[z]inho* ($\neq$ ESP *vecino*) > PP **bi[s]iña** / CAG *bi[s]inhu* ‘vizinho/vizinha’;
- (ii) /v/ > /b/: PT *no[v]o* ($\neq$ ESP *nuevo*) > PP **no[b]o** / CAG *no[b]u* ‘novo’;

(iii) /ʒ/ > /ʃ/: PT *cora[ʒ]em* (≠ ESP *coraje*) > PP **kura[ʃ]i** / CAG *kora[ʃ]i* ‘coragem’.

- c. metátese de /r/ em posição de coda medial ou como segundo membro do cluster: (i) PT/ESP *estorbar/estorvar* > PP **stroba** / KV de Santiago *stroba* ‘estorvar, atrapalhar, incomodar’; (ii) PT/ESP *madrugada* > PP **mardugá** / KV de Santiago *mardugáda* ‘madrugada’.

Quanto à metátese de /r/, Jacobs (2012a: 76-77) não apresenta de forma precisa as características do processo, não especificando de onde sai o /r/, para onde vai o /r/, o que engatilha o processo e o seu alvo (o deslocamento é para a 1^a sílaba, para a pré-tônica ou para a tônica). Ademais, em grande parte dos processos fonológicos apresentados pelo autor, é possível considerar que a referida mudança já havia ocorrido no próprio português do século XVI (e, assim, o português do século XVI, o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné apresentavam a mesma forma), o que desarticula a argumentação de Jacobs (2012a: 51-82), para quem o fato de os crioulos compartilharem as mesmas mudanças indicaria uma origem comum.

Com relação aos elementos funcionais, sua escolha parte do pressuposto de que, em situações de contato linguístico, as palavras funcionais tendem a ser mantidas (elas são menos propensas a serem substituídas por conta de sua opacidade semântica), ao passo que os itens da estrutura léxico-conceitual, que inclui os traços semânticos e informações pragmáticas, são mais suscetíveis de mudar no caminho da língua fonte para a língua-alvo (MYERS-SCOTTON, 2002: 291-293; MATRAS, 2009: 153-165). Desse modo, a presença de um grande número de palavras funcionais do papiamentu semelhantes ao kabuverdianu (e ao kriyol de Guiné-Bissau e Casamança) seria indicativa de uma afiliação linguística (e consequentemente da base portuguesa da língua caribenha) (JACOBS, 2012a: 83). Essa relação direta entre palavras funcionais similares e origem comum não encontra consenso entre os estudiosos. Heine & Miyashita (2009), por exemplo, argumentam que a presença de itens funcionais semelhantes (ou iguais) nem sempre significa afiliação genética. Em outras palavras, não se deve relacionar toda e qualquer similaridade a uma origem

comum, uma vez que outros fatores podem explicar esse cenário, como o contato linguístico ou desenvolvimentos paralelos através de mecanismos de gramaticalização. Heine & Kuteva (2003) discutem inclusive o processo de gramaticalização induzido pelo contato, que pode ser definido como um caso de gramaticalização decorrente da influência de uma língua sobre a outra. Para os autores, em situações de contato entre línguas, as mudanças no âmbito gramatical apresentam tanto características também presentes em processos de gramaticalização que prescindem do contato quanto aspectos particulares advindos do contexto externo, sendo necessários estudos mais aprofundados para analisar o peso e a relevância de cada conjunto de fatores. Nesta tese, a posição adotada com relação aos itens funcionais aproxima-se daquela considerada por Jacobs (2012a: 83). Partindo do pressuposto de que itens desse tipo são menos propensos a serem substituídos em virtude de sua opacidade semântica (MATRAS, 2009: 153-165), as convergências nos vocábulos funcionais do papiamentu e do kabuverdianu podem ser vistas como uma evidência de que essas estruturas fazem parte da camada mais antiga das línguas, sugerindo um parentesco linguístico. Contudo, a relação entre as duas línguas é sustentada não apenas por elementos funcionais, mas também por estruturas e itens lexicais (sobretudo vocábulos de alta frequência) e elementos sócio-históricos, como os dados do tráfico negroiro.

Dentre os elementos funcionais (com relação às classes de palavras) trazidos por Jacobs (2012a: 83-141), citam-se:

- (8) a. **pronomes**: os pronomes são as partes do discurso que mais resistem à mudança diacrônica por serem os elementos mais frequentes em grande parte das línguas e também por estarem em geral organizados em paradigmas (JACOBS, 2012a: 83). Assim, semelhanças no sistema pronominal são constantemente aventadas quando se trata de discutir uma origem comum. Considerando o quadro 1, observa-se que o sistema de pronomes do papiamentu é quase idêntico àquele do kabuverdianu de Santiago e do kriyol de Guiné Bissau e Casamansa, inclusive no que diz respeito a alguns aspectos clíticos e à

ocorrência de pronomes enfáticos (formas antecedidas por **a-**)³⁹.

Pessoa do discurso	Papiamentu	Kabuverdianu de Santiago	Kriyol de Guiné Bissau e Casamança
1s	(a)mi	(a)mi	(a)mi
2s	(a)bo	(a)bo	(a)bo
3s	e ~ el	(a)el	el
1PL	(a)nos	(a)nos	(a)nos
2PL	(a)boso	(a)nhos	(a)bos
3PL	(a)nan ⁴⁰	(a)es	elis

Quadro 1: Quadro pronominal do papiamentu, kabuverdianu de Santiago e kriyol de Guiné Bissau e Casamança (JACOBS, 2012a: 84).

A exceção no quadro 1 é feita à 3^a pessoa do plural, que, em papiamentu, diferentemente das outras línguas, corresponde ao pronome **nan**. Essa forma pronominal e também pluralizador de nomes deve ter sido introduzida no papiamentu por influência de falantes de línguas das famílias kwa e bantu ou dos crioulos portugueses do Golfo da Guiné, em um período posterior⁴¹. Sustentando essa hipótese, Jacobs (2012a: 90-95) menciona o fato de que a variedade antiga dos crioulos portugueses da Alta Guiné (a partir da qual o papiamentu provavelmente teria se originado) não apresentava nem pronome de 3^a pessoa do plural (havendo uma única forma homófona tanto para o singular quanto para o plural) nem morfema (produtivo) pluralizador de nomes. Havia, então,

³⁹Comparando os dados do quadro 1 com os encontrados para as variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu (como será visto na seção 5.1.3 do capítulo 5), observa-se que o sistema pronominal do papiamentu é o mesmo nas duas sincronias. Já com relação ao kabuverdianu, nota-se que todas as formas modernas já apareciam na variedade clássica, que apresentava ainda mais algumas variantes.

⁴⁰Dentre os pronomes enfáticos, Jacobs (2012a: 84-85) aponta que as formas **anos**, **aboso** e **anan** aparecem apenas na variedade de papiamentu falada em Aruba, sendo possível afirmar (junto com outros autores) que, nesse aspecto, ela é mais conservadora do que a de Curaçao.

⁴¹Essa explicação deixa escapar as semelhanças do sistema pronominal do papiamentu com o Golfo da Guiné. Lenz (1928: 185), com base em Schuchardt, também menciona paralelos no âmbito dos pronomes entre o papiamentu, o santome, o kabuverdianu e o fa d'ambô. Ademais, é possível questionar a influência bantu com relação ao sufixo e pronome **nan**, já que esse grupo de línguas apresenta somente prefixações.

uma lacuna na língua e, posteriormente, no momento de sua formação, o papiamentu permitiu a entrada da forma **nan** para preenchê-la. No kabuverdianu e no kriyol de Guiné Bissau e Casamança, a lacuna também foi preenchida mais tarde, contudo adotou-se uma forma de étimo português. Desse modo, a explicação dada por Jacobs (2012a: 90-95) não fere sua assunção de que os pronomes são mais resistentes à mudança, já que, nesse caso, não haveria substituição de uma forma por outra, mas a admissão de uma forma em uma função que não apresentava outro elemento. Quanto à procedência do **nan** e seu funcionamento tanto como pronome quanto como morfema de plural, Jacobs (2012a: 95) tende a considerar um possível étimo no substrato africano, já que as línguas lexificadoras não têm tal propriedade. Um étimo nas línguas crioulas do Golfo da Guiné — que possuem formas similares ao papiamentu: santome *ine ~ inen ~ ne ~ nen*; angolar *ane ~ ene ~ ne*; lung'ie *ina ~ ine*; fa d'ambô *na ~ nam ~ nan* (MAURER, 1998: 197) — é considerado pouco provável pelo autor. Caso isso tenha ocorrido, foi em um momento posterior à composição tipológica do papiamentu, especialmente no que diz respeito à ordem de palavras, uma vez que, no Golfo da Guiné, o morfema de plural é prefixado ao nome, enquanto que, no papiamentu, ele é um sufixo (JACOBS, 2012a: 95). A discussão sobre a etimologia do papiamentu **nan** tem despertado a atenção de diversos estudiosos. Lenz (1928: 112, 186), por exemplo, afirma que o **nan** teria uma origem africana (a partir da forma *inem*). Essa procedência africana também é defendida por Munteanu (1996: 427), que acrescenta que provavelmente essa forma tinha uma função diferente nas línguas africanas, o que lhe conferiu um *status* forte no papiamentu. Do mesmo modo, Johnen (em elaboração) advoga uma origem não europeia para o **nan**, a partir de um substrato kwa (seguindo Maurer). Maurer (1998: 197) e Quint (2000b: 175-176), por seu turno, propõem que a origem do **nan** deve ser buscada nos crioulos do Golfo da Guiné, o que demonstra a influência dessas línguas na formação do papiamentu. Maurer (2009: 40) menciona ainda

que essa forma de 3^a pessoa do plural e morfema de plural teria origem no edo (*irã*), um importante substrato das línguas crioulas do Golfo da Guiné, mas geralmente descartado como tendo influência sobre o papiamentu. Segundo o autor, esse papel do edo poderia ter sido indireto, uma vez que os contatos entre a cidade do Benin (onde o edo é falado) e portugueses e demais colonizadores já são registrados desde o início do comércio português na costa ocidental africana. Já Parkvall (2012: 286) afirma que o **nan** pode ter sua origem ligada ao wolof e ao edo. Contudo, o próprio autor assinala que essa explicação deve ser analisada mais detidamente, uma vez que falantes de wolof e de edo não foram numericamente representativos no cômputo geral dos escravos que chegaram a Curaçao (PARKVALL, 2012: 303). De qualquer forma, além de definir o étimo do **nan**, ainda falta explicar porque o papiamentu optou por uma forma derivada de um substrato africano (em detrimento do superstrato ibero-românico) e ainda o processo de gramaticalização que igualou o pronome de 3^a pessoa do plural e o morfema de plural, cenário, segundo Muysken & Veenstra (1995: 124) e Heine & Kuteva (2002: 237-238), comum em crioulos, inclusive nos de base lexical portuguesa. Para Parkvall (2012: 291), o fato de o pronome de 3^a pessoa do plural ser igual ao pluralizador em papiamentu poderia ser atribuído ao ewe, twi, ibo, fula e iorubá. Quanto aos mecanismos de gramaticalização, Arends & Bruyn (1995: 120) chamam a atenção para o fato de que, muitas vezes, casos de aparente gramaticalização interna são influenciados por outras línguas também. Assim, haveria uma necessidade de se analisar a influência externa de diversas línguas, o que só será alcançado a partir de uma abordagem que congregue o ponto de vista sincrônico e o diacrônico. O resultado pode ser que uma convergência de fatores (substrato, superstrato e universais linguísticos) esteja em jogo no caso de alguns aspectos da gramática. Esse posicionamento dos autores deixa claro que a explicação para a identidade entre o pronome de 3^a pessoa

do plural e o morfema de plural em papiamentu pode ir além de mecanismos internos de gramaticalização, envolvendo outros fatores, como a influência de outras línguas.

- b. **preposições**: há semelhanças nas preposições simples e também nas combinações de preposições e nas locuções prepositivas, a exemplo de:
- (i) PP **di, ku, na, pa** — CAG *di, ku, na, pa* ‘de, com, em, para’;
 - (ii) PP **(bai) paden/pafó/patras/pariba** — KV de Santiago *(bai) padentu/pafora/patras/pariba* ‘(ir) para dentro, para fora, para trás, para cima’;
 - (iii) PP **banda di** — CAG *banda di* ‘perto de, cerca de’ (uso locativo e temporal); entre outros.

De acordo com Lenz (1928: 141-142), o fato de quase todas as preposições do papiamentu terem um étimo português, ao invés de espanhol, seria uma evidência de que essa língua teria origem no dialeto afroportuguês falado por escravos africanos.

- c. **interrogativos**: os elementos interrogativos do papiamentu, do kabuverdianu de Santiago e do kriyol de Guiné Bissau e Casamansa também são semelhantes, havendo coincidência inclusive no fato de que, para indicar tempo (‘quando’), as três línguas recorrem a formas bimorfêmicas (PP **ki ora/dia/tempu**; KV de Santiago *ki ora/dia/tempu*; KG *kal ora/dia/tempu*), ao passo que, para perguntar sobre coisa, pessoa e lugar (‘o que’, ‘quem’ e ‘onde’, respectivamente), essas línguas optam por formas monomorfêmicas (PP **ki, ken, (na) unda**; KV *ki, ken, (na) unde*; KG *ki, ken ~ kin, nunde (na + unde)*)⁴².
- d. **conjunções**: o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné também apresentam similaridades no que diz respeito aos elementos de conexão entre partes do sintagma ou sentenças, possuindo conjunções coordenadas e subordinadas semelhantes:

⁴²As similaridades com o santome também são consideráveis, como se observa em *kê dja, kê mind’ola, kê ola* ‘quando’, *kê, kê kwa* ‘o que’, *ken, kê ngê* ‘quem’, *(n)ondji, (n)andji/anji* ‘onde’ (exemplos retirados de ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013).

- (i) PP **ku, i** — CAG *ku, si* ‘e (conjunção coordenada)’;
 - (ii) PP **si** — CAG *si* ‘se’;
 - (iii) PP **ora (ku), pa/na/te/te na + ora (ku)** — CAG *ora ki/ku, pa/na/te/te na + ora ki/ku* ‘quando’;
 - (iv) PP **manera (ku)** — KG *manera (ki ~ ku)* ‘como’; entre outras⁴³.
- e. **reciprocidade e reflexividade**: em papiamentu e nos crioulos da Alta Guiné, a reciprocidade é expressa por uma palavra que significa ‘outro’ (**otro** e *utru*, respectivamente); já para expressar a reflexividade, há duas opções: (i) no caso de verbos de ação física e algumas expressões idiomáticas, usa-se um item significando ‘corpo’ (PP **kurpa** e CAG *kurpu*⁴⁴); (ii) nos demais casos, usa-se um reflexivo antes do pronome (PP **mes**, KV de Santiago *me* ‘mesmo’).

No campo da morfologia, observa-se que tanto o papiamentu quanto os crioulos portugueses da Alta Guiné apresentam morfemas derivacionais e flexionais produtivos (JACOBS, 2012a: 143), o que contraria a crença bastante difundida da ausência de morfologia nas línguas crioulas⁴⁵. Segundo Jacobs (2012a: 143), a morfologia seria um dos domínios mais estáveis no tocante às mudanças linguísticas. Assim, “devido a sua baixa taxa de emprestabilidade, a morfologia está entre os indicadores mais confiáveis de relação genética entre um dado par de línguas [...]”⁴⁶ (JACOBS, 2012a: 143, tradução nossa). Myers-Scotton (2002), por seu turno, discorda dessa visão. Para ela, o âmbito da morfologia apresenta uma alta taxa de empréstimos. A

⁴³O santome também possui formas similares, a exemplo de *ku, i* ‘e (conjunção coordenativa)’, *xi* ‘se’ e *ola (ku)* ‘quando’ (exemplos retirados de ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013).

⁴⁴Nos crioulos da Alta Guiné, o item normalmente usado como reflexivo não é aquele que remete a ‘corpo’, mas sim a ‘cabeça’ (*kabesa*). Esse uso de uma palavra que significa ‘corpo’ para indicar reflexividade constitui um caso de gramaticalização, também encontrado em outras línguas, como o ibíbio e o iorubá, e frequente em crioulos de base românica (HEINE & KUTEVA, 2002: 58-60).

⁴⁵Freitas & Bandeira (no prelo) discutem os processos morfológicos de formação de novas palavras nos crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné e no kabuverdianu e mostram que essas línguas possuem diversos mecanismos próprios, o que se opõe à ideia de que os crioulos carecem de morfologia, sendo mais simples.

⁴⁶Citação original: “Owing to this low borrowability rate, morphology is among the most reliable indicators of genetic relatedness between a given pair of languages [...]”

esse respeito, Bakker & Muysken (1995: 44) consideram que o empréstimo de raízes ocorre mais comumente do que o de afixos, os quais em geral só acontecem após um empréstimo lexical massivo. No que tange aos afixos, Thomason & Kaufman (1988: 349) afirmam que o empréstimo de afixos derivacionais é mais comum do que o de afixos flexionais. Um dos aspectos da morfologia derivacional discutido por Jacobs (2012a: 144-146) é a alta produtividade dos sufixos **-mentu** e **-dó** em papiamentu. Esses sufixos não aparecem apenas com bases ibero-românicas, mas também podem se unir a raízes de étimo holandês, como se vê, por exemplo, em **wakmentu** ‘ato de olhar, olhada’ (do PP **wak** ‘olhar’ < HOL *waken*) e **fèrfdó** ‘pintor’ (do PP **fèrf** ‘pintar’ < HOL *verven*) — esse quadro também é mencionado por Lenz (1928: 149) e Kouwenberg & Muysken (1995: 209) e pode encontrado na análise de Bandeira (2013: 98-100). Nos crioulos da Alta Guiné, esses sufixos também se fazem presentes, sendo, contudo, mais usuais no kriyol de Guiné Bissau e Casamança do que no kabuverdianu de Santiago, o que pode ser explicado pelo fato de esta língua ter incorporado outros morfemas derivacionais do português e também usar muitas formações irregulares provenientes do superstrato (JACOBS, 2012a: 145-146). No tocante à morfologia flexional, Jacobs (2012a: 151-155) menciona os participípios passados no papiamentu e nos crioulos da Alta Guiné. Em geral, a formação do participípio é igual nas línguas, nas quais frequentemente há a opção pelo uso de participípios regulares, não sendo comuns os participípios irregulares. A diferença entre elas diz respeito à forma: de maneira geral, os crioulos da Alta Guiné mantêm o *-do* etimológico, já no *papiamentu antigo*⁴⁷, ele foi substituído por **-r**, que, no papiamentu moderno, sofreu sistematicamente apócope, como se observa no exemplo do

⁴⁷A denominação *papiamentu antigo* (Early Papiamentu) é usada por Jacobs (2012a) para se referir a “[...] escritos compreendendo esboços de gramática, cartas e textos evangélicos e abrangendo um período entre 1775 (a carta de amor em papiamentu) e 1928 (a gramática de Lenz).” (JACOBS, 2012a: 265, tradução nossa) — Citação original: “[...] writings comprising grammatical sketches, letters and evangelical texts and covering a period from 1775 (the PA [Papiamentu] love letter) to 1928 (Lenz’s grammar)”. No geral, esse período se assemelha ao *papiamentu clássico* (ARAUJO, 2011: 1), que engloba o período entre 1825 e 1905, como definido na seção 2.1 do capítulo 2.

PT *corado* ‘colorido, vermelho’ ($\neq$ ESP *rojo, colorado*)⁴⁸ > CAG *koradu* / PP antigo ***korar**⁴⁹ > PP moderno **korá**. Por fim, Jacobs (2012a: 145-169) menciona ainda o uso recorrente de passivas tanto no papiamentu quanto nos crioulos da Alta Guiné, situação diferente da maioria dos crioulos.

Com relação ao sistema verbal, as partículas pré-verbais de tempo, modo e aspecto (TMA) ocupam um lugar central em qualquer discussão sobre línguas crioulas. Em linhas gerais⁵⁰, dentre as quatro partículas TMA do papiamentu — **ta** (aspecto imperfeito geral), **taba/tabata** (passado imperfeito), **a** (passado perfeito), **lo** (futuro/condicional) —, duas são semelhantes às dos crioulos da Alta Guiné e duas são diferentes:

- (9) a. PP **ta** — CAG *ta*;
 b. PP **taba/tabata** — KV de Barlavento *taba/tabata*, KV de Sotavento/KG *-ba* (pós-verbal);
 c. PP **a** — CAG $\emptyset$;
 d. PP **lo** — KV de Santiago *ta, al* (este último de uso marginal) e KG *ta, na*.

Para indicar eventos futuros certos e imediatos, além da partícula **lo**, o papiamentu também pode fazer uso do marcador **ta** + o verbo auxiliar **bai** ‘ir’. Em comparação com essa perífrase, a partícula **lo** seria usada para eventos futuros incertos e mais distantes no tempo (HOYER, 1918: 14 *apud* LENZ, 1928: 175; MAURER, 1988: 88-100; KOUWENBERG & RAMOS-MICHEL, 2007: 312 *apud* JACOBS, 2012a: 197), como se observa em:

- (10) a. **Mi ta bai lesa e buki di reseta awe nochi.**
 1SSUJ IMP ir ler DET livro CON receita hoje noite

⁴⁸Para as formas do papiamentu, é possível também apontar como étimo um particípio originalmente feminino, propondo o seguinte trajeto de mudança: PT *corada* > PP clássico ***koraa** > PP moderno **korá** (comentário do professor Mário Eduardo Viaro).

⁴⁹O asterisco significa que é uma forma hipotética ou reconstruída. No *Woordenlijst*, exemplar do papiamentu clássico, aparece a forma **KORAAL**.

⁵⁰Para uma discussão mais pormenorizada não apenas da forma dos marcadores, mas também dos usos idiossincráticos de cada uma das línguas, consultar Jacobs (2012a: 171-226).

‘Eu lerei/vou ler o livro de receita hoje à noite.’

(evento em um futuro próximo e considerado como certeza)

- b. **(Un dia), Mi lo lesa e buki di reseta.**

DET dia 1SSUJ FUT ler DET livro CON receita

‘(Um dia), eu lerei o livro de receita.’

(evento em um futuro incerto e mais distante no tempo)

Ainda sobre o sintagma verbal, Jacobs (2012a: 226-255) mostra que grande parte dos verbos auxiliares do papiamentu possui um étimo português e uma correspondência com o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança, enquanto que os verbos principais, em sua maioria, provêm do espanhol (havendo também casos em que não é possível estabelecer se o étimo é espanhol ou português, já que as duas línguas possuem formas semelhantes) ou, em menor grau, do holandês. Esse cenário confirma a hipótese do autor de parentesco entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné, na medida em que as similaridades concentram-se especialmente no âmbito funcional, que engloba os verbos auxiliares, praticamente esvaziados de conteúdo lexical e passíveis de serem complementados por um verbo. Como exemplos dessa sobreposição nos verbos auxiliares, citam-se (exemplos retirados de JACOBS, 2012a: 254):

- (11) a. PT *pode* ($\neq$ ESP *puede*) > PP **por** — CAG *podì* ‘poder, ser capaz de’;
 b. PT *vai* ($\neq$ ESP *va*) > PP **bai** — CAG *bai* ‘ir’;
 c. PT/ESP *estar* > PP **ta** — CAG *ta* ‘ser, estar’;
 d. PT/ESP *parecer* > PP **parse** — CAG *parse* ‘parecer, aparentar’.

De uma maneira geral, Jacobs (2012a: 257-259) constata que o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné apresentam grandes similaridades no que diz respeito aos vocábulos funcionais tanto na forma fonética quando nas propriedades sintáticas e semânticas. Há também uma predominância de palavras funcionais provenientes do português no papiamentu, pertencentes às camadas mais conservadoras da gramática dessa língua. Esses dois fatos corroboram a hipótese de que o papiamentu possui uma base portuguesa e uma origem associada ao kabuverdianu (e ao kriyol de Guiné Bissau e Casamança). Algumas dessas palavras funcionais de étimo português são:

Étimo	Papiamentu	Crioulos da Alta Guiné	Glosa
PT <i>nos</i> ($\neq$ ESP <i>nosotros</i>)	nos	<i>nos</i>	‘nós’
PT <i>mesmo</i> ($\neq$ ESP <i>misimo</i>)	mes	<i>mes</i>	‘mesmo’
PT <i>na</i> ($< em + a$) ($\neq$ ESP <i>en la</i>)	na	<i>na</i>	‘em’
PT <i>até</i> ($\neq$ ESP <i>hasta</i>)	te	<i>te</i>	‘até’
PT <i>fora de</i> ($\neq$ ESP <i>fuera de</i>)	for di	<i>fora di</i>	‘desde’
PT <i>quem</i> ($\neq$ ESP <i>quien</i>)	ken	<i>ken</i>	‘quem’
PT <i>-mentu</i> ($\neq$ ESP <i>-miento</i>)	-mentu	<i>-mentu</i>	sufixo formador de nomes a partir de verbos
PT <i>quer</i> ($\neq$ ESP <i>quiere</i>)	ke ~ ker	<i>kere</i>	‘querer’
PT <i>começar</i> ($\neq$ ESP <i>comenzar</i>)	kuminsá	<i>kumesa</i>	‘começar’
PT <i>tem</i> ($\neq$ ESP <i>tiene</i>)	tin	<i>ten</i>	‘ter, haver, existir’

Quadro 2: Itens funcionais de étimo português no papiamentu e seus cognatos nos crioulos portugueses da Alta Guiné (JACOBS, 2012a: 258).

Além disso, o autor demonstra que há uma sobreposição estrutural entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné não só nas palavras funcionais de provável étimo português, mas também em itens do papiamentu nos quais existe dúvida quanto a uma etimologia espanhola ou portuguesa, casos que também possuem cognatos na Alta Guiné. As diferenças entre o papiamentu, de um lado, e o kabuverdianu de Santiago e o kriyol de Guiné Bissau e Casamansa, de outro, no âmbito funcional seriam esparsas, com os casos mais notáveis apresentados em (12) (JACOBS, 2012a: 260):

- (12) a. o pronome de 3^a pessoa do plural e pluralizador pós-nominal do papiamentu é **nan**, para o qual não há equivalentes nos crioulos da Alta Guiné;

- b. o marcador de passado perfeito no papiamentu é **a**, enquanto que nos crioulos da Alta Guiné é um morfema zero;
- c. o marcador de futuro/condicional no papiamentu é **lo**, ao passo que, no kabuverdianu de Santiago, é *ta* ou *al* (este com estatuto controverso entre os estudiosos) e no kriyol de Guiné Bissau e Casamança, usa-se *ta* ou *na*;
- d. para construir frases negativas, o papiamentu usa a partícula **no** e os crioulos da Alta Guiné recorrem a *ka*.

As explicações dadas por Jacobs (2012a: 260) para essas diferenças nos elementos do papiamentu são de duas naturezas. Os três primeiros traços (**nan**, **a** e **lo**) são resultantes do processo de preenchimento de lacunas ('gap filling')⁵¹. Em linhas gerais, nesse processo, uma dada língua não possui uma categoria ou traço presente em uma das línguas com a qual ela está em contato. Assim, ocorre a incorporação desse item através de empréstimo. É importante salientar que, no preenchimento de lacunas, não ocorre substituição de um item por outro. Além disso, o termo 'lacuna' não quer dizer que a língua seja defectiva, referindo-se somente à existência de uma posição vazia, não ocupada por nenhum elemento específico. Com relação a esse processo de preenchimento de lacunas, pode-se afirmar que, de fato, não existia lacuna no português, já que havia um pronome de terceira pessoa do plural (*eles*, *elas*) e um sufixo de plural (*-s* e seus alomorfes) e as marcações de tempo e aspecto eram feitas por meio das desinências no verbo. Se houvesse realmente uma lacuna, seria necessário explicar o fato de o papiamentu não ter incorporado elementos do próprio português (que possuía as categorias que supostamente faltavam ao papiamentu) e ainda definir a qual língua ele recorreu para preencher a lacuna. Ademais, os crioulos da Alta Guiné recorreram a outros morfemas, distintos do papiamentu. Desse modo, é necessário acreditar que, nas línguas, foram usadas maneiras diferentes de

⁵¹Em uma abordagem funcionalista, que considera a língua em seu contexto de uso, advoga-se que não existem lacunas, mas que os usos vão se sobrepondo e a partir das necessidades comunicativas, a funcionalidade se revela de forma mais acentuada. Desse modo, a negação nas línguas, de forma geral, mostra-se como um *continuum* criativo em busca de força expressiva. Em outras palavras, não haveria lacunas de usos, mas expressividade na interação.

preencher lacunas (que não estavam presentes no português), não havendo explicações para os casos em que há correspondências de morfemas. Assim, a explicação de algumas diferenças entre os elementos do papiamentu e dos crioulos da Alta Guiné por meio do preenchimento de lacunas é insuficiente. Em síntese, se o papiamentu vem de uma língua já formada, o kabuverdianu de Santiago, não haveria mais lacuna nessa língua já completamente estruturada, devendo haver outra explicação para esses casos. Já na negação, um morfema teria sido substituído por outro (sendo o **no** do papiamentu muito semelhante ao português *non/não* e a forma do kabuverdianu de Santiago parecendo mais inovadora). Esse caso (o único em toda a discussão do autor) se contrapõe à hipótese de que os morfemas funcionais são menos propensos de serem substituídos em virtude de sua maior estabilidade⁵². Jacobs (2012a: 260) não discute o que motivaria essa substituição, enfatizando que, a despeito de haver dois morfemas diferentes, os padrões de negação (como ordem e posição do morfema) do papiamentu e dos crioulos da Alta Guiné coincidem bastante. Desse modo, assim como no caso das lacunas, talvez a explicação para essa diferença seja outra.

Ainda no âmbito linguístico, considerando que o estágio mais antigo do papiamentu remonta ao crioulo falado em Santiago no século XVI, seria esperado que o papiamentu dos séculos XVIII e XIX tivesse mais traços semelhantes com os crioulos portugueses da Alta Guiné do que o papiamentu moderno. Essa expectativa é confirmada por Jacobs (2012a: 265-266), que apresenta exemplos de traços compartilhados entre o *papiamentu antigo* e os crioulos da Alta Guiné, mas que não se conservam no papiamentu moderno. Por exemplo, de acordo com o autor, a análise de textos do *papiamentu antigo* sugere que todos os verbos da língua, e não apenas os dissílabos, eram paroxítonos (como no kabuverdianu de Santiago), datando provavelmente do século XX a mudança do padrão acentual (de paroxítono para oxítono) dos verbos com mais de duas sílabas. Essa assertiva deve ser verificada com mais

⁵²No caso da negação, essa premissa não é válida. Para as línguas indo-europeias, seria possível reconstruir o morfema de negação como **n-*, que deu origem às seguintes formas: latim *non*, alemão *nicht*, inglês *not*, entre outras. Contudo, algumas línguas desse grupo apresentam formas divergentes, como sueco *inte*, norueguês *ikke*, grego *δεν*, francês *ne... pas*, o que sugere que houve substituição de formas (comentário do professor Mário Eduardo Viaro).

detalhes, parecendo de difícil comprovação. Martinus (1996: 153), por seu turno, defende que originalmente os verbos dissílabos também eram oxítonos, situação encontrada nos demais crioulos de base portuguesa. Ele advoga que a mudança no acento desses verbos pode ter ocorrido por influência do holandês, já que, nessa língua, os verbos geralmente são acentuados na primeira sílaba. É possível conjecturar ainda uma explicação mais plausível: com a perda do **-r** final, o padrão acentual adotado foi o troqueu silábico e, por isso, o acento final tornou-se paroxítono.

Junto ao padrão acentual dos verbos, outras similaridades encontradas entre o *papiamentu antigo* e os crioulos portugueses da Alta Guiné são⁵³:

- (13) a. *PP antigo kantu, kal* = CAG *kantu, kal* ‘quanto, qual’;
 b. *PP antigo ki* = KV de Santiago *ki* ‘que (relativo)’;
 c. *PP antigo es* = CAG *es* ‘1. o, a, 2. este, esta’;
 d. *PP antigo ma* = CAG *ma* ‘mas’;
 e. *PP antigo o* = CAG *o* ‘ou’;
 f. *PP antigo pabia* = CAG *pabia* ‘por causa de (preposição e conjunção)’;
 g. *PP antigo modi* = CAG *modi* ‘como (conjunção)’;
 h. *PP antigo fika* = CAG *fika* ‘ficar, permanecer (1. verbo auxiliar, 2. cópula)’; entre outros.

Além desses aspectos linguísticos, Jacobs (2012a: 264-265) apresenta ainda traços pertencentes ao português dos séculos XV e XVI que fazem parte da gramática nuclear do papiamentu. Segundo o autor, embora alguns desses aspectos também estejam presentes no espanhol dos séculos XV e XVI, sua origem no papiamentu deve ser buscada no português dos séculos XV e XVI, já que o espanhol dos séculos XV e XVI não teve um papel como língua de superstrato na formação do papiamentu. Os aspectos linguísticos discutidos para o papiamentu também são encontrados nos crioulos portugueses da Alta Guiné, línguas que possuem o português dos séculos XV e XVI como língua lexificadora. Tal fato é um aspecto a mais para sustentar a hipótese da influência dos crioulos da Alta Guiné no papiamentu e a transferência

⁵³Formas semelhantes também aparecem no santome, como se observa em *kantu* ‘quanto’, *kali* ‘qual’, *maji*, *mêji* ‘mas’, *ô* ‘ou’, *plôvya* ‘por causa de’, *fika* ‘ficar’ (exemplos retirados de ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013).

dos aspectos linguísticos do português dos séculos XV e XVI para o papiamentu a partir dos crioulos da Alta Guiné. Dentre os traços apontados pelo autor, citam-se:

- (14) a. preservação da distinção entre /tʃ/ e /ʃ/: PT dos séculos XV e XVI [tʃ]umbo ($\neq$ ESP *plomo*) > PP **[tʃ]umbu** / KV de Santiago [tʃ]umbu ‘chumbo’; PT dos séculos XV e XVI *deixar* ($\neq$ ESP *dejar*) > PP **de[ʃ]a** / KV de Santiago *de[ʃ]a* ‘deixar’;
- b. PT dos séculos XV e XVI *mester* ($\neq$ ESP *menester*) > PP **meste** ~ **mesté** / CAG *meste*, *mestedu* ‘precisar, ser necessário’;
- c. PT dos séculos XV e XVI *banda de* > PP **banda di** / CAG *banda di* ‘perto de, ao redor de, em torno de (usos espacial e temporal)’.

Assim sendo, a partir dos dados linguísticos apresentados e da discussão empreendida, nota-se que, para Jacobs (2009a: 33), a fonte dos elementos portugueses presentes no papiamentu não deve ser buscada em um pidgin ou jargão simplificado (afro)português, nem nos judeus sefarditas. Sobre a questão do pidgin, Jacobs (2012a: 40) não descarta a possibilidade da existência de um pidgin estável de base portuguesa falado em algumas partes da África Ocidental e talvez também no Caribe, ainda que seja mais provável que esse pidgin mencionado nos registros de viagem — muitos deles de regiões povoadas por cabo-verdianos (como Rufisque, Joal e Cacheu) e do Golfo da Guiné — fosse os crioulos do Golfo da Guiné ou os da Alta Guiné. Entretanto, para o autor, as conexões entre o papiamentu e esse pidgin hipotético pouco acrescentariam às discussões sobre a procedência dos aspectos portugueses do papiamentu. Quanto aos judeus sefarditas (e seus escravos), conforme será visto na seção 4.4, dentre as razões apontadas por Jacobs (2009a: 324-325, 2009b: 16-17) para explicar o porquê de eles não terem muita importância na transferência de traços portugueses para o papiamentu estão: (i) não se sabe ao certo que língua os judeus curaçolenses usavam para se comunicar entre si; (ii) o número de judeus era muito pequeno em comparação ao total da população para que o português falado por eles (se é que essa era a língua usada) tivesse uma influência

suficientemente forte na formação da gramática do papiamentu⁵⁴; (iii) é desconhecido se a variedade de português usada pelos judeus e seus escravos apresentava os traços característicos do português dos séculos XV e XVI, os quais (como observado) estão bastante presentes no papiamentu. Além disso, para Jacobs (2012a: 12), o papiamentu não esteve, em nenhum momento de sua formação, em contato direto com o português. Assim, todos os traços do papiamentu que são de origem portuguesa devem ter sido herdados dos crioulos portugueses da Alta Guiné, constituindo então uma ligação histórica significativa. Isso pode ser visto nas palavras do próprio autor:

Embora Lipski (2008: 547) acreditasse que ‘A(s) fonte(s) dos elementos portugueses em papiamentu pode(m) nunca ser determinada(s) com certeza’, foi mostrado acima que aquelas palavras funcionais de provável origem portuguesa podem ser todas traçadas para uma fonte, os crioulos portugueses da Alta Guiné [kabuverdianu e kriyol de Guiné Bissau e Casamança], cujos cognatos mostram não apenas semelhança formal, mas também propriedades sintáticas e semânticas idênticas. De modo similar e com igual importância, o mesmo parece verdadeiro para a maioria dos itens centrais/básicos de indecisa origem portuguesa/espanhola⁵⁵. (JACOBS, 2009a: 349-350, tradução nossa)

Essa postura do autor deve ser relativizada. Como será observado na seção 4.4, os judeus sefarditas e seus escravos tiveram um importante papel na configuração linguística do papiamentu. Além disso, pode-se apontar que carece de explicação a afirmativa de que não houve contato direto entre o papiamentu e o português, já que há evidências trazidas na discussão sobre os judeus (seção 4.4.4) mostrando

⁵⁴Birmingham (1970: 138-139) também defende que o papel dos judeus na configuração do papiamentu deve ter sido pequeno, uma vez que eles constituíam uma população reduzida em comparação com os escravos africanos, que muitas vezes excediam em seis vezes o número de sefarditas. Para o autor, ao invés de terem imposto sua língua, é mais provável que os judeus tenham aprendido o papiamentu com os escravos, acrescentando um ou outro traço (palavras ou construções) de étimo português.

⁵⁵Citação original: “Although Lipski (2008: 547) believed that “The source(s) of the Portuguese elements in Papiamentu may never be determined with certainty”, it has been shown above that those function words of probable Portuguese origin can all be traced back to one source, UGC [Upper Guinea Portuguese Creole (covers Cape Verdean Creole and Guinea-Bissau and Casamance Creole)], whose cognates show not only formal resemblance but also identical syntactic and semantic properties. As importantly, the same appears true for most core items of indecisive Portuguese/Spanish origin.”

que esse contato existiu. Assim, ainda que os paralelos entre o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné sejam fortes, é importante não desconsiderar a participação de outros segmentos além dos escravos (a exemplo dos judeus) no tocante à provisão de itens de étimo português para o papiamentu.

Além do papel dos judeus sefarditas e seus escravos, devem ser considerados também os paralelos entre o papiamentu e os crioulos portugueses do Golfo da Guiné. Observa-se que alguns traços compartilhados pelo papiamentu e pelo kabuverdianu também aparecem no santome. É o caso, por exemplo, de onsets complexos (com dois ou três elementos) iniciados por uma sibilante: (i) papiamentu **skol** ['skɔɫ], kabuverdianu *skóla* ['skɔ.la], santome *xkola* ['fɫɔ.la] 'escola'; (ii) papiamentu **strañero** [strɛ̃.'je.ro], kabuverdianu *stranjeru* ['strɛ̃.ʒe.ru], santome *xtlanjêlu* ['ftlɛ̃.ʒe.lu] 'estrangeiro' (exemplos retirados de RATZLAFF-HENRIQUEZ, 2008; BRÜSER *et al.* 2002; ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013; respectivamente). Possivelmente a similaridade entre esses clusters não pode ser uma coincidência ou atribuída ao acaso. Ademais, o santome também apresenta similaridades com o papiamentu no âmbito das palavras funcionais (como apontado em notas na seção 4.3.1 com relação às palavras interrogativas e conjunções) e uma análise rápida mostra que o léxico geral também é semelhante. Dado que línguas crioulas que possuem uma mesma língua lexificadora compartilham itens lexicais e gramaticais, a existência de alguns vocábulos convergentes no papiamentu e nos crioulos portugueses do Golfo não seria uma prova cabal de influência de uma língua sobre a outra, sendo necessária uma análise mais aprofundada das línguas (chegando inclusive a sua estrutura gramatical) e do possível contato entre elas. De qualquer forma, as similaridades entre o papiamentu e os crioulos portugueses do Golfo da Guiné não devem ser desconsideradas em um estudo que se debruce sobre a formação do papiamentu, ainda mais sabendo-se que Curaçao deve ter recebido escravos oriundos de São Tomé, que provavelmente já eram falantes de alguma forma de santome ou possivelmente conheciam um pouco de um dos crioulos portugueses do Golfo da Guiné (como discutido na seção 4.3). Certamente as línguas do Golfo contribuíram de alguma forma para a formação do papiamentu, contudo, dadas as limitações de escopo desta tese, a análise de como se deu essa contribuição ficará para estudos futuros.

Após a apresentação dos dados linguísticos trazidos por Jacobs (2012a: 51-267), passa-se à discussão dos aspectos históricos mencionados pelo autor.

4.3.2 Dados históricos

Com relação aos dados históricos, segundo Jacobs (2012a: 273-287), durante cerca de cinco décadas (de 1621 a 1677), a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos deteve o domínio do comércio de escravos na região da Alta Guiné, mantendo o controle, através da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), de diversas fortalezas no continente africano, como Petite Côte (Rufisque, Portudal, Joal), Goré e Cacheu. Um aspecto que deve ter favorecido o domínio holandês na costa ocidental africana (a despeito de nessa região as colônias não serem holandesas) era a ausência de uma administração metropolitana sólida, com uma ínfima presença portuguesa, o que permitiu o estabelecimento de um grande número de relações ilegais e deu espaço para a atuação dos *lançados* e *grumetes* (conforme discutido na seção 3.3 do capítulo 3) (COUTO, 1992: 118-120). Outro fato que merece menção é que, apesar de terem exercido um forte controle na região da Senegâmbia, os holandeses não se estabeleceram fisicamente em Cabo Verde, havendo inclusive registros que sugerem uma certa hostilidade dos colonizadores portugueses com relação à presença holandesa nas ilhas, vista como uma ameaça. Assim sendo, é provável que as relações entre holandeses e cabo-verdianos tenham se dado através de contrabando (JACOBS, 2012a: 287). De maneira geral, a despeito da rivalidade, pode-se falar na existência de um equilíbrio e uma convivência tranquila entre portugueses e holandeses. Essa relação harmoniosa carece de comprovação. Boxer (2002: 120-140) mostra que a convivência entre holandeses e portugueses não era muito pacífica, porque, entre 1580 e 1640, Portugal e Espanha formavam um só reino (período da União das Coroas Ibéricas) e a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos vivia em guerra com a Espanha para adquirir independência desde o fim do século XVI. Assim, estando a Península Ibérica unida politicamente, o ódio holandês destinado aos espanhóis se estendia aos portugueses. A ofensiva holandesa se iniciou

em 1598/1599, com o ataque às ilhas de São Tomé e Príncipe, e se estendeu a outras colônias portuguesas na Ásia, África e Brasil. Somente por volta de 1668/1669, Portugal e República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos enfim selaram a paz e após anos de conflito, segundo Boxer (2002: 124-127), não é possível apontar um único vencedor, com ambos os lados tendo perdas e ganhos: os holandeses ganharam o domínio asiático, conquistando diversas colônias costeiras desde o Golfo Pérsico até o Japão, como as Molucas, a costa do Ceilão e Malabar. Além disso, eles também dominavam parte da região da Costa do Ouro. Já os portugueses conseguiram retomar a colônia brasileira de Pernambuco depois de 24 anos de domínio holandês (1630-1654) e, na África, garantir o domínio de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O ano de 1621 marca a conquista de Goré pelos holandeses (inaugurando um período muito lucrativo para a WIC), região de prestígio para as atividades comerciais escravocratas por possuir um excelente porto para a ancoragem dos navios e gozar de uma localização privilegiada: abaixo da Península de Cabo Verde, na mesma latitude das ilhas de Cabo Verde. Cacheu também era uma região importante, fornecendo diversos escravos para Curaçao. Cacheu estava sob domínio oficial português, mas, na prática, povos de diversas nações realizavam comércio na área, como os holandeses — como é apontado em relatos de alguns viajantes e cronistas (JACOBS, 2012c: 209)⁵⁶. Em 1677, com a tomada de Goré pelos franceses, o domínio holandês na região da Alta Guiné estava quase acabado (JACOBS, 2012a: 284). Segundo Jacobs (2012a: 270-271), reconhecer a presença dos holandeses na região da Senegâmbia e sua atuação no comércio de escravos implica diretamente em assumir o papel da Alta Guiné como uma possível fonte de escravos para a ilha caribenha. Essa linha de pensamento tem sido negligenciada, em geral, pelos estudos sobre a história de Curaçao e o papiamentu, o que se reflete também no

⁵⁶Segundo Jacobs (2010: 298-299), o domínio português na região da Guiné Bissau (particularmente em Cacheu) não era rigoroso, limitando-se, muitas vezes, à construção de fortes; a população local gozava de uma certa liberdade, inclusive no âmbito das atividades comerciais, não sendo possível, assim, falar em domínio efetivo dos portugueses sobre os habitantes da região.

plano linguístico — não sendo admitida, por exemplo, uma contribuição das línguas faladas na Senegâmbia para o substrato do papiamentu (JACOBS, 2012c: 200-201):

O consenso histórico descrito acima (isto é, a suposta insignificância da Alta Guiné para a história da Companhia das Índias Ocidentais Holandesa e daí para a história de Curaçao), eu assumo, é crucial para entender porque as conexões linguísticas entre o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné raramente têm sido investigadas. Afinal, se os holandeses nunca foram ativos na Alta Guiné, uma contribuição significativa dessa área para o cenário linguístico da Curaçao controlada por eles não seria esperada⁵⁷. (JACOBS, 2012a: 271, tradução nossa)

Logo nos primeiros anos do comércio escravocrata, Curaçao já demonstra seu potencial como grande depósito de escravos, substituindo, em 1640, Cartagena como o local de destino de vários escravos provenientes da região da Alta Guiné. A queda de Cartagena relaciona-se com a revolta portuguesa contra os espanhóis (que trouxe danos para ambos os lados), o que, segundo Jacobs (2012a: 291), se refletiu no aumento gradativo do prestígio holandês com relação ao comércio de escravos na região da Alta Guiné, em contrapartida à perda de poder dos portugueses. Além disso, o fato de a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos ter obtido da Espanha, em 1662, o monopólio sobre o comércio de escravos nas colônias americanas espanholas (o *asiento*) favoreceu sobremaneira o grande influxo de escravos para a ilha caribenha, o qual teve seu auge entre 1667 e 1675. Havia ainda as correntes marítimas que contribuía amplamente para a navegação de Cabo Verde para Curaçao, tornando a rota entre a Alta Guiné (e não a Baixa Guiné ou Angola) e o Caribe o caminho mais rápido; e o comércio ilegal de escravos (o contrabando), que deve ter sido bastante frequente, elevando vertiginosamente o número de escravos chegados ao Caribe (JACOBS, 2012a: 291-294).

⁵⁷Citação original: “The historical consensus described above (i.e. the presumed insignificance of Upper Guinea to the history of the Dutch WIC [West India Company] and thus to the history of Curaçao), I assume, is crucial in understanding why the linguistic ties between PA [Papiamentu] and Upper Guinea PC [Upper Guinea Portuguese Creole] have hardly been investigated. After all, if the Dutch were never active in Upper Guinea, a significant contribution from that area to the linguistic landscape of Dutch-controlled Curaçao would not be expected.”

Sobre os primeiros anos do tráfico negreiro para Curaçao, os dados coletados por Moraes (1993, 1995, 1998a, 1998b, 1998c *apud* JACOBS, 2012a: 290) mostram que o comércio de escravos de Goré e Cabo Verde para Curaçao era bastante frequente até 1677. Os dados não mencionam, contudo, se os escravos permaneciam em Curaçao ou se eles eram transportados para outros lugares. Esse aspecto é de grande importância, visto que, para a questão da formação e difusão do papiamentu, apenas a existência do comércio de escravos não adianta, sendo fundamental o período de estadia dos escravos em áreas lusofalantes e também a permanência de escravos lusofalantes ou crioulofalantes em Curaçao. Assim, novamente, a questão da transmissão entre as gerações (como será visto em 4.4.4) também é crucial. Além de trazer registros de navios que saíram da Alta Guiné carregados de escravos para o Caribe, Moraes menciona também o trecho de uma carta, escrita pelo governador de Curaçao que atuou entre 1657 e 1668 e destinada aos diretores da 1ª Companhia das Índias Ocidentais Holandesa, pedindo que fosse enviado um bom lote de escravos das ilhas cabo-verdianas. Esses registros ganham ainda mais relevância, considerando que, para o período anterior a 1674, as descrições a que se tem acesso são muito esparsas, uma vez que a documentação da 1ª Companhia (que decretou falência em 1674) não foi conservada. Confirmando os dados de Moraes, aparecem os registros da 2ª Companhia das Índias Ocidentais Holandesa (JACOBS, 2012a: 291), que funcionou entre 1674 e 1740, mostrando, por exemplo, que, até 1677, doze navios da Companhia tinham saído da região de Cabo Verde (do total, quatro estavam carregados com escravos e, desses, três tinham Curaçao como destino). Além disso, os números da 2ª Companhia evidenciam que, após a queda de Goré, o comércio holandês na Alta Guiné diminuiu consideravelmente: entre 1678 e 1681, dos sete navios que saíram da região de Cabo Verde, apenas um levava escravos para Curaçao.

Com relação à transferência linguística da Alta Guiné para Curaçao, sendo os escravos os principais agentes, Jacobs (2012a: 289) defende que ela deve ter ocorrido aproximadamente entre 1660, ano em que a população de Curaçao começa realmente a se desenvolver com a chegada dos primeiros escravos da Alta Guiné, e 1677, data que marca a tomada de Goré pelos franceses e o fim da supremacia holandesa na

região. Com isso, a partir desse ano, a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos passa a exportar escravos da região da Baixa Guiné e de áreas falantes de línguas das famílias bantu e kwa, não mais da Alta Guiné como antes. Essas datas, contudo, não seriam rígidas, sendo possível considerar um período um pouco mais amplo: entre 1650, quando o comércio de escravos se inicia de fato em Curaçao, e 1680, que marca a saída dos holandeses da Alta Guiné e o fim do envio de barcos provenientes dessa área para Curaçao (JACOBS, 2012a: 307). De qualquer modo, essa pequena diferença não invalida a assunção de que o papiamentu deve ter surgido no final do século XVII — a primeira menção à língua é da primeira metade do século XVIII: em um barco apreendido pelos ingleses, a tripulação afirmou que falava uma língua cujo nome foi grafado pelos oficiais ingleses como *poppemento* ou *pappimento* (conforme seção 3.2.1 do capítulo 3). No final do século XVIII, também já havia registros em papiamentu, sendo de 1775 o primeiro documento conhecido escrito na língua (analisado na seção 5.2.1 do capítulo 5) — a partir do kabuverdianu falado em Santiago, que juntamente com as demais variedades de Sotavento são as mais antigas e conservadoras. Além disso, considerando que o papiamentu e o kabuverdianu de Santiago se separaram em 1680, pouco mais de três séculos separam as duas línguas (JACOBS, 2012a: 307).

Quanto à procedência dos escravos que chegaram a Curaçao, a região de Cacheu, importante fornecedora de escravos, merece ser mencionada por seu cenário linguístico. Para Jacobs (2012a: 285), seguindo outros estudiosos, essa foi a primeira área do continente em que os crioulos da Alta Guiné foram usados, adquirindo o caráter de uma língua franca. A difusão dessas línguas crioulas foi facilitada pelo fato de que muitos dos habitantes de Cacheu eram provenientes de Santiago, tendo migrado para lá em virtude da fome e da subsequente crise que atingiu a ilha no início do século XVII⁵⁸. De Cacheu, esses cabo-verdianos foram transportados como escravos para Curaçao, levando consigo o conhecimento linguístico em crioulos da

⁵⁸A importância da região de Cacheu no desenvolvimento dos crioulos portugueses da Alta Guiné é discutida na seção 3.4.1 do capítulo 3 ao tratar das hipóteses sobre a origem do kabuverdianu.

Alta Guiné. Aqui, deve-se lembrar que Curaçao atuava especialmente como entreposto comercial. Desse modo, grande parte dos escravos que ali chegava não permanecia, sendo encaminhada sobretudo para as colônias espanholas na América e mesmo outras partes do Caribe (MUNTEANU, 1996: 40; JOUBERT & PERL, 2008: 139; JACOBS, 2012d: 4). Entretanto, sabe-se, a partir de dados linguísticos, que uma quantidade significativa (ainda que pequena no cômputo geral) de escravos falantes nativos de crioulos portugueses da Alta Guiné permaneceu em Curaçao, atuando nos trabalhos domésticos ou de campo. Para Jacobs (2012a: 308-311), quatro características preferidas pelos senhores de escravos ajudam a entender esse quadro:

- (15) a. escravos ladinos ('experientes'), que criassem menos resistência às diretrizes do regime escravocrata por já conhecerem o sistema. Arends (1995: 20-21) discute o papel dos escravos ladinos, isto é, aqueles já treinados no sistema de produção e que já tinham um conhecimento da língua falada na colônia (no caso dos nascidos na colônia, o crioulo era uma de suas línguas maternas), e boçais, os recém-chegados da África e falantes de uma ou mais língua(s) africana(s). Os escravos veteranos tinham o importante papel de transmitir o conhecimento técnico aos boçais. Em geral, um veterano cuidava de 15 boçais, e, no momento de passar os ensinamentos sobre a forma de realizar o trabalho, acabava por transmitir também seu conhecimento linguístico, já que a comunicação era feita na língua crioula. Assim sendo, para esses novos escravos, a aquisição da língua crioula tinha como modelo uma versão falada pelos negros como segunda língua (no caso das colônias onde a taxa de natalidade de escravos era pequena), e não como primeira língua. As condições de aquisição dos crioulos ainda carecem de maiores aprofundamentos, sendo difícil determinar os impactos dessa forma de aprendizagem sobre essas línguas (ARENDS, 1995: 21);
- b. escravos de pele mais clara, uma vez que, em Curaçao, a cor da pele e o *status* social estavam intimamente relacionados. Os escravos de Cabo Verde — especialmente os do norte do arquipélago segundo Quint

(2000b: 81) — tinham a pele mais clara do que os cativos da Costa do Ouro, Congo ou Angola, por exemplo, em virtude da miscigenação racial entre brancos portugueses e negros iniciada no arquipélago em fins do século XV e, assim, já difundida no fim do século XVII, tendo como resultado diversos mestiços (JACOBS, 2012a: 310). Ilustrativa dessa diferença na cor da pele é a observação de Jacobs (2010: 311) de que, em muitos relatos de viagem dos séculos XVI e XVII, o termo ‘negro português’/‘black’ era usado para se referir aos africanos, ao passo que ‘branco’/‘white’ fazia referência aos portugueses e cabo-verdianos. No que diz respeito à correlação entre cor da pele e *status* social, é possível questionar se de fato se atribuía um valor ao mestiço em uma sociedade marcada pela escravidão, em que o branco tinha direito a tudo e ao negro não cabia nada. Sobre esse assunto, deve ser considerado que sempre houve menos mestiços em Curaçao do que em Cabo Verde⁵⁹. Além disso, as políticas racistas devem ser analisadas com mais detalhes. Dentro dessa temática, discutindo a participação dos segmentos marginalizados e da escravidão racial no processo de formação dos crioulos atlânticos (conforme apresentado na seção 2.2 do capítulo 2), Faraclas & Luna (2012: 3) afirmam que o capitalismo só existe por causa do racismo e vice-versa. De acordo com os autores, o racismo se manifesta a partir de 1650 e se configura como uma sociedade compartimentada em raças com uma desvantagem aparente dos grupos de descendência não europeia, que são constantemente excluídos. Faraclas & Luna (2012: 37) distinguem ainda dois tipos de racismo: (i) o racismo pré-capitalista ibérico católico, no qual as pessoas nascidas na Europa ocupavam as camadas sociais mais elevadas (ou seja, as que gozavam de maior prestígio), enquanto as demais (aquelas nascidas fora

⁵⁹Com relação à aparência física dos mestiços, segundo Quint (2000b: 161), os mulatos curaçolenses, que atualmente constituem cerca de 90% da população, possuem traços bastante parecidos com os dos habitantes de Santiago.

da Europa) eram divididas em estratos sociais hierárquicos, cujas fronteiras eram relativamente fluidas, permitindo mobilidade social; (ii) o racismo capitalista do norte europeu calvinista, que estabeleceu dois grupos bem distintos e estanques com base em critérios sanguíneos — de um lado, estariam os ‘brancos’, de descendência 100% europeia; do outro, os ‘negros’, ou seja, os segmentos originados de miscigenação, que deveriam, juntamente com seus descendentes, ocupar os estratos socioeconômicos mais baixos sem nenhuma possibilidade de ascensão. Esse último seria o racismo vigente no Caribe e na América atuais, inclusive nas antigas colônias ibéricas, desde finais do século XVIII. O racismo enfrentado pelos negros é ilustrado por Luna & Faraclas (2012: 101, grifo dos autores, tradução nossa) ao discutirem o tratamento diferenciado que indígenas e africanos recebem no que diz respeito às línguas de contato:

[...] na boca dos povos indígenas, as línguas de contato euro-indígenas ou *baragouins* [termo usado para designar as línguas de contato] eram vistas como inovações criativas para a comunicação; ao passo que, na boca dos africanos, essas mesmas línguas de contato se tornavam um emblema de inferioridade. Sob o escrutínio colonial europeu, enquanto os povos indígenas eram vistos como tendo criado um método útil de se comunicar, os africanos eram vistos como passivamente adotando e corrompendo as línguas dos europeus⁶⁰.

Em síntese, a partir das afirmações acerca das políticas racistas, é possível considerar que, independentemente de terem a pele mais clara ou não, os escravos (e seus descendentes) não possuíam prestígio ou valor do ponto de vista social. Isso não significa, contudo, que esse segmento não contribuiu para a formação do papiamentu. Conforme discutido

⁶⁰Citação original: “[...] in the mouth of Indigenous peoples the Euro-Indigenous contact languages or *baragouins* were seen as creative innovations for communication; whereas, in the mouth of the Africans these same contact languages became a badge of inferiority. Under the European colonial gaze, while the Indigenous populations were seen as having created a useful method of communicating, the Africans were seen as passively adopting and corrupting the languages of the Europeans.”

na seção 2.2 do capítulo 2, Faraclas & Luna (2012) advogam que todos os grupos envolvidos atuaram (de forma maior ou menor) na configuração das línguas que iam surgindo nas colônias mesmo que os estratos sociais mais baixos não fossem bem vistos pelas elites.

- c. escravos que falassem uma variedade linguística de base ibero-românica, o que facilitaria a comunicação com os senhores, que sabiam (mesmo que, em alguns casos, pouco) português, espanhol ou ainda os crioulos portugueses da Alta Guiné. Esse argumento de Jacobs (2012a: 311) considera que os holandeses também conheciam alguma forma de português ou espanhol, perdendo a validade caso se considere que apenas os judeus sefarditas falavam português ou espanhol em Curaçao. Além disso, apesar de Jacobs (2012a: 311) mencionar que os holandeses sabiam (por mínimo que seja) português, ele não especifica onde os holandeses, especialmente os da Companhia das Índias Ocidentais, tinham aprendido essa língua, sendo esse um aspecto a ser debatido. Com base nas discussões de outros estudiosos, é possível responder a esses questionamentos, concordando com as asserções de Jacobs (2012a: 311) de que os holandeses de fato sabiam (alguma forma de) português. De acordo com Ferrol (1982: 20), seguindo Van Wijk, no século XVII, diferentes grupos de holandeses tinham algum conhecimento de português: de um lado, os capitães e tripulantes que trabalhavam nos navios da Companhia em virtude de suas constantes viagens pela África Ocidental e o Brasil; de outro, as autoridades militares e civis de Curaçao, que se familiarizaram com essa língua durante o tempo em que estiveram no Brasil. Esse mesmo quadro é defendido por Grant (2008a: 52, 2008b: 91), que afirma que os holandeses que viviam em Recife (muitos dos quais provavelmente foram mais tarde para Curaçao), em virtude de seu contato com os sefarditas, os portugueses e pessoas de descendência indígena e africana, conheciam o português e usavam-no para se comunicar diariamente com os demais segmentos (que não falavam holandês), conservando sua língua materna para os contatos

com seus conterrâneos. Chegando a Curaçao, esses holandeses continuaram usando alguma forma de português não só com os segmentos que tinham alguma familiaridade com os elementos ibero-românicos, mas também com os escravos, que não dominavam nem essas línguas nem o holandês. Além de Recife e Curaçao, o autor aponta ainda o caso das ilhas Maurício, onde há registros de um português criouлизado usado pelos holandeses na comunicação com os escravos. Ademais, Maurer (1998: 201) considera que ao menos uma parcela dos holandeses entendia uma variedade ibero-românica ainda que não se saiba qual era especificamente essa variedade: europeia, brasileira, africana ou mesmo asiática. Munteanu (1996: 133) também defende que alguns holandeses, sobretudo os que atuavam na indústria escravocrata, tinham conhecimento de alguma forma de português rudimentar. Esse uso difundido do português por parte dos holandeses seria justificado por algumas conjunturas. Segundo Martinus (1996: 130), desde as descrições de Schuchardt, há registros de que o português era bastante usado na costa ocidental da África durante o período colonial. Contudo, não se conhecem detalhes do uso dessa língua em virtude de os estudos sobre o tema não analisarem de forma aprofundada os contatos entre colonizadores e nativos, tampouco as relações entre os estrangeiros e as nativas. Nessa mesma linha, para Ferrol (1982: 67), as estreitas relações comerciais entre portugueses e holandeses permitiu uma familiaridade deste segmento com o português, língua compreendida pelos escravos. Além disso, o autor aponta que os holandeses desejavam manter um certo distanciamento dos escravos, evitando, assim, que eles aprendessem sua língua e seguissem sua religião⁶¹. Outra possível

⁶¹Mufwene (2001: 66) discute a afirmação de que os holandeses mantinham sua língua casta, optando por adotar uma língua franca local para a comunicação em suas colônias. De acordo com o autor, ainda que essa asserção encontre algumas justificativas em certas regiões, não se deve tomá-la como absoluta, uma vez que existem línguas crioulas de base holandesa (como o negerhollands e o holandês de Berbice) em locais onde os holandeses atuaram desde os primórdios da colonização.

justificativa, trazida por Boxer (2002: 139-140), seria o fato de os holandeses terem orgulho de saber uma língua estrangeira, diferente de outras nacionalidades, como os portugueses e ingleses.

- d. escravos cristianizados, pois, mesmo sendo protestantes, é provável que os holandeses preferissem escravos batizados no catolicismo, com o qual os colonizadores já estavam familiarizados, do que uma religião desconhecida. Jacobs (2012d: 13) afirma inclusive que a Companhia das Índias Ocidentais, com base em um dos termos do *asiento* de 1662, permitia que padres católicos venezuelanos atuassem em Curaçao. Ademais, segundo Araujo (2011: 2, 9-11), a sociedade curaçolenha era marcada por uma forte segregação religiosa: nem os holandeses nem os judeus obrigavam ou permitiam que os escravos frequentassem, respectivamente, as igrejas protestantes e as sinagogas. Assim, excluídos de duas das religiões vigentes na ilha e sendo as religiões africanas vistas com preconceitos e ressalvas, os escravos terminavam por expressar sua religiosidade através do catolicismo. Lampe (2001: 106-184) discute com mais detalhes a instauração da Igreja Católica em Curaçao e o tratamento dado ao segmento escravo. A elite curaçolenha era composta principalmente por dois segmentos: os holandeses protestantes e os judeus sefarditas, ambos com uma religião diferente da católica. Segundo Lampe (2001: 112-114), nenhum desses dois grupos difundiu suas crenças entre os escravos por razões diversas. A despeito das insistências da Companhia das Índias Ocidentais, os holandeses não realizavam um trabalho missionário com os escravos, porque, para eles, havia uma contradição entre ser donos de escravos e querer catequizá-los. Além disso, se os holandeses permitissem a entrada dos escravos na igreja protestante, isso não só teria impactos na hierarquia ocupada pelos holandeses (que consideravam a colônia como uma extensão da metrópole e propalavam uma separação nítida e imutável entre brancos e negros), mas também significaria reconhecer outro segmento (no caso,

o dos escravos africanos) como um igual. Com relação ao outro, a política da metrópole era negar a diferença, difundindo uma visão ilusória de homogeneidade e mantendo tudo o que fosse distinto à margem. Por fim, os holandeses tinham ainda um senso de superioridade que, em uma sociedade em que predominava o regime escravocrata, atingia níveis ainda mais elevados. Os judeus, por seu turno, se mantiveram como um grupo isolado socioculturalmente em virtude do sentimento de coesão religiosa e casamentos internos. Nesse contexto, os escravos terminaram por seguir o catolicismo, que passou a ser visto como uma religião dos oprimidos. Lampe (2001: 113-114) advoga que o cenário religioso de Curaçao (que colocava holandeses protestantes e judeus de um lado, e escravos católicos de outro) servia para enfatizar a profunda separação entre a elite e os pobres, aliado a diferenças nos níveis social (senhores *versus* escravos) e racial (brancos *versus* negros). Por motivações diversas, a religião católica era vantajosa tanto para as camadas sociais mais abastadas quanto para os escravos. O fato de os escravos terem adotado o catolicismo era apreciado pelas elites, uma vez que, de acordo com Lampe (2001: 113, 118-120), a religião era usada como uma maneira de justificar a dominação que esse segmento exercia. Há inclusive relatos (cartas entre membros da Companhia das Índias Ocidentais, por exemplo) que mostram que os holandeses apoiavam as missões católicas entre escravos. Esse apoio, contudo, tinha um limite e só ocorria enquanto não atrapalhasse os interesses dos estratos sociais mais altos. Era o caso, por exemplo, dos casamentos entre escravos, que, no plano religioso, não encontravam nenhum impedimento, mas do ponto de vista social (sendo os escravos não considerados como seres humanos e, por conseguinte, não tendo direito ao casamento civil), não eram aceitos pelas elites, que trabalharam arduamente para evitar suas ocorrências (LAMPE, 2001: 125-130). Com relação aos escravos, Lampe (2001: 118-120) afirma que os preceitos propagados pelo

catolicismo legitimavam seus desejos de liberdade e permitiam sua postura de resistência mais ativa contra os abusos a que eram submetidos. Não se deve pensar, contudo, que os escravos aceitaram passivamente os ensinamentos religiosos dos missionários; ao contrário, eles trouxeram sua própria interpretação, incorporando elementos de suas antigas tradições africanas numa espécie de sincretismo. Esse fato foi o responsável pelas (grandes) diferenças existentes entre a igreja católica oficial e as demonstrações religiosas populares (LAMPE, 2001: 117-120). Em síntese, a partir dessa breve discussão, percebe-se que os escravos curaçolenses eram segregados não apenas nos âmbitos social e racial, mas também no religioso, o que teve reflexos na formação do papiamentu, inicialmente considerado uma língua de escravos (assim como o catolicismo no âmbito religioso).

Como os escravos que vinham da Alta Guiné apresentavam todas essas características, eles eram os escolhidos para ficar em Curaçao⁶². Em outras palavras, para Jacobs (2012a: 311, tradução nossa):

[...] a distância linguística, cultural e religiosa entre os europeus e os crioulos da Alta Guiné era simplesmente mais fácil de superar do que aquela entre os europeus e outros escravos, um fato favorecedor à seleção dos escravos falantes dos crioulos portugueses da Alta Guiné com relação aos outros escravos, particularmente no que se refere aos escravos domésticos⁶³.

Além disso, de acordo com esse autor, depois de 1677, os escravos que chegaram a Curaçao vinham principalmente de áreas que falavam línguas das famílias bantu

⁶²É possível questionar se o cristianismo penetrava tão fundo assim nos escravos provenientes da Alta Guiné em pouco tempo. Deve-se mencionar também que muitos escravos adotavam as práticas cristãs diante dos cristãos, mas mantinham suas religiões e crenças em segredo. Ademais, o sincretismo também era uma forma de defesa em relação à opressão religiosa. Acerca da importância de escravos cristianizados, o próprio Jacobs (2012d: 5) assume que, dentre os quatro aspectos que favoreciam a escolha por escravos provenientes da Alta Guiné, o religioso apresentaria menor importância.

⁶³Citação original: “[...] the linguistic, cultural and religious distance between Europeans and creoles from Upper Guinea was simply more easy to overcome than that between Europeans and other slaves, a fact favoring the selection of Upper Guinea PC-speaking slaves over other slaves, particularly in as far as domestic slaves were concerned.”

e kwa. Assim, de posse dessas informações, é importante que se busque entender como e por que os escravos que falavam os crioulos portugueses da Alta Guiné conseguiram manter, estabilizar e difundir sua variedade entre os demais habitantes de Curaçao a despeito de não serem muito numerosos no cômputo geral de escravos da ilha. Jacobs (2012a: 312-319) apresenta alguns argumentos que explicariam esse cenário:

- (16) a. a variedade importada era um crioulo completamente desenvolvido, não um jargão ou um pidgin. Alguns aspectos linguísticos podem ser mencionados para sustentar essa afirmação: a presença tanto no papiamentu quanto nos crioulos portugueses da Alta Guiné de morfologia (flexional e derivacional), de estruturas passivas, de marcadores TMA gramaticalizados, entre outros, traços considerados pelas abordagens mais tradicionais como presentes apenas nas línguas crioulas (e não nos pidgins). Ademais, o grande impacto dos crioulos da Alta Guiné no papiamentu reforça sua classificação: línguas crioulas com estatuto de língua materna e uma gramática elaborada exercem uma maior influência linguística nos locais em que são usadas do que os pidgins (mesmo os estáveis), falados apenas como segunda língua;
- b. o Princípio Fundador, proposto por Mufwene (2001, 2009 [1996]), se aplica à situação linguística do papiamentu de acordo com Jacobs (2012a: 316-317). Em linhas gerais, esse princípio postula que traços linguísticos das populações fundadoras (ou, de forma mais ampla, das mais antigas) de uma determinada comunidade (independentemente de seu tamanho ou quantidade de habitantes) teriam supremacia sobre os demais, arraigando-se e mantendo-se na língua no decorrer dos anos. Essa primazia seria justificada pelo fato de os traços mais antigos serem usados por um maior número de falantes, que poderiam, assim, transmiti-los para as gerações seguintes (MUFWENE, 2001: 28-29). A despeito de as características selecionadas nos primórdios da colonização apresentarem uma maior chance de serem mantidas (com grande parte dos traços basiletais remetendo a esse período), Mufwene (2001:

42) admite a possibilidade de alguns traços novos serem incorporados, substituindo os mais antigos ou alternando com eles. Quanto à motivação para o desenvolvimento dos crioulos, Mufwene (2001: 51, 212) advoga que os crioulos não se desenvolveram a partir da necessidade de comunicação com que se defrontava falantes de línguas diversas agrupados em um mesmo ambiente. Para o autor, os crioulos surgiram por acaso, a partir das tentativas das populações colonizadas de falar uma língua (que grande parte deles não conhecia muito bem) e das adaptações efetuadas na mesma. Ademais, no que tange ao processo de formação dos crioulos, Mufwene (2001: 38, 42, 54-56) afirma que essas línguas não se desenvolveram a partir de pidgins estáveis usados para fins de comunicação, mas derivaram de processos normais de aquisição de segunda língua, sendo evoluções contínuas dos lexicadores. Para Jacobs (2012a: 316-317), um dos elementos do Princípio Fundador que podem ser observados no papiamentu diz respeito à língua a ser usada por aqueles que vinham se estabelecer na ilha. Considerando que os falantes dos crioulos da Alta Guiné foram os fundadores da sociedade (escrava) curaçolêna, sendo os primeiros a povoar de fato Curaçao, pode-se considerar que eles (ainda que em um pequeno número) influenciavam bastante o cenário linguístico da ilha por terem o importante papel de transmitir a língua para os imigrantes recém-chegados. Estes se interessavam em aprender a língua não só porque era mais econômico/eficiente aprender os vernáculos locais do que desenvolver um novo — cenário também defendido por Mufwene (2009 [1996]: 377) —, mas também por, desse modo, se integrarem melhor à comunidade. Dentro dos estudos linguísticos, o Princípio Fundador não encontra ampla aceitação, recebendo críticas ferrenhas. Uma delas é feita por López *et al.* (2009, 2012), que apontam que a adoção desse conceito pressupõe uma supremacia das línguas europeias (em detrimento das línguas africanas) na formação dos crioulos, vistos como dialetos dessas línguas europeias (LÓPEZ *et al.* 2009: 59). Segundo os autores, três

argumentos principais podem ser levantados contra esse princípio: (i) trata-se de um paradigma patriarcal que vem sendo amplamente rejeitado pelos estudiosos modernos; (ii) há questionamentos acerca da validade do princípio para fenômenos complexos, como é o caso da linguagem humana; (iii) os dados históricos não corroboram as conclusões advindas do princípio, uma vez que, em grande parte das comunidades onde os crioulos emergiram, os europeus não eram a classe dominante nos âmbitos numérico, econômico, político e cultural (LÓPEZ *et al.* 2009: 59). López *et al.* (2009: 64-69, 2012: 219-221) apontam ainda que o Princípio Fundador peca por advogar um cenário exclusivo e reducionista, em que há formas linguísticas em competição, com apenas uma delas sendo selecionada por ter uma ‘vantagem seletiva’; e também por defender que, inicialmente, as comunidades coloniais falavam uma forma variante das línguas europeias, com os crioulos emergindo apenas num período posterior (MUFWENE, 2009 [1996]: 382). Além disso, López *et al.* (2009: 70) afirmam que, ao propor o Princípio Fundador, Mufwene (2001, 2009 [1996]) considera que, no primeiro estágio das sociedades coloniais (as chamadas sociedades de habitação), os europeus apresentavam supremacia dos pontos de vista numérico e político. Contudo, analisando os registros históricos numa perspectiva mais ampla, encontra-se uma fase anterior (a das sociedades de co-habitação), em que os europeus não eram o grupo preponderante numérica, política e culturalmente. Assim sendo, caso se considere a aplicação do Princípio Fundador nessas sociedades, as línguas faladas pelos povos africanos e indígenas possuem a mesma (ou mesmo uma maior) importância das línguas europeias na formação dos crioulos (cenário diferente daquele postulado por Mufwene, que atribui supremacia a estas últimas). Em síntese, segundo López *et al.* (2012: 223, tradução nossa), esse princípio deve ser descartado das análises linguísticas, uma vez que:

O Princípio Fundador não apenas impõe uma simplicidade reducionista sobre a quantidade e a qualidade dos fatores causais na emergência das línguas

crioulas enquanto simultaneamente estabelece uma falsa ausência de heteroglossia nas primeiras populações coloniais, mas também faz assunções errôneas acerca do caráter político das primeiras sociedades de contato coloniais⁶⁴.

Na realidade de Curaçao, observa-se ainda um antiefeito fundador, que não é explicado. Se as populações mais antigas mantêm seus traços nas gerações subsequentes, a descendência de escravos de pele clara também deveria ter se mantido. Em realidade, não é isso que se observa, já que os curaçolinhos são negros não claros, em sua maioria. Desse modo, pela discussão empreendida, pode-se observar que o Princípio Fundador não seria um forte argumento para explicar a influência maciça de escravos da Alta Guiné e de suas línguas na configuração do papiamentu, como Jacobs (2012a: 316-317) parece crer;

- c. era vantajoso saber os crioulos da Alta Guiné, uma vez que, de uma maneira geral, em ambientes multilíngues, as línguas crioulas são mais compreensíveis tanto para os escravos africanos (em comparação às línguas dos colonizadores europeus) quanto para os colonizadores (no contexto das diversas línguas africanas). Além disso, em Curaçao, ter conhecimento dos crioulos da Alta Guiné era também um marcador de *status* social por permitir transitar livremente nos domínios dos senhores e dos escravos. Essa assunção de Jacobs (2012a: 317-318) de que as línguas crioulas seriam mais compreensíveis se opõe à postura seguida por este estudo de que, do ponto de vista linguístico, os crioulos não apresentam nenhuma peculiaridade, sendo uma língua natural exatamente como qualquer outra. Sua especificidade reside no fato de se poder saber quando ela surgiu, o que é impossível para as demais línguas. Assim, se uma língua crioula é uma língua como qualquer

⁶⁴Citação original: “The Founder Principle not only imposes a reductionist simplicity on the quantity and quality of causal factors in the emergence of creole languages while simultaneously imposing a fictitious lack of heteroglossia on early colonial populations, it also makes erroneous assumptions about the political and economic character of early colonial contact societies.”

outra, ela é incompreensível para quem não a conhece. Por exemplo, um falante de português que nunca teve contato com o holandês terá dificuldades de conversar e entender uma pessoa falando holandês, uma vez que não tem conhecimento da estrutura da língua (seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos), bem como de seus itens lexicais. Do mesmo modo, qualquer falante que jamais tenha tido contato com uma língua crioula não terá menos dificuldades para entendê-la, já que ela não apresenta nenhuma especialidade do ponto de vista linguístico que facilite sua compreensão. Portanto, torna-se difícil sustentar o argumento trazido pelo autor;

- d. os escravos da Alta Guiné gozavam de um certo prestígio, ocupando os melhores cargos em relação aos demais escravos, cenário que implica um impacto linguístico considerável. Em geral, as escravas de pele mais clara eram escolhidas para os serviços domésticos na casa-grande e como **yayanan** (JACOBS, 2012d: 11). Seguindo uma linha de pensamento semelhante, Fouse (2002: 61-62) afirma que os escravos de pele mais escura desempenhavam os trabalhos no campo (mais pesados), enquanto os de pele mais clara eram destinados às atividades domésticas. Ademais, segundo o autor, os escravos nascidos na colônia (muitos dos quais tinham a pele mais clara), muitas vezes, se sentiam superiores aos cativos vindos da África. Quanto à sua atuação (conforme discutido na seção 4.4.4), as **yayanan** tinham um importante papel em facilitar a formação e difusão do papiamentu — como também apontado por Fouse (2002: 66) —: era com elas que as crianças (tanto brancas, quanto negras) estavam em contato mais próximo (normalmente, aprendendo a falar com elas), sendo a sua língua (o papiamentu) o modelo para a aquisição da língua materna, que mais tarde se difundiria a partir das crianças por toda a ilha. Essa função das mulheres negras que cuidavam das crianças de servirem de modelo, junto com os pais e outros adultos, é também mencionada por Arends (1995: 19-20) com relação às línguas crioulas em geral.

Já no que diz respeito às línguas de substrato do papiamentu, os estudos em geral consideram somente línguas das famílias kwa e bantu, partindo do consenso de que os escravos que foram para Curaçao eram quase que exclusivamente oriundos de áreas falantes desses grupos de línguas. Parkvall (2012: 221), por exemplo, considera que os itens lexicais de classes abertas provenientes das línguas de substrato no papiamentu estariam distribuídos da seguinte forma: delto-benuico (6%), mandê (6%), atlântico (11%), bantu (33%), kwa (44%). Assim, haveria uma predominância do kwa (falado na região da Baixa Guiné, que, segundo Parkvall (2012: 303), seria a principal fornecedora de escravos para Curaçao, principalmente a Costa dos Escravos) e do bantu (falado na região do Bunto (de Camarões à Angola), provedora de um número considerável de cativos). Jacobs (2012a: 54, 251, 266-267, 272, 312), por seu turno, defende que se incluíam línguas da região do atlântico ocidental e do grupo mandê (substratos do kabuverdianu de Santiago e do kriyol de Guiné Bissau e Casamança) como possíveis substratos do papiamentu, uma vez que a região da Alta Guiné foi a principal fornecedora de escravos para Curaçao até a tomada de Goré em 1677. Os falantes de línguas das famílias kwa e bantu chegaram a Curaçao somente a partir de 1677/1680 (possivelmente vindos de São Tomé), quando o papiamentu já estava praticamente desenvolvido (pelo menos no tocante a seus aspectos basilares), exercendo, portanto, uma influência posterior, pós-formativa⁶⁵. Para ilustrar a influência das línguas de substrato da Alta Guiné, Jacobs (2012a: 266-267) aponta alguns traços do papiamentu que podem ser atribuídos a essas línguas: (i) restrição às fricativas sonoras no vocabulário mais antigo do papiamentu (conforme seção 4.3.1); (ii) diversas funções do auxiliar ‘vir’ (PP **bin** — KV de Santiago *ben* / KG *bin*); (iii) existência de dois verbos significando ‘ter’ (PP **tin**/**tene** — CAG *ten*/*tene*). De fato, qualquer menção às línguas do substrato sem evidências é altamente especulativa. Há pouca informação que possa ser atestada sobre a chegada de escravos em Curaçao após 1677 ou sobre a origem desses escravos. O caso

⁶⁵Uma vez que, em 1677, os holandeses perderam a ilha de Goré para os franceses, retirando-se da região da Senegâmbia, não se sabe ao certo — e Jacobs (2012a: 272, 312) também não menciona — quem teria levado os escravos falantes de línguas das famílias kwa e bantu para Curaçao.

do bantu é ilustrativo dessa ausência de certeza: como já dito, há centenas de línguas bantu na atualidade. Há 300 anos, existiam muito mais. Além disso, apesar de estarem assim nomeadas, as línguas de uma mesma família divergem enormemente entre si e é difícil estabelecer exatamente o ponto de influência de cada língua no papiamentu, restando apenas a possibilidade de associar “traços areais”.

Quanto à atuação na indústria escravocrata e, por conseguinte, importância na sociedade curaçolense, além dos holandeses com sua Companhia das Índias Ocidentais, outro grupo social que também fazia parte da Companhia e atuava no comércio de escravos eram os judeus sefarditas, segmento que teve um importante papel na ocupação inicial de Curaçao. Quando se fala nos judeus que viviam na ilha de Curaçao, logo se pensa na relação dos mesmos com Amsterdã e mesmo com o Brasil (mais especificamente com Recife)⁶⁶, contudo praticamente nunca se mencionam os contatos que os judeus curaçolenses mantinham com a costa da Alta Guiné e com a região de Cabo Verde. Jacobs (2012a: 294) aponta que a conexão entre a comunidade de judeus sefarditas de Curaçao e a da Alta Guiné/Senegâmbia não aparece em nenhum dos trabalhos relevantes sobre a presença judaica em Curaçao, exceto em Martinus (1996: 120-121, 142-145), que aponta a relação dos judeus sefarditas com a Alta Guiné. Esse autor defende a importância de considerar essa conexão, uma vez que, em ambos os lados do Atlântico (África e Caribe), as comunidades judaicas estavam envolvidas ilegalmente com o comércio escravo⁶⁷. Tanto na Alta Guiné, quanto em Curaçao, os judeus sefarditas e a Companhia das Índias Ocidentais Holandesa eram parceiros comerciais, com os sefarditas inclusive tendo ações da Companhia. Os judeus da Alta Guiné (e também os de Recife) tinham ligações ainda com os de Amsterdã, o que era benéfico não só para os interesses comerciais da Companhia enquanto entidade, como também dos próprios judeus em particular. Ademais, os judeus estiveram fortemente envolvidos com o fornecimento de escravos

⁶⁶Como será observado na seção 4.4.1, muitos dos primeiros judeus que foram para Curaçao eram provenientes de Amsterdã ou do nordeste brasileiro (estes tendo vivido antes na República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos).

⁶⁷É importante mencionar, conforme será visto na seção 4.4.3, que quase todo o comércio conduzido pelos judeus era ilegal, uma vez que os portugueses proibiam a sua participação nas atividades comerciais nos locais sob seu domínio.

da região da Alta Guiné para Curaçao⁶⁸. Desse modo, mediada pelos judeus com seu comércio de escravos, passa a se estabelecer uma relação triangular conectando a região da Senegâmbia/Alta Guiné, Amsterdã e Curaçao⁶⁹. O caso da Companhia de Cacheu exemplifica esse quadro, a partir de ligações com os judeus portugueses de Amsterdã, como será visto na citação de Van Dantzig (1968: 81 *apud* Martinus 1996: 145) na seção 4.4.3.

No âmbito linguístico, é possível que muitos sefarditas que viviam na Alta Guiné e que atuavam no comércio de escravos nessa região tivessem aprendido um dos crioulos para se comunicar com os comerciantes locais, já que, conforme Jacobs (2012a: 300-304), a língua veicular da Alta Guiné era o crioulo, e não o português. Com o tempo, as gerações seguintes desses judeus podem ter se tornado falantes de crioulos da Alta Guiné. De fato, o primeiro documento conhecido em papiamentu é um fragmento de uma carta escrita por um judeu, o que mostra que a comunidade sefardita pouco depois de sua chegada a Curaçao passou a usar o papiamentu, que mais tarde se tornaria língua materna de grande parte da população. Caso também tenha ocorrido familiaridade dos judeus curaçolenses com os crioulos da Alta Guiné, “[...] isso terá facilitado e ampliado a introdução, preservação e difusão de um descendente dos crioulos portugueses da Alta Guiné introduzido em Curaçao pelos escravos da Senegâmbia.”⁷⁰ (JACOBS, 2009a: 367, tradução nossa). Além disso, o papel do comércio de escravos desenvolvido pelos judeus sefarditas na transferência linguística dos crioulos da Alta Guiné para Curaçao deve ser visto em consonância com aquele desempenhado pelos holandeses e sua Companhia das Índias Ocidentais: os dois segmentos tiveram a mesma importância (possivelmente tendo acesso e contato próximo com falantes dos crioulos da Alta Guiné) e atuaram conjuntamente para o sucesso da empresa escravocrata e seus resultados linguísticos.

Para Jacobs (2012a: 338), as implicações advindas a partir do reconhecimento

⁶⁸Isso mostra que a preocupação maior dos judeus residia no comércio de escravos e nos lucros que essa atividade poderia trazer.

⁶⁹Conclusão semelhante é apontada por Martinus (1996: 120-121, 142-145).

⁷⁰Citação original: “[...] this will have facilitated and enhanced the introduction, preservation and spread of a UGC [Upper Guinea Creole] offshoot brought in by the Senegambian slaves.”

da origem compartilhada do papiamentu e dos crioulos portugueses da Alta Guiné seriam duas: (i) facilidade na reconstrução dos crioulos portugueses da Alta Guiné (cujo protocrioulo deve ter surgido no meio do século XVI ou antes) do século XVII, antes da separação do papiamentu, o que será útil não só para os estudos do papiamentu, mas também das hipóteses da origem dos crioulos em geral; (ii) constatação de que Curaçao não foi o lugar onde a criouliização ocorreu, mas o cenário da transferência linguística e do subsequente processo de substituição lexical rápido e de grande alcance.

Em poucas palavras, a hipótese advogada por Jacobs (2012a) sobre a origem do papiamentu poderia ser sintetizada da seguinte forma: “O papiamentu não surgiu em Curaçao, mas na Alta Guiné e, imediatamente após sua ‘chegada’ a Curaçao, foi profundamente (mas em hipótese alguma inteiramente) relexificado pelo espanhol.”⁷¹ (JACOBS, 2009b: 14, tradução nossa). Essa postura de Jacobs de considerar que o papiamentu surgiu na Alta Guiné e, conseqüentemente, de atribuir o elemento português apenas aos crioulos dessa região deve ser revista, visto que nem todos os elementos portugueses do papiamentu podem ser atribuídos ao kabuverdianu. Um grupo que certamente ofereceu itens do português para o papiamentu foram os judeus sefarditas e seus escravos, como se vê no caso de **famitu** (< PT *faminto*) ‘faminto, com fome’, vocábulo que não encontra correspondente em kabuverdianu. Considerando que, para Jacobs, os elementos do português no papiamentu têm como fonte apenas os crioulos da Alta Guiné, vocábulos desse tipo ficam sem explicação, não sendo apontado como eles entraram no papiamentu. Ademais, é possível que os crioulos portugueses do Golfo da Guiné também tenham fornecido itens para o papiamentu. Assim, conclui-se que a influência do português no papiamentu não pode ser atribuída apenas ao kabuverdianu, já que, ao fazer isso, tem-se apenas uma visão parcial e fragmentada dos fatos.

Quanto ao processo de relexificação apontado por Jacobs (2012a: 319-335), ele ocorre em direção ao espanhol pelo fato de essa língua estar muito presente na

⁷¹Citação original: “PA [Papiamentu] did not come into existence on Curaçao, but in Upper Guinea and was, immediately after its ‘arrival’ on Curaçao, heavily (but by no means entirely) relexified by Spanish.”

sociedade curaçolense (até pela proximidade com a Venezuela, país hispanofalante, não apenas do ponto de vista geográfico, mas também por suas relações comerciais), sendo usada nos contextos religiosos e tendo um certo prestígio. Esse processo, motivado pela necessidade de marcar a identidade de um novo grupo ou sinalizar aculturação (e não por inteligibilidade), aconteceu em mais ou menos 115 anos, entre 1659 e 1774 (ou talvez num período menor: entre 1659 e 1704). De qualquer forma, na virada do século XVIII, o processo de relexificação estava concluído (JACOBS, 2012a: 325-326). Atuando como difusores do espanhol, língua-alvo da relexificação, estariam os padres católicos, os comerciantes do continente e talvez os judeus sefarditas⁷². Maurer (1998: 201) também considera os mesmos segmentos como os responsáveis pela entrada do elemento espanhol durante a formação do papiamentu. Para sustentar a assunção de que o ocorrido nos primórdios do papiamentu foi uma relexificação e não um caso de empréstimo maciço, Jacobs (2012a: 325-327) aponta que a mudança lexical, além de ter atingido itens do vocabulário de conteúdo básico, foi abrupta, aspectos característicos da relexificação. O autor, contudo, assume que a entrada de itens de étimo hispânico no papiamentu também poderia ocorrer por empréstimo, sendo possível dividir as mudanças do papiamentu em direção ao espanhol em dois tipos: (i) relexificação inicial/primeira; (ii) empréstimo regular posterior⁷³. Essa relexificação maciça deu ao papiamentu a feição de uma ‘língua misturada’: seu sistema funcional é característico das línguas da Alta Guiné (e, conseqüentemente, do português), ao passo que seu inventário puramente lexical está mais próximo do espanhol.

Thomason & Kaufman (1988: 195) também apontam a ocorrência da relexificação no papiamentu, através da qual itens lexicais de étimo português (língua que teria fornecido grande parte do léxico do papiamentu) foram substituídos por um vocabulário proveniente do espanhol. Ademais, a discussão dos autores sobre os

⁷²Jacobs (2012a: 331-334) considera ainda os holandeses como difusores do espanhol, fazendo a ressalva de que sua atuação ocorreu em menor grau. Contudo, seria pouco provável que os próprios holandeses difundissem o espanhol.

⁷³Essa categorização das mudanças deve ser analisada com mais detalhes em estudos posteriores, uma vez que tal cenário pressupõe a existência de dois estratos de palavras hispânicas claramente reconhecíveis no papiamentu, o que não parece ser o caso.

processos que dão ensejo às línguas crioulas permite compreender melhor o caráter de ‘língua misturada’ apresentado pelo papiamentu. Em sua análise, Thomason & Kaufman (1988: 148-151) advogam que a formação (pelo menos, de grande parte) dos crioulos prescinde de um estágio anterior de pidgin, processo conhecido como crioulização abrupta, concebida pelos autores como um tipo especial de mudança linguística (THOMASON & KAUFMAN, 1988: 166). No tocante aos aspectos linguísticos das línguas crioulas, os autores apontam uma assimetria entre os níveis lexical e gramatical: enquanto a maior parte do léxico básico provém de uma única língua (o superstrato), a estrutura gramatical não é derivada de uma única fonte, sendo, ao contrário, resultado de contribuições das diversas línguas envolvidas no contato. Desse modo, a gramática dos crioulos seria, aos poucos, construída pelos primeiros falantes dessas línguas (THOMASON & KAUFMAN, 1988: 151-154). A fim de analisar as estruturas dos crioulos, que trazem contribuições de diversas fontes, Thomason & Kaufman (1988: 155-158) defendem a necessidade de considerar o grau de acesso à língua lexificadora (na medida em que quanto mais acessível a língua-alvo, maiores são as chances de aprendizado de aspectos de sua gramática), as estruturas das diversas línguas nativas dos escravos, bem como a diversidade e os perfis tipológicos dessas diferentes línguas de substrato (uma vez que, entre outros fatores, traços das diversas línguas que se sobrepõem do ponto de vista tipológico tendem a ser transmitidos para o crioulo; ademais, há uma tendência à manutenção de aspectos não marcados). O fato de o léxico e a gramática dos crioulos apresentarem origens diferentes faz com que Thomason & Kaufman (1988: 152, 165-166, 200) considerem que essas línguas não são geneticamente relacionadas a nenhuma das línguas envolvidas em sua formação, não se tratando, assim, de uma continuação (ou uma forma modificada) nem do superstrato nem do substrato. Tendo rompido o processo de transmissão usual (no qual traços lexicais e estruturais são transmitidos como um único conjunto inter-relacionado), os crioulos são línguas novas, criadas em comunidades multilíngues pelas primeiras gerações de escravos e, mais tarde, desenvolvidas e transmitidas pelos demais membros. Os posicionamentos de Thomason & Kaufman (1988: 147-166, 200-213) se coadunam àqueles adotados nesta tese para explicar a origem do papiamentu: a língua caribenha foi se desenvolvendo de forma

gradual a partir de contribuições dos diferentes atores sociais envolvidos na situação de contato e apresenta uma estrutura derivada da convergência de diversas fontes e um vocabulário oriundo primeiramente do português e mais tarde relexificado em direção ao espanhol, o que justifica a alegação de uma base ibero-românica.

A influência do espanhol no papiamentu é observada ainda nos dias atuais. Em sua análise, Bandeira (2013: 70-73) mostra que o espanhol realmente fornece inúmeros empréstimos para o papiamentu moderno. Wood (1972b) também discute a hispanicização (que, segundo o autor, pode também ser compreendida como uma descrioulização) do papiamentu, que atinge sobretudo a variedade literária, escrita e urbana e se manifesta especialmente no âmbito dos empréstimos lexicais, tendo reflexos mínimos na fonologia, morfologia e sintaxe. Essa crescente presença do espanhol em Curaçao é explicada pela proximidade com o continente americano, especialmente com a costa da Venezuela, o que permite um grande fluxo de pessoas entre a ilha e o continente⁷⁴. A difusão cultural venezuelana tornou-se ainda mais forte depois de 1918, com a abertura da refinaria de petróleo Isla, situação que levou à migração de inúmeras pessoas para a ilha, muitas do continente americano, interessadas em trabalhar na refinaria. Somando-se a esse quadro, há ainda o papel desempenhado pela mídia, pelo turismo e pelas escolas. Existem jornais impressos e vários programas de televisão em espanhol, sobretudo novelas venezuelanas, que levam a língua e a cultura hispânica para a ilha. Quanto ao turismo, nos últimos anos, turistas têm chegado em massa a Curaçao, atraídos pelas belezas naturais. Além disso, em muitas escolas da ilha caribenha, o espanhol é ensinado desde as séries iniciais. Assim, pode-se observar atualmente uma grande participação do espanhol na sociedade curaçolenha⁷⁵. Possivelmente sem mídia, refinaria Isla, turismo e escolas, o papel do espanhol era menor na Curaçao dos séculos XVII e XVIII.

Em suma, a análise de Jacobs (2012a), apesar de apontar adequadamente para

⁷⁴Ilustrativa desse fluxo é a ocorrência de uma feira regular de produtos alimentícios (frutas e verduras) no centro de Curaçao com grande parte dos comerciantes (se não, todos) vindos da Venezuela.

⁷⁵Junto com a presença de missionários hispanofalantes que atuavam na catequização dos escravos, Birmingham (1970: 164-165) aponta essas mesmas razões (exceto o turismo) para a influência constante do espanhol no papiamentu.

grandes similaridades entre o papiamentu e o kabuverdianu (indicativas de uma origem comum), apresenta alguns pontos controversos. O principal deles (e talvez a partir do qual os demais derivam) consiste em considerar os crioulos da Alta Guiné como a única fonte possível para os elementos portugueses do papiamentu. Assim, o autor desconsidera ou minimiza o papel tanto de outros segmentos falantes de português, como os judeus sefarditas e seus escravos, quanto dos crioulos portugueses do Golfo da Guiné (que possivelmente possuem semelhanças com o papiamentu em uma escala maior do que vem sendo considerado). Além disso, ele enfatiza que o papiamentu já chegou praticamente formado a Curaçao, o que termina diminuindo a participação dos segmentos da sociedade curaçolenha na gênese do papiamentu. Esses seriam os principais aspectos questionáveis na hipótese de Jacobs (2012a), havendo ainda outros pontos já discutidos no decorrer dessa seção.

4.4 ‘DIALETO’ JUDEO-PORTUGUÊS DA COMUNIDADE SEFARDITA E DE SEUS ESCRAVOS

A hipótese que advoga a gênese do papiamentu em Curaçao a partir do português falado pelos judeus sefarditas e seus escravos é defendida principalmente por Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999). Esses autores apontam que um número considerável de judeus que chegou à ilha caribenha era proveniente do nordeste do Brasil (da outrora colônia holandesa de Recife) e, assim, falava alguma forma de português. Seus escravos (considerando que os judeus foram para Curaçao junto com eles — ou pelo menos uma parte deles) também falavam português ou um crioulo de base portuguesa, que mais tarde daria origem ao papiamentu. Esse contingente escravo teria sido o grande difusor da variedade de português pela ilha, atuando, em seguida, também na configuração da nova língua que ia surgindo, uma vez que era um segmento numericamente representativo dentro da sociedade curaçolenha. Segundo Martinus (1996: 5-6), por volta do fim do século XVII e começo do XVIII, a população não escrava era em média de 1.800 a 2.000 pessoas, enquanto que o

número de escravos era três vezes maior (por volta de 6.000), correspondendo a cerca de 75% do total da população⁷⁶. Quanto à difusão do papiamentu, deve-se considerar que os judeus também atuaram nesse processo, graças a sua influente participação na sociedade curaçolêna (como será discutido na seção 4.4.3) e a seu número crescente no cômputo geral da população curaçolêna (como observado na seção 3.1.2 do capítulo 3)⁷⁷. Já o caráter predominantemente espanhol que a língua apresenta atualmente (uma vez que o português seria a base do papiamentu) resultaria da influência posterior (e que se mantém até os dias atuais) de hispanofalantes, que constituem a maioria na região circundante.

A hipótese do ‘dialeto’ judeo-português é vista como inadequada por Jacobs (2012a: 30-31) por não conseguir explicar (assim como as hipóteses que sugerem uma origem espanhola) a presença de elementos portugueses nos estratos mais antigos da gramática do papiamentu. Esse autor questiona o fato de se considerar a ilha de Curaçao como o local onde o papiamentu surgiu e a atribuição de seus elementos portugueses à influência dos judeus sefarditas e seus escravos falantes de português. Como os judeus e seus escravos só chegaram a Curaçao a partir de 1651⁷⁸, caso a influência portuguesa do papiamentu se devesse aos sefarditas e seus escravos, seria esperado que ela se revelasse especialmente no itens lexicais, e não nos funcionais. Conforme citado na seção 4.1, o que se encontra é exatamente um predomínio de

⁷⁶No que tange ao papel dos escravos na difusão do português pela ilha caribenha, deve ser feita a ressalva de que não é possível saber quantos escravos pertenciam aos judeus e, dentre eles, qual a porcentagem dos falantes de português.

⁷⁷Acerca do número de judeus, Emmanuel & Emmanuel (1970: 115) mencionam que os sefarditas pareciam estar em maior quantidade provavelmente por três fatores: (i) sua vivacidade; (ii) a fervorosa celebração de seus festivais e cerimônias; (iii) sua supremacia no comércio e na navegação em Curaçao.

⁷⁸Alguns autores situam a chegada dos judeus sefarditas alguns anos mais tarde. Domingos (1974: 3), por exemplo, afirma que os primeiros judeus, provenientes do Brasil, chegam em 1656. Munteanu (1996: 225) e Maurer (1998: 192), por seu turno, consideram que os judeus sefarditas começam a se estabelecer em Curaçao somente a partir de 1659. Essa aparente disparidade de datas pode ser facilmente desfeita: os primeiros judeus sefarditas de fato começam a se estabelecer na ilha caribenha em 1651, contudo a fundação e a consolidação de uma comunidade judaica (a *Mikvé Israel* ‘Esperança de Israel’) se deu apenas oito anos mais tarde quando aportou na ilha pela primeira vez um grupo numeroso de sefarditas (EMMANUEL & EMMANUEL, 1970: 38-42, 51-52; CASSERES, 1990: 13-14; JOUBERT & PERL, 2008: 140-141).

itens funcionais de étimo português. Jacobs (2012a: 31) menciona ainda que essa hipótese, apesar de algumas vezes mencionada em estudos sobre o papiamentu, não é defendida de forma aprofundada e séria por nenhum estudioso. Até mesmo os autores apontados como os principais defensores dessa hipótese (GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999) tratam em suas obras sobretudo de duas línguas crioulas faladas no Suriname (o sranan e o saramaccan), com suas reflexões podendo ser estendidas também para o papiamentu, já que aparecem alguns comentários esparsos sobre a realidade de Curaçao. A despeito desse fato, a hipótese que vincula a formação do papiamentu aos judeus sefarditas e seus escravos vem sendo debatida em diversos encontros e conferências (JACOBS, 2012a: 31) e apresenta contribuições importantes para o debate acerca da origem da língua. Assim, por conta desses aspectos, deve ser analisada.

Além desses questionamentos mais gerais, há outros aspectos que merecem ser discutidos, como: (i) a procedência dos judeus sefarditas que chegaram a Curaçao; (ii) a afirmação de que os judeus saíram do Brasil levando escravos, já que esse segmento, em virtude de seu maior número, teria um papel relevante na difusão da língua dos seus proprietários; (iii) as atividades econômicas desempenhadas pelos judeus; (iv) a língua usada pelos sefarditas e seus escravos, o papel desses segmentos na difusão da língua que ia surgindo em Curaçao através das amas (**yayanan** em papiamentu) e o debate sobre itens funcionais e lexicais. Tais pontos serão tratados nas seções seguintes.

4.4.1 A procedência dos judeus sefarditas

De acordo com Martinus (1996: 91), um dos pontos que embasam a hipótese de Goodman (1996 [1987]: 546-548) sobre o papel dos judeus sefarditas e seus escravos na formação do papiamentu é a premissa de que muitos judeus que tinham estado no Brasil foram mais tarde para Curaçao a fim de viver na região. A procedência brasileira dos judeus sefarditas que chegaram a Curaçao, contudo, não tem sido tomada como certa por diversos autores, sendo alvo de discussão. Segundo Casseres

(1990: 12), a maior parte dos judeus que foram para Curaçao era proveniente de Amsterdã, cidade que possuía uma sinagoga que fazia uso de português e holandês e para onde, alguns anos antes de 1651, afluíram inúmeros judeus de Portugal e da Espanha, vítimas de perseguição católica. Assim, quando Casseres afirma que Amsterdã foi o local de onde saiu a maioria dos judeus que chegou a Curaçao, ele não quer dizer que esses judeus eram em grande parte holandeses, uma vez que a cidade já contava com inúmeros judeus provenientes de outras partes da Europa, especialmente da região ocidental. Maurer (1998: 198) também considera que muitos judeus que chegaram a Curaçao eram provenientes de Amsterdã, tendo nascido e se criado lá. Além disso, para o autor, nem todos os holandeses tinham vivido no Brasil antes de ir para a ilha caribenha.

Henriquez (1988: xi, tradução nossa) fornece um quadro mais amplo acerca da procedência dos judeus, afirmando que:

Como o termo ‘Sefardita’ indica, nosso povo vem de Sefarad, que é o nome hebraico da Península Ibérica, atualmente Espanha e Portugal. Nossos antepassados chegaram a Curaçao através de diferentes rotas e é claro que nem todos no mesmo período. Alguns vieram da Espanha através de Portugal, outras via França (Bayonne), outros via Holanda, Itália ou outras partes da região mediterrânea. Mas outros também foram de Sefarad primeiro para o Brasil e outros foram para São Tomás [Ilhas Virgens Americanas], Jamaica e outras ilhas no Caribe antes de virem para Curaçao. Outros vieram, foram para a Europa e voltaram de novo⁷⁹.

Aderindo a essa múltipla procedência, Jacobs (2012a: 31-36) afirma não ser possível considerar apenas uma região como o ponto de partida dos judeus. Para ele, havia judeus provenientes de Livorno (Itália), de algumas regiões do Caribe, da Alta Guiné e das ilhas de Cabo Verde, entre outros lugares, embora grande parte deles tenha saído diretamente de Amsterdã e do Brasil (e muitos dos judeus brasileiros também tenham vivido em Amsterdã antes). Essa relação entre Brasil, Holanda

⁷⁹Citação original: “Manera e nòmber ‘sefardí’ ta indiká, nos hendenan a bini di Sefarad, ku ta e nòmber abraiko pa Península Ibérico, aktual Spaña i Portugal. Nos bieunan a yega Kòrsou via diferente ruta i di pursi no tur a yega na mes époka. Tin ku a bini di Spaña via Portugal, otro via Fransha (Bayonne), otro via Ulanda, Italia òf otro parti di e área mediteráneo. Pero tambe tin ku a sali for di Sefarad bai Brazil promé, i otro ku a bai Sintòms, Hamaika òf otro islanan den Karibe promé ku nan a bini Kòrsou. Tin ku a bini, bai Oropa, pa despues bolbe.”

e Curaçao é também reconhecida por outros estudiosos, como Silva (2001: 57-58), Falbel (2001: 99) e Grant (2008b: 90-91). Eles afirmam que, após a retomada portuguesa de Recife em 1654, alguns judeus sefarditas (muitos procedentes de Amsterdã) que lá viviam decidiram migrar para Curaçao. Johnen (2012: 162) afirma inclusive que o elo entre Brasil e Curaçao se estabeleceu não por uma história conjunta de regiões contíguas, mas em virtude da migração de judeus portugueses, via Caiena e Paramaribo, do nordeste brasileiro para a ilha caribenha a partir de 1656. Alguns comandantes judeus e colonizadores proeminentes ilustram essa conexão. Emmanuel & Emmanuel (doravante E&E) (1970: 47, 51, 757) trazem registros de nomes, mostrando que muitos judeus que foram para Curaçao tinham vivido antes no Brasil; entre os judeus chegados em 1659, havia inclusive homens que atuaram como líderes da comunidade (*parnassim*) no Brasil. Segundo Ladhams (1999: 216), João de Yllan (ou Ilhão), comandante do primeiro grupo de colonizadores judeus que desembarcou em Curaçao em 1651, certamente tinha estado no Brasil entre fins da década de 1630 e começo da de 1640. De Yllan tinha prometido levar 50 colonos para a ilha, mas na prática, conseguiu recrutar apenas 12; dentre eles estava Abraham Diogo, que também tinha passado um tempo no Brasil (E&E, 1970: 40). Casseres (1990: 13) também menciona o nome de Joao d’Yllan⁸⁰ e sua passagem pelo Brasil antes da ida para Curaçao. De acordo com esse mesmo autor, o segundo grupo de judeus que chegou a Curaçao em 1659, sob o comando de Isaac da Costa, também era formado por muitos ex-colonos do Brasil Holandês. E&E (1970: 45-46) afirmam que o próprio Isaac, sobrinho de Uriel da Costa, também tinha sido um dos primeiros colonos judeus no Brasil. Ele foi um grande comerciante em Recife e os membros de sua família (pai e tios) eram figuras proeminentes dentro da comunidade judaica de Amsterdã. Com Isaac da Costa, a comunidade judaica em Curaçao foi de fato se estabelecendo em bases sólidas. Smith (1999: 258), por seu turno, menciona o nome de David Nassy, que não só esteve em Recife e em Curaçao (onde chegou em 1652 juntamente com outros judeus do Brasil), mas também no Suriname.

⁸⁰Muitas vezes, a grafia dos nomes dos judeus sefarditas varia um pouco de autor para autor, como se observa nesse caso. Segundo E&E (1970: 30), João de Yllan aparece nos registros de diversas formas: Jeojada, Jeoda, Jeudah, Jeoyadan e Johanan de Yllan ou ainda como Delian.

Ainda com relação aos nomes dos judeus curaçolenses, segundo Emmanuel (1957: 99-100), os sobrenomes poderiam ser de três tipos (exemplos retirados desse autor):

- (17) a. sobrenomes de procedência hispano-portuguesa, a exemplo de Almeida, Alvares, Andrade, Arobas, Belmonte, Britto, Castello, da Costa, Gomes, Henriquez, Lopes, da Silva;
- b. sobrenomes judeus e não judeus combinados, a saber Abenatar Melo, Abendana Pereira, Cohen Henriquez, Cohen Rodriguez, Jesurun Henriquez, Levy Maduro;
- c. sobrenomes de procedência judaica ou árabe, como Abaz, Abenatar, Cohen, Gabay, Jesurun, Levy, Naar, Uziel, entre outros.

O uso de sobrenomes de procedência hispano-portuguesa pelos judeus, em um primeiro momento, pode parecer estranho, mas encontra explicação no fato de que muitos judeus tiveram que se converter forçosamente ao cristianismo, passando a adotar um nome cristão. Muitas vezes, os judeus mantinham dois nomes (o que era algo corriqueiro): um de procedência judaica, usado na sinagoga e nas lápides; outro, adotado no batismo, de origem cristã e usado nos negócios. Dentre os judeus curaçolenses que possuíam mais de um nome estão: (i) Yeoyadah (Jeudah) de Illan ~ Joao de Illan; (ii) David Nassy ~ Joseph Nunes de Fonseca ~ Christovao de Savora ou Tavora; (iii) Abraham de Leon ~ Balthazar de Leon; (iv) Moses Lopez Henriquez ~ Francisco Lopez; (v) Isaac Henriquez Cotino ~ Sebastiaan Henriquez Cotino; (vi) Jacob Pereyra ~ Francisco Pereyra (EMMANUEL, 1957: 101-103).

Em síntese, nem todos os judeus que chegaram a Curaçao tinham saído do Brasil; provinham de diferentes lugares, como Amsterdã, outras partes da Europa e também Recife (Brasil), região que recebe destaque nas diferentes hipóteses que tratam do papel dos judeus sefarditas e seus escravos na formação do papiaumentu. Contudo, o fato de um grupo de judeus ser proveniente, por exemplo, de Amsterdã não significa que esse grupo era formado apenas por judeus holandeses, uma vez que, com a ampla perseguição a que foram submetidos, muitos judeus já não viviam mais no país onde tinham nascido. Isso se reflete também no âmbito linguístico: o

local de origem dos judeus não deixa claro qual a sua língua materna (JACOBS, 2012a: 32)⁸¹.

4.4.2 Os judeus saíram do Brasil levando escravos?

Um aspecto importante na elaboração da hipótese que relaciona os judeus sefarditas e seus escravos à origem do papiamentu é o pressuposto de que os judeus que deixaram o nordeste do Brasil levaram consigo seus escravos, os quais, juntamente com alguns desses judeus, eram falantes de português ou de um crioulo de base portuguesa, que serviu como base para a formação do papiamentu (GOODMAN, 1996 [1987]: 548-550; SMITH, 1999: 261-268). Outros autores também defendem essa posição, a exemplo de Grant (2008b: 90-91) e Johnen (2012: 162). Sendo os escravos numericamente superiores aos judeus, eles teriam tido uma participação chave na difusão dessa língua entre a população de Curaçao e, por conseguinte, na configuração da nova língua que ia se formando.

Essa premissa, contudo, não é aceita de forma pacífica pelos estudiosos. Para Arends (1999: 199-200), por exemplo, há várias razões que apontam para a improbabilidade de os judeus terem saído do Brasil levando muitos escravos:

- (18) a. antes da capitulação dos holandeses em 1654 (após nove anos de resistência), ocorreu a destruição da maioria das *plantations* e havia um cenário de fome generalizada entre os habitantes de Recife. Sob tais circunstâncias, é improvável que os judeus continuassem a possuir muitos escravos;
- b. o transporte para levar os habitantes de Pernambuco era escasso. De acordo com Martinus (1996: 92) e Ladhams (1999: 215), os portugueses disponibilizaram apenas 16 barcos para os holandeses e seus correligionários deixarem Recife;

⁸¹A língua falada pelos judeus será discutida na seção 4.4.4.

- c. nenhum dos judeus sefarditas chegou ao Suriname diretamente do Brasil, viajando via Europa (Amsterdã, Londres, Rochela) ou Caribe (Caiena, Pomeron/Essequibo). O uso dessas rotas indiretas e longas tornava improvável o transporte de escravos;
- d. os judeus sefarditas de Pernambuco não possuíam muitos escravos (apenas 6% das 166 *plantations* de açúcar do Brasil Holandês pertenciam aos judeus).

Junto a esses argumentos, Ladhams (1999: 215) traz outras duas razões pelas quais não só os judeus, como também os holandeses não devem ter deixado Recife com escravos. Em primeiro lugar, os portugueses não permitiam a saída de escravos da cidade e havia regras de controle bastante rígidas para garantir que essa proibição fosse cumprida. Ademais, além de a quantidade de barcos para o transporte ser pequena, os 16 navios disponíveis estavam com sua lotação totalmente ocupada não só com os passageiros, mas também com os “bens móveis”, como a cobiçada madeira brasileira. Martinus (1996: 93), por seu turno, afirma que os judeus não devem ter saído de Pernambuco com escravos com base no registro trazido por E&E (1970: 49) de que, em 1659/1660, ano da chegada de 10 famílias judaicas em Curaçao, o governador recebeu a instrução de fornecer escravos, casas e terras para os novos colonos, auxiliando-os a se estabelecer na ilha. Seguindo essa vertente, Jacobs (2012a: 44) afirma que, por razões logísticas (certamente o número reduzido de barcos), é pouco provável que os judeus tenham partido de Recife levando muitos escravos. Maurer (1998: 199) também defende que os judeus não levaram seus escravos para Curaçao, apresentando duas razões: (i) os sefarditas não foram diretamente do Brasil para Curaçao, mas passaram primeiro em Amsterdã. Assim, não precisavam levar seus escravos nessas rotas tão longas; (ii) de acordo com alguns registros, a partir de 1659, os judeus recém-chegados a Curaçao podiam adquirir escravos. Desse modo, é possível conjecturar que eles não trouxeram seus escravos; do contrário, não precisariam recorrer a esse privilégio.

Seguindo uma outra linha de pensamento, Smith (1999: 256-258, 262) questiona os fatos trazidos pelos estudiosos para sustentar a afirmação de que os judeus não deixaram Recife com escravos. No que diz respeito à carência de navios para

evacuar a cidade, o autor defende que os judeus podem ter feito uso de transportes não oficiais. Assim, nos 16 barcos oficiais, os judeus embarcariam sem seus escravos, enviando-os por esses meios não registrados. Ademais, é possível que houvesse mais donos de *plantations* judeus do que o número documentado (conforme seção 4.4.3), o que implicaria uma necessidade de escravos para o trabalho no campo e, por conseguinte, a posse de um maior número de escravos por parte dos judeus. Smith (1999: 268) afirma ainda que os judeus não costumavam se desfazer de seus escravos (vendendo-os) sempre que precisavam se mudar. Os donos eram bastante conscientes do valor dos escravos, especialmente dos mais experientes, doutrinados e acostumados ao trabalho pesado, tendo, portanto, interesse em levá-los, mesmo para locais distantes. Por fim, no tocante à forte fiscalização mencionada por Ladhams (1999: 215), Smith (1999: 262) defende a possibilidade de, cientes do valor dos escravos para a economia recifense de *plantation*, muitos holandeses e judeus já virem retirando seus escravos da cidade mesmo antes da retomada portuguesa. Naturalmente, os judeus não devem ter esperado o cerco português para deixar a cidade de Recife. Muitos deles podem ter saído antes, levando seus bens móveis e imóveis. Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que a existência de uma lei reguladora dos processos de migração não significa necessariamente seu cumprimento severo, sem brechas: se atualmente já existem diversas formas de burlar tais controles, naquela época então, era ainda mais fácil descumpri-los.

Assim sendo, mesmo que os escravos da região de Recife não tenham sido levados em massa para Curaçao juntamente com seus donos judeus, alguns deles (presumivelmente os da casa-grande e os mais adaptados ao trabalho no campo) devem ter embarcado para a ilha caribenha. Falantes de alguma variedade de português, por estarem em constante movimento pela ilha, esses escravos certamente contribuíram para a difusão e entrada de elementos portugueses no papiamentu. A contribuição atribuída ao segmento escravo não se restringe apenas àqueles que haviam saído do Brasil com os judeus, mas inclui todos os escravos que, de alguma forma, estavam em convívio com os sefarditas. É essa atuação dos escravos como um todo que é veiculada pela expressão ‘judeus sefarditas e seus escravos’ usada nesta tese.

4.4.3 A quais atividades os judeus se dedicavam?

Definir quais as principais atividades desempenhadas pelos judeus sefarditas permite que se observem não apenas a importância que os judeus possuíam dentro das comunidades em que viviam, como também se eles estavam ou não relacionados com a indústria escravocrata.

Em geral, no âmbito econômico, os judeus são frequentemente relacionados às atividades comerciais e financeiras. Arends (1999: 200), por exemplo, afirma que os judeus sefarditas de Pernambuco se dedicavam mais ao comércio do que à agricultura de *plantation*. Um quadro similar é descrito por Ladhams (1999: 213): nos relatos da época, poucos judeus são identificados como donos de *plantations* (apenas nove em todo o estado pernambucano); eles estavam mais envolvidos em corretagem (atuando no momento de fechar acordos e contratos), comércio de escravos e coleta de impostos, graças ao seu conhecimento de português e de holandês. Já em Curaçao, segundo Casseres (1990: 22), os judeus se destacaram (atingindo prosperidade) sobretudo pelos seus conhecimentos de comércio internacional, finanças, navegação e seguro marítimo e transporte, atividades que não demandavam tantos escravos⁸². Para o autor, os maiores donos de escravos eram os protestantes (holandeses), pois eles estavam mais propensos a serem donos de terras. Isso não significa que os judeus não possuíssem nenhum escravo: é possível que eles (especialmente os poucos que eram donos de terras) tivessem escravos assim como as pessoas ricas de Curaçao, mas não em grandes quantidades. E&E (1970: 62-68) apresentam um quadro um pouco diferente com relação ao engajamento dos judeus na agricultura e criação de animais. Segundo os autores, no final do século XVII e começo do XVIII, muitas *plantations* e hortas em Curaçao eram propriedade dos judeus. No decorrer dos anos 1800, apesar de a Companhia das Índias Ocidentais Holandesa (WIC) deter o monopólio sobre a criação e o comércio de gado, as regras não eram tão rigorosas,

⁸²Casseres (1990: 25) menciona ainda que nem todos os judeus que chegaram a Curaçao eram ricos: alguns foram quase sem recursos, recebendo inicialmente ajuda da congregação judaica. Através de seu trabalho, esses judeus conseguiram reunir fundos e, mais tarde, ocupar uma posição de destaque dentro da sociedade curaçolense. Casos de judeus mais pobres, contudo, devem ter sido uma minoria.

o que permitiu que os sefarditas tomassem parte nessa atividade. Assim, apesar de enfrentarem muitas dificuldades (como as constantes secas, o roubo de gado, questões religiosas e a taxa de 10% cobrada pela Companhia sobre todos os produtos e animais), os judeus se dedicavam aos trabalhos com a terra e os animais, adquirindo prestígio, respeito e mesmo despertando a inveja de alguns segmentos. E&E (1970: 618) afirmam que os sefarditas estavam tão ligados ao cultivo da terra que, desde 1660 (e talvez até antes), 80% das *plantations* e 20% das hortas de Curaçao pertenciam a famílias judaicas.

Sobre a atuação dos judeus no comércio de escravos, Casseres (1990: 22) mostra-se descrente, já que a Companhia detinha o monopólio sobre essa atividade, havendo apenas alguns poucos casos em que companhias judaicas compravam escravos da WIC para vendê-los em seguida na Colômbia. Esse envolvimento dos judeus de Curaçao com o comércio de escravos parece ter sido muito maior do que os estudiosos fazem crer. De acordo com Jacobs (2012a: 298-299), tem-se a impressão de que os judeus não atuaram no tráfico negreiro em virtude de quase todo o comércio conduzido por eles ser ilegal. Como os portugueses proibiam os judeus de se engajar nas atividades de comércio em locais sob seu domínio, eles tinham que realizar tal atividade de forma ilícita e, por conseguinte, ausente dos registros oficiais. Sobre esse ponto, Martinus (1996: 142) chama a atenção para o fato de que os judeus em Curaçao não eram apenas colonos, mas também comerciantes de escravos (combinando as duas atividades diversas vezes). Muitos judeus possuíam mais de um nome (como mencionado na seção 4.4.1) — e por vezes também apresentavam nomes com aparência holandesa (como é o caso de Jan de Lion para João de Yllan) — ou mesmo colocavam seus parceiros não judeus para comandar os negócios. Tais atitudes poderiam ser a causa de a atuação dos judeus no tráfico negreiro, em geral, não ser considerada pelos estudiosos (MARTINUS, 1996: 143). A prática dos judeus de possuir vários nomes é também mencionada por Emmanuel (1957: 101), Smith (1999: 257) e Joubert & Perl (2008: 144). Smith (1999: 257) afirma que, no nordeste brasileiro, alguns judeus usavam nomes portugueses, o que pode ter levado Ladhams (1999: 213), entre outros autores, a desconsiderar alguns judeus como donos de *plantation*. Mais uma prova de que os judeus realmente negociavam escravos

pode ser vista no relato de Van Dantzig (1968: 81 *apud* MARTINUS 1996: 145, tradução nossa) acerca das relações entre os judeus portugueses de Curaçao e os de Amsterdã através da Companhia de Cacheu: “A Companhia de Cacheu (licenciada pelos portugueses), fundada em 1692 principalmente para o comércio de escravos, tinha íntimas relações com os judeus portugueses de Amsterdã e tinha seu próprio escritório em Curaçao.”⁸³. Martinus (1996: 145) chama a atenção para o fato de que a referida Companhia foi fundada em 1690 e não 1692, ano em que foi criado o escritório em Curaçao. Ademais, Fouse (2002: 118) aponta que, no século XVII, Philippe Henríquez, um conhecido comerciante de escravos sefardita, tinha permissão para comprar escravos diretamente na África, sendo provavelmente o único judeu a possuir tal privilégio.

O engajamento dos judeus sefarditas na indústria escravocrata (que se traduzia, muitas vezes, em um monopólio) também é defendido por Birmingham (1970: vi) e Grant (2008b: 77). De acordo com E&E (1970: 68-80), os judeus começaram a participar do comércio de escravos já em 1659 com a chegada dos colonos liderados por Isaac da Costa. Registros de 1676 mostram Don Manuel Belmonte de Amsterdã pela primeira vez como comerciante de escravos, entrando em contato um ano mais tarde com a Companhia para levar escravos para Curaçao. A partir de então, o tráfico em larga escala mediado pelos judeus se estabelece na ilha e essa atividade vai se desenvolvendo cada vez mais no decorrer dos anos. Assim sendo, a despeito do monopólio exercido pela Companhia (mantido até 1674, quando a compra de escravos para exportação por parte dos habitantes foi permitida), os judeus foram logo penetrando na lucrativa indústria de escravos, fornecendo cativos especialmente para as antigas colônias espanholas do continente americano. A força e o prestígio dos sefarditas pode ser explicada por sua rede de conexões em outras regiões do mundo, como Amsterdã e Brasil, já que, desde que se estabeleceram nessas áreas, os judeus se engajaram no comércio escravocrata. A primeira lista dos donos de escravos curaçolenhos, datada de 1764 e 1765, mostra que, de um total de 5.534

⁸³Citação original: “The Portuguese licensed Company of Cacheu, founded in 1692 mainly for slave trade, had intimate links with the Portuguese Jews of Amsterdam and had its own office in Curaçao.”

escravos, os judeus possuíam 867, o que equivale a cerca de 16% (E&E, 1970: 1045). Considerando que, de acordo com Maurer (1998: 199), os escravos pertencentes à Companhia (da qual os judeus faziam parte) não estão incluídos nessas cifras, o número de cativos nas mãos dos sefarditas é significativo.

Desse modo, junto com os trabalhos nas áreas de transporte, navegação e finanças⁸⁴, os sefarditas curaçolenses também eram donos de terras e estavam envolvidos com o tráfico de escravos. Com relação a esse aspecto, Casseres (1990: 23) aponta que, já em 1652 (apenas um ano depois da chegada dos primeiros sefarditas à ilha), os judeus controlavam a navegação na área e traficavam com seus próprios barcos no mar do Caribe. Não há menção ao que os judeus traficavam, mas é bem provável que, juntamente com algumas mercadorias, eles traficassem escravos em uma escala bem maior do que a pequena participação assumida pelo autor. E&E (1970: 80-83) também mencionam que, em 1651 e 1652, grande parte da navegação do Caribe estava nas mãos dos judeus: era muito raro um comerciante sefardita não possuir seu próprio navio para o transporte de mercadorias; além disso, muitos sefarditas, junto com as suas embarcações, eram os responsáveis por fornecer suprimento para a área caribenha e por equipar navios para defenderem a costa dos piratas, podendo inclusive capturar barcos portugueses. Essa participação sefardita nos negócios de Curaçao era tão grande que os líderes da comunidade religiosa chegaram a afirmar que eram eles que sustentavam economicamente a ilha (E&E, 1970: 112-113). Essa afirmação dos líderes religiosos pode se tratar de um exagero, pois, apesar de os judeus terem uma participação importante na economia de Curaçao, a ilha tinha uma dinâmica econômica muito mais complexa, que envolvia outros elementos além dos sefarditas.

⁸⁴O primeiro banco estabelecido nas antigas Antilhas Holandesas, o *Maduro & Curiel's Bank*, foi fundado por judeus, mantendo-se ainda nos dias atuais como um dos maiores bancos do Caribe.

4.4.4 Qual era a língua usada pelos judeus sefarditas e seus escravos?

A hipótese de Goodman (1996 [1987]: 549-551) pressupõe a existência de uma língua crioula de base portuguesa falada no Brasil, a qual serviu de base para a formação do papiamentu⁸⁵. Essa questão da existência de uma língua crioula no Brasil tem sido tema de discussão de diversos autores. No âmbito dos estudos sobre a origem do papiamentu, Maurer (1998: 198) e Jacobs (2012a: 44) afirmam que não existem evidências de que uma língua pidgin ou crioula tenha sido falada no Brasil (especialmente em Pernambuco) durante a ocupação holandesa (entre 1630 e 1654). Quanto à língua usada pelos escravos curaçolenses, Maurer (1998: 198-199) defende que eles não falavam necessariamente uma forma de português. Para o autor, uma vez que poucos escravos viviam em contato direto com as famílias, era de se esperar que os cativos se comunicassem na língua corrente entre os membros da família — o português ou espanhol no caso dos judeus sefarditas e o holandês entre os colonizadores holandeses —, não sendo necessário desenvolver uma língua crioula de base portuguesa. Martinus (1996: 111-112) e Ladhams (1999: 216-220) também não acreditam na formação de uma língua crioula no Brasil. Segundo Smith (1999: 268), Ladhams (1999) considera que não seria necessário o surgimento de um crioulo pelo fato de os escravos falantes de diversas línguas serem usados em trabalhos diferentes: os angolanos (falantes de línguas do grupo bantu) atuavam nos trabalhos do campo, já os guineenses (falantes de línguas do grupo gbe) eram destinados aos serviços de casa. Desse modo, os escravos deveriam se comunicar (pelo menos, em uma instância mais imediata) com seus conterrâneos, que falavam a mesma língua. Esse cenário em que os escravos estavam separados de acordo com as etnias (tendo pouco contato com cativos falantes de outras línguas) não deve ter vigorado no Brasil, sendo comum a convivência de escravos que falavam diversas

⁸⁵É possível que essa língua crioula a que Goodman se refere seja o *hakitía* ou *haketía*, língua românica (diferente do ladino) falada pelos judeus sefarditas no Brasil (e em outros países, como Canadá, Estados Unidos, Venezuela, Argentina, Espanha, França, Marrocos e Israel) e resultante de elementos do castelhano do século XV, do árabe marroquino e do hebraico litúrgico (CUNHA, 2007: 3-4, 2009: 10-12).

línguas. Em sua análise, Smith (1999: 268-272) defende a possibilidade de existência de um crioulo brasileiro, uma vez que as condições gerais requeridas para o surgimento de um pidgin estavam presentes no Brasil, não havendo uma língua mutuamente compreensível entre os diversos segmentos da sociedade brasileira. Em uma perspectiva mais ampla, não vinculada aos estudos sobre o papiamentu e enfatizando o português do Brasil, em geral, os autores concordam que, no decorrer da história, não deve ter existido uma língua crioula de base portuguesa propriamente dita em uso no país. O que alguns estudiosos admitem é a ocorrência de processos de criouliização leve ou semicriouliização em algumas variedades do português, que compartilham traços com as línguas crioulas. Holm (2000: 9-10) considera o português brasileiro como uma língua parcialmente reestruturada, resultado de um processo de semicriouliização, que

[...] ocorre quando pessoas com diferentes línguas maternas mudam para uma língua-alvo tipologicamente distinta (ela mesma uma amálgama de dialetos em contato, incluindo variedades totalmente reestruturadas) sob circunstâncias sociais que restringem parcialmente o acesso delas à língua-alvo como usada normalmente entre falantes nativos⁸⁶. (HOLM, 2000: 10, tradução nossa)

Lucchesi & Baxter (2006: 191-194), estudando variedades populares do português brasileiro, trazem o conceito de *transmissão linguística irregular* (TLI), que se refere, em linhas gerais, a uma situação em que uma comunidade de falantes adultos tem a obrigação de aprender uma língua diferente da sua em circunstâncias precárias, sendo essa língua, mais tarde, convertida em língua materna dos filhos dessa comunidade adulta. Tomando por base tal definição, pode-se perceber a existência de dois aspectos básicos na TLI: (i) uma comunidade adulta necessita aprender um código a partir de um modelo de língua pouco acessível (a língua-alvo); (ii) a aquisição da língua por parte das crianças se dá com base em dados linguísticos primários defectivos, na medida em que eles não apresentam alguns (ou a maior parte necessária de) elementos gramaticais básicos. Geralmente, as línguas resultantes dessa

⁸⁶Citação original: “[...] occurs when people with different first languages shift to a typologically distinct target language (itself an amalgam of dialects in contact, including fully restructured varieties) under social circumstances that partially restrict their access to the target language as normally used among native speakers.”

situação possuem aspectos linguísticos semelhantes àqueles encontrados nas línguas crioulas (como a gramaticalização de itens lexicais para preencher lacunas e a perda de morfologia flexional e de palavras gramaticais), o que fornece evidências de que processos de criouliização leve ou semicriouliização podem ter ocorrido no interior do país, ao longo da formação da sociedade brasileira.

Com relação ao *status* das línguas crioulas, a despeito de terem surgido em condições adversas (não tendo acesso completo à língua-alvo), elas não devem ser concebidas como imperfeitas ou inferiores, uma vez que conseguem satisfazer as necessidades comunicativas de seus falantes, aspecto crucial para atribuir utilidade a uma língua. Associar as línguas crioulas a critérios defectivos ou simplistas é um posicionamento equivocado. Do ponto de vista linguístico, as línguas crioulas não apresentam nenhuma peculiaridade, sendo uma língua natural exatamente como qualquer outra⁸⁷. Apesar de alguns traços poderem ser encontrados com mais facilidade (ou clareza) em uma língua crioula, não existe nenhum deles que seja privativo a esse grupo de línguas. Assim sendo, nem todas as línguas crioulas apresentam os traços considerados como característicos desse grupo de línguas e alguns desses traços também aparecem em línguas não crioulas. Diversos fatos ilustram esse posicionamento de não especificidade de aspectos linguísticos dos crioulos, tais como (MARTINUS, 1996: 42-90):

- (19) a. A ausência de morfologia flexional não é privativa dos crioulos, ocorrendo também em línguas não crioulas, a exemplo do chinês e do inglês;
- b. Os processos de gramaticalização são universais e manifestam-se desde sempre em todas as línguas;

⁸⁷Apresentando um posicionamento diferente, Daval-Markussen (2014) e Baker (2014) defendem que as línguas crioulas compartilham um mesmo perfil tipológico, podendo ser reunidas em um único grupo linguístico. Esse grupo, contudo, não seria completamente homogêneo, havendo uma variação interna, já que nem todas as línguas que fazem parte do conjunto compartilham todas as propriedades consideradas típicas dos crioulos (DAVAL-MARKUSSEN, 2014: 3). Para Bakker (2014: 444-445), as propriedades linguísticas dos crioulos seriam decorrentes de contextos sócio-históricos específicos e poderiam ser sumariadas da seguinte forma: (i) o léxico dos crioulos contém somente parte do vocabulário da língua de superstrato; (ii) seu sistema gramatical é parcialmente herdado das línguas de superstrato e de substrato e parcialmente resultado de processos autóctones de gramaticalização de itens lexicais (gerando inovação e reconstituição).

- c. Todas as línguas passam pela perda de itens lexicais, não sendo esse processo típico nem privativo dos crioulos;
- d. A dupla negação não é usada apenas nas línguas crioulas, aparecendo estruturas desse tipo em inglês e português, por exemplo, línguas com certeza não crioulas;
- e. A topicalização é uma categoria universal das línguas humanas;
- f. As estruturas passivas não são exclusivas das línguas não crioulas: o kabuverdianu, por exemplo, faz amplo uso das passivas;
- g. A existência de duas formas de construir estruturas incoativas, a saber o uso de um verbo simples ou da perífrase verbo + adjetivo, aparece tanto em línguas crioulas quanto não crioulas (em português, por exemplo, existem as formas *engordar* e *ficar gordo*, ambas remetendo a um mesmo significado);
- h. A reduplicação é usada tanto em crioulos (como o papiamentu, o santome e o lung’ie) quando em não crioulos (a exemplo do português).

Em síntese, a especificidade das línguas crioulas reside no fato de se poder saber com um intervalo de décadas quando elas surgiram, o que é impossível para as demais línguas. Assim, os crioulos não devem ser concebidos como defectivos ou mais simples; eles são línguas naturais e dignas de serem objeto de estudo.

Considerando que a possibilidade da existência de um crioulo no Brasil é pequena, resta dizer qual a língua falada pelos judeus sefarditas (e seus escravos). Quanto a esse aspecto, Jacobs (2009a: 324-325, 2009b: 17, 2012a: 31-36) afirma que não há descrições sobre o etnoleto dos sefarditas curaçolenhos, o que torna impossível afirmar com certeza que os traços do papiamentu atribuídos à influência dos judeus realmente estavam presentes na variedade falada por eles e seus escravos. Por exemplo, permanece sem resposta se os traços do português dos séculos XV a XVII encontrados na gramática básica do papiamentu eram característicos da fala dos sefarditas ou não (JACOBS, 2012a: 38). Munteanu (1996: 41) também afirma que as línguas vernáculas dos judeus sefarditas não são conhecidas com exatidão, sabendo-se apenas que eles geralmente falavam espanhol, português ou ambos. Apesar dessas afirmações sobre o desconhecimento das línguas faladas pelos judeus, é

possível encontrar relatos de estudiosos que lançam pistas acerca da língua usada pelos sefarditas, não só os de Curaçao, mas também aqueles que viveram na Europa e no Brasil (os quais estariam relacionados aos judeus curaçolinhos). Andersen (1974: 65-69), por exemplo, defende que os judeus de Curaçao falavam não só judeo-espanhol⁸⁸, mas também espanhol e português. Além disso, eles conheciam outras línguas também, como inglês, francês, holandês e hebraico, sendo bastante requisitados em atividades de tradução⁸⁹. Emmanuel (1957: 11), Martinus (1996: 110-111) e Joubert & Perl (2008: 141) também se mostram defensores do multilinguismo da comunidade judaica, isto é, o uso de duas ou mais línguas por um mesmo falante ou dentro de um mesmo espaço geográfico ou comunitário (conforme definido na seção 3.1 do capítulo 3). Para Martinus (1996: 110-111), é possível considerar que os judeus faziam uso de português, hebraico, espanhol, ladino e também holandês; este último seria falado por pelo menos uma parte dos judeus e através dele muitas palavras de origem românica podem ter entrado no papiamentu. Já Granda (1974) aponta para o uso de espanhol, português e ladino entre os judeus sefarditas de Curaçao. Jacobs (2012a: 32-33), por seu turno, não acredita que o ladino tenha sido usado em Curaçao, afirmando que, apesar de essa ter sido a língua mais característica das comunidades de judeus sefarditas na Europa, não existe qualquer registro

⁸⁸Dentre as variedades usadas pelos judeus, não será discutida aqui a distinção existente entre o ladino (modalidade escrita usada em traduções) e o judeo-espanhol (conjunto de variedades faladas do espanhol) (SMITH, 1999: 280; JACOBS, 2012a: 32), uma vez que os autores, em sua maioria, usam esses termos como sinônimos para se referir à língua falada pelos judeus. Tal postura também será adotada nesta tese. Com relação à diferença entre os termos, Minervini (2013: 326) aponta que o ladino seria uma variedade estilística (e escrita) do judeo-espanhol, empregada em contextos religiosos. Ademais, o uso dos termos *judeo-espanhol* e *ladino* não encontra consenso entre os estudiosos. Faingold (1993: 42), por exemplo, prefere falar em *judeo-ibero-românico* a fim de demonstrar que tanto o espanhol, quanto o português (e mesmo outras línguas ibéricas) podem ser considerados como línguas lexicadoras das variedades faladas pelos judeus.

⁸⁹A atuação dos judeus como intérpretes e tradutores era tão difundida que o primeiro judeu sefardita a pisar em solo curaçolinho era um tradutor: Samuel Cohen. Ele chegou a Curaçao em 26 de julho de 1634, junto com a frota holandesa que conquistou a ilha, atuando como intérprete. Mais tarde, ele passou a ser um oficial da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), sendo o primeiro judeu a ocupar esse cargo. Cohen permaneceu na ilha até 1642 quando voltou para Amsterdã, provavelmente deixando para trás alguns judeus e marranos na ilha curaçolinha. Segundo registros, ele também esteve presente no Brasil, fazendo parte do grupo que atuou na conquista de Pernambuco em 1630 (EMMANUEL, 1957: 111; E&E, 1970: 37-38; CASSERES, 1990: 9; JOUBERT & PERL, 2008: 140).

que comprove sua existência na ilha caribenha⁹⁰. Essa presença marcante do ladino na comunidade sefardita da Europa também é apontada por Ladhams (1999: 231, tradução nossa), que o descreve como “uma forma levemente alterada de português ou espanhol, ou uma mistura dos dois”⁹¹.

Assumindo que os judeus devem ter sido realmente multilíngues, dentre as diversas línguas faladas por eles, é necessário discutir com mais detalhes a questão de se os sefarditas falavam ou não português, uma vez que, de acordo com a hipótese aqui discutida, essa língua teria fornecido inúmeras características para o papiaamentu. Sobre esse aspecto, alguns estudiosos têm defendido a possibilidade de que, apesar de falarem diversas línguas, os judeus sefarditas faziam uso principalmente do português. Tal afirmação é apresentada por Jennings (1999: 242), que advoga o português como língua materna dos judeus que viviam em Recife com base no fato de o *Minute Book* (livro de registro de todas as ordens judiciais) ser escrito em português (na variedade falada no começo do século XVII) com algumas partes em hebraico e ladino. Moreno-Carvalho (2001: 113, 127) também defende que os judeus portugueses que viviam no Brasil e em Amsterdã faziam uso corrente do português na comunicação diária e também nos documentos e assuntos institucionais. Esse mesmo posicionamento é sustentado por Grant (2008b: 76, 90, 96), para quem grande parte dos sefarditas que viviam na República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos e em Curaçao no século XVII tinha o português como língua materna, usando-o em diversas instâncias (comunicação familiar, mídia escrita, testamentos, escrituras, ações, entre outras), ao invés do espanhol (ainda que muitos deles também tivessem algum conhecimento da língua hispânica e mesmo do holandês). Munteanu (1996: 119, 131) aponta que grande parte dos judeus curaçolinhos falava português, sendo essa a língua oficial da congregação judaica até

⁹⁰O fato de tal língua não aparecer em nenhuma das lápides do antigo cemitério judaico (ocorrendo o mesmo para o judeo-português, como se verá mais adiante nessa seção) é mencionado pelo autor como uma prova de que o ladino não estava presente na comunidade judaica de Curaçao — mesmo posicionamento defendido por Faingold (1993: 43). Diferentemente de Curaçao, em Salonica, na Grécia, o judeo-espanhol, com o uso do espanhol ou do português transcritos em caracteres hebraicos, ainda era usado nas lápides dos judeus em meados do século XX (EMMANUEL, 1957: 114).

⁹¹Citação original: “a slightly altered form of either Portuguese or Spanish, or a mixture of the two.”

meados do século XIX (1865). Emmanuel (1957: 112) também considera que, em Curaçao, até 1865, o português predominava dentro da comunidade sefardita, sendo a língua materna de quase todos os judeus, usada tanto na sinagoga quanto nas instituições governamentais, havendo um interesse em transmitir essa língua para as crianças. Smith (1999: 281) aponta a importância do português na sinagoga de Curaçao, onde, segundo o autor — com base em Karner (1969) —, essa língua foi usada até 1856. O primeiro rabino de Curaçao, Haham Josiau Pardo, inclusive sabia português: em 1671, ainda em Amsterdã antes de ir para a ilha caribenha, ele escreveu um documento em português autorizando a publicação de um livro (E&E, 1970: 60). O uso do português em sinagogas também aparece em Lessa (1975: 21-22): segundo o autor, mesmo quando viviam na República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, os judeus não falavam holandês, mas português, sendo esta a língua usada dentro das sinagogas (há inclusive folhetos religiosos escritos nesse idioma). Alguns exemplos de textos e documentos dos judeus sefarditas escritos em português são apresentados por Emmanuel (1957: 10, 13, figura 11) e E&E (1970: 748) (conforme anexo F). Como mencionado por Henriquez (1988: xii-xiii), até hoje, existem orações e expressões que ainda se mantêm em português (com alguns traços do espanhol) na sinagoga curaçolenha *Mikve Israel*, a mais antiga do hemisfério ocidental em uso contínuo (EMMANUEL, 1959: xxvii-xxix, JOUBERT & PERL, 2008: 143)⁹²:

⁹²Os autores consultados trazem os títulos das orações, que mostram seu propósito e contexto de uso, em espanhol, os quais foram traduzidos para o português e grafados em negrito. As orações, por seu turno, aparecem como constam nos autores, não apresentando nenhuma alteração. Além disso, as orações são numeradas, mantendo a ordem adotada por Emmanuel (1959: xxvii-xxix).

1 Oração pela saúde da Rainha Holandesa, de sua família real, do governador de Curaçao e seus magistrados⁹³:

A Sua Majestade Juliana, Rainha dos Países Baixos e a seu Real Consorte. A serenissima Princesa Wilhelmina Madame sua Mãe. Aos descendentes da Casa Real de Orange Nassao; aos ilustres membros que concorrem no Governo destas terras e ao nobre venerável Excelentissimo Senhor Governador desta ilha e a todos Magistrados en ella.

2 Oferta pelo repouso da alma de um defunto:

Tantos soldos Shemen Lamaor por el descanso de fulano de tal.

3 Pela saúde dos que estão de luto:

Para que Deus lhes conceda vidas largas.

4 Pela saúde de um enfermo:

Para que Deus lhe conceda Refua Shelema⁹⁴ e para que continue em saude perfeita.

5 Por aquele que se salvou de um mal = *Hagomél*⁹⁵:

Que sua saída seja para bem.

6 Pelo aniversário de alguém:

Que Deus lhe deixe contar muitos anos de bon.

7 Pelos recém-casados:

Pela saude dos Senhores noivos, para que Deus lhes haga felizes.

⁹³Em visita ao Museu Histórico-Cultural Judaico, vizinho à sinagoga, foi possível notar que essa oração em português (possivelmente com pequenas mudanças) aparece em um mural logo na entrada. Essa oração também é mencionada, com poucas alterações, por Joubert & Perl (2008: 144-145). Além disso, segundo Silva (2001: 63), uma oração semelhante a essa ainda hoje se faz presente na sinagoga portuguesa de Amsterdã.

⁹⁴Segundo Joubert & Perl (2008: 146), *Refuah Shlema* é o termo hebraico que remete ao desejo de uma total recuperação.

⁹⁵De acordo com E&E (1970: 1106), a palavra hebraica *Hagomel* (‘aquele que concede’) diz respeito a uma prece de libertação proferida diante da Arca Sagrada ou do Torá (também chamado de Pentateuco e se referindo aos cinco primeiros livros da Bíblia).

8 **Ao nascimento de um filho:**

Pela saude de Bangal, a Berith⁹⁶, sua esposa e recém-nascido, pais e mães, parentes que vejam grandes gustos.

9 **Pelo Bar Mitzvá (*Bar Misva*)⁹⁷:**

Pela graça de haver chegado a este estado, pais e mães, parentes que vejam grandes gustos.

10 **Boa viagem:**

Para que Deus lo leve ao porto de seu desejo e lo livre de todos maus encontros.

11 **Por quem queira receber boas notícias:**

Que Deus lo mantenha com bem e mande boas noticias de el.

12 **Feliz chegada:**

Que sua jegada seja para bem.

13 **Pela saúde dos *Parnassim*⁹⁸ e dos membros da Comunidade:**

Pela saude dos Senhores Parnassim, Yehidim deste Kahal Kadosh⁹⁹, para que Deus lhes aumente e prospere.

14 **Pela saúde do presidente da Comunidade:**

Pela saude do Rosh Hakahal¹⁰⁰.

⁹⁶Segundo Henriquez (1988: 5-6), *bangalá Berit* (Ba'al Berit) é o nome dado ao pai de uma criança que realiza *Berit* (circuncisão).

⁹⁷Segundo E&E (1970: 1105), a palavra aramaica/hebraica *Bar Misva* ~ *Bar Mitsvah* ~ *Bar Mitzvah* ('o filho do mandamento') se refere à cerimônia na qual os garotos judeus passam a participar dos serviços da sinagoga, geralmente no primeiro sabá (o período que se estende desde o pôr do sol de sexta-feira até o pôr do sol de sábado) depois de seu aniversário de 13 anos.

⁹⁸E&E (1970: 1108) definem o vocábulo hebraico *Parnas* ~ *Parnaz* (plural: *Parnassim*) ('provedor') como supervisor da comunidade, administrador ou presidente de uma sociedade, irmandade ou escola/faculdade judaica.

⁹⁹Esse termo hebraico se refere à congregação sagrada (E&E, 1970: 1107).

¹⁰⁰A palavra hebraica *Ros* ~ *Rosh* ('cabeça') se refere ao chefe ou presidente de uma irmandade ou ao reitor de uma faculdade judaica (E&E, 1970: 1109).

15 **Pela saúde do grande rabino:**

Pela saude do Morénu Harab¹⁰¹.

16 **Na instalação dos novos *Parnassim*:**

Pela saude dos Senhores Parnassim salientes e entrantes.

17 **Pela saúde dos noivos da Lei (*Hatanim*¹⁰²):**

Pela saude dos Senhores Hatanim que sempre se entreguen ao cargo de Misvoth¹⁰³.

18 **Em Rosh Hashaná¹⁰⁴ e Yom Kipur¹⁰⁵:**

Para que Deus nos escreva em livros de vida.

19 **Nas três grandes festas (*Shalosh Regalim*)¹⁰⁶:**

Para que Deus lhe conceda (o nos conceda) festas alegres.

20 **O rabino *hazan*¹⁰⁷ ou *samas*¹⁰⁸ que oferece por sua saúde:**

Pela mi propia saude e que Deus me conceda muitos anos no serviço desta Santa Casa.

21 **A favor da chuva:**

Para que Deus nos conceda chuva de benção.

¹⁰¹E&E (1970: 1108) consideram que esse termo hebraico se refere ao rabino chefe.

¹⁰²Palavra hebraica que significa ‘noivos’ (E&E, 1970: 1106).

¹⁰³Segundo E&E (1970: 1108), a palavra hebraica *Misva* ~ *Misvah* ~ *Mitsvah* ~ *Mitzvah* (plural: *Mizvoth*) (‘mandamento, boa ação’) se refere à participação em um ato honroso dentro dos serviços da sinagoga, como o enterro de um judeu.

¹⁰⁴E&E (1970: 1109) consideram que o termo hebraico *Rosasana* ~ *Ros-Ashaná* ~ *Rosassana* ~ *Rosassanah* ~ *Roshashana* ~ *Rosh Hashanah* (‘cabeça do ano’) remete ao Ano Novo judaico.

¹⁰⁵A palavra hebraica *Kipur* ~ *Kippur* ~ *Yom Kippur* é o Dia da Expição ou do Perdão, que ocorre no décimo dia do sétimo mês judaico (E&E, 1970: 1107).

¹⁰⁶Termo hebraico que engloba três importantes festas judaicas: *Pesah* (Páscoa), *Shavuot* (Pentecostes) e *Sucot* ~ *Sucoth* ~ *Sukkot* (Tabernáculos).

¹⁰⁷A palavra hebraica *Hazan* ~ *Hazzan* (plural: *Hazzanim*) remete ao oficial que canta músicas litúrgicas ou lê as preces nas sinagogas (E&E, 1970: 1106).

¹⁰⁸E&E (1970: 1109) definem a palavra hebraica *Samas* ~ *Shamas* ~ *Shamash* ~ *Shammash* (‘servo’) como se referindo ao sacristão (funcionário paroquial) da sinagoga.

22 **Quando não se quer especificar o objeto de sua oferta:**

Por sua intenção.

23 **Oração especial proferida na noite de Kippur pela saúde das vítimas
judias da Inquisição:**

A todos nossos irmãos presos pela Inquisição.

24 **Na chegada de um novo mês (*Rosh Hodesh*¹⁰⁹):**

Mahar Rosh Hodesh, manan es Rosh Hodesh, Mahar umaharato, manan e pois
manan, segunda feira, terça feira, quarta feira, quinta feira, sexta feira,
Shabbath Kodesh es Rosh Hodesh.

Joubert & Perl (2008: 145-146) citam expressões semelhantes usadas no Ano Novo Judaico (Rosh Hashanah) e Dia do Perdão (Yom Kipur), para dar as boas vindas a uma nova junta administrativa da comunidade, para pedir chuvas e pela saúde de alguém que esteja em perigo. Eles trazem ainda o exemplo de um voto destinado a um membro da comunidade condecorado no exterior: “Que Deus lhe engrandeça para Seu santo serviço.” A diferença mais visível com relação aos dados de Emmanuel (1959: xxvii-xxix) reside no fato de, antes de cada oração, sempre aparecer a expressão hebraica *Matanát Tzedaká*, assim definida pelos autores:

Matanát Tzedaká se diz antes que o rabino anuncie alguma mensagem a pedido de um membro da congregação. *Matanát* é a palavra hebraica para ‘doação’ e *tzedaká* é ‘caridade’. A razão para usar essas palavras é que a doação feita pelo membro em questão nessas ocasiões se destina a algum fim benéfico. O doador espera que a doação se converta em benefício da pessoa ou ocasião a quem ou a que, segundo o caso, corresponda a mensagem¹¹⁰. (JOUBERT & PERL, 2008: 145, grifos dos autores, tradução nossa)

¹⁰⁹E&E (1970: 1109) consideram que a expressão hebraica *Ros Hodes* ~ *Rosh Hodesh* remete ao primeiro dia do mês judaico.

¹¹⁰Citação original: “*Matanát Tzedaká* se dice antes de que el rabino anuncie algún mensaje a solicitud de un miembro de la congregación. *Matanát* es palabra hebraica por donación y *tzedaká* es caridad. La razón por usar estas palabras es que la donación que hace el miembro en cuestión en esas ocasiones se destina a algún fin benéfico. El donante espera que la donación redunde en beneficio de la persona u ocasión a quien o a que, según el caso, corresponda el mensaje.”

Nas preces trazidas por Emmanuel (1959: xxvii-xxix) e Joubert & Perl (2008: 145-146), é possível notar o uso de formas espanholas mescladas às sentenças em português, a exemplo de *en ella* ‘nela’, *por el* ‘pelo’, *haga* ‘faça’, *gustos* ‘gostos’, *lo* ‘o (pronome objeto)’, *de el* ‘dele’, *salientes* ‘saídos’, *o* ‘ou’, *mi propia* ‘minha própria’. Esse fato demonstra que o português falado pelos judeus sefarditas curaçolenhos era permeado por palavras provenientes do espanhol e do hebraico (EMMANUEL, 1959: xxxi). A presença de outras línguas nos ritos judaicos em português também é mencionada por Joubert & Perl (2008: 145), que apontam que quase sempre as expressões e rezas mesclam o hebraico, grafado no alfabeto latino, e o português. Para esses autores, a combinação entre o português e o espanhol seria uma tendência mais recente, incentivada pelo fato de atualmente o espanhol ser mais conhecido pelos sefarditas do que o português, que não é mais falado para fins de comunicação pelos judeus. Essa mescla do português com outras línguas, sobretudo o espanhol, poderia levar a questionar o porquê de se atribuir as orações da comunidade sefardita ao português e não ao espanhol. A despeito das similaridades entre as duas línguas, além das escolhas de itens lexicais e funcionais (que são diferentes nas duas línguas), outros indícios permitiram sugerir essa procedência portuguesa, em detrimento do espanhol: (i) formas verbais: *concorrem* (não *concurrent*), *seja* (não *sea*), *deixe* (não *deje*), *vejam* (não *vean*), *leve* (não *lleve*), *livre* (não *libre*), *escreva* (não *escriba*), *mantenha* (não *mantenga*), *engrandeça* (não *engrandezca*); (ii) construções sintáticas: *aos* (não *a los*), *dos* (não *de los*), *no* (não *en el*), *destas* (não *de estas*), *pela* (não *por la*); (iii) terminações nominais: *majestade* (não *majestad*), *descendentes* (não *descendientes*), *venerável* (não *venerable*), *benção* (não *bendición*), *intenção* (não *intención*), *inquisição* (não *inquisición*), *serviço* (não *servicio*).

Quanto à data da primeira oração (*Oração pela saúde da Rainha Holandesa, de sua família real, do governador de Curaçao e seus magistrados*), a partir dos nomes da princesa e da rainha citados, é possível saber de quando é a inscrição na sinagoga. O Reino dos Países Baixos teve duas rainhas chamadas Wilhelmina: (i) Wilhelmina da Prússia (nascimento: 18 de novembro de 1774 — morte: 12 de outubro de 1837); e (ii) Wilhelmina Helena Pauline Maria (nascimento: 31 de agosto de 1880 — morte: 28 de novembro de 1962). A primeira recebeu o título de rainha

por ser casada com o rei William I (jamais tendo subido ao trono) e teve quatro filhos: o rei William II, o príncipe Frederick e as princesas Pauline e Marianne. Já a segunda ascendeu ao trono em 1890 e reinou até 1948, quando abdicou, passando a ser chamada de rainha-mãe e recebendo o título de princesa. Sua única filha, Juliana (nascimento: 30 de abril de 1909 — morte: 20 de março de 2004), reinou de 1948 até 1980, ano em que também abdicou (BOS, [2013?]). Considerando que a oração menciona Juliana como filha de Wilhelmina e rainha do Reino dos Países Baixos, a oração refere-se à Wilhelmina Helena Pauline Maria e ao reinado da rainha Juliana, datando, portanto, do século XX, depois de 1909, ano do nascimento da princesa Juliana¹¹¹. O fato de essa oração estar escrita em português (apresentando um único elemento de étimo indubitavelmente espanhol: *en ella*) demonstra que essa língua ainda era importante para a comunidade sefardita em Curaçao pelo menos até o começo do século XX (se não o fosse, outra língua seria a escolhida para a oração), refutando a assertiva de Jacobs (2012a: 255) de que, no começo do século XVIII, o português já não estava mais em uso pela comunidade judaica.

Uma outra prova de que o português era uma língua forte dentro da comunidade de judeus reside nas lápides das sepulturas do antigo cemitério judaico *Beth Haim* (‘Casa de Vida’), situado no centro de Curaçao, na região da atual refinaria de petróleo Isla. Considerando 2.568 sepulturas (dados de HARTOG, [197-?]), Lessa (1975: 22) aponta que o português figura em 1.667 epitáfios (65%), o hebraico aparece em 40 (1,5%), o holandês é a língua usada em 28 epitáfios (1,1%) e 260 estão ilegíveis (10,1%) (O autor não menciona a língua usada nas outras 573 lápides). Casseres (1990: 15) apresenta os seguintes números com relação às línguas usadas em 2.338 lápides: português (1.668, 71,3%), espanhol (433, 18,5%), hebraico (112, 4,8%), inglês (89, 3,8%), holandês (32, 1,4%), francês (3, 0,13%), ídiche (ou judeo-alemão) (1, 0,04%). Essas mesmas cifras aparecem em Emmanuel (1957: 111-114) — exceção feita aos epitáfios em espanhol, que, de acordo com o autor, somavam

¹¹¹E&E (1970: 478-480) mencionam que a comunidade judaica comemorou fervorosamente a ascensão da rainha Wilhelmina ao trono. Eles apontam ainda que uma irmandade formada em 1895 por 14 mulheres tinha uma grande admiração pela rainha, conseguindo construir um parque em sua homenagem (o Wilhelmina Park, inaugurado em 1899), que conta com uma imponente estátua da rainha na entrada.

361 — e Joubert & Perl (2008: 142), com a informação adicional de que, das 112 lápides em hebraico, 40 estavam apenas em hebraico e 72 eram bilíngues (hebraico junto com espanhol, português, inglês ou holandês). A partir da análise das línguas usadas nas lápides das sepulturas, observa-se que a maior parte das famílias de judeus falecidos escolhia o português para figurar nos epitáfios, que ficavam marcados para a posteridade, o que é um forte indício de que essa língua tinha uma grande importância dentro da comunidade judaica, sendo a língua materna de grande parte dos sefarditas, transmitida aos mais jovens com dedicação e afincamento (JOUBERT & PERL, 2008: 143). Em visita à sinagoga de Curaçao, foi possível encontrar réplicas de algumas lápides do antigo cemitério judaico (Anexo E), que mostram o uso predominante do português, muitas vezes permeado por vocábulos de étimo espanhol.

Outras evidências de que o português era a língua da comunidade sefardita em Curaçao nos primeiros anos são fornecidas por Martinus (1996: 1) e Grant (2008a: 52-55) (conforme mencionado na seção 4.2). Martinus (1996: 1-2) aponta que a língua mais usada no comércio de escravos era o português, sendo o domínio dessa língua uma condição necessária para o sucesso nessa atividade. Assim sendo, uma vez que os judeus estiveram ativamente envolvidos no tráfico de escravos, teriam que aprender português para obterem maiores lucros. Grant (2008: 52-55), por seu turno, afirma que uma fonte possível para os elementos portugueses do papiamentu seria o judeo-português ou o português falado pela comunidade sefardita e seus escravos. Desse modo, o autor admite o uso do português pelos judeus em Curaçao.

O uso do português seria tão difundido dentro da comunidade judaica que teria chegado ao ponto de influenciar a configuração do papiamentu. E&E (1970: 482), por exemplo, defendem que o caráter predominantemente português da língua caribenha poderia ser explicado em grande parte pela influência dos judeus, que usavam a língua portuguesa na comunicação diária, na sinagoga e nos epitáfios. Já Casseres (1990: 26) menciona o papel influente que os judeus exerceram na formação do papiamentu, fornecendo inúmeros vocábulos e expressões provenientes do português e do hebraico. Como será observado no capítulo 5, ainda que não se possa atribuir todo elemento de étimo português do papiamentu aos judeus sefarditas e seus escravos (sendo necessário considerar outras fontes), é impossível negar a influência

desse grupo na língua caribenha. Nos dias atuais, o português já não é mais falado pela comunidade sefardita (que faz uso do papiamentu ou do holandês), mantendo seus resquícios somente em algumas orações e expressões. Nem mesmo os rabinos têm qualquer conhecimento em português ou espanhol, sendo em geral falantes de inglês (EMMANUEL, 1959: xxv; GRANT, 2008b: 96; JOUBERT & PERL, 2008: 143-144).

Apesar dos relatos da presença da língua portuguesa na comunidade judaica, para Jacobs (2012a: 33-34), é pouco provável que os judeus sefarditas de Curaçao tenham realmente usado o português em sua comunicação diária. Logo de início, ele aponta que não há justificativa para considerar os judeus portugueses como falantes da língua portuguesa, uma vez que o rótulo ‘português’ era primeiramente étnico, referindo-se ao local de procedência dos judeus, e não linguístico. Além disso, para ele, apesar de os primeiros judeus que chegaram a Curaçao terem realmente vivido antes no Brasil, isso não significa que eles tinham o hábito de usar o português, pois:

[...] primeiro, nesse período, o português ainda não era difundido de forma geral no Brasil (Thomas Krefeld, comunicação pessoal); segundo, a comunidade sefardita em Amsterdã tinha recebido não menos que 600 famílias judaicas depois que a aventura holandesa no Brasil tinha falhado (Joubert & Perl 2007: 45) e, não obstante, ‘as comunidades sefarditas geralmente chamadas de ‘portuguesas’ usavam o castelhano e o ladino de forma tão ampla e usual até o século XIX que chega ao ponto de o espanhol servir como *língua vulgar/comum* em Amsterdã’ (Granda 1974: 5)¹¹². (JACOBS, 2012a: 34, grifos do autor, tradução nossa)

Esses aspectos trazidos por Jacobs (2012a: 31-34), entretanto, são enfraquecidos pelas já mencionadas descrições de outros autores e pelas orações que mostram resquícios do português dentro da comunidade judaica. Além disso, ainda que seja possível afirmar que o português nesse período não era a língua geral de todo o Brasil, certamente ele o era em Pernambuco por essa ser uma das principais regiões de

¹¹²Citação original: “[...] firstly, in that period, Portuguese was not yet generally diffused in Brazil (Thomas Krefeld, p.c. [personal communication]); secondly, the Sephardic community in Amsterdã had received no less than 600 Jewish families after the Dutch Brazilian adventure had failed (Joubert & Perl 2007: 45) and nonetheless, ‘the Sephardic communities generally called ‘Portuguese’ used Castilian and Ladino amply and commonly until the 19th century to such an extreme that Spanish serves in Amsterdã as *lengua vulgar*’ (Granda 1974: 5).”

dominação portuguesa no Brasil e centro comercial importante. Continuando sua argumentação, o autor afirma que, apesar de o português ser a língua inicialmente usada nas sinagogas e na corte de justiça, não há evidências de que o português tinha um estatuto de língua materna, sendo usado pela comunidade judaica para a comunicação diária. Essa afirmação deve ser vista com reservas, uma vez que também não há registros de que o português não estava em uso corrente entre os sefarditas. Ademais, para Jacobs (2012a: 33), os judeus que sabiam português e espanhol preferiam usar o espanhol por considerá-lo mais conhecido do que o português. Ele sugere, então, uma situação de diglossia dentro da comunidade sefardita: o espanhol e o papiamentu eram usados na comunicação diária (inclusive com os escravos) e o português estava mais reservado aos domínios formal e religioso¹¹³. Essa preferência com relação ao uso do espanhol não possui nenhuma comprovação; defendendo esse posicionamento, o autor ainda desconsidera o fato de que os falantes de judeo-português deviam sentir-se mais à vontade com o português do que os falantes de ladino. Além disso, a referida situação de diglossia também carece de maior fundamentação a partir de registros históricos.

No tocante à análise das lápides que mostra uma supremacia do uso do português, Jacobs (2012a: 33) questiona se realmente a superioridade numérica de inscrições em português seria uma prova conclusiva de que o português era a língua materna predominante dentro da comunidade judaica. Mais uma vez, discorda-se do autor, enfatizando que esse uso numericamente bastante superior do português nos epitáfios ilustra o papel predominante que o português tinha para os judeus, sobretudo na língua falada e no âmbito religioso. A relação estabelecida entre o grande número de lápides escritas em português e a predominância dessa língua dentro da comunidade judaica poderia ainda ser questionada, uma vez que certamente podem existir outras explicações para o uso do português nas lápides, dentre elas o papel do português no catolicismo e o trabalho artesão baseado em modelos replicados, em que as lápides eram reproduzidas em formatos únicos, sem representar a língua

¹¹³O português era usado nos contextos religiosos em detrimento do hebraico em virtude de esta ser uma língua ritual, conhecida por um número mais restrito de falantes e tendo um uso menos comum, em geral relacionado às tradições.

urbana e usual nos registros diários. Analisando a situação da comunidade judaica curaçolense, é possível refutar essas duas explicações. Em primeiro lugar, o uso do português pelos judeus não estava restrito ao contexto religioso, estendendo-se para a comunicação diária e os documentos oficiais. Ademais, as placas não seguiam um modelo pré-estabelecido, que deveria ser copiado em todas as lápides: os textos eram diferentes, específicos a cada um dos mortos (muitas vezes, mencionando inclusive dados particulares). Por fim, para Jacobs (2012a: 255), no começo do século XVIII, o português não era mais usado como uma língua da comunidade judaica em Curaçao (se é que algum dia o foi)¹¹⁴ e, no fim do século XIX, o português deixou também de ser usado em contextos religiosos. Observa-se uma contradição no posicionamento de Jacobs (2012a) no que diz respeito à importância do português dentro da comunidade judaica: o autor afirma que o português tinha um papel predominante para os judeus e que, no século XVIII, o português não era mais usado por eles, questionando se realmente um dia o foi. Panfletos, documentos, orações e lápides em português mostram a relevância dessa língua para a comunidade sefardita durante muitos anos. Além de não haver relatos sobre o completo abandono do português por parte dos judeus, os dados de Emmanuel (1959: xxvii-xxix) com preces em português desqualificam a afirmação de Jacobs (2012a: 32) quanto ao desuso do português dentro das sinagogas. Ademais, o uso do português se manteve até o século XX, como comprovado pelo fato de ainda existirem lápides em português nos séculos XVIII e XIX, sendo a última inscrição nessa língua datada de novembro de 1865 (EMMANUEL, 1957: 113; JOUBERT & PERL, 2008: 141), e pela oração destinada à rainha Juliana, que esteve no trono de 1948 a 1980.

Independentemente de qual fosse a língua majoritária falada pelos judeus (e seus escravos), tem sido apontado pelos estudiosos que, pouco tempo depois de sua chegada, eles adotaram o papiamentu como sua primeira língua. Essa adoção do papiamentu como língua materna por parte dos judeus, que também eram falantes de português, é uma prova da influência da fala desse grupo no papiamentu. Segundo

¹¹⁴Para Emmanuel (1957: 112-113, 1959: xxv-xxvi), tal substituição teve início em 1820 e terminou em 1865, dando lugar ao holandês (idioma do país) e ao espanhol (pelas relações comerciais com a Venezuela).

Martinus (1996: 8), no final do século XVII, já havia falantes nativos do papiamentu tanto holandeses quanto judeus. Em suas pesquisas com famílias sefarditas, Henriquez (1988: xii) encontrou que logo cedo os judeus passaram a ter o papiamentu como língua materna (aliado ao conhecimento de outras línguas, como o português). Esse mesmo quadro é defendido por Casseres (1990: 26), Fouse (2002: 116) e Jacobs (2012a: 35); este afirma que, no fim do século XVIII, o papiamentu já era a língua materna de grande parte da população curaçolenha, incluindo os judeus sefarditas¹¹⁵. Ilustrativo dessa afirmação é o fato de que o primeiro documento conhecido escrito em papiamentu, um fragmento de uma carta datada de 1775 (ver seção 5.2.1 do capítulo 5), foi escrito por um judeu (HENRIQUEZ, 1988: xii; MARTINUS, 1996: 9-11). No que diz respeito aos trabalhos de Henriquez (1988, 1991), não há defesa de nenhuma teoria acerca da origem do papiamentu. Trazendo algumas palavras e expressões (portanto, itens pertencentes ao vocabulário de conteúdo) características do papiamentu sefardita, a autora defende que, embora o papiamentu já existisse em Curaçao quando os judeus e seus escravos chegaram, a variedade de papiamentu falada por eles (em geral, mais próxima do português) provavelmente influenciou bastante a variedade geral da língua¹¹⁶. Essa possível influência é questionada por Martinus (1996: 104) por dois aspectos básicos: (i) palavras comuns e populares de étimo português características do vocabulário sefardita não fazem parte do uso geral do papiamentu, como *koitadu* ‘coitado’ e *fika* ‘ficar’, substituídos, respectivamente, por *infelis* e *keda*; (ii) em alguns casos, os sefarditas usam um vocábulo similar ao português e os falantes em geral optam por uma forma crioulezada: PPS *brega*, PP *bringa* < PT *brega* ‘brigar’; PPS *konfabulá*, PP *konflochi* < PT *confabular*, *confalar*¹¹⁷ ‘confabular, conspirar’. Como será observado na seção 5.2.2 do capítulo 5, essa argumentação de Martinus pode ser desconstruída, já que alguns

¹¹⁵Assim sendo, o aporte português ao papiamentu não poderia ser atribuído somente aos sefarditas, como se verá no capítulo 5.

¹¹⁶A discussão dos dados de Henriquez (1988, 1991) será feita na seção 5.2.2 do capítulo 5.

¹¹⁷Esse étimo deve ser analisado com mais detalhes (admitindo a possibilidade de reformulação), já que implica uma mudança muito drástica.

itens antes considerados característicos do papiamentu sefardita atualmente fazem parte do vocabulário geral da língua, variando com outras formas.

Ainda no âmbito linguístico, a comunidade sefardita participou da difusão da nova língua que estava se formando em Curaçao. Os judeus tinham o hábito (adquirido e importado do Brasil colonial) de ter *amas/aias* (as **yayanan** em papiamentu, do português *aia* / espanhol *aya*), que eram mulheres escravas que cuidavam das crianças dos seus proprietários. Conforme discutido por Jacobs (2012a: 318-319), as crianças acabavam passando mais tempo com as **yayanan** do que com outras pessoas (inclusive membros de sua família) e, chegada a idade em que começassem a adquirir a linguagem, o modelo de língua a que teriam acesso seria o papiamentu falado pelas **yayanan** — e, ao mesmo tempo, o português das mães e outros cuidadores (tias, tios, pais, primos, irmãos, entre outros) sefarditas. O papiamentu das **yayanan** iria imprimindo novos traços próprios ao português falado pelos judeus e, conseqüentemente, ao papiamentu que estava se formando na ilha. Assim, de maneira indireta, os judeus (a partir de suas **yayanan**) acabaram também atuando na transmissão e desenvolvimento da língua caribenha desde seus primórdios. Um relato de 1819 apresentado por Severing & Weijer (2010: 16) também menciona o papel das **yayanan** na difusão do papiamentu, afirmando que as mulheres e principalmente as crianças (que possivelmente tinham aprendido a língua com suas babás) pertencentes à elite branca abastada usavam o papiamentu na comunicação diária, o que se configurou em maior prestígio para essa língua recém-formada e garantia de defesa em caso de possíveis ataques depreciativos.

Quanto aos argumentos levantados por Jacobs (2012a: 30-38) para atribuir descrédito à hipótese do ‘dialeto’ judeo-português, o autor tem razão em considerar que essa hipótese não conseguiria explicar a presença maciça de itens funcionais de étimo português no vocabulário mais antigo do papiamentu, uma vez que, se a influência portuguesa na língua caribenha fosse atribuída apenas aos judeus sefarditas e seus escravos, a expectativa seria de que tal influência fosse mais tardia e se concentrasse especialmente no âmbito lexical¹¹⁸. Quanto ao número de judeus

¹¹⁸A hipótese postulada por Jacobs (2012a) foi discutida na seção 4.3, com a apresentação de alguns posicionamentos contrários, como aquele de Heine & Miyashita (2009).

sefarditas, o autor parece menosprezar a questão demográfica. Em São Tomé, a proporção era de 1 branco para 50 escravos. Já em Santiago, Cabo Verde, a proporção era de 1 branco para 500 negros e estes formavam 2/3 da população da ilha (SCHUCHARDT, 1887: 137). As estatísticas populacionais de Curaçao (investigadas na seção 3.1.2 do capítulo 3) mostram que, ao longo do século XVIII, houve um crescimento da comunidade sefardita, que, no fim desse século, representava aproximadamente 50% da população branca da ilha. Ademais, não é só a demografia que deve ser levada em consideração. Outros fatores também têm importância, como prestígio, relações sociais, racismo, opressão, identidade de grupos, miscigenação, políticas que engendram direitos e acessos aos habitantes etc. Assim, a questão dos itens funcionais e da demografia não são suficientes para que se descarte totalmente essa teoria. Considerar que os judeus sefarditas e seus escravos tiveram uma participação na gênese do papiamentu não significa assumir que toda a influência portuguesa no papiamentu provém desse grupo. O papel dos sefarditas e seus escravos se concentra a partir de 1651, havendo algum outro elemento português que forneceu itens e estruturas (sobretudo do léxico funcional) para o papiamentu. Ademais, o fato de os judeus terem um papel importante no comércio de escravos e gozarem de certo prestígio sugere que eles forneceram um modelo de português para um grupo de falantes da ilha, exercendo influência na formação do papiamentu. Tal papel desempenhado pelos judeus é defendido também por Andersen (1974: 69, tradução nossa):

E claramente, a presença de um grande número de judeus em Curaçao desde a década de 1650, sua participação ativa na formação da comunidade curaçolense e sua posição proeminente no desenvolvimento do comércio de Curaçao certamente seriam fatores determinantes no favorecimento à introdução de itens lexicais espanhóis e portugueses por outros grupos (ou mesmo itens lexicais de línguas e dialetos relacionados)¹¹⁹.

Em síntese, as discussões empreendidas nesta seção mostram que, apesar de

¹¹⁹Citação original: “And clearly, the presence of a large number of Jews in Curaçao since the 1650’s, their active participation in forming the Curaçao community and their prominent position in developing the commerce of Curaçao would surely be a strong factor favoring the introduction of Spanish and Portuguese lexical items by other groups (or, for that matter, lexical items from related languages and dialects).”

não ser possível atribuir todos os elementos portugueses do papiamentu aos sefarditas e seus escravos, a comunidade judaica teve um papel considerável na formação da sociedade curaçolêna e, por conseguinte, na configuração linguística do papiamentu. Essa influência foi exercida, num primeiro momento, por meio do português falado pela comunidade, já que, conforme apontado nessa seção, o português era uma língua importante para a comunidade judaica, sendo amplamente usado não apenas no contexto religioso, mas também na comunicação diária. Com o passar dos anos, os judeus também influenciaram o papiamentu através de seu dialeto próprio, o papiamentu sefardita (que será discutido na seção 5.2 do capítulo 5).

4.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram apresentadas as quatro principais hipóteses que buscam explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu: (i) o crioulo espanhol; (ii) o crioulo ou protocrioulo afroportuguês; (iii) o desenvolvimento a partir do kabuverdianu de Santiago; (iv) o ‘dialeto’ português dos judeus sefarditas e seus escravos. Discutiram-se pormenorizadamente aspectos linguísticos e históricos, bem como os pontos positivos e negativos de cada uma dessas hipóteses, sumarizados como segue.

A defesa de que o papiamentu seria um crioulo de base espanhola apresenta diversos aspectos controversos. Em uma perspectiva geral, essa hipótese é vista com descrédito pelos estudiosos por não estar assentada em bases históricas e demográficas sólidas. McWhorter (1995), por exemplo, menciona que não se desenvolveram crioulos de base espanhola na região atlântica sobretudo pelo fato de os espanhóis não terem implantado um sistema de *plantation* em suas colônias. No que tange especificamente ao papiamentu, a hipótese de que essa língua seria um crioulo espanhol atribui um papel de destaque aos indígenas e considera que houve uma continuidade linguística no uso do espanhol desde os primeiros habitantes de Curaçao até a chegada dos holandeses. Esses argumentos podem ser desconstruídos a partir do fato de que os indígenas foram banidos da ilha caribenha após a tomada

holandesa, o que levou a uma ruptura no uso do espanhol. Ademais, a hipótese de que o papiamentu seria um crioulo espanhol também não possui um modelo explícito de aquisição da linguagem, tampouco fornece uma explicação para a presença de elementos portugueses nas camadas mais basilares (e, portanto, mais antigas) do papiamentu.

A hipótese de que o papiamentu se origina a partir de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês tem o mérito de fornecer um aporte considerável de dados linguísticos, que permitem relacionar o papiamentu ao kabuverdianu, sugerindo uma origem comum. Outro diferencial estaria no fato de Martinus (1996: 2, 119-122, 142-145) chamar a atenção para o papel ativo que os judeus sefarditas tinham no comércio de escravos, aspecto até então desconsiderado por outros autores. A despeito desses pontos positivos, essa hipótese peca por se vincular a um arcabouço monogenético (segundo o qual as línguas pidgins e crioulas teriam uma mesma origem) e, assim, atribuir todo o aporte português do papiamentu a uma base comum. Ademais, Martinus (1996: 17-18, 193-263) recorre aos registros do guene, língua supostamente falada por parte dos escravos curaçolinhos até o século XIX. Há muitas incertezas no que tange a esse material, que se apresenta de forma fragmentária, o que desqualifica seu uso para obter conclusões acuradas.

A hipótese que vincula o desenvolvimento do papiamentu ao crioulo falado em Santiago (Cabo Verde) se sustenta por argumentos linguísticos e históricos comprováveis (JACOBS, 2012a). No plano linguístico, observa-se que de fato há muitas convergências entre o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné (o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança) sobretudo com relação aos itens funcionais, que formariam a camada mais antiga da língua e teriam menor propensão a serem substituídos em virtude de sua opacidade semântica. No âmbito histórico, fica comprovada uma relação triangular entre a região da Senegâmbia/Alta Guiné, Amsterdã e Curaçao através do comércio de escravos. Essa hipótese, contudo, possui alguns aspectos controversos, como a aplicação dos pressupostos do Princípio Fundador e a premissa de que todos os traços portugueses do papiamentu seriam provenientes dos crioulos de base portuguesa da Alta Guiné. Subjacente a essa última assunção está a defesa de que o papiamentu é um descendente direto do

kabuverdianu, tendo sido formado completamente em solos africanos e, posteriormente, transplantado para Curaçao. Tal ponto de vista desconsidera a participação dos diversos segmentos formadores da sociedade curaçolêna na gênese e no desenvolvimento do papiamentu, subestimando inclusive a atuação dos próprios escravos chegados a Curaçao depois da metade do século XVII, dos judeus sefarditas e das dinâmicas sociais e linguísticas apontadas por Faraclas *et al.* (2014) e Perini-Santos (2015).

Por fim, a hipótese que considera a origem do papiamentu a partir de um ‘dialecto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos assume acertadamente que os judeus que começam a chegar a Curaçao em 1651 eram procedentes de regiões diversas (como Amsterdã e Recife) e levaram seus escravos (pelo menos, uma parte deles) para a ilha caribenha. Esse segmento escravo teria tido um importante papel na difusão do papiamentu recém-formado. Além disso, essa hipótese considera que, junto às atividades de comércio, finanças e navegação, a comunidade judaica de Curaçao atuou ativamente no comércio de escravos, como mostram alguns registros. No âmbito linguístico, os judeus sefarditas curaçolênos eram falantes de português, o que é evidenciado pela existência de orações na sinagoga e de documentos e lápides no antigo cemitério judaico nessa língua. Esse aspecto é importante na medida em que tal aporte português teria influenciado a configuração linguística do papiamentu. Ademais, os sefarditas também desenvolveram um dialeto próprio do papiamentu, que também teve influência na variedade geral da língua. Apesar desses aspectos comprováveis, a hipótese que relaciona o papiamentu aos judeus sefarditas não consegue explicar a gênese da língua caribenha. Uma vez que a migração da comunidade sefardita para Curaçao se inicia em 1651, ano em que já circulava um protopapiamentu (ou pelo menos um pidgin de base portuguesa) na ilha, não é possível atribuir todos os elementos portugueses do papiamentu aos judeus.

A partir das discussões das hipóteses, pode-se concluir que nenhuma delas sozinha é capaz de esclarecer como se deu a formação do papiamentu, já que todas possuem aspectos controversos. Assim, faz-se necessário um novo posicionamento, que será definido no capítulo 5, discutindo-se aspectos e justificativas para a hipótese de convergência adotada, bem como os dados linguísticos que a sustentam.

Capítulo 5

CONVERGÊNCIA DE HIPÓTESES: EVIDÊNCIAS

Este capítulo discute o cenário da *convergência de hipóteses*, admitindo a participação tanto dos falantes de kabuverdianu quanto dos judeus sefarditas e seus escravos na configuração do papiamentu, a partir do exposto no capítulo 4 sobre as hipóteses da gênese e do desenvolvimento da língua. O segmento escravo teve uma participação importante, na medida em que ajudaram a criar a língua, incorporando elementos do kabuverdianu e das línguas usadas pela comunidade sefardita, além de ser a presença demográfica dominante na ilha e, por conseguinte, o grupo étnico “papiamentu” por excelência. Junto com esses elementos principais, outras línguas também atuaram na formação do papiamentu (em períodos diversos), como (i) o espanhol, falado na região da Venezuela; e (ii) o holandês, língua do colonizador¹. Assim, o desenvolvimento do papiamentu deve ser situado em um cenário multicausal, com a participação de diferentes atores, como escravos (sobretudo os pertencentes aos judeus sefarditas), cativos oriundos de áreas falantes de kabuverdianu, judeus sefarditas, holandeses, venezuelanos, entre outros. A proposta desse

¹O papel dessas duas últimas línguas poderia ser situado principalmente a partir de fins do século XVIII e começo do XIX. No caso do espanhol, deve-se considerar que, assim como o português, a língua hispânica demorou para fixar raízes nas colônias, principalmente naquelas menos rentáveis, como a Venezuela. Já no que tange ao holandês, apenas em 1740, Curaçao passou ao domínio *de facto* da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos (antes o controle era exercido pela Companhia das Índias Ocidentais, que gozava de ampla autonomia). O Reino do Países Baixos, por seu turno, só foi formado em 1815 no Congresso de Viena com o fim das Guerras Napoleônicas. É somente a partir desse ano que se pode falar em uma colonização holandesa efetiva em Curaçao.

cenário multicausal segue as discussões de Faraclas *et al.* (2014) com relação aos crioulos atlânticos. Esses autores propõem que se considerem diversos fatores a fim de se chegar a uma compreensão global do processo de surgimento dos crioulos dessa região. Ademais, esse cenário se coaduna com as discussões de Perini-Santos (2015), que advoga que as múltiplas influências de um período (isto é, os diversos fatores atuantes) se refletem na configuração das línguas. Para o autor, como as línguas em contato convivem durante muito tempo, suas influências mútuas se mantêm mesmo depois de acabado o contato. Assim sendo, os diversos segmentos atuantes na realidade curaçolense influenciaram de forma profunda a configuração do papiamentu.

Neste capítulo, as três primeiras seções trazem evidências linguísticas que sustentam o cenário da convergência das hipóteses da contribuição cabo-verdiana associada à dos judeus sefarditas e seus escravos na gênese e no desenvolvimento do papiamentu. A seção 5.1 trata do papiamentu e do kabuverdianu clássicos. Os dados dessas variedades foram adotados para análise pelo fato de estas serem as fases do passado documentadas das duas línguas. Inicialmente, são discutidas as características fonológicas do papiamentu (seção 5.1.1) e do kabuverdianu clássico (seção 5.1.2). Após a caracterização das duas variedades, na seção 5.1.3, é realizada uma comparação entre dados do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico, apontando algumas características convergentes e divergentes entre as duas línguas. Em seguida, na seção 5.2, o papiamentu sefardita é analisado. Primeiro, discutem-se documentos do final do século XVIII escritos por judeus sefarditas. Após a análise dos documentos, o foco recai nos dados do papiamentu sefardita compilados por Henriquez (1988, 1991) a fim de se observar a contribuição dos judeus na configuração do papiamentu e até que ponto seu vocabulário estava circunscrito à comunidade judaica. A despeito de haver muitas convergências entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos, não é possível desprezar o papel dos judeus sefarditas, que abasteceram a língua caribenha com o léxico português. Esses pressupostos, aliados à análise dos dados, permitem elaborar o cenário da convergência de hipóteses da contribuição cabo-verdiana e dos judeus sefarditas e seus escravos. Tal cenário é formulado e discutido mais detalhadamente na seção 5.4, que aponta os

aspectos que estruturam essa hipótese, bem como a afiliação do papiamentu a um determinado grupo linguístico e o estatuto dos itens de étimo português na língua.

5.1 O PAPIAMENTU E O KABUVERDIANU CLÁSSICOS

Nesta seção, será realizada uma comparação entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos com o propósito de demonstrar as convergências e divergências existentes entre as duas línguas. Antes do cotejo dos dados, faz-se necessário discutir as características fonológicas das duas línguas, uma vez que tais conceitos foram importantes para reconstruir a representação fonética dos vocábulos analisados, que, nas obras de onde foram retirados, aparecem somente em sua forma gráfica. Assim sendo, as duas primeiras seções tratam de aspectos fonológicos do papiamentu e do kabuverdianu clássicos, respectivamente. Em seguida, passa-se à comparação dos vocábulos das duas línguas. Inicialmente, o cotejo se debruça sobre as palavras funcionais (como pronomes, preposições, conjunções, advérbios), dado que tais vocábulos seriam mais estáveis à mudança linguística. Em seguida, são investigadas similaridades no âmbito dos itens lexicais, destacando as palavras que fazem parte do léxico básico e mais usual das línguas.

5.1.1 Características fonológicas do papiamentu clássico

Esta seção trata dos aspectos fonológicos do papiamentu clássico, termo que abarca a variedade linguística usada entre 1825 (ano de publicação do primeiro material conhecido em papiamentu) e 1905 (quando é publicado o poema ‘A tardi’ de Joseph Sickman Corsen) (conforme periodização apresentada na seção 2.1 do capítulo 2). A discussão de aspectos da variedade de papiamentu falada no século XIX se justifica pelo fato de essa ser a versão documentada mais antiga da língua, sendo

essas fontes históricas usadas como base para a discussão realizada nesta tese. Ademais, os dados do papiamentu desse período podem apresentar diferenças (fonéticas ou semânticas) com relação à forma atual da língua². Uma vez que o papiamentu clássico apresentava suas próprias regras, considerar o *corpus* dos documentos religiosos e o *Woordenlijst* numa perspectiva do papiamentu moderno, a partir de seus padrões, certamente traria resultados errôneos ou enviesados e, por conseguinte, prejuízos para a pesquisa. Assim, a análise do material do papiamentu clássico deve ser situada no período em que esses textos foram produzidos, mantendo sempre um olhar diacrônico.

A caracterização fonológica exposta nesta seção foi elaborada a partir de Araujo (2011), que se debruçou sobre três obras do século XIX — o *Prefecto Apostolico di Curaçao na Cristian di su mision* (1833) e o *Catecismo corticu pa uso di catolicanan di Curaçao* (1837), ambos escritos por M. J. Niewindt, e o *Kamiena di Kroes, koe historia, meditasjon i orasjon kortiekoe* (1850), de autoria de J. J. Putman — a fim de observar o padrão gráfico adotado por cada um dos autores (suas características convergentes e divergentes) no período anterior à uniformização oficial da grafia e ainda analisar e cotejar a presença do léxico de étimos ibero-românico e holandês nos três textos. Seria possível questionar porque se recorreu a um trabalho que trata de grafia para discutir as características fonológicas da língua. Dentro dessa temática, Cagliari (1994) discute o uso da ortografia em análises linguísticas. Para o autor, deve-se atentar que, embora alguns sistemas gráficos tentem manter uma relação com os sons da língua, nenhum deles é totalmente fonético (o que tornaria a escrita impossível em virtude da ampla variação de pronúncia observada entre os falantes de uma mesma língua), não esquecendo também que a grafia termina por neutralizar as variações linguísticas (CAGLIARI, 1994: 104, 109). Assim, considerá-la um retrato fiel e completo da fonologia de uma sincronia pretérita é um posicionamento inadequado. Ademais, segundo Cagliari (1994: 109, grifos do autor), nem sempre variações gráficas significam variações dialetais (devendo ser

²O apêndice A apresenta uma discussão sobre a grafia, a fonologia e o processo de formação de palavras do papiamentu moderno.

analisadas com cuidado), como pode ser exemplificado com estudos do português arcaico:

Esta grande variação ortográfica, neste período, tem servido para se levantar algumas hipóteses sobre questões de variação linguística e para corroborar algumas análise [sic] fonológicas de linguística histórica. Exemplos como: *enxemplo* - *emxemplo*, *crelligo*, *lilio* ou ainda *molher*, *joyz*, *logares*, *edeficar*, *vyziño* e *vezi-nho*, etc. mostrariam variações dialetais retratadas na escrita. Na verdade, esta é uma interpretação perigosa: se estas formas retratam variantes dialetais, a partir da escrita, outras formas *estranhas* deveriam também ser consideradas e aceitas como revelando também *formas dialetais antigas*, como a diferença entre *doce* e *doçe*, *rryo* e *ryo*, *villa* e *vila*, *aquillo*, *aquiles* e *aquello*, *vaca* e *vaqua*, *oméés* e *homees*, ou as mais de vinte formas diferentes de escrever a palavra “igreja”, conforme mostra o dicionário de Machado. Certamente, nesta história, há indícios importantes para os estudos sobre a fala daquela época. Mas há também muitas armadilhas armadas pela própria natureza da escrita e sobretudo da idéia de ortografia que, desde o início, era um ideal a ser seguido, consciente ou inconscientemente, pelos escritores.

Guardadas as devidas ressalvas, o motivo de usar a obra de Araujo (2011) seria o de que, apesar de o estudo de fato se concentrar na grafia, é possível depreender da análise do autor (ARAUJO, 2011: 206-245) um possível quadro de fonemas do papiamentu da época, a partir de algumas regularidades no uso dos sinais gráficos. Essa relação da escrita do papiamentu com a sua fonética é apontada pelo próprio autor:

Embora a escrita tenha sido tomada como ponto de partida para a representação dos sons do papiamentu, por Niewindt e Putman, são as regularidades e as irregularidades da ortografia destes autores que abrem a chave para o passado de alguns aspectos da fonética da língua (cf. Bachmann 2006, para uma reflexão sobre o papel do conflito entre o texto escrito e a representação fonética nas línguas crioulas no século XIX). Neste sentido, não se pode esquecer que se trata de um sistema de representação e não do sistema em si. (ARAUJO, 2011: 256)

Desse modo, ainda que não contemple as variações fonéticas que certamente existiam no papiamentu clássico, Araujo (2011) pode fornecer um quadro geral da fonologia da língua nesse período. Assim sendo, as seções seguintes tratam de algumas características fonológicas, a saber: (i) sistema vocálico; (ii) sistema consonantal;

(iii) estrutura silábica; (iv) acento. A descrição que segue está aberta a reformulações a partir de estudos futuros, que poderão ampliar não só as discussões acerca dos aspectos fonológicos do papiamentu clássico, mas também tratar de questões morfológicas, como os afixos. Por fim, aparece ainda uma breve caracterização do *Woordenlijst*, discutindo aspectos etimológicos e mudanças internas na passagem do papiamentu clássico para o moderno.

Quanto aos dados, todos os exemplos são grafados da forma como aparecem em Araujo (2011), que mantém as grafias adotadas pelos autores dos documentos religiosos. Em alguns casos, mais de uma grafia foi registrada e isso também é mantido nesta tese. Após a forma gráfica (em negrito e caixa alta), aparece a transcrição fonética reconstruída. Por se tratar de uma reconstrução (não se tendo absoluta certeza sobre a forma como as palavras eram pronunciadas), a pronúncia na sincronia pretérita é precedida por um asterisco. Por fim, depois das formas gráfica e fonética, vem a glosa em português entre aspas.

5.1.1.1 *Sistema vocálico*

No que concerne ao inventário vocálico, o papiamentu clássico possuía seis fonemas: */i, e, ε, a, o, u/. Comparado com a variedade moderna (discutida no apêndice A), esse sistema apresentava 3 vogais a menos (/ɔ, y, ø/). Com relação às vogais médias-baixas, a anterior (*/ε/) aparece apenas em uma das obras analisadas (a de 1833) e a posterior (*/ɔ/) não é mencionada em nenhum dos documentos religiosos. Isso pode sugerir que, em um primeiro momento, essas vogais variavam com as suas correspondentes médias-altas (*/e, o/), passando, mais tarde, a opor-se a elas e alcançando, assim, o estatuto de fonemas. A partir dos dados do *Woordenlijst*, seria possível propor um sistema com cinco vogais (*/i, e, a, o, u/), já que não foram encontrados exemplos com as vogais médias-baixas. Contudo, como será discutido na seção 5.1.3, optou-se por adotar o sistema com seis vogais, seguindo Araujo (2011), em virtude de os documentos religiosos analisados pelo autor serem mais antigos que o *Woordenlijst* e também pelo fato de tal sistema demonstrar as

similaridades entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos. A ausência das vogais arredondadas nos textos do papiamentu clássico, por seu turno, ratifica a posição de Kouwenberg & Murray (1994: 7) de que essas vogais foram introduzidas tardiamente na língua sobretudo a partir da influência de itens de étimos holandes e inglês (ARAUJO, 2011: 245). Além disso, as vogais nasalizadas não possuem uma representação especial na grafia dos autores (como o uso do til, por exemplo), o que serve como indício de que, desde o papiamentu clássico, elas não possuem um caráter fonêmico, sendo analisadas como vogal oral + consoante nasal.

Na grafia de Putman (1850), aparecem ainda vogais dobradas <EE, OO, AA> (esta última relacionada à posição tônica final). À exceção de <AA>, que também aparece em Niewindt (1833) em um único caso (**SPAAR** *['spa:r]³ ‘poupar’ de étimo holandês) (exemplo retirado de ARAUJO, 2011: 216), indicando vogal alongada, as demais vogais dobradas são privativas da grafia de Putman (1850). Tais vogais devem ser vistas como influências da grafia holandesa, usada pelo autor como referencial para a escrita do papiamentu, e não como representações de vogais alongadas, o que é justificado inclusive pelo fato de as formas dobradas variarem com as simples: <AA> ~ <A> (**STIMAA** ~ **STIMA** *['sti.ma]⁴ ‘estimar, amar’), <EE> ~ <E> (**BERDADEERA** ~ **BERDADERA** *['ber.da.'de.ra] ‘verdadeira’), <OO> ~ <O> (**POOR** ~ **POR** *['por] ‘poder’) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 243).

Quanto aos ditongos, Araujo (2011: 215-216, 226-227, 239-240) admite sua existência no papiamentu clássico, mencionando que */i, u/ podiam ocupar a margem da sílaba. A partir dos exemplos trazidos pelo autor, é possível inferir a ocorrência dos seguintes ditongos: */ja, je, jo, wi, wa, wo, we, aj, ej, aw, ew, iw/.

³Alguns exemplos desta seção, retirados de Araujo (2011), possuem grafia ou pronúncia reconstruída (ou mesmo os dois) diferentes daquelas usadas no papiamentu moderno. Além disso, alguns dos vocábulos mencionados caíram em desuso, sendo substituídos por equivalentes.

⁴Provavelmente, nos primórdios da formação do papiamentu, todos os verbos (independentemente do número de sílabas) possuíam acento oxítono, um resquício das formas infinitivas verbais das línguas ibero-românicas (étimo de grande parte dos verbos do papiamentu). Com o passar do tempo, nos verbos com duas sílabas, ocorreu hiperbibasmo do tipo sístole, com o deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba. Nos verbos com mais de duas sílabas, por seu turno, o acento oxítono se manteve.

5.1.1.2 *Sistema consonantal*

Quanto ao quadro consonantal, no papiamentu clássico, havia 20 fonemas: */p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, x, tʃ, m, n, ɲ, l, ʎ, r/. Alguns segmentos mencionados por Araujo (2011) não apresentam estatuto fonológico. A consoante complexa *[ks], por exemplo, era usada em posição medial em palavras como **SEXO** *['sek.so] 'sexo', **PROXIMO** *['prok.si.mo] 'próximo', **EXEMPEL** *['ek.sẽ.peɫ] 'exemplo' (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 214, 226, 239). O fato de não ter sido encontrado nenhum exemplo de palavra iniciada por *[ks] mostra que, nesse caso, as duas consoantes pertencem a sílabas diferentes (Vk.sV), sendo, assim, independentes. No papiamentu moderno, na maior parte dos casos, o *[ks] foi substituído por [h]. É o que se vê em **próximo** ['pro.hi.mo], **ehêmpel** [e.'hẽ.peɫ] 'exemplo'. Contudo, a sequência [ks] também pode ser encontrada atualmente, a exemplo de **sekso** ['sek.so] ~ **sêks** ['sɛks] (nesse caso, a sequência [ks] está na mesma sílaba, formando um cluster na coda) 'sexo', **eksistí** [ek.sis.'ti] 'existir'. Por fim, os glides (*[j, w]) devem ser considerados como alofones das vogais altas */i, u/, não como fonemas da língua.

Observa-se que o inventário apresentado é semelhante àquele da variedade moderna (conforme apêndice A), exceto pela presença de */ʎ/ e ausência de /dʒ, h/. Alguns comentários devem ser feitos sobre essas divergências. A lateral palatal (*ʎ/) aparece nas obras de 1833 e 1837, ocorrendo normalmente em posição inicial (no meio de palavra, há um único caso no texto de 1833), como se vê em **LLENO** *['ʎe.no] 'cheio' e **EUANGELHO** *['e.wẽ.'ge.ʎo] 'evangelho' (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 213). Já no texto de 1850, no lugar do */ʎ/, aparece */j/ (como ocorre no papiamentu moderno): **JAMA** *['ja.ma] 'chamar', **KABOEJA** *['ka.bu.ja] 'ligamento'. O fato de a lateral palatal estar presente apenas nos textos mais antigos sugere que esse fonema foi, aos poucos, caindo em desuso, à medida que os itens iam se nativizando ao papiamentu e a língua ia estabelecendo suas regras e padrões. Além disso, sustentando essa hipótese, o */ʎ/ aparecia apenas nos itens de étimo português, já que, segundo Lipski (2007: 27-29), no espanhol caribenho, em geral, o /ʎ/ é substituído por /j/. Quanto ao fonema /dʒ/, ele de fato é mais recente na língua e parece não ter um uso muito recorrente. De um total de 2.118 palavras

que fazem parte da *lista Maduro* (conforme definido na seção 2.1 do capítulo 2), esse fonema aparece somente em 16 vocábulos, o que corresponde a 0,8%. Entre esses 16 vocábulos, em 9 deles (56,2%) há alternância com /dj/ (especialmente nos nomes de dias da semana, que começam com a palavra ‘dia’), como em **diabièrnè** [dja.'bjɛr.nɛ] ~ **djabìèrnè** [dʒa.'bjɛr.nɛ] ‘sexta-feira’, **diestres** [djes.'tres] ~ **djestres** [dʒes.'tres] ‘treze’, **djamanta** [dja.'mẽ.ta] ~ [dʒa.'mẽ.ta] ‘diamante’ (exemplos retirados da *lista Maduro*). Por fim, no que diz respeito ao /h/, em papiamentu clássico, ele estava ausente. O grafema <h> correspondia ao zero fonético (Ø), não sendo pronunciado, como em **HASTA** *['as.ta] ‘até’, **HUMANA** *[u.'ma.na] ‘humana’, **HOEMILIASJON**, **HUMILIACION** *[u.mi.lja.'sjõ(ŋ)] ‘humilhação’ (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 214, 226, 239)⁵. No papiamentu moderno, as palavras iniciadas por <h>, em geral, são pronunciadas com uma consoante aspirada ([h]), havendo também casos de variação com Ø — cenário também apontado por Lenz (1928: 83). Segundo Andersen (1974: 212, 252), a inserção de [h] é comum em palavras iniciadas por vogal. Já Maduro (1991: 45-46) considera tal processo uma espécie de inovação, indesejável para um ‘bom’ papiamentu⁶. Além disso, no

⁵A partir da descrição do autor, é possível supor que o grafema <h> podia corresponder também à consoante [x] em posição inicial e medial (e não ao zero fonético).

⁶Antonie Maduro tinha uma visão normativa da língua, que transparece em muitos de seus comentários. Em Maduro (1991), encontram-se constantemente construções do tipo “no bom papiamentu, a expressão, palavra ou frase correta é esta, não aquela”, “o correto é isto, em vez daquilo”, evidenciando uma postura prescritiva. Dentre tantos exemplos, citam-se dois que ilustram tal posicionamento: (i) “Um deles [linguistas estrangeiros que têm se ocupado com o estudo de nosso idioma] é Philippe Maurer, na Suíça, que foi encontrado analisando a estupidez dos ignorantes. Esta forma [uso de ‘de’ diante do verbo] é um desvio total ao que nós apoiávamos ouvir, dizer e escrever, ou seja, a dicção do nosso povo.” (MADURO, 1991: 28-29, tradução nossa) — Citação original: “Un di nan [lingwistanan estranhero ku ta ocupá nan ku estudio di nos idioma] ta Felipe [sic] Maurer, na Suisa, ku a hañ’é ta analisá estupides di ignorantenan. E forma akí [‘di’ dilante dje verbo] ta un desvío total di loke nos a lanta tende, bisa i skirbi, esta dikshon di nos pueblo.”; (ii) “Um povo que estraga seu idioma intencionalmente é um povo estúpido e irracional [o estrago a que Maduro se refere é a inserção do *h* (tanto na escrita, quanto na pronúncia) de algumas palavras iniciadas por vogal].” (MADURO, 1991: 45-46, tradução nossa) — Citação original: “Un pueblo ku ta dañá su idioma intenshonalmente ta un pueblo estúpido i irashonal.”. Ademais, em 1996, Maduro escreve um livro intitulado *Papiamentu erornan di diction i traduccion: Un guia pa esnan qu ta desea di papia i traduci corectamente* (Papiamentu — erros de dicção e tradução: um guia para aqueles que desejam falar e traduzir corretamente) (MADURO, 1996d). Nessa obra, muitas construções concebidas por Maduro como erros constituem casos de variação, presentes em toda língua.

papiamentu moderno, sobretudo na posição de onset (inicial ou medial), o /h/ substituiu o */x/. É o que se vê nos exemplos a seguir: (i) papiamentu clássico **HENDE**, **HEENDE** *[xẽ.de] / papiamentu moderno **hende** ['hẽ.de] ‘gente, pessoa’; (ii) papiamentu clássico **MUHER** *[mu.'xer] / papiamentu moderno **muhé** [mu.'he]⁷ ‘mulher’ (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 213, 225).

Outros dois segmentos consonantais merecem ser discutidos. Em primeiro lugar, nos três textos, existe variação gráfica entre e <V>, como se vê em **PALABRA**, **PALABRE**, **PALAVRA** ‘palavra’, **PROBECHO**, **PROVECHO** ‘proveito’ (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 220, 232). É possível que essa variação na escrita reflita uma variação na pronúncia também, até mesmo em virtude de o fonema /v/ talvez ser um desenvolvimento mais recente. Sobre essa variação, Araujo (2011: 230, grifos do autor) afirma:

Entre as consoantes, é digna de nota a variação entre e <v>. Ela ocorre internamente nos três textos e, entre os documentos, a mesma palavra pode ser escrita com <v> ou , assim, tem-se **vez**, em Niewindt, e **bees** ‘vez’ em Putman. Ou ainda **provecha** em Niewindt 1833, **probecho** em Niewindt 1837 e **probetsjoe** ‘proveito’ em Putman. De uma maneira geral, o grafema é mais comumente empregado. No PM [Papiamentu moderno], <v> é usado raramente.

Mais um exemplo em que a escrita provavelmente revela um processo fonológico é o uso de <CI> em palavras que hoje apresentam <sh> (ARAUJO, 2011: 220-221). É o caso, por exemplo, do papiamentu clássico **CIELU**, **CIELOE**, **CIËLOE**, **CIÉLU**, **CIËLU**, **CIELO** *[si.'e.lu] ~ *[sje.lu] ~ *[si.'e.lo] ~ *[sje.lo], que, na variedade moderna, aparece como **shelu** ['ʃe.lu] ‘céu’. Nesse caso, a grafia parece sugerir uma mudança linguística na qual o [s] diante de [i] + outra vogal foi palatalizado na maioria dos casos, como se vê em **fundashon** (papiamentu moderno) ‘fundação’ (<espanhol *fundación*) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 221).

Ademais, duas vibrantes são encontradas em variação na variedade clássica, o que é sugerido por diferenças gráficas. Em início de sílaba medial, como segundo elemento de clusters iniciados por *[p, b, t, d, k, g, f, v] e em posição final de sílaba

⁷Nesse caso, ocorreu ainda apócope do *[r].

(medial ou final absoluta), Araujo (2011: 121, 213, 225, 238) aponta a ocorrência da vibrante simples (grafada <R>), como em **TERA** *[te.ra] ‘terra’, **TROBE**, **TROBÉ** *[tro.be] ~ *[tro.'be] ‘outra vez’, **PROFESÁ** *[pro.fe.'sa] ‘professar’, **PORTA** *[por.ta], **MEOR** *[me.or] ‘melhor’ (exemplos retirados desse autor). Já a vibrante múltipla aparece em posição de onset — inicial (<R>) ou medial (<RR>) — e em coda de sílaba medial (<R>)⁸. É o que se vê em **RAZON** *[ra.'zõ(ŋ)] ‘razão’, **TER-RIBLE** *[te.'ri.ble] ‘terrível’, **MERDIA** *[mer.'dia] ‘meio-dia’. Essa variação também é encontrada em papiamentu moderno — o que contraria Araujo (2011: 213, 225, 238) — e a menção a */r/ (ao invés de */r/) no inventário fonológico desta seção se deu principalmente para manter um paralelismo com a variedade atual da língua (como se observa no apêndice A).

5.1.1.3 *Estrutura silábica*

A estrutura silábica adotada para o papiamentu clássico divide a sílaba em duas partes: **onset** (O) e **rima** (R), a qual compreende o **núcleo** (N) e a **coda** (C) (SELKIRK, 1982: 337-383). Assim, as seções seguintes apresentam os elementos vocálicos que podiam ocupar o núcleo e os consonantais passíveis de vir no onset e na coda.

⁸O grafema usado para representar a vibrante em final de sílaba medial (<R>) é o mesmo tanto para *[r] quanto para *[r]. Baseando-se no fato de que a ocorrência de vibrante múltipla em posição de coda medial é mencionada apenas em uma das obras analisadas por Araujo (2011) — a de 1850 —, é possível que talvez tenha havido um equívoco e a vibrante usada nesse contexto seja a simples ([r]) e não a múltipla ([r]). Assim, pode-se conjecturar a seguinte distribuição das consoantes vibrantes: o *[r], sempre grafado <R>, apareceria em começo de sílaba medial, como segundo elemento de cluster iniciado por *[p, b, t, d, k, g, f, v] e em posição de coda (medial ou final absoluta); já o *[r] seria usado em começo de palavra (grafado <R>) e em início de sílaba medial (grafado <RR>).

5.1.1.3.1 Núcleo

A posição de núcleo no papiamentu clássico podia ser ocupada por qualquer um dos segmentos vocálicos que faziam parte do seu quadro fonológico e suas correspondentes nasalizadas (não foram encontrados, contudo, casos de [ẽ]), como se observa em (1) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 51, 119, 190, 215-216, 226-228, 239-241):

- (1)
- a. */i/ - **Y, I** *[i] ‘e (COMP)’, **LYMOSNA, LIMOSNA** *[li.'mos.na] ‘esmola’;
 - b. */e/ - **CIELU, CIELOE, CIËLOE, CIÉLU, CIËLU, CIELO** *[si.'e.lu] ~ *[sje.lu] ~ *[si.'e.lo] ~ *[sje.lo] ‘céu’, **SEGUN** *[se.'gũ(ŋ)] ‘segundo’;
 - c. */ɛ/ - **COMERCIO** *[ko.'mɛɾ.sjo] ‘comércio’, **INTERPRETE** *[ĩ.'tɛɾ.pre.te] ‘intérprete’;
 - d. */a/ - **ALABANZA** *[a.la.'bẽ.za] ‘louvor’, **PASJON, PASION** *[pa.'sjõ(ŋ)] ‘paixão’;
 - e. */o/ - **OIR** *[o.'ir] ‘ouvir’, **AMIGONAN** *[a.'mi.go.nẽ(ŋ)] ‘amigo.PL’;
 - f. */u/ - **UNIR** *[u.'nir] ‘unir’, **NUBIA** *[nu.bja] ‘nuvem’;
 - g. */ĩ/ - **INVISIBLE** *[ĩ.vi.'si.ble] ‘invisível’, **LIMPI** *[lĩ.pi] ‘limpo’;
 - h. */ẽ/ - **HENTER, HENTÉR** *[ẽ.'tɛɾ] ‘inteiro, completo’, **SEMPER** *[sẽ.per] ‘sempre’;
 - i. */ẽ/ - **ANSIA** *[ĩ.'ẽ.sja] ‘ânsia’, **LAMANTAA, LAMANTA** *[la.'mẽ.ta] ‘levantar’;
 - j. */õ/ - **REUNION** *[rew.ni.'õ(ŋ)] ‘reunião’, **PORDON** *[por.'dõ(ŋ)] ‘perdão’;
 - k. */ũ/ - **UN, OEN** *[ũ(ŋ)] ‘um’, **MUNDU, MOENDOE** *[mũ.du] ‘mundo’.

Quanto aos glides, Araujo (2011: 215, 226-227, 239-240), afirma que, no papiamentu clássico, eles se encontram nas margens da sílaba: no onset caso seja um ditongo crescente, ou na coda quando se tem um ditongo decrescente.

5.1.1.3.2 Onset

Como onset simples (constituído por somente uma consoante), no papiamentu

clássico, podiam figurar todos os segmentos de seu inventário consonantal (e os fones *[ks, w, j]). Alguns fonemas só ocorriam em posição medial, como */ʃ, ɲ/. Já os demais apareciam tanto em início absoluto quanto no meio de palavra. Essa distribuição pode ser vista em (2) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 192, 209-214, 221-226, 234-239; as consoantes no onset são sublinhadas na transcrição fonética):

- (2) a. Oclusivas (* /p, b, t, d, k, g/): **PICAR**, **PIKAAR** *[pi.'kar] ‘pecado’, **BONDAD** *[bõ.'dad] ‘bondade’, **TATA** *[t̥a.t̥a] ‘pai’, **DIVINO** *[di.'vi.no] ‘divino’, **CASTIGO** *[kas.'ti.go] ‘castigo’, **GUSTO**, **GOESTOE** *[gus.to] ~ *[gus.tu] ‘gosto’;
- b. Fricativas (* /f, v, s, z, ʃ, ʒ, x/): **FOERIA** *[fu.rja] ‘fúria’, **VIVA** *[vi.va] ‘viver’, **SANTISIMA** *[s̃e.ti.'si.ma] ‘santíssima’, **ZIER** *[zir] ‘azedo’, **MASJAR**, **MASJAAR** *[ma.'ʃar] ‘muito’, **JUNTO** *[ʒũ.to] ‘junto’, **HERIEDA**, **HERIDA** *[xe.'ri.da] ‘ferida’;
- c. Africada (* /tʃ/): **CHIKITU**, **TSJIKIETOE** *[tʃi.'ki.tu] ‘pequeno’;
- d. Nasais (* /m, n, ɲ/): **MES**, **MEES** *[mes] ‘mesmo’, **NUNCA**, **NOENKA** *[nũ.ka] ‘nunca’, **DANJOSO** *[da.'ɲo.so] ‘danoso’;
- e. Laterais (* /l, ʎ, r/): **LASTE** *[las.te] ‘último’, **LLEGA** *[ʎe.ga] ‘chegar’, **ORACION** *[o.ʎa.'sjõ(ɲ)] ‘oração’, **ROBEES** *[ro.'bes] ‘mau’;
- f. Complexa (* [ks]): **LUXURIA** *[lu.'ksu.rja] ‘luxúria’;
- g. Glides (* [j, w]): **JORA** *[jo.ra] ‘chorar’, **WARDÁ**, **WARDA** *[war.'da] ~ *[war.da] ‘1. aguardar, esperar, 2. guardar, manter salvo’.

Nos casos de onsets complexos (formados por mais de uma consoante), eram possíveis as combinações em (3) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 209-214, 221-226, 234-239; os clusters estão sublinhados na transcrição fonética):

- (3) a. */pl/: **PLACA** *[pla.ka] ‘dinheiro’;
- b. */pr/: **PROMER**, **PROMÉR**, **PROMEER** *[pro.'mer] ‘primeiro’;
- c. */bl/: **BLASFEMIA** *[blas.'fe.mja] ‘blasfêmia’;
- d. */br/: **QUIBRAMENTU** *[ki.bra.'mẽ.tu] ‘quebra’;
- e. */tr/: **TRONO** *[tro.no] ‘trono’;

- f. */dr/: **DRINTAMEENTO** *[d̥rĩ.ta.'mẽ.to] ‘sepultura’;
- g. */kl/: **CLAMÁ, KLAMA** *[k̥la.'ma] ~ *['k̥la.ma] ‘conclamar’;
- h. */kr/: **KROES, CRUZ** *[k̥rus] ‘cruz’;
- i. */gl/: **GLORIFIKAA, GLORIFIKAAR** *[g̥lo.ri.'fi.ka] ~ *['g̥lo.ri.fi.'kar] ‘glorificar’;
- j. */gr/: **GRACIA, GRASIA** *[g̥ra.sja] ‘graça’;
- k. */fl/: **FLAQUEZA** *[fla.'ke.za] ‘fraqueza’;
- l. */fr/: **FRUTA** *[fru.ta] ‘fruto’;
- m. */vr/ (apenas em posição medial): **PALAVRA** *[pa.'la.vra] ‘palavra’;
- n. */sp/: **SPERANZA** *[spe.'rẽ.za] ‘esperança’;
- o. */st/: **STADO, STADOE** *['sta.do] ~ *['sta.du] ‘estado’;
- p. */sk/: **SCUCHA** *[sku.tʃa] ‘escutar’.

Além desses clusters fonológicos, no papiamentu clássico, também havia, no âmbito fonético, clusters em que o segundo elemento era um glide, como em **NUBIA** *['nu.bja] ‘nuvem’, **EUCCHARISTIA** *[ew.ka.'ris.tja] ‘eucaristia’, **DWARS** *['dwars] ‘diagonal’, **KWAL, CUAL** *['kwaɫ] ‘qual’, **BLASFEMIA** *[blas.'fe.mja] ‘blasfêmia’ (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 209, 215, 222, 237, 249; os clusters estão sublinhados na transcrição fonética). É provável que, o papiamentu clássico possuísse outros clusters com glides, contudo não se pode apontar categoricamente o inventário desses clusters em virtude de não se saber ao certo ainda o inventário de ditongos da língua, havendo inclusive exemplos em que, na variedade clássica, poderia haver um ditongo ou um hiato⁹, e na moderna, aparece um ditongo, como em PPC **MIËDO, MIËDOE**¹⁰ *[mi.'e.do] ~ *[mi.'e.du] ~ *['mje.do] ~ *['mje.du] / PP **miedu** ['mje.du] ‘medo’ (exemplo retirado de ARAUJO, 2011: 227).

Quanto a alguns dos clusters com três elementos (que sempre são iniciados por /s/ e só aparecem em posição inicial absoluta) da variedade moderna, sua ausência pode ser explicada pelo fato de, no papiamentu clássico, as palavras que hoje possuem esses clusters apresentarem a seguinte estrutura: */es.tr/, */es.kl/, */es.kr/.

⁹A grafia não permite elucidar a natureza do encontro vocálico ([i.e] ou [je]), por exemplo.

¹⁰Esse exemplo mostra que o <e> deveria ser pronunciado, pois está marcado com o diacrítico. Se não estivesse marcado, seria *['mi.do].

A aférese dessa vogal inicial provocou uma ressilabificação e a formação desses clusters com três elementos. É o que se vê, por exemplo, em (4) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 118):

- (4) a. PPC **ESTRAÑERO**, **ESTRAÑIERO** *[es.trẽ.'je.ro] — PP **strañero** [strẽ.'je.ro] ‘estrangeiro’;
 b. PPC **ESCLAVITUD** *[es.kla.vi.'tud] — PP **sklabitut** [skla.bi.'tut]¹¹ ‘escravidão’;
 c. PPC **ESCRITURA** *[es.kri.'tu.ra] — PP **skritura** [skri.'tu.ra] ‘escritura’.

5.1.1.3.3 Coda

Na posição de coda ocupada por apenas um elemento, o papiamentu clássico permitia as consoantes em (5) (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 48, 190, 209-214, 221-226, 234-239, 241; as consoantes em coda estão sublinhadas na representação fonética):

- (5) a. Oclusivas (*p, b, t, d, k, g/): **SEPTIMO** *['sep.ti.mo] ‘sétimo’, **ABSOLUCION** *[ab.so.lu.'sjõ(ŋ)] ‘absolvição’, **SOLDAAT** *[sol.'dat] ‘soldado’, **PROSPERIDAD** *[pros.pe.ri.'dad] ‘prosperidade’, **BLEEK** *['blek] ‘pálido’, **DIGNOE** *['dig.nu] ‘digno’;
 b. Fricativas (*f, s, x/, *[z]¹²): **STOF** *['stof] ‘poeira’, **CAS**, **KAAS** *['kas] ‘casa’, **TOCH** *['toχ] ‘além disso’, **HUZGA** *['uz.ga] ‘julgar’;
 c. Nasais (*m, n/): **TAMBE** *['tẽm.be] ~ *['tam.be] ‘também’, **MOMENTO**, **MOMENTO** *['mo.'mẽn.to] ~ *['mo.'men.to] ‘momento’;
 d. Laterais (*l, r/): **KWAL**, **CUAL** *['kwaɭ] ‘qual’, **MEOR** *['me.'or] ‘melhor’, **MERDIA** *['mer.'di.a] ‘meio-dia’;
 e. Glides (*j, w/): **BAI** *['bai] ‘ir’, **LEU** *['lew] ‘distante, longe’.

¹¹Nos exemplos da variedade moderna, é possível que haja outras mudanças, irrelevantes para a discussão sobre os clusters.

¹²Nesse caso, o *[z] é um alofone de */s/ e só aparece antes de consoante sonora.

Apesar de as consoantes nasais */m, n/ serem apontadas como codas possíveis, no âmbito fonético, é possível que elas não fossem realmente pronunciadas, transmitindo apenas a nasalidade para a vogal anterior e, em seguida, sendo apagadas, o que resultaria nas seguintes representações para os exemplos em (5): *[tẽ.be] e *[mo.'mẽ.to].

Em comparação com o papiamentu moderno, antigamente o número de consoantes que podiam ocupar a coda era maior, visto que a variedade clássica permitia que algumas obstruintes sonoras (*/b, d, g/, *[z]) ocorressem nessa posição. Em um primeiro momento, seria possível conjecturar que essas consoantes sonoras fossem uma herança gráfica, não sendo realmente pronunciadas. Contudo essa explicação certamente não é adequada, partindo do fato de que, embora haja variação gráfica nas obras da variedade clássica da língua, nunca se observa variação entre uma coda sonora e uma surda. Hoje, a língua não permite /b, d, g, v, z, ʒ/ em posição de coda, substituindo-as por suas correspondentes surdas nas formas antigas e no processo de adaptação de empréstimos. Tal ensurdecimento seria, então, uma influência tardia, talvez oriunda do holandês.

Quanto aos clusters que podiam aparecer na posição de coda, foram encontradas apenas cinco combinações possíveis (restritas a umas poucas palavras) — */st, rt, rf, rs, ns/ (sublinhados na transcrição fonética): **JUIST** *['ʒwɪst]¹³ 'justo', **QUART** *['kwart] 'quarto', **ERF** *['erf] 'herdar', **DWARS** *['dwaɾs] 'diagonal', **CIRCONSTANCIA** *['sir.kõns.'tẽ.sja] 'circunstância' (exemplos retirados de ARAUJO, 2011: 48, 209, 222-223, 249). Para o cluster */ns/, vale a mesma observação feita para as consoantes nasais simples ocupando a posição de coda: há a possibilidade de o [n] não ser pronunciado, restando somente a nasalidade na vogal anterior (gerando a realização *['sir.kõs.'tẽ.sja]).

¹³Era possível também a realização *['jaɟst], não implicando mudança em relação ao cluster.

5.1.1.4 *Acento*

É possível conjecturar que, no papiamentu clássico, as palavras podiam ser proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas, mesma situação encontrada na variedade moderna. Não se afirma com certeza como era o acento em todas as palavras em virtude de as três obras analisadas por Araujo (2011) não usarem sistematicamente os símbolos gráficos/diacríticos para indicar a sílaba tônica, o que é fundamental para conhecer as palavras proparoxítonas e as paroxítonas e oxítonas que fogem ao padrão geral de acentuação do papiamentu.

No que diz respeito ao emprego do diacrítico, Araujo (2011: 217) afirma que, na obra de 1833, Niewindt utiliza o símbolo gráfico para marcar hiato quando se tem duas vogais contíguas ou para indicar o acento tônico. Em Putman (1850), a motivação para o uso do diacrítico parece ser a mesma: indicar casos de hiato ou ênfase (ARAUJO, 2011: 242). Na obra de 1837 de Niewindt, o diacrítico pode sugerir algum fenômeno no âmbito da marcação da sílaba tônica, conforme afirmação de Araujo (2011: 228, grifos do autor):

[...] a variação no emprego do diacrítico, encontrada em trinta palavras, das quais 60% são verbos, mostra que, nesta categoria, o uso do diacrítico pode indicar um destaque à posição do acento tônico, na sílaba final nestes verbos. Algumas vezes, contudo, o emprego do diacrítico parece ser imotivado, como em **el**, **él** ‘3SUJ[Sujeito]/OBJ[Objeto]/POSS[Possessivo]’, já que não há evidências para uso topicalizado do pronome. Assim, salvo a palavra monossilábica, o uso do diacrítico na sílaba final e na pré-final, como em **cielu**, **ciélu** ‘céu’ e **duele**, **duéle** ‘doer’ sugerem uma marcação da posição de acento.

Após essa caracterização geral do papiamentu clássico, são apresentados, em 5.1.1.5, alguns aspectos do *Woordenlijst* (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859]), que corroboram o que foi discutido por Araujo (2011).

5.1.1.5 O *Woordenlijst*: um exemplar do papiamentu clássico

O *Woordenlijst*, escrito em papiamentu clássico, segue a mesma grafia adotada por Putman (1850), um dos autores estudados por Araujo (2011). O uso de uma grafia que toma como referência a língua holandesa é discutido por Bachmann (2006: 92). Para a autora, a grafia de inspiração holandesa adotada pelos primeiros missionários seguia uma certa lógica, uma vez que os textos eram direcionados especialmente a outros missionários também falantes de holandês. Assim, a escolha do holandês, código compartilhado por aqueles que iriam transmitir a doutrina religiosa, se dava por razões práticas e tinha como objetivo acelerar o aprendizado da língua nativa das ilhas, tomando como base a língua materna dos missionários.

Com relação à procedência dos vocábulos que aparecem no *Woordenlijst*, observou-se uma predominância de itens de étimo ibero-românico em detrimento daqueles provenientes do holandês, situação semelhante àquela dos documentos religiosos (ARAUJO, 2011: 245-250) e à do papiamentu moderno. Mesmo nos casos em que uma palavra holandesa é usada no *Woordenlijst*, sobretudo na parte dos diálogos, pode-se considerar que esse vocábulo de fato já fazia parte do papiamentu (sendo um item nativizado). Essa afirmação seria sustentada pelo fato de que, apesar de o sistema gráfico do papiamentu ainda não estar estabelecido e os autores do *Woordenlijst* adotarem o holandês como referencial no momento da escrita, a grafia já dava sinais de adaptação, pois ela não era exatamente igual à do holandês. Por exemplo, o uso de sequências de vogais iguais (a exemplo de <AA, EE, OO>) não marca vogais longas, como em holandês. Assim, mesmo em palavras de procedência holandesa, em que as grafias são similares, a palavra já devia ter sido incorporada ao papiamentu, fazendo parte do sistema linguístico, e não concebida como um estrangeirismo¹⁴.

¹⁴Buscando um suposto, mas irreal ‘papiamentu autêntico’ (isto é, o mais livre de influências externas possível), Taylor (2009: 88) apresenta cinco cenários que permitem considerar que uma palavra estrangeira de fato passa a pertencer ao papiamentu: (i) a maior parte dos falantes usam o vocábulo com frequência e de forma consistente; (ii) o item exprime uma realidade que não pode ser expressa satisfatoriamente de outra forma; (iii) ocorre adaptação nos âmbitos fonético e ortográfico; (iv) a palavra é usada com um objetivo

Com relação aos vocábulos de étimo holandês, foi possível estabelecer um padrão, com duas situações possíveis: (i) casos em que havia dois significantes diferentes (um oriundo do holandês e o outro ibero-românico) remetendo a um mesmo significado; (ii) exemplos em que aparece somente uma forma de étimo holandês. Os diferentes padrões são ilustrados em (6) e (7):

(6) Dois significantes (um do holandês e outro do português ou espanhol)¹⁵:

- a. **ADER ader, ardu** (< holandês *ader*) e **BÉNA bena, vena** (< espanhol *vena*) ‘veia’;
- b. **HOM** — (< holandês *hom*) e **WÉBO webu** (< espanhol *huevo*) ‘ova’;
- c. **ERFENIS** — (< holandês *erfenis*) e **HERENCIA erensia, herensia** (< espanhol *herensia*) ‘herança’;
- d. **BLAAUW blou** (< holandês *blauw*) e **AZOEL** — (< português/espanhol *azul*) ‘azul’;
- e. **SPRAAK** — (< holandês *spraak*) e **HÁBLA abla, ablá** (< espanhol *habla*) ‘discurso, fala’;
- f. **SMAAK smak** (< holandês *smaak*) e **GOESTO gustu** (< espanhol *gustu*) ‘sabor, paladar, gosto’;
- g. **BEDAAR bedar, bedaru** (< holandês *bedaren*) e **KALMÁ kalma** (< português/espanhol *(a)calmar*) ‘acalmar, tranquilizar, aliviar, sossegar’;
- h. **STRAAF straf** (< holandês *strafen*) e **KASTIGA kastigá** (< português/espanhol *castigar*) ‘castigar, punir’;
- i. **SNOEI snui** (< holandês *snoeien*) e **KORTA kòrta** (< português/espanhol *cortar*) ‘cortar, retalhar, podar, reduzir’;
- j. **SPRENKEL sprengu** (< holandês *sprenkelen*) e **MOEHA muha** (< espanhol *mojar*) ‘borrifar, respingar, molhar’;

significativo no contexto local (escolar, jurídico, entre outros); (v) dentre as diversas opções lexicais, o item de étimo estrangeiro é o mais fácil, flexível e adaptável. A partir dos critérios elencados pela autora, é possível perceber que a adaptação gráfica não é a única razão para considerar um empréstimo como pertencente a uma dada língua, havendo outros elementos que devem ser levados em conta.

¹⁵A possibilidade de um mesmo significado poder ser veiculado por dois vocábulos de étimos diferentes (holandês e ibero-românico) também é apontada por Lenz (1928: 213, 251, 256-257).

- k. **ZAAI** — (< holandês *zaaien*) e **PLANTA planta** (< português/espanhol *plantar*) ‘plantar, semear’;
- l. **ZOENTSJE sunchi** (< holandês *zoenen*) e **BESÁ** — (< espanhol *besar*) ‘beijar’.

(7) Um significante (proveniente do holandês):

- a. **SKOUDER skouder, skouru** (< holandês *schouder*) ‘ombro’;
- b. **BRIFI** — (< holandês *brief*) ‘carta, epístola’;
- c. **JALOERS yalurs** (< holandês *jaloers*) ‘ciumento, encuimado’;
- d. **DAUW** — (< holandês *dauw*) ‘orvalho da noite, sereno’;
- e. **TOCH tòg** (< holandês *toch*) ‘apesar disso, não obstante, aliás’;
- f. **DAM dam** (< holandês *damspel*) ‘jogo de damas’;
- g. **DRIEF drif** (< holandês *drijven*) ‘ser levado pela corrente, derivar, flutuar, boiar’;
- h. **VAAR** — (< holandês *varen*) ‘navegar, velejar’;
- i. **METSEL** — (< holandês *metseen*) ‘construir, edificar’;
- j. **KEUR kùr** (< holandês *keuren*) ‘inspecionar, fiscalizar, examinar, investigar’;
- k. **WAAK wak** (< holandês *waken*) ‘olhar, cuidar, guardar, zelar’;
- l. **REK rèk** (< holandês *rekken*) ‘prolongar, esticar, puxar, estender, expandir’.

Quando havia duas formas em variação no papiamentu clássico, em alguns casos, a variedade moderna conservou as duas, como em **ader, ardu** e **bena, vena**; **smak** e **gustu**; **berdar, bedaru** e **kalma**; **straf** e **kastigá**; **snui** e **kòrta**; **sprengu** e **muha**. Em outros exemplos, por seu turno, apenas uma das formas se manteve, seja a de étimo holandês (a exemplo de **blou** e **sunchi**), seja a de procedência ibero-românica, como se vê em **webu**; **erensia, herensia**; **abla, ablá** e **planta**. Já nos casos em que existia apenas um vocábulo proveniente do holandês, ele foi substituído por outro de étimo ibero-românico¹⁶ — a exemplo de **BRIFI** (atualmente **karta**),

¹⁶Uma substituição no sentido inverso, ou seja, de uma palavra de étimo ibero-românico por uma do holandês, foi observada no caso da conjunção coordenativa ‘ou’, que, no papiamentu

DAUW (atualmente **serena**), **VAAR** (atualmente **nabegá**), **METSEL** (atualmente **traha, konstruí**) — ou mantido, como os demais casos em (7).

No tocante à passagem do papiamentu clássico para o moderno, as diferenças gráficas entre os dois períodos suscitam algumas divergências fonológicas, sumariadas a seguir:

- (8) a. *Palatalização*: em palavras provenientes do espanhol que possuem o sufixo <ción> [sjõ(ŋ)], a consoante sibilante seguida da vogal /i/ foi palatalizada no papiamentu moderno, gerando <**shon**> [ʃõ(ŋ)]. No papiamentu clássico, a grafia empregada (<**CION**, **SJON**, **SION**>) sugere que, nessa época, a palatalização ainda não havia ocorrido, como se vê em **ATENCION** *[a.tẽ.'sjõ(ŋ)] ‘atenção’, **ORASJON** *[o.ra.'sjõ(ŋ)] ‘oração’, **CORREKSJON** *[ko.rek.'sjõ(ŋ)] ‘correção’. Essas formas correspondem na variedade moderna a **atenshon** [a.tẽ.'ʃõ(ŋ)], **orashon** [o.ra.'ʃõ(ŋ)] e **korekshon** [ko.rek.'ʃõ(ŋ)]. Além dos casos com a terminação <**shon**>, em outros exemplos também se observa a palatalização de [s] seguido de [i], como em:
- (i) PPC **ANSIA** *['ẽ.sja] — PP **ansha** ['ẽ.ʃa] ‘aflição, angústia, ânsia’;
 - (ii) PPC **CIELU**, **CIELOE**, **CIËLOE**, **CIÉLU**, **CIËLU**, **CIELO** *[si.'e.lu] ~ *['sje.lu] ~ *['si.'e.lo] ~ *['sje.lo] — PP **shelu** ['ʃe.lu]¹⁷ ‘céu’.

Sustentando a assunção de que realmente os grafemas do papiamentu clássico <**CI**, **SJ**, **SI**> se referem a formas não palatalizadas, estão exemplos de palavras terminadas em <**CIA**> e <**CIO**>, que, no papiamentu moderno, mantêm a terminação em [sja] (<**sia**>) e [sjo] (<**sio**>) (e não [ʃa] e [ʃo]), como, por exemplo, **penitensia** [pe.ni.'tẽ.sja] ‘penitência’, **prudensia** [pru.'dẽ.sja] ‘prudência’, **diferensia** [di.fe.'rẽ.sja] ‘diferença’,

clássico, correspondia a **O**, **Ó**, **Ô** (< português *ou*, espanhol *o*) e atualmente possui a forma **òf** (< holandês *of*). Esse exemplo é interessante por mostrar que, a despeito de sua maior estabilidade, palavras funcionais também sofrem alterações.

¹⁷Nesse caso, ocorrem também outras mudanças, como a ressilabificação (no caso da pronúncia com hiato) e o alçamento da vogal final (caso se considere a variante terminada em *[o]), irrelevantes para a discussão neste momento.

sakrifisio [sa.kri.'fi.sjo] ‘sacrifício’ (PPC **PENITENCIA**, **PRUDENCIA**, **DIFERENCIA** e **SAKRIFICIO**, respectivamente).

- b. *Assimilação*: O ditongo *[aw] do papiamentu clássico passou a [ow] no papiamentu moderno, o que pode ser explicado pelo processo de assimilação, através do qual a vogal [a] assimila os traços de altura do glide, passando a [o]. Como exemplos desse processo, tem-se:

- (i) PPC **KWIDAU** *[kwi.'daw] — PP **kuidou** [kwi.'dow] ‘cuidado’;
- (ii) PPC **KAUSA**, **KAUSÁ** *['kaw.sa] ~ *['kaw.'sa] — PP **kousa** ['kow.sa] ‘1. causa, motivo, 2. causar, fazer acontecer’.

- c. *Vocalização de [ʎ]*: Alguns vocábulos sugerem que o *[ʎ] (ou mesmo a sequência *[lj]) podia ocorrer no papiamentu clássico (ainda que apareça em um pequeno número de palavras — somente 5 no *corpus* analisado). Na variedade moderna, essa consoante (ou a sequência *[lj]) foi substituída por [j], como em:

- (i) PPC **MOERALJA**, **MOERALJE** *[mu.'ra.ʎa] ~ *[mu.'ra.lja] ~ *[mu.'ra.ʎe] ~ *[mu.'ra.lje] — PP **muraya** [mu.'ra.ja] ‘parede’;
- (ii) PPC **ORGOELJOSO** *[or.gu.'ʎo.so] ~ *[or.gu.'ljo.so] — PP **orguyoso** [or.gu.'jo.so] ‘orgulhoso’.

- d. *Apócope do <r> final*: O papiamentu moderno parece ter uma resistência ao <r> em final de vocábulos, especialmente quando se trata de infinitivos e participios verbais e palavras com o sufixo **-dó**, sendo pouco comum a presença de <r> nessa posição (BANDEIRA, 2013: 75-76, 90-91). Na variedade clássica, excetuando os infinitivos verbais (que realmente aparecem sem o <r> final), tal restrição não operava, havendo muitas palavras terminadas em <r>, como se observa em:

- (i) PPC **PEKADOOR** *[pe.ka.'dor] — PP **pekadó** [pe.ka.'do] ‘pecador’;
- (ii) PPC **BISEER** *[bi.'ser] — PP **bisé** [bi.'se] ‘bezerro’;
- (iii) PPC **KOENJAAR** *[ku.'nar] — PP **kuñá** [ku.'na] ‘cunhado, cunhada’;
- (iv) PPC **KATSJOOR** *[ka.'tʃor] — PP **kachó** [ka.'tʃo] ‘cachorro’;

- (v) PPC **PIKOER** *[pi.'kur] — PP **pikú** *Sphyraena barracuda* [pi.'ku] 'agulha-preta (espécie de peixe)';
- (vi) PPC **HASAAR** *[ha.'sar] — PP **hasá** [ha.'sa] 'assado, frito (na panela)';
- (vii) PPC **KONOSIER** *[ko.no.'sir] — PP **konosí** [ko.no.'si] 'conhecido, conhecida'.

Esse quadro sugere que a restrição deve ter começado a se difundir na língua a partir do século XX. Além disso, a resistência do papiamentu moderno em possuir palavras com <r> final não deve ser vista como categórica, já que a língua apresenta alguns exemplos dessa consoante em fim de palavra, como em **traidor** [tra.i.'dor] 'traidor' e **hòmbèr** ['hõ.bər] 'homem'.

- e. *Prótese de [h]*: Outra mudança do papiamentu moderno em relação ao clássico é a ocorrência da consoante [h] em palavras antes iniciadas por vogal ($\emptyset > [h]$) ou por *[x] ($*[x] > [h]$), havendo, em alguns casos, variação entre uma forma com a consoante e outra sem ela, como em:
 - (i) PPC **ORKAAN** *[or.'kẽ(ŋ)] — PP **horkan** [hor.'kẽ(ŋ)] ~ **orkan** [or.'kẽ(ŋ)] 'furacão';
 - (ii) PPC **HONOOR** *[o.'nor] ~ *[xo.'nor] — PP **honor** [ho.'nor] ~ **onor** [o.'nor] 'honra';
 - (iii) PPC **HOENDO** *['ũ.do] ~ *['xũ.do] — PP **hundu** ['hũ.du] 'fundo'.
- f. *Obstruintes em posição de coda*: O papiamentu clássico permitia que algumas obstruintes sonoras ocupassem a posição de coda (como */b, d, g/), o que não é aceito pela variedade moderna da língua (havendo substituição pela correspondente surda ou outra consoante surda), como se observa nos exemplos:
 - (i) PPC **ADMIRÁ** *[ad.mi.'ra] — PP **atmirá** [at.mi.'ra] 'admirar (1. surpreender, 2. estimar)';
 - (ii) PPC **OBSERVA** *[ob.'ser.va] — PP **opservá** [op.ser.'va] 'observar';
 - (iii) PPC **KRAAG** *['krag] — PP **krag** ['krax] 'colarinho, gola'.

No âmbito morfológico, no papiamentu clássico, ao lado de formas com **-MENTOE**

frutos de empréstimo de outras línguas — como **KONOSEMENTOE** (< português **conhecimento**) — o **-mentu** apareceu também como um sufixo produtivo, sendo usado para formar novas palavras na língua, a exemplo de **POESTA-MENTOE** ‘aposta’, **KOERA-MENTOE** ‘cura, restabelecimento, recuperação’, **DAL-MENTOE** ‘batida, golpe, ataque’, **KOME-MENTOE** ‘refeição, ato de comer’, entre outras. Um indício de que essas palavras foram formadas no próprio papiamentu é o fato de elas não serem encontradas em nenhuma das línguas lexificadoras (português e espanhol). Na variedade moderna, o **-mentu** também é um sufixo produtivo, assim como o **-dó**, que, no *corpus* do papiamentu clássico, foi encontrado apenas como resultado de empréstimo, como em **PLANTA-DOOR** ‘lavrador, agricultor’, não sendo usado para criar novas palavras.

5.1.2 Características fonológicas do kabuverdianu clássico

Esta seção apresenta algumas características fonológicas do kabuverdianu clássico, estágio da língua que se estende de 1880 (quando Adolfo Coelho publica seu primeiro estudo sobre a língua) até 1936 (ano de publicação da revista *Claridade*) (conforme periodização proposta na seção 2.1 do capítulo 2). Ao tratar do kabuverdianu clássico, nesta tese, não se tentará criar formas hipotéticas para a língua (o que também poderia ser feito, implicando um trabalho de reconstrução), mas o foco recairá nas fontes documentais que existem sobre a língua. A despeito de os primeiros registros do kabuverdianu datarem do século XIX, não se pode esquecer que esses estudos documentam uma língua anterior a esse período, sendo, assim, apropriados para os propósitos da análise.

A descrição que segue baseia-se sobremaneira no trabalho de Quint (2000a: 71-126). Em sua gramática sobre o kabuverdianu, o autor apresenta algumas características do que ele chama de kabuverdianu de Santiago antigo (o *badio antigo*). A discussão do autor desse período da língua está ancorada em formas reconstruídas a partir do vocabulário da variedade contemporânea (QUINT, 2000a: 58). A despeito de não ser o foco de sua obra (que consiste em uma descrição linguística de

aspectos fonético-fonológicos e morfológicos do kabuverdianu de Santiago moderno) — ressalva feita pelo próprio autor —, a análise empreendida traz informações relevantes sobre a variedade antiga da língua. O badio antigo é um estado da língua de datação desconhecida, mas certamente compreendido entre os séculos XVI e XIX considerando os demais períodos estabelecidos pelo autor (QUINT, 2000a: 59, esquema adaptado e traduzido):

- (9) a. Línguas africanas + Português dos séculos XVI e XVII:
- (i) Estágio 1: *Pidgin ou protocrioulo* — século XV
 - (ii) Estágio 2: *Kabuverdianu de Santiago (badio) antigo* — datação desconhecida¹⁸
 - (iii) Estágio 3: *Badio moderno* — século XX; variedade essencialmente rural
 - (iv) Estágio 4: *Novo badio* — final do século XX; variedade essencialmente urbana

De acordo com o autor, o badio antigo (estágio 2) compreenderia uma espécie de equilíbrio após a fase inicial do protocrioulo e, apesar de distinto, seria bastante próximo da variedade moderna (estágio 3). Nas palavras do autor,

O badio antigo é o crioulo de Santiago tal como deve ter sido falado durante ao menos dois ou três séculos, provavelmente até o século XIX, que marca a entrada massiva de novas palavras emprestadas do português. É possível, sem se livrar de extrapolações

¹⁸O estudo de Bandeira (em elaboração), que trata da reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné — o qual se ramificou nas quatro línguas de base portuguesa da região: santome, angolar, lung'ie e fa d'ambô — pode contribuir para estabelecer a datação do kabuverdianu antigo. Segundo a autora, o protocrioulo do Golfo da Guiné se formou nos primeiros anos da colonização portuguesa, na chamada fase de habitação, que durou de 1495 a 1515. A ramificação desse protocrioulo ocorreu por volta de meados do século XVI a partir da migração de alguns falantes dessa língua de São Tomé para o Príncipe e Ano Bom e da formação de quilombos em São Tomé, dando origem à comunidade dos angolares. Provavelmente, um cenário parecido ocorreu com o kabuverdianu em Santiago. Tendo início a colonização e o povoamento de Santiago por volta de 1460, é provável que, quinze ou vinte anos mais tarde (mais ou menos em 1475/1480), um protocrioulo na região da Alta Guiné estivesse formado. Mais ou menos em 1550, é possível que o kabuverdianu já estivesse separado do kriyol de Guiné Bissau e Casamansa e seguindo seu caminho de desenvolvimento. Para maiores detalhes sobre a formação do kabuverdianu, consultar a seção 3.4.1 do capítulo 3.

demasiado ousadas, se fazer uma ideia suficientemente precisa do que teria sido o badio antigo. Como esse equilíbrio parece ter sido bastante longo, pode-se caracterizar muito facilmente as principais tendências evolutivas que marcaram a integração de palavras portuguesas ao sistema do badio antigo. Muitas dessas tendências são ainda características da língua moderna¹⁹. (QUINT, 2000a: 71, tradução nossa)

Guardadas pequenas imprecisões quanto às datas, é possível considerar que as características do *badio antigo* trazidas por Quint (2000a: 71-126) se aplicam ao período denominado nesta tese de *kabuverdianu clássico*. Contudo, a análise empreendida neste estudo será norteadas por critérios diferentes daqueles adotados por Quint (2000a: 71-126). Como se pode depreender da citação, o autor enfoca em sua descrição as mudanças que ocorreram nas palavras portuguesas ao serem incorporadas ao kabuverdianu. O foco desta seção, por seu turno, serão os aspectos fonológicos da variedade clássica do kabuverdianu. Apesar dessa diferença de perspectivas, muitas das informações necessárias podem ser encontradas na obra desse autor. De fato, a variedade de kabuverdianu que interessa neste estudo é aquela que influenciou a formação do papiamentu. Nesse sentido, o kabuverdianu retratado por Adolfo Coelho e seus contemporâneos, anterior à lusificação mencionada por Quint (2000a: 71), pode apresentar muitos dos traços que influenciaram a língua caribenha, mas certamente não todos (com os demais aspectos devendo ser ainda mais antigos).

Além do trabalho de Quint (2000a: 71-126), são utilizados ainda os estudos de Coelho (1967a [1880], 1967b [1882], 1967c [1886]), Costa & Duarte (1967 [1886]), Brito (1967 [1887]) e Schuchardt (1887, 1888). Esses textos possivelmente constituem os primeiros registros conhecidos a tratarem da língua falada em Cabo Verde e, a despeito de terem sido publicados no século XIX, remetem ao período de língua

¹⁹Citação original: “Le badiais ancien, c’est le créole de Santiago tel qu’on a dû le parler pendant au moins deux ou trois siècles, probablement jusqu’au dix-neuvième siècle, qui marque l’irruption massive de nouveaux mots empruntés au portugais. On peut, sans se livrer à des extrapolations par trop audacieuses, se faire une idée assez précise de ce qu’a dû être le badiais ancien. Comme cet équilibre semble avoir été assez long, on peut caractériser assez facilement les principales tendances évolutives qui ont marqué l’intégration des mots portugais dans le système du badiais ancien. Beaucoup de ces tendances sont encore caractéristiques de la langue moderne.”

enfocado nesta seção. Esses estudos serão de maior utilidade para a obtenção de dados sobre a variedade clássica, na medida em que eles não se debruçam detalhadamente sobre questões fonético-fonológicas. Ainda assim, sempre que as informações sobre esse aspecto trazidas pelos autores forem consideradas relevantes, elas serão mencionadas.

A forma de apresentação dos dados do kabuverdianu clássico segue alguns critérios. A grafia dos exemplos será a mesma que aparece nos autores consultados (mesmo que ela apresente diferenças com relação ao sistema gráfico atualmente usado, o ALUPEC). Após a forma gráfica (em *itálico* e caixa alta), apresenta-se a transcrição fonética do vocábulo, fornecida por Quint (2000a: 71-126) (com pequenas alterações) ou sugerida pela própria autora. Por se tratar de uma forma reconstruída (não sendo possível afirmar com exatidão como as palavras eram pronunciadas, já que não há registros sonoros), essas transcrições são antecedidas por um asterisco. Com relação às líquidas (*l, r/), optou-se por representar o */l/ em posição de coda (medial ou final) sempre como a variante velarizada (*[ɭ]), ainda que essa realização não seja consensual mesmo para a variedade moderna da língua (discutida no apêndice B). Ademais, a vibrante sempre será representada como simples (*[r]), visto que essa é a realização mais usual no kabuverdianu moderno e provavelmente também o era na variedade clássica. Por fim, após a grafia e a transcrição fonética reconstruída, aparece a glosa em português entre aspas.

A caracterização da variedade clássica se limita a alguns aspectos fonológicos, como o sistema vocálico, o quadro consonantal, a estrutura silábica e o acento. Esse caráter de incompletude se deve à própria dificuldade de encontrar mais materiais que descrevam a língua da época, deixando aberta a possibilidade de reformulações quanto aos pontos fonológicos, bem como a abordagem de questões morfológicas (como os afixos usados na língua) a partir de pesquisas futuras.

5.1.2.1 *Sistema vocálico*

O sistema vocálico do kabuverdianu clássico, inicialmente, apresentava cinco fonemas: */i, e, a, o, u/. Quint (2000a: 78) menciona que é plausível supor que, nos primórdios do kabuverdianu, haveria somente um fonema central (*/a/²⁰) em virtude de, mesmo na variedade moderna, a oposição entre /a/ e /ɐ/ em posição tônica se restringir à distinção entre nomes (que apresentam /a/) e verbos (que possuem /ɐ/)²¹, como em *sábi* ['sa.bi] '1. alegria, 2. agradável' e *sabi* ['sɐ.bi] 'saber' (exemplo retirado de QUINT, 2000a: 98). Assim, para o autor, poder-se-ia conjecturar que a variedade clássica desconhecia tal distinção, mantendo as formas homófonas.

Quanto às vogais médias, Quint (2000a: 77-78) também postula a inexistência da oposição entre médias-altas e médias-baixas. Desse modo, haveria apenas dois fonemas, representados por Quint como */E/ e */O/, cujas realizações fonéticas (respectivamente, *[e] e *[ɛ], e *[o] e *[ɔ]) seriam condicionadas pelo contexto (QUINT, 2000a: 78; exemplos retirados desse autor):

- (10) a. Palavras com mais de uma sílaba:
- (i) Terminadas em */i/: vogais médias realizadas como *[e] e *[ɔ].
Ex.: *LEBI* *['le.bi] 'leve, ligeiro' e *BÓDI* *['bɔ.di] 'bode';
 - (ii) Terminadas em */ɐ/ ou */u/: vogais médias-baixas, como em *BÉSTA* *['bɛs.tɐ] 'besta (1. animal, 2. imbecil)' e *SÓNU* *['sɔ.nu] 'sono';
 - (iii) Terminadas em africada + */ɐ/ ou */u/: vogais médias-altas, a exemplo de *TEDJA* *['te.dʒɐ] 'telha' e *ODJU* *['o.dʒu] 'olho'.
- b. Palavras monossílabas terminadas em consoante: vogais médias-baixas, como se vê em *BÉS* *['bɛs] 'vez' e *FLÓR* *['flɔr] 'flor'.

²⁰Quint (2000a: 78) representa a vogal central como */A/, com o uso da letra maiúscula indicando que, nesse caso, houve uma neutralização entre */a/ e */ɐ/ (e mesmo outras vogais centrais da língua), que não distinguem vocábulos, sendo intercambiáveis.

²¹Segundo o autor, de forma geral, os verbos em kabuverdianu moderno que possuem a vogal central em posição tônica realizam-na como /a/, optando por /ɐ/ somente quando se faz necessário distinguir nome e verbo.

Segundo Quint (2000a: 79), esse inventário com cinco vogais teve uma existência efêmera na língua²². Em virtude da pressão do sistema do português dos séculos XVI e XVII (que contava com a distinção entre vogais médias-altas e médias-baixas) e de uma razão funcional (a distinção de classes de palavras no caso da vogal central), as demais vogais foram paulatinamente sendo incorporadas, originando o quadro que se encontra na variedade moderna (conforme discutido no apêndice B). Um argumento trazido por Quint (2000a: 78) para assumir que, nos primórdios do kabuverdianu, havia somente cinco fonemas vocálicos seria o fato de o kriyol de Guiné Bissau e Casamança atualmente apresentar um quadro com cinco fonemas vocálicos (/i, e, a, o, u/). Assim sendo, nos primeiros anos, as duas línguas irmãs (kabuverdianu e kriyol) compartilhariam o mesmo inventário fonológico (evidenciando sua origem comum), que, somente alguns anos mais tarde, iria adquirindo características próprias.

Um inventário com oito vogais já aparece na descrição de Brito da segunda metade do século XIX (BRITO, 1967 [1887]: 342-343), o que parece confirmar o caráter temporário do sistema com cinco vogais. Segundo o autor, as vogais orais do kabuverdianu santiaguense — */i, e, ε, ɐ, a, ɔ, o, u/ — poderiam ser classificadas como em (11):

- (11) a. Fechadas: */e, ɐ, o/ (<ê, â, ô>);
 b. Abertas: */i, ε, a, ɔ, u/ (<i, é, á, ó, ú>);
 c. Tênues: vogais sempre átonas e grafadas sem nenhum diacrítico (<a, e, i, o, u>);
 d. Breves: */ĩ, ě, ɛ̃, ẽ, ă, ǝ, ǒ, ŭ] (sem marcação gráfica);
 e. Longas: */ī, ē, ε̄, ɐ̄, ā, ɔ̄, ō, ū] (<ī, ē, ē, ē, ā, ȓ, ō, ū>).

Os rótulos usados em (11) são semelhantes aos que aparecem nas descrições da gramática latina. De maneira geral, a forma de descrever as línguas no século XIX e no começo do século XX por linguistas amadores incluía necessariamente uma análise nos moldes da gramática latina. Por isso, os autores sempre tomavam como base as categorias das gramáticas dessa língua. Tal procedimento não aparece somente

²²O autor, contudo, não estabelece por quanto tempo esse quadro se manteve na língua.

em Brito (1967 [1886]) ao tratar do kabuverdianu, sendo também observado na gramática do papiamentu escrita por Goilo (1953), como apontado no apêndice A.

A respeito da distribuição das vogais cabo-verdianas, Brito (1967 [1887]: 342-343) não deixa claro se os traços tênue, breve e longo são apenas fonéticos ou têm valor distintivo na língua, sendo, portanto, fonológicos. Seria possível conjecturar que eles teriam apenas valor fonético, apoiando-se no exemplo de vogal longa trazido pelo autor (*FAZEDO* ‘feito’), ao qual ele não opõe uma forma com a vogal breve com um significado diferente. O traço longo parece ocorrer sempre na sílaba tônica. Portanto, longo é simplesmenteônico. Um aspecto que sustentaria essa afirmação seria o fato de o autor mencionar e marcar o traço longo somente nas duas primeiras páginas de sua obra, não havendo a partir daí nenhuma marcação de vogal longa. Posto que, em português, o acento se manifesta como a combinação de duração, altura e intensidade, Brito (1967 [1887]: 324-343) marca a duração (longa ou breve), a intensidade (tênue em oposição a forte, possivelmente) e a altura (para ele, a abertura da boca).

Ainda no âmbito das vogais, Brito (1967 [1887]: 342-343) afirma que, com exceção das tênues, todas as outras vogais podem ser átonas ou tônicas. Além disso, segundo o autor, as vogais podem receber na forma escrita três diacríticos: (i) agudo, que dá às vogais um som *forte* (indicando as vogais médias-baixas); (ii) circunflexo, que dá às vogais um som *sumido* (referindo-se às vogais médias-altas); e (iii) macron, que indica uma pronúncia mais prolongada da vogal.

No que diz respeito às vogais nasalizadas, Quint (2000a: 104) aponta a ocorrência de *[ĩ, ĕ, ã, õ, ũ]. Contudo, ele parece considerá-las como fonemas e não como uma sequência de vogal oral + consoante nasal. Já Brito (1967 [1887]: 343) menciona que tais vogais são representadas na grafia por <Ã, Ê, Î, Ô, Û>, não especificando suas realizações fonéticas, nem se elas possuem estatuto fonológico ou não.

Por fim, quanto aos ditongos orais, a partir das discussões de Quint (2000a: 115-117) e de alguns exemplos, é possível depreender as seguintes combinações: */ɛj, ej, oj, uj, iw, ew, aw, ɔw, jɛ, jɐ, jɔ, jo, we, wɐ, wɔ/. Haveria ainda alguns ditongos

nasais (todos crescentes): */jẽ, jẽ²³, jõ/. Além desses ditongos, Brito (1967 [1887]: 343) aponta ainda os seguintes: */ej, ɛw, wi, ẽj/.

Esse inventário de ditongos não constitui uma lista exaustiva, sendo possível que a variedade clássica tivesse mais ditongos possíveis. Em síntese, só a descoberta de mais fontes escritas do kabuverdianu clássico poderia lançar luzes sobre esse tema, fornecendo um quadro mais acurado. Ademais, Quint (2000a: 115-117) menciona combinações com [ɐ] (que, conforme discussão nesta seção, estaria ausente do quadro fonológico inicial do kabuverdianu clássico) possivelmente por considerar que esse fonema entrou na língua logo nos seus primórdios. Brito (1967 [1887]: 329-404), por seu turno, não se preocupa com a discussão fonética de seus exemplos. Ao estabelecer a grafia utilizada na obra, o autor tentou tornar a escrita em kabuverdianu mais simples e fonética, sem a introdução de símbolos novos, a fim de facilitar a leitura tanto para os cabo-verdianos quanto para os estrangeiros interessados em estudar a língua. Contudo, é impossível que uma grafia reflita fidedignamente a realização dos sons da língua. Um exemplo disso é a representação da vogal <A>, que não deixa claro se é [a] ou [ɐ] (uma vez que as duas vogais centrais já são apontadas pelo autor).

5.1.2.2 *Sistema consonantal*

Segundo Quint (2000a: 125), o badio antigo, comparado nesta tese ao kabuverdianu clássico, possuía os seguintes fonemas: */p, b, t, d, k, g, f, s, ʃ, tʃ, dʒ, m, n, ɲ, ɳ, l, r/. O autor aponta ainda a existência dos glides */j, w/, mas esses elementos devem ser vistos como alofones e não como fonemas. O quadro apresentado por Quint (2000a: 125) difere da variedade moderna (discutida no apêndice B) pela ausência da série das fricativas sonoras /v, z, ʒ/ e da lateral palatal (/ʎ/) e pela

²³Na verdade, Quint (2000a: 117) menciona o ditongo */jã/, mas considerando o fato de que, em contextos nasalizados, haveria neutralização entre as vogais centrais, esse ditongo seria */jẽ/.

presença da nasal velar ($*/\eta/$). No que diz respeito à nasal velar, o autor menciona que esse fonema aparece somente em posição inicial de palavras de etimologia africana, não sendo encontrada nenhuma palavra de étimo português que contenha tal fonema (QUINT, 2000a: 118). Quint (2000a: 119) tece comentários ainda a respeito da vibrante. Segundo o autor, a distinção do português dos séculos XVI e XVII entre $[r]$ e $[r]$ (como em *carro* $*[ka.ro]$ e *caro* $*[ka.ro]$) se perdeu em kabuverdianu clássico, sendo o contexto o responsável por distinguir as duas formas. Assim, na representação fonológica, o autor opta por usar a vibrante múltipla, provavelmente, para ele, de uso mais frequente. Nesta tese, contudo, as transcrições aparecem com a vibrante simples (conforme já mencionado no final da seção 5.1.2). A perda de oposição entre $*[r]$ e $*[r]$ no kabuverdianu clássico (sendo concebidos, assim, como fones, e não como dois fonemas distintos) também é mencionada por outros autores que trabalharam com material da segunda metade do século XIX, como Costa & Duarte (1967 [1886]: 250), Brito (1967 [1887]: 345) e Schuchardt (1887: 138, 1888: 317).

As diferenças de fato existentes entre o quadro do kabuverdianu clássico e do moderno (que dizem respeito aos fonemas $/v, z, \zeta, \Lambda/$) devem ser discutidas. Segundo Quint (2000a: 113), ao serem incorporadas ao kabuverdianu clássico, as palavras do português que apresentavam fricativas sonoras sistematicamente passavam por um dos seguintes tratamentos: (i) oclusivização (no caso do $/v/$: $/v/ > /b/$), como em PT dos séculos XVI e XVII *vivo* $*[vi.vo]$ $>$ KVC *BIBU* $*[bi.bu]$ ‘vivo’; ou (ii) ensurdecimento ($/z/ > /s/$, $/\zeta/ > /f/$), a exemplo de PT dos séculos XVI e XVII *fazer* $*[fa.'zer]$ $>$ KVC *FAZI* $*[fa.'si]$ ‘fazer’ e PT dos séculos XVI e XVII *igreja* $*[i.'gre.\zeta]$ $>$ KVC *GREXA* $*[gre.f\epsilon]$ ‘igreja’ (exemplos retirados desse autor).

Essa ausência de fricativas sonoras no kabuverdianu clássico (especialmente $/v/$) é mencionada por outros autores. Para Coelho (1967a [1880]: 15), o $/v/$ do português passava a $/b/$ no kabuverdianu, como em *DUBIDA*, *DÊBÊ*, *OUBI*, *POBO*, *CONBERSA*, *BIRO*, *FABUR* (exemplos retirados desse autor). Essa postura é a mesma assumida por Costa & Duarte (1967 [1886]: 252), que nem chegam a admitir a existência de $/v/$ no quadro consonantal da língua, afirmando que, geralmente quando a palavra portuguesa apresentava $/v/$, ele passava a $/b/$ a partir do momento que o

vocábulo entrava no kabuverdianu. Schuchardt (1887: 137) também defende que o kabuverdianu clássico não possuía /v/ (exceto a variedade falada em Santo Antão), nem /ʒ/.

Brito (1967 [1887]: 344-345), por seu turno, apresenta um quadro consonantal diferente, incluindo as fricativas sonoras: */p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ m, n, ɲ, l, r/²⁴, com a ressalva de que a ocorrência de */v/ é restrita, limitando-se a uns poucos casos. Esse quadro difere do kabuverdianu moderno somente com relação à lateral palatal (/ʎ/), ausente na variedade clássica.

De fato, com o passar do tempo, as fricativas sonoras foram sendo incorporadas ao kabuverdianu (prova disso é que atualmente muitas palavras possuem variantes com (i) a oclusiva sonora e a fricativa sonora de mesmo ponto de articulação, como /b/i/b/u ~ /v/i/v/u, ou (ii) a fricativa surda e a sonora, a exemplo de /fa/s/i ~ /fa/z/i, /gre/f/a ~ /igre/ʒ/a), contudo, segundo Quint (2000a: 133), ainda hoje há uma tendência à oclusivização e ao ensurdecimento (sobretudo nas variedades mais isoladas). Ademais, a incorporação das fricativas sonoras ao sistema não se deu de maneira uniforme: /z/ e /ʒ/ encontram-se mais integrados ao sistema do que /v/, havendo inclusive casos de empréstimos recentes em que ocorre passagem de /v/ para /b/, como *subistâtibu* ‘substantivo’, *berbu* ‘verbo’ e *bogal* ‘vogal’ (oriundos, respectivamente, do português *substantivo*, *verbo* e *vogal*) (QUINT, 2000a: 132).

A lateral palatal (/ʎ/) também não aparece nos estudos do kabuverdianu clássico de outros autores, como Coelho (1967a [1880]: 15), Costa & Duarte (1967 [1886]: 247-248), Brito (1967 [1887]: 344-345) e Schuchardt (1887: 134, 137). Para os três primeiros autores, a lateral palatal do português foi nativizada como [j] pelos cabo-verdianos (como se observa nos exemplos de Coelho (1967a [1880]: 15): *PAJA*, *IJA*, *FOJA*, *FIJO*, *SCOJA*). Já segundo Quint (2000a: 119), as palavras do português que possuíam esse fonema foram adaptadas inicialmente com a despalatalização da consoante, que, mais tarde, passou à africada /dʒ/, de acordo com o seguinte caminho */lj/ > */ldj/ > /ldʒ/ > /dʒ/. É o que se observa em PT dos séculos XVI e XVII

²⁴O autor se refere aos *valores sonoros* que os grafemas apresentavam no kabuverdianu, o que permite depreender os fonemas. A partir da descrição do autor, bem como daquela de Costa & Duarte (1967 [1886]), sabe-se, por exemplo, que o grafema <G> era sempre realizado como */g/, independentemente do elemento seguinte.

milho *[mi.ʎo] > KVC *MILDJU* *[miʎ.dʒu] > KV *midju* [mi.dʒu] ‘milho’ (exemplo retirado desse autor). O autor afirma inclusive que grande parte das ocorrências de /dʒ/ em kabuverdianu moderno deriva de um */j/, oriundo da despalatalização da lateral palatal, afirmação que somente um estudo diacrônico permitirá constatar. Esse processo de substituição de /ʎ/ por /dʒ/, contudo, não se faz mais presente na variedade moderna, que mantém a lateral palatal em empréstimos recentes do português (QUINT, 2000a: 133). Como no caso das fricativas sonoras, atualmente, é possível encontrar casos de variação entre /ʎ/ e /dʒ/, como em *ilha* [i.ʎɐ] ~ *djar* [dʒɐr] ‘ilha’ (exemplo retirado de BRÜSER *et al.* 2002).

Além desse quadro fonológico, Quint (2000a: 123) afirma ainda que o badio antigo, equivalente ao kabuverdianu clássico, possuía consoantes nasalizadas (consideradas nesta tese como realizações fonéticas), que possivelmente apresentariam uma origem africana. Segundo o autor, dois processos principais seriam responsáveis pelo aparecimento dessas consoantes (exemplos retirados desse autor):

- (12) a. Apócope do elemento vocálico de uma vogal nasalizada átona em palavras de étimo português. Ex.: PT dos séculos XVI e XVII *entender* *[ẽ.tẽ.'der] > KVC *NTENDI* *[n̄tẽ.dĩ] ‘entender’;
- b. Prótese de um elemento nasal em palavras de étimo português ou africano, como em PT dos séculos XVI e XVII *verruga* *[ve.'ru.ga] > KVC *MBRUGA* *[m̄bru.ga] ‘verruga’ e mandinka *jutu* [dʒu.tu] > KVC *NDJUTU* *[n̄dʒu.tu] ‘recusar, fazer pouco caso de’.

Com o desenvolvimento da língua, haveria uma tendência a um incremento no número de consoantes nasalizadas, aparecendo novas realizações (QUINT, 2000a: 123).

5.1.2.3 *Estrutura silábica*

Em sua descrição do badio antigo, Quint (2000a: 71-125) não discute como se estruturava a sílaba, isto é, quantas posições do onset, núcleo e coda podiam ser preenchidas, tampouco quais elementos eram passíveis de aparecer em cada uma

dessas posições. Contudo, a partir das discussões e exemplos levantados pelo autor, é possível construir um quadro aproximado (aberto a reformulações futuras) de como era a estrutura silábica do kabuverdianu clássico. Assim, tal como foi feito para o papiamentu clássico, adota-se para o kabuverdianu clássico a representação binária da sílaba — **onset** (O) e **rima** (R), esta dividida em **núcleo** (N) e **coda** (C) — (SELKIRK, 1982: 337-383) e as seções seguintes apontam os elementos que podiam ocorrer em cada uma dessas posições.

5.1.2.3.1 Núcleo

A posição de núcleo podia ser ocupada por apenas um elemento vocálico ou uma nasal silábica (no caso do pronome de 1^a pessoa do singular), como se observa em (13) (exemplos retirados de QUINT, 2000a: 74-80, 104):

- (13) a. */i/ - *BIBU* *['bi.bu] 'vivo';
 b. */e/ (apresentando os alofones *[ɛ] e *[e]) - *FÉMIA* *['fɛ.mjɐ] 'fêmea, feminino', *BANDEXA* *['bẽ.'de.ʃɐ] 'bandeja';
 c. */a/ (apresentando os alofones *[a] e *[ɐ]) - *FÁKA* *['fa.kɐ] 'faca', *KÁMA* *['ka.mɐ] 'cama';
 d. */o/ (apresentando os alofones *[ɔ] e *[o]) - *SABÓLA* *['sɐ.'bɔ.lɐ] 'cebola', *ODJU* *['o.dʒu] 'olho';
 e. */u/ - *SURDU* *['sur.du] 'surdo';
 f. *[ĩ] - *FIM* *['fĩ] 'fim';
 g. *[ẽ] - *BEN* *['bẽ] 'vir';
 h. *[ẽ] - *LAM* *['lẽ] 'lã';
 i. *[õ] - *BOM* *['bõ] 'bom';
 j. *[ũ] - *ALGUM* *['aɭ.gũ] 'algum';
 k. */N/²⁵ - *NÁDA M-KA TEM PA FAZE* *['na.dɐ ɲkɐ 'tẽ pɐ 'fɛ.ze] 'eu não tenho nada a fazer'.

²⁵A realização dessa consoante nasal depende da natureza do segmento que a segue.

Os glides são discutidos por Quint (2000a: 115-117) na seção destinada a tratar das consoantes e, em virtude desse estatuto, não poderiam ocorrer no núcleo da sílaba, apenas no onset ou na coda.

5.1.2.3.2 Onset

Ocupando a posição de onset simples (uma única consoante), podiam figurar todas as consoantes que formavam o inventário de fonemas do kabuverdianu clássico (exemplos retirados de QUINT, 2000a: 109-120; as consoantes em onset estão sublinhadas na representação fonética)²⁶:

- (14) a. Oclusivas (* /p, b, t, d, k, g/): *PÁPA* *['pa.pə] ‘mingau de milho’, *BÁBA* *['ba.bə] ‘babar(-se)’, *TUTÁNU* *['tu.ta.nu] ‘tutano’, *DODU* *['do.du] ‘doido’, *KÁKU* *['ka.ku] ‘pedaço de osso do crânio’, *GÁGU* *['ga.gu] ‘gago’;
- b. Fricativas (* /f, s, ʃ/): *FÉRU* *['fɛ.ru] ‘ferro’, *SAI* *['sɛj] ‘sair’, *BÁXU* *['ba.fu] ‘baixo’;
- c. Africadas (* /tʃ, dʒ/): *TCHITCHÁRU* “Selar crumenophthalmus” *['tʃi.tʃa.ru] ‘chicharro’, *DJOGU* *['dʒo.gu] ‘jogo’;
- d. Nasais (* /m, n, ɲ, ŋ/): *MÁMA* *['ma.mə] ‘peito, mama’, *NASI* *['nɛ.si] ‘nascer’, *PÁNHA* *['pa.pə] ‘pegar, apanhar’. O autor não cita exemplos com a nasal velar — provavelmente porque, em sua análise, Quint (2000a: 58) se debruça sobre a herança do português antigo para o kabuverdianu, não enfatizando, por ora, a contribuição lexical de origem africana —, mas menciona que essa consoante é encontrada em começo de palavras de étimo africano, o que indica que ela ocupa a posição de onset;
- e. Líquidas (* /l, r/): *LÁBA* *['la.bə] ‘lavar(-se)’, *RUNHU* *['ru.ɲu] ‘mau, feroz, violento’.

²⁶O autor não fornece exemplos de glides sozinhos em posição de onset, não sendo possível afirmar se * [j, w] podiam ocorrer nesse contexto ou não.

A posição de onset podia ser ocupada ainda pelas consoantes nasalizadas. Quint (2000a: 123) não fornece uma lista exaustiva de quais consoantes desse tipo ocorriam na variedade clássica, citando somente exemplos com $*[{}^m p, {}^m b, {}^n t, {}^ŋ g, {}^n dʒ]$: *MPORTA* $*[{}^m pɔr.tɐ]$ ‘importar(-se)’, *MBURDIA* $*[{}^m bʊr.djɐ]$ ‘embrulhar(-se), cobrir(-se)’, *NTERU* $*[{}^n tɛ.ru]$ ‘inteiro, completo’, *NGOSTA* $*[{}^ŋ gos.tɐ]$ ‘encostar(-se)’, *ND-JÁRGA* $*[{}^n dʒar.gɐ]$ ‘ilharga’ (exemplos retirados desse autor, páginas 107, 110, 119, 123; as consoantes nasalizadas estão sublinhadas na transcrição fonética). Contudo, é possível que as demais consoantes também pudessem ser nasalizadas, o que só será confirmado ou não com estudos posteriores.

Além de onsets ocupados por apenas uma consoante, no kabuverdianu clássico, também eram encontrados clusters com dois ou três elementos. As combinações de duas consoantes podiam ser de dois tipos (os clusters estão sublinhados na representação fonética):

- (15) a. A primeira deveria ser uma obstruinte e a segunda uma líquida ($*/l, r/$), como em *PRIGU* $*[{}^p ri.gu]$ ‘perigo’, *BRÁKU* $*[{}^b ra.ku]$ ‘buraco’, *TRA* $*[{}^t rɛ]$ ‘tirar’, *DRETU* $*[{}^d rɛ.tu]$ ‘direito, correto’, *SUKRI* $*[{}^s u.kri]$ ‘açúcar’, *GREXA* $*[{}^g rɛ.jɐ]$ ‘igreja’, *FRI* $*[{}^f ri]$ ‘ferir(-se)’, *FLÁNU* $*[{}^f la.nu]$ ‘fulano’ (exemplos retirados de QUINT, 2000a: 84, 89, 113, 120). Como se pode observar, não são fornecidos muitos exemplos como $*/l/$ como segundo elemento do cluster. Ademais, de acordo com Quint (2000a: 122), o kabuverdianu clássico apresentava uma rejeição à combinação $*/bl/$, chegando a desfazê-la em alguns vocábulos oriundos do português, como em PT dos séculos XVI e XVII *problema* $*[pro.'ble.mɐ] >$ KVC *PRABULEMA* $*[prɐ.bu.'le.mɐ]$ ‘problema’.
- b. A primeira deveria ser $*/s/$ e a segunda uma oclusiva, a exemplo de *SPURMENTA* $*[{}^s pʊr.mɛ̃.tɐ]$ ‘experimental’, *STANGU* $*[{}^s tɛ̃.gu]$ ‘estômago’, *SKALABIA* $*[{}^s kɛ̃.lɐ.bjɐ]$ ‘esfolar, arranhar, tirar a pele’ (exemplos retirados de QUINT, 2000a: 73, 84, 116).

Já os clusters com três elementos começavam obrigatoriamente com $*/s/$, tendo como segundo elemento uma oclusiva e terminando com $*/r/$, como se pode ver

em *SPRITU* *['spri.tu] ‘espírito’, *STRUMU* *['stru.mu] ‘estrume, adubo’, *SKREBI* *['skre.bi] ‘escrever’ (exemplos retirados de QUINT, 2000a: 73, 100, 122).

5.1.2.3.3 Coda

No kabuverdianu clássico, a posição de coda podia ser ocupada pelas consoantes */l, r, s/ e pelos glides (*[j, w]) no caso de ditongos decrescentes, mesmo quadro encontrado na variedade moderna. Exemplos dessas consoantes na coda aparecem em (16) (exemplos retirados de QUINT, 2000a: 95, 106, 119; as consoantes em coda estão sublinhadas na transcrição fonética):

- (16) a. */l/: *LANSÓL* *['lẽ.sɔl] ‘lençol’;
 b. */r/: *MUDJÉR* *['mu.'dʒɛr] ‘mulher’;
 c. */s/: *FÉSTA* *['fɛs.tɐ] ‘festa’;
 d. *[j]: *MAI* *['mɐj] ‘mãe’;
 e. *[w]: *NAU* *['nɔw] ‘não’.

Assim como no kabuverdianu moderno (conforme apêndice B), a variedade clássica não permitia clusters ocupando a posição de coda.

5.1.2.4 Acento

De acordo com Quint (2000a: 71-73), o acento no kabuverdianu clássico só podia ser de dois tipos: oxítono e paroxítono, como se observa, respectivamente, nos exemplos *MUDJÉR* *['mu.'dʒɛr] ‘mulher’ e *BÁKA* *['ba.kɐ] ‘vaca’.

O autor menciona que a variedade clássica apresentava grande resistência a palavras proparoxítonas²⁷. Assim, as palavras provenientes do português com

²⁷O protocioulo do Golfo da Guiné também não possuía palavras proparoxítonas (BANDEIRA, em elaboração).

acento antepenúltimo tornavam-se paroxítonas por meio de alguns processos, como (QUINT, 2000a: 72-73; exemplos retirados desse autor):

- (17) a. Síncope da vogal pós-tônica. Ex.: PT dos séculos XVI e XVII *abóbora* *[e.'bɔ.bu.rɐ] > KVC *BÓBRA* *['bɔ.brɐ]²⁸ 'abóbora', PT dos séculos XVI e XVII *fôlego* *[fo.li.gu] > KVC *FOLGU* *['foɫ.gu] 'fôlego';
- b. Síncope da vogal pós-tônica, seguida da transformação de /d/ > /r/, como se vê em PT dos séculos XVI e XVII *dívida* *['di.vi.dɐ] > KVC *DIBRA* *['di.brɐ] 'dívida', PT dos séculos XVI e XVII *hóspede* *['ɔs.pi.di] > KVC *ÓSPRI* *['ɔs.pri] 'hóspede';
- c. Síncope da vogal pós-tônica e assimilação da consoante posterior a ela. É o caso, por exemplo, de PT dos séculos XVI e XVII *pólvora* *['pɔɫ.vu.rɐ] > KVC *PÓLBA* *['pɔɫ.bɐ] 'pólvora', PT dos séculos XVI e XVII *pássaro* *['pa.sa.ru] > KVC *PASU* *['pa.su] 'pássaro'.

Com o passar do tempo, a língua passou a admitir palavras proparoxítonas, havendo, no kabuverdianu moderno, casos de variação entre palavras com acento penúltimo e antepenúltimo, como se observa em *dibra* ~ *díbida*, *óspri* ~ *óspidi*, *figu* ~ *figadu*.

Esse rejeição do kabuverdianu clássico às proparoxítonas deve ser investigada com mais detalhes, uma vez que, em alguns casos, é possível que a síncope já tenha ocorrido no próprio português, que atesta formas como *bóbra* (em lugar de *abóbora*), *numbru* (em lugar de *número*) e *musga* (em lugar de *música*). Além disso, em todos os exemplos mencionados por Quint (2000a: 72-73), as sílabas resultantes depois da ocorrência das síncope são bem-formadas, respeitando as regras relacionadas à estrutura silábica. O autor não discute, por exemplo, casos como o do PT *médico*, no qual o apagamento de qualquer elemento não resulta em sílabas bem-formadas nem em português, nem em kabuverdianu. Assim, exemplos como esse devem ser verificados a fim de descobrir se de fato o kabuverdianu era relutante a toda e qualquer palavra proparoxítona ou se essa resistência estava circunscrita a alguns casos.

²⁸Nesse caso, ocorreu também aférese de [a].

5.1.3 Comparação entre as variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu

O cotejo dos dados do papiamentu e do kabuverdianu clássicos teve como base as características fonológicas das duas línguas, apresentadas nas seções 5.1.1 e 5.1.2, respectivamente. A partir das convenções gráficas usadas no *Woordenlijst*, observa-se que o quadro fonológico proposto em 5.1.1.1 era o vigente para o papiamentu clássico. Com relação às vogais, Araujo (2011: 215-216, 226-228, 239-241) exhibe um sistema assimétrico com seis segmentos, sem /ɔ/ (*i, e, ε, a, o, u/), o que pode indicar que, no papiamentu clássico, */ε/ variava com */e/, havendo, inicialmente, um sistema com 5 vogais. O fato de a vogal */ε/ aparecer somente em um dos documentos religiosos analisados (o de 1833) reforça esse posicionamento²⁹. Com relação às consoantes, o quadro era composto pelos seguintes segmentos: */p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, x, tʃ, m, n, ɲ, l, ʎ, r/. No que diz respeito à lateral palatal (*ʎ/), sua presença na língua já era bastante restrita, sendo em geral substituída por *[j]. Já com relação ao kabuverdianu clássico, no âmbito das vogais, as médias-baixas (*[ε] e *[ɔ]) já eram usadas, sendo possível conjecturar que o estágio inicial em que a língua possuía somente cinco vogais (*i, e, a, o, u/) havia sido ultrapassado. Quanto à vogal central, a partir das pistas gráficas, não é possível tirar nenhuma conclusão definitiva sobre a existência de duas vogais (*[a] e *[e]) ou de apenas uma. No que tange às consoantes, a variedade clássica apresentava os seguintes fonemas: */p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, tʃ, dʒ, m, n, ɲ, l, r, ʎ/. Diferentemente do quadro postulado por Quint (2000a: 125), nos dados analisados, a nasal velar não esteve presente e apareceram ainda */z, v, ʎ/. Com relação à nasal velar, sua

²⁹Estabelecer o inventário das vogais médias do papiamentu clássico é uma questão complexa. Araujo (2011: 215-216, 226-228, 239-241) considera */ε/ como fonema da língua. Os dados do *Woordenlijst*, contudo, sugerem a ausência da vogal anterior média-baixa. Diante desse cenário, havia duas possibilidades: propor um sistema com cinco vogais (*i, e, a, o, u/) ou um com seis vogais (*i, e, ε, a, o, u/). O quadro com cinco vogais entra em conflito com a análise dos documentos religiosos, mais antigos, em que a vogal média-baixa foi registrada. Já o inventário com seis segmentos traz a questão da assimetria nas vogais médias-baixas (pois falta /ɔ/), porém está mais próximo do sistema de sete vogais do kabuverdianu clássico. Diante disso, nesta tese, optou-se por adotar o sistema vocálico com seis segmentos.

ausência era esperada em virtude de essa consoante, segundo Quint (2000a: 118), não ser usada em palavras de étimo português, que formam a maior parte (senão todos) dos dados elencados para discutir a variedade clássica. Quanto às fricativas sonoras, em muitos casos, */z/ e */v/ variavam, respectivamente, com */s/ e */b/, o que parece sugerir que se tratava de uma inclusão recente na língua. Já a lateral palatal apareceu somente em duas palavras: *OLHÁ*, *OLHA* *[o.ˈʎa] ~ *[ˈo.ʎa] ‘ver, olhar, enxergar’ e *MILHOR* *[mi.ˈʎor] ‘melhor, de preferência’ e ainda havendo a possibilidade de variação com formas sem a lateral: *OJÂ*, *ÔJÂ*, *OJA*, *OIÂ*, *OJHA*, *OJHÂ* *[ˈo.ja] ~ *[ˈo.dʒa] e *MIJÓR*, *MIJOR*, *MIJHOR* *[mi.ˈdʒor] ~ *[mi.ˈdʒɔr]. Essa alternância parece sugerir que também se tratava de um desenvolvimento recente na língua. A fricativa palatal sonora (/ʒ/), por seu turno, de fato não existia na variedade clássica do kabuverdianu como se depreende dos comentários dos autores consultados. Costa & Duarte (1967 [1886]: 246), por exemplo, apontam que o <J> remete ao som que esse grafema tem no inglês (ou seja, uma consoante africada). Já Schuchardt (1888: 313) afirma explicitamente que <JH> deve ser pronunciado como *[dʒ]. Considerando essas pequenas alterações nos sistemas vocálico e consonantal do kabuverdianu clássico, os aspectos fonológicos adotados na comparação do papiamentu e do kabuverdianu clássicos podem ser sumarizados no Quadro 3:

—		Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico
Fonemas	Vogais	*/i, e, ε, a, o, u/	*/i, e, ε, a, ɔ, o, u/
	Consoantes	*/p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, x, tʃ, m, n, ɲ, l, ʎ, r/	*/p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, tʃ, dʒ, m, n, ɲ, l, ʎ, r/
Sílabas	Núcleo	*/i, e, a, o, u/, *[ĩ, ẽ, ẽ, õ, û]	*/i, e, ε, a, ɔ, o, u/, *[ĩ, ẽ, ẽ, õ, û], */N/
	Onset: simples e clusters	*/p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, x, tʃ, m, n, ɲ, l, ʎ, r/, *[ks, j, w] */pl, pr, bl, br, tr, dr, kl, kr, gl, gr, fl, fr, vr, sp, st, sk/	*/p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, dʒ, m, n, ɲ, l, ʎ, r/ */pr, br, tr, dr, kr, gr, fl, fr, sp, st, sk, spr, str, skr/
	Coda: simples e clusters	*/p, b, t, d, k, g, f, s, x, m, n, l, r/, *[z, j, w] */st, rt, rf, rs, ns/	*/l, r, s/, *[j, w] —
Acento		Proparoxítono, paroxítono e oxítono	Paroxítono e oxítono

Quadro 3: Comparação entre os aspectos fonológicos do papiamentu e do kabuverdianu clássicos.

Observando o quadro 3, pode-se concluir que o papiamentu e o kabuverdianu clássicos apresentavam características convergentes com relação aos seus sistemas fonológicos. No que tange ao quadro vocálico, considera-se que o papiamentu clássico apresentava seis vogais (*/i, e, ε, a, o, u/), seguindo Araujo (2011)³⁰, e que o kabuverdianu clássico possuía sete (*/i, e, ε, a, ɔ, o, u/). A única diferença entre os dois sistemas é a vogal posterior média-baixa (*/ɔ/). Considerar o sistema proposto por Araujo (2011) cria uma assimetria (na medida em que, no âmbito das vogais médias-baixas, somente */ε/ foi documentado), contudo deixa mais claras as convergências entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos. Ainda no âmbito das vogais, as duas línguas admitiam também suas realizações nasalizadas (*/ĩ, ẽ, ẽ, õ, û/). Quanto às consoantes, o quadro das oclusivas (*/p, b, t, d, k, g/), das fricativas labiais e dentais (*/f, v, s, z/), das nasais (*/m, n, ɲ/) e das líquidas (*/l, ʎ, r/) é compartilhado pelas duas línguas. Com relação à estrutura silábica, os segmentos

³⁰Conforme mencionado em 5.1.1.1 e nesta seção, o *Woordenlijst* sugere apenas cinco vogais, lembrando que o papiamentu moderno possui um quadro com nove fonemas (conforme discussão sobre as vogais no apêndice A).

do núcleo eram semelhantes, bem como as consoantes do onset (tanto as simples, quanto os clusters com dois elementos, sendo o segundo */l/ ou */r/). No que tange ao acento, palavras paroxítonas e oxítonas estavam presentes tanto no papiamentu clássico quanto no kabuverdianu clássico.

Ao lado das similaridades, o quadro 3 mostra também divergências entre as duas línguas. Com relação ao quadro vocálico, como apontado no parágrafo anterior, o kabuverdianu clássico apresentava a vogal posterior média-baixa (*/ɔ/), ausente no papiamentu clássico. No que tange às consoantes, há segmentos exclusivos de cada uma das duas línguas: o papiamentu clássico possuía */ʒ, x/, ao passo que, no kabuverdianu clássico, havia */dʒ/. Na posição de núcleo, além de admitir as vogais médias-baixas, o kabuverdianu clássico permitia ainda a nasal silábica. Já como onset simples, no papiamentu clássico, era possível */x, tʃ/ e *[ks, j, w], que não ocorriam em kabuverdianu clássico. Essa língua admitia ainda, na posição de onset, a ocorrência de clusters com três elementos (*/spr, str, skr/), o que não era permitido no papiamentu clássico. Com relação à coda, o papiamentu clássico aceitava um maior número de segmentos do que o kabuverdianu clássico, tolerando inclusive clusters nessa posição (o que não se verifica no kabuverdianu clássico). Por fim, no que tange ao acento, havia palavras proparoxítonas no papiamentu clássico, que estavam ausentes do kabuverdianu clássico. Essas diferenças nos quadros fonológicos das duas línguas enfraquecem a hipótese de que o papiamentu seria um descendente direto do kabuverdianu, como proposto por Jacobs (2012a). Se o papiamentu fosse uma língua transplantada do continente africano, não poderia haver tantas divergências no nível da fonologia sem uma influência massiva do contato linguístico. Assim, foi o contato do papiamentu com o português dos sefarditas, com o holandês e com o espanhol que promoveu essas mudanças, sendo necessário considerar a atuação de outros segmentos na configuração da língua caribenha. Essa participação de diferentes grupos fica evidenciada no quadro fonológico das vogais. Comparando o papiamentu clássico — tanto com base em Araujo (2011), como no *Woordenlijst* — com o papiamentu moderno, observa-se que o inventário vocálico atualmente é mais amplo, apresentando 9 segmentos (/i, y, e, ɛ, ø, a, ɔ, o, u/)

(cf. discussão sobre as vogais no apêndice A) sobretudo devido ao contato com o holandês nos últimos 200 anos.

Conforme mencionado na seção 2.1 do capítulo 2, a principal fonte do papiamentu clássico foi o *Woordenlijst* (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859]). O levantamento dos dados nesse material culminou num total de 2.566 vocábulos (incluindo itens lexicais e funcionais) (ver anexo A). Com relação ao kabuverdianu clássico, os dados foram retirados de Coelho (1967a [1880]), Costa & Duarte (1967 [1886]), Brito (1967 [1887]) e Schuchardt (1888). O *corpus* dessa língua é formado por 562 vocábulos isolados, que abrangem palavras lexicais e funcionais, além de textos e várias sentenças.

A comparação dos dados do papiamentu clássico (PPC) com seus correspondentes no kabuverdianu clássico (KVC)³¹ revelou diversas similaridades no âmbito das palavras funcionais (pronomes, preposições, conjunções, advérbios, entre outros), como se observa nos quadros (4) a (12)³².

No que tange ao sistema pronominal (Quadro 4), a despeito de existirem muitas semelhanças, foram observadas também diferenças em duas pessoas do discurso:

³¹Com relação a alguns vocábulos, as obras consultadas mencionam as ilhas ou grupos de ilhas em que uma determinada variante era usada. Considerando que, nesta tese, a variedade falada em Santiago é de maior relevância, serão elencadas somente as formas consideradas como gerais do arquipélago e as específicas das ilhas de Sotavento e de Santiago, desconsiderando as variantes próprias das demais ilhas (muitas vezes, bastante divergentes).

³²As obras de onde os dados das variedades clássicas (tanto do papiamentu quanto do kabuverdianu) foram retirados não trazem as suas representações fonéticas. Manter esse posicionamento de apresentar somente as grafias poderia trazer prejuízos para a análise, já que a forma gráfica nem sempre deixa clara a representação fônica. Ademais, formas podem ser distantes na escrita por diferença gráfica e de decisão de representação. A fim de chegar a conclusões mais acuradas, as pronúncias dos vocábulos foram reconstruídas (e, em virtude disso, são antecedidas por um asterisco) a partir da análise dos sistemas fonológicos e padrões vigentes nas duas línguas (conforme discutido nas seções 5.1.1 e 5.1.2). Desse modo, a despeito de partir de dados de língua escrita, a comparação se baseia nas correspondências fonéticas e semânticas entre os vocábulos e é feita com o objetivo de demonstrar as semelhanças existentes entre as duas variedades linguísticas. As similaridades no nível funcional são privilegiadas, uma vez que, segundo Jacobs (2012a: 10-11, 51-267), elas seriam indicativas de uma origem comum. Além de discutir os pontos convergentes, algumas diferenças são apontadas, em geral resultantes de padrões e regras distintos nas duas línguas. Assim, certas diferenças sistemáticas são discutidas com relação a cada quadro.

a 2^a e a 3^a pessoas do plural. Para se referir à 2^a pessoa do plural, o papiamentu clássico fazia uso da forma **(A)BOSO**, ao passo que o kabuverdianu clássico empregava *(A)NHÔS*. Essas duas formas são derivadas de étimos distintos: enquanto a forma do papiamentu clássico era proveniente do português *vosso* ou espanhol dos séculos XV e XVI *vosso*, o kabuverdianu clássico adotou uma palavra derivada do português *senhores*. Segundo Jacobs (2012a: 88), essa diferença não deveria causar estranhamento, visto que, nos raros casos em que as mudanças induzidas pelo contato atingem elementos pronominais, elas ocorrem nas formas de tratamento. Além disso, em contextos mais formais ou mesmo nos casos em que há um distanciamento entre os interlocutores, em papiamentu clássico, também havia um vocábulo derivado de um pronome de tratamento para a 2^a pessoa do singular, o **SJON**, que corresponde ao kabuverdianu clássico *NHÔ*, *NHOR*, *NHU*, *NHÚ*, *NHO*, *NHA*. Nessa língua, foram encontradas ainda formas no plural, a exemplo de *NHORIS*, *SIORIS*, *NHÁRAS*, *SIORAS*. Deve-se pontuar que, para alguns vocábulos do kabuverdianu clássico (como é o caso dos pronomes de tratamentos), há diferenças entre as formas de masculino e feminino, o que é bastante raro (quase inexistente) no papiamentu clássico. Uma possível justificativa para essa diferenciação seria a influência do português, língua que continuou a ser falada no arquipélago mesmo após a independência e único veículo oficial de instrução até os dias atuais. Outra diferença no âmbito dos pronomes encontra-se na 3^a pessoa do plural: **(A)NAN** em papiamentu clássico e *(A)ÊS*, *ĒSS* no kabuverdianu clássico. Conforme já discutido na seção 4.3.1 do capítulo 4, a forma do papiamentu, que também funciona como morfema pluralizador de nomes, teria como étimo alguma língua africana, possivelmente as do grupo kwa; além disso, formas semelhantes ao **nan** também possuem a mesma função nos crioulos de base portuguesa do Golfo da Guiné. A forma do kabuverdianu clássico, por seu turno, seria derivada do pronome de 3^a pessoa do plural do português *eles*.

Pessoa do discurso	Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico
1s	(A)MI *['mi] ~ *['a.mi]	MI, MÍ, MIN, AMI, AMIN, Á MÍ, A MI, IN, Ì, MIN, MÌ, UM, UN, EN, N, 'N *[(a)'.mi] ~ *[(a)'.mĩ(ŋ)] ~ *['ĩ(ŋ)] ~ *['ẽ(ŋ)] ~ *['ũ(ŋ)] ~ */N/
2s	(A)BO *[(a)'.bo]	BO, BÓ, BU, ABU *['bo] ~ *['bɔ] ~ *[(a)'.bu]
2s (formal)	SJON *['ʃõ(ŋ)]	NHÔ, NHOR, NHU, NHÚ, NHO, NHA *['no(r)] ~ *['nu], *['na]
3s	E, É, EL *['e] ~ *['eɫ]	ÊL, ÉL, AÊL, Ê *[(a)'.eɫ] ~ *['ɛɫ] ~ *['e]
1PL	(A)NOS *[(a)'.nos]	NÓS, NÚ, NU, NÔ, NÔS, NO, ANÔS *[(a)'.nos] ~ *['nɔs] ~ *['no] ~ *['nu]
2PL	(A)BOSO *[(a)'.bo.so]	NHÔS, ANHÔS *[(a)'.nos]
2PL (formal)	—	NHORIS, SIORIS, NHÁ-RAS, SIORAS *['no.ris] ~ *['sjo.ris], *['na.ras] ~ *['sjo.ras]
3PL	(A)NAN *[(a)'.nẽ(ŋ)]	ÊS, AÊS, ĒSS *[(a)'.es]

Quadro 4: Pronomes do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

No âmbito das preposições (Quadro 5), a principal diferença diz respeito aos significados de ‘para’ e ‘por’, que eram veiculados em papiamentu clássico apenas pela forma **PA**, sendo o contexto o responsável por indicar qual era o sentido mais apropriado. No kabuverdianu clássico, por seu turno, havia uma forma para cada significado: *PÂ*, *PA*, *PÁ*, *PAN*, *PRA*, *P’RA* ‘para’ e *POR*, *PUR* ‘por’.

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
DI *['di]	<i>DI, DE</i> *['di]	‘de’
FOR (Ó) DES DI/DESDI *['for] / *['dez.di]	<i>DÊS, DÊSDE, DESDI</i> *['des] ~ *['dez.di]	‘de, desde’
KOE *['ku]	<i>CU, CÚ, CÛ, KU, CO,</i> <i>CON, CUM</i> *['ku] ~ *['ko] ~ *['kõ(ŋ)] ~ *['kũ(ŋ)]	‘com’
KONTRA *['kõ.tra]	<i>CONTRA, KÕNTRA</i> *['kõ.tra]	‘contra’
NA *['na]	<i>NA / EM, EN, Ê</i> *['na] / *['ẽ(ŋ)]	‘ao, em, por, para, dentro’
PA *['pa]	<i>PÂ, PA, PÁ, PAN, P'RA</i> *['pa] ~ *['pã(ŋ)] ~ *['pra]	‘para’
PA *['pa]	<i>POR, PUR</i> *['por] ~ *['pur]	‘por’
TÊ *['te]	<i>TI, TÊ, ATÊ, TÊ</i> *['ti] ~ *['(a).te] ~ *['tɛ]	‘até’

Quadro 5: Algumas preposições do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

Dentre os interrogativos (Quadro 6), num conjunto de características convergentes, chama a atenção o fato de, no kabuverdianu clássico, ter estado em uso uma forma monomorfêmica para ‘quando’ (*QANDO, CANDO*), já que, na variedade moderna, predomina uma expressão bimorfêmica (*ki ora/dia/tempu* como visto na seção 4.3.1 do capítulo 4), como é o caso do papiamentu clássico **KI TEM**. A homofonia entre o interrogativo e a conjunção poderia explicar essa diferença entre as duas línguas, sendo necessário buscar contextos em que não haja ambiguidades nas funções para confirmar ou não essa hipótese. Além disso, para se referir a ‘(o) que’, o papiamentu clássico recorria a uma forma oriunda do sintagma português *que coisa*/espanhol *qué cosa* (ocorrendo apócope da sílaba final), ao passo que o kabuverdianu clássicos fazia uso de um vocábulo proveniente do português *coisa*.

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
KENDE *['kẽ.de]	<i>QUEN, QUEM, QUÊN, KÊ, QUÊNHÊ</i> *['kẽ(ŋ)] ~ *['kẽ.ɲe]	‘quem’
KI *['ki]	<i>QUI, QUE</i> *['ki]	‘(o) que’
KI TEM *['ki] *['tẽ(ŋ)]	<i>QANDO, CANDO</i> *['kã.du]	‘quando’
KIKO *['ki.ko]	<i>CUSA, CUZA</i> *['ku.sa] ~ *['ku.za]	‘(o) que’
KWANTOE *['kwẽ.tu]	<i>CANTO, QANTO</i> *['kẽ.tu]	‘quanto(s)’
OENDA *['ũ.da]	<i>UNDE, UNDÊ, UNDI, ÚNDO, ÔDI, DON</i> *['ũ.de] ~ *['ũ.'de] ~ *['ũ.di] ~ *['ũ.du] ~ *['õ.di] ~ *['dõ(ŋ)]	‘onde’

Quadro 6: Alguns interrogativos do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

No que diz respeito às conjunções (Quadro 7), há duas características divergentes notáveis. Para veicular a ideia de explicação ou causa (‘porque’), o papiamentu clássico utilizava a forma **PASOBRA**. Já em kabuverdianu clássico, eram encontrados os seguintes vocábulos: *PAMÓDE, PAMÔDE, PAMODI, PAMÓDI, PÓMÓDI / PRAQUÊ / PORQUI, PORQUE / PORIS / PA BIA DE*. Além disso, a conjunção integrante em papiamentu clássico era **KOE**, e em kabuverdianu clássico, *MA, MÂ, CUMÂ, COMÂ*. Lang (2015) faz uma análise dos complementizadores dos crioulos portugueses da Alta Guiné que teriam derivado do português dos séculos XV e XVI *coma* ‘como’ e menciona que é comum, nas línguas do mundo, partículas inicialmente modais se converterem em complementizadores (LANG, 2015: 221), como ocorreu em kabuverdianu. Para Lang (2015: 228-230), nos primórdios do kabuverdianu, *kumâ, kma* e *ma* apresentavam uma dupla função: partículas modais e complementizadores. A perda da função modal desses elementos possivelmente foi desencadeada mais tarde pela generalização de uma nova partícula modal (*sima, suma*) e o subsequente empréstimo de uma palavra portuguesa (*como*, nativizada no arquipélago sob a forma *komu*). No papiamentu, por seu turno, não se observa essa relação entre partículas modais e complementizadores, já que, na variedade clássica, a conjunção integrante era **KOE** (mantendo-se na variedade moderna — **ku**) e a partícula modal era **KOM, KOMO** (atualmente **kon**).

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
ASINA PRES KOE *[a.'si.na] *['pres] *['ku]	<i>LOGO QUI, LOGO QUE / QUÊ L'OR QUI, QUEL'HORA / ASSIN QUE</i> *['lo.gu] *['ki] / *['ke.'lo.ra] *['ki] / *['a.'sĩ(ŋ)] *['ki]	‘logo que, assim que’
I *['i]	<i>E, Ê, I</i> *['e] ~ *['i]	‘e’
KOE *['ku]	<i>MA, MÂ, COMÂ, CUMÂ</i> *['ma] ~ *['ko.ma] ~ *['ku.ma]	‘que (conjunção integrante)’
KOM, KOMO *['kõ(ŋ)] ~ *['ko.mo]	<i>CUMÂ, COMÂ, MÂ, MA, MÁ / SIMÂ, SÍMA, SIMA</i> *['ku.ma] ~ *['ko.ma] ~ *['ma] / *['si.ma]	‘como’
MA *['ma]	<i>MAS, MÂS, MÂ</i> *['mas] ~ *['ma]	‘mas, porém’
MODI *['mo.di]	<i>MÓDE, MODE, MODI, MÓDI, MODO, MÔDO, MÓ</i> *['mo.di] ~ *['mɔ.di] ~ *['mo.do] ~ *['mɔ]	‘como’
O, Ó, Ô ~ OF *['o] ~ *['of]	<i>OU, Ô, Ó</i> *['o] ~ *['ɔ]	‘ou’
ORA KOE *['ora] *['ku]	<i>ÔQUE, O QUE / QANDO, CANDO</i> *['o.ki] / *['kã.du]	‘quando’
PASOBRA *['pa.'so.bra]	<i>PAMÓDE, PAMÔDE, PAMODI, PAMÓDI, PÓMÓDI / PRAQUÊ / PORQUI, PORQUE / PORIS / PA BIA DE</i> *['pa.'mo.di] ~ *['pa.'mɔ.di] ~ *['pɔ.'mɔ.di] / *['pra.'ke] / *['por.'ki] ~ *['por.'ke] / *['po.ris] / *['pa.'bja] *['di]	‘porque’
SI *['si]	<i>SI, SE</i> *['si]	‘se, em caso de’

Quadro 7: Algumas conjunções do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

Quanto aos determinantes (Quadro 8), o papiamentu clássico fazia uso de formas bimorfêmicas: **ESAI** (**ES** + **AI**) e **ES... AQUI**, **ESAKI** (**ES** + **AQUI**, **AKI**). O kabuverdianu clássico, por seu turno, fazia um uso mais recorrente de palavras

monomorfêmicas — *ÊS*, *ÉS* / *QUÊL'*, *AQUÊL'*, *AQUEL'*, *ACHÊL'*, *ACHEL'* e *ÊSS'*, *ESS'*, *ESS*, *ÊS* —, havendo apenas uma variante com dois morfemas (*ÊS LI*). Essa peculiaridade do papiamentu é apontada por Grant (2008a: 70) como uma inovação da língua. Jacobs (2012a: 134-139), por seu turno, encontra similaridades entre o sistema de dêiticos do papiamentu e aquele dos crioulos portugueses da Alta Guiné em suas variedades modernas.

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
ES *['es]	<i>ÊS</i> *['es]	'1. esse, essa, 2. o, a'
ESAI *['e.'saj]	<i>ÊS</i> , <i>ÉS</i> / <i>QUÊL'</i> , <i>QUEL</i> , <i>AQUÊL'</i> , <i>AQUEL'</i> *['es] ~ *['ɛs] / *[(a).'keɫ]	'esse, essa, isso'
ES... AQUI , ESAKI *['e.'sa.ki]	<i>ÊSS'</i> , <i>ESS'</i> , <i>ESS</i> , <i>ÊS</i> / <i>ÊS LI</i> *['es] / *['es] *['li]	'este, esta, isto'
OEN *['ũ(ŋ)]	<i>UN</i> , <i>UM</i> , <i>ÚN</i> , <i>ÛN</i> , <i>Û</i> *['ũ(ŋ)]	'um(a)'

Quadro 8: Alguns determinantes do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

No âmbito dos elementos locativos (Quadro 9), observam-se dois traços característicos do papiamentu clássico: (i) a presença da vogal *['a] no começo dos vocábulos, processo também verificado em palavras de outros campos semânticos; (ii) a apócope de segmentos, como em **ADEN**, **DEN** e **AFOR**, **AFOOR**, **FOR**. Esse apagamento de sílabas ou fonemas em posição final de palavra era comum no papiamentu clássico, ocorrendo em itens lexicais e funcionais.

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
ADEN, DEN / DENTER *[(a).dẽ(ŋ)] / *['dẽ.tər]	<i>DENTRO, DENTO, DÊNTO, DENTE, DÊTU</i> *['dẽ.tru] ~ *['dẽ.tu] ~ *['dẽ.ti]	‘em, dentro (de)’
AFOR, AFOOR, FOR *[(a).for]	<i>FORA, FÓRA</i> *['fɔ.ra]	‘fora, para fora’
ARIBA *['a.ri.ba]	(<i>DI</i>) <i>RIBA</i> *['ri.ba]	‘sobre, acima, para cima, em cima’
ATRAS *['a.tras]	<i>TRÂS</i> *['tras]	‘atrás, para trás’

Quadro 9: Alguns elementos locativos do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

Dentre os elementos temporais (Quadro 10), os indefinidos (Quadro 11) e outros itens funcionais (Quadro 12) convergentes, não foram observadas diferenças consideráveis entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos.

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
MANJAAN, MAN-JANA *['ma.ɲẽ(ŋ)] ~ *['ma.ɲa.na]	<i>MANHÃ, MANHÂ</i> *['mẽ.ɲẽ(ŋ)]	‘amanhã’
OTRO MANJAAN *['o.tro.ma.ɲẽ(ŋ)]	<i>ÔTR'AMANHÃ</i> *['o.tra.mẽ.ɲẽ(ŋ)]	‘dia depois de amanhã’
YA / KABA *['ja] / *['ka.ba]	<i>JA, JÂ, JÁ, JHÂ, JHA, JHÂ</i> *['dʒa]	‘já’

Quadro 10: Alguns elementos temporais do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

Papiamentu clásico	Kabuverdianu clásico	Glosa
ALGOEN *[aɫ.ˈgũ(ŋ)]	<i>ALGUN</i> , <i>ALGÛ</i> *[aɫ.ˈgũ(ŋ)]	‘algum’
KADA *[ˈka.da]	<i>CADA</i> , <i>KADA</i> *[ˈka.da]	‘cada’
MAS *[ˈmas]	<i>MÁS</i> , <i>MAS</i> , <i>MÂS</i> , <i>MÁ</i> , <i>MAIS</i> *[ˈma(s)] ~ *[ˈmajɫ]	‘mais’
MENOS *[ˈme.nos]	<i>MENOS</i> *[ˈme.nus]	‘menos’
NADA *[ˈna.da]	<i>NADA</i> , <i>NÁDA</i> *[ˈna.da]	‘nada’
NINGOEN *[ni.ˈgũ(ŋ)]	<i>NIUM</i> , <i>NIÛN</i> , <i>NIÛ</i> *[ni.ˈũ(ŋ)]	‘nenhum’
OTRO *[ˈo.tro]	<i>ÔTO</i> , <i>ÔTU</i> , <i>OTO</i> *[ˈo.tu]	‘outro’
POKO *[ˈpo.ko]	<i>POUCO</i> , <i>PÔCO</i> , <i>PÔKU</i> , <i>POUCA</i> *[ˈpo.ku], *[ˈpo.ka]	‘pouco’
TANTOE *[ˈtẽ.tu]	<i>TANTO</i> , <i>TÃTU</i> *[ˈtẽ.tu]	‘1. tanto, muito, 2. en- quanto, desde que’
TOER *[ˈtur]	<i>TUDO</i> , <i>TUDU</i> / <i>FÊPO</i> , <i>FÉPO</i> , <i>FÉPU</i> *[ˈtu.du] / *[ˈfe.pu] ~ *[ˈfɛ.pu]	‘1. tudo, 2. todo(s)’

Quadro 11: Alguns indefinidos do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

Papiamentu clássico	Kabuverdianu clássico	Glosa
AÏNDA *[a.ĩ.da]	<i>INDA, ÌDA</i> *[ĩ.da]	‘ainda’
ANTO *[ẽ.'to]	<i>ANTON, ANTAN</i> *[ẽ.'tõ(ŋ)] ~ *[ẽ.'tẽ(ŋ)]	‘então’
KOE *['ku]	<i>QUI, KI</i> *['ki]	‘que (pronome relativo)’
MAL *['maɫ]	<i>MÂL / FÊDE</i> *['maɫ] / *['fe.di]	‘mal’
MEES *['mes]	<i>MESMO, MÉSMO, MÉSMU, MÉ</i> *['mez.mu] ~ *['mɛz.mu] ~ *['mɛ]	‘mesmo’
NI *['ni]	<i>NIN, NÊN, NEN, NI</i> *['nĩ] ~ *['nẽ] ~ *['ni]	‘nem’
NO *['no]	<i>NÁU, NÁO, NAU, NON, NAO, NÃO</i> *['naw] ~ *['nõ(ŋ)] ~ *['nẽw]	‘não’
NOENKA *['nũ.ka]	<i>NUNCA</i> *['nũ.ka]	‘nunca’
SEMPER *['sẽ.pər]	<i>SÉNPRE, SEMPRES</i> *['sẽ.pre]	‘sempre’
SIN *['sĩ(ŋ)]	<i>SIN, SEN, SÊN</i> *['sĩ(ŋ)] ~ *['sẽ(ŋ)]	‘sem’
SINO *['si.no]	<i>SINON</i> *['si.nõ(ŋ)]	‘senão, do contrário’
SOOL *['soɫ]	<i>SÓ, SÔ</i> *['sɔ] ~ *['so]	‘só (1. sozinho, 2. único, somente)’
TAL BÊS / PODISER *[taɫ.'bes] / *[po.di'ser]	<i>TÂLBÊS, TALVÊS</i> *[taɫ.'bes] ~ *[taɫ.'ves]	‘talvez’
TAMBÊ *[tẽ.'be]	<i>TANBÊ, TAMBÊ, TAM-BÊN</i> *[tẽ.'be] ~ *[tẽ.'bɛ] ~ *[tẽ.'bẽ(ŋ)]	‘também’
TROBÊ *[tro.'be]	<i>ÔTO BÊS</i> *[o.tu.'bes]	‘de novo, outra vez’

Quadro 12: Outros elementos funcionais do papiamentu clássico e do kabuverdianu clássico.

De maneira geral, analisando os vocábulos dos quadros (4) a (12), é possível observar que o papiamentu e o kabuverdianu clássicos apresentavam semelhanças consideráveis no que diz respeito aos seus vocábulos funcionais, como pronomes, preposições, interrogativos, conjunções, determinantes, elementos locativos e temporais, indefinidos, entre outros.

Partindo do pressuposto de que as palavras funcionais seriam menos suscetíveis de sofrerem substituição em virtude de sua opacidade semântica (MATRAS,

2009: 153-165), essa grande quantidade de itens do campo funcional provenientes do português no papiamentu é considerada por Jacobs (2012a: 10-11, 51-267) — que menciona muitas das palavras dos quadros (4) a (12) — como uma prova de que esse seria um crioulo de base portuguesa, e não espanhola. Já as similaridades entre o papiamentu clássico e o kabuverdianu clássico seriam indicativas de uma relação entre as duas línguas. Dois comentários devem ser feitos acerca dessas afirmações de Jacobs (2012a). O primeiro diz respeito à etimologia atribuída aos itens funcionais. Conforme discutido nos capítulos 1 e 4, muitas vezes, é difícil estabelecer se um determinado vocábulo do papiamentu provém do espanhol ou do português dadas as semelhanças — tanto na forma quanto no significado — entre as duas línguas. Grant (2008a: 70-71), por exemplo, ao apresentar os étimos prováveis de alguns itens funcionais do papiamentu, considera que **algun**, **mashá**, **ta** (cópula e partícula TMA), **a** (partícula TMA), **i** (conjunção) e **aki** seriam provenientes do espanhol, tendo, respectivamente, os étimos *algún*, *em demasía/demasiado*, *estar*, *haber*, *y* e *aquí*. Em todos os casos, entretanto, uma procedência portuguesa também seria perfeitamente possível, a partir dos seguintes vocábulos: *algun*, *em demasia/demasiado*, *estar*, *haver*, *e* e *aqui*. Essa dupla etimologia (portuguesa e espanhola) é assumida pelo autor para outros vocábulos, como, por exemplo, **e**, **es**, **un**, **unda**, **komo**, **kunto**, **kiko**, **di**, **mas** (intensificador), **pa**, **o**, **mi** e **nos**. Diante dessa dificuldade, nas análises desta tese, o estabelecimento das etimologias ocupa um papel secundário, sendo mais importante sublinhar as similaridades e diferenças entre o papiamentu e as línguas que possam ter contribuído para a sua formação, como o kabuverdianu de Santiago. Esse posicionamento tem implicações na definição da língua lexificadora do papiamentu. Nesta tese, conforme já discutido, defende-se que o papiamentu tem uma base ibero-românica, sendo tanto o português quanto o espanhol relevantes para a configuração da língua caribenha. Uma vez que, desde os seus primórdios, o papiamentu esteve em contato com alguma forma de espanhol (recebendo diversas influências dela), não dá para negar um papel a essa língua, nem atribuir a ela uma importância secundária ou posterior. O segundo ponto a ser mencionado diz respeito a considerar as similaridades entre vocábulos funcionais como indicativas de uma origem comum. Como já discutido na seção 4.3.1 do capítulo 4,

Heine & Miyashita (2009) advogam que as similaridades entre duas línguas não são uma prova categórica de origem comum, podendo ser decorrentes de outros fatores, como o contato linguístico. No caso do papiamentu clássico, considera-se que as semelhanças de seus itens funcionais com aqueles dos kabuverdianu clássico são tão numerosas e aparecem tanto no nível formal quanto no uso que podem de fato lançar luzes sobre a origem da língua. Ademais, esse ponto de vista toma como base não apenas as evidências linguísticas, mas também registros históricos que comprovam a existência de conexões entre a África e o Caribe através do tráfico de escravos, o que certamente se refletiu no âmbito da língua (conforme visto na seção 4.3 do capítulo 4).

Nas palavras funcionais elencadas nos quadros (4) a (12), além das diferenças sistemáticas discutidas após cada quadro, é possível encontrar ainda casos em que as duas línguas compartilham formas semelhantes derivadas do português (ou também do espanhol no caso do papiamentu), juntamente com uma variante própria, como se observa em (18):

- (18) a. PPC **YA** / **KABA** — KVC *JA*, *JÂ*, *JÁ*, *JHÁ*, *JHA*, *JHÁ* ‘já’;
 b. PPC **TAL BÉS** / **PODISER** — KVC *TÂLBÊS*, *TALVÊS* ‘talvez’;
 c. PPC **TOER** — KVC *TUDO*, *TUDU*, *TUDE* / *FÊPO*, *FÉPO*, *FÉPU* ‘1. tudo, 2. todo(s)’;
 d. PPC **MAL** — KVC *MÂL* / *FÊDE* ‘mal’.

Por fim, ainda no âmbito das palavras funcionais, foram encontrados casos em que as diferenças ocorrem em virtude de etimologias distintas — em papiamentu clássico, aparecia uma forma de étimo espanhol ou holandês e, em kabuverdianu clássico, tinha-se uma palavra de étimo português. É o caso, por exemplo, de:

- (19) a. PPC **ABAU**, **BAU** *[a].’baw] (< espanhol *abajo*) — KVC (*DI/PA*) *BÁXO*, *BAXO*, *BÁXU* *[ba.fu] (< português (*em*) *baixo*) ‘baixo, embaixo, para baixo, abaixo’;
 b. PPC **AJA**, **AJI** *[’aja] ~ *[’aj] (< espanhol *allá*, *ahí*) — KVC *LÂ*, *LÁ*, *LA* *[’la] (< português *lá*) ‘ali, lá’;

- c. PPC **DILANTI** *[di.'lẽ.ti] (< espanhol *adelante*) — KVC *DIANTE*, *DIĀTI* *[di.'ẽ.ti] (< português *dian**te*) ‘diante de, em frente a’;
- d. PPC **LEUW** *['lew] (< espanhol *lejos*) — KVC *LONGE*, *LÕJHI* *['lõ.dʒi] (< português *longe*) ‘longe, distante’;
- e. PPC **AJÉRA** *[a.'je.ra] (< espanhol *ayer*) — KVC *HÔNTE*, *ONTE*, *ÔNTE*, *ÕTI* *['õ.ti] (< português *ontem*) ‘ontem’;
- f. PPC **AWÉ** *['a.we] (< espanhol *hoy* / espanhol dos séculos XV e XVI *hue*) — KVC *HOJE*, *OXI*, *HOCHÉ*, *HOJHE* *['o.ʃi] ~ *['o.dʒi] (< português *hoje*) ‘hoje’;
- g. PPC **AWOOR** *[a.'wor] (< espanhol *ahora*) — KVC *AGORA*, *GORA*, *GÓRA*, *AGÔ*, *GÔ*, *GÓ* *[(a).go.ra] ~ *['gɔ.ra] ~ *[(a).go] ~ *['gɔ] (< português *agora*) ‘agora’;
- h. PPC **DESPUES**, **DESPOËS** *[des.'pwes] ~ *[des.'po.es] (< espanhol *después*) — KVC *DIPÔS*, *DISPÔS*, *DISPOS*, *DISPÓ* *[dis.'po(s)] ~ *[di.'pos] (< português *depois*) ‘depois’;
- i. PPC **LAAT** *['lat] (< holandês *laat*) — KVC *TARDE* *['tar.di] (< português *tarde*) ‘tarde’;
- j. PPC **HOPI** *['xo.pi] / *['o.pi] (< holandês *hoop(je)*) ~ **MASJAR** *[ma.'ʃar] (< português/espanhol *em demasi(i)a, demasiado*) — KVC *CHÉO*, *CHÊO*, *CHEU* *['tʃew] ~ *['tʃɛw] (< português *cheio*) ‘muito’;
- k. PPC **MOETSJOE** *['mu.tʃu] (< espanhol *mucho*) — KVC *MUNTO*, *MUITO*, *MUTO*, *MUTU* *['mũ.tu] ~ *['muj.tu] ~ *['mu.tu] (< português *mucho*) ‘muito, bastante’;
- l. PPC **ASIENA** *[a.'si.na] (< espanhol *así*) — KVC *ASSIN*, *ASSIM*, *ASSI*, *SIN*, *SĪ* *[(a).sĩ(ŋ)] ~ *['a.sĩ] (< português *assim*) ‘assim’;
- m. PPC **BIËN** *['bjẽ(ŋ)] (< espanhol *bien*) — KVC *BÊN*, *BEN* *['bẽ(ŋ)] (< português *bem*) / *SÁBE*, *SÂBE*, *SABI* *['sa.bi] (< português *suave*) ‘bem’;
- n. PPC **SI** *['si] (< espanhol *sí*) — KVC *SIN*, *SĪ* *['sĩ] (< português *sim*) ‘sim’.

Em outros casos, as duas línguas recorriam a palavras diferentes do português (ou do ibero-românico no caso do papiamentu), como em:

- (20) a. PPC **AKI** *[a.'ki] (< português *aqui*) — KVC *ALÍ, ALI, LI, LÍ / LISI* *[a.'li] ~ *['li] / *['li.si] (< português *ali (sim)*) ‘aqui’;
- b. PPC **PROMÉ, PROMEER** *[pro.'me(r)] (< português *primeiro*, espanhol *primero*) — KVC *ANTE* *['ẽ.te] (< português *antes*) ‘antes’;
- c. PPC **TEMPRAN** *[tẽ.'prẽ(ŋ)] (< português *temporão*, espanhol *temprano*) — KVC *CEDO, CÊDO, SÉDU* *['se.du] ~ *['sẽ.du] (< português *cedo*) ‘cedo’;
- d. PPC **NO** *['no] (< português *não*, espanhol *no*) — KVC *CÂ, KA, CA* *['ka] (< português *nunca*) ‘não (partícula de negação verbal)’.

Essas diferenças não deveriam ser consideradas como um sinal de descrédito da assertiva de que o papiamentu e o kabuverdianu estariam relacionados entre si, uma vez que, além de aparecerem em menor número, se concentraram no âmbito dos advérbios, classe de difícil definição e, considerando um contínuo entre as palavras funcionais e as lexicais, mais distante das formas prototipicamente funcionais. Ainda assim, essas divergências são importantes e devem ser analisadas. Se o papiamentu descende do kabuverdianu, como propõe Jacobs (2012a), é necessária uma explicação que inclua essa mudança; ou seja, considerando que o papiamentu chega formado a Curaçao, questiona-se o motivo de algumas palavras serem mantidas e outras serem modificadas. Essa situação deixa claro que considerar uma única fonte para os elementos portugueses do papiamentu é inadequado, sendo mais apropriado assumir uma multiplicidade de fatores.

Além de ocorrerem no âmbito do léxico funcional, as semelhanças entre o papiamentu e o kabuverdianu clássicos também foram encontradas em palavras lexicais (como nomes, verbos e adjetivos). Deve-se destacar que há centenas de palavras convergentes entre as duas línguas (como se observa nos dados dos anexos A e B). Além disso, os itens convergentes são palavras de alta frequência, amplamente usadas pelos falantes na comunicação cotidiana.

De acordo com Quint (2000b: 142), a despeito de algumas diferenças, o sistema verbal seria a parte da gramática em que o papiamentu mais se assemelha ao kabuverdianu. Essa afirmação também se aplica aos dados das variedades clássicas, tendo sido encontradas diversas formas iguais ou semelhantes, como se observa em (21):

- (21)
- a. PPC **MANDA**, **MANDÁ** *['mẽ.da] ~ *['mẽ.'da] — KVC *MANDA*, *MANDÁ* *['mẽ.da] 'mandar (1. comandar, ordenar, 2. enviar)';
 - b. PPC **SPLIEKA** *['spli.ka] — KVC *ESPLICÁ* *['es.pli.'ka] 'explicar, interpretar, explicar';
 - c. PPC **BEBÉ** *['be.'be] — KVC *BÊBÊ*, *BEBÊ* *['be.be] ~ *['be.'be] 'beber';
 - d. PPC **SIEGI** *['si.gi] — KVC *SIGUI* *['si.gi] 'seguir, perseguir, continuar, manter, acompanhar';
 - e. PPC **PIEDI** *['pi.di] — KVC *PIDI* *['pi.di] 'pedir, rogar';
 - f. PPC **PRESENTA** *['pre.'sẽ.ta] — KVC *PRISÊTA* *['pri.'sẽ.ta] 'apresentar(-se)';
 - g. PPC **RECOMENDÁ** *['re.ko.mẽ.'da] — KVC *RACOMENDA*, *RACOMENDA* *['ra.ko.'mẽ.da] 'recomendar';
 - h. PPC **MERECÊ** *['me.re.'se] — KVC *MERECÊ* *['me.'re.se] ~ *['me.re.'se] 'merecer';
 - i. PPC **DECIDÍ** *['de.si.'di] — KVC *DISIDI* *['di.si.'di] 'decidir, resolver, determinar';
 - j. PPC **OPRIMI** *['o.'pri.mi] — KVC *OPRIMI* *['o.'pri.mi] 'oprimir, sufocar'.

No que diz respeito ao padrão acentual, a partir do uso de diacríticos nas grafias setecentistas e oitocentistas do papiamentu clássico, é possível conjecturar que o acento dos verbos diferia do sistema moderno (no qual os verbos com duas sílabas são paroxítonos e os com mais de duas sílabas são oxítonos). Assim, independentemente do número de sílabas, encontram-se exemplos de vocábulos verbais oxítonos (**BEBÉ** e **RECOMENDÁ**) e paroxítonos (**SPLIEKA** e **OPRIMI**). Quanto ao kabuverdianu clássico, pode-se supor que o padrão acentual dos verbos também diferia do sistema moderno (segundo o qual os itens verbais são sempre paroxítonos). Essa

afirmação se baseia nas regras gráficas seguidas por cada um dos autores consultados, sendo possível encontrar quatro diferentes marcações: (i) ausência de sinal gráfico, o que parece sugerir que o verbo é paroxítono (como em *SIGUI* e *PRISÊTA*); (ii) uso de diacrítico agudo na sílaba final, que provavelmente indica a vogal tônica, sendo o vocábulo oxítono (como em *ESPLICÁ*); (iii) uso de diacrítico circunflexo na sílaba final, o que pode indicar tanto a natureza da vogal (média-alta) quanto a sílaba tônica, havendo, assim, dúvidas quanto à acentuação do verbo (oxítono ou paroxítono) (a exemplo de *BÊBÊ*, *BEBÊ*, *MERECÊ*). O acento circunflexo na vogal central em sílaba final pode indicar uma vogal diferente de [a] ([ɐ]), contudo, como não se sabe ao certo se nesse estágio já havia duas vogais centrais no kabuverdianu, nas transcrições desta tese, não será feita distinção entre as vogais centrais; (iv) o uso de apóstrofo após o verbo para indicar sua sílaba tônica, tratando-se, então, de um palavra oxítônica (como se observa em *CHAMÁ'* e *DISIDI'*).

As demais diferenças encontradas são reduzidas e, em geral, decorrem de regras e padrões específicos a cada uma das duas línguas. Isso pode ser observado, por exemplo, em algumas diferenças fonéticas, como o uso de *[u] em papiamentu clássico e de *[o] em kabuverdianu clássico nas raízes verbais, a exemplo de PPC **TO-EMA** *[tu.ma] — KVC *TOMÁ* *[to.ma] ‘tomar, pegar’ e PPC **SOETA** *[su.ta] — KVC *SOTÁ*, *SÔTÁ* *[so.ta] ‘açoitar, espancar, surrar, bater, golpear’. Outra diferença diz respeito ao tratamento dado às palavras de étimo português (ou ibero-românico no caso do papiamentu) iniciadas por <em-, en-, im-, in>. Enquanto no papiamentu clássico, a sílaba inicial foi apagada, no kabuverdianu clássico, geralmente ocorreu sua manutenção (da sílaba toda ou, pelo menos, da nasalidade — como no caso de uma das variantes de ‘encontrar’), como se observa em PPC **BARKÁ** *[bar.'ka] — KVC *EMBARCÁ* *[ẽ.'bar.ka] ‘embarcar’ e PPC **FASTIÁ** *[fas.ti.'a] — KVC *INFAS-TIÁ* *[ĩ.'fas.tja] ‘1. repugnar, ficar enjoado, 2. incomodar(-se), aborrecer(-se)’. Há ainda casos em que formas com e sem a aférese variavam no kabuverdianu clássico, como se observa em PPC **KONTRA**, **KONTRÁ** *[kõ.tra] ~ *[kõ.'tra] — KVC *EN-CONTRA*, *NCONTRA*, *KÕTRÁ'* *[ẽ.'kõ.tra] ~ *['ᵛkõ.tra] ~ *[kõ.'tra] ‘encontrar(-se), deparar(-se)’.

Como observado nas palavras funcionais, entre os verbos, também houve casos

em que existem formas diferentes no papiamentu e no kabuverdianu clássicos em virtude de étimos diversos, como se observa em (22) a (24):

(22) Papiamentu clássico: palavra proveniente do espanhol / Kabuverdianu clássico: vocábulo de étimo português

- a. PPC **JORA (PA)** *['jo.ra] (< espanhol *llorar*) — KVC *CHÔRÂ, CHORÂ* *['tʃo.ra] (< português *chorar*) ‘chorar, lamentar’;
- b. PPC **HOEWI, HOEWI** *['xuɟ] ~ *['uɟ] ~ *['xu.i] ~ *['u.i] (< espanhol *huir*) — KVC *FUGI, FUGÍ* *['fu.gi] ~ *['fu.gi] (< português *fugir*) ‘fugir, escapar’;
- c. PPC **HOERA** *['xu.ra] ~ *['u.ra] (< espanhol *jurar*) — KVC *JURA, JHURÂ* *['dʒu.ra] ~ *['dʒu.ra] (< português *jurar*) ‘jurar’;
- d. PPC **MOEHA, MOEHÁ** *['mu.xa] ~ *['mu.'xa] (< espanhol *mojar*) — KVC *MÔJÂ* *['mo.ja] (< português *molhar*) ‘molhar, umedecer’;
- e. PPC **HACI** *['xa.si] ~ *['a.si] (< espanhol *hacer*) — KVC *FAZÊ, FAZE, FAZÊ', FAZÊ', FASSE, FASSÊ* *['fa.'ze] ~ *['fa.ze] ~ *['fa.'zɛ] ~ *['fa.'se] ~ *['fa.se] (< português *fazer*) ‘fazer’;
- f. PPC **PORDONA, PORDONÁ** *['por.'do.na] ~ *['por.do.'na] (< espanhol *perdonar*) — KVC *PURDA* *['pur.da] (< português *perdoar*) ‘perdoar’;
- g. PPC **MOERI** *['mu.ri] (< espanhol *morir*) — KVC *MÓRRÊ, MORRÊ, MÓRRÊ, MÔRRÊ, MORÊ, MÓRE, MÓRÊ, MORE* *['mɔ.'rɛ] ~ *['mo.'re] ~ *['mɔ.'re] ~ *['mɔ.re] ~ *['mo.re] (< português *morrer*) ‘morrer’;
- h. PPC **KONOCÉ** *['ko.no.'se] (< espanhol *conocer*) — KVC *CONCHÊ, CONXÊ, CONXE* *['kõ.'fe] ~ *['kõ.'fe] (< português *conhecer*) ‘conhecer’;
- i. PPC **KOEMIENSA, KOEMIENZA** *['ku.'mĩ.sa] ~ *['ku.'mĩ.za] (< espanhol *comenzar*) — KVC *CUMÇA, CUNÇA, CUNSA* *['kũ.sa] (< português *começar*) ‘começar’;
- j. PPC **GANJA** *['ga.ɲa] (< espanhol *engañar*) — KVC *ĪGANÂ* *['ĩ.ga.'na] (< português *enganar*) ‘enganar, mentir’;
- k. PPC **GANA** *['gẽ.na] (< espanhol *ganar*) — KVC *GANHÂ* *['gẽ.ɲa] (< português *ganhar*) ‘ganhar, lucrar’;

- l. PPC **OBLIGA** *[o.'bli.ga] (< espanhol *obligar*) — KVC **OBRIGÂ** *[o.bri.'ga] (< português *obrigar*) ‘obrigar’;
- m. PPC **RICIBI** *[ri.'si.bi] (< espanhol *recibir*) — KVC **RÊCÊBÊ**, **RECEBÊ**, **RACÊBÊ** *[re.se.'be] ~ *[re.'se.be] ~ *[ra.se.'be] ~ *[ra.'se.be] (< português *receber*) ‘receber’;
- n. PPC **HOLÉ** *[xo.'le] ~ *[o.'le] (< espanhol *oler*) — KVC **CHÊRÂ** *[je.'ra] (< português *cheirar*) ‘cheirar, ter odor’.

(23) Papiamentu clássico: palavra proveniente do holandês / Kabuverdianu clássico: vocábulo de étimo português

- a. PPC **LOER** *['lur] (< holandês *loeren*) — KVC **SPIÂ**, **'SPIÂ**, **SPIA** *['spja] (< português *espionar*) ‘espionar, espreitar, espionar, olhar de soslaio’;
- b. PPC **SLIP** *['slip] (< holandês *slippen*) — KVC **'SCORRÊGÂ** *[sko.'re.ga] (< português *escorregar*) ‘deslizar, escorregar’;
- c. PPC **VEILA**, **VIJLA**, **VYL** *['vej.la] ~ *['vi.la] ~ *['viɫ] (< holandês *vijlen, vijn, vyl*) — KVC **LIMÂ** *['li.'ma] (< português *limar*) ‘1. esfregar, limpar esfregando, friccionar, 2. polir, limar’;
- d. PPC **PARA BOR (BORG)** *['pa.ra] *['bor(g)] (< holandês *waarborgen*) — KVC **BONÂ** *['bo.'na] (< português *abonar*) ‘garantir, abonar, atestar’;
- e. PPC **ERF** *['erf] (< holandês *erven*) — KVC **ARDÂ** *['ar.da] (< português *herdar*) ‘herdar’;
- f. PPC **VLEGTE** *['vleg.te] (< holandês *vlechten*) — KVC **TISSÊ** *['ti.se] ~ *['ti.'se] (< português *tecer*) ‘trançar, tecer, fiar’.

(24) As duas línguas recorriam a étimos ibero-românicos diferentes:

- a. PPC **LOEBIDA** *[lu.'bi.da] (< português/espanhol *olvidar*) — KVC **SQUÊCÊ**, **'SQUECÊ**, **'SQUICE**, **DESQUECÊ** *['ske.se] ~ *['ske.'se] ~ *['ski.se] ~ *['des.'ke.se] ~ *['des.ke.'se] (< português *esquecer*) ‘esquecer’;
- b. PPC **BIESA** *['bi.sa] (< português/espanhol *avisar*) — KVC **FLA**, **FLÂ**,

- FLÁ'*, *FÂLÂ*, *FÂLA* *['fla] ~ *['fa.la] (< português *falar*) 'dizer, falar, afirmar';
- c. PPC **BIEBA**, **BIEBÁ** *['bi.ba] ~ *['bi.'ba] (< português *viver*, espanhol *vivir*) — KVC *MORÂ*, *MORA*, *MÔRA* *['mo.ra] (< português *morar*) 'morar, residir, habitar';
- d. PPC **MIERA** *['mi.ra] (< português/espanhol *mirar*) / **WEITA** *['wej.ta] (< espanhol *aguardar*) — KVC *OJÂ*, *ÔJÂ*, *OJA*, *OIÂ*, *OLHÁ*, *OLHA*, *OJHA*, *OJHÂ* *['o.ja] ~ *['o.'la] ~ *['o.la] ~ *['o.dʒa] (< português *olhar*) 'ver, olhar, enxergar'.

É possível ainda encontrar similaridades com relação a alguns exemplos do kabuverdianu clássico mencionados por Brito (1967 [1887]: 281-288) como apresentando derivação incerta ou tendo a forma ou o significado diferentes do português. Uma análise desses verbos mostra que alguns têm equivalentes no português e também são encontrados no papiamentu clássico, como é o caso de:

- (25) a. PPC **PAPIÁ**, **PAPIA** *['pa.pja] ~ *['pa.pi.'a] — KVC *PAPIÂ* *['pa.pja] (< português *papear*) 'papear, conversar, falar';
- b. PPC **LORA** *['lo.ra] — KVC *LORÂ*, *LÔRA* *['lo.ra] (< português *rolar*) 'rolar, enrolar, girar';
- c. PPC **BENTÁ** *['bẽ.ta] — KVC *BENTIÂ* *['bẽ.tja] (< português *(a)ventar*) '1. arejar, ventilar, 2. catar, escolher'.

Outros dois casos despertam a atenção. O verbo que significa 'voar', tanto em papiamentu quanto em kabuverdianu clássicos (respectivamente, **BOELA** *['bu.la] e *BUÂ* *['bwa]), possui ainda o sentido adicional de 'pular, saltar' ainda que tenha seu étimo em línguas diferentes: a forma do papiamentu clássico possivelmente tem como étimo o espanhol *volar* e a do kabuverdianu clássico vem do português *voar*. Além disso, as duas línguas possuíam a mesma forma para veicular os significados de 'ensinar' e 'aprender' apesar de terem etimologias diversas: PPC **SIENJÁ** *['si.'ja] (< espanhol *enseñar*) — KVC *ENSINÂ*, *ENXINÂ*, *XINÂ* *['ẽ.'si.na] ~ *['ẽ.'ji.na] ~ *['fi.'na] (< português *ensinar*). Esse quadro também é encontrado em alguns crioulos portugueses do Golfo da Guiné, que possuem uma só palavra para os dois conceitos:

(i) santome *xina*; (ii) lung'ie *xina*; (iii) fa d'ambô *xiná*. Também no holandês, há uma única palavra para 'ensinar' e 'aprender' (*leren*). Ademais, há dois verbos do kabuverdianu clássico, cujo étimo não remete a uma forma do português, que aparecem no papiamentu moderno com realizações fonéticas semelhantes e mesmo significado: PP **frifri** ['fri.fri] — KVC *FIRFIRI* *[fir.'fi.ri] (KV *ferferi* [fer.'fe.ri] ~ *fir-firi* [fir.'fi.ri]) 'remexer, procurar (miudezas), catar, juntar, 2. ficar à espera da porção de comida dos outros'; PP **yongotá** [jõ.go.'ta] — KVC *JONGOTÔ* *[jõ.'go.to] ~ *[jõ.go.'to] (KV *djongoto* [dʒõ.'go.tu]) '1. agachar-se, acocorar-se, 2. humilhar-se, submeter-se, encolher-se'. Com relação ao último vocábulo, Quint (2000b: 159, citando Schuchardt, 1980 [1914]: 94) menciona que, por razões ainda desconhecidas, essa palavra de origem mandinga (bambara *ñɔŋgiri* ~ *ñɔŋgri*, malinquê *nyonkin*, mandinga *jokonto*) é encontrada sob formas semelhantes em outros crioulos da região antilhana, como o crioulo da Guiana Francesa (*diokoti* ~ *guiokoti*) e os crioulos do Suriname (*djokotó* ~ *djokodón*)³³. Essas diversas formas similares não podem ser atribuídas a desenvolvimentos paralelos nas duas línguas, tampouco à língua lexificadora.

Com relação aos nomes, também foram encontrados diversos vocábulos convergentes, como se observa em (26):

- (26) a. PPC **BOKA, BÓKA** *['bo.ka] — KVC *BÔCA* *['bo.ka] 'boca';
 b. PPC **ORÉA** *[o.'re.a] — KVC *ORÉJA* *[o.'re.ja] 'orelha';
 c. PPC **BAKA, BÁKA** *['ba.ka] — KVC *BÁCA* *['ba.ka] 'vaca';
 d. PPC **PÓRKO** *['por.ko] — KVC *PORCO, PÔRKO* *['por.ku] 'porco';
 e. PPC **TEERA** *['te.ra] — KVC *TÊRA, TÉRA* *['te.ra] ~ *['tɛ.ra] '1. terra, 2. solo';
 f. PPC **KROES** *['krus] — KVC *CRUZ* *['krus] 'cruz';
 g. PPC **FLOOR** *['flor] — KVC *FLOR* *['flor] 'flor';
 h. PPC **PRIMO** *['pri.mo] — KVC *PRIMO* *['pri.mu] 'primo';
 i. PPC **KOMPANJERO** *[kõ.pẽ.'je.ro] — KVC *COMPANHERO, COMPANHÊRO* *[kõ.pẽ.'je.ru] 'companheiro';

³³Quint (2000b: 159) não especifica a qual dos crioulos do Suriname Schuchardt (1980 [1914]: 94) estava se referindo.

- j. PPC **AMIGO, AMIGA** *[a.'mi.go], *[a.'mi.ga] — KVC **AMIGO** *[a.'mi.gu] ‘amigo, amiga’;
- k. PPC **GRANDI** *['grẽ.di] — KVC **GRANDE, GRĀDI** *['grẽ.di] ‘grande’;
- l. PPC **KONTENTOE** *[kõ.'tẽ.tu] — KVC **CONTENTE, CONTÉNTÉ, CONTENTI** *[kõ.'tẽ.ti] ‘contente, feliz’;
- m. PPC **PRÉTOE, PRETOE** *['pre.tu] — KVC **PRÉTO** *['pre.tu] ‘preto’;
- n. PPC **BONITO** *[bo.'ni.to] — KVC **BONITO** *[bo.'ni.tu] ‘bonito, belo’.

Ao lado dessas similaridades, foram observadas também algumas diferenças formais, resultado de padrões e regras distintos vigentes em cada uma das línguas. Dentre as diferenças sistemáticas, apontam-se:

- (27) a. *Particípios e nomes deverbais*: as terminações <-ADO, -IDO> não se faziam presentes no papiamentu clássico (sendo substituídas por <-R>)³⁴, ao passo que se mantinham no kabuverdianu clássico, como se observa nos exemplos (em (i) a (iii), aparecem particípios verbais, sendo os demais exemplos de nomes deverbais):

³⁴As exceções a essa regra nos dados do PPC analisados foram **MALAGRADECIDO** *[ma.la.gra.de.'si.do] ‘mal-agradecido, ingrato’, **DISGRACIADO** *[dis.gra.'sja.do] ‘desgraçado, infeliz’, **GRACEDIDO** *[gra.de.'si.do] ‘agradecido’, **OBEDECIDO** *[o.be.de.'si.do] ‘obediente, dócil’. Na análise de alguns documentos religiosos do papiamentu clássico feita por Araujo (2011), aparecem mais alguns casos em que as terminações do particípio foram mantidas: (i) **BIËENABENTOERADOE** *[bjẽ.na.bẽ.tu.'ra.du] ‘bem-aventurado’; (ii) **DESREGLADOE** *[des.re.'gla.du] ‘desregrado’; (iii) **DISGRACIADO, DISGRACIADA, DESGRACIADO, DESGRACIADOE** *[dis.gra.'sja.do], *[dis.gra.'sja.da] ~ *[des.gra.'sja.do] ~ *[des.gra.'sja.du] ‘desgraçado, desgraçada’; (iv) **FLIGIEDOE** *[fli.'zi.du] ‘afligido, aflito’; (v) **FORTUNADO, FORTOENADOE** *[for.tu.'na.do] ~ *[for.tu.'na.du] (~ **FORTUNAR** *[for.tu.'nar]) ‘afortunado’; (vi) **INCREADO** *[ĩ.kre.'a.do] ‘incriado’; (vii) **KONDEENADOE** *[kõ.de.'na.du] ‘condenado’; (viii) **OFENDIDO** *[o.fẽ.'di.do] ‘ofendido’; (ix) **PERDIDO** *[per.'di.do] (~ **PERDIR** *[per.'dir]) ‘perdido’. Deve-se ter em mente que todos esses exemplos fazem parte do contexto religioso, podendo se tratar de estruturas de origem erudita, incorporadas pelos padres a partir de étimos traduzidos da Bíblia. Ademais, o fato de alguns exemplos apresentarem variantes terminadas em <-R> sugere que possivelmente as poucas formas em <-ADO, -IDO> ainda não tinham sido nativizadas ao papiamentu ou ainda que os autores dos documentos religiosos, diante da necessidade de criar um vocábulo que não circulava na língua, optaram por formas mais hispanicizadas, embora estivessem cientes do apagamento do <-R> final em papiamentu clássico como pode ser visto nos diversos exemplos dos documentos.

- (i) PPC **HACIER** *[xa.'sir] ~ *[a.'sir] — KVC *FAZÊDO*, *FACIDO* / *FÊTO* *[fa.'ze.du] ~ *[fa.'si.du] / *[fe.tu] 'feito';
 - (ii) PPC **PAPIAAR** *[pa.pi.'ar] — KVC *FLÂDO*, *FLADU* *['fla.du] 'falado, dito';
 - (iii) PPC **SKIERBIER** *[skir.'bir] — KVC *SCREBÊDO* *[skre.'be.du] 'escrito';
 - (iv) PPC **HERAAR** *[xe.'rar] ~ *[e.'rar] — KVC *ÊRRADO* *[e.'ra.du] 'errado';
 - (v) PPC **KRIAAR** *[kri.'ar] — KVC *CRIADO*, *CRIADA*, *CREADO* *[kri.'a.du], *[kri.'a.da] ~ *[kre.'a.du] 'criado, empregado';
 - (vi) PPC **PERDIER** *[per.'dir] — KVC *PÊRDIDO*, *PERDIDO* *[per.'di.du] 'perdido';
 - (vii) PPC **RABIAR** *[ra.bi.'ar] — KVC *SÃCHADU* *[sã.'tʃa.du] 'furioso, raivoso, zangado';
 - (viii) PPC **SABIER** *[sa.'bir] — KVC *SABIDU* *[sa.'bi.du] 'sabido, esperto, capaz';
 - (ix) PPC **SINTIER** *[sĩ.'tir] — KVC *SINTIDO*, *XINTIDO*, *SEINTIDO*, *SENTIDO* *[sĩ.'ti.du] ~ *[ʃĩ.'ti.du] ~ *[sẽ.'ti.du] ~ *[seĩ.'ti.du] 'mente, razão, intelecto, sentido, pensamento, senso, compreensão';
 - (x) PPC **SOSEGAR** *[so.se.'gar] — KVC *SOCÊGADO* *[so.se.'ga.du] 'sossegado'.
- b. *Apócope de segmentos*: no papiamentu clássico, ocorria com frequência o apagamento de vogais ou mesmo de sílabas inteiras em final de palavra; já no kabuverdianu clássico, a apócope não era muito comum, havendo em geral a manutenção dos segmentos fônicos da palavra, como pode ser visto em:
- (i) PPC **KABEES** *[ka.'bes] — KVC *CABEÇA*, *KABÊSA* *[ka.'be.sa] ~ *[ka'bɛ.sa] 'cabeça';
 - (ii) PPC **KAS** *['kas] — KVC *CASSA*, *CASA*, *CÁSSA*, *CÁSSÂ*, *CAZA*, *CÁZA* *['ka.sa] ~ *['ka.za] 'casa';

- (iii) PPC **KOOS**, **KOS** *['kos] — KVC *CÚSA*, *CUSA*, *CUSSA*, *CUZA*, *CUZÁ*, *KUSA*, *KUZA* *['ku.sa] ~ *['ku.za] 'coisa';
 - (iv) PPC **PEN** *['pẽ(ŋ)] — KVC *PÉNA* *['pɛ.na] 'pena, pluma';
 - (v) PPC **PROMEER**, **PROMÉ** *['pro.'me(r)] — KVC *PRIMÊRO*, *PROMÊRU* *['pri.'me.ru] ~ *['pro.'mɛ.ru] 'primeiro';
 - (vi) PPC **MARI** *['ma.ri] — KVC *MARIDO* *['ma.'ri.du] 'marido, cônjuge'.
- c. *Tratamento do [v]*: no papiamentu clássico, geralmente [v] ou [β] das palavras de étimo ibero-românico eram nativizados como *[b]. No kabuverdianu clássico, por seu turno, foram encontrados não somente casos de variação entre *[b] e *[v], mas também exemplos em que só ocorriam formas com *[b], como se observa nos exemplos:
- (i) PPC **BÉRDE** *['ber.de] — KVC *VERDE* ~ *BERDE* *['ver.di] ~ *['ber.di] 'verde';
 - (ii) PPC **BIDA** *['bi.da] — KVC *VIDA* ~ *BIDA* *['vi.da] ~ *['bi.da] 'vida';
 - (iii) PPC **NABIOE** *['na.'bju] — KVC *NAVIO* ~ *NABÍU*, *NABIU*, *NABI* *['na.'vju] ~ *['na.'bju] ~ *['na.'bi] 'navio';
 - (iv) PPC **BIENJA** *['bi.ɲa] — KVC *BINHO* *['bi.ɲu] 'vinho';
 - (v) PPC **JEERBA**, **JERBA** *['jer.ba] — KVC *ERBA* *['er.ba] '1. erva, grama, 2. tabaco (em KVC)';
 - (vi) PPC **KABAI** *['ka.'ba.j] — KVC *CABALO*, *KABALU*, *CABÁLLO*, *CABALLO* *['ka.'ba.lu] 'cavalo';
 - (vii) PPC **NOEBIA** *['nu.bja] — KVC *NUBRI* *['nu.bri] 'nuvem'.
- d. *Tratamento do [g]*: em papiamentu clássico, havia casos de vocalização do [g] de formas ibero-românicas ([g] > *[w]) (ou mesmo aférese de [g]), enquanto que, em kabuverdianu clássico, o [g] era mantido, como em:
- (i) PPC **AWA** *['a.wa] — KVC *ÁGO* *['a.gu] 'água';
 - (ii) PPC **WARDA**, **WÁRDA** *['war.da] — KVC *GARDÂ*, *GÁRDA* *['gar.da] '1. aguardar, esperar, 2. guardar, manter salvo';
 - (iii) PPC **WARDA**, **WÁRDA** *['war.da] — KVC *GÂRDA* *['gar.da] 'guarda'.

- e. *Palatalização de [t]*: em papiamentu clássico, parecia haver uma tendência à palatalização do [t] diante das vogais anteriores [e] e [i] (havendo ainda um caso em que o [t] precedia [u]); já em kabuverdianu clássico, não ocorria a palatalização do [t], como se observa em:

- (i) PPC **ANOTSJI** *[a.'no.tʃi] — KVC *NÔTE*, *NOTE*, *NÔTI*, *NOTI* *[.'no.ti] 'noite';
- (ii) PPC **DRETSJE**, **DRETSJI** *['dre.tʃi] — KVC *'DRETA*, *DRETO* *['dre.ta], *['dretu] '1. direito/direita (lado), 2. direito, íntegro, correto, 3. diretamente, corretamente';
- (iii) PPC **LEETSJE**, **LEETSJI** *['le.tʃi] — KVC *LÊTÊ*, *LÊTE* *['le.ti] 'leite';
- (iv) PPC **PEETSJOE** *['pe.tʃu] — KVC *PÉTO* *['pe.tu] 'peito, seio, tórax'.

- f. *Sibilantes surdas ou sonoras*: as palavras do papiamentu clássico, em geral, apresentavam a sibilante surda (*[s]), ao passo que, no kabuverdianu clássico, era mais comum encontrar a contraparte sonora (*[z]), como se observa nos exemplos:

- (i) PPC **GRANDESA** *[grẽ.'de.sa] — KVC *GRÃDÉZA* *[grẽ.'dɛ.za] 'grandeza';
- (ii) PPC **OESA** *['u.sa] — KVC *UZÂ* *['u.za] 'usar, empregar';
- (iii) PPC **SIBÓJO** *[si.'bo.jo] — KVC *ZABÓLA* *[za.'bɔ.la] 'cebola';
- (iv) PPC **RASON** ~ **RAZON** *[ra.'sõ(ŋ)] ~ *[ra.'zõ(ŋ)] — KVC *REZÃ* *[re.'zẽ] 'razão'.

Uma exceção a essa tendência geral (com uma inversão quanto ao uso das sibilantes) é encontrada no exemplo PPC **AZETA** *[a.'ze.ta] — KVC *SÊTE* *['se.ti] 'óleo, azeite'.

- g. *Metátese*: processos de metátese (especialmente os que envolviam [r]) eram comuns no papiamentu clássico, mas pouco verificados ou mesmo ausentes no kabuverdianu clássico, como se observa em:

- (i) PPC **ROEMAN** *[ru.'mẽ(ŋ)] — KVC *ARMUN*, *ARMON* *[ar.'mũ(ŋ)] ~ *[ar.'mõ(ŋ)] 'irmão';

- (ii) PPC **POBER** *[po.bər] — KVC **POBRI** *[po.bri] ‘pobre’;
 - (iii) PPC **RÁBIA** *[ra.bja] — KVC **RAIBA** *[ra.j.ba] ‘raiva, ira’.
- h. *Formação de substantivos a partir da adição de sufixos*: em papiamentu clássico, era usual a ocorrência de substantivos com os sufixos **-MENTOE** e **-SJON** (sejam palavras formadas na própria língua, sejam vocábulos resultado de empréstimo). Por outro lado, em kabuverdianu clássico, parece que o emprego de sufixos era menos comum. Esse quadro pode ser visto nos exemplos:
- (i) PPC **BINIMENTOE** *[bi.ni.'mẽ.tu] — KVC **BINDA** *[bĩ.da] ‘vinda, chegada’;
 - (ii) PPC **HOERAMENTOE** *[xu.ra.'mẽ.tu] ~ *[u.ra.'mẽ.tu] — KVC **JHURA** *[dʒu.ra] ‘juramento’;
 - (iii) PPC **SKOHEMENTOE** *[sko.xe.'mẽ.tu] — KVC **SCOJA** *[sko.ja] ‘escolha’;
 - (iv) PPC **KOMBERSASJON** *[kõ.ber.sa.'sjõ(ŋ)] — KVC **COMBERSA**, **CONBERSA** *[kõ.'ber.sa] ‘conversa, conversação’;
 - (v) PPC **STIMASJON** *[sti.ma.'sjõ(ŋ)] — KVC **STIMA** *[sti.ma] ‘estima, afeição’.

No que tange aos elementos nominais, também houve casos em que vocábulos diferentes encontrados no papiamentu e no kabuverdianu clássicos podem ser explicados a partir de etimologias diversas, como se observa em (28) a (30):

- (28) Papiamentu clássico: palavra proveniente do espanhol / Kabuverdianu clássico: vocábulo de étimo português
- a. PPC **ABÉGA** *[a.'be.xa] (< espanhol *abeja*) — KVC **ABÊJA** *[a.'be.ja] (< português *abelha*) ‘abelha’;
 - b. PPC **BENTÁNA** *[bẽ.'ta.na] (< espanhol *ventana*) — KVC **JANÉLLA** *[dʒa.'nɛ.la] (< português *janela*) ‘janela’;
 - c. PPC **BIËNTO**, **BIËNTOE** *[bjẽ.to] ~ *[bjẽ.tu] (< espanhol *viento*) — KVC **BENTO** *[bẽ.tu] (< português *vento*) ‘vento’;

- d. PPC **BOLOENTAD** *[bo.lũ.'tad] (< espanhol *voluntad*) — KVC *BONTADE* *[bõ.'ta.di] (< português *vontade*) ‘vontade’;
- e. PPC **BOERATSJO** *[bu.'ra.tʃo] (< espanhol *borracho*) — KVC *BEBRU* *[be.bru] (< português *bêbado*) ‘bêbado, embriagado’;
- f. PPC **DOLOOR** *[do.'lor] (< espanhol *dolor*) — KVC *DOR*, *DÓR*, *DÔR* *['dor] ~ *['dɔr] (< português *dor*) ‘dor’;
- g. PPC **HAMBER** *['xẽ.bər] ~ *['ẽ.bər] (< espanhol *hambre*) — KVC *FOME*, *FÔME* *['fo.me] (< português *fome*) ‘fome’;
- h. PPC **HENDE** *['xẽ.de] ~ *['ẽ.de] (< espanhol *gente*) — KVC *GHENTE*, *GENTE*, *GUÊNTE*, *GUENTE*, *GUENTI* *['gẽ.ti] (< português *gente*) ‘gente, pessoa(s)’;
- i. PPC **HOENTO**, **HOENTOE** *['xũ.to] ~ *['ũ.to] ~ *['xũ.tu] ~ *['ũ.tu] (< espanhol *junto*) — KVC *JUNTO*, *JHÛTU* *['dʒũ.tu] (< português *junto*) ‘junto’;
- j. PPC **JENAAR** *[je.'nar] (< espanhol *llenado*) — KVC *CHEIO* *['tʃej.u] (< português *cheio*) ‘preenchido, cheio’;
- k. PPC **NOMBER** *['nõ.bər] (< espanhol *nombre*) — KVC *NÓME* *['nɔ.mi] (< português *nome*) ‘nome’;
- l. PPC **SOMBRÉ** *[sõ.'bre] (< espanhol *sombrero*) — KVC *CHAPÉ*, *CHAPÊ* *['tʃa.'pɛ] ~ *['tʃa.'pe] (< português *chapéu*) ‘chapéu’;
- m. PPC **WESO** *['we.so] (< espanhol *hueso*) — KVC *ÔSSO* *['o.su] (< português *osso*) ‘osso’.

(29) Papiamentu clássico: palavra proveniente do holandês / Kabuverdianu clássico: vocábulo de étimo português

- a. PPC **BAKKI** *['ba.ki] (< holandês *bak*) — KVC *PÓTE* *['pɔ.ti] (< português *pote*) ‘tina, caixa, pote, vasilha’;
- b. PPC **BOEKI** *['bu.ki] (< holandês *boek*) — KVC *LIBRO* *['li.bru] (< português *livro*) ‘livro’;
- c. PPC **BOONTSJE** *['bõ.tʃi] (< holandês *boon*, *snijboon*) — KVC *FIXON* *['fi.'ʃõ(ɲ)] (< português *feijão*) ‘feijão’;

- d. PPC **DANKI** *['dẽ.ki] (< holandês *dank*) — KVC **GRAÇAS** *['gra.sas] (< português *graças*) ‘graças a, por causa de, com o auxílio de’;
- e. PPC **HOFFI** *['xo.fi] ~ *['o.fi] (< holandês *hof*) — KVC **JARDĪ** *['dʒar.'dĩ(ŋ)] (< português *jardim*) ‘jardim, horto’;
- f. PPC **JALOERS** *['ja.'lurs] (< holandês *jaloers*) — KVC **CIOZ** *['sjos] (< português *cioso*) ‘ciumento, enciumado’;
- g. PPC **KLEI** *['klej] (< holandês *klei*) — KVC **BARU** *['baru] (< português *barro*) ‘argila, barro’;
- h. PPC **NEK** *['nek] (< holandês *nek*) — KVC **PISCÓÇO** *['pis.'kə.su] (< português *pescoço*) ‘pescoço’;
- i. PPC **PRINTJE** *['prĩ.tʃi] (< holandês *prent*) — KVC **IMAXI** *['i.'ma.ʃi] (< português *imagem*) ‘imagem, gravura, figura’;
- j. PPC **REENBOOG** *['rẽ.'bog] (< holandês *regenboog*) — KVC **ARKU-BEJHE** *['ar.ku] *['be.dʒi] (< português *arco + velho*) ‘arco-íris’;
- k. PPC **STOELTJI, STOELTSJI** *['stu.tʃi] (< holandês *stoel*) — KVC **CADÊRA** *['ka.'de.ra] (< português *cadeira*) ‘cadeira’;
- l. PPC **TEE** *['te] (< holandês *thee*) — KVC **XÀ** *['ʃa] (< português *chá*) ‘chá’;
- m. PPC **VEL** *['vel] (< holandês *vel*) ~ **BLAADSJI** *['blad.ʃi] (< holandês *blad*) — KVC **FÓJA** *['fə.ʃa] (< português *folha*) ‘folha (também de papel)’;
- n. PPC **ZIER** *['zir] (< holandês *zuur*) — KVC **AZÉDU** *['a.'zɛ.du] (< português *azedo*) ‘ácido, azedo’.

(30) As duas línguas possuem étimos ibero-românicos diversos:

- a. PPC **AWA-SÉRO, AWASÉRO** *['a.wa.'se.ru] (< português *aguaceiro*, espanhol *aguacero*) — KVC **CHÚBA, CHUBA** *['tʃu.ba] (< português *chuva*) ‘chuva’;
- b. PPC **BARÁNKÁ** *['ba.rẽka] (< português/espanhol *barranca/barranco*) — KVC **ROCHA** *['ro.tʃa] (< português *rocha*) ‘pedra, rocha’;
- c. PPC **KORAAL** *['ko.'raɫ] (< português/espanhol *coral*) — KVC **BUR-MEJHO** *['bur.'me.dʒu] (< português *vermelho*) ‘vermelho’;

- d. PPC **PISKAAR** *[pis.'kar] (< português/espanhol *pescado*) — KVC *PEXE*, *PÊXE* *[pe.'ʃi] (< português *peixe*) ‘peixe, pescado’;
- e. PPC **RODÍA** *[ro.'di.a] (< português *rodilha*, espanhol *rodilla*) — KVC *DUÊJO*, *DUEJHO* *[dwe.dʒu] (< português *joelho*) ‘joelho’.

A partir da análise dos dados, nota-se que, para alguns vocábulos, a forma da variedade clássica do papiamentu é mais próxima do português (e, por conseguinte, do kabuverdianu) do que a variante moderna da língua caribenha. É o que se observa, por exemplo, em (31):

- (31) a. PPC **KOESTOEMÁ**, **KOESTOEMAAR** *[kus.tu.'ma(r)] — KVC *COS-TUMÁ* *[kos.tu.'ma] / PP **kustumbrá** [kus.tũ.'bra] — KV *kustuma* [kus.'tu.ma] ‘acostumar(-se), estar acostumado, ter costume’;
- b. PPC **VINGA** *[vĩ.ga] — KVC *BINGA* *[bĩ.ga] / PP **venga** [vẽ.ga] ~ **benga** [bẽ.ga] — KV *vinga* [vĩ.ga] ‘vingar(-se)’.

Há ainda casos em que, no papiamentu clássico, havia duas formas em variação — uma delas mais próxima do português — e, na variedade moderna, apenas a variante que não possui étimo português foi mantida, como se observa em (32):

- (32) a. PPC **O**, **Ó**, **Ô** *[o] / **OF** *[of] — KVC *OU*, *Ô*, *Ó* *[o] ~ *[ɔ] / PP **ôf** [ɔf] — KV *o* [o] ‘ou’;
- b. PPC **KEEDA** *[ke.da] / **FIEKA** *[fi.ka] — KVC *FICA*, *FICÂ*, *FICÁ*, *FIKÂ* *[fi.ka] ~ *[fi.'ka] / PP **keda** [ke.da] — KV *fika* [fi.ka] ‘permanecer, ficar, estar’.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que o kabuverdianu clássico é mais semelhante ao português do que o papiamentu clássico. Essa afirmação justifica-se não somente por uma maior preponderância de vocábulos de étimo português no kabuverdianu clássico (ao passo que o papiamentu clássico recorre a formas oriundas do holandês e do espanhol), mas também por outros aspectos mais gerais. No âmbito dos verbos, por exemplo, observa-se que, no kabuverdianu clássico, fazia-se uso de um morfema sufixal *-BA* para marcar o passado imperfeito (semelhante à terminação

-va do pretérito imperfeito do português) — função desempenhada em papiamentu clássico pelo morfema livre **TABATA** —, como se observa em (33):

- (33) a. *ARDÁBA* *[ar.'da.ba] ‘herdar + PASS’;
 b. *BÁBA*, *BÂBA* *[ba.ba] ‘ir + PASS’;
 c. *CUDABA*, *CUDÂBA* *[ku.'da.ba] ‘cuidar + PASS’;
 d. *MESTÊBA* *[mes.'te.ba] ‘precisar + PASS’;
 e. *KÕXÊBA* *[kõ.'je.ba] ‘conhecer + PASS’;
 f. *TÊBA*, *TEMBA*, *TENBA*, *TÊBA*, *TENÊBA* *[tẽ.ba] ~ *[te.'ne.ba] ‘ter + PASS’;
 g. *ÔBÍBA* *[o.'bi.ba] ‘ouvir + PASS’.

Nos dados do kabuverdianu clássico analisados, aparecem ainda outras flexões verbais (similares ao português e provavelmente usadas por influência dessa língua), a exemplo de *TEVÊSSE* *[te.'ve.sĩ], *PAGÂSSE* *[pa.'ga.sĩ], *QUÊ* *[ke] (querer), *TIBE* *[ti.bi], *PODIA* *[po.'di.a], *FASSEM* *[fa.sẽ(ŋ)], *PÊRCISO* *[per.'si.su], *OJHANDO* *[o.'dʒẽ.du]. Ademais, os verbos ‘ser’ e ‘estar’ também revelam diferentes formas flexionadas, a exemplo de *STÂ*, *STÁ*, ‘*STÂ*’, ‘*STÂ*’, ‘*STA*’, (*S*)*TÂ*, *STAR*, *STAN*, *ESTÁ*, *SÂ* (*TÂ*) *[sta] ~ *[ta] ~ *[star] ~ *[stẽ(ŋ)] ~ *[es.'ta] ~ *[sa.'ta], *SER* *[ser], *SEXA*, *XEXA* *[se.'fa] ~ *[je.'fa]³⁵, *ÁRÂ* *[a.ra], *SON* *[sõ(ŋ)], *É*, *Ê* *[e] ~ *[ɛ], *SÊDU* *[sẽ.du], *STABA*, *STÁBA*, *STÂBA*, ‘*STÂBA*’, ‘*STÂVA*’, *STÁ* *[sta.ba] ~ *[sta.va] ~ *[sta], ‘*STEVÊSSE*’ *[ste.'ve.se], *ERA* *[e.ra], *FOI* *[foj], *FOSSE* *[fo.se].

Contrapondo-se a essa infinidade de flexões do kabuverdianu clássico, em papiamentu clássico, o verbo em geral possuía uma única forma, exceto no caso de ‘ser’ e ‘estar’, em que havia uma forma para o presente (**TA** *[ta]) e outra para o passado (**TABATA** *[ta.ba.ta]). Uma outra exceção seria a forma **BAN** *[bẽ(ŋ)] ‘vamos (imperativo)’, diferente da forma base do verbo ‘ir’ (**BAI** *[baj]).

No que diz respeito à concordância de gênero no interior de um sintagma nominal (geralmente entre um nome e um adjetivo), os dados analisados mostram que tanto no papiamentu clássico quanto no kabuverdianu clássico, em geral, o adjetivo

³⁵Segundo Schuchardt (1888: 319), essa é uma forma portuguesa usada tipicamente no crioulo na expressão *LOBADO SEXA NHÔR DES!* ‘louvado seja Senhor Deus!’.

era invariável, com o uso de uma única forma para se referir seja ao masculino ou ao feminino. Em kabuverdianu, essa forma geral era, na quase totalidade dos casos, oriunda de uma forma masculina do português (terminada em <O>), como se observa em *MUJER BONITO* ‘mulher bonita’, *UN FESTA BÊJO* ‘uma festa grande’, *RÔPA FAJÁDO* ‘roupas bonitas/boas’. Já no papiamentu, o adjetivo podia terminar em <OE>/<O> ou <A> (e mesmo em outros grafemas, como <R>, <I> e <E>), não havendo uma razão lógica para a escolha de acordo com Lenz (1928: 98), tampouco a vinculação aos conceitos gramaticais de masculino e feminino, a exemplo de **BOENITA TEMPOE** ‘tempo bonito’, **BOENIETA JEERBA** ‘erva bonita e seca’, **SEKOE JEERBA** ‘erva seca’, **MEEJA LARGOE I KORTIKOE** ‘meia grande e pequena’. A despeito de a ausência de concordância ser a regra geral nos dois crioulos em estudo, foram encontradas algumas exceções no papiamentu clássico em dados do *Woordenlijst* e dos documentos religiosos analisados por Araujo (2011). Como exemplos, citam-se: **PENA ETERNA** ‘pena eterna’, **TERA DESGRACIADA** ‘terra desgraçada’, **NATURALEZA DIVINA** ‘natureza divina’, **IGLESIA SANTA, CATOLICA Y APOSTOLICA** ‘igreja santa, católica e apostólica’, **CONTRICION PERFECTA** ‘contrição perfeita’, **CUSAMENTU DOLOROSA** ‘acusação dolorosa’, **BERDADERA KONFIANZA** ‘verdadeira confiança’, **INDULGENCIA PLENARIA** ‘indulgência plenária/plena’. Uma justificativa para a ocorrência da concordância de gênero estaria no fato de esses sintagmas pertencerem ao contexto religioso, sendo possivelmente formas eruditas. De maneira geral, os vocábulos pertencentes ao discurso religioso no papiamentu clássico tendem a ser mais conservadores às formas ibero-românicas das quais derivaram. Ademais, no *corpus*, é possível encontrar inclusive exemplos (com os mesmos adjetivos ou com outros) em que a concordância não ocorre, como **MOORTO ETERNOE** ‘morte eterna’, **ÉTERNIDAD DESGRACIADO** ‘eternidade desgraçada’, **KARA DIBIENOE** ‘cara divina’, **SANTU IGLESIA CATOLICA** ‘santa igreja católica’, **VERDADERO LEY** ‘verdadeira lei’, **COS DISHONESTO/DESHONESTO** ‘coisa desonesta’, **PURO MALICIA** ‘pura malícia’, **HISTORIA KORTIEKOE** ‘história curta/breve’.

Pelo exposto nesta seção, observa-se que o papiamentu e o kabuverdianu clássicos guardam muitas semelhanças no seu vocabulário, tanto funcional quanto lexical.

Contudo, o elemento português no papiamentu não provém unicamente do kabuverdianu, devendo-se assumir outras fontes, a exemplo dos judeus sefarditas e seus escravos, tema a ser discutido na seção 5.2.

5.2 O PAPIAMENTU SEFARDITA

Com relação ao papel dos sefarditas na configuração linguística do papiamentu, Henriquez (1988: vii) afirma que a língua caribenha já circulava na ilha quando os judeus chegaram a Curaçao, não sendo possível, assim, atribuir-lhes um papel na gênese da língua. Contudo, não se pode negar que a comunidade sefardita contribuiu consideravelmente para a constituição do papiamentu (HENRIQUEZ, 1988: xii).

Sobre a participação dos sefarditas no papiamentu, a fim de obter uma descrição mais detalhada, é necessário discutir um pouco sobre a gênese das línguas crioulas em geral. Além das hipóteses de crioulização abrupta (que advogam o surgimento das línguas crioulas de forma rápida, no intervalo de uma geração e sem passar pelo estágio de um pidgin anterior estável), há também as de crioulização gradual e de constante influxo de línguas. Como discutido na seção 2.2 do capítulo 2, segundo essas hipóteses, as línguas crioulas se desenvolvem de forma gradativa (pelo menos em alguns casos). De acordo com Myers-Scotton (2002: 272-274), tem crescido a cada dia o número de estudiosos que defendem o ponto de vista de uma crioulização gradual — e mesmo de um *continuum* entre as diferentes variedades das línguas crioulas, que vai desde as mais próximas do lexificador (acroleto) até as mais distantes (basileto), passando por variedades intermediárias (mesoleto). A abordagem da crioulização gradual parece ser apropriada para explicar a formação do papiamentu, inclusive no que tange ao papel dos judeus sefarditas. Considerando que a língua caribenha levou um tempo para se desenvolver e se estabilizar (não se tratando de um processo instantâneo), a comunidade sefardita, que começou a chegar a Curaçao a partir de 1651, pôde ter um papel relevante no desenvolvimento dessa nova língua, não apenas fornecendo palavras, expressões e estruturas, mas

sobretudo levando ao papiamentu um novo *input* da língua portuguesa, que será relevante para o desenvolvimento da língua.

Além da visão gradualista, o posicionamento de Perini-Santos (2015) também se aplica à participação da comunidade judaica na configuração linguística do papiamentu. Para o autor, as múltiplas influências presentes em um determinado momento podem ser sentidas no intervalo de várias sincronias, conservando-se por diversas gerações. Um exemplo dessa influência contínua citada por Perini-Santos (2015: 35) diz respeito à situação do latim e das línguas neolatinas. O latim não apenas deu origem a essas línguas, mas conviveu com elas durante muito tempo. Essa convivência foi responsável por influências que vão além da relação genética, sendo necessário, segundo o autor, analisar a contribuição do latim para as línguas filhas em uma perspectiva mais ampla, atentando para o contato linguístico. Considerando as ideias trazidas por Perini-Santos (2015) para o papiamentu, as diversas línguas presentes em Curaçao (como o espanhol, o holandês, as línguas africanas faladas pelos escravos, o português e o próprio papiamentu falado pelos sefarditas) tiveram uma participação substancial na configuração da língua caribenha. Essa múltipla atuação se conservou mesmo que a língua não tenha se mantido em uso na sociedade curaçolenha com o passar dos anos. No que tange à comunidade sefardita, observa-se que os judeus estiveram presentes em Curaçao durante muito tempo, ocupando não apenas uma posição de prestígio social, mas também sendo numericamente representativos dentro da sociedade como um todo. Os dados demográficos discutidos na seção 3.1.2 do capítulo 3 mostram um aumento gradual da população sefardita no curso do século XVIII. Esse maior número de judeus sefarditas na ilha caribenha implicou, conseqüentemente, um maior contato do papiamentu com o português, língua falada pelos sefarditas (conforme seção 4.4.4 do capítulo 4), o que teve reflexos para o desenvolvimento do papiamentu. Assim, justifica-se a influência sefardita no papiamentu, língua que foi se desenvolvendo inicialmente vinculada aos escravos, segmento bastante ligado aos judeus.

Quanto à participação dos sefarditas no âmbito linguístico, um exemplo ilustrativo é citado por Johnen (em elaboração) e diz respeito aos vocábulos usados para indicar a oposição entre os conceitos de ‘banana crua comestível’ e ‘banana crua não

comestível’. Segundo o autor, tal oposição existe em algumas línguas crioulas do Caribe (como no haitiano *fig* e *bannan*, respectivamente), contudo somente as línguas crioulas que surgiram em locais onde houve uma migração maciça de sefarditas oriundos do nordeste brasileiro (como Caiena, Paramaribo e Curaçao) usam itens lexicais oriundos de *pacoba* e *banana* para indicar a oposição: **bakoba** e **banana** em papiamentu, *bakov* e *bannan* no crioulo da Guiana Francesa, *bakba* e *bana* em sranan, *bacove*, *bakove* e *banaan* no holandês falado no Suriname.

Com relação à influência linguística dos judeus sefarditas especificamente no papiamentu, alguns pontos já foram tratados na seção 4.4.4 do capítulo 4, como as línguas inicialmente faladas por eles ao chegarem a Curaçao, o papel do português dentro da comunidade judaica e a participação das cuidadoras escravas/alforriadas das crianças brancas na difusão da língua que estava se formando. Contudo, pouco foi dito sobre a variedade de papiamentu usada pelos sefarditas, que supostamente seria mais semelhante ao português. Assim, nas seções seguintes, são discutidos exemplares do papiamentu sefardita: na seção 5.2.1, é feita uma análise da *carta de 1775*, o primeiro documento escrito conhecido em papiamentu. Um documento de 1776 também é analisado, demonstrando sua relação com o documento de 1775. Já na seção 5.2.2, são discutidas palavras, expressões e traços gramaticais característicos do papiamentu da comunidade judaica, a partir dos dados compilados por Henriquez (1988, 1991), a fim de descobrir em que medida o dialeto sefardita influenciou a variedade geral da língua. Ademais, são apresentadas também algumas convergências entre o papiamentu sefardita e o clássico.

5.2.1 Documentos setecentistas sefarditas

Esta seção analisa dois documentos do século XVIII escritos por judeus sefarditas (um de 1775 e outro de 1776) a fim de observar os traços característicos do papiamentu sefardita e suas diferenças com relação à variedade geral da língua. Ademais, a afirmação de que o papiamentu sefardita apresentaria mais elementos provenientes do português também é discutida.

A *carta de 1775* (ver figura 5.1), o documento conhecido mais antigo escrito em papiamentu, foi escrita por um judeu sefardita, Abraham de David da Costa Andrade Júnior, e, segundo Wood (1972a: 21), Ferrol (1982: 71) e Fouse (2002: 115), destinada à sua esposa. Maduro (1971: 55 *apud* HENRIQUEZ, 1988: 100) e Maurer (1998: 203), contudo, mencionam que a carta era endereçada à amante de Abraham, Sarah de Isaac Pardo y Vaz Farro, esposa de Selomoh Vaz Fato (provavelmente Farro). Favorecendo a segunda possibilidade está o registro mencionado por Fouse (2002: 115) de que, durante a década de 1770, um processo conjugal dentro da comunidade judaica acusou Abraham Júnior de ser pai de uma criança nascida de um relacionamento com uma mulher casada — podendo-se conjecturar que essa mulher era Sara.

Independentemente de qual era o destinatário da carta, esse documento (do qual só se conhece o trecho final) tem sido objeto de discussão de diversos autores, como Maduro (1971: 55 *apud* HENRIQUEZ, 1988: 100), Wood (1972a: 25-28), Ferrol (1982: 80-83), Martinus (1996: 9-10), Maurer (1998: 203-205), entre outros. Há inclusive um fac-símile da carta em E&E (1970: 256-257) e em Henriquez (1988: 101), reproduzido na figura 5.1:

Figura 5.1: A carta de 1775 (HENRIQUEZ, 1988: 101).

A seguir, é apresentada uma leitura da *carta de 1775*, adotando o seguinte padrão: (i) na primeira linha, aparece a leitura diplomática, que consiste na transcrição do texto tal como aparece no original, não sendo acrescentada ou omitida nenhuma informação (como sinais de pontuação), nem alterada a grafia de palavras. Essa linha aparece em fontes normais. Ademais, também mantém-se a mesma organização de linhas do documento original; (ii) na segunda linha, aparece uma leitura semidiplomática, que consiste em uma transcrição que incorpora poucas alterações (como a junção ou separação de vocábulos; por serem uma contribuição da

leitura, as mudanças encontram-se em *itálico* e entre colchetes), buscando preservar ao máximo as características do original. Essa linha aparece em **negrito** e caixa alta. Diversos autores — como Maduro (1971: 55 *apud* HENRIQUEZ, 1988: 100), Wood (1972a: 25-28), Ferrol (1982: 80-83), Martinus (1996: 9-10) e Maurer (1998: 203-205) — analisaram a carta e, assim, propuseram diferentes leituras com níveis de intervenção diversos. Nesta tese, será proposta uma leitura própria; (iii) na terceira linha, aparece o correspondente em papiamentu moderno, com o acréscimo da pontuação e das letras maiúsculas necessárias. Essa linha virá em **negrito** por ser essa a marcação adotada nesta tese para os dados em papiamentu moderno; (iv) por fim, a quarta linha contém a tradução em português e aparece em fontes normais e entre aspas simples.

A carta de 1775 de Abraham Júnior

- 1 [...] ³⁶ piter may the ora ky boso abiny, my atopa tiola...

PITER MAY THE ORA KY BOSO [A BINY], MY [A TOPA] [TIO LA]...

Pietermaai³⁷ te ora ku boso a bini. Mi a topa tio La...

‘[Fiquei em] Pietermaai até a hora que vocês chegaram. Eu me encontrei com tio La...’

- 2 Ku sara meme nan taba biny punta

KU SARA MEME NAN TABA BINY PUNTA

ku Sara Meme. Nan tabata bini Punda³⁸

‘[E] com Sara Meme. Eles estavam indo para Punda.’

³⁶Maurer (1998: 203) apresenta o início da carta, a partir da tradução do texto holandês para o espanhol, como “Mi alma, desde las siete estuve caminando en” — “Minha alma, desde às sete [horas], estive caminhando em”. O autor menciona que a tradução holandesa da carta inteira foi encontrada por Hermann Prins Salomon (autor que, em 1982, também discutiu o excerto da carta em papiamentu) nos arquivos da cidade de Haia, Holanda.

³⁷*Pietermaai* é o nome de uma rua de Willemstad, Curaçao.

³⁸*Punda* é o centro de Willemstad.

- 3 my dusie bo pay amanda bo ruman Aronchy ku
MY DUSIE BO PAY [A MANDA] BO RUMAN ARONCHY KU
Mi dushi, bo tata a manda bo ruman Aronchy ku
 ‘Meu amor, seu pai mandou seu irmão Aronchy e’
- 4 tony & meaca koge na kamina dy piter may
TONY & MEACA KOGE NA KAMINA DI PITER MAY
Tony i Meaca kohe na kaminda di Pietermaai
 ‘Tony e Meaca pegar no caminho de Pietermaai’
- 5 es nigrita antunyca & nan aybel tras dij forty
ES NIGRITA ANTUNYCA & NAN [A YBEL] TRAS DIJ FORTY
e negrita Antunika i nan a hib’é tras di e fòrti
 ‘a negrinha Antunica e eles levaram-na para trás do forte’
- 6 & nan amanda sutel guatapana mas my
& NAN [A MANDA] [SUT’EL] GUATAPANA MAS MY
i nan a manda sut’é ku watapana, pero mi
 ‘e eles mandaram açoitá-la com guatapuna, mas eu’
- 7 no saby paky razon. Sy bo saby manda gabla
NO SABY [PA KY] RAZON. SY BO SABY MANDA GABLA
no sa pa ki rason. Si bo sa, manda bisa-
 ‘não sei por que razão. Se você sabe, manda falar’
- 8 ku my dios pagabo.
KU MY DIOS PAGABO.
mi. Dios pagabo.
 ‘comigo. Deus te pague.’

9 bida manda gabla ku mi kico bechy abiny

BIDA MANDA GABLA KU MI KICO BECHY [A BINY]

Bida, manda bisami kiko Bechy a bini

‘Vida, manda me falar o que Bechy veio’

10 busca na punta & borbe bay asina presto.

BUSCA NA PUNTA & BORBE BAY ASINA PRESTO.

buska na Punda i bolbe bai asina lihé.

‘buscar em Punda e por que voltou tão rápido.’

11 my diamanty no laga dy scribimy tudu

MY DIAMANTY NO LAGA DY SCRIBIMY TUDU

Mi djamanta, no laga di skirbimi tur

‘Meu diamante, não deixe de me escrever tudo’

12 kico my ta puntrabo awe nochy my ta warda

KICO MY TA PUNTRABO AWE NOCHY MY TA WARDA

loke mi ta puntrabo awe nochi. Mi ta warda

‘o que estou perguntando esta noite. Estou esperando’

13 rospandy, my serafim precura pa quanto

ROSPONDY, MY SERAFIM PRECURA PA QUANTO

respondé. Mi serafin, pèrkurá pa kuantu

‘uma resposta. Meu serafim, procure para quanto’

14 antes dios sacabo dy es aflicao & no para dy

ANTES DIOS SACABO DY ES AFLICAO & NO PARA DY

ántes Dios sakabo di e aflikshon i no para di

‘antes Deus te tire dessa aflição e não pare de’

- 15 tuma remedio

TUMA REMEDIO

tuma remedi.

‘tomar seu remédio.’

- 16 my mamá bida sy bo mester algun coza manda

MI MAMÁ BIDA SY BO MESTER ALGUN COZA MANDA

Mi mama, bida, si bo mester algun kos, manda

‘Minha mamãezinha, minha vida, se você precisar de alguma coisa, manda’

- 17 pidy bo marido ky tanto ta stimabo. my aurora

PIDY BO MARIDO KY TANTO TA STIMABO. MY AURORA

pidi bo marí, ku tantu ta stimabo. Mi ourora,

‘pedir ao seu marido, que tanto te ama. Minha aurora,’

- 18 nobira falso pa my dios guardabo

[NO BIRA] FALSO PA MY DIOS GUARDABO

no rabia ku mi. Dios wardabo.

‘não fique com raiva de mim. Deus te guarde.’

- 19 dy bo marido ky tanto ta stimabo

DY BO MARIDO KY TANTO TA STIMABO

Di bo marí, ku tantu ta stimabo

‘De seu marido, que tanto te ama’

- 20 & ta dora nabo

& TA DORABO

i ta dorabo.

‘e te adora.’

21 Assinatura

ASSINATURA

Assinatura³⁹

Assinatura

22 pay may rake

PAY MAY RAKE

Tata, mama i Rake

‘Pai, mãe e Raquel’

23 ta mandabo

TA MANDABO

ta mandabo

‘te mandam’

24 muchu kumindamento

MUCHU KUMINDAMENTO

muchu kumindamentu.

‘muitos cumprimentos.’

Analisando a *carta de 1775*, é possível observar que a variedade empregada é semelhante ao papiamentu moderno, como já havia sido apontado por Wood (1972a: 23) e Fouse (2002: 115). As similaridades entre a variedade clássica e a moderna encontram-se em diversos níveis: grafia, estrutura gramatical da sentença e escolha do vocabulário (WOOD, 1972a: 22-23). Tais similaridades, segundo Wood (1972a: 23) e Ferrol (1982: 84), permitem chegar a duas conclusões: (i) nos últimos 25 anos do século XVIII, o papiamentu já estava estabelecido de uma forma semelhante

³⁹Segundo Wood (1972a: 26), trata-se de um X estilizado, que simboliza um beijo. Já Maduro (1971: 55 *apud* HENRIQUEZ, 1988: 100), defende que a assinatura aparece como um monograma, possivelmente CA. Ferrol (1982: 82), por seu turno, também advoga um monograma, contudo na ordem invertida: AC.

à variedade moderna no que tange à morfologia, ao léxico e à fonologia (esta última analisada com base nos padrões gráficos adotados pelo autor da carta); (ii) o papiamentu manteve uma certa estabilidade em seus sistemas gramatical e lexical.

A despeito da correspondência entre a língua usada na *carta de 1775* e a variedade moderna do papiamentu, existem divergências que devem ser discutidas. No que tange à grafia, observa-se que o sistema que aparece na carta se aproxima bastante da grafia oficial atualmente usada no papiamentu, com duas diferenças mais notáveis (WOOD, 1972a: 23). A primeira delas diz respeito ao uso consistente de <y> para indicar a vogal *[i] em posição final de palavra, o que pode indicar *[i] átono, como se observa em **FORTY** (atualmente **fòrti**), **DY** (atualmente **di**), **SCRIBIMY** (atualmente **skirbimi**). Além disso, na carta, a partícula pré-verbal <a> é escrita junto com a raiz verbal (como em **ABINY** e **AMANDA**), ao passo que, na variedade moderna, as partículas TMA são escritas separadas do verbo ao qual estão ligadas. O fato de a partícula <a> e o verbo formarem uma única palavra fonológica pode ser apontado como uma justificativa para a junção desses dois vocábulos na escrita.

Além de estarem situadas no âmbito da grafia, as diferenças entre o papiamentu da carta e a variedade moderna aparecem ainda na fonética e no léxico (WOOD, 1972a: 27; FERROL, 1982: 82-83):

PAPIAMENTU DA CARTA	PAPIAMENTU MODERNO	GLOSA
BORBE	bolbe	‘voltar’
SCRIBI	skirbi	‘escrever’
PRECURA	pèrkurá ~ perkurá	‘procurar (cuidar, preocupar-se em/com)’
PUNTA	Punda	‘nome do centro comercial de Willemstad’
KAMINA	kaminda ~ kamina	‘caminho, via, trajeto’
GUATAPANA	watapana	‘dividivi, guatapuna <i>Caesalpinia coriara</i> (espécie de planta)’
GUARDA	warda	‘1. aguardar, esperar, 2. guardar, manter salvo’
MARIDO	marí	‘marido’
TABA	tabata	‘ser/estar + PASS’
AYBEL	a hib’é (le)	‘PASS + levar + 3S’
SUTEL	sut’é (le)	‘açoitar, bater + 3S’
DORA NABO	adorabo	‘adorar + 2S’
ES	e	‘1. esse, essa, 2. o, a’
KY	ku	‘que (pronomo relativo)’
AURORA	ourora	‘aurora’
NIGRITA	negrita	‘negrinha, negrita’
DIAMANTY	djamanta	‘diamante’
REMEDIO	remedi	‘remédio’
GABLA	bisa ⁴⁰	‘falar, afirmar, dizer’
PRESTO	lihé	‘ligeiro, rápido’
TUDU KICO	tur loke	‘tudo (o) que’
COZA	kos	‘coisa’
RAZON	rason	‘razão’
AFLICAO	aflikshon	‘aflição’
PAI	tata	‘pai’
MAS	pero	‘mas’
BIRA FALSO	rabia	‘aborrecer(-se), ficar com raiva’

Alguns dos exemplos indicam diferenças dialetais do papiamentu sefardita em relação ao papiamentu moderno, ocorrendo alguns processos fonológicos, como: (i) rotacismo, a exemplo de **BORBE** *['boɾ.be] > **bolbe** ['boɭ.be] ‘voltar’; (ii) metátese, como se observa em **SCRIBI** *['skri.bi] > **skirbi** ['skir.bi] ‘escrever’ e **PRECURA**

⁴⁰Ferrol (1982: 83) menciona a forma **habla** no papiamentu moderno, contudo essa palavra não aparece nos dicionários consultados, nem foi atestada em conversas com falantes nativos.

*[pre.'ku.ra] > **pèrkurá** [pɛr.ku.'ra] ~ **perkurá** [per.ku.'ra] 'cuidar, preocupar-se com/em'; (iii) vocalização de [g] ([g] > *[w]) (ou mesmo aférese de [g]), como em **GUATAPANA** *[gwa.ta.'pa.na] > **watapana** [wa.ta.'pa.na] 'dividivi, guatapuna *Caesalpinia coriara* (espécie de planta)' e **GUARDA** *['gwar.da] > **warda** ['war.da] '1. aguardar, esperar, 2. guardar, manter salvo'; (iv) apócope da sílaba átona final <do>, a exemplo de **MARIDO** *[ma.'ri.do] > **marí** [ma.'ri] 'marido'.

Quanto às etimologias dos vocábulos usados, Wood (1972a: 28) afirma que a carta não possui muitas palavras e estruturas oriundas do português, não trazendo evidências para a assunção, comumente apresentada pelos defensores de uma origem portuguesa para a língua caribenha, de que o papiamentu mais antigo possuiria mais características do português. Segundo o autor, a única exceção seria o vocábulo **AFLICAO** (< PT *aflição*, ≠ ESP *aflicción*), palavra comum nos registros cultos e de forte conotação religiosa. Seu emprego em contextos religiosos não deveria causar surpresa, dado que a comunidade sefardita fazia uso regular do português em seus serviços religiosos, sobretudo nos sermões (que também apareciam, muitas vezes, em hebraico). Wood (1972a: 27) afirma que até mesmo a palavra **COZA**, que à primeira vista poderia ser considerada como proveniente do português em virtude do *[z], também teria mais provavelmente um étimo espanhol, já que o <z> seria apenas gráfico, remetendo à consoante surda *[s]. Assim, para Wood (1972a: 28), o único exemplo de étimo indubitavelmente português na carta (**AFLICAO**) seria compensado pela ampla quantidade de palavras oriundas do espanhol (e suas conseqüentes semelhanças no âmbito fonético), como **DIOS** (< ESP *Dios*, ≠ PT *Deus*), **RAZON** (< ESP *razón*, ≠ PT *razão*), **MUCHU** (< ESP *mucho*, ≠ PT *muito*), **RUMAN** (< ESP *hermano*, ≠ PT *irmão*), **ALGUN** (< ESP *algún*, ≠ PT *algum*), **MY** (pronomine possessivo) (< ESP *mi*, ≠ PT *meu, minha*). Além disso, outro traço similar ao espanhol seria o fato de o papiamentu fazer uso sistemático de *[b] na posição inicial de muitas palavras, como **BIDA**, **BO**, **BINY**, **BIRA** (ao passo que, no português, essas palavras começam com [v])⁴¹. A partir da análise dos étimos, Wood (1972a:

⁴¹A presença de [b] em lugar de [v] em vocábulos dessa natureza não seria uma prova cabal para atribuir um étimo espanhol, uma vez que é possível encontrar variação entre [b] e [v] em algumas variedades do português; assim, uma procedência portuguesa também é possível. Além disso, considera-se que o vocábulo **ALGUN** pode ter um étimo português,

28) — que defende que a origem do papiamentu pode ser buscada em um crioulo de base espanhola pancaribenho — conclui que o espanhol já exercia influência sobre o papiamentu no século XVIII, atingindo inclusive vocábulos de conotação religiosa (como **DIOS**), campo semântico em que a contribuição espanhola seria supostamente tardia e secundária. Essas mesmas conclusões (isto é, que a presença do elemento português na carta é diminuta, restringindo-se à palavra **AFLICAŌ**) são também apresentadas por Ferrol (1982: 83). Seguindo um posicionamento diferente, inclusive por advogar uma base portuguesa para o papiamentu, Martinus (1996: 11) defende que a influência portuguesa se mostra claramente na carta em vocábulos como **SERAFIM**, **AFLICAŌ** e **COZA**. Além disso, com base em Lopes da Silva (1957: 154), o autor aponta que a palavra **MA** na sentença **MA DORA NABO**, traduzida como ‘e te adora’, pode ser relacionada ao kabuverdianu, única língua que também atribui o valor de ‘e (conjunção aditiva)’ à palavra ‘mais’. Essa última afirmação de Martinus (1996: 11) deve ser vista com cuidado por dois motivos. Primeiro, não se tem certeza se a carta apresentava realmente essa sentença, sendo possível também transcrevê-la como **& TA ADORA NABO** (como foi adotado nesta tese). Ademais, não é apenas o kabuverdianu que admite que a palavra ‘mais’ funcione como uma conjunção aditiva; em variedades populares do português, esse uso é atestado, podendo essa ser a fonte da estrutura do papiamentu.

Nesta tese, a análise dos elementos de étimo português na *carta de 1775* difere um pouco daquela realizada pelos autores supracitados, apontando um número maior de palavras oriundas do português. Nas palavras **COZA** e **RAZON**, defende-se que o grafema <z> de fato representa a consoante sonora *[z], sugerindo um possível étimo português (*coisa* e *razão*, respectivamente). No caso de **RAZON**, cuja terminação é característica do espanhol (*razón*), pode-se supor uma confluência do português e do espanhol, uma vez que o registro antigo do papiamentu traz características das duas línguas. Além desses vocábulos, outros quatro teriam um étimo português: **AFLICAŌ** (< PT *aflição*, ≠ ESP *aflicción*), **PAI** (< PT *pai*, ≠ ESP *padre*),

junto com o espanhol, já que, independentemente da grafia, as formas nas duas línguas são similares.

MAS (< PT *mas*, ≠ ESP *pero*⁴²) e **TUDO** (na expressão **TUDO KIKO**) (< PT *tudo*, ≠ ESP *todo*). Essas formas caíram em desuso no papiamentu moderno, sendo substituídas por **aflikshon**, **tata**, **pero** e **tur**, respectivamente. Atualmente existe a palavra **pai** em papiamentu, mas ela não é muito usada pelos falantes, que revelam uma preferência pelo vocábulo **tata**. Já a palavra **mas** da variedade moderna tem um significado diferente, remetendo ao advérbio intensificador ‘mais’. O caso das três primeiras palavras (**AFLICAO**, **PAI** e **MAS**) demonstra que houve a substituição de antigos vocábulos de étimo português por outros oriundos do espanhol. Essa hispanicização do papiamentu pode também ser exemplificada pela expressão **tur loke** (semelhante ao ESP *todo lo que*, ≠ PT *tudo o que*), usada atualmente no lugar de **TUDU KICO**.

Ainda no âmbito lexical, nota-se o uso da expressão **BIRA FALSO**, considerada por Henriquez (1988: 7) como característica da comunidade sefardita. Essa forma não foi conservada na variedade moderna, que faz uso dos verbos **rabia** e **fada** para remeter ao significado de ‘aborrecer(-se), ficar com raiva’.

Em suma, no que tange à presença de palavras oriundas do português na *carta de 1775*, observa-se que, ainda que não seja em um número muito expressivo⁴³, há alguns vocábulos de indubitável etimologia portuguesa — os quais caíram em desuso (ou são pouco usados) na variedade moderna — em um número maior do que anteriormente apontado por estudiosos, como Wood (1972a: 25-28) e Ferrol (1982: 80-83). Isso mostra que possivelmente o papiamentu usado pelos judeus sefarditas era realmente mais influenciado pelo português, estando permeado por vocábulos e estruturas dessa língua.

Além do excerto da *carta de 1775*, Maurer (1998: 205-206) também apresenta um documento, datado de 16 de janeiro de 1776, que consiste na reprodução de um suposto diálogo entre duas escravas registrado pelo judeu sefardita Samuel Costa

⁴²O vocábulo *mas* ~ *más* também é mencionado para o espanhol (RAE, 2001), contudo essa forma é antiga e de uso pouco difundido.

⁴³Essa ausência de um grande número de palavras oriundas do português no léxico da carta é apontada por Jacobs (2012b: 67-68) como evidência de que, no papiamentu, a substituição do vocabulário original de base portuguesa por elementos espanhóis foi rápida, durando cerca de três a quatro décadas no máximo. Tal velocidade permitiria caracterizar o processo como relexificação (ao invés de empréstimo maciço).

Andrade. É possível conjecturar que talvez essa conversa nem tenha existido de fato, sendo uma criação do próprio Semuel. O relato desse diálogo é reproduzido a seguir, adotando o seguinte padrão: (i) na primeira linha, aparece o texto no papiamentu da época, grafado em fontes normais; (ii) na segunda linha, encontra-se uma leitura semidiplomática, que incorpora poucas alterações ao texto original (as quais serão grafadas em itálico e entre colchetes). Essa linha virá em negrito e caixa alta; (iii) a terceira linha contém o correspondente em papiamentu moderno, que está em negrito — o conteúdo das primeiras e terceiras linhas foi retirado de Maurer (1998: 205-206), podendo haver alguns acréscimos na forma do papiamentu moderno; já a leitura semiplomática foi elaborada para esta tese —; (iv) na quarta linha, aparece a tradução para o português, em fontes normais e entre aspas simples. No decorrer do documento, aparecem trechos (situando quem falará no diálogo) em português, o que é mais uma evidência de que essa era uma das línguas da comunidade sefardita. Nesses casos, aparecem duas linhas: uma com o texto fornecido por Maurer (1998: 205-206), em itálico, e a outra com a tradução para o português moderno, em fontes normais e entre aspas simples.

Documento de 1776

1 ... *iva duas negras caminhando diante de my discutindo e dizendo huma com outra:*

‘Duas negras iam caminhando diante de mim discutindo e dizendo uma com a outra.’

2 “boste atende kiko tin?”

“BOSTE [A TENDE] KIKO TIN?”

“Bo a tende kiko tin?”

‘Você ouviu o que houve?’

3 *Respondeo a outra:*

‘A outra respondeu.’

4 “my no tende nada, pues kiko tin?”

“MY NO [A TENDE] NADA, PUES KIKO TIN?”

“Mi no a tende nada, anto kiko tin?”

‘Eu não ouvi nada, então o que houve?’

5 *Respondeo dizendo:*

‘Respondeu dizendo:’

6 “my atende di catibo de Sr. Pardo ki su senhor

“MY [A TENDE] DI CATIBO DE SR. PARDO KI SU SENHOR

“Mi a tende di katibu di Sr. Pardo ku su shon

‘Eu ouvi do cativo do senhor Pardo que seu senhor’

7 agaia dos carta, hum di Sra. Sara Pardo i otro di Sr.

[A GAIA] DOS CARTA, HUM DI SRA. SARA PARDO I OTRO DI SR.

a haña dos karta, un di señora Sara Pardo i otro di señor

‘recebeu duas cartas, uma da senhora Sara Pardo e outra do senhor’

8 Abraham Costa, y el atende su senhor Gay⁴⁴ ta leer pra

ABRAHAM COSTA, Y EL [A TENDE] SU SENHOR GAY TA LEER PRA

Abraham Costa, i el a tende su shon Hay ta lesa pa

‘Abraham Costa, e ele ouviu seu senhor lendo a carta para’

9 su pay, i es carta ta gabla com el apasa

SU PAY, I ES CARTA TA GABLA COM EL [A PASA]

su tata, i e karta ta bisa kon el a pasa

‘seu pai, e a carta fala como ele [= Abraham]⁴⁵ tem passado’

⁴⁴Segundo Maurer (1998: 205), **hay** é uma maneira carinhosa de se referir a **Mordechai**.

⁴⁵É possível saber quem é o referente do pronome ‘ele’ porque a seguir uma das escravas pergunta sobre a carta escrita por Sara.

10 de Jegum y ariba hum dosie.”

DE JEGUM Y ARIBA HUM DOSIE.”

dia di zjuzjum i ta papia riba un dushi.”

‘os dias de jejum e fala de uma amante.’

11 *y le preguntou a outra negra:*

‘e a outra negra lhe perguntou:’

12 “kiko mas?”

“KIKO MAS?”

“Kiko mas?”

‘O que mais?’

13 *Respondeo:*

‘Ela respondeu:’

14 “my no sabe”

“MY NO SABE”

“Mi no sa.”

‘Eu não sei.’

15 *y le preguntou a outra:*

‘e a outra lhe perguntou:’

16 “y es dy Sra. Sara kiko ta gabla?”

“Y ES DY SRA. SARA KIKO TA GABLA?”

“I esun di Sra. Sara, kiko e ta bisa?”

‘E a carta da senhora Sara diz o quê?’

17 *Respondeo:*

‘Respondeu:’

- 18 “my no sabe”,
“MY NO SABE”,
“Mi no sa.”
‘Eu não sei.’

A partir dos nomes mencionados na conversa, pode-se conjecturar que esse diálogo se refere ao relacionamento extraconjugal entre Abraham da Costa e Sarah Farro, fortalecendo a hipótese de que o destinatário da *carta de 1775* era a amante de Abraham da Costa (Sarah), e não sua esposa. Essa asserção, contudo, deve ser vista com reservas, uma vez que, conforme mencionado, é possível que esse diálogo não tenha de fato existido, sendo uma criação do próprio autor (Semuel).

No que diz respeito à estrutura linguística e à escolha lexical, assim como foi observado na *carta de 1775*, o papiamentu usado é próximo à variedade moderna. No nível vocabular, há o uso do pronome **BOSTE**, que, de acordo com Henriquez (1988: 8), é uma forma arcaica usada dentro da comunidade judaica até 1930 para se referir à 2^a pessoa. Atualmente, segundo a autora, o uso desse pronome se restringe a situações de brincadeiras, piadas, zombaria. Há ainda outras formas características do papiamentu sefardita: **LEER** e **JEGUM** (HENRIQUEZ, 1988: 42, 95). Essa presença de vocábulos próprios do dialeto sefardita sugere que os escravos dos judeus (no caso de o diálogo ter realmente existido) falavam o papiamentu da comunidade judaica; caso contrário, teriam usado, respectivamente, **BO**, **LEZA** e **YUNA**, formas empregadas na variedade geral.

Além da presença de elementos característicos do papiamentu sefardita, o documento de 1776 possui ainda trechos em português, o que é mais uma prova de que essa era uma das línguas da comunidade judaica, conforme discutido na seção 4.4.4 do capítulo 4. Caso o português não tivesse uma importância e um uso difundido dentro da comunidade, não haveria uma razão para que os trechos estivessem nessa língua.

Após a análise da *carta de 1775* e de um outro documento de 1776 também escrito por um judeu sefardita, na seção 5.2.2, passa-se à discussão de dados linguísticos característicos da comunidade judaica, retirados de Henriquez (1988, 1991).

5.2.2 Vocábulos e expressões da comunidade sefardita

Esta seção analisa vocábulos e expressões característicos da comunidade sefardita, retirados de Henriquez (1988, 1991). Esses dados são comparados com seus correspondentes na variedade geral da língua com o propósito de analisar a participação dos judeus na configuração do papiamentu. Ademais, a etimologia dos dados é discutida, buscando observar se o papiamentu sefardita era mais semelhante ao português do que o registro geral. Por fim, apresentam-se traços estruturais típicos da comunidade sefardita, sobretudo no que tange ao sistema verbal.

Em suas obras, Henriquez (1988, 1991) apresenta vocábulos e expressões típicos dos judeus sefarditas com o objetivo de divulgar e sobretudo resgatar aspectos da cultura judaica que foram se perdendo e sendo esquecidos pelas gerações mais novas. Todos os dados que aparecem nos glossários da autora são seguidos de uma breve explicação e exemplos de sentenças que ilustram seu uso. No anexo C, bem como no decorrer da tese, os vocábulos e expressões compilados por Henriquez (1988, 1991) aparecem em negrito e itálico (mantendo-se a grafia empregada pela autora), seguidos por uma breve tradução em português. Na análise do vocabulário sefardita realizada, serão desconsiderados vocábulos e locuções que remetem a conceitos (culturais, religiosos, culinários) específicos da comunidade judaica. Tal posição foi tomada pelo fato de a análise estar centrada na influência exercida pelos sefarditas na configuração linguística do papiamentu como um todo, e não na difusão dos costumes da comunidade judaica — como é um dos objetivos de Henriquez.

Diferentemente do que foi feito para as variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu, não foi possível discutir as características fonológicas do papiamentu sefardita em virtude da escassez de materiais que tratem dessa temática. À exceção de Henriquez (1988, 1991), não foram encontrados estudos que discutam as especificidades linguísticas da variedade usada pela comunidade sefardita e seus escravos em Curaçao. A partir das discussões dessa autora, pode-se considerar que, de uma maneira geral, o papiamentu sefardita seguia os padrões fonético-fonológicos da variedade geral da língua, com algumas diferenças, como as apontadas na análise da *carta de 1775*. Assim sendo, a descrição feita para o papiamentu clássico

(conforme seção 5.1.1) pode ser aplicada para a leitura dos dados relacionados aos judeus sefarditas.

Os vocábulos usados dentro da comunidade judaica (em geral, sendo essa forma a única usada pelos sefarditas para veicular determinado conceito) podem receber dois tratamentos diferentes por parte dos falantes não judeus do papiamentu: (i) recorre-se a uma variante ou um equivalente; (ii) o vocábulo também é usado (HENRIQUEZ, 1988: 98). Em alguns casos, é possível observar o uso de vocábulos específicos à comunidade sefardita, sendo o mesmo significado veiculado por uma forma diferente no papiamentu geral. Esse cenário é ilustrado pelos exemplos que se encontram nos Quadros 13, 14 e 15 (dados retirados de HENRIQUEZ, 1988: 97-98). As glosas e as formas do papiamentu clássico foram acrescentadas. Caso não tenha sido encontrado o correspondente no papiamentu clássico, será usado um travessão. Nesses casos, a ausência de um determinado item na variedade clássica não permite afirmar se o vocábulo nesse registro era diferente do papiamentu sefardita. No quadro 13, aparecem itens lexicais convergentes (com pequenas diferenças fônicas), divididos em nominais (nomes e adjetivos) e verbais. Cada uma dessas classificações é separada no quadro por uma linha em branco. Já o quadro 14 apresenta itens funcionais convergentes, também com pequenas diferenças. Por fim, o quadro 15 mostra itens (lexicais e funcionais) divergentes (no caso de *pasha*, uma forma do papiamentu geral é semelhante, outra é diferente). Esses dados foram agrupados em nominais (nomes e adjetivos), verbais e adverbiais, com uma linha em branco separando cada grupo.

PP sefardita	PP clássico	PP moderno	Glosa
<i>baño</i>	BÁNJO	bañu	‘1. banheiro, lava-tório, 2. banho’
<i>bizhita</i>	—	bishita	‘visita’
<i>bisñetu</i>	—	bisañetu	‘bisneto’
<i>dignitario</i>	—	dignatario	‘dignitário’
<i>dispensa</i>	—	despensa	‘perdão’
<i>festa</i>	—	fiesta	‘festa’
<i>fopá</i>	—	vupá	‘infração, delito, ofensa’
<i>granmèrsi</i>	—	gremesí	‘pessoa que vive às custas de outra’
<i>mata di roza</i>	—	mata di rosa	‘roseira <i>Rosa sp</i> ’
<i>noba (notisha)</i>	NOBO	nobo	‘notícia, informação’
<i>òrdi</i>	ORDE, ORDEN	òrdu	‘ordem’
<i>piko (di para)</i>	—	pik (di para)	‘bico (de pássaro)’
<i>remedu</i>	REMÉDI, REMEDIO	remedi	‘remédio’
<i>striki</i>	—	strek	‘arco, faixa, cinto’
<i>Saba</i>	SABRA	djasabra	‘sábado’
<i>sekia</i>	SEKOERA	sekura ⁴⁶	‘seca, segura, estia-gem’
<i>slòins</i>	—	slòns	‘desordenado, descuidado’
<i>speshul</i>	—	spesial	‘especial’
<i>strañu</i>	—	straño	‘estranho’
<i>triste</i>	TRISTOE, TRISTE	tristu	‘triste’
<i>bizjitá</i>	BISJITA, VISITÁ	bishitá	‘visitar’
<i>desparesé</i>	DISPARCÊ, DIS-PARECÊ	disparsé	‘desaparecer’
<i>goza</i>	GOZA, GOZÁ	gosa	‘divertir(-se), gozar’
<i>kurigí</i>	CORRIGI	koregí, korehí	‘corrigir’
<i>kusta</i>	KOSTÁ	kosta	‘custar’
<i>kustumá</i>	KOESTOEMÁ, KOESTOEMAAR	kustumbrá	‘acostumar(-se)’

Quadro 13: Convergências entre itens lexicais do papiamentu sefardita e da variedade geral (clássica e moderna).

⁴⁶Nesse caso, é possível que os vocábulos apresentem diferenças semânticas, com o termo do

PP sefardita	PP clássico	PP moderno	Glosa
<i>afora, pafora</i>	AFOR, FOR, PA FOOR	afó, pafó	‘fora, para fora’
<i>di repente</i>	DI RIPIËNTE	di ripiente	‘de repente’
<i>fora (djesei)</i>	—	fuera (djesei)	‘exceto, fora isso, além de’

Quadro 14: Convergências entre itens funcionais do papiamentu sefardita e da variedade geral (clássica e moderna).

PP sefardita	PP clássico	PP moderno	Glosa
<i>festeho</i>	—	selebrashon	‘festejo, celebração’
<i>lanso</i>	LAKEN	laken, laker	‘lençol de cama’
<i>nònchi</i>	MONGA	sùr	‘freira’
<i>suku di lechi</i>	—	kos di lechi	‘doce de leite’
<i>pasha</i>	PASSA, PASA	pasa, lozjer	‘passar’
<i>tur kiko</i>	TUR QUICO	tur loke	‘tudo (o) que’
<i>poko dia atras</i>	—	poko dia despues	‘poucos dias atrás’

Quadro 15: Divergências entre o papiamentu sefardita e a variedade geral (clássica e moderna).

Comparando o papiamentu sefardita com o clássico nos dados dos quadros 13, 14 e 15, é possível observar que, em alguns casos, as duas variedades compartilhavam a mesma forma, que atualmente não se mantém. É o caso, por exemplo, de (i) PPS *kustumá* e PPC KOESTOEMÁ, KOESTOEMAAR ($\neq$ PP *kustumbrá*); (ii) PPS *tur kiko* e PPC TUR QUICO ($\neq$ PP *tur loke*). No caso do verbo que significa ‘divertir(-se), gozar’, observa-se uma pequena alteração, com a passagem de uma consoante sonora para surda ([z] > [s]): PPS *goza*, PPC GOZA, GOZÁ e PP *gosa*. Há ainda um caso em que a variedade clássica apresentava duas formas: uma convergente com o papiamentu sefardita; outra, com a variedade moderna (PPS *triste*, PPC

papiamentu sefardita significando ‘seca’ e o do papiamentu clássico e moderno remetendo a ‘secura’.

TRISTOE, **TRISTE** e PP **tristu**). Esses exemplos mostram que o papiamentu sefardita possivelmente exercia influência na variedade geral da língua, demonstrando a contribuição da comunidade judaica para a configuração do papiamentu.

No que tange ao registro sefardita, Henriquez (1988: xiii) afirma que, apesar de os vocábulos recolhidos por ela serem característicos dos judeus, eles não são exclusivos dessa comunidade, podendo ter se difundido para falantes não judeus. Além disso, a autora aponta que algumas palavras e expressões usadas comumente por determinados segmentos da comunidade sefardita podem não ser usadas por outros judeus não necessariamente porque eles desconheçam os vocábulos, mas simplesmente porque esses termos não são vistos como pertencentes à fala dos sefarditas (HENRIQUEZ, 1991: introdução). Essa não exclusividade dos termos do papiamentu sefardita à comunidade judaica pode ser vista entre os dados apresentados por Henriquez (1988: 97-98), em que aparecem dois vocábulos diferentes (o primeiro deles associado aos judeus sefarditas) — seja com pequenas variações, seja com étimos diversos — sendo ambos atualmente aceitos no papiamentu geral. É o que se observa, por exemplo, em:

- (34) a. PPS *shandilié*, *shandelir* e PP **shanguilié**, **shangilé** ‘lustre, candelabro’;
 b. PPS *arepita* e PP **repa** ‘tipo de panqueca’;
 c. PPS *gora*, *gwerá* e PP **bora** ‘furar, perfurar’;
 d. PPS *bena*, *vena* e PP **ader**, **adru** ‘vaso (de sangue), veia’;
 e. PPS *festehá* e PP **selebrá** ‘festejar, celebrar’;
 f. PPS *para (di)* e PP **stòp (di)** ‘parar, cessar’;
 g. PPS *sementerio*, PP **santana** e **kerkhòf** ‘cemitério’;
 h. PPS *tibio* e PP **lou** ‘morno, tépido’.

Analisando os correspondentes desses vocábulos no papiamentu clássico, observa-se que, em alguns casos, a língua já fazia uso de dois vocábulos (um deles associado aos judeus sefarditas), como se observa em **BÉNA/BENA**, **ADER** (cf. 34d) e **HACI PARÀ**, **PARÁ**, **STÒP** (cf. 34f). Há também exemplos em que o papiamentu clássico

se assemelhava à variedade moderna, como em **BORÁ** (cf. 34c), **CELEBRA** (cf. 34e) e **LAUW** (cf. 34h).

Junto com esses casos em que há diferença lexical, há também exemplos em que os dois vocábulos (o primeiro associado à variedade sefardita e o segundo, ao registro geral) se diferenciam no nível fonético, sendo possível considerar as duas formas como variantes. Exemplos desse tipo podem ser vistos em (35):

- (35) a. PPS *baile* e PP **balia** ‘baile’;
 b. PPS *balia* e PP **baila** ‘bailar, dançar’;
 c. PPS *huña* e PP **uña** ‘1. unha, garra, presa, 2. arranhar, coçar, unhar’;
 d. PPS *kamina* e PP **kaminda** ‘1. caminho, via, trajeto, 2. onde, no lugar em que’;
 e. PPS *keinta* e PP **kenta** ‘aquecer, esquentar’;
 f. PPS *kuri* e PP **kore** ‘correr’;
 g. PPS *sedu* e PP **set** ‘sede’;
 h. PPS *skore* e PP **skoria, skuri** ‘verter, derramar, escorrer (devagar)’;
 i. PPS *turtuga* e PP **turtuka** ‘tartaruga’;
 j. PPS *uza* e PP **usa** ‘usar’.

Para os casos em (35), também observa-se que o papiamentu clássico ora se aproxima da variedade sefardita — como em **BALIA** (cf. 35b), **HOENJA** (cf. 35c), **KAMINA**, **KAMIENA** (cf. 35d) —, ora do registro geral — a exemplo de **TOERTOEKKA** (cf. 35i) e **OESA** (cf. 35j). Há ainda casos em que, no papiamentu clássico, ocorrem as duas formas: **KOERÍ**, **KORRÉ** (cf. 35f). Esses exemplos mostram mais uma vez que o desenvolvimento da variedade clássica foi influenciado pelo papiamentu falado pelos sefarditas.

Além desses exemplos que mostram a presença de vocábulos associados aos sefarditas na variedade geral da língua (moderna e clássica), alguns outros vocábulos coletados por Henriquez (1988, 1991) também aparecem nos registros do papiamentu clássico (às vezes com uma pequena variação gráfica e/ou fônica), como se observa em (36). Esses dados constituem mais uma evidência da contribuição sefardita para o desenvolvimento geral da língua.

- (36)
- a. PPS *alafan* (PPC **ALAFIEN**) ‘finalmente, enfim, por fim’;
 - b. PPS *bahü* (PPC **BAHOEL**) ‘baú, arca’;
 - c. PPS *drecha* (PPC **DRETSJÁ, DRETSJA**) ‘consertar, endireitar, fazer um reparo’;
 - d. PPS *famia* (PPC **FAMILIE, FAMÍA, FAMILIA**) ‘família ou parente próximo’;
 - e. PPS *fika* (PPC **FIEKA**) ‘permanecer, ficar, estar’ (segundo Henriquez (1988: 21), trata-se de um verbo antigo, usado atualmente somente para brincar ou zombar);
 - f. PPS *gaba* (PPC **GABA, GABÁ**) ‘gabar(-se), vangloriar-se’;
 - g. PPS *kuñá* (PPC **KOENJAAR**) ‘cunhado, cunhada’;
 - h. PPS *lèter* (PPC **LETTER**) ‘escrita, letra’;
 - i. PPS *nabiu* (PPC **NABIOE**) ‘navio’ (segundo Henriquez (1988: 50), trata-se de um substantivo antigo);
 - j. PPS *skuza* (PPC **SKOESA**) ‘escusar, desculpar(-se), perdoar’;
 - k. PPS *teima* (PPC **TEIMA**) ‘1. incomodar, pegar no pé, importunar, 2. teimar, pleitear, insistir’;
 - l. PPS *vansa* (PPC **AVANSA**) ‘avançar, adiantar’.

Henriquez (1998: xiii) chama também atenção para a possibilidade de algumas palavras e expressões do glossário de fato fazerem parte do uso corrente da língua (não sendo específicas aos judeus), contudo com um significado diferente dentro da comunidade sefardita. Como exemplos, citam-se:

- (37)
- a. PPS *echa* (verbo antigo) ‘atirar, lançar, jogar’ — PP *echa, hecha* ‘amadurecer’;
 - b. PPS *legado* ‘doação em dinheiro feita por um judeu à sinagoga para que a oração em honra de seus mortos (*Skaba, Hashkabá*) seja sempre realizada’ — PP *legado* ‘legado, herança’;
 - c. PPS *silensio* ‘luto, lamento’ — PP *silensio* ‘silêncio’;
 - d. PPS *bala* ‘expert, veterano, conhecedor, muito bom em alguma coisa’ — PP *bala* ‘1. bala (de arma), 2. bola’.

No que tange à etimologia das palavras características dos judeus sefarditas, de maneira geral, os vocábulos são provenientes das línguas ibero-românicas, como se observa em:

- (38) a. **apogeo** (< PT *apogeu*, ESP *apogeo*) ‘apogeu, ponto culminante’;
 b. **bamboliá** (< PT/ESP *bambolear*) ‘bambolear’;
 c. **ensimismá** (< PT *ensimesmado*, ESP *ensimismado*) ‘de caráter reservado, introvertido, retraído’;
 d. **festin** (< PT *festim*, ESP *festín*) ‘festa pequena, geralmente em família’;
 e. **guáramo** (< ESP venezuelano *guáramo*) ‘força, coragem, valor’;
 f. **koibí** (< PT *coibir/coibido*, ESP *cohibir/cohibido*) ‘1. coibir, 2. coibido’;
 g. **opak, opako** (< PT/ESP *opaco*) ‘opaco, sombrio’;
 h. **rasguño** (< ESP *rasguño*) ‘arranhão, pequeno corte’;
 i. **semehá** (< PT *assemelhar*, ESP *asemejar*) ‘assemelhar’.

A influência das línguas ibero-românicas ultrapassa o nível do vocábulo e se estende a expressões e estruturas, que, em alguns casos, são decalques dessas línguas:

- (39) a. **biento em popa** ‘vento em popa’ — PT *vento em popa*, ESP *viento en popa*;
 b. **dale ke dale** ‘perseverar, insistir’ — PT *dá-lhe que dá-lhe*, ESP *dale que dale*;
 c. **duna kuèrda** ‘dar corda (1. falar sem parar, 2. instigar)’ — PT *dar corda*, ESP *dar cuerda*;
 d. **lenga viperina** ‘língua viperina (a língua de quem fala mal dos outros, de quem fala demais)’ — PT *língua viperina*, ESP *lengua viperina*;
 e. **manda al paseo** ‘mandar embora, livrar-se de alguém’ — ESP *mandar a paseo*;
 f. **sanger lihé** ‘pessoa alegre, agradável’ — ESP *sangre ligera*;
 g. **den dansa** ‘1. piada ruim, de mau gosto, 2. complicação, briga, problema. Expressão usada para descrever uma situação em que alguém se encontra, na maioria das vezes contra sua vontade’ — PT *entrar na*

- dança, ir na dança*, ESP *andar en la danza, estar en la danza, guiar la danza, meter a alguien en la danza*;
- h. ***dera shete pia bou di tera*** ‘expressão usada de várias maneiras: 1. para decretar que um evento deve ocorrer em segredo, 2. quando se comete um erro grave, 3. para indicar que alguém está morto’ — PT *sete palmos de terra*, ESP *siete pies de tierra*;
- i. ***echa a patadas, tira ku kuater patada, trata a patádas***⁴⁷ ‘mandar alguém embora de forma insultante, grosseira’ — PT *patada*, ESP *a patadas*;
- j. ***echa na kara di un hende*** ‘acusar, confrontar alguém de forma desagradável’ — ESP *echar a la cara, o en cara, o en la cara*;
- k. ***echa (òf dal) su gataso*** ‘1. chamar atenção de forma positiva, saltar aos olhos, 2. expressão usada para se referir a alguma coisa que aparenta ser mais do que realmente é’ — ESP *dar (el) gatazo*;
- l. ***mara kara*** ‘aborrecer-se, ficar com raiva’ — PT *amarrar a cara*, ESP *amarrar la cara*;
- m. ***ni así ni asá*** ‘algo mediano, nem bom, nem ruim’ — PT *assim ou assado*, ESP *así que asá, o así que asado, así o asá*;
- n. ***paga patu*** ‘ser culpado ou responsabilizado no lugar de alguém’ — PT *pagar o pato, esp pagar el pato*;
- o. ***pañó di lágrima*** ‘pessoa confidente e conselheira de outra, com quem se pode contar para abrir o coração e receber compreensão e consolo para seus pesares’ — ESP *pañó de lágrimas*;
- p. ***puño i letra*** ‘expressão usada para estipular que determinada obra é de autoria de alguém’ — ESP *de puño y letra*.

No que diz respeito especificamente ao português, foram encontradas palavras e expressões de étimo português que não poderiam ter uma procedência espanhola

⁴⁷Em alguns casos, palavras oriundas do português e/ou do espanhol conservam o <s> de plural, o que sugere que, no papiamentu, esse morfema foi incorporado junto com o radical do vocábulo (concebido como um todo indivisível), não veiculando necessariamente a noção de plural.

(isolada ou junto com a portuguesa), como se observa nos exemplos em (40) e (41). A presença de vocábulos de indubitável etimologia portuguesa — muitos substituídos por outras formas na variedade geral da língua — confirma a suposição de que o papiamentu sefardita era mais próximo do português, sendo mais influenciado por essa língua, do que o papiamentu comum (ainda que o número de vocábulos derivados do português não seja muito vultuoso) (QUINT, 2000b: 195; JOUBERT & PERL, 2008: 147).

- (40) a. **balufá** (< PT *balofo*, ≠ ESP *adiposo*, *gordo*) ‘1. inchar, encher, 2. inchado, inflado, cheio, 3. bombástico’;
- b. **enshoval**, **inshoval** (< PT *enxoval*, ≠ ESP *ajuar*) ‘enxoval’;
- c. **gabazón** (< PT *gabação*, ≠ ESP *alabanza*, *elogio*) ‘elogio, gabamento’;
- d. **gòsta** (< PT *gostar*, ≠ ESP *gustar*) ‘1. gostar, 2. experimentar, saborear’ — Henriquez (1991: 29) afirma que se trata de um verbo antigo, atualmente usado em brincadeira, zombaria;
- e. **interesseiro** (< PT *interesseiro*, ≠ ESP *interesado*) ‘interesseiro’;
- f. **koitadu** (< PT *coitado*, ≠ ESP *infeliz/desgraciado*) ‘coitado’;
- g. **lesma** (< PT *lesma*, ≠ ESP *babosa*, *limaza*) ‘lesma (1. animal, 2. pessoa fraca (que está mal), débil, descaída, sem brio, 3. preguiçoso, lerdo)’;
- h. **ninguein** (< PT *ninguém*, ≠ ESP *nadie*) ‘de categoria inferior, de pouco ou nenhum valor’;
- i. **panlevi** (< PT *pão-leve*, ≠ ESP *biscocho*) ‘tipo de biscoito feito com ovo, farinha, açúcar e um pouco de sal, servido pelos judeus em ocasiões festivas’;
- j. **rechiyá** (< PT *recheiar/recheado*, ≠ ESP *rellenar/rellenado*) ‘1. recheiar, encher, 2. recheado, cheio’;
- k. **segredo**, **segredu** (< PT *segredo*, ≠ ESP *secreto*) ‘segredo, algo confidencial, privado’;
- l. **skeze** (< PT *esquecer*, ≠ PT/ESP *olvidar*) ‘esquecer(-se)’.

- (41) a. *baya kombein* ‘desejo de uma boa viagem’ — PT *vai com bem*;
 b. *kada kual ku su igual* ‘me diga com quem andas que te direi quem és’ — PT *cada qual com seu igual*;
 c. *keda pa simia* ‘ficar para semente’ — PT *ficar para semente*;
 d. *kibra zjuzjum* ‘quebrar o jejum’ — PT *quebrar o jejum*;
 e. *kometé un gaf* ‘cometer uma gafe’ — PT *cometer uma gafe*;
 f. *ni tuzji ni muzji* ‘ficar calado, não ter nenhuma reação’ — PT *não tugir nem mugir*.

Há ainda exemplos provenientes do português que possuem a consoante fricativa sonora palatal (/ʒ/), como mostram os dados em (42). A presença dessa consoante na variedade sefardita de forma mais frequente do que na variedade geral sugere que Jacobs (2012a: 67) pode estar correto em afirmar que o /ʒ/ entrou no papiamentu a partir dos judeus (conforme discutido no apêndice A), mesmo porque, para alguns exemplos, a variedade geral possui uma forma diferente, em que tal fonema não se faz presente. Nos registros do papiamentu clássico também não foram encontrados vocábulos semelhantes àqueles que aparecem em (42).

- (42) a. *dezja* (< PT *desleixar*, ≠ ESP *descuidar*) ‘desleixar, descuidar, negligenciar’;
 b. *frizji* (< PT *frigir*, ≠ ESP *freír*) ‘frigir, fritar’;
 c. *manzja* (< PT *man[ʒ]ar*, ≠ ESP *man[x]ar*) ‘comer’;
 d. *rabuzjentu* (< PT *rabugento*, ≠ ESP *malhumorado*) ‘crise de fúria, ataque de raiva’;
 e. *sobezji, sobrezji* (< PT *sobejo*, ≠ ESP *resto, sobra*) ‘sobejo, sobra’;
 f. *zjanta* (< PT *janta/jantar*, ≠ ESP *cena/cenar*) ‘jantar (1. comida, 2. comer à noite)’;
 g. *zjeitoso* (< PT *jeitoso*, ≠ ESP *hábil, habilidoso*) ‘jeitoso’;
 h. *zjema* (< PT *[ʒ]ema*, ≠ ESP *[x]ema*) ‘gema’;
 i. *zjitona* (< PT *azeitona*, ≠ ESP *aceituna*) ‘azeitona’;
 j. *zjuzjum* (< PT *jejum*, ≠ ESP *ayuno*) ‘jejum’.

Além de alguns vocábulos e expressões característicos, os dados reunidos por

Henriquez (1988, 1991) mostram ainda a existência de alguns traços estruturais típicos da comunidade sefardita. No que tange aos verbos auxiliares, a autora aponta o uso entre os sefarditas de: (i) *biya, viya*, que pode ser traduzido como ‘vir a’: *Lo mi a biya hasié p’abo, pero m’a tende muchu lat.* ‘Eu viria a fazer/faria isso para você, mas eu ouvi muito tarde’; (ii) *mesteriba* ‘dever fazer algo que não está sendo feito’, como se observa em *Ta Pablo mesteriba atendé turista i Pedro atendé kasha.* ‘Pablo que deveria estar atendendo os turistas e Pedro atendendo no caixa.’; (iii) *poriba*, combinação de *tabata* + *por* ou *por* + *a*, que pode ser traduzida como ‘poderia’: *Bo poriba a laga mi mira e buki ayera.* ‘Você poderia ter me deixado ver o livro ontem.’. A partir da consulta a textos da variedade geral do papiamentu e conversas com falantes nativos da língua, observa-se que nenhum desses auxiliares é usado por falantes não judeus. No caso das formas *mesteriba* e *poriba*, Jacobs (2012a: 212) afirma que o *-ba* pode ser um resquício de um marcador pós-verbal de passado imperfeito (atualmente o pré-verbal *tabata*). O autor ainda chama atenção para o fato de que, para as duas formas, há (ou havia) um significado condicional envolvido.

Nos exemplos trazidos por Henriquez (1988, 1991), é possível encontrar ainda o emprego do verbo *sa* como auxiliar, sem a presença das partículas pré-verbais de tempo, modo e aspecto (*ta, tabata, a, lo*), como em *Dengue sa duna keintura haltu.* ‘Dengue costuma dar (causar) febre alta.’ ou ‘Dengue dá (causa) febre alta.’, *E kortinanan sa ta di tela masha liviano.* ‘As cortinas costumam ser/são de tecido muito leve.’⁴⁸. Lenz (1928: 177) menciona que esse uso de *sa* (prescindindo de *ta*) veicula a ideia de costume, como em *Un sonrisa sâ legra su kara muchu bes.* ‘Um sorriso costuma alegrar seu rosto muitas vezes.’ O autor aponta ainda que esse verbo pode se combinar com *tabata* — *Mi tabata sâ kastigâ mas pisar tambe.* ‘Eu costumava castigar mais pesado também.’ —,

⁴⁸Há alguns poucos exemplos em que as partículas TMA são usadas junto com *sa* + outro verbo: *Komedia tambe nos tabata sa presentá den sala grandi.* ‘Nós também costumávamos apresentar comédia na sala grande.’, *Sefardim a sa di mantené nan tradishon.* ‘Os sefarditas costumavam manter sua tradição.’, *[El] a sa di sali viktórico.* ‘Ele costumava sair vitorioso.’, *E taba sa ta sea na banda den komedor o na entrada di pantri.* ‘Ele costumava estar seja próximo ao comedor (sala de jantar) ou na entrada da despensa.’

não tendo sido encontrados exemplos com **a** ou **lo**. Maurer (1998: 162), por seu turno, considera que, ao ser usado com outro verbo, a função básica de **sa** não é expressar um costume, mas sim uma ação que ocorre (e continua acontecendo) vez ou outra. O autor opõe, assim, os exemplos **Mi sa traha na pòstkantor**. ‘(Às vezes,) eu trabalho no correio.’ (não se trata de um trabalho fixo) e **Mi ta traha na pòstkantor**. ‘Eu trabalho no correio.’ (emprego fixo).

No âmbito das partículas TMA, é possível citar **taba** ‘partícula de passado imperfeito, sinônimo de **tabata**’. Segundo Henriquez (1988: 83), seu uso era muito comum antes, sendo mais escasso atualmente. Como discutido em Jacobs (2012a: 208-213), a variante **taba** não deve ter sido restrita à comunidade sefardita, sendo a forma arcaica do marcador de anterioridade. Segundo Munteanu (1996: 340), é provável que a forma **taba** tenha coexistido com **tabata** no período da cristalização do papiamentu (assim como é o caso do kabuverdianu moderno, que possui as variantes *tába* e *tába ta*), caindo posteriormente em desuso mesmo porque sua forma contraída **ta’a** podia ser confundida com **ta**.

Outra característica que se difundiu da comunidade sefardita para o uso geral da língua é o prefixo **rékete-**, que, segundo Henriquez (1991: 65), é usado para intensificar o significado de adjetivos, tendo como étimo o espanhol *réquete-*. Como exemplos, a autora cita: **rékete-insolente** ‘muito insolente’, **rékete-bon** ‘muito bom’. Em gravações com falantes nativos, não foi encontrado nenhum exemplo desse prefixo, contudo ele é mencionado em FPI (2009) e Joubert (2013), o que mostra que o uso de **rékete-** de fato se expandiu para falantes não judeus.

Quanto aos traços específicos do papiamentu da comunidade sefardita, a partir da análise dos dados de Henriquez (1988, 1991), nota-se que as terminações **-adu** e **-idu** (em geral, apagadas na variedade geral da língua), muitas vezes, são mantidas no registro judeu — em alguns casos, variando com a forma apocopada —, como se observa em (43). Pesquisas mais aprofundadas devem ser feitas para descobrir se a manutenção das terminações de participio é uma tendência sistemática do papiamentu sefardita ou se está restrita a alguns dados.

- (43) a. *desabridu* ‘sem substância, sem sabor, sem graça, desagradável’;
 b. *deskansado* ‘defunto’;
 c. *dezjadu, lezjadu* ‘desleixado, descuidado’;
 d. *entrometí, entrometidu, entremetí* ‘intrometido, bisbilhoteiro’;
 e. *flihidu, aflihí* ‘afrito, triste, deprimido’;
 f. *pezadu* ‘pesado, trabalhoso’;
 g. *skezidu* ‘esquecido, distraído’;
 h. *trazá, trazadu* ‘mentalmente retardado, fora de moda’.

Buscando os correspondentes dos vocábulos em (43) no papiamentu clássico e moderno, foram encontradas, para a variedade clássica, somente as formas **PISAAR** (cf. 43f) e **ATRAS** (cf. 43h). Já para o papiamentu moderno, aparecem **deskansá** (cf. 43b), **deshadu** (cf. 43c), **trimintí** (cf. 43d), **afligí/flihí** (cf. 43e), **pisá** (cf. 43f), **skezidu** (cf. 43g), **atras/atrasá** (cf. 43h). A presença da terminação **-adu** e **-idu** em poucos vocábulos da variedade moderna (e inclusive em palavras pouco usuais conforme constatado em pesquisa de campo) sugere que possivelmente o uso dessas terminações era um traço sefardita que não se conservou de forma sistemática nem no papiamentu clássico, nem no moderno.

Henriquez (1988: 98-99) aponta ainda os seguintes traços como característicos do papiamentu sefardita no que tange ao sistema verbal:

- (44) a. As desinências de gerúndio são sempre **-andu**, **-endu** e **-indu** a depender da conjugação a que pertence o verbo (1^a, 2^a e 3^a, respectivamente), havendo casos em que a forma do papiamentu geral é diferente:
- (i) **-andu**: PP sefardita *kabandu* (PP geral **kabando**) ‘acabando’, PP sefardita *atakandu* (PP geral **atakando**) ‘atacando’, PP sefardita *papiandu* (PP geral **papiando**) ‘falando, conversando’;
 - (ii) **-endu**: PP sefardita *komendu* (PP geral **komiendo**) ‘comendo’, PP sefardita *bebendu* (PP geral **bebendo**) ‘bebendo’, PP sefardita *obedesendu* (PP geral **obedesendo**) ‘obedecendo’;
 - (iii) **-indu**: PP sefardita *hasindu* (PP geral **hasiando**) ‘fazendo’, PP

sefardita *baïndu* (PP geral *bayendo*) ‘indo’, PP sefardita *ripi-tindu* (PP geral *ripitiendo*) ‘repetindo’⁴⁹.

- b. O particípio de verbos que terminam em <e> são sempre formados com <i> final acentuado, a exemplo de:
 - (i) PP sefardita *tení* (PP geral *tené*) ‘tido’;
 - (ii) PP sefardita *komí* (PP geral *komé*) ‘comido’;
 - (iii) PP sefardita *poní* (PP geral *poné*) ‘posto’.
- c. O particípio geral de alguns verbos monossilábicos recebem <hi> ou <he> diante da forma verbal, como se observa em:
 - (i) PP sefardita *hiskòp* (PP geral *iskòp*) ‘chutado’;
 - (ii) PP sefardita *hidal* (PP geral *idal*) ‘batido, atingido, golpeado, atacado’;
 - (iii) PP sefardita *hefèrf* (PP geral *ifèrf*) ‘pintado’⁵⁰.
- d. Omissão da preposição *di* ‘de’, como em:
 - (i) PP sefardita *el a kaba kome* (PP geral *el a kaba di kome*) ‘ele/ela acabou de comer’;
 - (ii) PP sefardita *mester mas informashon tokante e proyekto* (PP geral *mester di mas informashon tokante e proyekto*) ‘necessidade de mais informação sobre o projeto’;
 - (iii) PP sefardita *mi ta spera haña bo respondi* (PP geral *mi ta spera di haña bo respondi*) ‘eu espero conseguir sua resposta/que você responda’;
 - (iv) PP sefardita *e ta pensa hasi esei mañan* (PP geral *e ta pensa di hasi esei mañan*) ‘ele/ela pensa em fazer isso amanhã’.

⁴⁹No que diz respeito à alternância entre <u> e <o> final, parece não haver uma oposição real entre a variedade sefardita e a geral da língua. O papiamentu geral também emprega formas de gerúndio terminadas em <u> e, mesmo em alguns exemplos do papiamentu sefardita, a autora grava os vocábulos com <o> final, como *terminando* ‘terminando’ e *binindo* ‘vindo’.

⁵⁰Há dúvidas sobre se, no papiamentu moderno, o particípio de verbos monossilábicos em geral provenientes do holandês (no caso dos exemplos, os étimos são HOL *schop*; PT *dá-lhe*, ESP *dale*; HOL *verven*, respectivamente) é formado com um prefixo <i> como afirmado em alguns estudos sobre a língua.

Parece que o último aspecto não era específico da comunidade sefardita, uma vez que Maduro (1991: 27-28) menciona o apagamento da preposição ‘di’ como um fenômeno corrente no papiamentu, não apenas entre dois verbos, mas também no interior de um sintagma nominal constituído por dois nomes, como em **pí’e galiña** (ao invés de **pia de galiña**) ‘pé de galinha’. No papiamentu clássico, é possível encontrar também exemplos que sugerem o apagamento da preposição ‘DI’, como **HARINJA (DI) HOELANDA** (em que os parênteses parecem indicar a opcionalidade no uso da preposição) ‘farinha de trigo’, **DOOSJI’ SNEIF** ‘caixa de rapé’ e os sintagmas para nomear árvores, formados pela estrutura **PALOE + nome do fruto**, omitindo a preposição: **PALOE DÁTOE** ‘tamareira/datileira’, **PALOE GRANAAT** ‘romãzeira’, **PALOE KATOENA** ‘algodoeiro’, **PALOE KÓKO** ‘coqueiro’, **PALOE LARÁGA** ‘laranjeira’, **PALOE MISPEL** ‘nespereira’, **PALOE OLIJFI** ‘oliveira’, **PALOE VIJGI** ‘figueira’.

Em suma, a análise do papiamentu sefardita mostra que essa variedade era semelhante ao uso geral da língua. Contudo, a despeito das similaridades, o papiamentu usado pelos judeus apresentava mais traços provenientes do português (como vocábulos e estruturas) do que a variedade geral da língua, o que evidencia que tal expressão linguística foi mais influenciada pela língua portuguesa. Ademais, a presença de dados característicos da comunidade judaica incorporados ao uso corrente do papiamentu revela que a variedade sefardita influenciou a forma geral da língua, devendo, assim, ser considerado o papel dos judeus na configuração linguística do papiamentu.

Com relação à participação linguística dos sefarditas, deve-se mencionar que esse segmento contribuiu para o desenvolvimento do papiamentu de duas formas. Logo após sua chegada a Curaçao, os sefarditas, para quem o português era uma língua importante (como demonstrado na seção 4.4.4 do capítulo 4), decidiram aprender o papiamentu. Nesse aprendizado da língua caribenha como segunda língua, o português falado pela comunidade sefardita influenciou o papiamentu clássico. Em seguida, o papiamentu foi incorporado como uma das línguas da comunidade sefardita, como demonstrado pela *carta de 1775* (escrita por um judeu sefardita em papiamentu), e, a partir daí, os judeus desenvolveram um dialeto do papiamentu

(a variedade sefardita), que também influenciou a configuração geral da língua. Uma evidência irrefutável do uso tanto do português quanto do papiamentu pela comunidade judaica é fornecida pelo documento de 1776, em que as duas línguas são empregadas: o suposto diálogo entre as escravas está em papiamentu, havendo ainda trechos em português, que orientam de quem é o turno na conversa. Assim sendo, a contribuição sefardita para o papiamentu clássico se deu em duas frentes: (i) a partir do português, falado pela comunidade; e (ii) por meio do papiamentu sefardita, variedade própria dos judeus curaçolenses. A atuação dos sefarditas e dos seus escravos — com a voz replicada no documento de 1776, semelhante à voz dos escravos falantes da *Língua de Preto* no teatro de Gil Vicente, como mostrado por Teyssier (1959: 227-250) — revela que essas comunidades se influenciavam mutuamente. Tais influências mútuas até então haviam sido negligenciadas e foram recuperadas nesta tese. A análise da contribuição da comunidade sefardita e seus escravos está alinhada com o cenário multicausal proposto por Faraclas *et al.* (2014), que consideram a atuação de múltiplos fatores na configuração de uma língua. Ademais, o português falado pelos sefarditas foi a língua portuguesa que conviveu com o papiamentu ao longo de sua história, influenciando e modificando a língua caribenha. Essa influência remete justamente à situação do latim com relação às línguas românicas, conforme apontado por Perini-Santos (2015: 35). A língua latina não apenas deu origem às línguas românicas, mas continuou influenciando o desenvolvimento das mesmas nos anos seguintes à sua formação. Assim sendo, a contribuição dos sefarditas e seus escravos para o desenvolvimento do papiamentu é analisada num cenário de convergência, que adota os pressupostos de Faraclas *et al.* (2014) e de Perini-Santos (2015) e será discutido na seção 5.3.

5.3 CONVERGÊNCIA DE HIPÓTESES

A partir da leitura e discussão das hipóteses que tratam da gênese e do desenvolvimento do papiamentu — vistas detalhadamente no capítulo 4 — e da análise

dos dados, observou-se que duas delas apresentam argumentos e fatos comprováveis: as relações com o kabuverdianu (especialmente, a variedade de Santiago) e a participação dos judeus sefarditas e seus escravos. De fato, há características convergentes entre o papiamentu e o kabuverdianu de Santiago (o que sugere uma origem comum), mas não se pode desprezar o papel dos judeus sefarditas e seus escravos, muitos dos quais falavam alguma forma de português (uma variedade ou dialeto dessa língua), na gênese e no desenvolvimento da língua caribenha. A escolha de uma dessas hipóteses acarretaria um retrato parcial das condições envolvidas na configuração do papiamentu. A hipótese que considera que o papiamentu se originou a partir do kabuverdianu falado em Santiago — defendida sobretudo por Jacobs (2012a) — e a que advoga que a língua caribenha surgiu a partir de um ‘dialeto’ português falado pelos judeus sefarditas e seus escravos (GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999) não são capazes de explicar por si só a origem da língua. Ademais, dentro de cada uma dessas hipóteses, há problemas, como, por exemplo, o pressuposto de que o papiamentu já chegou formado a Curaçao e a atribuição de todo o aporte português do papiamentu à comunidade sefardita (conforme discutido nas seções 4.3 e 4.4 do capítulo 4). Assim, torna-se necessário falar em uma convergência de hipóteses, aderindo a uma multiplicidade de fatores para esclarecer a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. Como apontado por Faraclas *et al.* (2014: 178, tradução nossa),

[...] à medida que a pesquisa tipológica, descritiva, comparativa e sócio-histórica sobre os crioulos do Atlântico e suas línguas *input* progride, torna-se cada vez mais difícil identificar uma única fonte para muitas palavras e construções dos crioulos atlânticos, uma vez que diversas formas e estruturas dos crioulos são idênticas àquelas encontradas em várias línguas africanas diferentes bem como em uma série de diferentes variedades europeias faladas no Afro-Atlântico durante o período colonial e depois dele. Nós argumentamos que abordagens lineares, monocausais e monodimensionais acerca da gênese dos crioulos devem, por essa razão, dar lugar a cenários multidirecionais, multicausais e multifacetados de convergência entre formas e estruturas encontradas no que tem sido tradicionalmente classificado como variedades *input* superstratal, substratal e adstratal, bem como as encontradas universalmente e em um protocrioulo português do oeste da África⁵¹.

⁵¹Citação original: “[...] as typological, descriptive, comparative, and socio-historical research on the Atlantic Creoles and their input languages progresses, it becomes increasingly

Assim, para Faraclas *et al.* (2014: 184), ao estudar a formação das línguas crioulas do Atlântico, é necessário adotar um cenário plurilíngue e pluricultural (em detrimento de um panorama único e linear); em outras palavras, os autores apontam para uma convergência de fatores, que deve considerar as línguas africanas e europeias atuantes, o protocrioulo da África ocidental⁵² e os universais linguísticos. Os falantes das diversas línguas envolvidos na formação desses crioulos exercem diferentes papéis, o que tem como resultado formas, funções e estruturas que vão muito além das abordagens dicotômicas e opostas superstratistas e substratistas (FARACLAS *et al.* 2014: 187).

Embora não sejam adotadas com muita frequência, abordagens plurais não deveriam causar estranhamento, visto que, em grande parte da história e das culturas humanas, realidades múltiplas, apontando para diversos caminhos, nos aspectos linguístico, cultural ou social, têm sido a regra e não a exceção (FARACLAS *et al.* 2014: 182-183). Enfoques desse tipo têm sido adotados inclusive no âmbito mais geral da gênese dos crioulos. Arends, Muysken & Smith (1995: 323) apontam que, na tentativa de explicar a formação dessas línguas, muitos estudiosos têm adotado elementos de diversas teorias por reconhecerem que cada uma das teorias sozinha (seja substratista, universalista, superstratista ou desenvolvimentista) não consegue explicar um fenômeno tão complexo. Dentre as teorias que consideram múltiplos fatores, os autores citam como exemplo a Hipótese Complementar de Mufwene (MUFWENE, 1986a, 1990 *apud* ARENDS, MUYSKEN & SMITH, 1995: 323), de acordo com a qual traços do superstrato e do substrato influenciam a formação das línguas crioulas, sendo a seleção desses traços regulada por mecanismos

difficult to identify a single source for many Atlantic Creole words and constructions, because so many creole forms and structures are identical to those found in a number of different African languages as well as in a number of different European varieties spoken in the Afro-Atlantic during the colonial period and beyond. We argue that linear, mono-causal and mono-dimensional accounts of creole genesis must therefore give way to multi-directional, multi-causal and multiplex scenarios of convergence among forms and structures found in what have been traditionally classified as superstratal, substratal and adstratal input varieties as well as those found universally and in a Proto West African Portuguese Creole.”

⁵²Os autores não especificam o que seria esse protocrioulo. Talvez ele tenha sido mencionado para marcar a possível influência dos contatos iniciais entre europeus e africanos já na África para a formação dos crioulos.

da Gramática Universal. Arends, Muysken & Smith (1995: 323) chamam a atenção ainda para o fato de que, independentemente dos critérios subjacentes à teoria de Mufwene, não se deve concebê-la como a simples reunião de diversas outras hipóteses, sendo necessário estabelecer qual o papel desempenhado por cada subteoria e como se dá a interação entre elas. Outros estudiosos que defendem a necessidade de considerar causas múltiplas nas explicações de mudanças decorrentes do contato entre línguas são Thomason & Kaufman (1988: 57-58). Esses autores advogam a necessidade de considerar tanto fatores internos (linguísticos) quanto externos (sociais) na análise dos processos de mudança. Tal cenário de multicausalidade, em que diversos fatores são usados para explicar um determinado fenômeno, será utilizado nesta tese ao discutir a gênese e o desenvolvimento do papiamentu.

Essa postura de convergência já havia sido delineada no capítulo 1 com relação à base lexical do papiamentu. Ao usar o rótulo ‘língua de base ibero-românica’, considera-se que não só o português, mas também o espanhol estão presentes na gênese e/ou no desenvolvimento do papiamentu como línguas importantes. Grant (2008a: 47-61, 2008b: 73-84) já havia assumido uma posição semelhante, não tomando partido na discussão acerca da base lexical do papiamentu — português ou espanhol —, advogando uma confluência de diferentes cenários. Até mesmo com relação a cada uma dessas línguas, não se pode falar em uma única vertente, visto que variedades distintas do português e do espanhol podem ter concorrido na formação do papiamentu. De certa forma, Andersen (1974: 54) também apoia essa hipótese de convergência ao defender a possibilidade de diferentes fontes para os itens lexicais de étimo português no papiamentu, como os escravos provenientes da África e os judeus sefarditas e seus escravos que falavam português, segmentos que poderiam atuar em conjunto. Joubert & Perl (2008: 138) seguem uma vertente semelhante e advogam que o elemento português no papiamentu pode derivar de três grupos diferentes: (i) os escravos africanos; (ii) os judeus sefarditas; e (iii) os imigrantes oriundos de Portugal, dos Açores e da Madeira. Ademais, a própria origem do papiamentu já havia sido abordada sob a ótica de uma variedade de fatores. Segundo Munteanu (1996: 114), Maurer advoga um cenário poligenético (daí policausal) para explicar a formação do papiamentu a partir do contato entre holandeses, judeus sefarditas e escravos

africanos em Curaçao. Para o autor, a motivação para o surgimento da língua foi a chegada dos escravos, não podendo ser explicado a partir do contato entre duas línguas apenas (o holandês e as variedades ameríndias). Observa-se que, apesar de muitos autores defenderem uma hipótese policausal, poucos se aprofundaram para defendê-la a partir de argumentos linguísticos e sociais. Esse é justamente o diferencial desta tese, que apresenta evidências para sustentar um cenário de múltiplos fatores atuantes na gênese e no desenvolvimento do papiamentu.

No que diz respeito à origem do papiamentu, considerar um cenário de confluência não implica em assumir as duas vertentes de pensamento (o papel dos judeus sefarditas e seus escravos e a relação do papiamentu com o kabuverdianu) em sua totalidade, mas elementos de cada uma das teorias — conforme a advertência de Arends, Muysken & Smith (1995: 323) com relação à Hipótese Complementar de Mufwene discutida nos parágrafos anteriores —, já que alguns aspectos são extremamente discordantes.

No tocante à teoria que defende que o papiamentu e o kabuverdianu de Santiago possuem uma origem comum (MARTINUS, 1996; JACOBS, 2012a), considera-se que de fato as duas línguas possuem similaridades consideráveis que certamente não podem ser tratadas como coincidência. Entretanto, é importante relativizar a afirmação de que a gênese do papiamentu se deu totalmente em solos africanos, uma vez que, ao chegar a Curaçao, a língua foi tomando características que a tornam única e distinta do kabuverdianu. Essa advertência já havia sido feita por Grant (2008a: 62, grifo do autor, tradução nossa): “Há certamente similaridades estruturais e lexicais entre as línguas [papiamentu e kabuverdianu], tais como o uso de *ta* para marcar o aspecto progressivo, mas atribuir todo o material português em papiamentu a um crioulo da Alta Guiné seria insensato.”⁵³. Se o papiamentu fosse um mero descendente do kabuverdianu, como explicar aspectos particulares das duas línguas, a exemplo da ocorrência de consoantes pré-nasalizadas em kabuverdianu

⁵³Citação original: “There are certainly structural and lexical similarities between the languages [Papiamentu and Cape Verdean Creole], such as the use of *ta* to mark the progressive aspect, but attributing all Portuguese material in Papiamentu to an Upper Guinea Creole would be unwise.”

(LANG, 2014) e tons lexicais supostamente distintivos no papiamentu (KOUWENBERG, 2004, 2009)? O papiamentu moderno não possui consoantes pré-nasalizadas (e a variedade clássica também não apresentava tais consoantes), nem o kabuverdianu moderno registra pares mínimos cuja distinção é feita pelo tom (tampouco a variedade clássica tinha essa característica). Também não é possível considerar esses aspectos como inovações em cada uma das línguas, uma vez que eles podem estar presentes há muito tempo tanto no papiamentu quanto no kabuverdianu de Santiago (QUINT, 2000a: 123) — no caso do papiamentu, ao que parece, o tom era ainda mais relevante para marcar distinção lexical em períodos anteriores. Caso não se considere que outros agentes tiveram um importante papel na formação do papiamentu, não há como explicar características como essas. Sobre esses demais agentes, tanto Martinus (1996: 120-121, 142-145) quanto Jacobs (2012a: 294-304, 331-336) admitem que os judeus tiveram desde cedo uma participação marcante na construção da sociedade curaçolense. Contudo, ambos os autores situam tal atuação no âmbito sócio-histórico (no comércio de escravos); no âmbito linguístico, por sua vez, os autores não acreditam que os judeus tenham tido relevância. Martinus (1996: 104) afirma que o vocabulário sefardita era restrito à comunidade judaica, não influenciando o uso geral da língua; Jacobs (2009a: 324-325, 2009b: 16-17), por seu turno, advoga que os judeus não tiveram papel na transferência de traços portugueses para o papiamentu em virtude de três fatores: (i) não há certeza sobre a língua usada para a comunicação entre os judeus; (ii) os judeus eram numericamente poucos no cômputo geral da população para que o português que eles falavam (se é que eles usavam mesmo essa língua) tivesse algum impacto na gramática do papiamentu; (iii) não se conhece com detalhes a (suposta) variedade de português que os judeus usavam. O pressuposto de Martinus foi refutado na seção 5.2.2 deste capítulo, uma vez que os vocábulos e estruturas característicos do papiamentu sefardita também estão presentes no registro geral da língua (tanto clássico quanto moderno). Já os aspectos levantados por Jacobs foram discutidos e refutados na seção 4.4.4 do capítulo 4. Assumindo que a comunidade sefardita de Curaçao deve ter sido multilíngue, dentre as diversas línguas faladas, o português ocupava uma posição importante. Essa assertiva é justificada pelo uso do português até os dias de

hoje em orações na sinagoga, pelo número expressivo de lápides nessa língua no antigo cemitério judaico, bem como pela presença do português como língua de apoio no documento de 1776 (analisado na seção 5.2.1). O uso do português pela comunidade sefardita ia além do domínio religioso, se fazendo presente na comunicação diária e mesmo nos documentos oficiais. Ademais, no que tange à questão demográfica, as estatísticas populacionais (discutidas na seção 3.1.2 do capítulo 3) mostram que o número de judeus sefarditas foi aumentando no decorrer do século XVIII, ao ponto de atingir 1/3 da comunidade branca da ilha em 1715, permitindo que essa comunidade influenciasse a sociedade curaçolense a partir do seu engajamento no comércio de escravos, o que também se refletia no âmbito linguístico.

Outro ponto que merece ser mencionado é o fato de Martinus (1996: 17-18, 193-263) embasar algumas de suas afirmações acerca do parentesco linguístico entre o papiamentu e o kabuverdianu no material da língua guene, o qual, conforme visto, é constituído majoritariamente por fragmentos, sendo pouco confiável. Sobre a argumentação de Jacobs (2009a, 2009b, 2012a), observa-se uma postura de enfatizar os fatos que confirmam sua hipótese e dar pouca atenção àqueles que se opõem ao seu ponto de vista (atitude que não é particular de Jacobs, sendo em geral observada em todas as teorias). Ao fazer isso, muitas vezes, o autor termina se contrariando, como quanto ao papel do português dentro da comunidade sefardita — ora ele desconsidera essa importância, questionando seu uso (JACOBS, 2012a: 255), ora afirma que essa língua era bastante usada, junto com o espanhol (JACOBS, 2012a: 33, 36) — ou no que diz respeito aos processos de preenchimento de lacunas e substituição de morfemas, os quais são mencionados somente *en passant* por irem de encontro às premissas gerais defendidas. Percebe-se um posicionamento um tanto contraditório do autor: para sustentar o parentesco e a origem comum do papiamentu e dos crioulos portugueses da Alta Guiné, Jacobs (2009a, 2009b, 2012a) se vale sobretudo dos vocábulos do nível funcional, pertencentes às camadas mais basilares da língua e portanto indicativos mais seguros de um parentesco. Contudo, o mesmo critério não é seguido com relação ao Golfo da Guiné, em geral, mencionado sem grandes detalhes. Essa mesma postura é encontrada também em Jacobs (2014), em que há uma discussão das similaridades entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné

no domínio léxico-semântico⁵⁴. O autor aponta alguns compostos que, segundo ele, não seriam encontrados nas línguas lexificadoras. Dentre eles, citam-se: (i) PP **otromañan** — KV *otromanham* ‘(o dia) depois de amanhã’; (ii) PP **yu di Kòrsou** ‘nativo de Curaçao’ — KV *fidju-Santiágu* ‘nativo de Santiago’ / KG *fidju di Guine* ‘nativo da Guiné (Bissau)’; (iii) PP **yu di tera** ‘nativo de Curaçao’ — KG *fidju di tera* ‘nativo de Guiné (Bissau)’. Termos similares a esses, contudo, aparecem em português: *depois de amanhã, filho de Curaçao, filho da terra*. Jacobs (2014: 144, grifos do autor, tradução nossa) analisa ainda o topônimo do papiamentu **Seru di Mandinga**, “[...] que é um monte na parte ocidental de Willemstad e faz referência óbvia ao povo *Mandinka* (~ *Mandinga*) da Alta Guiné.”⁵⁵. Deixando de lado as especificidades que existem ao trabalhar com nomes próprios, aqui é possível questionar a referência “óbvia” ao povo mandinga, uma vez que a palavra **mandinga** em papiamentu pode se referir tanto à magia, bruxaria (significado também presente em português) quanto a um monte em que se praticavam ritos dessa natureza. Desse modo, nota-se uma postura forte em Jacobs quanto à atribuição de itens do papiamentu ao kabuverdianu.

Já com relação à teoria que defende que o papiamentu surgiu a partir do ‘dialeto’ português falado pelos judeus sefarditas e seus escravos (GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999), neste estudo, concorda-se com diversos pontos: (i) muitos judeus que foram para Curaçao tinham vivido no Brasil Holandês (o estado de Recife) alguns anos antes e em Amsterdã e Portugal (normalmente, eles saíram de Portugal para Amsterdã e depois foram para o Brasil); (ii) os judeus que desembarcaram em Curaçao estavam acompanhados de, pelo menos, alguns escravos e o número de escravos pertencentes aos judeus cresceu ao longo dos séculos XVII e XVIII; (iii) além de se dedicarem às atividades financeiras e marítimas, os sefarditas que chegaram a Curaçao também atuavam no comércio de escravos (tendo inclusive relações com outros comerciantes que viviam em Amsterdã e na costa ocidental africana); (iv) ainda que não fosse a única língua usada pelos judeus, o português era falado e gozava de

⁵⁴Semelhanças sob essa ótica não haviam sido tratadas em trabalhos anteriores do autor e o artigo vem justamente preencher essa lacuna.

⁵⁵Citação original: “[...] which is a hill in the western part of Willemstad and makes obvious reference to the *Mandinka* (~ *Mandinga*) people of Upper Guinea.”

grande prestígio, sendo empregado não apenas nos serviços religiosos das sinagogas (até mesmo em Amsterdã), mas também na comunicação diária, como mostram as influências do português, língua materna dos judeus, no papiamentu sefardita (aprendido inicialmente como segunda língua e depois nativizado, se tornando uma das línguas da comunidade sefardita até suplantar o português). Por outro lado, a discordância repousa no fato de admitir-se que o papiamentu não se desenvolveu a partir de um crioulo português falado pelos sefarditas. Em primeiro lugar, é pouco provável que tenha existido uma língua realmente crioula no Brasil (conforme seção 4.4.4 do capítulo 4); o que houve foram algumas variedades reestruturadas, que guardam semelhanças com as línguas consideradas crioulas (HOLM, 2004: 15-17, 47-60). Além disso, considera-se que o papiamentu (ou mesmo o protopapiamentu) estava em processo de criouliização (ou seja, se tornando uma língua materna) em Curaçao quando os judeus e seus escravos começaram a chegar à ilha em 1651. Apesar de já estar em formação, o papiamentu não ficou imune à presença dos judeus, incorporando diversos elementos (sobretudo itens lexicais e construções sintáticas) da língua falada pelos sefarditas. Estes chegaram inclusive a desenvolver um dialeto próprio (com algumas peculiaridades), que também fazia parte da variedade geral (HENRIQUEZ, 1988, 1991).

Algumas figuras ajudam a entender melhor o cenário da convergência de hipóteses defendido neste estudo. De forma resumida, as teorias que subjazem a convergência de hipóteses (a relação com o kabuverdianu de Santiago e o papel dos judeus sefarditas e seus escravos) podem ser esquematizadas nas figuras 5.2 e 5.3. A figura 5.2 — construída com base em Quint (2000b: 199) — demonstra a assunção de que o papiamentu e o kabuverdianu (e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança) teriam uma origem comum, descendendo de um mesmo ancestral (MARTINUS, 1996; JACOBS, 2012a). O surgimento e a posterior especiação dessas línguas teria tomado o seguinte percurso: por volta de 1450 a 1550, o protocrioulo da Alta Guiné se formou a partir do contato entre o português dos séculos XV e XVI e línguas do oeste africano, notadamente o mandinga e o wolof. Posteriormente, entre os séculos XVI e XVII, ocorreu a separação entre o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança. Nessa região, diferentemente de Santiago, o crioulo se manteve em

contato com línguas africanas (as linhas pontilhadas na figura indicam esse aporte linguístico secundário), que passaram a funcionar como adstrato, contribuindo com diversos elementos e estruturas. Por fim, a separação entre o kabuverdianu e o papiamentu aconteceu entre 1634 e 1700 e, a partir de então, a língua caribenha foi seguindo seu curso, recebendo, de acordo com Quint (2000b: 199), influências posteriores (assinaladas pelas linhas pontilhadas) do holandês, do espanhol e de línguas do grupo bantu. Esse esquema permite visualizar algumas das características mencionadas por Quint (2000b: 198) para cada um dos três crioulos: o papiamentu seria o mais parecido com as línguas lexificadoras europeias do grupo, ao passo que o kriyol de Guiné Bissau e Casamança seria o mais semelhante às línguas africanas de substrato. Esse quadro seria justificado pelos contatos posteriores com outras línguas, que trariam diversas influências. O kabuverdianu, por seu turno, estaria mais próximo do protocrioulo original e funcionaria como um elo entre o papiamentu e o kriyol. Já de acordo com a figura 5.3, é possível observar que, como defendem Goodman (1996 [1987]) e Smith (1999), o papiamentu teria se originado a partir de um ‘dialecto’ de base portuguesa falado pelos judeus sefarditas e seus escravos.

Figura 5.2: A relação do papiamentu com o kabuverdianu de Santiago (baseada em QUINT, 2000b: 199).

Figura 5.3: O ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e de seus escravos como fonte do papiamentu (baseada em GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999).

Tomando elementos de cada uma das abordagens apresentadas nas figuras 5.2 e 5.3, a convergência de hipóteses pode ser esquematizada na figura 5.4. Essa figura tem o objetivo de deixar mais claro como se deu o processo de gênese e de desenvolvimento do papiamentu a partir de múltiplas influências, não se tratando de uma linha do tempo bidimensional, em que as informações encontram-se organizadas estritamente na ordem em que ocorreram. Desse modo, as diversas influências que o papiamentu recebeu (e vem recebendo) — de línguas indígenas (em uma escala diminuta, sobretudo sob a forma de empréstimos lexicais) e africanas, do holandês, do português de imigrantes, do inglês — não devem ser tomadas em períodos rigorosamente delimitados; ao contrário, elas podem ocorrer de forma dispersa no tempo. Apesar disso, houve uma tentativa de situar os diferentes atores envolvidos na configuração linguística do papiamentu tomando como base a periodização já discutida na seção 2.1 do capítulo 2: papiamentu antigo (por volta de 1640 a 1825), papiamentu clássico (de 1825 a 1905) e papiamentu moderno (de 1905 até os dias atuais). A intervenção do inglês, por exemplo, foi situada no papiamentu moderno, visto que, somente no século XX, o inglês adquiriu o papel de língua internacional, passando a influenciar mais fortemente o cenário mundial, inclusive no âmbito linguístico. Feita essa ressalva quanto ao registro temporal, a formação do papiamentu é concebida, na figura 5.4, da seguinte forma: o contato entre o português dos séculos XV e XVI, as línguas africanas ou mesmo o protocrioulo da Alta Guiné deu origem ao kabuverdianu de Santiago. Já que não se sabe ao certo

como se deu a formação dessa língua — se houve realmente um protocrioulo ou se a língua se formou diretamente a partir do contato entre o português dos séculos XVI e XVII e as línguas africanas⁵⁶, optou-se por usar linhas tracejadas.

Figura 5.4: Convergência de hipóteses.

A figura 5.4 mostra que a partir do kabuverdianu de Santiago e do português falado pelos judeus sefarditas e seus escravos (havendo, assim, uma participação marcante dos escravos, que contribuíram para criar a língua), ocorreu a formação do papiamentu, possivelmente em meados do século XVII. Junto com o elemento português, desde seus primórdios, o papiamentu foi sendo influenciado pelo espanhol (sobretudo em sua variedade venezuelana), possuindo, assim, uma base lexificadora ibero-românica (portuguesa e espanhola). Esse papel do espanhol é captado na figura por meio das setas que se estendem pelas três fases do papiamentu, indicando que a influência do espanhol começou no passado e se mantém até os dias atuais. Além desses elementos (o kabuverdianu de Santiago, o português falado pelos judeus

⁵⁶Discutir essa questão foge do escopo desta tese, podendo ser objeto de pesquisas futuras.

sefarditas e seus escravos e o espanhol — que influenciaram (e continuam influenciando) o papiamentu desde seu surgimento), a atuação de outras línguas durante os diferentes períodos é indicada através das linhas pontilhadas. No papiamentu antigo, junto com o kabuverdianu, com o português e com o espanhol, línguas africanas, o português sefardita e o papiamentu sefardita intervieram no desenvolvimento do papiamentu⁵⁷. Já no papiamentu clássico, as principais influências vieram da circulação do português sefardita, do papiamentu sefardita e das línguas africanas⁵⁸. Quanto à participação das línguas africanas, elas atuaram como segunda língua para os falantes de papiamentu ou como língua materna, no momento em que seus falantes, ao falarem o papiamentu como segunda língua, faziam mudanças linguísticas na língua caribenha. Nesse sentido, deve-se lembrar que a língua materna influencia o aprendizado de uma segunda língua. Como apontado por Paradis & Lebel (1994: 75-77), os falantes de L1 (língua materna), ao tomarem uma palavra emprestada de L2 (segunda língua), interpretam-na de acordo com os padrões morfofonológicos de sua língua materna. Por fim, atualmente, o holandês e o inglês desempenham um papel (maior ou menor a depender da língua) no fornecimento de vocábulos para o papiamentu.

Depois de mostrar esquematicamente os diferentes atores envolvidos no processo de formação do papiamentu, é necessário discutir a qual grupo linguístico o papiamentu deve pertencer. Esse tema tem provocado discussões entre os estudiosos. Kouwenberg & Muysken (1995: 205), por exemplo, consideram que o papiamentu

⁵⁷No caso das línguas indígenas, a influência foi pequena, concentrando-se sobretudo no nível lexical, dado que grande parte (ou mesmo toda) da população autóctone que vivia em Curaçao foi expulsa da ilha. É possível ainda que muitas das contribuições indígenas tenham entrado no papiamentu por meio do espanhol da Venezuela, uma vez que, nesse país, viviam muitos índios (que influenciavam continuamente o espanhol da região) e o espanhol venezuelano exerce influência sobre o papiamentu.

⁵⁸Na nota 1 deste capítulo, afirmou-se que a participação do holandês na configuração do papiamentu deve ser considerada sobretudo a partir de fins do século XVIII. Contudo, ao elaborar a figura que mostra a gênese e o desenvolvimento do papiamentu, optou-se por situar a influência do holandês a partir do papiamentu clássico, que se inicia em 1825. Tal posicionamento foi tomado em virtude de a participação holandesa ter sido pequena nos primeiros anos do papiamentu — situada sobretudo no fornecimento de alguns poucos vocábulos, como mostra o pequeno número de palavras holandesas nos documentos religiosos de 1833, 1837 e 1850, compilados por Araujo (2011), e no *Woordenlijst* —, se firmando de fato a partir de meados do século XIX.

não estaria relacionado diretamente a nenhum outro crioulo de base portuguesa ou espanhola, ainda que haja conexões entre a língua caribenha e os vocábulos de procedência portuguesa do saramaccan. Para os autores, as especificidades das características tipológicas do papiamentu com relação aos demais crioulos ibero-românicos seriam explicadas pelo fato de a língua da metrópole (o holandês), que gozava de maior prestígio, ser diferente das línguas lexicificadoras do crioulo. Seguindo uma vertente similar está o trabalho de Maurer (2009), uma comparação do papiamentu com o kabuverdianu, o kriyol falado na Guiné Bissau, o santome, o lung'ie, o crioulo português do Sri Lanka e o crioulo português da Batavia com relação aos seguintes aspectos: pluralizador nominal, pronomes sujeito, negação, cópulas e partículas de tempo, modo e aspecto. A partir das comparações, o autor observa que o papiamentu possui similaridades com os crioulos de base portuguesa da Alta Guiné, com os crioulos luso-asiáticos e ainda com os crioulos portugueses do Golfo da Guiné. Quanto a este último grupo, “[...] parece que, para cada traço que o papiamentu compartilha exclusivamente com os crioulos da Alta Guiné, há outro que o papiamentu compartilha exclusivamente com os crioulos do Golfo da Guiné (ou pelo menos com um deles).”⁵⁹ (MAURER, 2009: 46, tradução nossa). Assim, Maurer (2009: 46) conclui que o papiamentu não estaria vinculado nos âmbitos tipológico e genético a nenhum outro crioulo de base portuguesa, tendo recebido, durante a sua formação, influências de diversas línguas crioulas e mesmo do pidgin português que teria sido usado na Ásia e na África durante os séculos XVI e XVII. Adotando outra vertente, há autores que colocam o papiamentu no mesmo grupo das línguas crioulas de base portuguesa faladas na Alta Guiné. Intumbo (2008), por exemplo, faz uma comparação entre a estrutura do sintagma nominal em papiamentu, kriyol e balanta (segundo o autor, um dos prováveis substratos dessas línguas) e conclui que, apesar de a relação genética entre as três línguas ainda estar aberta a discussão, as similaridades entre o papiamentu e o kriyol são consideráveis e não podem ser vistas como coincidência. Já Quint (2000b: 99-196), conforme discutido na seção

⁵⁹Citação original: “[...] it looks as if for each feature which Papiamentu shares exclusively with the Upper Guinea Creoles, there is another feature which Papiamentu shares exclusively with the Gulf of Guinea Creoles (or at least with one of them).”

4.3 do capítulo 4, afirma que o papiamentu, o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamansa constituem uma família linguística própria, derivada de um mesmo ancestral comum: o protocrioulo da Alta Guiné. Nesta tese, advoga-se que essas três línguas formam um grupo linguístico, contudo o papiamentu não deriva do mesmo protocrioulo que as línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné, já que, para explicar sua formação, devem-se considerar não só as similaridades com o kabuverdianu, mas também o papel desempenhado pelas línguas dos judeus sefarditas e de seus escravos e pelas línguas africanas dos escravos (e ainda a influência do espanhol, do holandês e de outras línguas). O papiamentu não seria, então, uma língua filha do kabuverdianu de Santiago (já chegando formado à ilha caribenha), mas teria se desenvolvido em Curaçao, a partir do contato entre os diversos agentes que compunham a sociedade⁶⁰. Quanto à participação das línguas crioulas de base portuguesa faladas no Golfo da Guiné, concorda-se com o posicionamento de Quint (2000b: 180-183, 217-221), segundo o qual essas línguas, os crioulos de base portuguesa falados na Alta Guiné e o papiamentu se influenciaram mutuamente, o que pode ser evidenciado pelas similaridades encontradas em diversas camadas, inclusive nas mais antigas e estáveis (como é o caso dos itens funcionais).

A defesa de uma convergência de hipóteses, assumindo que os falantes de kabuverdianu e os judeus sefarditas e seus escravos desempenharam um papel importante na formação do papiamentu, implica ainda em assumir que os elementos de procedência portuguesa pertenceriam aos estratos mais antigos da língua. Esse posicionamento com relação ao português já havia sido sugerido por Grant (2008a: 48, 64) ainda que ele não considere que o primeiro registro escrito conhecido do papiamentu (a *carta de 1775*, discutida na seção 5.2.1) apresenta uma grande quantidade de vocábulos de indubitável étimo português, tampouco que os vocábulos dessa carta indicam que o papiamentu seja resultado da relexificação parcial de um antigo crioulo de base portuguesa. Partindo do fato de que atualmente o português não é mais usado em Curaçao nem mesmo entre os membros da comunidade judaica, o autor afirma que pelo menos metade dos itens do papiamentu derivados

⁶⁰Estudos futuros devem ser realizados a fim de reconstruir a protolíngua que teria dado origem ao papiamentu.

do português faz parte das camadas mais básicas de seu léxico e já era usada nos primeiros anos de existência do papiamentu, na época em que a carta foi escrita. No que diz respeito ao contato com o português, nas palavras do autor:

O que está claro, contudo, é que ou as gerações fundadoras [as primeiras] de escravos, ou senão as gerações subsequentes, eram ou tinham sido expostas a variedades de fala que se baseavam no léxico português (ao invés de meramente no espanhol), e que tais variedades, apesar de não diluírem o impacto geral do espanhol na formação do léxico do papiamentu, desempenharam um papel central no estabelecimento da forma essencial do papiamentu tal como nós o conhecemos agora. Embora sejam relativamente reduzidos em número, os elementos portugueses encontram-se no coração do papiamentu, tanto em suas palavras funcionais quanto lexicais, e eles se tornam mais proeminentes quanto mais perto do núcleo se viaja⁶¹. (GRANT, 2008a: 67-68, tradução nossa)

Neste estudo, concorda-se com Grant (2008: 67-68) que os escravos curaçole-nhos tinham tido contato com alguma forma de português e que os itens derivados dessa língua formam parte importante da base do papiamentu. Contudo, como foi demonstrado na análise dos dados, a presença do elemento português não é tão reduzida com relação ao cômputo geral de itens conforme assumido pelo autor.

Em síntese, o cenário da convergência de hipóteses (considerando a relação com o kabuverdianu de Santiago e o papel dos judeus sefarditas e seus escravos) é o mais adequado para explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. A partir desse cenário, são considerados múltiplos agentes como responsáveis pela configuração do papiamentu: tendo como *input* o kabuverdianu de Santiago e as línguas faladas pela comunidade sefardita e seus escravos, o papiamentu começou a se desenvolver em Curaçao, sendo influenciado ainda por outras línguas, como as africanas, o papiamentu sefardita, o holandês (a partir do século XIX) e o inglês (nos séculos XX e XXI). Ao atribuir uma participação desses diversos agentes, é possível ter uma visão

⁶¹Citação original: “What is clear, though, is that either the founding generations of slaves, or else subsequent generations, were or had been exposed to speech varieties which drew upon Portuguese (rather than merely upon Spanish) lexicon, and that such varieties, while not diluting the general impact of Spanish in shaping the Papiamentu lexicon, played a crucial role in establishing the essential shape and form of Papiamentu as we now know it. Though they are relatively few in number, Portuguese elements lie at the very heart of Papiamentu, both in its lexicon and its function words, and they become more prominent the closer to its heart that one travels.”

mais completa do processo de gênese e de desenvolvimento do papiamentu, uma vez que, conforme discutido por Perini-Santos (2015), a influência de uma língua sobre a outra dura muito tempo, continuando mesmo que a convivência entre as línguas cesse.

5.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo discutiu o cenário proposto para explicar a formação do papiamentu: a *convergência de hipóteses*, considerando a atuação conjunta dos caboverdianos e dos judeus sefarditas e seus escravos na gênese e no desenvolvimento da língua. Inicialmente, nesse panorama de múltiplos fatores, foram discutidos alguns dados linguísticos. A seção 5.1 teve como foco o papiamentu e o kabuverdianu clássicos. Antes do cotejo dos dados, foram discutidos alguns aspectos fonológicos das duas línguas, como o inventário dos fonemas vocálicos e consonantais, as restrições quanto aos elementos que ocorrem no onset, núcleo e coda, e as características do acento. Tais conceitos foram importantes para o entendimento dos dados das duas línguas, uma vez que uma transcrição fonética reconstruída foi proposta para cada vocábulo, que só aparecia nas obras consultadas em sua forma gráfica. Ademais, com relação ao papiamentu clássico, foi apresentada uma análise do *Woordenlijst*, um dos *corpora* dessa pesquisa, destacando questões etimológicas e mudanças internas (no âmbito fonológico) na passagem do papiamentu clássico para o moderno. De posse desses conceitos, passou-se à comparação do papiamentu e do kabuverdianu clássicos, que foi realizada com relação a itens funcionais e lexicais. Os itens funcionais foram escolhidos por serem menos suscetíveis à substituições em situações de contato em virtude de sua opacidade semântica (MATRAS, 2009: 153-165). Com relação ao vocabulário lexical, foram privilegiados os itens mais básicos, de uso mais frequente, e que constituem a camada mais antiga e basilar das duas línguas. O cotejo das duas variedades clássicas mostrou que as convergências são consideráveis

tanto no âmbito funcional quanto no lexical, com as diferenças em geral decorrentes de etimologias diversas e regras e padrões variados.

Passando para a seção 5.2, o foco recaiu no papiamentu sefardita. Em 5.2.1, foram analisados dois documentos do século XVIII escritos por judeus sefarditas em papiamentu. A análise da *carta de 1775*, o primeiro registro escrito conhecido do papiamentu, mostrou algumas diferenças na língua usada com relação à variedade moderna. Ademais, a carta também apresenta um maior número de étimos derivados do português, sustentando a asserção de que o papiamentu sefardita seria mais próximo do português do que a variedade geral da língua. O documento de 1776, a partir de suas escolhas lexicais, revelou que os escravos dos judeus provavelmente também usavam vocábulos próprios do papiamentu sefardita e trouxe evidências para o uso do português dentro dessa comunidade. Após a discussão dos documentos, foram analisados os itens característicos da variedade judaica, compilados por Henriquez (1988, 1991), concluindo-se que alguns vocábulos, expressões e estruturas outrora específicos da comunidade sefardita são também registrados na variedade geral da língua (tanto na clássica quanto na moderna), o que demonstra que os judeus de fato tiveram uma participação na gênese e no desenvolvimento do papiamentu. No que tange a essa participação, deve-se considerar que o papel dos sefarditas foi duplo: primeiro, o português falado pela comunidade sefardita influenciou o papiamentu clássico; posteriormente, o dialeto do papiamentu específico dessa comunidade e de seus escravos também atuou na configuração da variedade geral.

Por fim, sustentado pelas leituras e análise dos dados, foi apresentado o cenário da convergência de hipóteses da contribuição conjunta cabo-verdiana e dos judeus sefarditas e seus escravos na gênese e no desenvolvimento do papiamentu. Esse cenário pressupõe a atuação de diferentes segmentos sociais na configuração da língua caribenha, seguindo os pressupostos de Faraclas *et al.* (2014). Ademais, esse arcabouço segue as ideias de Perini-Santos (2015), que advoga que as influências mútuas exercidas pelas línguas convivendo em uma situação de contato se mantêm durante várias gerações. Com relação à crioulogênese, postular esse cenário de

convergência implica uma afiliação às correntes gradualistas, que permitem contribuições múltiplas ao longo dos tempos. Tendo apontado as bases que sustentam a convergência, foi discutido que esse posicionamento não consiste na simples reunião de duas hipóteses — a cabo-verdiana (MARTINUS, 1996; JACOBS, 2012a) e a sefardita (GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999) —, mas na proposta de um cenário novo para explicar a constituição do papiamentu, sempre atentando para os múltiplos agentes. No que tange ao grupo linguístico a que o papiamentu pertence, foi apontado que a língua caribenha, juntamente com o kabuverdianu e o kriol de Guiné Bissau e Casamança formam um grupo próprio. Contudo, nesta tese, rejeita-se a ideia de que o papiamentu seja um descendente direto do kabuverdianu, formado em solos africanos. Quanto aos itens de procedência portuguesa na língua caribenha, considera-se que esses elementos seriam mais antigos, pertencendo às camadas basilares da língua.

Capítulo 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. Antes de discutir esse assunto, mencionaram-se os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa (capítulo 2), apontando (i) a importância de estudar as variedades clássicas do papiamentu e do kabuverdianu e o papiamentu sefardita; (ii) as etapas da pesquisa e (iii) o arcabouço teórico que sustenta o cenário de convergência de hipóteses defendido neste estudo. Já no capítulo 3, foram apresentados aspectos relacionados à história de Curaçao e de Cabo Verde, a exemplo dos segmentos formadores de suas sociedades, bem como características gerais do papiamentu, do kabuverdianu e da comunidade sefardita. Dados demográficos históricos de Curaçao também foram discutidos nesse capítulo, mostrando as proporções dos diferentes segmentos no cômputo geral da população, o que se relaciona diretamente com a atuação desses grupos na constituição linguística do papiamentu.

Após essas discussões iniciais, a fim de atingir o objetivo proposto neste estudo, foram analisadas as diversas hipóteses que tratam da gênese e do desenvolvimento do papiamentu, a saber: (i) crioulo espanhol; (ii) crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos; (iii) desenvolvimento a partir do kabuverdianu de Santiago; (iv) ‘dialeto’ judeo-português da comunidade sefardita e seus escravos. As análises mostraram que essas hipóteses eram insuficientes para explicar a complexidade dos dados. Diante disso, defende-se que deve ser considerado o papel dos cabo-verdianos e dos judeus sefarditas e seus escravos na gênese e no desenvolvimento do papiamentu, o que possibilita uma análise dialógica dos dados linguísticos e sócio-históricos.

A hipótese de que o papiamentu seria um crioulo de base espanhola, defendida por Maduro (1965, 1966a, 1966b, 1966c), Rona (1970) e Munteanu (1996), se sustenta no pressuposto de que os indígenas, que falavam alguma forma de espanhol, tiveram um papel substancial na constituição do papiamentu, havendo uma continuidade no uso do espanhol em Curaçao desde a chegada dos primeiros colonizadores espanhóis até a tomada holandesa da ilha. Esses dois argumentos foram desconstruídos a partir dos registros que mostram que os índios foram retirados em massa da ilha caribenha, não constituindo um segmento que pudesse garantir a formação e difusão de um crioulo de base espanhola; o mesmo se aplicaria aos espanhóis, que não permaneceram na ilha após a chegada dos holandeses. Além desses aspectos, em uma perspectiva mais ampla, McWhorter (1995: 237-240) mostra que não existem línguas crioulas de base espanhola na região atlântica — sendo a aparência espanhola de alguns desses crioulos resultado de relexificação — sobretudo porque a metrópole espanhola não desenvolveu um sistema de *plantation* em suas colônias atlânticas, cenário que apresenta muitas das condições necessárias para a crioulistização. Junto a esses argumentos, Jacobs (2012a: 27-28) aponta ainda que a hipótese de uma origem espanhola para o papiamentu não consegue explicar a presença de itens de étimo português nas camadas mais basilares e antigas da língua.

A hipótese do papiamentu como resultado de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado por escravos africanos trazidos da África (LENZ, 1928; MARTINUS, 1996) está relacionada à teoria monogenética, segundo a qual as línguas pidgins e crioulas teriam um ancestral comum (o protocrioulo afroportuguês), sendo essa a razão das similaridades, sobretudo no nível fonético-fonológico, existentes entre os crioulos atlânticos. Em sua discussão, Martinus (1996: 119-191) relaciona o papiamentu ao kabuverdianu, defendendo que o crioulo falado no arquipélago de Cabo Verde teria dado origem à língua caribenha. Tal afirmação se sustenta nas amplas convergências nos níveis fonético, morfológico e sintático entre as duas línguas, o que não poderia ser atribuído ao acaso ou a desenvolvimentos paralelos. No âmbito sócio-histórico, Martinus (1996: 119-122, 142-145) aponta a participação dos judeus na indústria escravocrata, aspecto até então negligenciado nos estudos sobre o papiamentu. Essa hipótese tem sido alvo de questionamentos com relação à existência

de um protocrioulo afroportuguês e mesmo de sua difusão para além do continente africano, sendo advogado que possivelmente os itens de étimo português no papiamentu não se devam a uma base comum, mas tenham uma múltipla procedência (ANDERSEN, 1974: 59; MAURER, 1998: 199; GRANT, 2008a: 52-55; JOUBERT & PERL, 2008: 138). Ademais, Jacobs (2012a: 46-47, 339-340) afirma que, a despeito de acertadamente sustentar a relação entre o papiamentu e o kabuverdianu e o papel dos judeus sefarditas, a hipótese do protocrioulo apresenta três aspectos controversos fundamentais: (i) o arcabouço monogenético; (ii) o uso de materiais do guene, língua supostamente falada por parte dos escravos curaçolinhos até o século XIX; (iii) o argumento da inteligibilidade entre o papiamentu e o kabuverdianu.

A partir do exposto, observou-se que tanto a hipótese que considera o papiamentu como um crioulo espanhol quanto aquela que defende o papiamentu como oriundo de um crioulo ou protocrioulo afroportuguês falado pelos escravos africanos eram inadequadas para esclarecer a gênese e o desenvolvimento da língua caribenha. A análise mostrou que as outras duas hipóteses — a relação com o kabuverdianu, especialmente a variedade de Santiago, e a participação dos judeus sefarditas e seus escravos — apresentavam argumentos comprováveis para explicar a formação do papiamentu.

A hipótese que considera a relação entre o papiamentu e o kabuverdianu defende que o papiamentu surgiu a partir do crioulo falado na ilha de Santiago, em Cabo Verde, no século XVI. Para Jacobs (2012a), principal defensor dessa hipótese, o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné (o kabuverdianu e o kriyol de Guiné Bissau e Casamança) compartilham uma origem comum, o protocrioulo português da Alta Guiné. Baseada principalmente em Martinus (1996) e Quint (2000b), a hipótese do desenvolvimento do papiamentu a partir do crioulo de Santiago se sustenta por dois conjuntos de dados: os linguísticos e os históricos. No âmbito linguístico, são demonstradas semelhanças consideráveis entre as duas línguas com relação a processos fonológicos (como a substituição das fricativas sonoras /v, z, ʒ/ em virtude de uma possível resistência a elas), morfológicos (a exemplo do uso de adição de afixos para formar novas palavras) e às classes de palavras funcionais, como pronomes, preposições, interrogativos, conjunções, partículas de tempo, modo e aspecto

(TMA), entre outros. A argumentação de Jacobs (2012a: 83-141) dá ênfase aos itens funcionais, uma vez que eles têm menor probabilidade de serem substituídos em virtude de sua opacidade semântica. Assim, as similaridades nesses itens seriam uma evidência de parentesco linguístico entre duas línguas. Nota-se que os vocábulos compartilhados pelo papiamentu e pelo kabuverdianu se assemelham não apenas na forma (similares ou quase iguais), mas também no seu uso. As convergências são ainda mais fortes quando se consideram estágios mais antigos do papiamentu. Com relação aos dados históricos, Jacobs (2012a: 294-300) estabelece uma relação triangular envolvendo a região da Senegâmbia/Alta Guiné, Amsterdã e Curaçao no tocante às atividades do comércio escravocrata, com registros apontando que muitos escravos que foram para a ilha caribenha eram provenientes da região de Cabo Verde. Apesar de as convergências linguísticas entre o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné serem de fato consideráveis, a hipótese de Jacobs (2012a) apresenta alguns aspectos que carecem de embasamento. Em primeiro lugar, o autor atribui todo e qualquer elemento português do papiamentu aos crioulos portugueses da Alta Guiné, desconsiderando outras influências, como a dos judeus sefarditas e de seus escravos e a das línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné. Para Jacobs (2012a: 272, 312), as línguas do Golfo tiveram somente uma influência pós-formativa, podendo ter fornecido itens lexicais e algumas estruturas morfológicas e sintáticas, mas sem alterar a estrutura básica do papiamentu. Já com relação aos judeus sefarditas, apesar de mencionar sua participação no tráfico de escravos, Jacobs (2009a: 324-325, 2009b: 16-17) considera que eles não exerceram influências na configuração do papiamentu, uma vez que constituíam um grupo pequeno no cômputo geral da população. Além disso, segundo o autor, a assunção de que eles falavam português não é de fato comprovada. Tal posicionamento é desconstruído por estatísticas demográficas que mostram um aumento da população sefardita no decorrer dos anos (chegando a totalizar mais de 1/3 da população branca da ilha em 1715) e por evidências linguísticas do uso do português pela comunidade sefardita. Outro ponto controverso da análise de Jacobs (2012a: 12) é a afirmação de que, em nenhum momento, houve contato direto entre o português e o papiamentu, o que é refutado pelas provas de que os judeus faziam uso do português. Jacobs (2012a:

316-317) defende ainda que se apliquem os pressupostos do Princípio Fundador à realidade curaçolense. Contudo, esse princípio é inadequado por dar supremacia às línguas europeias na formação dos crioulos e também por desconsiderar a atuação dos diversos segmentos que faziam parte da sociedade na configuração do papiamentu. A desvalorização do papel de outros segmentos aparece ainda na assunção de que o papiamentu é um descendente direto do kabuverdianu, já chegando formado a Curaçao. Essa postura de Jacobs (2012a) desconsidera o fato de que, apesar de haver uma relação entre as duas línguas, por meio da participação de outros agentes, o papiamentu adquiriu características que o tornam único e distinto, apresentando traços linguísticos que não aparecem no kabuverdianu.

Já a hipótese que atribui uma importância aos sefarditas (GOODMAN, 1996 [1987]; SMITH, 1999) considera que muitos judeus que chegaram a Curaçao a partir de 1651 vieram da antiga colônia holandesa no nordeste brasileiro (Recife) e, por conseguinte, falavam português. Essa comunidade sefardita levou para a ilha caribenha ao menos uma parte dos seus escravos, os quais, juntamente com seus senhores, atuaram na difusão da nova língua que ia se formando. A hipótese que relaciona o papiamentu aos judeus sefarditas e seus escravos se apoia em quatro pressupostos principais: (i) muitos judeus tinham vivido no Brasil Holandês antes de irem para Curaçao; (ii) os sefarditas deixaram o nordeste do Brasil levando escravos; (iii) os judeus estavam envolvidos no comércio de escravos; (iv) uma língua crioula de base portuguesa falada no Brasil teria servido de base para a formação do papiamentu. A discussão desses argumentos revelou algumas de suas deficiências. Com relação à procedência dos judeus que foram para Curaçao, registros (E&E, 1970: 47, 51, 757) mostram que muitos sefarditas viveram no Brasil antes de migrar para Curaçao. Contudo, nem todos os judeus curaçolenses saíram do Brasil, podendo provir também de outros locais, como Amsterdã e outras partes da Europa. No que tange aos escravos, ainda que nem todos tenham embarcado para a Curaçao, uma parcela (possivelmente os escravos domésticos e os mais adaptados aos trabalhos no campo) foi para a ilha caribenha junto com seus senhores. Com relação às atividades econômicas, junto com as atividades de finanças e comércio, os judeus sefarditas estavam envolvidos no comércio de escravos. Isso é evidenciado

pela presença de alguns judeus como acionistas da Companhia das Índias Ocidentais e por registros de judeus atuando como comerciantes de escravos. Por fim, quanto à língua da comunidade judaica e seus escravos, não há registros da existência de uma língua crioula de base portuguesa que teria servido de base para o papiamentu. Entretanto, o português era uma das línguas faladas pela comunidade sefardita de Curaçao, como demonstrado pela presença dessa língua em orações na sinagoga, em documentos e em lápides do antigo cemitério judaico. As orações se mantêm até hoje na sinagoga e uma delas data do século XX, mostrando que, pelo menos até o começo desse século, o português era uma língua importante para os sefarditas. Com relação às lápides, o português é a língua escolhida em 65% dos epitáfios, evidenciando a relevância dessa língua a partir de seu uso em relatos que ficariam para a posteridade. Além de falarem português, os sefarditas também aprenderam o papiamentu e tomaram-no como sua língua ao longo da história, desenvolvendo um dialeto próprio (o papiamentu sefardita). Com o passar dos anos, conforme demonstrado pelas estatísticas populacionais, a população sefardita em Curaçao foi aumentando e, dada a sua importância no cenário econômico da ilha através do comércio de escravos, certamente influenciou o papiamentu, tanto com o português, quanto com o papiamentu sefardita. A despeito de os sefarditas de fato terem influenciado a configuração linguística do papiamentu, não é possível considerar um ‘dialeto’ português falado pela comunidade sefardita como fonte do papiamentu, uma vez que os judeus só começam a chegar a Curaçao a partir de 1651, ano em que um protopapiamentu (ou pelo menos um pidgin de base portuguesa) já circulava na ilha. Assim, a influência sefardita não consegue explicar a presença de traços portugueses nos estratos mais antigos do papiamentu.

A análise dos dados linguísticos confirmou a importância de falantes do kabuverdianu e dos judeus sefarditas e seus escravos na gênese e no desenvolvimento do papiamentu. Inicialmente, foi realizada uma comparação do papiamentu clássico — dados retirados de Frederiks & Putman (2004 [1859]) e Araujo (2011) — com o kabuverdianu clássico — material coletado em Coelho (1967a [1880]), Costa & Duarte (1967 [1886]), Brito (1967 [1887]) e Schuchardt (1888) —, estágios documentados do passado das duas línguas, considerando itens funcionais e lexicais. A escolha das

palavras funcionais foi motivada pelo fato de, em situações de contato linguístico, a substituição de tais vocábulos ser menos provável em virtude de sua opacidade semântica (MATRAS, 2009: 153-165). Já com relação às palavras lexicais, a análise privilegiou itens do vocabulário básico, de alta frequência, pertencentes às camadas mais antigas das línguas. O cotejo revelou diversas convergências, tanto no nível funcional (como PPC **DI** — KVC *DI*, *DE* ‘de, do, da’; PPC **OENDA** — KVC *UNDE*, *UNDÊ*, *UNDI*, *ÚNDO*, *ÕDI*, *DON* ‘onde’; PPC **SEMPER** — KVC *SÉNPRE*, *SEMPRE* ‘sempre’) quanto no lexical, a exemplo do PPC **BIENJA** — KVC *BINHO* ‘vinho’; PPC **MERECÊ** — KVC *MERECÊ* ‘merecer’; PPC **GRANDI** — KVC *GRANDE*, *GRÃDI* ‘grande’. As diferenças entre as duas línguas, em geral, são explicadas por etimologias diversas e regras e padrões distintos.

No tocante aos sefarditas, a discussão dos documentos do final do século XVIII mostrou um maior número de itens de étimo português, o que confirma a assunção de que o papiamentu sefardita seria mais semelhante ao português do que a variedade geral da língua. Ademais, a análise de vocábulos, estruturas e expressões característicos da comunidade sefardita (HENRIQUEZ, 1988, 1991) mostrou que o papiamentu falado por essa comunidade influenciou o registro geral da língua (tanto clássico quanto moderno), havendo casos em que um vocábulo considerado específico da comunidade judaica se difundiu e passou a ser usado por falantes não judeus. É o que se observa, por exemplo, em *sementerio* ‘cemitério’ e *tibio* ‘morno, tépido’, formas antes características do papiamentu sefardita que atualmente convivem em variação com as formas atribuídas ao papiamentu geral **santana**, **kerhòf** e **lou**, respectivamente. Esses resultados linguísticos mostram que os judeus sefarditas influenciaram a gênese e o desenvolvimento do papiamentu, não só por meio do português, mas também através do papiamentu sefardita.

Tomando como base o material documental dos séculos XVIII e XIX e a análise empreendida, observou-se que escolher uma única hipótese (seja a cabo-verdiana, seja a sefardita) resultaria em um retrato parcial para se explicar a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. É necessário, então, falar em uma *convergência de hipóteses*, enfatizando tanto o papel dos falantes de kabuverdianu quanto dos judeus sefarditas e suas escravos na configuração linguística da língua caribenha. A defesa

desse cenário segue as discussões de Faraclos *et al.* (2014), Perini-Santos (2015) e as abordagens gradualistas para a gênese dos crioulos. Faraclos *et al.* (2014) sustentam que uma multiplicidade de fatores deve ser considerada ao estudar a formação de uma língua crioula, destacando o papel desempenhado por diferentes segmentos sociais. Esse cenário plurilíngue permite uma visão global do processo multifacetado que é a gênese e o desenvolvimento de uma língua. No caso do papiamentu, deve-se considerar uma confluência de fatores — o kabuverdianu de Santiago, o ‘dialetu’ português dos judeus sefarditas e seus escravos, o papiamentu sefardita, as línguas africanas, o espanhol, o holandês —, cada um contribuindo, em maior ou menor grau ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, para a língua caribenha. Ademais, de acordo com Perini-Santos (2015), as influências linguísticas mútuas decorrentes das situações de contato perduram por muito tempo e deixam marcas profundas. Para o autor, os diversos agentes em um determinado período têm uma participação importante na configuração de uma língua. Aplicando esse ponto de vista ao papiamentu, as diferentes línguas que estavam em contato na sociedade curaçolêna (como o português e o próprio papiamentu sefardita, as diversas línguas faladas pelos escravos, o espanhol e o holandês) durante o desenvolvimento do papiamentu atuaram nesse processo de forma profunda. Assumir o cenário da convergência implica ainda em seguir uma teoria gradualista da gênese dos crioulos — como discutido por Arends & Bruyn (1995). Uma vez que, segundo essa teoria, as línguas crioulas se formam de maneira gradual, demorando para que seus subsistemas se estabilizem, são permitidas múltiplas contribuições (de agentes diversos) ao longo dos tempos. Esse é justamente o cenário proposto para analisar o papiamentu.

Ao se debruçar sobre o processo complexo de gênese e de desenvolvimento do papiamentu, esta pesquisa deixou algumas questões em aberto devido à necessidade de realizar recortes no objeto de estudo. Diante disso, no que tange aos dados (do papiamentu e do kabuverdianu clássicos e do papiamentu sefardita), futuramente deve ser feito um tratamento quantitativo a fim de chegar a conclusões mais precisas. Ademais, análises enfocando categorias lexicais (como preposições, verbos e substantivos) e semânticas (com foco na origem e no uso de itens de determinados campos, como comércio, vida doméstica, partes do corpo, entre outros) poderiam

trazer informações sobre a contribuição dos diferentes vernáculos na constituição do papiamentu. Pesquisas futuras também podem ser realizadas sobre a relação do papiamentu com os crioulos portugueses do Golfo da Guiné, cujas similaridades podem ser maiores do que vem sendo admitido. A análise da possível contribuição das línguas do Golfo permitiria um entendimento mais amplo das diversas influências africanas atuantes na configuração do papiamentu. O papel das **yayanan** (bem como o das crianças e adolescentes na promoção de mudanças linguísticas) também deve ser estudado com mais detalhes, recorrendo para tanto a textos históricos e antropológicos. Além disso, as influências espanhola e holandesa no papiamentu precisam ser discutidas mais detidamente. Com relação ao espanhol, o processo de relexificação deve ser melhor definido. Ademais, faz-se necessário especificar de onde vem o elemento espanhol do papiamentu (seria da Venezuela ou da Espanha? E os judeus sefarditas também seriam falantes de espanhol?), estabelecendo quando a língua hispânica começa a ter reflexos sobre o papiamentu (se de fato não há um estrato espanhol mais antigo) e explicando o fato de as palavras de étimo espanhol fazerem parte do vocabulário básico e pertencerem a campos semânticos diversos. No que se refere ao holandês, deve-se discutir quando realmente essa língua passa a influenciar o papiamentu, já que, conforme mencionado por Martinus (1996: 29-30), há traços do holandês dos séculos XV e XVI no papiamentu. Outro ponto que pode ser abordado em uma pesquisa posterior é a reconstrução da protolíngua (questionando inclusive se tal protolíngua de fato existe) que deu origem ao papiamentu, esclarecendo a ligação genética da língua caribenha com os crioulos portugueses da Alta Guiné, o que traria avanços não somente para os estudos sobre o papiamentu, mas também para as discussões sobre as línguas crioulas em geral. Em uma perspectiva mais abrangente, esta tese lança questionamentos acerca do que faz uma língua ser crioula, sugerindo que considerar a base lexical como critério definidor da tipologia dos crioulos não se sustenta. A partir daí, as terminologias de superstrato e substrato também devem ser discutidas. Esses são aspectos que podem ser sistematizados e aprofundados, trazendo desenvolvimentos para a área da crioulistica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos. 2015. Fonologia e método pedagógico do lung'Ie. 446f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANDERSEN, Roger William. 1974. Nativization and Hispanization in the Papiamentu of Curaçao, N.A.: a Sociolinguistic Study of Variation. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade do Texas, Texas, Austin.
- APPEL, René & VERHOEVEN, Ludo. 1995. Decolonization, language planning and education. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 65-74.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2002. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 61-90.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2011. Três textos em papiamentu clássico. Tese de livre-docência para obtenção do título de professor-associado — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de & HAGEMEIJER, Tjerk. 2013. *Dicionário livre do santome-português*. São Paulo: Hedra.
- ARENDS, Jacques. 1995. The social-historical background of creoles. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 15-24.
- ARENDS, Jacques. 1999. The origin of the Portuguese element in the Surinam Creoles. In: HUBER, Magnus & PARKVALL, Mikael (Ed.). *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*. London: University of Westminster Press. p. 195-208.
- ARENDS, Jacques & BRUYN, Adrienne. 1995. Gradualist and developmental hypotheses. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 111-120.
- ARENDS, Jacques; KOUWENBERG, Silvia & SMITH, Norval. 1995. Theories

- focusing on the non-European input. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 99-109.
- ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval. 1995. Conclusions. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 319-330.
- BACHMANN, Iris. 2006. Colonial Exchange: Creoles Languages between Missionary Linguistics and Romance Philology. *PAPIA*, Brasília, v. 16, p. 79-95.
- BAKKER, Peter. 2014. Creoles and typology: Problems of sampling and definition. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 29, n. 2, p. 437-455.
- BAKKER, Peter & MUYSKEN, Pieter. 1995. Mixed languages and language intertwining. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 41-52.
- BANDEIRA, Manuele. Em elaboração. Reconstrução fonológica e lexical do proto-crioulo do Golfo da Guiné. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BANDEIRA, Manuele. 2013. A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno. 245f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BIRMINGHAM, Jr., John Calhoun. 1970. The Papiamentu language of Curaçao. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade da Virgínia, Charlottesville, Virgínia.
- BOS, Joan. [2013?]. *1500-Present — Dutch Royal Genealogy*. Disponível em: <http://madmonarchs.guusbeltman.nl/genealogy_nl/nassau/nassau.htm>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- BOXER, Charles. 2002. *O império marítimo português 1415-1825*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras. p. 120-140.
- BRITO, António de Paula. 1967 [1887]. Dialectos Crioulos-Portugueses. Aparentamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistos por F. Adolfo Coelho. 7ª série, nº 10. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 235-328.
- BRÜSER, Martina *et al.* 2002. *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português*, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang. Tübingen: Narr.
- CABO VERDE. Decreto-lei nº 67/98. 31 de dezembro de 1998. Aprova, a título

- experimental, o Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Caboverdiana. 5^o Suplemento. I série, n^o 48.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. 1994. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. *Caderno de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 27, p. 103-111.
- CASSERES, Charles Gomes. 1990. *Istoria kortiku di hudiunan di Korsou*. Curaçao: Edição do autor.
- CBS (Central Bureau of Statistics). 2012. *First results census 2011 — Curaçao*. Disponível em: <<http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-20121023105057.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2012.
- CLEMENTS, J. Clancy. 2014. The status of Portuguese/Spanish /r/ and /r/ in some Iberian-based creole languages. *PAPIA*, São Paulo, vol. 24, n. 2, p. 343-356.
- COELHO, Adolfo. 1967a [1880]. Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América I. 2^a série, n^o 3. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 1-108.
- COELHO, Adolfo. 1967b [1882]. Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América II: Notas complementares. 3^a série, n^o 8. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 109-152.
- COELHO, Adolfo. 1967c [1886]. Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América III: Novas notas complementares. 6^a série, n^o 12. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 153-234.
- COHEN, Maria Antonieta A. M. 2014. Jews and Moors in Alfonsos X's *Las Siete Partidas*. *Journal of the Society for Sefardic Studies*, n. 2, p. 1-9.
- COOMANS, Henny & COOMANS-EUSTATIA, Maritza. 2004. Papiamentse woordenboeken en woordenlijsten uit de 19e eeuw. In: FREDERIKS, Bernardus Th. & PUTMAN, Jacobus Josephus. 2004 [1859]. *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken*. Fac-símile. Bloemendaal/Curaçao: Stichting Libri Antilliani/Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 147-160.
- COSTA, Joaquim Vieira Botelho da & DUARTE, Custódio José. 1967 [1886]. O Crioulo de Cabo Verde. Breves Estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo Verde Oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. 6^a série, n^o 6. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 235-328.

- COUTO, Hildo Honório do. 1992. Lançados, grumetes e a origem do crioulo português no noroeste africano. In: D'ANDRADE, Ernesto & KIHM, Alain (Ed.). *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisbon: Colibri. p. 109-122.
- CROWLEY, Terry. 1997 [1992]. *An introduction to historical linguistics*. Auckland: Oxford University Press. p. 87-128.
- CRYSTAL, David. 1991 [1980]. *A dictionary of linguistics and phonetics*. Oxford, UK: Blackwell Publishing.
- CUNHA, Álvaro. 2007. Pelos meandros da hakitía. *Travessia*, vol. 1, n. 1, p. 1-11.
- CUNHA, Álvaro. 2009. Introdução à fonologia da hakitía. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CURTIN, Philip D. 1969. *The Atlantic Slave Trade: a census*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press.
- DAVAL-MARKUSSEN, Aymeric. 2014. First steps towards a typological profile of creoles. *Acta Linguistica Hafniensia: International Journal of Linguistics*. p. 1-22.
- DELGADO, Carlos Alberto. 2009. *Crioulos de Base Lexical Portuguesa como factores de identidades em África: o caso de Cabo Verde* (Subsídios para uma abordagem metodológica). Praia (Cabo Verde): Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- DOMINGOS, Robert. 1974. Attitude and Language Choice in a Multilingual Society: Urban Curaçao. Dissertação — Universidade de Claremont, Claremont, Califórnia.
- DUBOIS, Jean *et al.* 2006 [1978]. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.
- EMMANUEL, Isaac S. 1957. *Precious stones of the Jews of Curaçao*. Curaçaoan Jewry 1656-1957. Nova York: Bloch Publishing Company.
- EMMANUEL, Isaac S. 1959. El Portugues en la sinagoga “Mikve Israel” de Curaçao. *Tesoro de los judios sefardies*, vol. 1, p. xxv-xxxi.
- EMMANUEL, Isaac S. & EMMANUEL, Suzanne A. 1970. *History of the Jews of the Netherlands Antilles*. Cincinnati: American Jewish Archives.
- FAINGOLD, Eduardo D. 1993. El elemento portugues en el judeo-ibero-romance. *PAPIA*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 42-49.
- FALBEL, Nachman. 2001. Judaica Pernambucensis: alguns perfis de judeus e judaizantes em Pernambuco. In: DINES, Alberto; MORENO-CARVALHO, Francisco & FALBEL, Nachman (Org.). *A Fênix ou o Eterno Retorno: 460 anos da presença judaica em Pernambuco*. Ministério da Cultura Publicações Monumenta. p. 83-110.

- FARACLAS, Nicholas & LUNA, Marta Viada Bellido de. 2012. Marginalized peoples, racialized slavery and the emergency of the Atlantic Creoles. In: FARACLAS, Nicholas (Ed.). *Agency and the Emergence of Creole Languages: the role of women, renegades, and people of African and indigenous descent in the emergence of the colonial era Creoles*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 1-40.
- FARACLAS, Nicholas *et al.* 2014. Creoles and Acts of Identity: Convergence and Multiple Voicing in the Atlantic Creoles. *PAPIA*, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 173-198.
- FERGUSON, Charles A. 1959. Diglossia. *Word*, vol. 15, p. 325-340.
- FERROL, Orlando. 1982. *La cuestion del origen y de la formacion del papiamentu*. Curaçao: Universidad de las Antillas Neerlandesas (UNA).
- FOUSE, Gary C. 2002. *The Story of Papiamentu: A Study in Slavery and Language*. Lanham/New York/Oxford: University Press of America.
- FPI (Fundashon pa Planifikashon di Idioma). 2009. *Ortografia e Lista di Palabra Papiamentu — Buki di oro*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma.
- FREDERIKS, Bernardus Th. & PUTMAN, Jacobus Josephus. 2004 [1859]. *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken*. Fac-símile. Bloemendaal/Curaçao: Stichting Libri Antilliani/Fundashon pa Planifikashon di Idioma.
- FREITAS, Shirley. 2012. *Processos fonológicos no léxico ibérico em papiamentu: a Lista Maduro*. Universidade de São Paulo, Relatório apresentado à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), processo 2010/14252-3.
- FREITAS, Shirley & BANDEIRA, Manuele. No prelo. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 45.
- FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele & ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2014. A adaptação de palavras do português para o papiamentu. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 433-455.
- GARRET, Hélène. 2008. Language use, language attitude and identity among Papiamentu speakers. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronnie & WEIJER, Christa (Ed.). *Linguistic Studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 27-45.
- GOILO, Enrique R. 1953. *Gramatica Papiamentu*. Curaçao: Hollandsche Boekhandel.
- GOODMAN, Morris. 1996 [1987]. The Portuguese element in the American creoles. In: HOLM, John & MICHAELIS, Susanne (Ed.). *Contact languages*. Critical Concepts in Language Studies. vol. 3. Londres e Nova York: Routledge. p. 538-586.

- GOSLINGA, Cornelis Ch. 1971. *The Dutch in the Caribbean and on the Wild Coast 1580-1680*. Gainesville: University of Florida Press.
- GRANDA, Germán de. 1974. El repertorio lingüístico de los sefarditas de Curaçao durante los siglos XVII y XVIII y el problema del origen del papiamentu. *Romance Philology*, vol. 28, p. 1-16.
- GRANT, Anthony P. 2008a. The Portuguese elements in Papiamentu. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronnie & WEIJER, Christa (Ed.). *Linguistic Studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 47-71.
- GRANT, Anthony P. 2008b. A constructivist approach to the early history of Papiamentu. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronnie & WEIJER, Christa (Ed.). *Linguistic Studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 73-112.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. 2002. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. 2003. On contact-induced grammaticalization. *Studies in Language*, John Benjamins Publishing Company, vol. 27, n. 3, p. 529-572.
- HEINE, Bernd & MIYASHITA, Hiroyuki. 2009. Gramaticalização e contacto linguístico: a auxiliarização nas línguas da Europa. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *História do Português Paulista*. Série Estudos — Volume I. Campinas-SP: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp. p. 103-117.
- HENRIQUEZ, May. 1988. *Ta asina? O ta asana? Abla, uzu i kustumber sefardí*. Curaçao: Edição do autor.
- HENRIQUEZ, May. 1991. *Lo ke a keda pa simia*. Curaçao: Edição do autor.
- HOLM, John. 2000. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLM, John. 2004. *Languages in contact. The partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- INE (Instituto Nacional de Estatística — Cabo Verde). 2010. *IV^o Recenseamento geral da população e de habitação — Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ine.cv/censo/censo2010.aspx>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- INTUMBO, Incanha. 2008. Papiamentu's roots in Guinea. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronnie & WEIJER, Christa (Ed.). *Linguistic Studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 125-134.
- JACOBS, Bart. 2009a. The Upper Guinea origins of Papiamentu: Linguistic and historical evidence. *Diachronica*, vol. 26, n. 3, p. 319-379.
- JACOBS, Bart. 2009b. The origins of Old Portuguese features in Papiamentu. In:

- FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.). *Leeward voices: Fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands*. Volume 1. Curaçao: FPI/UNA. p. 11-38.
- JACOBS, Bart. 2010. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 25, n. 2, p. 289-343.
- JACOBS, Bart. 2012a. *Origins of a creole: the history of Papiamentu and its African ties*. Coleção Language contact and bilingualism. New York: Walter de Gruyter. (Tese de Doutorado: Universidade de Munique).
- JACOBS, Bart. 2012b. Embedding Papiamentu in the mixed language debate. *Journal of Historical Linguistics*, vol. 2, n. 1, p. 52-82.
- JACOBS, Bart. 2012c. The Dutch in Seventeenth-Century Senegambia and the Emergence of Papiamentu. In: GREEN, Toby (Ed.). *Brokers of Change: Atlantic Commerce and Cultures in Precolonial Western Africa*. Series Proceedings of the British Academy 178. Oxford: Oxford University Press. p. 193-216.
- JACOBS, Bart. 2012d. Linguistic evidence and historiography: the selection of slaves on Curaçao, 1650-1700. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, vol. 3, p. 1-19.
- JACOBS, Bart. 2013. Reassessment of the Portuguese contribution to the Papiamentu lexicon. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 28, n. 1, p. 154-165.
- JACOBS, Bart. 2014. Lexico-semantic traces of kinship between Papiamentu and Upper Guinea PC. *PAPIA*, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 133-147.
- JACOBS, Bart & VAN DER WAL, Marijke. 2015. The discovery, nature, and implications of a Papiamentu text fragment from 1783. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 30, n. 1, p. 44-62.
- JENNINGS, William. 1999. The role of Cayenne in the Pernambuco-Surinam Hypothesis. In: HUBER, Magnus & PARKVALL, Mikael (Ed.). *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*. London: University of Westminster Press. p. 241-250.
- JOHNEN, Thomas. Em elaboração. Bakoba pa makaku: Sobre a problemática dos africanismos na lexicografia do papiamentu. Comparações com o português do Brasil e o espanhol uruguaio.
- JOHNEN, Thomas. 2012. *Bomba, kanga, makamba* e outros africanismos lexicais no papiamentu: comparações com o português do Brasil e o espanhol uruguaio. In: LÓPEZ, Laura Álvarez & COLL, Magdalena (Ed.). *Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil*. Stockholm: Acta Universitatis Stockholmiensis. p. 161-187.
- JOUBERT, Sidney M. 2013. *Dikshonario/Woordenboek Papiaments Nederlands*. Willemstad: Edição do autor.

- JOUBERT, Sidney M. & PERL, Matthias. 2008. El portugués en Curaçao. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronnie & WEIJER, Christa (Ed.). *Linguistic Studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 137-156.
- KOUWENBERG, Silvia. 2004. The Grammatical Function of Papiamentu Tone. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 3, p. 55-69.
- KOUWENBERG, Silvia. 2009. Some issues in the study of Papiamentu tone. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.). *Leeward voices: Fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands*. Volume 1. Curaçao: FPI/UNA. p. 11-38.
- KOUWENBERG, Silvia & MURRAY, Eric. 1994. *Papiamentu*. München [i.e.] Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa.
- KOUWENBERG, Silvia & MUYSKEN, Pieter. 1995. Papiamentu. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 205-218.
- LADHAMS, John. 1999. The Pernambuco connection? An examination of the nature and origin of the Portuguese elements in the Surinam Creoles. In: HUBER, Magnus & PARKVALL, Mikael (Ed.). *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*. London: University of Westminster Press. p. 209-240.
- LAMPE, Armando. 2001. *Mission or submission?: moravian and catholic missionaries in the Dutch Caribbean during the 19th century*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht.
- LANG, Jürgen. 2014. A origem das consoantes pré-nasalizadas do crioulo de Santiago (Cabo Verde). *PAPIA*, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 149-170.
- LANG, Jürgen. 2015. Os complementizadores derivados do português antigo *coma* 'como' nos crioulos portugueses da Alta Guiné. *PAPIA*, São Paulo, vol. 25, n. 2, p. 217-234.
- LANG, Jürgen *et al.* 2002. *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Cap. 1. Disponível em: <<http://iilp.wordpress.com/2012/11/14/uma-gramatica-do-crioulo/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- LEFEBVRE, Claire. 1998. *Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: the Case of Haitian Creole*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LENZ, Rodolfo. 1928. *El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcells & Cia.
- LESSA, Orígenes. 1975. *Presença do Português no Papiamentu*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra.
- LIPSKI, John M. 2007. *El español de América*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A.

- LIPSKI, John M. 2008. Spanish-Based Creoles in the Caribbean. In: KOUWENBERG, Silvia & SINGLER, John Victor (Ed.). *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 543-564.
- LOPES, Francisco João. 2012. Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da ilha de São Nicolau — Cabo Verde. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LÓPEZ, Candida González *et al.* 2009. Marginalized peoples and Creole Genesis: *Sociétés de cohabitation* and the Founder Principle. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELDT, Liesbeth (Ed.). *Re-centering the 'Islands in Between': Re-thinking the languages, literatures and cultures of the Eastern Caribbean and the African diaspora*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma.
- LÓPEZ, Candida González *et al.* 2012. Marginalized peoples and Creole Genesis: *Sociétés de cohabitation* and the Founder Principle. In: FARACLAS, Nicholas (Ed.). *Agency and the Emergence of Creole Languages: the role of women, renegades, and people of African and indigenous descent in the emergence of the colonial era Creoles*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 215-223.
- LUCCHESI, Dante & BAXTER, A. N. 2006. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra & MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil*. 1. ed. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, v. 1. p. 163-218.
- LUNA, Marta Viada Bellido de & FARACLAS, Nicholas. 2012. *Indigenous peoples and the emergence of the Caribbean Creoles*. In: FARACLAS, Nicholas (Ed.). *Agency and the Emergence of Creole Languages: the role of women, renegades, and people of African and indigenous descent in the emergence of the colonial era Creoles*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 81-110.
- MADURO, Antonie Johannes. 1953a. *Ensayo pa Yega na un Ortografia Uniforme pa nos Papiamentu*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1953b. *Suplemento di Vocabulario Etimológico (Capítulo X) di Ensayo pa Yega na un Ortografía Uniforme pa nos Papiamentu*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1965. *Papiamentu: origen i formacion*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966a. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan I (Letter A te M)*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966b. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ)*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966c. Vocabulario pa un Estudio Comparativo. In:

- MADURO, Antonie Johannes. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ)*. Willemstad: Edição do autor. p. 59-72.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966d. *Papiamentu erornan di diccion i traduccion: un guia pa esnan qu ta desea di papia i traduci corectamente*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1987a. *Kaboverdiano i Papiamentu*. Curaçao: Maduro & Curiel's Bank, Boekhandel Salas i Antoine J. Maduro.
- MADURO, Antonie Johannes. 1987b. *Palenquero i Papiamentu*. Curaçao: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1991. *Papiamentu indagando i ilustrando*. Curaçao: Sidney M. Joubert.
- MANNIX, Daniel & COWLEY, Malcom. 1963. *Black cargoes: a history of the Atlantic slave trade, 1518-1865*. London: Longmans.
- MAPMAKER Interactive. Disponível em: <<http://mapmaker.nationalgeographic.org/>>. Acesso em: 25 maio 2016.
- MARTINUS, Frank. 1996. The kiss of a slave: Papiamentu's West African connections. Tese de Doutorado. Universidade de Amsterdã, Amsterdã.
- MARTINUS, Frank. 2007. *Djuku Kaiman 'Sklabitut a kaba' — Orígen i evolushon di papiamentu ku guene*. Curaçao: Kas di Kultura Kòrsou.
- MATRAS, Yaron. 2009. *Language Contact*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 146-165.
- MAURER, Philippe. 1998. El papiamentu de Curazao. In: PERL, Matthias & SCHWEGLER, Armin (Ed.). *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Editora Iberoamericana. p. 139-217.
- MAURER, Philippe. 2009. A short note about Papiamentu's origin: Upper Guinea, Gulf of Guinea, or elsewhere? In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.). *Leeward voices: Fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands*. Volume 1. Curaçao: FPI/UNA. p. 39-47.
- MCWORTHER, John. 1995. The scarcity of Spanish-based creoles explained. *Language in society*, vol. 24, p. 213-244.
- MINERVINI, Laura. 2013. Los estudios del español sefardí (judeoespañol, ladino). Aportaciones, métodos y problemas actuales. *Estudis Romànics* [Institut d'Estudis Catalans], vol. 35, p. 323-334.
- MIRANDA, Wânia. 2013. O sintagma nominal do caboverdiano: uma investigação semântica. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). 1967. *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de

- artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 1-108.
- MORENO-CARVALHO, Nachman. 2001. As bases de um rochedo. In: DINES, Alberto; MORENO-CARVALHO, Francisco & FALBEL, Nachman (Org.). *A Fênix ou o Eterno Retorno: 460 anos da presença judaica em Pernambuco*. Ministério da Cultura Publicações Monumenta. p. 111-138.
- MUFWENE, Salikoko S. 2001. The Founder Principle in the development of creoles. In: MUFWENE, S. S. *Ecology of Language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 25-80.
- MUFWENE, Salikoko S. 2009 [1996]. In: HOLM, John & MICHAELIS, Susanne (Ed.). *Contact languages*. Critical Concepts in Language Studies. vol. 4. Londres e Nova York: Routledge. p. 367-414.
- MUNTEANU, Dan. 1996. *El papiamentu, lengua criolla hispánica*. Madrid: Gredos.
- MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval. 1995. The study of pidgin and creole languages. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company. p. 3-14.
- MUYSKEN, Pieter & VEENSTRA, Tonjes. 1995. Universalist approaches. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles languages: an introduction*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company. p. 121-134.
- MYERS-SCOTTON, Carol. 2002. *Contact Linguistics: Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes*. Oxford: Oxford University Press.
- NARO, Anthony J. 1978. A study on the origins of pidginization. *Language*, vol. 54, n. 2, p. 314-347.
- OCTA (Association of the Overseas Countries and Territories of the European Union). 20—. *Presentation of Curaçao*. Disponível em: <<http://www.octassociation.org/presentation-of-curacao>>. Acesso em: 21 out. 2012.
- PARADIS, Carole & LEBEL, Caroline. 1994. Contrasts from segmental parameter settings in loanwords: core and periphery in Quebec French. *Proceedings of the MOT Conference on Contrasts in Phonology*. Toronto Working Papers in Linguistics, vol. 13, p. 75-94.
- PARKVALL, Mikael. 2000. Reassessing the role of demographics in language restructuring. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid & SCHNEIDER, Edgar W. (Ed.). *Degrees of Restructuring in creole languages*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 185-213.
- PARKVALL, Mikael. 2012. *Da África para o Atlântico*. Tradução de Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da UNICAMP.
- PERINI-SANTOS, Pedro. 2015. Questionando a regularidade da formação das

- preposições: comentário sobre acidentes e contatos linguísticos. *PAPIA*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 27-37.
- PETTER, Margarida. 2015. A classificação das línguas da África. In: PETTER, Margarida (Org.). *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto. p. 49-85.
- PRATAS, Fernanda. 2002. O Sistema Pronominal do Cabo-verdiano (variante de Santiago). Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- QUINT, Nicolas. 2000a. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L'Harmattan.
- QUINT, Nicolas. 2000b. *Le Cap-Verdien: Origines et Devenir d'une Langue Métisse*. Paris: L'Harmattan.
- QUINT, Nicolas. 2003. *Parlons Cap-verdien, langue et culture*. Paris: L'Harmattan.
- RAE (Real Academia Española). 2001. *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>>. Acesso em: 08 set. 2012.
- RATZLAFF-HENRIQUEZ, Betty. 2008. *Dikshonario Papiamentu-Ingles/Ingles-Papiamentu*. Bonaire: Jong Bonaire.
- RODRIGUES, Ulisdete. 2007. Fonologia do cabo-verdiano: das variedades insulares à unidade nacional. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- RODRIGUES, Ulisdete. 2010. Em busca da sílaba ótima: processos de acréscimo no cabo-verdiano. *Linguagem — Estudos e Pesquisas*, Catalão, vol. 14, n. 2, p. 211-233.
- RONA, José Pedro. 1970. Elementos españoles y elementos portugueses en el Papiamentu. *Programa de Promé Simposyo Internashonal di Papiamentu*. Curaçao, Willemstad.
- ROUGÉ, Jean-Louis. 1994. A propos de la formation des créoles du Cap Vert et de Guinée. *PAPIA*, Brasília, vol. 3, n. 2, p. 137-149.
- SCHUCHARDT, Hugo. 2009 [1882]. On the creole portuguese of São Tomé (West Africa). Tradução de Tjerk Hagemeijer e John Holm. In: HOLM, John & MICHAELIS, Susanne (Ed.). *Contact languages*. Critical Concepts in Language Studies. vol. 1. Londres e Nova York: Routledge. p. 131-156.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1887. O crêolo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crêolo das ilhas de Cabo Verde, oferecidos ao dr. Hugo Schuchardt. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* 6ª série, nº 6 [S. 325 — 388 des ganzen Bandes]. Lisboa, Imprensa nacional, 1886. In: BEHAGHEL, Otto & NEUMANN, Fritz (Ed.). *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, vol. 8, p. 132-141.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1888. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch:

- III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden. *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 12, p. 312-322.
- SELKIRK, Elizabeth O. 1982. Syllables. In: HULST, Harry van der & SMITH, Norval (Ed.). *The structure of phonological representations*, Part II. Dordrecht: Foris Publication. p. 337-383.
- SEVERING, Ronald & WEIJER, Christa. 2010. Gaining perspective on Papiamentu: milestones and achievements. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.). *Crossing shifting boundaries: language and changing political status in Aruba, Bonaire and Curaçao*. Curaçao: Fundashon pa planifikashon di Idioma (FPI), Universiteit van de Nederlandse Antillen (UNA). p. 13-28.
- SILVA, Leonardo Dantas. 2001. Zur Israel: a primeira comunidade judaica do Novo Mundo. In: DINES, Alberto; MORENO-CARVALHO, Francisco & FALBEL, Nachman (Org.). *A Fênix ou o Eterno Retorno: 460 anos da presença judaica em Pernambuco*. Ministério da Cultura Publicações Monumenta. p. 25-82.
- SILVA, Marilu Dias da. 2008. Há artigos no Crioulo de Cabo Verde, variedade de Santiago? Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SMITH, Norval. 1999. Pernambuco to Surinam 1654-65? The Jewish slave controversy. In: HUBER, Magnus & PARKVALL, Mikael (Ed.). *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*. London: University of Westminster Press. p. 251-298.
- TAYLOR, Kathy. 2009. In search of *Echt* Papiamentu: Language as identity in Curaçao. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.). *Leeward voices: Fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands*. Volume 1. Curaçao: FPI/UNA. p. 83-89.
- TEYSSIER, Paul. 1959. *La langue de Gil Vicente*. Paris: Librairie C. Klincksieck. p. 227-250.
- THE CURAÇAO Jewish Community Today. 20—. Disponível em: <<http://www.snoa.com/communitytoday/community-today.html>>. Acesso em: 4 jan. 2016.
- THOMASON, Sara Grey & KAUFMAN, Terrence. 1988. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press.
- VAN BUURT, Gerard & JOUBERT, Sidney. 1997. *Stemmen uit het verleden: Indiaanse woorden in het Papiaments*. Willemstad: Edição dos autores.
- VAN BUURT, Gerard. 2009. Caquetío Indians on Curaçao during colonial times and Caquetío words in the Papiamentu language. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.).

- Leeward voices*: Fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands. Volume 1. Curaçao: FPI/UNA. p. 57-82.
- VEIGA, Manuel. 2015. Cabo Verde: da diglossia à construção do bilinguismo. *PAPIA*, São Paulo, vol. 25, n. 2, p. 177-187.
- VERDUIJN, Gerhard. 2010 (10 set.). *O fim das Antilhas Holandesas*. Disponível em: <<http://www.rnw.nl/portugues/article/o-fim-das-antilhas-holandesas>>. Acesso em: 1 jun. 2011.
- VIARO, Mario Eduardo. 2011. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto.
- VOYAGE DATABASE. 2009. Voyages: The Trans-Atlantic Slave Trade Database. Disponível em: <<http://www.slavevoyages.org/voyage/search>>. Acesso em: 4 jan. 2016.
- WOOD, Richard E. 1972a. New light on the origins of Papiamentu: an eighteenth-century letter. *Neophilologus*, 56, p. 18-30.
- WOOD, Richard E. 1972b. The Hispanization of a Creole Language: Papiamentu. *Hispania*, vol. 55, n. 4, p. 857-864.

Parte I

Apêndices

Apêndice A

ASPECTOS GRÁFICOS E LINGUÍSTICOS DO PAPIAMENTU MODERNO

Este apêndice discute aspectos gráficos e linguísticos (fonológicos e morfológicos) do papiamentu moderno. As discussões nesse apêndice são baseadas na literatura e em trabalho de campo original. No que tange à grafia, são apresentados os grafemas usados, as correspondências entre grafemas e fones e as regras de acentuação gráfica. Em seguida, o exame da fonologia se debruça sobre os seguintes tópicos: (i) o sistema vocálico e sua realização fonética, o estatuto das vogais nasais, o inventário de ditongos; (ii) o quadro consonantal, com a discussão de traços peculiares de alguns segmentos; (iii) a estrutura silábica e os elementos que podem ocupar o onset, o núcleo e a coda; (iv) os critérios para atribuição do acento e do tom. Quanto às questões morfológicas, o foco recai no processo de formação de palavras por afixação, discutindo se os prefixos e sufixos presentes em palavras do papiamentu de fato são produtivos ou se os vocábulos que contêm esses elementos tratam-se de empréstimos, que já entraram formados na língua.

GRAFIA

O estabelecimento de uma grafia oficial para o papiamentu se deu em 1976, quando, depois da existência de diversas comissões discutindo o assunto, o governo de Curaçao aprovou a grafia Römer-Maduro-Jonis — assim chamada por mesclar contribuições desses três autores —, publicando, em março de 1983, o livro *Ortografia di Papiamentu* (SEKSHON, 1983). Antes da instauração de um sistema gráfico

oficial, cada autor escrevia seus textos da forma que achava mais apropriada, não havendo um padrão na grafia das palavras. Assim, é possível encontrar formas como **quico**, **quiko**, **kico**, **kiko**, todas remetendo ao mesmo significado: ‘o que’. Embora o estabelecimento oficial tenha ocorrido em 1976, as discussões a respeito da escrita em papiamentu são mais antigas, ganhando força em 1915, ano em que se tornaram públicas no periódico *Amigoe di Curaçao*. Nos anos seguintes, vários autores (como Willem M. Hoyer, Antonie Maduro, Raul Römer, Silvio Jonis, entre outros) começaram a refletir sobre o assunto, apresentando diversas propostas (baseadas em diferentes pressupostos) para se chegar a uma grafia uniforme para o papiamentu das (antigas) Antilhas Holandesas.

Mesmo após anos de discussão, ainda há aspectos em aberto. Isso foi percebido pelo próprio governo de Curaçao, que, em 1986, estabeleceu uma comissão para tratar de questões até então desconsideradas na proposta oficial. Deixa-se, assim, aberta a possibilidade de reformulações na grafia com o passar dos anos, com o objetivo de dar conta dos fatos novos (PIETERS *et al.* 1993: 10). Dentre os questionamentos, aqueles trazidos por Windt & van Putte (2009, 2010) devem ser mencionados. Nas duas obras, os autores tratam da grafia atual do papiamentu e discutem o caráter fonológico da mesma (questiona-se se ela não poderia ser ainda mais fonológica); eles se mostram contrários, por exemplo, à atitude corrente — e mesmo legitimada em FPI (2009: 16) — de representar os ditongos [ɛj] e [ej] com os mesmos grafemas (<ei>), ocorrendo o apagamento do acento grave da vogal média-baixa a fim de reduzir ao mínimo o uso de símbolos gráficos.

Além disso, apesar dos esforços, não se conseguiu estabelecer um sistema uniforme para todas as ilhas que falam o papiamentu, havendo duas grafias: (i) a de Aruba, de caráter etimológico; e (ii) a de Curaçao, de inspiração fonológica, com uma tentativa de manter, sempre que possível, a relação de um grafema para cada som. Por exemplo, em Aruba, o fone [k] pode ser grafado de três maneiras diferentes, dependendo de razões etimológicas: <**k**>, <**c**> (grafema mais comum) ou <**q**>, como em **kima** ‘queimar’, **cos** ‘coisa’ e **quinta** ‘quinta (numeral)’. Em Curaçao, por seu turno, o fone [k] sempre será grafado com <**k**> e, assim, as palavras acima aparecem como **kima**, **kos** e **kinta**. Até o nome da língua é escrito de forma

diferente nas duas ilhas: **papiamento** em Aruba e **papiamentu** em Curaçao. Isso se dá porque, em Aruba, as palavras cujo som final pode variar entre [o] e [u] serão sempre escritas com <o>; já em Curaçao, tal variação não existe e o [o] em fim de palavra é bastante restrito, sendo mais comum o fone [u]. A seguir, serão apresentadas, de forma sucinta, algumas características gerais da grafia de Curaçao, variedade sobre a qual a presente pesquisa se debruça.

O alfabeto do papiamentu possui 31 grafemas, sendo 9 vogais e 22 consoantes (FPI, 2009: 15, 17-18):

- (1) a. Vogais: <**a - e - i - o - u - è - ò - ù - ü**> (as quatro últimas são chamadas de vogais modificadas);
- b. Consoantes: <**b - c - d - f - g - h - j - k - l - m - n - ñ - p - q - r - s - t - v - w - x - y - z**> (o **ñ** é chamado de consoante modificada).

Além das vogais e consoantes, o sistema gráfico oficial do papiamentu apresenta ainda (FPI, 2009: 14, 16-17):

- (2) a. Dígrafos (combinação de duas consoantes representando um único som): <**ch - sh - dj - zj**>;
- b. Ditongos: <**ai - au - ei - èi - eu - oi - òi - òu - ui** [uj] - **ui** [wi] - **ù** - **ia - ie - iè - io - iu** [ju] - **iu** [iw] - **ua - ue - uè - uo**>¹;
- c. Tritongos: <**iau - ieu - iou - uai - uei**>;
- d. Encontros consonantais: <**b - d - f - g - k - p - t - v**> + <**l - r**>;
- e. Vogais duplicadas (<**ee - oo - ii**>) pronunciadas como duas vogais separadas (hiatos).

Alguns símbolos gráficos e suas respectivas realizações fonéticas devem ser discutidos:

¹Os encontros vocálicos <**ai, ui**> também podem ser pronunciados em sílabas distintas (constituindo, assim, hiatos), como em: **maishi** *Zea mays* [ma.'i.ʃi] ‘milho’, **destruí** [des.tru.'i] ‘destruir’. Hiatos aparecem ainda sempre quando se tem <**ea, eo, oe**>: **mea** [me.a] ‘meia’, **peor** [pe.'or] ‘pior’, **poeta** [po.'e.ta] ‘poeta’ (HOYER, 1944: 3; exemplos retirados desse autor). Hoyer (1944: 3) aponta ainda que <**ie**> é pronunciado como hiato, contudo, em trabalho de campo, notou-se que essa combinação trata-se de um ditongo: **piedra** [pje.dra] ‘pedra’.

- (3) a. O grafema <**h**> representa o som [h] e, no começo de palavra, pode, opcionalmente, deixar de ser pronunciado (GOILO, 1953: 130), como em **haltu** ['aɫ.tu] ~ ['haɫ.tu] 'alto'. Contudo, isso não ocorre frequentemente, constituindo exceções (casos de variação)²;
- b. O grafema <**x**> representa o som [ks] (GOILO, 1953: 131);
- c. O dígrafo <**zj**> representa o som [ʒ] (HOYER, 1944: 4; GOILO, 1953: 132);
- d. O dígrafo <**dj**> representa o som [dʒ] (como observado em trabalho de campo);
- e. O dígrafo <**sh**> representa o som [ʃ] (como observado em trabalho de campo);
- f. O dígrafo <**ch**> representa o som [tʃ] (como observado em trabalho de campo);
- g. O grafema <**g**> representa os sons de [g] ou [h] a depender do contexto: (i) diante de <**a, o, u, l, r**> e nas terminações <**gel, ger**>, corresponde a uma consoante oclusiva velar sonora ([g]), a exemplo de **gastu** ['gas.tu] 'gasto', **golos** [go.'los] 'guloso', **gustu** ['gus.tu] 'gosto', **siglo** ['si.glo] 'século, época', **grandi** ['grẽ.di] 'grande', **angel** ['ẽ.gəɫ] 'anjo', **tiger** ['ti.gər] 'tigre'; (ii) diante de <**e, i**>, corresponde a uma consoante fricativa glotal surda ([h]), como em **general** [he.ne.'raɫ] '1. general, 2. geral', **gigante** [hi.'gẽ.ti] 'gigante' (HOYER, 1944: 4; exemplos retirados desse autor). Caso se deseje representar o som da consoante oclusiva velar sonora diante de <**e, i**>, deve-se colocar um <**u**> depois do <**g**> (esse <**u**> não será pronunciado): **guera** ['gɛ.ra] 'guerra', **sigui** ['si.gi] 'seguir'. Se o [u] for pronunciado, ele deve ser escrito como <**w**>: **bèrgwensa** [bɛr.'gwẽ.sa] 'vergonha, desgraça', **lingwista** [lĩ.'gwis.ta] 'linguista' (PIETERS *et al.* 1993: 15-16; exemplos retirados desses autores).

²Agradeço à professora Luisette Sambo por ter esclarecido a pronúncia do som representado pelo grafema <**h**>.

Os grafemas , <d>, <g>, <x> são empregados somente combinados com outros (a exemplo de <ch>, <dj>, <zj>) e nos seguintes contextos:

- (4) a. Em fórmulas matemáticas e químicas etc;
- b. Para indicar incisos e parágrafos de uma cláusula ou de um artigo;
- c. Em nomes próprios (**Cornelio**, **Jacobo**, **Aquiles**, **Xiomara**); porém hipocorísticos são adaptados para a grafia local, como em **Kai** (< Carlos), **Koni** (< Cornelia), **Yeta** (< Julieta), **Yuya** (< Julia), **Kino** (< Aquino), **Kiel** (< Iziquiel), **Shoma** (< Xiomara);
- d. Em itens lexicais que se referem à toponímia estrangeira incorporados sem alterações gráficas de outros idiomas: **Connecticut**, **Jersey City**, **Quebec**, **Xanten**;
- e. Palavras adotadas de outros idiomas e consideradas “estrangeiras”: **centerfielder**, **joyeria**, **qui vadis**, **x-ray** (FPI, 2009: 15).

Bastante usado antes do estabelecimento da grafia atual, o grafema <c> podia representar dois sons: (i) diante de <e>, <i>, tinha som de [s], como em **cende** [ˈsẽ.de] ‘acender, iluminar’, **ciega** [ˈsje.ga] ‘cegar’; (ii) diante de <a>, <o>, <u>, <l>, <r>, representava o som de [k], como se observa em **cas** [ˈkas] ‘casa’, **colo** [ˈko.lo] ‘couve, repolho’, **cushina** [ku.ˈʃi.na] ‘cozinha’, **clina** [ˈkli.na] ‘crina de animal’, **cria** [ˈkrja] ‘criar’ (exemplos retirados da *lista Maduro*³). Com a grafia moderna, o <c> foi substituído, respectivamente, por <s> e <k>⁴.

Ademais, no papiamentu moderno, nenhuma palavra escrita pode terminar com , <d>, <h>, <v>, <w>, <y>, <z>. No que tange a , <d>, <v>, <z>, isso ilustra a restrição fonológica da língua de não permitir obstruintes sonoras na coda (BANDEIRA, 2013: 27, 78-82) (lembrando que o <g>, que é a única consoante obstruinte sonora

³A *lista Maduro* se refere à compilação realizada por Freitas (2012) das palavras de étimo ibero-românico das obras de Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c). As palavras retiradas da *lista Maduro* aparecem na grafia atual (exceto nesse parágrafo), que, em alguns casos, diverge daquela usada por Maduro. Um exemplo disso é o uso do grafema <c>, hoje substituído por <k> ou <s> (a depender do fone).

⁴O mesmo ocorreu com os encontros <que>, <qui> (como em **quetu** [ˈke.tu] ‘quieto’ e **quima** [ˈki.ma] ‘queimar’), hoje grafados com <k> (exemplos retirados da *lista Maduro*).

que aparece na escrita em final de palavra, corresponde à consoante fricativa velar surda ([x]) e não à consoante oclusiva velar sonora ([g]).

Por fim, no tocante às regras de acentuação gráfica — válidas apenas para os grafemas minúsculos, já que, com os maiúsculos, o uso de acentos é facultativo —, em papiamentu, há dois símbolos diacríticos, o *grave* e o *agudo*, que representam acentos fonéticos. O diacrítico *grave* é usado somente com as vogais <è> ([ɛ]), <ò> ([ɔ]) e <û> ([ø]). Já o diacrítico *agudo* é usado em qualquer uma das cinco vogas (<a, e, i, o, u>) para indicar a sílaba tônica. Segundo FPI (2009: 19-20; exemplos retirados dessa publicação), de forma geral, esse diacrítico deve ser usado nos casos em (5):

- (5) a. Todas as palavras oxítonas que terminam em vogal, como **piská** [pis.'ka] ‘1. peixe, 2. pescado’, **karné** [kar.'ne] ‘carneiro’, **fió** [fi.'o] ‘violino’;
 b. Todas as palavras paroxítonas que terminam em consoante, como **fásil** [fa.sɪɫ] ‘fácil’, **orígen** [o.'ri.hõ(n)] ‘origem’, **hóben** [ho.bẽ(n)] ‘jovem’;
 c. Todas as palavras proparoxítonas, como **sílaba** [si.la.ba] ‘sílabas’, **biólogo** [bi.'o.lo.go] ‘biólogo’, **úniko** [u.ni.ko] ‘único’. Exceções: **tabata** [ta.ba.ta] ‘pretérito dos verbos *ser e estar*’ e **tabatin** [ta.ba.tĩ(ŋ)] ‘pretérito de *ter e haver* (com sentido de *existir*)’.

O diacrítico *agudo* é usado nos casos em que a regra de atribuição do acento (como será visto na seção sobre acento) não é seguida. Palavras terminadas em vogais, por exemplo, deveriam ser paroxítonas. Caso não o sejam, devem vir acompanhadas de um diacrítico para marcar a violação da regra geral. As normas para o uso do diacrítico citadas em (5) apresentam, contudo, algumas exceções, não havendo uso do diacrítico *agudo* em (FPI, 2009: 20-21; exemplos retirados dessa publicação):

- (6) a. Casos em que sílaba tônica possui um diacrítico grave, o que mostra que esse elemento tem preferência sobre o agudo. Ex.: **èlebog** [ɛ.le.box]⁵ ‘cotovelo’;

⁵Esse seria um caso raro em que as vogais da palavra não compartilham os mesmos traços de altura (como será discutido ao tratar da harmonia vocálica).

- b. Palavras oxítonas terminadas em ditongo decrescente ou tritongo, como **kabai** [ka.'baj] ‘cavalo’, **bakiou** [ba.'kjow] ‘bacalhau’;
- c. Palavras oxítonas terminadas em consoante, por exemplo, **diesdos** [djes.'dos] ‘doze’, **atenshon** [a.tẽ.'fõ(ŋ)] ‘atenção’;
- d. Palavras paroxítonas terminadas em <el, en, er>, com o <e> sendo pronunciado como schwa ([ə]), a exemplo de **mangel** [mẽ.gəɫ] ‘doce (alimento)’, **laken** [la.kẽ(ŋ)] ‘lençol’, **binager** [bi.'na.gər] ‘vinagre’.

FONOLOGIA

Dentre os aspectos fonológicos do papiamentu, serão abordados aqui os seguintes tópicos: o sistema vocálico e a distribuição das vogais, o sistema consonantal, a estrutura silábica e as formas de atribuição do acento e do tom.

Sistema vocálico

No tocante ao inventário vocálico, de acordo com Harris (1951: 2) e Kouwenberg & Murray (doravante K&M) (1994: 6), o papiamentu possui nove fonemas, como apresentado no Quadro 16:

—	Anteriores		Posteriores
	Não arredondadas	Arredondadas	
Altas	i	y	u
Médias-altas	e	ø	o
Médias-baixas	ɛ		ɔ
Baixas	a		

Quadro 16: Fonemas vocálicos do papiamentu moderno.

Em (7), é possível observar as vogais fonológicas e suas realizações fonéticas:

- (7) a. /i/ - [i]
- b. /y/ - [y], [i], [u]

- c. /e/ - [e], [ə]
- d. /ø/ - [ø], [e]
- e. /ɛ/ - [ɛ]
- f. /a/ - [a]
- g. /ɔ/ - [ɔ]
- h. /o/ - [o]
- i. /u/ - [u]

Com relação à vogal baixa, o /a/ é classificado como vogal central pela IPA (International Phonetic Association). Os autores que classificam o /a/ como vogal anterior (como K&M, 1994: 6) o fazem para manter a simetria do sistema (anterior/posterior) ou porque há na língua um segundo tipo de vogal central, um schwa⁶. No caso do papiamentu, o /a/ provavelmente foi considerado como uma vogal anterior em virtude de a língua foneticamente apresentar o schwa.

Observando o quadro das vogais, é possível perceber que o traço de arredondamento é relevante apenas para a série das vogais anteriores, uma vez que todas as vogais posteriores do papiamentu são obrigatoriamente arredondadas. Além das vogais anteriores arredondadas, algumas palavras possuem o schwa ([ə]) — que, segundo Quint (2000b: 127), poderia ter entrado na língua por influência do holandês, que faz uso frequente das combinações [Cər] e [Cəl] (C = consoante) em posição final de palavra. No papiamentu, essa vogal ocorre de forma previsível; em sílabas átonas finais terminadas em <er, el, en>, o <e> é pronunciado como um schwa.

Quanto à sua distribuição, as vogais estão sujeitas a dois tipos de restrições: as que dizem respeito à disposição de vogais individuais e aquelas que se referem à coocorrência de vogais nas palavras (K&M, 1994: 7). As vogais anteriores arredondadas ([y, ø]) ocorrem em palavras oriundas do holandês e do inglês, majoritariamente em sílabas pré-tônicas e tônicas pesadas, não ocorrendo em sílabas sem onset nem em final absoluto de palavra (SOUZA NETO, em elaboração) e, com frequência, variando livremente com as suas correspondentes não arredondadas: [i, u] (no caso de [y]) e [e] (no caso de [ø]). A vogal anterior alta arredondada — /y/ (<ü>) —

⁶K&M (1994: 6) não apresentam justificativa para a classificação do /a/ como vogal anterior.

pode ser realizada foneticamente como [y] e também como [i] ou [u], conforme se vê em **hür** ['hyr] ~ ['hir] 'alugar' (< holandês *huren*) e **vürpeil** [vyr.'pejt] ~ **vupeilu**⁷ [vu.'pej.lu] '1. fogos de artifício, 2. foguete (em Curaçao)' (< holandês *vuurwerk*). Essa variação, contudo, não é tão ampla a ponto de um mesmo vocábulo poder ser realizado com [y], [i] ou [u]. Apenas duas realizações são possíveis: [y] ou [i], [y] ou [u], a depender do vocábulo. Assim, não ocorrem as formas *[hur]⁸ e *[vir.'pejt] ou *[vi.'pej.lu] para os itens acima. As razões que subjazem a escolha por um tipo de variante ou outro ([i] ou [u]) ainda precisam ser investigadas com mais detalhes. Já a vogal anterior média arredondada — /ø/ (< û >) — pode ser realizada foneticamente com ou sem arredondamento ([ø] ou [e]), como em **brûin** ['brøj̃(ɲ)] ~ ['brej̃(ɲ)] '1. marrom, 2. escuro' (< holandês *bruin*) (K&M, 1994: 7; exemplos retirados desses autores). O fato de as vogais arredondadas serem intercambiáveis com as variantes não arredondadas levou alguns autores (LENZ, 1928: 85-89; HARRIS, 1951: 1-2) a desconsiderarem as vogais arredondadas do quadro fonológico da língua. Essa postura, contudo, mostra-se precipitada, uma vez que Souza Neto (em elaboração), em trabalho de campo, registrou a ocorrência de pares mínimos opondo /e/, /ø/ e /o/, /o/ e /ø/, /u/ e /y/, /i/ e /y/ (exemplos retirados desse autor):

- (8) a. /e/, /ø/ e /o/: **bes** ['bes] 'vez' (< português/espanhol *vez*), **bûs** ['bøs] 'van, ônibus' (< holandês/inglês *bus*) e **bos** ['bos] '1. voz, 2. trovão' (< português/espanhol *voz*) — é possível acrescentar ainda formas com /u/, /ɛ/ e /ɔ/: **bus** ['bus] 'seio, peito' (< holandês *borst*, inglês *bosom*), **bès** ['bes] 'si bemol maior (termo musical que indica uma tonalidade que contém as notas si bemol, dó, ré, mi bemol, fá, sol, lá e si bemol)' (< holandês *bes*) e **bôs** ['bøs] 'chefe, líder' (< inglês *boss*) (três últimos exemplos retirados de FPI, 2009; JOUBERT, 2013);
- b. /o/ e /ø/: **kor** ['kor] 'couro' (< português *couro*) e **kûr** ['kør] 'inspecionar' (< holandês *keuren*);

⁷Nesse exemplo, não ocorreu somente mudança da vogal, havendo mais alterações, irrelevantes para a discussão no momento.

⁸Nos exemplos de variedades modernas, o asterisco indica que uma determinada forma é agramatical, não sendo permitida na língua. Já quando se trata de variedades de sincronias anteriores, o asterisco indica que uma transcrição fonética foi reconstruída.

- c. /u/ e /y/: **skur** ['skur] 'escuro' (< português/espanhol antigo *escuro*) e **skür** ['skyr] 'lixar, polir' (< holandês *schuren*);
- d. /i/ e /y/: **pis** ['pis] '1. psiu, 2. adorno de carnaval' (étimo desconhecido) e **püs** ['pys] 'lilás' (< holandês *paars*) — há ainda formas com /o/ e /u/: **pos** ['pos] 'poço' (< português *poço*, espanhol *pozo*) e **pus** ['pus] 'pus (substantivo)' (< português/espanhol/inglês/holandês *pus*) (dois últimos exemplos retirados de RATZLAFF-HENRIQUEZ, 2008).

Pode-se mencionar também um exemplo de par mínimo opondo /u/ e /ø/: **buk** ['buk] 'comprar passagens' (< holandês *boeken*, inglês *book*) e **bùk** ['bøk] '1. abaixar(-se), curvar(-se), 2. baixar, reduzir' (< holandês *buigen*) (exemplos retirados de RATZLAFF-HENRIQUEZ, 2008). Além desses pares mínimos, Souza Neto (em elaboração) aponta ainda a presença das vogais arredondadas em itens derivados no papiamentu, a exemplo de **hür-dó** [hyr.'do] 'locador', **hür-mentu** [hyr.'mẽ.tu] 'aluguel', **stür-dó** [styr.'do] (~ **stir-dó** [stir.'do]) 'motorista', **stür-mentu** [styr.'mẽ.tu] (~ **stir-mentu** [stir.'mẽ.tu])⁹ 'condução, direção' e **bùk-mentu** [bøk.'mẽ.tu] 'rebaixamento'. Essas ocorrências das vogais arredondadas, ainda que constituam um número pequeno com relação ao vocabulário total da língua, justificariam sua inclusão no quadro fonológico.

No que concerne às restrições de coocorrência, as vogais médias-baixas /ɛ/ (<è>) e /ɔ/ (<ò>) só aparecem no final da palavra se já estiverem presentes algures (ex.: **prèkè** ['prɛ.kɛ] 'alfinete de fralda' e **bòngò** ['bõŋ.gɔ] ~ ['bõ.gɔ] 'mármore largo'), ou seja, não foi documentada uma palavra como CeCɛ ou CoCɔ. As exceções a esse quadro seriam alguns empréstimos recentes, como **èrko** ['ɛr.ko] 'ar condicionado' e **filè** ['fi.lɛ] 'filé (de carne)' (K&M, 1994: 7) e o vocábulo **èlebog** ['ɛ.le.bɔx] (conforme observado em trabalho de campo). Essa coocorrência implica uma realização de harmonia vocálica com o traço [ATR] (processo discutido por HULST & WEIJER, 1995: 511-515), sendo que somente as vogais [α ATR] podem coocorrer¹⁰. Já as demais vogais médias (/e/, /ø/ e /o/), por seu turno, são usadas em

⁹Nesse exemplo e no anterior, a variação fonética também é indicada no nível da grafia.

¹⁰A situação do papiamentu se assemelha àquela do ogori, língua da família niger-congo, grupo kwa, que possui sete fonemas vocálicos: /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. Nessa língua, em

final de palavra sem restrições (K&M, 1994: 7; exemplos retirados desses autores). Quanto às vogais médias-baixas, nota-se que elas aparecem geralmente na penúltima sílaba acentuada antes de uma sequência de duas consoantes (em especial quando a primeira é /r/) em sílabas diferentes¹¹, como em **spièrtu** [ˈspjɛr.tu] ‘desperto, acordado’ (exemplo retirado da *lista Maduro*) e **kòrda** [ˈkɔr.da] ‘recordar, lembrar’ (ANDERSEN, 1974: 26; exemplo retirado desse autor). Essa distribuição restrita leva Andersen (1974: 26-28, 41-42), num primeiro momento, a questionar o estatuto fonológico das vogais médias-baixas no papiamentu, sugerindo que /ɛ/ e /ɔ/ seriam variantes das vogais /e/ e /o/ (em trabalho de campo (exemplos retirados da *lista Maduro*), foram encontrados casos de variação entre [ɛ] e [e], e [ɔ] e [o], como **mér-dia** [mɛr.ˈdi.a] ~ **merdia** [mer.ˈdi.a] ‘meio-dia’; **pèrkurá** [pɛr.ku.ˈra] ~ **perkurá** [per.ku.ˈra] ‘1. cuidar de alguém, ter cuidado, 2. fazer (muito) esforço para fazer alguma coisa, para não esquecer algo’; **bòfi** [ˈbɔ.fi] ~ [ˈbo.fi] ‘1. bofe, vísceras (de um animal), 2. baço’; **bòftá** [bɔf.ˈta] ~ [bof.ˈta] ‘bofetada, tapa’, respectivamente). Reforçando esse suposto estatuto de variantes das vogais médias-baixas, ocorre, em geral, neutralização da oposição entre vogais médias-altas e médias-baixas quando são seguidas por consoantes nasais. Entretanto, a existência de pares mínimos (por exemplo, **dof** [ˈdɔf] ‘chato, sem graça, enfadonho’ e **dóf** [ˈdɔf] ‘surdo’ (exemplo retirado de SOUZA NETO, em elaboração), **nèchi** [ˈnɛ.tʃi] ‘legal’ e **nechi** [ˈne.tʃi] ‘noz, avelã’), mostrando o contraste entre /e/ e /ɛ/ e /o/ e /ɔ/, respectivamente, até mesmo em contextos nasais (**bònchi** [ˈbɔ̃.tʃi] ‘cacho, penca’ e **bonchi** [ˈbõ.tʃi] ‘feijão’) reafirma o caráter fonológico de tais vogais (ANDERSEN, 1974: 26; exemplos retirados desse autor).

Ainda com relação às restrições de coocorrência de vogais nas palavras, Andersen (1974: 43-51) propõe a *restrição de mesma altura* (The Same-Height Constraint), segundo a qual, quando há duas ou mais vogais numa mesma palavra, elas

palavras sem afixos (formadas apenas pelo radical), as vogais médias-altas (/e, o/) não coocorrem com as médias-baixas (/ɛ, ɔ/). Já as demais vogais /i, a, u/ podem ocorrer com qualquer uma das vogais médias (HULST & WEIJER, 1995: 513-514).

¹¹Há também casos em que tais vogais não são seguidas por duas consoantes, como se vê em **pèshi** [ˈpɛ.ʃi] ‘espinha (acne)’ e **sòru** [ˈsɔ.ru] ‘cuidar de algo ou de alguém’ (exemplos retirados de ANDERSEN, 1974: 26).

devem compartilhar os mesmos traços de altura. Aqui, mais uma vez, ocorreria uma harmonia vocálica, processo fonológico (que pode atuar tanto no âmbito sincrônico quanto no diacrônico) que implicaria na concordância de traços de vogais adjacentes em uma palavra. Esse processo ocorreria entre segmentos não contíguos, havendo elementos intervenientes (em geral, consoantes) entre as vogais que se harmonizam. Ao se tratar da harmonia vocálica em uma dada língua, alguns aspectos devem ser considerados: o domínio do processo, a natureza dos traços envolvidos e o gatilho para o processo (HULST & WEIJER, 1995: 501-509; ARAUJO, 2013: 7). No caso do papiamentu, a harmonia vocálica tem como alvo as vogais médias, sendo engatilhada pela vogal tônica que possui o acento principal e envolvendo o espalhamento do traço [+ATR] da vogal tônica (ARAUJO, 2013: 17, 19; SOUZA NETO, em elaboração). Assim, o tipo de harmonia vocálica encontrado no papiamentu não é somente de altura, mas também envolve o traço [ATR]. Essa correlação entre os traços que envolvem a raiz ([ATR], [RTR]) e a altura ([alto], [baixo]) da língua é reconhecida por Hulst & Weijer (1995: 510-511), os quais afirmam que, embora esses traços sejam independentes, as línguas fortemente terminam por correlacioná-los. Desse modo, em papiamentu, são comuns as seguintes sequências (todas as vogais são α [+ATR], ou seja, precisa haver uma simetria do traço [+ATR] em palavras com duas ou mais sílabas): (i) para palavras dissílabas: α [+alto]. α [+alto] ou α [+baixo]. α [+baixo]; (ii) para palavras trissílabas: α [+alto]. α [+alto]. α [+alto] ou α [+baixo]. α [+baixo]. α [+baixo] (ANDERSEN, 1974: 44-45)¹². Como se pode observar, a vogal /a/ não é mencionada, uma vez que ela é neutra à restrição — propriedade clássica das harmonias vocálicas tipo ATR (HULST & WEIJER, 1995: 511-515) —, podendo combinar-se com qualquer outra vogal. Assim, os pares vocálicos *e-a*, *o-a*, *i-a*, *u-a*, *a-e*, *a-o*, *a-i*, *a-u* são opacos às restrições. As vogais médias-baixas (/ɛ/ e /ɔ/) também não são tratadas pela restrição, já que apresentam uma distribuição mais limitada (conforme mencionado). Além disso, essa restrição não é categórica, havendo exceções, como algumas palavras terminadas em *i* e *u* — como **hèkchi** ['hɛk.tʃi] ‘cerca de madeira’, **keshi** ['ke.ʃi] ‘queijo’, **fòrki** ['fɔr.ki] ‘garfo’, **hopi** ['ho.pi] ‘muito(s)’, **fièrnu** ['fjɛr.nu] ‘inferno’, **heru** ['he.ru] ‘ferro’, **fòrnu** ['fɔr.nu]

¹²Para maiores detalhes sobre as sequências possíveis, consultar Andersen (1974: 43-51).

‘forno, fornalha’, **rostu** [‘ros.tu] ‘assar, tostar’ (exemplo retirado da *lista Maduro*) — e exemplos com o par vocálico *i-o*, como **siglo** [‘si.glo] ‘século, época’, **ficho** [‘fi.tfo] ‘ficha, cupom, nota’ (ANDERSEN, 1974: 45, 180-181; exemplos retirados desse autor).

Além da harmonia vocálica relacionada às vogais médias e ao traço [ATR], Rivera-Castillo (em elaboração) aponta outro tipo de harmonia, associada ao traço de altura. Nesse caso, a harmonia ocorre entre radicais e vogais temáticas ou afixos derivacionais, aplicando-se da direita para a esquerda. O gatilho para a harmonia são as vogais dos afixos (que possuem obrigatoriamente um tom alto) e o alvo são os segmentos vocálicos do radical (que não são especificados para o tom ou apresentam tom baixo). Como exemplos dessa harmonia, encontram-se (exemplos retirados da autora; o tom alto é marcado com acento agudo, o gatilho do processo aparece sublinhado e o alvo em itálico):

- (9) a. **risib-í**, ‘recebido’ *versus* **resipi-énte** ‘recipiente’;
 b. **sígúr** ‘certo, seguro, com certeza’ *versus* **seguri-dát** ‘seguridade, segurança’;
 c. **sígún** ‘segundo, de acordo com’ *versus* **sodó** ‘suor’;
 d. **disid-í** ‘decidido’ *versus* **desi-shón** ‘decisão’;
 e. **tistígu** ‘testemunha’ *versus* **testifiká** ‘testemunhar’.

É possível observar, em alguns casos (como **resipiente** e **seguridat**), a presença de vogais entre o gatilho e o alvo não atingidas pela harmonia (sendo, portanto, transparentes). Quanto ao domínio da harmonia, o processo ocorre somente no interior de palavras fonológicas, aplicando-se aos constituintes mais internos (RIVERA-CASTILLO, em elaboração). Isso explica porque a harmonia não ocorre nas palavras derivadas em (10) (exemplos retirados da autora):

- (10) a. **rípití** ‘repetir’ *versus* **rípiti-shón** ‘repetição’;
 b. **risibí** ‘recebido’ *versus* **risibi-méntu** ‘primeira eucaristia’;
 c. **sintí** ‘sentir’ *versus* **sinti-méntu** ‘sentimento’.

Rivera-Castillo (em elaboração) chama a atenção para o fato de que, nos exemplos

em (10), o morfema derivacional é adjungido a formas verbais livres (**ripití**, **risibí** e **sintí**), ao passo que, em casos como (9), a base verbal constitui uma forma presa (**resipi-**, **seguri-** e **desi-**).

Já as vogais realizadas foneticamente com nasalidade não possuem estatuto fonológico (já que não há oposição entre vogais nasais e vogais nasalizadas, como entre /ẽ/ e /eN/), sendo consideradas como uma combinação de vogal oral + consoante nasal, tendo, assim, natureza bifonêmica. A consoante nasal pode estar na coda da sílaba em que se encontra a vogal ou no onset da sílaba seguinte, como em **impidí** [ĩ.pi.'di] ‘impidir’ e **sabana** [sa.'bẽ.na] ‘savana, pradaria’, respectivamente. Em trabalho de campo, foi possível observar que o espalhamento da nasalidade é obrigatório apenas quando a consoante nasal estiver na coda, sendo opcional (e, nos dados analisados, geralmente marginal) se ela ocupar o onset da sílaba seguinte, como em **balente** [ba.'lẽ.te] (*[ba.'le.te]) ‘valente, corajoso’, **bandoná** [bẽ.do.'na] ~ [bẽ.dõ.'na] ‘1. abandonar, 2. abandonado’, **kabana** [ka.'ba.na] ~ [ka.'bẽ.na] ‘palha, haste, junco’. Conforme observado, mesmo em sílaba tônica, a nasalização continua sendo opcional. No caso da consoante nasal palatal, em alguns casos, o espalhamento da nasalidade é obrigatório (como em **bisiña** [bi.'sĩ.ɲa] (*[bi.'si.ɲa]) ‘vizinho, vizinha’); em outros, não ocorre, a exemplo de **aña** ['a.ɲa] (*[ẽ.ɲa]) ‘ano’ (exemplos retirados da *lista Maduro*).

Com relação aos ditongos, segundo K&M (1994: 6), o papiamentu possui fonologicamente apenas ditongos decrescentes, tendo, assim, o primeiro elemento vocálico ocupando a posição do núcleo da sílaba. Nesses contextos, a oposição entre vogais médias altas e baixas, tanto anteriores quanto posteriores (/ɛ/ e /e/, /ɔ/ e /o/), é neutralizada (no caso das vogais médias anteriores, a média-baixa ([ɛ]) ocorre com o glide anterior e a média-alta ([e]) com o glide posterior; quanto às médias posteriores, em ditongos, aparece somente a alta ([o])), resultando no inventário em (11) (K&M, 1994: 6):

- (11) a. Ditongos com o glide palatal (anterior) /j¹³/: /ɛj/, /øj/, /oj/, /uj/, /aj/;
- b. Ditongos com o glide labial (posterior) /w/: /iw/, /ew/, /ow/, /aw/.

Bandeira (2013: 20) nota que ainda não há uma descrição abrangente do quadro de ditongos do papiamentu, apontando a possibilidade de existirem mais encontros vocálicos do que os listados em (11). Isso pode ser ilustrado por palavras como **prueba** ['prwe.ba] 'prova' e **kontínuo** 'contínuo' [kõ.'ti.nwo] (exemplos retirados dessa autora), em que aparecem os ditongos [we] e [wo] (ambos crescentes), não listados por K&M (1994). Assim, é possível que, ao menos foneticamente, o papiamentu possua mais ditongos, inclusive ditongos crescentes. Tal hipótese é sustentada pela existência, na grafia, de ditongos como: **ai** [aj], **ei** [ej], **èi** [ɛj], **oi** [oj], **òi** [ɔj], **ui** [uj], **ùi** [øj], **ia** [ja], **ie** [je], **iè** [jɛ], **io** [jo], **iu** [ju], **au** [aw], **eu** [ew], **iu** [iw], **òu** [ɔw], **ua** [wa], **ue** [we], **uè** [wɛ], **ui** [wi], **uo** [wo] (conforme visto na seção sobre a grafia). Esse posicionamento é corroborado por Maurer (1998: 148), que advoga a existência de 23 ditongos no papiamentu: 12 crescentes (/ja, jɛ, je, jɔ, jo, ju, wa, wɛ, we, wi, wɔ, wo/) e 11 decrescentes (/aj, ɛj, ej, ɔj, oj, uj, øj, aw, ew, iw, ɔw/). Em virtude dessa incerteza no quadro de ditongos, Bandeira (2013: 20-21, 85-86, 92-93) e Fré (2013), a partir de um *corpus* com palavras recentes, analisam as características dos ditongos no papiamentu moderno de Curaçao, buscando descrever esse sistema.

Sistema consonantal

No que concerne ao inventário consonantal, baseando-se em K&M (1994: 8), o papiamentu possui vinte e um fonemas (Quadro 17¹⁴):

¹³Graficamente, o glide palatal é representado pelo grafema <y>. O grafema <j>, pouco usado em papiamentu, pode corresponder foneticamente ao [h] ou ao [j] do espanhol, sendo a consoante aspirada a realização mais comum.

¹⁴Quando há duas consoantes em sequência, a da esquerda é a surda e a da direita, a sonora (exceto no caso das líquidas, em que as duas são sonoras). Caso apareça sozinha, a consoante é sonora (exceto /x/ e /h/).

—	Labiais	Dentais	Alveopalatais	Palatais	Velares	Glottais
Oclusivas	p b	t d			k g	
Fricativas	f v	s z		ʃ ʒ	x	h
Africadas			tʃ dʒ			
Nasais	m	n		ɲ		
Líquidas		l r				

Quadro 17: Fonemas consonantais do papiamentu moderno.

O quadro 17 apresenta uma divergência como relação à descrição de K&M (1994: 8). Diferentemente dos autores, neste estudo, os glides ([j, w]) não são considerados como fonemas do papiamentu, mas como alofones das vogais altas /i, u/. Tal posicionamento foi tomado em virtude de não haver, na língua, nenhum par mínimo opondo os glides e as vogais altas correspondentes. Como se verá no decorrer desta seção, mesmo K&M (1994: 8) já haviam sugerido que os glides seriam realizações das vogais altas /i, u/.

Em (12), é possível observar as consoantes fonológicas e suas realizações fonéticas:

- (12)
- a. /p/ - [p]
 - b. /b/ - [b]
 - c. /t/ - [t]
 - d. /d/ - [d]
 - e. /k/ - [k]
 - f. /g/ - [g]
 - g. /f/ - [f]
 - h. /v/ - [v], [b], [f]
 - i. /s/ - [s]
 - j. /z/ - [z], [s]
 - k. /ʃ/ - [ʃ]
 - l. /ʒ/ - [ʒ]
 - m. /x/ - [x]
 - n. /h/ - [h]

- o. /tʃ/ - [tʃ], [tʃ]
- p. /dʒ/ - [dʒ], [dʒ]
- q. /m/ - [m], transferência do traço [+nasal] para a vogal anterior e subsequente apagamento
- r. /n/ - [n], [ŋ], transferência do traço [+nasal] para a vogal anterior e subsequente apagamento
- s. /ɲ/ - [ɲ], [ni], transferência do traço [+nasal] para a vogal anterior e subsequente apagamento
- t. /l/ - [l], [ɫ]
- u. /r/ - [r], [ɾ]

Em primeiro lugar, há um questionamento acerca do estatuto fonológico da série de fricativas sonoras ([v, z, ʒ]) devido ao fato de tais consoantes serem usadas em um número reduzido de palavras e frequentemente variarem com outras (suas contrapartes surdas ou a oclusiva com mesmo ponto de articulação no caso do [v]). Jacobs (2012: 69), por exemplo, defende que, no papiamentu (bem como nos crioulos portugueses da Alta Guiné), há uma rejeição às fricativas sonoras (pelo menos, na porção mais basilar e antiga de seu vocabulário), havendo constantemente o desvozeamento das fricativas sonoras etimológicas /ʒ/ e /z/ ([ʒ] > [ʃ]; [z] > [s]) e a plosivização (ou oclusivização) do /v/ ([v] > [b]) — no caso dessa fricativa, ainda que não mencionado por Jacobs (2012: 69-72), é possível também haver o desvozeamento ([v] > [f]) —. Seguindo um posicionamento semelhante, Grant (2008a: 53) defende que as fricativas sonoras teriam sido adquiridas num período posterior à formação da língua (que o autor chama de ‘pós-cristalização’ — *post-crystallisation*). Para o autor, /ʒ/ provavelmente seria a consonante mais rara do papiamentu, sendo usada em empréstimos provenientes de línguas distintas do espanhol; já /v/ e /z/ teriam uma procedência holandesa (assim como as vogais arredondadas). Essas afirmações dos autores devem ser investigadas com mais detalhes, visto que uma análise preliminar mostra que, na grafia do papiamentu clássico (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859]; ARAUJO, 2011), essas consoantes se fazem presentes, como em **GOZA** ‘gozar, usufruir, desfrutar, divertir(-se)’ e **FAVORESÉ** ‘favorecer’.

Com relação ao fonema fricativo labiodental (/v/), por exemplo, em muitas palavras do papiamentu, há uma alternância entre [v] e [f], [v] e [b], como se vê em **vèrnis** [vɛr.'nis] ~ [ver.'nis] ~ **fèrnis** [fɛr.'nis] ~ [fer.'nis] ‘verniz’, **fris** [fris] ~ [vris] ‘congelar’, **fabor** [fa.'bor] ~ [fa.'vor] ‘favor’, mas não vice-versa: **boluntat** [bo.lũ.'tat] (*[vo.lũ.'tat]) ‘vontade’, **falsu** [faɫ.su] (*[vaɫ.su]) ‘falso, espúrio’ (K&M, 1994: 8; exemplos retirados desses autores). Observando a fala das pessoas atualmente — conversando com falantes nativos e realizando inclusive gravações —, foi possível perceber que as fricativas sonoras [v, z, ʒ] ocorrem no papiamentu. Há grande variação, sobretudo na fala de pessoas mais velhas, mas não se pode negar a ocorrência de tais consoantes sonoras no papiamentu moderno. Dentre os exemplos de [v] colhidos com falantes curaçolenses, foram encontrados os seguintes casos: (i) pares mínimos: **via** [vja] ‘através de, por meio de, por via de’ e **fia** [fja] ‘emprestar, pegar emprestado’, **vis** [vis] ‘peixe’ (palavra holandesa usada no papiamentu de Curaçao; em papiamentu: **piská**) e **fis** [fis] ‘sujo, nojento’; (ii) apenas um dos fonemas é possível: **frivolidat** [fri.vo.li.'dat] (*[fri.fo.li.'dat], *[vri.vo.li.'dat], *[vri.fo.li.'dat]) ‘frivolidade’, **dividivi** *Caesalpinia coriaria* [di.vi.'di.vi] (*[di.bi.'di.bi]) ‘dividivi, guatapuma (espécie de planta)’; (iii) variação entre [v] e [f]: **vèlt** [vɛɫt] ~ **fèlt** [fɛɫt] ‘campo’, **vrumun** [vru.'mũ(ŋ)] ~ **frumun** [fru.'mũ(ŋ)] ‘parteira’. A substituição de [v] por [b] é encontrada não apenas no papiamentu, mas também no kabuverdianu de Santiago e no saramaccan. Estudando os elementos portugueses do saramaccan, um dos crioulos falados no Suriname, Smith (1999: 285, tradução nossa) questiona porque tal substituição acontece e traz uma explicação que, em um primeiro momento, também poderia ser usada para o papiamentu: “A resposta óbvia é que a forma do português refletida nos itens do saramaccan primeiro se desenvolveu entre falantes de línguas que não tinham o fonema /v/, um cenário comum o suficiente, já que a maioria das línguas humanas carecem de tal fonema.”¹⁵. A afirmação de que a maioria das línguas não possuem o fonema /v/ não se sustenta, uma vez que, das 76 línguas pidgins e crioulas compiladas por Michaelis *et al.* (2013), 47 apresentam

¹⁵Citação original: “The obvious answer is that the form of Portuguese reflected in the Saramaccan items first developed among speakers of languages which had no /v/ phoneme, a common enough state of affairs as most human languages lack such a phoneme.”

o [v] como alofone principal (aquele que ocorre com mais frequência, aparecendo em mais da metade dos dados), o que corresponde a cerca de 61,8% do total. Dentre essas 47 línguas, estão o saramaccan, o kabuverdianu de Santiago, Brava e São Vicente, o papiamentu e o kriyol de Guiné Bissau. Em 7 línguas (9,2% do valor total), o [v] ocorre somente como um alofone secundário, isto é, com menos frequência, sendo usado em menos da metade dos contextos. Nesse grupo, estão o gullah e o papiá kristang. Já em 6 línguas (representando 7,9% do conjunto), o [v] só é usado em empréstimos, a exemplo do casamancês e do sri lanka malaio. Por fim, nas 16 línguas restantes (21,1% do total), não existe [v], sendo esse o caso, por exemplo, do sranan, do berbice e do korlai. Ademais, Ladefoged & Maddieson (1996: 139-143) afirmam que, em algumas línguas, não só existe [v], como também é comum a oposição entre fricativas labiodentais (/f, v/) e bilabiais (/ɸ, β/), a exemplo do ewe, siya e logba (línguas faladas na África ocidental) e de línguas bantu faladas ao sul da África. Assim, os dados das línguas pidgins e crioulas, bem como os de línguas africanas mostram que é inadequado afirmar que grande parte das línguas não possui a fricativa sonora labiodental. Além disso, a argumentação de Smith está incompleta, uma vez que ele não menciona o fato de que, em línguas que não possuem o fonema /v/, o resultado da adaptação não é obrigatoriamente [b]; o /v/ pode ser adaptado com [b], [f], [β], [p^h], entre outros. O próprio papiamentu ilustra essa não obrigatoriedade de adaptação de /v/ como [b], havendo casos (conforme visto) em que o reflexo na adaptação é [f].

No caso da fricativa sonora palatal (/ʒ/), Jacobs (2012: 67, grifos do autor, tradução nossa) afirma que “[...] empréstimos não nativos do português no domínio religioso-cultural dos judeus sefarditas tipicamente retiveram a fricativa sonora /ʒ/: papiamentu *zjanta* /ʒanta/ ‘refeição’ (< português jantar); papiamentu *zjuzjum* /ʒuzum/ ‘jejum’ (< português jejum), etc. (cf. Henriquez 1988, 1991).”¹⁶. Em suas obras, Henriquez (1988, 1991) traz vocábulos característicos dos judeus sefarditas, cuja variedade supostamente apresenta mais semelhanças com o português. Alguns

¹⁶Citação original: “[...] nonnative borrowings from Portuguese in the Sephardic Jewish religious-cultural domain have typically retained the voiced fricative /ʒ/: PA [Papiamentu] *zjanta* /ʒanta/ ‘meal’ (< Port. jantar); PA *zjuzjum* /ʒuzum/ ‘fasting’ (< Port. jejum), etc. (cf. Henriquez 1988, 1991).”

desses vocábulos e expressões típicos da comunidade judaica, com o passar do tempo, começaram a ser usados por falantes não judeus, sendo incorporados ao uso corrente do papiamentu; outros, especialmente os termos relacionados a bens culturais (como culinária e religião), foram caindo em desuso mesmo dentro da comunidade sefardita, permanecendo somente na fala dos mais velhos. A contribuição da autora consiste em mostrar que algumas palavras rejeitadas por falantes como termos pertencentes ao papiamentu (conforme notado em trabalho de campo) são características da variedade dos sefarditas, que também é vocabulário geral da língua. Em alguns casos, no papiamentu moderno, o mesmo significado possui dois significantes (um deles relacionado aos sefarditas). É o caso, por exemplo, de **zjuzjuá** ~ **yuna** ‘jejuar’ e **zjeitu** ~ **modo, maneira** ‘jeito, modo, maneira’. Dos dez vocábulos da *lista Maduro* que contêm o fonema /ʒ/, sete também aparecem em Henriquez (1988, 1991) como característicos do papiamentu sefardita. Assim, é possível considerar que talvez o fonema /ʒ/ seja de fato característico dos judeus — como afirmado por Jacobs (2012: 67) —, tendo se difundido no papiamentu a partir desse grupo.

Por fim, com relação à fricativa sonora dental (/z/), em trabalho de campo, foi possível observar, em algumas palavras, variação entre formas com [s] e [z], como em **razu** [ˈra.su] ~ [ˈra.zu] ‘enfurecido, em frenesi, com muita raiva, rebelde’ e **usa** [ˈu.sa] ~ [ˈu.za] ‘usar’, com uma maior preferência pelas formas com [s] (exemplos retirados da *lista Maduro*).

Além das consoantes fricativas sonoras, outros segmentos do quadro consonantal merecem ser discutidos (K&M, 1994: 8-11). De acordo com K&M (1994: 10-11), as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) seriam definidas de forma mais adequada como alofones de /t/ e /d/, respectivamente: diante de /i/, o /t/ é realizado como [tʃ] ou [tʲ] e o /d/ realiza-se como [dʒ] ou [dʲ]. Assim, a palavra **tienda** ‘loja’ pode ser pronunciada como [ˈtʃẽ.da] ou [ˈtʲẽ.da] e a palavra **djaka** ‘rato’ pode ter as seguintes pronúncias: [ˈdʒa.ka] ou [ˈdʲa.ka]. Esses dados mostram apenas que há uma variação entre a pronúncia alveopalatal e a palatalizada quando a vogal seguinte for /i/, mas não são suficientes para negar o estatuto fonológico das africadas /tʃ/ e /dʒ/, visto que há exemplos em que essas consoantes precedem outras vogais que não o /i/, como em **kachó** [ka.ˈtʃo] ‘cachorro’ e **djente** [ˈdʒẽ.te] ‘dente’, casos em que

uma pronúncia variável com as consoantes palatalizadas não é possível: *[ka.'tʲo] e *[dʲẽ.te] (exemplos retirados da *lista Maduro*). De forma análoga, para K&M (1994: 10-11), a consoante nasal palatal [ɲ] (<ñ>), presente em poucas palavras (e ocorrendo sobretudo em posição inicial), seria melhor descrita como uma combinação da consoante /n/ + a vogal /i/ (como em **ñetu** [ˈɲe.tu] ~ **nietu** [ˈnje.tu] ‘neto, neta’). Assim como as africadas, a nasal palatal também pode preceder outras vogais que não o /i/, como em **gaña** [ˈga.ɲa] ~ [ˈgẽ.ɲa] ‘enganar, mentir’, **kompañō** [kõ.pẽ.ɲo] ‘companhia’ (exemplos retirados da *lista Maduro*), contextos em que não é possível a realização de /n/ + /i/ (*[ˈga.nja] e *[kõ.pẽ.njo]), o que sustenta a inclusão de /ɲ/ no quadro fonológico do papiamentu. Em algumas palavras, inclusive, na posição medial, há uma variação regional entre essa consoante e o glide palatal¹⁷: **haña** [ˈha.ɲa] ~ [ˈhẽ.ɲa] (Curaçao) ~ **haya**¹⁸ [ˈha.ja] (Aruba) ‘achar, conseguir, receber, pegar’, o que diferencia as pronúncias das duas ilhas. Já os glides [j] e [w] apenas se distinguiriam das vogais altas em começo de sílaba, contexto em que são vistos como realizações esperadas de tais vogais, como, por exemplo, em **yama** [ˈja.ma] ‘chamar’, **kaya** [ˈka.ja] ‘rua’; **wesu** [ˈwe.su] ‘osso’ e **awa** [ˈa.wa] ‘1. água, 2. chuva’ (K&M, 1994: 8-9; exemplos retirados desses autores). Assim, pela ausência de pares mínimos entre os glides e suas respectivas vogais altas, neste estudo, o [j] e o [w] são vistos como alofones da língua, e não como fonemas. A consoante lateral, por sua vez, realiza-se como lateral ([l]) em onset (**lihé** [li.'he] ‘rápido, ágil’) e nos clusters (**plaka** [ˈpla.ka] ‘dinheiro, moeda’) e como velarizada ([ɭ]) em coda — a exemplo de **appelsina** [apeɭ.'si.na] ‘laranja’ e **kandal** [ˈkẽ.daɭ] ‘cadeado’ (exemplos retirados

¹⁷Tal variação não é assumida por Maurer (1998: 148). Segundo ele, em posição intervocalica, o <ñ> nunca é pronunciado como uma nasal palatal, mas como um glide, havendo a dúvida se ele aparece na forma oral ou nasalizada ([j] ou [j̃]).

¹⁸Considerando a estrutura silábica da palavra **haya** como **ha.ya** (já que é uma tendência natural das línguas usar a estrutura CV ao invés de CVC), tem-se um ditongo crescente, o que contradiz a afirmação de que o papiamentu possui somente ditongos decrescentes. Uma explicação seria a de que fonologicamente há apenas ditongos decrescentes, porém é possível a existência de ditongos crescentes no âmbito fonético. Além disso, conforme visto na seção anterior, o inventário de ditongos do papiamentu ainda não está completamente descrito, sendo possível que haja mais ditongos do que os que vêm sendo apontados pelos estudiosos (como K&M, 1994: 6).

da *lista Maduro*). Por fim, a partir de algumas gravações, foi registrada a ocorrência da vibrante simples nos encontros consonantais como segundo elemento do cluster: [pɾ], [bɾ], [tɾ], [dɾ], [kɾ], [gɾ], [fɾ], [vɾ], ou o terceiro elemento, como em [spr], [str] e [skr]. Essa vibrante aparece ainda em onset (seja em posição inicial absoluta ou intervocálica) e coda (medial ou final) de sílaba, em variação com a vibrante múltipla ([r]), como se vê em **rebahamentu** [re.ba.ha.'mẽ.tu] ~ [re.ba.ha.'mẽ.tu] ‘rebaixamento, redução’, **antayera** [ẽ.ta.'je.ra] ~ [ẽ.ta.'je.ra] ‘ontem’, **karni** ['kar.ni] ~ ['kar.ni] ‘carne’, **milager** [mi.'la.gər] ~ [mi.'la.gər] ‘milagre’ (exemplos retirados da *lista Maduro*). Tal distribuição pode se dar pela influência das línguas ibero-românicas do superstrato, que possuem as duas vibrantes, ou pelo fato de, nas línguas do mundo, essa oposição ser comum (nos casos em que há mais de um rótico na língua). A inexistência de oposição entre as duas vibrantes em papiamentu é apontada ainda por Clements (2014: 351) como podendo decorrer dos seguintes fatos: (i) o número de escravos nas *plantations* curaçolenhas era pequeno, não ultrapassando 300. Assim, a influência das línguas faladas pelos cativos (algumas delas apresentando a oposição entre as vibrantes) seria diminuta; (ii) o quicongo, uma das principais línguas maternas dos escravos, não possui róticos. Para o autor, a distinção entre a vibrante simples e a múltipla (ou, como observado, a variação entre as duas) teria sido introduzida posteriormente a partir do espanhol. Pode-se conjecturar ainda que tal diferenciação seja uma característica do português.

Foneticamente, pode-se apontar ainda a existência de uma consoante nasal velar ([ŋ]), que ocorre em final absoluto de palavra e antes de uma consoante oclusiva velar, como em **bo[ŋ]** ‘bom’ e **ra[ŋ]ka** ‘puxar’, respectivamente. No primeiro caso, a realização velar da consoante é o padrão, exceto quando a palavra termina em [ən], como em **hóben** ['ho.bẽn] ‘jovem’ — nesses contextos, de acordo com K&M (1994: 9), na representação subjacente, haveria somente a consoante na rima (exemplos retirados desses autores). Já no segundo caso, a consoante nasal assimila os traços de ponto da consoante seguinte. Esse processo de assimilação não se restringe aos contextos de [ŋ] seguido de oclusivas velares: de forma geral, quando se tem uma consoante nasal antes de outra consoante em sílaba diferente, o ponto de articulação

da nasal é o mesmo da consoante que a segue¹⁹. Há também casos de nasais não homorgânicas, isto é, com pontos de articulação diferentes. Além de serem poucos, nesses contextos, há alternância entre a nasal homorgânica e a não homorgânica, como em **kònchi** ['kɔ̃n.tʃi] ~ **kòmchi** ['kɔ̃m.tʃi] 'tigela', respectivamente (K&M, 1994: 9; exemplos retirados desses autores). Foneticamente, quando aparecem em posição de coda, há duas realizações possíveis para as consoantes nasais: (i) elas são de fato pronunciadas (podendo, nesse caso, a vogal anterior ser nasalizada ou não); (ii) elas se associam à vogal anterior, nasalizando-a, e, em seguida, são apagadas. Como exemplos, é possível citar: **lampi** ['lẽm.pi] ~ ['lam.pi] ~ ['lẽ.pi] 'lâmpada', **ròm** ['rõŋ] ~ ['rɔŋ] ~ ['rõ] 'rum', **lanta** ['lẽn.ta] ~ ['lan.ta] ~ ['lẽ.ta] '1. levantar(-se), erguer(-se), 2. acordar, 3. fundar, montar', **hóben** ['ho.bõn] ~ ['ho.bən] ~ ['ho.bõ] 'jovem', **ranka** ['rẽŋ.ka] ~ ['raŋ.ka] ~ ['rẽ.ka] 'puxar, arrancar', **bon** ['bõŋ] ~ ['boŋ] ~ ['bõ] 'bom' (exemplos retirados de K&M, 1994: 9).

Além disso, em algumas palavras, há alternância entre /x/ e /h/ em início de sílaba (como em **gèspo** ['xɛs.po] (Aruba) ~ **hèspu** ['hɛs.pu] (Curaçao) 'fivela') e entre /x/ e /k/ em final de sílaba (conforme **vlègto** ['vlɛx.to] (Aruba) ~ **flèktu** (Curaçao) ['flɛk.tu] 'trança'). Essa variação, que ocorre em algumas palavras, distingue as pronúncias de Curaçao e de Aruba (K&M, 1994: 8; exemplos retirados desses autores).

Estrutura silábica

Há diferentes modelos que tratam da estrutura da sílaba. Aqui, será adotado o modelo que considera a ramificação binária: **onset** (O) e **rima** (R) (SELKIRK, 1982: 337-383). A rima, por sua vez, se subdivide em **núcleo** (N) e **coda** (C). De acordo com K&M (1994: 9), no papiamentu, o onset pode ter até três elementos consonantais. Para esses autores, o núcleo tem uma vogal obrigatória, admitindo ainda

¹⁹A ocorrência desse processo em junção de palavras deveria ser investigada em estudos futuros.

a presença de outro segmento vocálico marginal (precedendo ou seguindo o principal). Já a coda se restringe a, no máximo, dois elementos consonantais²⁰. Como se verá mais detidamente ao tratar da posição de núcleo, neste estudo, a estrutura da sílaba difere levemente daquela que aparece em K&M (1994: 9). Considerando que os glides não seriam elementos vocálicos, eles não podem ocupar o núcleo da sílaba (que, assim, só pode ser preenchido por uma vogal) e estariam nas margens, isto é, no onset ou na coda a depender da natureza do ditongo. Assim, a representação esquemática da sílaba em papiamentu seria a seguinte:

Os elementos entre parênteses são opcionais. Caso as posições de onset e coda sejam preenchidas por mais de uma consoante, a combinação entre elas não é aleatória. Se duas consoantes ocuparem o onset, a primeira deve ser uma oclusiva (/p, b, t, d, k, g/) ou /f, v, z, m, n/ e a segunda é um glide ([j, w]) ou uma líquida (/l, r/). No caso de a primeira consoante ser /s/, a segunda pode ser um glide ou uma das nasais /m, n/. Já se as três posições do onset forem saturadas, C₁ só pode ser /s/, C₂ deve ser uma oclusiva surda (/p, t, k/) e C₃ será uma líquida ou o glide palatal. No caso de coda com dois elementos, por seu turno, o primeiro pode ser /p, k, f, s, l, m, n, r/ e o segundo, /p, t, k, f, s/.

Dito isso sobre a sílaba no papiamentu, passa-se à discussão mais detalhada

²⁰Em sua análise, Souza Neto (em elaboração) defende que a posição de coda no papiamentu pode ser ocupada por três ou até quatro elementos (nos exemplos seguintes, a coda é sublinhada na transcrição fonética), como em **knakwòrst** [knak.'wɔrst] ~ [kna.'kwɔrst] 'mal-jeito' e **hèrfst** ['hɛfst] ~ ['hɛfst] 'outono'. A ocorrência de mais de dois elementos na coda, contudo, não seria muito comum no vocabulário geral da língua, aparecendo em um número menor de palavras.

sobre quais elementos vocálicos podem ocupar o núcleo e quais segmentos consonantais aparecem no onset e na coda.

Núcleo

O núcleo no papiamentu pode ser ocupado apenas por segmentos vocálicos: qualquer uma das vogais que constituem seu inventário fonológico e as vogais realizadas foneticamente com nasalidade, como se vê em (13) (exemplos retirados de SOUZA NETO, em elaboração):

- (13)
- a. /i/ - **iglesia** [i.'gle.sja] ‘igreja’, **hasi** [ha.sì] ‘fazer’;
 - b. /e/ - **echo** [e.tʃo] ‘fato, feito, ato’, **manteka** [mẽ.'te.ka] ‘manteiga’;
 - c. /ɛ/ - **èlebog** [ɛ.le.bɔx] ‘cotovelo’, **pèrdè** [pɛr.dɛ] ‘perder’;
 - d. /a/ - **awa** [a.wa] ‘1. água, 2. chuva’, **pasobra** [pa.'so.bra] ‘porque’;
 - e. /ɔ/ - **òru** [ɔ.ru] ‘órgão’ (exemplo retirado de JOUBERT, 2013), **kòrà** [kɔ.'ra] ‘vermelho’;
 - f. /o/ - **orea** [o.'rea] ‘orelha’, **basora** [ba.'so.ra] ‘vassoura’;
 - g. /u/ - **usa** [u.sa] ~ [u.za] ‘usar’, **kushina** [ku.'ʃi.na] ‘cozinha’;
 - h. [ĩ] - **íntimo** [ĩ.ti.mo] ‘íntimo’, **tintura** [tĩ.'tu.ra] ‘tintura’;
 - i. [ẽ] - **embra** [ẽ.bra] ‘fêmea’, **tende** [tẽ.de] ‘ouvir, escutar’;
 - j. [ɛ̃] - **èntermentu** [ɛ̃.ter.mẽ.tu] ‘vacinação’, **hèndikèp** [hẽ.di.'kɛp] ‘aleijado, deficiente’;
 - k. [ẽ̃] - **anto**, **antó** [ẽ̃.to] ‘então’, **danki** [dẽ.ki] ‘obrigado’;
 - l. [õ̃] - **ònbeskóp** [õ̃.bes.'kɔp] ‘rude’, **bòmbòshi** [bõ̃.'bɔ.ʃi] ‘briga, rixa, bate-boca’;
 - m. [õ] - **omishon** [õ.mi.'ʃõ(ɲ)] ‘omissão’, **kontentu** [kõ.'tẽ.tu] ‘contente’;
 - n. [ũ] - **unda** [ũ.da] ‘onde’, **huntu** [hũ.tu] ‘junto’.

Seria possível considerar que os glides ([j, w]) também ocupariam a posição de núcleo quando formam um ditongo, havendo, assim, um núcleo ramificado. Essa premissa deve ser analisada com mais cuidado, uma vez que há uma discussão, tomando como base diversas línguas, quanto ao estatuto dos glides: eles deveriam ser tratados como vogais (fazendo, assim, parte do núcleo) ou consoantes (ocupando, por conseguinte,

o onset ou a coda)? No que concerne ao papiamentu, K&M (1994: 8) mencionam tais segmentos como fonemas pertencentes ao quadro consonantal e formadores de clusters que podem ocorrer tanto no onset quanto na coda. Assim, a partir da assunção de que os glides são consoantes, eles não poderiam estar no núcleo. Contudo, ao tratar da estrutura silábica do papiamentu, esses autores representam de forma esquemática a posição de núcleo como ocupada obrigatoriamente por uma vogal e podendo admitir uma outra vogal. Apesar de não haver uma discussão explícita de quais seriam os elementos que poderiam fazer parte do núcleo, é possível conjecturar que a vogal opcional seria o glide no caso da ocorrência dos ditongos. Tal conjectura se apoia inclusive no símbolos usados por K&M (1994: 6), vogais com um arco inferior ($/\underset{\sim}{i}, \underset{\sim}{u}/$), o que no alfabeto fonético internacional (IPA) representa elementos marginais de ditongos. Assim, nota-se uma postura ambígua no tratamento que esses autores dão aos glides.

Onset

A posição de onset simples (formado por apenas uma consoante), tanto no começo quanto no meio da palavra, pode ser ocupada por qualquer um dos fonemas do inventário consonantal do papiamentu, bem como pelos glides. K&M (1994: 9-10) não consideram a ocorrência das fricativas alveopalatais, das africadas alveopalatais e da nasal palatal em onset simples. Contudo, encontram-se casos em que tais consoantes aparecem nessa posição. Exemplos das consoantes ocupando a posição de onset simples são elencados em (14) (K&M, 1994: 9-10; exemplos retirados desses autores, exceto os das fricativas alveopalatais, africadas e da nasal palatal, retirados da *lista Maduro*; as consoantes no onset aparecem sublinhadas na transcrição fonética):

- (14) a. Oclusivas ($/p, b, t, d, k, g/$): **pañ**a [pa.na] ‘roupa(s), pano, tecido’, **bankero** [bẽ.'ke.ro] ‘banqueiro’, **tene** [te.ne] ‘ter’, **danki** [dẽ.ki] ‘obrigado’, **kuminsá** [ku.mĩ.'sa] ‘começar’, **gal** [gaɫ]²¹ ‘bêlis’;

²¹Varia com a forma **hal** ['haɫ].

- b. Fricativas (/f, v, s, z, ʃ, ʒ, x, h/): **falsu** [ˈfaɫ.su] ‘mau, falso’, **rival** [ri.ˈvaɫ] ‘rival’, **suku** [ˈsu.ku] ‘açúcar’, **zoya** [ˈzo.ja] ‘1. balanço, requebrado, 2. balançar (os quadris, na cadeira), requebrar, 3. ninar, 4. fazer sexo’, **basha** [ˈba.ʃa] ‘1. derramar, verter, 2. esvaziar’, **zjuzjuá** [ʒu.ʒu.ˈa] ‘jejuar’, **giter** [ˈxi.tər] ‘regador’, **kohin** [ko.ˈhĩ(ŋ)] ‘pequena almofada ou travesseiro para decoração’;
- c. Africadas (/tʃ, dʒ/): **lechi** [ˈle.tʃi] ‘leite’, **djindja** *Diodon atinga* [ˈdʒĩ.dʒa] ‘baiacu (espécie de peixe)’;
- d. Nasais (/m, n, ɲ/): **masal** [ma.ˈsaɫ] ‘massivo, numeroso’, **namorá** [na.mo.ˈra] ‘namorar’, **biña** [ˈbĩ.ɲa] ‘vinho’;
- e. Líquidas (/l, r/): **limpia** [ˈlĩ.pja] ‘limpar’, **ròm** [ˈrõ(ŋ)] ‘rum’;
- f. Glides ([j, w]): **yabi** [ˈja.bi] ‘chave’, **wega** [ˈwe.ga] ‘jogo’.

Quando se tem um onset complexo (formado por mais de uma consoante ou por consoante(s) e glide), as combinações podem ocorrer com dois ou três elementos (K&M, 1994: 10; exemplos retirados desses autores e da *lista Maduro*):

- (15) a. *Clusters com dois elementos (CC ou CG)*: o primeiro elemento do cluster pode ser uma das seguintes consoantes: /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, m, n/. O segundo pode ser uma consoante líquida (/l, r/), um glide ([j, w]) ou /p, t, k, n, m/ (apenas no caso de o primeiro membro do cluster ser /s/). As combinações possíveis entre esses elementos são (na transcrição fonética, os clusters aparecem sublinhados):
- (i) /pl, pr/, [pj, pw]: **supla** [ˈsu.pla] ‘soprar’, **presta** [ˈpres.ta] ‘emprestar’, **papia** [ˈpa.pja] ‘papear, conversar’, **pueblo** [ˈpwe.blo] ‘povo, comunidade’;
- (ii) /bl, br/, [bj, bw]: **blas** [ˈblas] ‘balão’, **sembra** [ˈsẽ.bra] ~ [ˈsẽm.bra] ‘semear’, **nubia** [ˈnu.bja] ‘nuvem’, **buêlta** [ˈbwɛɫ.ta] ‘rotação, volta curta’;
- (iii) /tr/, [tj, tw]: **traha** [ˈtra.ha] ‘trabalhar’, **tienda** [ˈtjẽ.da] ~ [ˈtjẽn.da] ‘loja’, **tualét** [ˈtwa.ɫɛt] ‘banheiro’ (único caso de [tw]);

- (iv) /dr/, [dj, dw]: **drumi** [ˈdru.mi] ‘dormir’, **dies** [ˈdjes] ‘dez’, **duele** [ˈdwe.le] ‘pena, dó’;
- (v) /kl, kr/, [kj, kw]: **kla** [ˈkla] ‘1. pronto, preparado, 2. brilhante, 3. claro, explícito’, **kriansa** [kri.ˈẽ.sa] ‘criação, educação’, **kièr** [ˈkjer] ‘querer’, **kuèrdè** [ˈkwɛr.dɛ] ‘corda’;
- (vi) /gl, gr/, [gj, gw]: **glas** [ˈglas] ‘1. copo, 2. vidro’, **alegre** [a.ˈle.gre] ‘alegre’, **guiambo** [ˈgjẽ.bo] ~ [ˈgjẽm.bo], **guano** [ˈgwa.no] ‘guano’;
- (vii) /fl, fr/, [fj, fw]: **fli** [ˈfli] ‘pipa’, **frusa** [ˈfru.sa] ~ **frusta** [ˈfrus.ta] ‘enferrujar’, **fiesta** [ˈfjes.ta] ‘festa’, **fuerte** [ˈfwer.te] ‘forte’;
- (viii) /vl, vr/, [vj]: **vlègto** [ˈvlɛx.to] (Aruba) ‘trança’, **vruminga** [vru.ˈmĩ.ga] ~ [vru.ˈmĩŋ.ga] ‘formiga’, **Viena** [ˈvje.na] ‘Viena’ (segundo K&M, 1994: 10, o cluster [vj] aparece em poucas palavras);
- (ix) /sl, sp, st, sk, sm, sn/, [sj, sw]: **sla** [ˈsla] ‘golpe, colisão, pancada, batida, batimento (do coração, por exemplo)’, **spera** [ˈspe.ra] ‘esperar’, **stima** [ˈsti.ma] ‘estimar, amar’, **skapa** [ˈska.pa] ‘escapar’, **smak** [ˈsmak] ‘sabor’, **snechi** [ˈsne.tʃi] ‘fatia’, **siertu** [ˈsjer.tu] ‘certo, seguro’, **suak** [ˈswak] ‘fraco, débil’;
- (x) [zw]: **anzue** [ẽ.ˈzwe] ‘anzol’. K&M (1994: 10) apontam ainda a combinação **zj** (como em **zjeitu** ‘espírito, energia, jeito’). Entretanto, esse não seria um cluster, uma vez que corresponde a um único fonema ([ʒ]): [ˈʒej.tu];
- (xi) [mj, mw]: **miedu** [ˈmje.du] ‘medo’, **muebel** [ˈmwe.bɛɫ] ‘móveis, mobília’;
- (xii) [nj, nw]: **nietu** [ˈnje.tu] ‘neto, neta’, **nuebe** [ˈnwe.be] ‘nove’.
- b. *Clusters com três elementos (CCC ou CCG)*: a primeira consoante deve ser /s/ e a segunda pode ser uma das oclusivas /p, t, k/. No caso da combinação /sp/, o terceiro elemento pode ser uma líquida (/l, r/) ou o glide [j] — consoantes que podem seguir oclusivas surdas no onset —: **splika** [ˈspli.ka] ‘explicar’, **sprengu** [ˈsprẽ.gu] ~ [ˈsprẽŋ.gu] ‘borrifar, salpicar, aspergir’ (exemplo retirado de RATZLAFF-HENRIQUEZ,

2008), **spièrta** ['spjɛr.ta] '1. despertar, acordar, 2. prevenir, acautelar'. Quando se tem a combinação /st/, o terceiro membro do cluster deve ser a líquida /r/: **strepì** ['stre.pi] 'fila'. Por fim, a combinação /sk/ admite ser seguida por /l, r/, [w] (lembrando que, nos dados desses autores, são poucos os casos em que aparece o glide). Ex.: **sklabitut** ['skla.bi.tut] 'escravidão', **skruf** ['skruf] '1. parafuso, 2. parafusar, atarraxar', **skual** ['skwaɫ] '1. repreensão, censura, 2. advertir, repreender'.

Algumas considerações devem ser feitas a respeito dos clusters [tj, dj, sj, nj], /spl, spr, str, skl, skr/, [spj, skw] (K&M, 1994: 10-11). Em primeiro lugar, as combinações [sj, tj, dj, nj] podem tanto ser realizadas foneticamente como consoante + glide quanto remeter a um único fone (respectivamente, [ʃ, tʃ, dʒ, ɲ]). Essas diferentes realizações se refletem na forma gráfica: [sj] é grafado como <sh> ou <si>, [tj] como <ch> ou <ti>, [dj] como <dj> ou <di>, [nj] é <ñ> ou <ni>. É importante notar que as consoantes que formam tais clusters não ocorrem com outras no onset e estão restritas a essa posição, exceto em alguns exemplos de empréstimos da língua inglesa que terminam em [tʃ] ou [ʃ]: **pich** ['pitʃ] 'pêssego', **smèsh** ['smɛʃ] '1. batida, colisão, pancada, 2. destruir, quebrar' (exemplos retirados de K&M, 1994: 11). Além disso, salienta-se o comportamento do fonema /s/, o único capaz de iniciar um cluster com três consoantes²². O fato de tal fonema poder violar a hierarquia de sonoridade e preceder um onset já complexo é explicado através da atribuição de um *status* extramétrico a essa consoante sibilante (K&M, 1994: 11). Nesse caso, para explicar o /s/ como primeiro elemento, considera-se que ele não é parte do

²²Essa situação também é encontrada no inglês, no santome (o primeiro elemento do cluster será [ʃ], e não [s]) e no kabuverdianu, como se pode observar nos exemplos (os clusters aparecem sublinhados na transcrição fonética): (i) inglês: *splash* ['splæʃ] '1. mancha, respingo, 2. salpicar, borrifar, espirrar', *straight* ['straɪt] 'reto, direto, franco', *squirrel* ['skwɪrəl] 'esquilo', *sclerosis* ['sklə'rəʊsɪs] 'esclerose', *scrutiny* ['skru:tɪni] 'escrutínio' (exemplos retirados de MACMILLAN ELT, 20–); (ii) santome: *xtlava* [ʃtla.'va] (~ *xlava* [ʃla.'va]) 'salvar'; *xtluvisu* [ʃtlu.'vi.su] '1. serviço, 2. trabalho' (exemplos retirados de ARAUJO & HAGEMELJER, 2013); (iii) kabuverdianu: *splora* ['splo.rɐ] 'explorar', *spia* ['spjɐ] 'espiar, olhar, ver', *straga* ['stra.gɐ] 'estragar(-se)', *skua* ['skwɐ] 'escoar, escorrer', *sklarise* ['skla.'ri.si] 'esclarecer(-se)', *skrābu* ['skra.bu] 'escravo' (exemplos retirados de BRÜSER *et al.* 2002).

onset de três elementos (sendo extramétrico). Desse modo, ele seria invisível para a observação da hierarquia de sonoridade, que contaria somente a partir do segundo elemento do cluster, não havendo, assim, uma violação da mesma.

Coda

Em posição de coda com apenas um elemento, o papiamentu admite as obstruintes surdas /p, t, k, f, s/ e as líquidas (/l, r/) (K&M, 1994: 11; exemplos retirados desses autores; as consoantes na coda são sublinhadas na transcrição fonética):

- (16) a. Oclusivas (/p, t, k/): **teip** ['teip̩] '1. fita (adesiva), faixa, 2. amarrar, enfaixar', **bèt** ['bèt̩] '1. aposta, 2. apostar', **pik** ['pik̩] '1. bico (de pássaro), 2. palito, palheta, 3. ponto, mancha, nódoa, 4. bicar';
 b. Fricativas (/f, s/): **zueif** ['zweɪf̩] 'flutuar (no ar)', **lès** ['lès̩] 'aula, lição';
 c. Líquidas (/l, r/): **bèl** ['bèl̩] 'sino', **liber** ['li.bər̩] '1. libra (unidade de medida), 2. livre'.

De acordo com K&M (1994: 11), as consoantes nasais /m/ e /n/ também podem ocupar a posição de coda (como em **hòmber** ['hõm̩.bər̩] 'homem', **konfia** ['kõn̩.fja] 'confiar'). Essa afirmação se sustenta apenas no plano fonológico, uma vez que, no âmbito fonético, há a possibilidade de essas consoantes transmitirem sua nasalidade para a vogal anterior e, posteriormente, serem apagadas (correspondendo, respectivamente, a ['hõ.bər̩] e ['kõ.fja]). Esses autores apontam ainda que as consoantes /ʃ/ e /tʃ/ podem, marginalmente, preencher a coda em alguns exemplos de empréstimos: **smèsh** ['smɛʃ̩] '1. batida, colisão, pancada, 2. destruir, quebrar' e **pich** ['pitʃ̩] 'pêssego'. Além desses segmentos, Souza Neto (em elaboração) acrescenta ainda os glides como passíveis de ocupar a coda: [j] (**kabai** [ka.'baj̩] 'cavalo') e [w] (**trabou** [tra.'bɔw̩] 'trabalho').

Na posição de coda, o papiamentu não permite consoantes obstruintes sonoras (/b, d, g, v, z, ʒ/), nem a fricativa glotal (/h/). Na grafia, antes da padronização, era possível ter formas grafadas com as obstruintes sonoras na coda (o que possivelmente também se refletia na realização fonética), porém essa prática foi abolida. Palavras como **scuridad** 'escuridade' e **tribilidad** 'atrevimento', que antes tinham um <d>

final, hoje são grafadas com <t> final: **skuridat** ([sku.ri.'dat] — *[sku.ri.'dad]) e **tribilidat** ([tri.bi.li.'dat] — *[tri.bi.li.'dad]).

Clusters consonantais na coda contêm apenas dois elementos e são muito mais limitados do que as opções encontradas no onset. O primeiro elemento do cluster na coda pode ser /p, k, f, s, l, m, n, r/ e o segundo deve ser /p, t, k, f, s/, porém restritos às combinações em (17) (K&M, 1994: 11; exemplos retirados desses autores; na transcrição fonética, os clusters aparecem sublinhados):

- (17) a. /rp, mp/: **wèrp** ['wɛrp] ~ ['wɛrp] 'parir', **pòm

mp** ['põmp] ~ ['põmp] '1. bomba, 2. bombear';
- b. /kt, ft, st, lt, rt, nt/: **kontrakt** [kõ.'trakt] 'contrato', **kaft** ['kaft] 'capa (de livro)', **tèst** ['tɛst] 'teste, prova, amostra', **vèlt** ['vɛlt] 'campo', **spart** ['spart] '1. borrifar, 2. desfazer(-se), despedaçar', **karènt** [ka.'rɛnt] ~ [ka.'rɛnt] 'uva passa desidratada';
- c. /lk, rk, nk/: **spalk** ['spalk] '1. tala, 2. entalar', **fòrkleft** [fõrk.'left] 'empilhadeira' (exemplo retirado de RATZLAFF-HENRIQUEZ, 2008), **krènk** ['krɛŋk] ~ ['krɛŋk] '1. manivela, 2. girar a manivela';
- d. /lf/ (de distribuição mais restrita), /rf/: **valf** ['valf] 'válvula', **dùrf** ['dørf] 'ousar';
- e. /ps, ks, ls, rs, ms, ns/: **djaweps** [dʒa.'wɛps] ~ [dʒa.'wɛps] 'quinta-feira', **bòks** ['buks] '1. cercado para crianças, caixa, 2. chocar-se contra, colidir' (exemplo retirado de RATZLAFF-HENRIQUEZ, 2008), **bals** ['bals] 'chiclete', **mòrs** ['mõrs] '1. derramar, descarregar, verter, 2. desarrumar, bagunçar, 3. borrifar, umedecer, 4. lambuzar', **dams** ['dɛms] ~ ['dams] 'mulher jovem, dama, senhora', **stèns** ['stɛns] ~ ['stɛns] 'contar (com alguém)'.

Mais uma vez, nos casos em que o primeiro elemento do cluster é uma consoante nasal (/mp, nt, nk, ms, ns/), na realização fonética, os clusters podem não estar presentes, uma vez que a pronúncia da nasal está sujeita a variações entre falantes, deixando de ser pronunciada algumas vezes e somente transmitindo seus traços de nasalidade para a vogal precedente. Assim, as palavras em (17) em que aparecem

clusters com consoantes nasais podem também ser pronunciadas, respectivamente, como [p̃p], [ka.'rẽt], [kr̃ẽk], [d̃ẽs] e [st̃ẽs], sendo a pronúncia sem a consoante a opção mais usual. Esse fato não implica, contudo, em uma diminuição no número de elementos na coda, já que a consoante nasal pode ser apagada apenas no âmbito fonético, mantendo-se no plano fonológico.

Clusters consonantais em posição medial estão restritos a palavras derivadas (K&M, 1994: 11; exemplos retirados desses autores), como se observa em **wèrp-mentu** [wɛrp.'mẽ.tu] ~ [wɛrp.'mẽ.tu] ‘lançamento’ (deriva de **wèrp** [wɛrp] ~ [wɛrp] ‘parir’) e **fèrf-dó** [fɛrf.'do] ~ [fɛrf.'do] ‘pintor’ (deriva de **fèrf** [fɛrf] ~ [fɛrf] ‘pintar’) — para um inventário dos clusters consonantais intervocálicos, consultar Andersen (1974: 39-40).

Acento e tom

O acento no papiamentu recai na antepenúltima, na penúltima ou na última sílaba (KOUWENBERG & MUYSKEN, 1995: 207-208; FPI, 2009: 19-21), mesma situação encontrada no português e no espanhol (línguas que forneceram/fornecem grande parte do léxico da língua). Como exemplos de palavras proparoxítonas, não muito comuns na língua, tem-se **íntimo** [ĩ.ti.mo] ‘íntimo’ e **katedrátiko** [ka.te.'dra.ti.ko] ‘catedrático’. O padrão paroxítono é encontrado geralmente em palavras que terminam em vogal, como em **bibida** [bi.'bi.da] ‘bebida’, ou em <er, el, en> (em sílabas átonas finais terminadas em <r, l, n>, o <e> é pronunciado como um schwa), a exemplo de **liber** [li.bɛr] ‘livre’. Já as palavras terminadas com consoantes (inclusive <r, n, l> quando não precedidos por <e> ([ə])) ou ditongos possuem acento oxítono: **kantor** [kẽ.'tor] ‘escritório’, **kurason** [ku.ra.'sõ(ŋ)] ‘coração’, **robes** [ro.'bes] ‘esquerdo, errado, reverso’, **kabai** [ka.'baj] ‘cavalo’, **kabei** [ka.'bej] ‘cabelo’, **kukui** [ku.'kuj] ‘1. tipo de planta, 2. uma bebida alcoólica, um licor de Aruba’, **morkoi** *Testudo scobra* [mor.'koj] ‘tartaruga, jabuti’ (exemplos retirados de FPI, 2009: 19-21). Há algumas exceções na atribuição do acento. Os verbos, por exemplo, com três ou quatro sílabas são sempre oxítonos mesmo que

terminem com vogal (como **ekiboká** [e.ki.bo.'ka] ~ **ekibuká** [e.ki.bu.'ka] ‘equivocar-se’, **permití** [per.mi.'ti] ‘permitir’). Há ainda um número considerável de exceções com palavras dissílabas, como **doló** [do.'lo] ‘dor’, **muhé** [mu.'he] ‘mulher’, **piská** [pis.'ka] ‘1. peixe, 2. pescado’ (exemplos retirados de KOUWENBERG & MUYSKEN, 1995: 208)²³. As “exceções” à regra geral são marcadas com um diacrítico sobre a vogal final (exceto no caso das proparoxítonas) na escrita (como visto na discussão sobre a grafia).

A posição da sílaba tônica é importante para o estudo do papiamentu, uma vez que muitas palavras mudam de significado a depender do acento que recebem, como se vê, entre outros casos, em:

- (18) a. **kuminda** [ku.'mĩ.da] ‘comida, refeição’ e **kumindá** [ku.mĩ.'da] ‘cumprimentar’;
 b. **suku** [su.ku] ‘açúcar’ e **sukú** [su.'ku] ‘escuro’;
 c. **salu** [sa.lu] ‘1. sal, 2. salgado’ e **salú** [sa.'lu] ‘saúde’;
 d. **muha** [mu.ha] ‘molhar’ e **muhá** [mu.'ha] ‘molhado’ (exemplos retirados de GOILO, 1953: 138).

O papiamentu apresenta também um sistema tonal composto pelos tons alto e baixo²⁴. Em geral, o tom só é relevante nas palavras dissílabas e na maioria das vezes, há uma correspondência entre tom alto e sílaba acentuada, e tom baixo e sílaba não acentuada. Contudo, em alguns verbos dissílabos, tal paralelo não é verificado. **Pone** [pò.né] ‘por’, **laba** [là.bá] ‘lavar’, por exemplo, apesar de possuírem o padrão baixo-alto, são paroxítonos (o acento recai na sílaba com tom baixo) (exemplos retirados de KOUWENBERG & MUYSKEN, 1995: 208). Além disso, segundo K&M

²³É possível que essas “exceções” sejam frutos de processos fonológicos de apagamento de consoante final, um /r/, por exemplo, considerando que, no papiamentu clássico, as formas correspondentes terminavam em consoante: **DOLOOR** > **doló**, **MOEHEER** > **muhé** e **PISKAAR** > **piská**.

²⁴Nas transcrições fonéticas deste trabalho, os tons não serão marcados em virtude de as distinções tonais estarem restritas a um pequeno número de palavras, em geral um verbo e um nome semanticamente relacionados (como se verá nesta seção). Contudo, nos exemplos trazidos pelos autores que discutem o sistema tonal no papiamentu, haverá a marcação do tom (de acordo com esses autores).

(1994: 12), há palavras dissílabas que só podem ser distinguidas por meio do padrão tonal:

- (19) a. **papa** [ˈpà.pá] paroxítono, tom baixo-alto ‘pai’
 papa [ˈpá.pà] paroxítono, tom alto-baixo ‘mingau’
 b. **mata** [ˈmà.tá] paroxítono, tom baixo-alto ‘matar’
 mata [ˈmá.tà] paroxítono, tom alto-baixo ‘mata (planta, árvore)’
 c. **kaska** [ˈkàs.ká] paroxítono, tom baixo-alto ‘descascar’
 kaska [ˈkás.kà] paroxítono, tom alto-baixo ‘casca’

Joubert (2013: 399) adota uma posição semelhante à de K&M (1994): para ele, o papiamentu possui tom lexical distintivo, ainda que relevante apenas para alguns vocábulos (ele lista 273 pares mínimos).

Na maioria dos casos, em palavras dissílabas, verbos apresentam o padrão tonal baixo-alto, ao passo que os nomes possuem o padrão alto-baixo, como, por exemplo, **warda** — [ˈwàr.dá] baixo-alto ‘1. aguardar, esperar, 2. guardar, manter salvo’ / [ˈwár.dà] alto-baixo ‘serviço de guarda, posto de guarda’. Contudo, a alternância tonal não pode ser vista apenas como o resultado de uma regra de derivação, pois, em algumas palavras, não há relação de sentido entre o nome e o verbo. Isso é visto em **sala** — [ˈsà.lá] baixo-alto ‘salgar’ / [ˈsá.là] alto-baixo ‘sala de estar’; **para** — [ˈpà.rá] baixo-alto ‘parar’ / [ˈpá.rà] alto-baixo ‘pássaro’ (KOUWENBERG & MUYSKEN, 1995: 208; exemplos retirados desses autores). Ademais, em alguns casos de nominalização deverbal, há mudança de tom. Por exemplo, **bende** como verbo (‘vender’), teria tom baixo-alto ([ˈbè.dé]) e, como nome (‘venda’), teria tom alto-baixo ([ˈbé.dè]) (K&M, 1994: 23).

Diversos trabalhos, como Rivera-Castillo & Pickering (2004), Kouwenberg (2004, 2009), Remijsen & Heuven (2005), Rivera-Castillo (2011), se debruçam sobre a caracterização do tom no papiamentu e seu vínculo com o padrão acentual, fornecendo informações relevantes para o entendimento desses aspectos.

MORFOLOGIA: ALGUNS AFIKOS

Dentre os aspectos morfológicos do papiamentu, esta seção se debruça sobre os afijos (prefixos e sufixos), mostrando o que alguns autores afirmam sobre o assunto e, em seguida, discutindo se os afijos atribuídos ao papiamentu de fato são concebidos como tais. Esses aspectos são relevantes por permitir que se percebam quais os morfemas realmente produtivos na língua (usados para criar novas palavras) e quais palavras já entraram cristalizadas (sendo, portanto, empréstimos), não sendo mais percebidas como formadas por base + afixo(s) (KOUWENBERG & MUYSKEN, 1995: 208; MUNTEANU, 1996: 402, 409). Essa diferenciação é importante para esta tese por permitir identificar mecanismos de formação de palavras autóctones do papiamentu, desmistificando a crença de que essa língua é uma mera continuação dos lexificadores.

Observando o que autores como Goilo (1953: 39-48), Wattman (1953: 12-15) e K&M (1994: 26-31) escrevem sobre o processo de afixação no papiamentu, é possível perceber que eles desconsideram o fato de que, em geral, quando a palavra foi/é incorporada ao papiamentu, a estrutura morfológica da palavra de segunda língua (L2) fica opaca ao falante de primeira língua ou língua materna (L1). Por isso, o falante não compreende a palavra como formada por base + afixo e a trata, em geral, como um único elemento. Goilo (1953), por exemplo, aponta, em sua gramática, diversas semelhanças entre o português e o papiamentu com relação a diferentes aspectos, como o uso de afijos. Tais semelhanças devem ser analisadas de forma crítica e com muito cuidado, uma vez que Goilo se inspira nas gramáticas das línguas românicas para escrever a sua sobre o papiamentu. Assim, é possível que o autor tenha enfatizado determinados aspectos que ilustram as similaridades entre o português e o papiamentu, em detrimento de elementos em que as duas línguas diferem. As semelhanças, por conseguinte, talvez sejam menores do que aquelas trazidas pelo autor.

Ademais, quanto aos processos de derivação e ao uso dos prefixos e sufixos, é nítida a semelhança entre os afijos do papiamentu e aqueles do português e do espanhol, o que evidencia a ‘base ibero-românica’ dessa língua crioula. Tal semelhança

torna, por vezes, difícil estabelecer se a palavra foi formada dentro do papiamentu ou se ela foi tomada de empréstimo, sofrendo, mais tarde, adaptações. Apenas um estudo diacrônico, procurando investigar quando a palavra foi incorporada à língua, poderia fornecer uma resposta. Considerando o fato de que muitas formas das línguas ibero-românicas entraram no papiamentu via empréstimo, o falante não tem consciência da presença de grande parte desses afixos, não mais segmentando as palavras. Essa ideia de que os afixos não são mais percebidos é refutada pelos casos de palavras ‘híbridas’, formadas pela adjunção de sufixos ibero-românicos a bases de étimo holandês ou inglês, como se vê, respectivamente, em **yag** ‘caçar, perseguir’ — **yag-dó** ‘caçador’; **shap** ‘(pequena) loja, depósito’ — **shap-ero** ‘bartender’. Assim, é possível conjecturar que, em algumas palavras (talvez as mais recentes e especialmente as de étimo não ibero-românico), haveria um processo de adjunção de afixos a bases; enquanto em outras, o falante veria a palavra como um todo não segmentável.

Seguindo um posicionamento similar a esse, Dijkhoff (1993: 63, tradução nossa) afirma que “como na maioria das línguas crioulas, as palavras derivadas no papiamentu são itens lexicais fossilizados que, com algumas exceções, foram adotados do espanhol.”²⁵. Para a autora, os elementos sufixais do papiamentu poderiam ser classificados de três formas:

- (20)
- a. Sufixos produtivos: se adjungem a um grande número de bases, independentemente de seu étimo. Em papiamentu, esse grupo teria apenas três representantes: **-mentu**, **-shon** e **-dó(r)**;
 - b. Sufixos não produtivos: constituem o grupo mais numeroso e englobam os casos em que os sufixos se ligam a bases também encontradas na língua de origem, em especial o espanhol²⁶;
 - c. Sufixos com um certo grau de produtividade: nesses casos, a produtividade do sufixo estaria sendo atingida através de dois mecanismos: (i) adjunção de sufixos espanhóis a bases hispânicas, gerando formas que

²⁵Citação original: “As in most creole languages, derived words in Papiamentu are fossilized lexical items which, with a few exceptions, have been adopted from Spanish.”

²⁶Esses seriam os contextos denominados nesta tese de formas fossilizadas, resultados de empréstimo.

não ocorrem nessa língua (isto é, privativas do papiamentu) e (ii) união de sufixos espanhóis a bases de outros étimos, sobretudo holandês e inglês. Como exemplos desses sufixos, estariam **-ano**, **-eño**, **-dat**, **-ero**, **-ida**, **-ista**, **-eria** (DIJKHOFF, 1993: 72-73, 87).

Ainda segundo Dijkhoff (1993: 67), o fato de uma palavra do papiamentu se assemelhar do ponto de vista fonológico a um vocábulo de uma língua africana ou do espanhol não significa que essas formas teriam uma relação. Ademais, a autora faz a ressalva de que a adaptação de palavras derivadas ao sistema fonológico do papiamentu não seria um indicativo de que o sufixo presente nessa palavra é produtivo²⁷ (DIJKHOFF, 1993: 81).

De maneira geral, para Dijkhoff (1993: 87), o papiamentu, como outras línguas crioulas, não teria uma morfologia derivacional rica e, por conseguinte, produtiva. Diferentes autores, como Goilo (1953: 39-48), Wattman (1953: 12-15) e K&M (1994: 26-31), por seu turno, defendem que o papiamentu faz uso recorrente dos processos de afixação para formar novas palavras. Goilo (1953: 39-48) traz inclusive uma lista de sufixos e prefixos com seus respectivos significados. Para formar nomes a partir de verbos, por exemplo, é comum o uso dos sufixos **-mentu** e **-shon**²⁸, como em **kasa** ‘casar’ — **kasa-mentu** ‘casamento’; **motivá** ‘motivar’ — **motiva-shon** ‘motivação’.

Ainda no tocante à formação de palavras a partir de verbos, Goilo (1953: 39-48) e K&M (1994: 26-31) também apresentam os sufixos **-dó** (que, por vezes, é grafado como **-dor**) e **-bel**, como, por exemplo, em **kome** ‘comer’ — **kome-dor** ‘sala de jantar’ — **kome-dó** ‘comedor, pessoa que está comendo’; **nota** ‘notar’ — **nota-bel** ‘notável’.

Já na formação de substantivos e adjetivos, apareceriam os (supostos) sufixos **-dat/-tat**, **-era/ero**, **-eria**, **-ista**, **-oso**, **-ente**, **-al**, a exemplo de **igual** ‘igual’ — **igual-dat** ‘igualdade’; **liber** ‘livre’ — **liber-tat** ‘liberdade’; **kunuku** ‘interior’ —

²⁷Deve-se lembrar que a adaptação fonológica ocorre sempre que um empréstimo é nativizado numa dada língua.

²⁸Alguns verbos permitem formações com os dois sufixos, havendo uma pequena diferença de significado entre as formas derivadas, como se vê em **stima** ‘amar’ — **stima-mentu** ‘o ato de amar’ e **stima-shon** ‘amor’ (K&M, 1994: 22; exemplos retirados desses autores).

kunuk-ero ‘pessoa que vive no interior, interiorano’; **laba** ‘lavar’ — **labad-era** ‘lavadeira’; **sastre** ‘alfaiate, costureiro’ — **sastr-eria** ‘alfaiataria’; **futbòl** ‘futebol’ — **futbol-ista** ‘jogador de futebol’; **peligro** ‘perigo’ — **peligr-oso** ‘perigoso’; **eksistí** ‘existir’ — **eksist-ente** ‘existente’; **karni** ‘carne’ — **karn-al** ‘carnal’.

Outro sufixo, recorrente no papiamentu, seria o **-mente**, usado na formação de advérbios a partir de adjetivos: **kontinuo** ‘contínuo’ — **kontinua-mente** ‘continuamente’; **felis** ‘feliz’ — **felis-mente** ‘felizmente’.

Além dos sufixos, Goilo (1953: 39-48) e K&M (1994: 26-31) apontam também a presença de prefixos no papiamentu, como se vê, entre outros casos, em **bende** ‘vender’ — **re-bendé** ‘revender’; **animá** ‘estimular, encorajar, animar’ — **re-animá** ‘ressuscitar’; **aparesé** ‘aparecer’ — **des-aparesé** ‘desaparecer’; **órden** ‘ordem’ — **des-órden** ‘desordem’; **definí** ‘definido’ — **in-definí** ‘indefinido’; **ñetu** ‘neto’ — **bis(a)-ñetu** ‘bisneto’; **históriko** ‘histórico’ — **pre-históriko** ‘pré-histórico’; **ayera** ‘ontem’ — **ánt(e)-ayera** ‘anteontem’; **patriótiko** ‘patriótico’ — **anti-patriótiko** ‘antipatriótico’. Esses exemplos, contudo, não deixam claro se de fato os elementos que antecedem o hífen são prefixos ou se as palavras são formas congeladas (o mesmo pode ser dito com relação aos exemplos de sufixos acima). Assim, não é possível afirmar de forma categórica se as palavras são realmente segmentáveis ou não. Com relação aos prefixos, Dijkhoff (1993: 85-87) afirma que, em geral, eles se ligam a palavras de étimo espanhol e têm uma produtividade muito restrita. Observando alguns exemplos, a autora conclui que, em nenhum caso, há formação de novas palavras, inexistentes nas línguas lexificadoras (português e espanhol), o que significa que essas formas são empréstimos cristalizados.

Quanto à atribuição do estatuto de sufixo a alguns elementos, destaca-se a análise de Bandeira (2013: 98-100) para os morfemas **-mentu**, **-dó** e **-shon**. No caso do **-mentu** e do **-dó**, há ocorrências de palavras em que esses elementos funcionam como partes integrantes, sendo resultados de empréstimo (ou seja, a palavra já entra na língua formada, com o sufixo, porque existe um cognato na língua fonte), como se vê em **estashonamentu** (< português *estacionamento*/espanhol *estacionamiento*) ‘estacionamento’ e **adiestradó** ‘treinador’ (< espanhol *adiestrador*). Ao lado dessas palavras que já entraram formadas no papiamentu (não sendo o **-mentu** e o **-dó**

considerados partes separadas), há casos em que esses sufixos são de fato produtivos na língua, o que também é afirmado, entre outros, por Jacobs (2012: 144-146): o **-mentu** e o **-dó** podem se combinar tanto com bases ibero-românicas quanto com bases de outros étimos, permitindo combinações não atestadas nas línguas lexificadoras. Para Jacobs (2012), a classe dos substantivos formados a partir da adição de **-mentu** às bases verbais é potencialmente aberta. É o que se vê, por exemplo, em **seilmentu** ‘iatismo’ (inglês *sail* + **-mentu**), **hungamentu** ‘jogo’ (espanhol *jugar* + **-mentu**); **stirdó** ‘motorista’ (holandês *steer* + **-dó**), **skafdó** ‘máquina de aplai-nar’ (holandês *schaaf* + **-dó**) (exemplos retirados de BANDEIRA, 2013: 98-100). Já com relação ao **-shon**, a situação é diferente. Bandeira (2013: 83) afirma que, apesar de ser bastante recorrente no papiamentu, esse segmento não apareceu uma única vez como um sufixo derivacional, sendo, ao invés disso, resultado da adaptação do *-ción* do espanhol, como se vê em seus exemplos **votashon** ‘votação’ (< espanhol *votación*) e **identifikashon** ‘identificação’ (< espanhol *identificación*). Mais uma vez, a conclusão da autora se coaduna à de Jacobs (2012: 148), que também considera o **-shon** como um caso de morfologia emprestada do espanhol — ainda que existam algumas formações esparsas como **moveshon** ‘movimento’ (≠ português *movimento* / espanhol *movimiento*) —, não havendo exemplos de adjunção do **-shon** a bases não ibero-românicas para formar novas palavras. A respeito desses três sufixos (**-mentu**, **-dó** e **-shon**), um posicionamento levemente diferente é trazido na obra de Dijkhoff (1993: 74-85, 141-151). Para a autora, o **-mentu** e o **-dó** (ambos ligados a bases verbais) seriam os sufixos mais produtivos do papiamentu (DIJKHOFF, 1993: 74). Com relação ao **-dó**, Dijkhoff (1993: 149) faz uma ressalva: apesar de ele poder se adjungir a inúmeras bases verbais (e inclusive ter seu significado ampliado, englobando, além da função de agente, as de instrumento e lugar), parece que as formas derivadas em **-dó** são preteridas em relação a formas com outros sufixos ibero-românicos, como se vê em **dirig-ente** ‘dirigente’ (< **dirigí** ‘dirigir’) — ***dirigi-dó**. Por fim, quanto ao **-shon**, Dijkhoff (1993: 81-84) advoga que ele estaria em vias de se tornar produtivo, como é possível observar nos exemplos **palabra-shon** ‘concordância’ e **deserta-shon** ‘deserção’, ausentes nas línguas lexificadoras. Ademais, o **-shon** estaria em distribuição complementar com o **-mentu**,

havendo uma aparente tendência a substituir as formas em **-mentu** por outras com **-shon**: **aserka-shon**, em lugar de **aserka-mentu** ‘abordagem, aproximação, proximidade’ (DIJKHOFF, 1993: 84, 151).

Por fim, devem ser feitos ainda mais dois comentários acerca dos afixos no papiamentu. Em primeiro lugar, nota-se que, em geral, os autores (como GOILO, 1953: 39-48; K&M, 1994: 26-31) terminam por confundir os conceitos de produtividade e recorrência. Conforme Viaro (2007: 68-71), a produtividade remete à possibilidade de criar novas palavras, ou seja, de produzir um grande número de neologismos. Assim, esse conceito aponta para uma espécie de aposta futura, prevendo as possíveis novas palavras que serão formadas numa dada sincronia. Já a recorrência (também chamada de prolificidade) diz respeito ao fato de haver muitas palavras com aquele afixo na língua em uma dada sincronia (atual ou pretérita). Desse modo, afirmar, por exemplo, que o papiamentu recorre produtivamente aos sufixos **-anu/ianu**, **-eño**, **-es**, **-ero**, **-ense** para formar gentílicos (GOILO, 1953: 43) é uma generalização difícil de comprovar por dois motivos: (i) a palavra já pode ter sido formada nas línguas lexicadoras e entrado posteriormente no papiamentu; (ii) um determinado afixo pode ter, no passado, produzido novas palavras e atualmente não ser mais usado na criação de neologismos, o que ilustra o fato de que a prolificidade não implica produtividade. Além disso, sincronicamente, alguns afixos tornaram-se opacos, não sendo mais concebidos como tais (processo também observado em outras línguas). Assim, embora Goilo (1953: 45-48) aponte afixos nas palavras **bib-ida** ‘bebida’, **rasen-chi** ‘uva passa’, **stèrk-i** ‘forte’, **at-huntu** (antes **ad-juntu**) ‘adjunto’, **bene-fisio** ‘benefício’, **ob-ligá** ‘obrigar’, **re-klamá** ‘reclamar’, **sim-patia** ‘simpatia’ (exemplos retirados desse autor), é muito provável que os falantes não os percebam mais, considerando-os como parte do radical ou como vogais temáticas (no caso dos antigos sufixos).

SÍNTESE

Neste apêndice, inicialmente, foram apresentadas as principais características da grafia oficial do papiamentu de Curaçao: os grafemas usados, alguns comentários

sobre a correspondência entre grafemas e sons e as regras gerais de acentuação gráfica. A discussão desses aspectos é importante por permitir que se familiarize com os padrões gráficos do papiamentu, implicando um maior entendimento sobre as formas como as palavras podem ser pronunciadas, visto que a sua grafia é de caráter fonológico (embora haja também alguns usos não fonológicos). Em seguida, alguns aspectos da fonologia do papiamentu foram examinados: (i) o quadro vocálico e suas realizações fonéticas, o estatuto das vogais nasais, o processo de harmonia vocálica e os ditongos da língua; (ii) o inventário das consoantes fonológicas, como elas podem se realizar foneticamente e comentários sobre algumas consoantes; (iii) a estrutura silábica e os fonemas (e combinações de fonemas) que podem ocupar as posições de núcleo, onset e coda; (iv) a atribuição de acento e tom. A abordagem desses aspectos gerais da fonologia do papiamentu é relevante na medida em que permite que se estabeleçam algumas mudanças (na entrada de palavras do português, espanhol ou outras línguas no papiamentu) que ocorrem não apenas no nível fonológico, mas também na interface entre fonologia-morfologia-sintaxe, níveis sobre os quais a língua se estrutura. Por fim, a derivação de palavras (os prefixos e sufixos) também foi o foco deste apêndice, sendo discutido se, de fato, as palavras do papiamentu poderiam ser divididas em morfemas ou se já entraram na língua formadas. Essa temática possibilita que se conheçam os afixos realmente usados em papiamentu.

Apêndice B

ASPECTOS GRÁFICOS E LINGUÍSTICOS DO KABUVERDIANU MODERNO

Neste apêndice, são discutidas questões gráficas e linguísticas (fonológicas e morfológicas) do kabuverdianu moderno. Serão apresentadas as características do kabuverdianu em geral, concentrando-se, porém, na variedade de Santiago por ser ela que influenciou a gênese e o desenvolvimento do papiamentu. A estruturação desse apêndice segue aquela adotada para o papiamentu moderno: inicialmente, apontam-se os símbolos usados na escrita, os sons representados por certos grafemas e as regras de uso dos acentos gráficos. No que tange à fonologia, são mostrados os inventários fonológicos de vogais e consoantes (incluindo o quadro de ditongos e a discussão acerca do estatuto das consoantes nasalizadas), a estrutura silábica e os segmentos passíveis de preencher as posições de onset, núcleo e coda, e as características do acento. Com relação à morfologia, trata-se dos prefixos e sufixos da língua, mostrando que há casos em que esses elementos são produtivos, ao lado de exemplos em que as palavras são indivisíveis, fruto de empréstimo.

GRAFIA

Atualmente, a grafia oficial do kabuverdianu, de caráter fonético-fonológico, segue os princípios expressos pelo Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Cabo-verdiana (ALUPEC). Segundo Lopes (2012: 12-13), esse modelo foi sugerido em 1993 e institucionalizado de forma experimental em 1998. Já em 2008, o ALUPEC foi avaliado de forma positiva pelos seus usuários, sendo estabelecido como o

alfabeto do kabuverdianu em 2009. Apesar de um sistema gráfico oficial ter sido instituído somente em fins do século XX e começo do XXI, as discussões acerca da grafia da língua são mais antigas (LOPES, 2012: 12). Segundo Lopes (2012: 12), Adolfo Coelho, com a sua obra de 1880, pode ser considerado pioneiro da escrita do kabuverdianu, adotando um sistema de base etimológica a partir do modelo gráfico do português. Quatro anos mais tarde, António de Paula Brito propõe uma escrita de base fonético-fonológica. Apesar de funcional, esse modelo não foi muito usado, havendo uma manutenção da escrita de base etimológica proposta por Coelho. Em 1979, no Colóquio Internacional sobre a Valorização do Crioulo Caboverdiano, realizado em Mindelo, surgiu formalmente a primeira proposta para um modelo fonético-fonológico de escrita para o kabuverdianu. Dez anos depois, no Fórum de Alfabetização Bilíngue, esse modelo foi avaliado, passando por leves modificações.

Apesar de ter uma base fonológica, havendo uma tentativa de sempre que possível ter um grafema representando um único fone e vice-versa, de acordo com o decreto que o institui, o ALUPEC constitui uma harmonização do modelo de alfabeto de base etimológica com o de base fonológica. Seu caráter fonológico, assim, deve ser visto como um princípio norteador, não descartando a coexistência com aspectos etimológicos (CABO VERDE, 1998: 20). No tocante à relação biunívoca entre grafema e fonema, esse princípio não será totalmente respeitado, já que não há uma correspondência perfeita entre essas unidades (LOPES, 2012: 13). Assim, há casos em que se tem um único grafema para mais de um fonema, como, por exemplo, o <a>, que representa as duas vogais centrais da língua /a/ e /ɐ/. Brüser *et al.* (2002: 25) apontam esse fato como uma incoerência e decidem marcar a pronúncia baixa da vogal central (/a/) com um acento agudo (<á>), como em *karapati* [kɐ.rɐ.'pɐ.ti] ‘agarrar-se’ e *karapáti* [kɐ.rɐ.'pa.ti] ‘1. agave, sisal, 2. carrapato’ (exemplos retirados desses autores). Além dessa questão do princípio biunívoco, o estabelecimento de uma grafia oficial para o kabuverdianu não pôs fim aos debates acerca da escrita nessa língua. As polêmicas ainda existem, havendo tanto defensores do ALUPEC quanto opositores ao alfabeto, que se recusam a usá-lo (LOPES, 2012: 13). O próprio decreto que promulgou o alfabeto reconhece que ele não quer dizer unidade: “A padronização do ALUPEC não significa a existência de uma escrita unificada. Na

verdade, a padronização do alfabeto é a 1ª fase da padronização da língua caboverdiana.” (CABO VERDE, 1998: 21).

Considerando que os vocábulos do kabuverdianu moderno que aparecem nesta tese são grafados segundo o ALUPEC, a seguir, apresentam-se, sucintamente, as características gerais que o regem. O alfabeto oficial do kabuverdianu possui 23 grafemas, sendo 5 vocálicos e 18 consonantais (CABO VERDE, 1998: 20):

- (1) a. Vogais: <a - e - i - o - u>;
 b. Consoantes: <b - d - f - g - h - j - k - l - m - n - ñ - p - r - s - t - v - x - z>.

Há ainda as combinações de grafemas em (2) (CABO VERDE, 1998: 20-22):

- (2) a. Dígrafos: <dj - lh - nh - tx>;
 b. Ditongos: <ai - au - ei - éu - oi - ia - ua - iu - oi - ui - ou - ãi - ãu> (segundo Cabo Verde (1998: 22), há poucas realizações de ditongos em kabuverdianu).

Além desses grafemas, também se admite <rr>, já que ainda não foi esclarecido se a vibrante múltipla ([r]) é ou não um fonema da língua. Assim, são possíveis duas grafias para a palavra ‘guerra’, correspondentes a duas pronúncias diferentes: *géra* [ˈgɛ.rɐ] ~ *gérra* [ˈgɛ.rɐ]¹.

As realizações fonéticas de alguns símbolos gráficos devem ser discutidas (CABO VERDE, 1998: 20-22; BRÜSER *et al.* 2002: 25 (i-l); exemplos retirados desses autores):

- (3) a. O grafema <s> representa o som [s], exceto quando preceder uma consoante sonora, contexto em que passa a [z]. Ex.: *sabóla* [sɐˈbɔ.lɐ] ‘cebola’, *misa* [ˈmi.sɐ] ‘missa’, *kasamenteru* [kɐ.sɐ.mẽˈte.ru] ‘casamenteiro’, *mas* [ˈmas] ‘mas’, *piskós* [pisˈkɔs] ‘pescoço’, porém: *mésmu* [ˈmɛz.mu] ‘1. mesmo, até, 2. (o) mesmo, 3. mesmo, efetivamente, realmente’;

¹Nas obras consultadas, não foi documentado o uso do <rr>, sendo o <r> empregado para se referir a qualquer uma das vibrantes.

- b. O grafema <g> representa o som [g], como em *gastu* ['gas.tu] ‘gastos, despesas’, *góta* ['gɔ.tɐ] ‘gota’, *guvénu* [gu.'vɛɾ.nu] ‘governo’, *mangera* [mẽ.'ge.rɐ] ‘1. mangueira (tubo), 2. mangueira “Mangifera indica”’, *siginti* [si.'gĩ.ti] ‘seguinte’, *grasa* ['gra.sɐ] ‘graça’, *genti* ['gẽ.ti] ‘gente, pessoas’;
- c. O grafema <h>, via de regra, não é pronunciado. Segundo Veiga (1996: 78-79 *apud* RODRIGUES, 2007: 143), algumas vezes, o [h] aspirado aparece em expressões como *han!* ['hẽ(ɲ)] ‘forma de resposta afirmativa’, *han-han* [hẽ.'hẽ(ɲ)] ‘forma de dizer sim’. Esse grafema é usado para representar símbolos, como *óra* (*h*) ‘hora’, *ekitómetru* (*hm*) ‘hectômetro’, *ekitar* (*ha*) ‘hectare’, *ekitograma* (*hg*) ‘hectograma’, *ekitolitru* (*hl*) ‘hectolitro’. O <h> também é elemento dos dígrafos <lh> e <nh>, indicando palatalização: *malha* ['ma.ʎɐ] ‘malha’, *junhu* ['ʒu.ɲu] ‘junho’;
- d. O grafema <j> representa o som [ʒ]: *janéla* [ʒɐ.'nɛ.lɐ] ‘janela’, *jésu* [ʒɛ.su] ‘gesso’, *jirafa* [ʒi.'ra.fɐ] ‘girafa’, *jornada* [ʒor.'na.dɐ] ‘jornada’, *jura* [ʒu.rɐ] ‘jurar’;
- e. O grafema <k> representa o som [k]. Ex.: *kantiga* [kẽ.'ti.gɐ] ‘canção, cantiga’, *kenta* ['kẽ.tɐ] ‘aquecer, esquentar’, *kintal* [kĩ.'tɐɭ] ‘quintal, espaço por detrás das casas tradicionais (principalmente no interior de Santiago) onde também se encontram a cozinha e o lavadouro’, *klienti* [kli.'ẽ.ti] ‘cliente, freguês’, *kolabora* [ko.lɐ.'bo.rɐ] ‘colaborar’, *krensa* ['krẽ.sɐ] ‘crença’, *kubisa* [ku.'bi.sɐ] ‘cobiça, inveja’;
- f. O grafema <ñ> representa o som [ɲ] — diferente de <nh>, que representa a nasal palatal ([ɲ])² —, como em *ñanha* ['ɲa.ɲɐ] ‘briquete de milho (espiga de milho, que, depois de lhe terem sido retirados os grãos, é utilizada no interior de Santiago como combustível)’, *ñuli* ['ɲu.li] ‘fazer careta ou trejeito’, *ñanhóma* ['ɲa.ɲɔ.mɐ] ‘planta que provoca coceira’, *ñanhi* ['ɲa.ɲi] ‘roer’;
- g. O grafema <x> representa o som [ʃ]. Ex.: *xatiadu* [ʃɐ.'tja.du] ‘chateado,

²Os casos em que aparecem a consoante <ñ> devem ser analisados mais detidamente a fim de confirmar se de fato há diferença entre <ñ> [ɲ] e <nh> [ɲ].

- aborrecido', *xemadu* [ʃe.'ma.du] 'bêbado', *xinélu* [ʃi.'nɛ.lu] 'chinelo', *ka-xóti* [kɐ.'ʒɔ.ti] 'caixote, caixa', *xukulati* [ʃu.ku.'la.ti] 'chocolate';
- h. O grafema < z > representa o som [z], como se vê em *izami* [i.'za.mi] 'exame', *azédu* [ɐ.'zɛ.du] 'azedo', *zini* [ʔi.ni] 'ressoar, ecoar', *zóra* [ʔɔ.rɐ] 'raposa', *pizu* [ʔi.zu] 'pisso, andar';
- i. O dígrafo < dj > representa o som [dʒ]. Ex.: *djata* [ʔdʒa.tɐ] 'gritar, bradar', *mudjer* [mu.'dʒɛr] 'mulher', *bedjisa* [be.'dʒi.sɐ] 'velhice', *djongo* [ʔdʒõ.gu] 'cochilar', *djuda* [ʔdʒu.dɐ] 'ajudar';
- j. O dígrafo < lh > representa o som [ʎ], como se vê em *brilha* [ʔbri.ʎɐ] 'brilhar', *malheta* [mɐ.'ʎɛ.tɐ] 'ficar preso na rede', *kamalhóta* [kɐ.mɐ.'ʎɔ.tɐ] 'salto mortal, cambalhota', *aparelhu* [ɐ.pɐ.'re.ʎu] '1. rádio, telefonia, 2. aparelho';
- k. O dígrafo < nh > representa o som [ɲ], como em *tistimunha* [tis.ti.'mu.ɲɐ] 'testemunha', *dinheru* [di.'ɲɛ.ru] 'dinheiro', *xanpanhi* [ʃɛ.'pa.ɲi] 'champanhe, espumante', *kafanhotu* [kɐ.fɐ.'ɲo.tu] 'gafanhoto', *padrinhu* [pɐ.'dri.ɲu] 'padrinho';
- l. O dígrafo < tx > representa o som [tʃ]. Ex.: *txaga* [ʔtʃa.gɐ] 'ferida, chaga', *txera* [ʔtʃɛ.rɐ] 'cheirar', *txipi* [ʔtʃi.pi] 'avarento', *txobe* [ʔtʃo.bi] 'chover', *txunbu* [ʔtʃũ.bu] 'chumbo'.

Para representar a nasalidade de vogais e consoantes, o kabuverdianu recorre ao uso do < n >. Nas vogais nasalizadas, o < n > aparece depois da vogal (< in, en, an, on, un >), já no caso das consoantes, ele as precede (< np, nb, nt, nd, nk, ng, nf, nv, ns, nz, nx, nj, ntx, ndj, nr, nl >). Quando se tem um ditongo nasal, a marcação é feita através do til (< ãi, ãu >) (CABO VERDE, 1998: 22; BRÜSER *et al.* 2002: 25).

Quanto ao < y >, embora não faça parte do alfabeto oficial do kabuverdianu, ele é usado para representar a conjunção coordenativa 'e' ([i]), o que permite que essa partícula gramatical seja representada de forma diferente da vogal < i > (CABO VERDE, 1998: 22).

Por fim, quanto às regras de acentuação gráfica, no kabuverdianu, dois diacríticos podem ser usados: o *agudo* e o *circunflexo*. O diacrítico *agudo* indica a natureza média-baixa da vogal (< é > [ɛ], < ó > [ɔ]), já o *circunflexo*, a natureza média-alta da

vogal (<ê> [e], <ô> [o]). Em princípio, esses acentos devem ser usados somente nas sílabas tônicas (BRÜSER *et al.* 2002: 25) e as regras de seu uso podem ser sintetizadas como em (4) (CABO VERDE, 1998: 23; BRÜSER *et al.* 2002: 25-26, 47; VEIGA, 2012: 14-16; exemplos retirados desses autores):

- (4)
- a. O acento *default* no kabuverdianu é o paroxítono. Nesse caso, como o acento é previsível, as palavras não recebem diacríticos. É o caso, por exemplo, de *bandera* [bẽ.'de.rɐ] '1. bandeira, 2. meia-porta, batente da janela', *penti* ['pẽ.ti] 'pente', *povu* ['po.vu] 'povo';
 - b. Em palavras paroxítonas terminadas em vogal, o acento agudo será usado sempre nas vogais tônicas médias-baixas (<é> [ɛ], <ó> [ɔ]). Sua ausência implica, assim, que a vogal é média-alta (<e> [e], <o> [o]). Como exemplos, citam-se: *béku* ['bɛ.ku] 'beco, viela', *kexa* ['ke.ʃɐ] 'queixar-se, denunciar', *bóka* ['bɔ.kɐ] 'boca', *roku* ['ro.ku] 'rouco'. Em palavras oxítonas terminadas em consoante, a mesma regra será aplicada: o acento agudo só será usado se a sílaba tônica for [ɛ] ou [ɔ], a exemplo de *sikér* [si.'kɛɾ] 'ao menos, sequer' e *mudjer* [mu.'dʒɛɾ] 'mulher'; *midjór* [mi.'dʒɔɾ] 'melhor' e *fedor* [fe.'dɔɾ] 'fedor, mau cheiro'. As vogais médias átonas são sempre médias-altas ([e] e [o]), assim não precisam receber acento. Do mesmo modo, as palavras terminadas em vogal nasal são sempre oxítonas e essa vogal não pode ser média-baixa, logo também prescindem de acento;
 - c. Em palavras paroxítonas, cuja sílaba tônica é [i] ou [u] precedidos por outras vogais, o diacrítico agudo é usado para indicar que a sequência vocálica constitui um hiato, não um ditongo, como em *saúdi* [sɛ.'u.di] 'saúde', *raínha* [rɛ.'i.jɐ] 'rainha'. O acento aparece ainda com outras sequências vocálicas para indicar hiato, por exemplo, em *pesôa* [pe.'so.ɐ] 'pessoa';
 - d. Todas as palavras proparoxítonas recebem o diacrítico agudo. Ex.: *má-kina* ['ma.ki.nɐ] 'máquina', *prátiku* ['pra.ti.ku] 'prático', *íntimu* ['ĩ.ti.mu] 'íntimo', *fábrica* ['fa.bri.kɐ] 'fábrica';

- e. As palavras oxítonas com mais de uma sílaba e os monossílabos terminados em $\langle e \rangle$ ou $\langle o \rangle$ recebem o acento agudo ou circunflexo dependendo da altura da vogal: (i) oxítonas: *fereré* [fe.re.'ɾɛ] ‘rapidamente’, *kafé* [kɐ.'fɛ] ‘café’, *kodê* [ko.'dɛ] ‘filho mais novo’; *bisavó* [bi.sɐ.'vɔ] ‘bisavó’, *bisavô* [bi.sɐ.'vo] ‘bisavô’, *temó* [te.'mɔ] ‘poder (verbo)’, *propô* [pro.'po] ‘propor, oferecer’; (ii) monossílabos: *fê* ['fɛ] ‘fé, crença, esperança’, *ré* ['ɾɛ] ‘para trás’; *mó* ['mɔ] ‘como (conjunção comparativa e pronome interrogativo)’, *pó* ['pɔ] ‘1. árvore, 2. madeira, lenha, 3. espadas (naipe), 4. pó, poeira’;
- f. As palavras oxítonas terminadas em $\langle i \rangle$ e $\langle u \rangle$ também são acentuadas, como se vê em *sisí* [si.'si] ‘1. vazio, 2. sem nada, de mãos vazias’, *purkí* [pur.'ki] ‘por que?’; *sururú* [su.ru.'ru] ‘discussão acesa, disputa’, *kajú* “*Anacardium occidentale*” [kɐ.'ʒu] ‘caju’;
- g. Os monossílabos terminados em $\langle a \rangle$, $\langle i \rangle$ e $\langle u \rangle$ (seguidos ou não de $\langle s \rangle$) não são acentuados (como *la* ['lɐ] ‘lá, ali, aí, acolá’, *li* ['li] ‘aqui, cá’, *lus* ['lus] ‘luz’). Além disso, quando há vogais médias-altas ([e], [o]), elas não serão acentuadas. Assim, tem-se *po* ['po] ‘pôr, colocar’ e *pó* ['pɔ] ‘1. árvore, 2. madeira, lenha, 3. espadas (naipe), 4. pó, poeira’. Essa postura segue o princípio de que o caráter médio-alto da vogal tônica só será marcado com o acento circunflexo nos casos em que há divergência com o padrão geral de atribuição do acento. É o que se vê, por exemplo, em *purkê* [pur.'ke] ‘por que?’, *pamô* [pɐ.'mo] ‘por quê?’, cuja expectativa seria o acento paroxítono. Já em *leti* ['le.ti] ‘leite’ e *noti* ['no.ti] ‘noite’, o padrão geral paroxítono de palavras terminadas em vogais é encontrado, dispensando a marcação da vogal média-alta;
- h. As palavras terminadas pelas consoantes $\langle l \rangle$, $\langle n \rangle$, $\langle r \rangle$, $\langle s \rangle$ (este último não sendo o morfema de plural), em geral, são oxítonas e prescindem do acento gráfico. Ex.: *baril* [bɐ.'ɾiɫ] ‘barril’, *kamaron* [kɐ.mɐ.'rõ(ŋ)] ‘camarão’, *amor* [ɐ.'mor] ‘amor’, *prtuges* [pur.tu.'ges] ‘português’. Contudo, nos casos em que os vocábulos terminados nessas consoantes não forem

oxítonos, o acento será usado, como se observa em *sensível* [sẽ.'si.veɫ] ‘sensível’, *jóven* [ʔɔ.vẽ(ɲ)] ‘jovem’;

- i. As palavras que terminam em ditongo antecedido por consoante geralmente têm acento final e, assim, não são acentuadas. Caso a regra não se aplique, a palavra será acentuada. Como exemplos, citam-se: *balai* [bɐ.'ləj] ‘cesto’, *sabedoria* [sɐ.be.do.'rjɐ] ‘sabedoria’, *liseu* [li.'sew], *patrísu* [pɐ.'tri.sju] ‘compatriota’, *mimória* [mi.'mɔ.rja] ‘memória’.

FONOLOGIA

Dentre os aspectos fonológicos do kabuverdianu, serão abordados aqui os seguintes: o sistema vocálico, o sistema consonantal, a estrutura silábica e as regras de atribuição do acento.

Sistema vocálico

No âmbito vocálico, o kabuverdianu possui os fonemas do quadro 18 (BRÜSER *et al.* 2002: 23; LANG *et al.* 2002: 61)³:

—	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i		u
Médias-altas	e		o
Médias-baixas	ɛ	ɐ	ɔ
Baixas	a		

Quadro 18: Fonemas vocálicos do kabuverdianu moderno.

Além desse inventário, alguns autores admitem ainda que existem vogais nasais. Brüser *et al.* (2002: 23) defendem a existência de cinco vogais nasais, apontando para o fato de que, nesses contextos, a oposição entre as vogais médias-baixas

³Para Rodrigues (2007: 149), o kabuverdianu dispõe também de oito vogais, contudo, em lugar de /ɐ/, estaria o /ə/. Assim, quando nos referirmos à presença do schwa no trabalho da autora, ele pode ser visto como equivalente a /ɐ/.

e médias-altas ([ẽ] e [ẽ̃], [õ] e [õ̃]) e entre [ã] e [ẽ̃] é neutralizada, sendo o contexto o responsável por determinar a forma a ser usada. Lang *et al.* (2002: 61) também advogam a ocorrência de vogais nasais fonológicas: para eles, o sistema teria oito vogais nasais, correspondendo às realizações nasalizadas da série oral, diferindo destas somente pelo traço de nasalidade. Assim, ao quadro de Brüser *et al.* (2002: 23), os autores acrescentam os seguintes fonemas: /ẽ̃, ã̃, õ̃/. Rodrigues (2007: 153), por seu turno, apresenta uma postura diversa. Para ela, do ponto de vista fonológico, não existem vogais nasais em kabuverdianu, mas vogais nasalizadas (vogal oral + consoante nasal): [ĩ] (/iN/), [ẽ] (/eN/), [ɛ̃] (/ɛN/), [ə̃] (/əN/), [ã] (/aN/), [õ] (/oN/), [ũ] (/uN/). Quint (2000a: 25) também defende a existência de vogais nasalizadas em kabuverdianu no âmbito fonológico (/VN/), mas, diferentemente de Rodrigues (2007: 153), considera que, nesses casos, não ocorre oposição entre [e] e [ɛ], [o] e [ɔ], [a] e [ɐ]. Desse modo, não há consenso sobre a atribuição de estatuto fonológico à série das vogais com o traço [+ nasal]. Lang *et al.* (2002), inclusive, muitas vezes, chamam as vogais nasais de nasalizadas (termo em geral empregado para se referir a elementos que sofreram um processo de nasalização no âmbito fonético), o que ilustra a dificuldade de definir se tais vogais constituem fonemas da língua ou não. Uma vez que, no kabuverdianu, não existe oposição entre vogais nasais e vogais nasalizadas (entre /ĩ/ e /iN/, por exemplo), nesta tese, considera-se que não existem vogais nasais fonológicas na língua, mas vogais foneticamente nasalizadas, que correspondem, no âmbito fonológico, a uma vogal oral seguida de consoante nasal. Além disso, defende-se que quando se tem uma vogal nasalizada, a oposição entre as vogais centrais ([a] e [ɐ]) e as médias-altas e médias-baixas ([e] e [ɛ], [o] e [ɔ]) é neutralizada. Alguns comentários devem ser feitos sobre as vogais que possuem o traço [+ nasal]. De acordo com Brüser *et al.* (2002: 23) e Lang *et al.* (2002: 53-61), em posição final de palavra, geralmente essas vogais são seguidas pela nasal velar ([ŋ]). Esses autores apontam ainda que a oposição entre vogais orais e nasais restringe-se à posição final de palavras, como se vê nos seguintes pares mínimos (exemplos retirados desses autores): *ri* ['ri] 'rir, sorrir' e *rin* ['rĩ(ŋ)] 'rim', *le* ['le] 'ler' e *len* ['lẽ(ŋ)] 'lado', *manha* ['ma.jɐ] 'manha' e *manhan* ['ma.jẽ(ŋ)] 'amanhã', *po* ['po] 'pôr, colocar' e *pon* ['põ(ŋ)] 'pão', *kru* ['kru] 'cru' e *krun* ['krũ(ŋ)] '1.

interjeição onomatopaica que imita o ruído de um embate etc, por exemplo, quando se fecha uma porta com estrondo, 2. emprega-se também para sugerir um procedimento rápido’. Além disso, Lang *et al.* (2002: 77) apontam ainda que, diante das consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/ (ocorrendo em sílabas diferentes), não ocorrem vogais com o traço [+nasal], ou seja, não há espalhamento da nasalidade, como em *kama* ['ka.mɐ] ‘cama’ (*[kẽ.mɐ]), *panéla* [pɐ.'nɛ.lɐ] (*[pẽ.'nɛ.lɐ]) ‘panela’ e *dinheru* [di.'ɲɛ.ru] (*[dĩ.'ɲɛ.ru]) ‘dinheiro’.

Quanto às vogais médias-baixas, Rodrigues (2007: 149) discute seu estatuto fonológico. Ela aponta que Macedo (1979: 90-93 *apud* RODRIGUES, 2007: 149) exclui /ɛ/ e /ɔ/ do quadro fonológico, considerando-os alofones contextuais das médias-altas; já Veiga (1986, 1994: 92-93 *apud* RODRIGUES, 2007: 149) apresenta um posicionamento diferente, defendendo que as vogais médias-baixas constituem de fato fonemas da língua e apresentando pares mínimos para corroborar sua visão. Dentre os pares mínimos opondo [ɛ] e [e], [ɔ] e [o] trazidos por esse autor, citam-se: *séra* ['sɛ.rɐ] ‘1. serra (ferramenta), 2. serra (montanha), 3. cera’ e *sera* ['se.rɐ] ‘serrar’; *féra* ['fɛ.rɐ] ‘animal selvagem, fera’ e *fera* ['fe.rɐ] ‘1. festa popular, 2. mercado, feira’; *óra* ['ɔ.rɐ] ‘hora’ e *ora* ['o.rɐ] ‘orar, rezar’; *róda* ['rɔ.dɐ] ‘1. roda, 2. (grande) quantidade, 3. arredores’ e *roda* ['ro.dɐ] ‘1. rodar, girar, 2. rodear, circundar’ (exemplo retirado de BRÜSER *et al.* 2002: 679). Desse modo, fica ilustrada, então, a pertinência de considerar a série das vogais médias-baixas como fonemas da língua.

Ademais, segundo Rodrigues (2007: 152), as vogais médias-baixas geralmente ocorrem na sílaba tônica de palavras paroxítonas que terminam em vogal central, como se vê em *kabésa* [kɐ.'bɛ.sɐ] ‘cabeça’, *manéra* [mɐ.'nɛ.rɐ] ‘maneira, modo’, *góta* ['gɔ.tɐ] ‘gota’, *bóka* ['bɔ.kɐ] ‘boca’ (exemplos retirados da autora). A autora menciona ainda que, nas variedades da Sotavento, há alguns poucos casos de vogais médias-baixas em palavras que terminam em /u/ ou /r/: *sédu* ['sɛ.du] ‘cedo, logo’, *xofér* [ʃo.'fɛr] ‘motorista’ (exemplos retirados da autora e de BRÜSER *et al.* 2002).

No que tange às vogais centrais do kabuverdianu, Lang *et al.* (2002: 62-63) mencionam que há alguns contextos em que /a/ é a forma preferida e outros em que a preferência incide sobre o /ɐ/. Dentre os casos de primazia da forma /a/

estão: (i) ditongo [aw] em posição final de palavra: *mau* ['maw] 'mau', *kularau* [ku.lɐ.'raw] 'colorau' (exemplo retirado de BRÜSER *et al.* 2002); (ii) sílabas tônicas em posição final terminadas em [s]: *aliás* [ɐ.'ljas] 'aliás'. Já o /ɐ/ é mais usado nos seguintes casos: (i) ditongo [ɛj] em final de palavra: *papai* [pɐ.'pej] 'papai'; (ii) sílabas tônicas em posição final terminadas em [ɬ]: *sal* ['sɛɬ] 'sal'; (iii) monossílabos que têm um onset complexo cujo elemento final é uma líquida: *fla* ['fle] 'falar', *tra* ['trɛ] 'tirar, extrair' (exemplos retirados desses autores). Assim, por conta dessa maior frequência de uma das formas em determinadas posições, poder-se-ia pensar que [a] e [ɐ] são alofones de um mesmo fonema em distribuição complementar. Lang *et al.* (2002: 63), entretanto, afirmam que não há uma complementaridade absoluta entre as duas formas, havendo inclusive pares mínimos (como *parti* ['pɛɾ.ti] 'partir (1. quebrar, 2. repartir, 3. ir embora)' e *parti* ['par.ti] 'parte'; *sabe* ['sɐ.bi] 'saber' e *sabi* ['sa.bi] '1. alegria, 2. agradável'), o que justifica considerar /a/ e /ɐ/ como fonemas do kabuverdianu. Quint (2000a: 19-20), assim como Lang *et al.* (2002: 63), defende que, a despeito de não ser muito recorrente, a oposição entre as vogais centrais permite distinguir pares mínimos frequentemente usados na língua. Para ele, essa diferença entre /a/ e /ɐ/ é privativa do kabuverdianu falado em Santiago, não aparecendo em outras variedades. Rodrigues (2007: 150-151) também segue essa postura de considerar a existência de dois fonemas centrais na língua. Ela afirma que, na variedade santiaguense, em posição tônica, o [a] é mais comum, ao passo que, em posição átona, é mais frequente o [ə]. Para ela, em posição tônica, /a/ e /ə/ devem ser considerados fonemas, sendo a oposição neutralizada em posição átona (alofones posicionais).

Com relação à altura das vogais, Brüser *et al.* (2002: 23), Lang *et al.* (2002: 66-73) e Rodrigues (2007: 205) mencionam que um aspecto particular do kabuverdianu consiste em permitir identificar a que classe gramatical uma determinada palavra (que tem na língua uma outra forma quase homófona) pertence a partir da altura de sua vogal tônica. De acordo com Lang (1994a, 1999 *apud* RODRIGUES, 2007: 205) esse processo teria um caráter mais morfofonológico do que fonológico. Em geral, em vocábulos terminados em <a>, nos verbos, a vogal tônica será alta ou central/média-alta, ao passo que, nos nomes e adjetivos, ela será, majoritariamente,

alta ou central/média-baixa. Há inclusive casos de pares mínimos (ou análogos) de verbo e substantivo ou adjetivo cuja oposição se dá somente com relação à altura de suas vogais tônicas. É o que se vê, por exemplo, em (5) (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 66-73):

- (5) a. *kareka* [kɐ.'re.kɐ] 'ficar careca' e *karéka* [kɐ.'rɛ.kɐ] 'careca';
 b. *regra* ['re.grɐ] 'pôr em ordem, regularizar' e *régra* ['rɛ.grɐ] 'regra';
 c. *astia* ['ɛs.tjɐ] 'hastear (bandeira)' e *astia* ['as.tjɐ] 'bastão, vara';
 d. *raiba* ['rɛj.bɐ] 'ficar com raiva' e *raiba* ['raj.bɐ] 'raiva';
 e. *dirota* [di.'ro.tɐ] 'derrotar' e *diróta* [di.'ɾɔ.tɐ] 'derrota';
 f. *mostra* ['mos.trɐ] 'mostrar(-se)' e *móstra* ['mɔs.trɐ] 'amostra, prova'.

Ainda no tocante à altura, segundo Brüser *et al.* (2002: 23) e Lang *et al.* (2002: 81), as vogais /ɛ, a, ɔ/ só aparecem na sílaba tônica. Por causa disso, caso uma palavra que contenha um desses segmentos em posição acentuada sofra um processo de flexão ou derivação, com consequente deslocamento da sílaba tônica, as vogais centrais/médias-baixas são substituídas pelas suas correspondentes altas (/e, ɐ, o/), como se vê em *kabésa* [kɐ.'bɛ.sɐ] 'cabeça' e *kabesóna* [kɐ.be.'sɔ.nɐ] 'cabeça grande', *laba* ['la.bɐ] 'lavar' e *labado* [lɐ.'ba.du] 'tinha cantado', *xikóti* [ʃi.'kɔ.ti] 'chicote' e *xikotada* [ʃi.ko.'ta.dɐ] 'chicotada' (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 81). Em posição átona final, a neutralização entre os graus de altura das vogais é ainda mais drástica, uma vez que, nessa posição, ocorrem apenas três vogais: [i], [ɐ] e [u] (BRÜSER *et al.* 2002: 23; LANG *et al.* 2002: 82), como em *skrebe* ['skre.bi] 'escrever', *kanta* ['kɛ̃.tɐ] 'cantar' e *konko* ['kõ.ku] '1. bater, 2. abanar' (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 82).

Quanto às sequências vocálicas em kabuverdianu, Lang *et al.* (2002: 90-93) apontam a ocorrência de hiatos e ditongos. Dentre os hiatos, encontram-se os seguintes⁴: (i) [e.ɐ]: *fea* ['fe.ɐ] 'feia', *rea* ['re.ɐ] 'areia', *aldêa* [ɐɫ.'de.ɐ] 'aldeia', *idêa* [i.'de.ɐ] 'ideia'⁵; (ii) [i.ɐ]: *dia* ['di.ɐ] 'dia', *kria* ['kri.ɐ] 'criar(-se)'; (iii) [ɐ.e]: *ael*

⁴Segundo Lang *et al.* (2002: 90), o único hiato frequente no kabuverdianu seria [e.ɐ]. Nesta tese, discorda-se dos autores, já que palavras como *dia*, *ele(s)*, *ela(s)* são de alta frequência.

⁵Nesses casos, as realizações com o hiato [e.ɐ] variam com formas com o ditongo [ej], como em *feia* ['feje].

[ɐ.'et] ‘ele, ela (forma tônica, marcada)’, *aes* [ɐ.'es] ‘eles, elas (forma tônica, marcada)’; (iv) [ɐ.'u]: *saúdi* [sɐ.'u.di] ‘saúde’, *raúni* [ɐ.'u.ni] ‘reunir’; (v): [ɐ.'i]: *raínha* [ɐ.'i.nɐ] ‘rainha’ (exemplos retirados desses autores). Quanto aos ditongos, Lang *et al.* (2002: 90-93) afirmam que o kabuverdianu possui muitos ditongos orais e poucos nasalizados. Os primeiros podem ser tanto crescentes quanto decrescentes, apresentando o inventário em (6):

- (6) a. Ditongos decrescentes:
- (i) Com o glide palatal /j/: /ej/, /ɛj/, /ɐj/, /aj/, /ɔj/, /oj/, /uj/;
 - (ii) Com o glide labial /w/: /iw/, /ew/, /ɛw/, /ɐw/ (só aparece em sílaba átona), /aw/⁶.
- b. Ditongos crescentes:
- (i) Com o glide palatal /j/: /je/, /jɛ/, /jɐ/, /ja/, /jɔ/, /jo/, /ju/;
 - (ii) Com o glide labial /w/: /wi/, /we/, /wɛ/, /wɐ/, /wa/, /wo/⁷.

Com relação aos ditongos nasalizados, nas variedades acroletais, ou seja, aquelas que recebem maiores influências do português, o número desses ditongos é maior. Já na variedade basileta do kabuverdianu (o “crioulo fundo”), não aparecem com frequência e são sempre crescentes, havendo as possibilidades em (7) (LANG *et al.* 2002: 93):

- (7) a. Com o glide palatal /j/: /jɐN/⁸;
- b. Com o glide labial /w/: /weN/⁹.

⁶No dados dos autores, os ditongos /ow/ e /ɔw/ não foram documentados. Quanto ao último, aparece o onomatopaico *póu!* [pɔw] ‘1. interjeição onomatopaica que imita o ruído breve de um golpe, 2. emprega-se também para sugerir a rapidez de um movimento’.

⁷No dados dos autores, o ditongo /wɔ/ não foi documentado.

⁸Quanto ao ditongo /jaN/ (sugerido pelo exemplo *kunfiansa* [kũ.'fjã.sɐ] ‘confiança’), uma vez que, nesta tese, advoga-se que a oposição entre /a/ e /ɐ/ é neutralizada em contextos nasalizados, considera-se somente a presença de /jɐN/.

⁹Os autores apontam ainda o ditongo /weN/, como se observa em *duénsa* [dwẽ.sɐ] ‘doença’. Contudo, como, nesta tese, defende-se que ocorre neutralização entre as vogais médias em contextos nasalizados, apenas o ditongo /weN/ será considerado no âmbito fonológico.

Quint (2003: 17-18) aponta ainda os seguintes ditongos nasalizados: /jeN/, /joN/, /wiN/, /weN/¹⁰.

Nos ditongos nasalizados, a nasalidade aparece tanto na vogal como no glide, mas, em virtude de ser menos perceptível neste último, será marcada somente na vogal, núcleo da sílaba. Além disso, ditongos (orais) com as vogais /ɛ/, /a/ e /ɔ/ só ocorrem em sílabas tônicas (LANG *et al.* 2002: 93).

Sistema consonantal

No tocante ao quadro consonantal, o kabuverdianu moderno apresenta vinte fonemas (Quadro 19¹¹):

—	Labiais	Dentais	Alveopa- latais	Palatais	Velares
Oclusivas	p b	t d			k g
Fricativas	f v	s z		ʃ ʒ	
Africadas			tʃ dʒ		
Nasais	m	n		ɲ	
Líquidas		l r		ʎ	

Quadro 19: Fonemas consonantais do kabuverdianu moderno.

Esse inventário fonológico difere do de Rodrigues (2007: 144) somente quanto à vibrante (/r/), que a autora substitui pela simples (/r/); ademais, ele se assemelha ao de Quint (2000a: 27-29), que considera a existência de 23 fonemas em kabuverdianu, acrescentando ao Quadro 19 /ɲ, j, w/. Esse quadro ainda é levemente diferente do apresentado por Brüser *et al.* (2002: 23-24) e Lang *et al.* (2002: 94-95). Esses autores consideram como fonemas as oclusivas palatais /c/ e /ç/, ao invés das africadas alveopalatais /tʃ/ e /dʒ/. Essas divergências devem ser analisadas. No que diz respeito às oclusivas palatais, Lang *et al.* (2002: 107) afirmam

¹⁰O autor menciona ainda os ditongos /jeN/ e /weN/, desconsiderados, nesta tese, em virtude da neutralização das vogais médias em contextos nasalizados.

¹¹Caso haja duas consoantes em sequência, a da esquerda é a surda e a da direita, a sonora (exceto nas líquidas, em que as duas são sonoras). Se a consoante estiver sozinha, ela é sonora.

que esses segmentos, *stricto sensu*, seriam africados e não oclusivos. Assim, eles seriam foneticamente mais complexos do que as demais oclusivas. Apesar dessa maior complexidade, esses autores sustentam o uso das representações /c/ e /ʝ/, em lugar de /tʃ/ e /dʒ/, para enfatizar o ponto de articulação realmente palatal dessas consoantes, enquanto que, nas fricativas /ʃ/ e /ʒ/, ele está mais próximo dos alvéolos. Considerando que as oclusivas palatais e as africadas alveopalatais não são correspondentes e que as primeiras são raras nas línguas do mundo, este estudo segue o posicionamento de Rodrigues (2007: 144), considerando que o kabuverdianu possui consoantes africadas.

Quanto à vibrante, Rodrigues (2007: 145) considera que [r] (encontrado em Santiago e Fogo) e [R] (usado em Santo Antão e São Vicente) seriam variantes de outros fonemas. A autora traz a opinião de Lopes da Silva (1984: 105 *apud* RODRIGUES, 2007: 145), que reconhece que, em Santiago, a alternância entre as vibrantes em posição intervocálica é comum. A opção de considerar a vibrante simples como fonema é justificada por Rodrigues (2007: 145) pelo fato de esta ocorrer em maior número de contextos e com maior frequência do que a vibrante múltipla, sendo esta um alofone de /r/ em alguns contextos. Sobre esse assunto, Lang *et al.* (2002: 108-109) afirmam que, em kabuverdianu, “o número de toques da ponta da língua contra os alvéolos não é fonologicamente distintivo. Ocorrem realizações com um, dois, três e, especialmente em pronúncias enfáticas, até mais toques.”. Assim, segundo esses autores, existe uma variação entre [r] e [r̥], havendo contextos em que uma das formas é preferida. Salvo os casos de ênfase, o [r] aparece com mais frequência em posição inicial de palavras e como segundo membro de um cluster, como <br, tr>¹², entre outros. Já em posição de coda (seja medial ou final), o [r̥] é mais usado. Em posição intervocálica, a escolha por uma forma ou por outra varia de acordo com o falante. Ainda com relação às vibrantes, Clements (2014) analisa os róticos em algumas línguas crioulas de base ibérica da região atlântica (kabuverdianu, kriyol de Guiné Bissau e Casamança, santome, angolar, palenquero e papiamentu) e da Ásia (crioulos indo-portugueses de Diu, Damão e Korlai, e

¹²Nesta tese, discorda-se que o [r̥] é a realização preferida quando se tem um cluster, predominando [r].

zamboanguenho) e advoga que as variedades de português e de espanhol que atuaram como línguas de superstrato muito provavelmente possuíam a distinção entre /r/ e /r/. Além disso, segundo o autor, é esperado que os róticos das línguas de substrato (as línguas maternas dos escravos) terminem sendo transferidos para o pidgin ou crioulo recém-formado (CLEMENTS, 2014: 346-347). Ao analisar as condições que geraram a distribuição dos róticos nas referidas línguas crioulas, Clements (2014: 327-348) leva em consideração fatores como o número de línguas envolvidas no contato, a presença de uma cultura escravocrata e/ou de *plantation*, a ocorrência de contato com a língua lexificadora e os róticos presentes nas línguas de substrato. Em sua análise, o autor conclui que nenhum dos crioulos atlânticos analisados apresenta oposição fonêmica entre /r/ e /r/. Esse quadro confirma a afirmação de Ladefoged & Maddieson (1996: 237) de que a maior parte das línguas do mundo possui apenas um rótico em seus quadros fonológicos. No caso do kabuverdianu, a ausência da distinção poderia ser explicada por dois fatores: (i) o cenário linguístico heterogêneo (apesar da presença constante do português), o que dificultaria a retenção dos dois róticos presentes na língua-alvo; (ii) a ausência de oposição entre /r/ e /r/ no wolof, principal língua dos escravos de Cabo Verde (CLEMENTS, 2014: 351).

Com relação à nasal velar ([ŋ]), Rodrigues (2007: 145) afirma que essa consoante não teria um estatuto fonológico. Trazendo uma postura diversa, segundo Lang *et al.* (2002: 96-98), Quint (2000a: 27-29) defende a existência do fonema /ŋ/ em kabuverdianu. Para sustentar seu posicionamento, o autor aponta a existência de palavras iniciadas pela consoante nasal velar seguida por vogal. Nesses casos, o /ŋ/ se opõe às demais consoantes nasais (/m, n, ɲ/), razão pela qual recebe o estatuto de fonema. Todos os exemplos (trazidos pelo autor) que se iniciam por esse som têm seu étimo em alguma língua africana, não podendo ser atribuídos ao português. Para Lang *et al.* (2002: 96-98), é legítimo que um fonema /ŋ/ realmente exista em algumas variedades mais isoladas do kabuverdianu falado em Santiago. Contudo, apoiando-se nos fatos de nenhuma das descrições do século XIX mencionar a existência de um fonema /ŋ/ e de seus informantes pronunciarem as palavras que começariam por esse fonema de outra forma, prescindindo do mesmo, os autores não incluem o /ŋ/ no quadro de fonemas da língua — mesma posição de Brüser *et*

al. 2002: 24 —; ele aparece como um fone, sendo usado opcionalmente em posição final de palavra quando precedido por uma vogal nasal ou quando há uma oclusiva nasalizada.

Por fim, este estudo considera os glides ([j, w]) como alofones, e não como fonemas, uma vez que não existe em kabuverdianu oposição entre eles e as vogais altas correspondentes (/i, u/).

Além dessa lista de consoantes, Brüser *et al.* (2002: 23-24) e Lang *et al.* (2002: 94-96, 98-99) apontam a existência de consoantes (pré-)nasalizadas correspondentes a cada uma das consoantes orais: /Np, Nb, Nt, Nd, Nk, Ng, Nf, Nv, Ns, Nz, Nʃ, Nʒ, Ntʃ, Ndʒ, Nl, Nr, Nɰ/¹³, acrescentando 17 fonemas ao kabuverdianu. Os autores afirmam que ainda não encontraram nenhuma ocorrência da correspondente nasalizada da lateral palatal (/Nɰ/), o que leva a uma necessidade de confirmação de sua existência. Já a vibrante nasalizada (/Nr/) até o momento só apareceu em posição medial, como em *ónra* /'ɔNre/ 'honra'. Grande parte dessas consoantes nasalizadas tem origem em palavras do português com uma vogal seguida de consoante nasal na coda, mas precisamente os prefixos <em-, en-> ([ẽ]) e, em menor escala <in-, im-> ([ĩ]) (LANG, 2014: 156)¹⁴. Certamente, a vogal foi apagada por restrições de palavras que começam com vogal, comum em línguas do oeste da África, como o wolof (LANG, 2014: 158-160).

No âmbito fonético, em posição inicial, as consoantes nasalizadas são segmentos complexos, compreendendo uma consoante oral antecédida por uma nasal

¹³Os autores representam essas consoantes nasalizadas com um til sobre a consoante, representação que, nesta tese, é considerada inadequada. Esse mesmo posicionamento é defendido por Couto (2005: 134-135): “Mesmo a gramática não tendo sido o objetivo do Dicionário, temos aí um bom tratamento da fonologia caboverdiana [sic], mesmo que se possa discordar de algumas interpretações, como a das prenasalizadas [sic] e, sobretudo, de [sic] sugestão de como representá-las, ou seja, com um til sobre cada consoante. Além disso, poder-se-ia discutir se realmente há consoantes prenasalizadas [sic] em caboverdiano em nível subjacente.”

¹⁴Dos 120 exemplos mencionados pelo autor (LANG, 2014: 152-156), apenas 6 não apresentavam, em português, nenhuma nasal na primeira sílaba. São eles: (i) *nbera* [ˈmbe.re] ‘berrar, gritar’ (< português *berrar*); (ii) *ndoxa* [ˈndo.ʃɐ] ‘adoçar, ficar doce’ (< português (*a*)*doçar*); (iii) *ndjarga* [ˈndʒar.ɣɐ] ~ *njarga* [ˈɲar.ɣɐ] ‘ilharga’ (< português *ilharga*); (iv) *ndjudjun* [ˈndʒu.ˈdʒũ(ŋ)] ~ *njujun* [ˈɲu.ˈɲũ(ŋ)] ‘jejum’ (< português *jejum*); (v) *nfórka* [ˈmfɔr.kɐ] ‘força’ (< português *força*); (vi) *ntola* [ˈnto.la] ‘atolar(-se)’ (< português (*a*)*tolar*).

homorgânica (ou seja, que possui o mesmo ponto de articulação): [ᵐp, ᵐb, ᵐt, ᵐd, ᵐk, ᵐg, ᵐf, ᵐv, ᵐs, ᵐz, ᵐʃ, ᵐʒ, ᵐtʃ, ᵐdʒ, ᵐl, ᵐr] (BRÜSER *et al.* 2002: 23-24; LANG *et al.* 2002: 109-110). Segundo Lang *et al.* (2002: 51-60, 109-110), em posição interna de palavra, os fonemas consonânticos nasalizados só aparecem depois de uma vogal. Esses autores apontam ainda que, nessa posição, a representação da nasalidade varia de acordo com a natureza do fonema consonântico. Se a consoante for uma oclusiva, africada ou lateral, a nasalidade aparece sob a forma de uma consoante nasal homorgânica. Caso a consoante seja uma fricativa ou a vibrante, a nasalidade aparece apenas na vogal. Neste estudo, considera-se que, independentemente do tipo de consoante, em posição medial, em grande parte dos casos, apenas a vogal será nasalizada (e a consoante será oral), como em *kanpia* ['kẽ.pjẽ] 'passear, vadiar', *kanba* ['kẽ.bẽ] '1. entrar, 2. desaparecer', *kanta* ['kẽ.tẽ] 'cantar', *ronda* ['rõ.dẽ] 'ronda', *konko* ['kõ.ku] '1. bater, 2. abanar', *disdongu* [dis.'dõ.gu] 'fingir-se de surdo, não responder', *kunfia* ['kũ.fjẽ] 'confiar', *konvérsa* [kõ.'vẽr.sẽ] 'conversa', *pensa* ['pẽ.sẽ] 'pensar', *onzi* ['õ.zi] 'onze', *konxe* ['kõ.ʃi] 'conhecer', *lonji* ['lõ.ʒi] 'longe', *santxu* ['sẽ.tʃu] 'macaco (grande)', *djondjo* ['dʒõ.dʒu] 'enlaçar, ligar', *konloia* [kõ.'lo.jẽ] 'conluir, conspirar', *onra* ['õ.rẽ] 'honra' (exemplos retirados desses autores). Em posição medial, há ainda a possibilidade de a consoante nasal ser pronunciada (com a vogal precedente nasalizada ou não). Contudo, nesse caso, a consoante nasal pertenceria à sílaba anterior (estando relacionada à vogal), a exemplo de *kanpia* ['kẽm.pjẽ] ~ ['kẽm.pjẽ]¹⁵ 'passear, vadiar'. Em posição final, não é necessário discutir como se dá a realização da nasalidade, uma vez que as consoantes nasalizadas não aparecem nesse contexto (LANG *et al.* 2002: 110).

Segundo Lang *et al.* (2002: 51-60, 98-99), a existência dos fonemas consonânticos nasalizados no kabuverdianu não encontra consenso entre os estudiosos, havendo aqueles que não consideram esses segmentos como pertencentes ao quadro fonológico da língua. Rodrigues (2007: 172-175), por exemplo, alega que, nesses casos, fonologicamente, há uma consoante oral precedida por um arquifonema nasal

¹⁵Conforme mencionado na seção sobre a grafia, a nasalidade é indicada sempre com <n> mesmo em contextos que precedem <p> e ; assim, o <n> não marca uma natureza alveolar/dental para a consoante nasal.

/N/. Quint (2000a: 32-33) também sugere que essas consoantes são formadas por dois elementos e ocorrem apenas em posição inicial absoluta, uma vez que, no interior da palavra, a consoante nasal transmite sua nasalidade para a vogal precedente e depois é apagada. Lang *et al.* (2002: 51-60, 98-99) sustentam, por outro lado, que as consoantes nasalizadas devem realmente ser vistas como fonemas da língua. Para eles, a existência de pares mínimos e análogos justifica a inclusão das consoantes nasalizadas no inventário fonológico do kabuverdianu. Dentre esses pares mínimos e análogos, citam-se (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 104-106)¹⁶:

- (8) a. /p/ e /Np/: *para* ['pa.rɐ] 'parar' e *npara* ['^mpa.rɐ] '1. apanhar, 2. amparar, 3. acolher';
- b. /b/ e /Nb/: *bala* ['ba.lɐ] '1. bala, 2. vala' e *nbala* ['^mba.lɐ] 'embalar, ganhar velocidade';
- c. /t/ e /Nt/: *ton* ['tõ(ŋ)] 'tão, muito' e *nton* ['ⁿtõ(ŋ)] 'então';
- d. /d/ e /Nd/: *dretu* ['dre.tu] '1. direito, correto, bem, 2. diretamente' e *ndreta* ['ⁿdre.tɐ] '1. endireitar-se, 2. direita (adjetivo)';
- e. /k/ e /Nk/: *kanta* ['kẽ.tɐ] 'cantar' e *nkanta* ['ⁿkẽ.tɐ] 'encantar(-se)';
- f. /g/ e /Ng/: *gana* ['ga.nɐ] 'gana, desejo' e *ngana* ['ⁿga.nɐ] 'enganar(-se)';
- g. /f/ e /Nf/: *fia* ['fjɐ] ~ ['fiɐ] '1. enfiar, 2. dar crédito, vender a crédito, fiar' e *nfia* ['^mfjɐ] 'enfiar(-se)';
- h. /v/ e /Nv/: *vira* ['vi.rɐ] '1. virar (1.1 voltar-se, 1.2 transformar-se), 2. vira (dança popular portuguesa)' e *nvira* ['^mvi.rɐ] 'ter raiva de alguém a ponto de tentar prejudicá-lo';
- i. /s/ e /Ns/: *sodadi* [so.'da.di] 'saudade' e *nsodadu* ['ⁿso.'da.du] '1. distraído, 2. de repente';
- j. /z/ e /Nz/: *zini* ['zi.ni] 'ressoar, ecoar' e *nzami* ['ⁿza.mi] 'exame, prova';
- k. /ʃ/ e /Nʃ/: *xuta* ['ʃu.tɐ] 'chutar' e *nxuta* ['ⁿʃu.tɐ] 'secar, ficar enxuto/seco';
- l. /ʒ/ e /Nʒ/: *jura* ['ʒu.rɐ] 'jurar' e *njuria* ['ⁿʒu.rjɐ] '1. insultar, ofender, 2. ofensa, injúria';

¹⁶Os exemplos seguintes só apresentam consoantes nasalizadas em início de palavra, já que, nesta tese, defende-se que elas não ocorrem em posição medial.

- m. /tʃ/ e /Ntʃ/: *txada* [ˈtʃa.dɐ] ‘1. sítio plano, planície, 2. grande quantidade’ e *ntxadu* [ˈNtʃa.du] ‘inchado’;
- n. /dʒ/ e /Ndʒ/: *djuga* [ˈdʒu.gɐ] ‘1. jogar, 2. arremessar’ e *ndjudjun* [ˈNdʒu.ˈdʒũ(ŋ)] ‘jejum’;
- o. /l/ e /Nl/: *lion* [li.ˈõ(ŋ)] ‘leão’ e *nliona* [ˈNljo.nɐ] ‘irritar-se’.

Neste estudo, considera-se que as consoantes nasalizadas são realizações fonéticas, não tendo estatuto fonológico. Três fatores embasam essa postura: (i) em geral, as línguas crioulas possuem um quadro consonantal (e vocálico) com menos elementos do que as línguas que lhes deram origem (KLEIN, 2006: 6-7). Assim, assumir as consoantes nasalizadas como sendo fonemas do kabuverdianu dobraria o número de consoantes com relação à língua lexificadora (o português), o que não é usual nos crioulos; (ii) essas consoantes só aparecem em início de palavra, sendo resultado da aférese da vogal inicial em vocábulos provenientes do português; (iii) uma evidência mais confiável da existência dessas consoantes seria a existência de pares mínimos com as correspondentes orais na mesma classe de palavra (por exemplo, dois nomes ou dois verbos), o que, de uma maneira geral, não é verificado, sendo os membros do par pertencentes a classes diferentes (muitas vezes, um verbo e um nome).

Além dos segmentos consonânticos já discutidos, a série das fricativas sonoras e a consoante lateral palatal também devem ser analisadas mais detidamente (LANG *et al.* 2002: 99-102). Para os autores, é possível que, inicialmente, o kabuverdianu não possuísse os fonemas /v, z, ʒ, ʎ/¹⁷. À exceção de [z], nenhum desses sons aparecia sequer como variantes de outros fonemas condicionadas pelo contexto. Assim, no começo da colonização de Cabo Verde, pode-se conjecturar que, ao se depararem com alguma forma do português que tinha uma dessas consoantes, os falantes do kabuverdianu realizavam-nas como [b, s, ʃ, dʒ], respectivamente. Com o passar do tempo, as substituições deixaram de ser feitas e as fricativas sonoras e o /ʎ/ passaram ao quadro fonológico da língua, sobretudo a partir de empréstimos do português. Com relação ao /v/, pode-se dizer que ele já está completamente integrado ao sistema, havendo, para grande parte dos falantes, vocábulos que devem

¹⁷Lang *et al.* (2002: 99-102) defendem esse cenário com relação às fricativas sonoras e à lateral palatal, mas não apresentam evidências que sustentem tal hipótese.

ser pronunciados com [b] (como *bitxu* ['bi.tʃu] ‘bicho, animal’ e *sabidu* [sɐ.'bi.du] ‘1. esperto, astuto, 2. energicamente’), outros que possuem [v] (a exemplo de *vingansa* [vĩ.'gẽ.sɐ] ‘vingança’ e *arvi* ['ar.vi] ~ *arvri* ['ar.vri] ‘árvore’) e ainda alguns em que há variação entre [b] e [v] (por exemplo, *fabor* [fɐ.'bor] ~ *favor* [fɐ.'vor] ‘favor’ e *benénu* [be.'nɛ.nu] ~ *venénu* [ve.'nɛ.nu] ‘veneno’) (exemplos retirados desses autores e de BRÜSER *et al.* 2002). É possível também que, ainda hoje, para algumas variedades da língua e mesmo para alguns falantes, não haja oposição entre [b] e [v]. Quanto ao /z/, é possível que, desde os primórdios do kabuverdianu, já existisse um [z] como alofone de /s/ diante de consoante sonora. Com o passar dos anos, começa a ocorrer [z] também em contextos antes reservados ao /s/, como em início de palavra e posição intervocálica. Lang *et al.* (2002: 100) defendem que houve, desse modo, a fonologização do [z] (que ganhou estatuto de fonema). Mesmo hoje, existem formas em que há variação entre [s] e [z], como *fase* ['fa.si] ~ *faze* ['fa.zi] ‘fazer’ e *simóla* [si.'mɔ.lɐ] ~ *sumóla* [su.'mɔ.lɐ] ~ *zimóla* [zi.'mɔ.lɐ] ~ *zumóla* [zu.'mɔ.lɐ] ‘esmola’. As formas com [s] são características do “crioulo fundo” (variedade que mais se distancia do português), ao passo que o [z] aparece nas variedades que estão em um contato maior com o português (“crioulo leve”), sendo mais semelhante a ele. Já no que diz respeito ao fonema /ʒ/, ele aparece tanto em empréstimos recentes do português (como *jóia* [ʒɔ.jɐ] ‘joia(s)’ e *jésu* [ʒɛ.su] ‘gesso’), como em palavras provavelmente mais antigas (a exemplo de *finji* ['fĩ.ʒi] ‘fingir’ e *ranja* ['rẽ.ʒɐ] ‘arranjar’), havendo ainda casos em que as formas com [ʃ] e [ʒ] variam: *oxi* ['o.ʃi] ~ *oji* ['o.ʒi] ‘hoje’ e *grexa* ['gre.ʃɐ] ~ *igreja* [i.'gre.ʒɐ] ‘igreja’ (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 101). Por fim, no tocante ao /ʎ/, considerando que, em obras antigas, são raras as palavras com <lh>, é possível conjecturar que as formas com o fonema lateral palatal são empréstimos recentes oriundos do português¹⁸. É o caso, por exemplo, de *ilha* [i.'ʎɐ] ‘ilha’ e *mulher* [mu.'ʎɐ] ‘mulher’, formas que coexistem, respectivamente, com *djar* ['dʒar] e *mudjer* [mu.'dʒɐ] ~ *mudjê* [mu.'dʒɛ], provavelmente mais antigas na língua (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 101).

¹⁸Esse mesmo posicionamento é defendido por Rougé (1994: 140), que afirma que os vocábulos do português que possuem /ʎ/ são nativizados com /j/, a exemplo de *paja* e *miju* (oriundos, respectivamente, de *palha* e *milho*).

No que diz respeito à realização fonética das consoantes, Rodrigues (2007: 147-148) apresenta casos de alternância, neutralização e substituição. Alguns são listados em (9), enfocando aqueles que ocorrem no kabuverdianu santiaguense, variedade sobre a qual repousa nosso foco (já que foi ela que influenciou a formação do papiamentu, conforme já mencionado). Assim, todos os processos elencados ocorrem em Santiago, podendo ser específicos dessa variedade ou ocorrer também em outras ilhas (exemplos retirados da autora):

- (9) a. Algumas vezes, há alternância entre [d] e [r], como em *sábadu* ['sa.bɐ.du] ~ *sabru* ['sa.bru] 'sábado', *rabida* [rɐ.'bi.dɐ] ~ *rabira* [rɐ.'bi.rɐ] 'revirar', *rosáriu* [ro.'sa.rju] ~ *rozadi* [ro.'za.di] 'rosário (1. objeto, 2. oração)';
- b. Em algumas palavras, há alternância entre [g] e [k], a exemplo de *gafanhotu* [gɐ.fɐ.'no.tu] ~ *kafanhotu* [kɐ.fɐ.'no.tu] 'gafanhoto';
- c. A oposição entre /s/ e /z/ é neutralizada quando a sibilante precede uma consoante sonora, sendo realizado o fone [z], a exemplo de *mésma* ['mɛz.mɐ] '(a) mesma';
- d. Há alternância entre [s] e [ʃ] em alguns casos, como em *sinta* ['sĩ.tɐ] ~ *xinta* ['ʃĩ.tɐ] 'sentar(-se)';
- e. Em alguns vocábulos, [ʒ] e [dʒ] variam, como se vê em *jogu* ['ʒo.gu] ~ *djogu* ['dʒo.gu] 'jogo';
- f. Há alternância entre [ʒ] e [d] em alguns casos, por exemplo em *juelhu* ['ʒwe.ɬu] ~ *duedju* ['dwe.dʒu] 'joelho'¹⁹;
- g. Há alguns exemplos de alternância entre [ʃ] e [tʃ], como se vê em *xavi* ['ʃa.vi] ~ *txabi* ['tʃa.bi] 'chave' e *xeru* ['ʃe.ru] ~ *txeru* ['tʃe.ru] 'cheiro' (exemplos retirados de BRÜSER *et al.* 2002);
- h. Em algumas palavras, há alternância entre [r], [j] e [ɬ], como em *katxor* [kɐ.'tʃor] ~ *katxoru* [kɐ.'tʃo.ru] ~ *katxoi* [kɐ.'tʃoj] ~ *katxol* [kɐ.'tʃoɬ] 'cachorro, cão'.

¹⁹Nesse caso, observa-se também alternância entre [ɬ] e [dʒ], já mencionada nesta seção.

Estrutura silábica

De acordo com Lang *et al.* (2002: 111), a despeito de possuir uma grande quantidade de fonemas consonantais, o kabuverdianu (especialmente a variedade de Santiago) permite um número restrito de combinações entre eles. Não existem consoantes geminadas, os clusters consonantais com dois ou três elementos são pouco comuns e não ocorrem combinações de quatro ou mais consoantes. Além disso, segundo os autores, há uma predominância de sílabas abertas (terminadas em vogal, sem a coda preenchida) e de estruturas silábicas CV.CV(...).

Quanto aos elementos que podem ser encontrados em cada uma das posições silábicas na variedade geral do kabuverdianu, segundo Rodrigues (2007: 158, 163, 179), o onset pode ser preenchido por até três elementos consonantais — o que contraria a assunção de Lang *et al.* (2002: 111) de que os clusters não são muito frequentes. Já o núcleo deve ser ocupado obrigatoriamente por uma vogal, admitindo ainda um segmento vocálico marginal (o glide), que pode anteceder ou seguir a vogal nuclear a depender do tipo de ditongo. Por fim, na coda, pode haver apenas um elemento. Como poderá ser observado com mais detalhes na seção seguinte, a estrutura silábica adotada nesta tese difere levemente no que diz respeito à posição de núcleo. Uma vez que os glides não seriam elementos de natureza vocálica, eles estariam localizados no onset ou na coda (no caso de ditongos crescentes e decrescentes, respectivamente), sendo a posição de núcleo ocupada por apenas um elemento vocálico. Assim, em suma, de forma esquemática, a estrutura da sílaba em kabuverdianu seria a seguinte:

Os elementos entre parênteses são opcionais. A combinação das consoantes no

onset não é livre: por exemplo, C_1 e C_3 não se combinam sem restrições, já que, para que C_3 ocorra, C_2 também deve estar presente. Além disso, caso haja C_2 , certamente ela é um subconjunto de C_1 e, se houver C_3 , os elementos que podem estar em combinação são muito restritos. Assim, caso haja duas consoantes no onset, se a primeira for uma oclusiva (/p, b, t, d, k, g/) ou /f, v/, a segunda é obrigatoriamente uma líquida (/l, r/) ou um glide ([j, w]); já se C_1 for /s/, C_2 é uma oclusiva, /f/ ou /m/. Nas combinações de três consoantes, por seu turno, C_1 deve ser /s/, C_2 , uma das consoantes surdas (/p, t, k, f/), e C_3 , uma das líquidas ou um glide²⁰.

Após essas informações gerais sobre a sílaba no kabuverdianu, as seções seguintes são dedicadas à discussão mais detalhada sobre quais elementos vocálicos ocupam o núcleo e quais segmentos consonantais podem estar no onset e na coda.

²⁰Junto a essa estrutura silábica geral, há dois casos que poderiam ser considerados excepcionais (RODRIGUES, 2007: 163-164, 178-179, 184): (i) em São Vicente, foram encontrados casos de onset preenchido com quatro consoantes. Essa estrutura, segundo a autora, na maioria das vezes, não entra na definição geral da estrutura silábica do kabuverdianu por dois motivos: ela aparece raramente em palavras do vocabulário comum da língua e em geral é encontrada em palavras que possuem o prefixo <des>, que sofre síncope da vogal em Barlavento. Assim, o verbo *distrái* ‘distrair’ aparece em São Vicente como [d̥stre.ʔi], enquanto que, nas demais ilhas do arquipélago, predomina a forma [dis.ʔtrej]; (ii) caso se considerem as vogais nasais como representadas como vogal oral + consoante nasal, é possível haver a formação de um cluster na posição de coda, como em *kondisons* [kõ.di.ʔsons] ‘condições’. Esse cluster em que a primeira consoante é um elemento nasal seria encontrado em Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente. Nessas duas últimas ilhas, é possível encontrar outros clusters com duas consoantes na posição de coda, decorrentes da apócope da vogal átona final (que, segundo Rodrigues (2007: 152), nas variedades de Barlavento, realiza-se como um schwa, um [e] surdo ou sofre apagamento), o que gera diferenças entre as pronúncias das ilhas de Sotavento e Barlavento. É o caso, por exemplo, de *kófri* ‘cofre’, realizado nessas ilhas como [ʔkõfr̥], e de *térsu* ‘terço’, que se realiza como [ʔtẽrs̥]. Nessas ilhas de Barlavento, é possível encontrar ainda exemplos em que três consoantes aparecem na posição de coda. Esses casos também são gerados pela apócope da vogal átona final. É o que se vê, por exemplo, em *senpri* ‘sempre’, que, em Santiago e Fogo, tem a pronúncia [ʔsẽ.pri] e, em Santo Antão e São Vicente, aparece sob a forma [ʔsẽmpr̥]. O mesmo se verifica no nome próprio *Lurdes*: Santiago e Fogo — [ʔlur̥.dis]; Santo Antão e São Vicente — [ʔlur̥ds̥]. Desse modo, para dar conta desses contextos, o esquema da estrutura silábica do kabuverdianu seria ampliado para $(C_1)(C_2)(C_3)(C_4) V_1 (C_5)(C_6)(C_7)$. Nesses casos, Rodrigues (2007: 163-164, 178-179, 184) parece confundir sílaba fonética com sílaba fonológica, desconsiderando que elas podem não coincidir, havendo realizações diferentes de uma mesma estrutura subjacente. Isso foi observado também no lung’ie, cuja sílaba fonética permite mais combinações entre os elementos do onset e da coda do que a estrutura fonológica, o que resulta de processos fonológicos sincrônicos (AGOSTINHO, 2015: 82-84).

Núcleo

A posição de núcleo em kabuverdianu pode ser preenchida por segmentos vocálicos (as vogais orais e suas correspondentes com o traço [+ nasal]) e pela consoante nasal quando se trata do pronome de 1^a pessoa do singular²¹ (exemplos retirados de BRÜSER *et al.* 2002; LANG *et al.* 2002: 61; RODRIGUES, 2007: 151, 153):

- (10) a. /i/ - *idadi* [i.'da.di] 'idade', *pidi* ['pi.di] 'pedir';
 b. /e/ - *ekipa* [e.'ki.pɐ] 'equipe, time' e *leti* ['le.ti] 'leite';
 c. /ɛ/ - *épuka* [ɛ.pu.kɐ] 'época' e *orédja* [o.'rɛ.dʒɐ] 'orelha';
 d. /ɐ/ - *abala* [ɐ.'ba.lɐ] 'comover, impressionar' e *odja* [o.dʒɐ] 'olhar';
 e. /a/ - *ábitu* ['a.bi.tu] 'hábito' e *sidadi* [si.'da.di] 'cidade';
 f. /ɔ/ - *óbu* ['ɔ.bu] 'ovo' e *pórta* ['pɔɾ.tɐ] 'porta';
 g. /o/ - *obriga* [o.'bri.gɐ] 'obrigar' e *notisia* [no.'ti.sjɐ] 'notícia(s)';
 h. /u/ - *úniku* ['u.ni.ku] 'único' e *guvénu* [gu.'vɛɾ.nu] 'governo';
 i. [ĩ] - *insétu* [ĩ.'sɛ.tu] 'inseto' e *tinji* ['tĩ.ʒi] 'tingir';
 j. [ẽ] - *enfin* [ẽ.'fĩ(ŋ)] 'enfim' e *sensason* [sẽ.sɐ.'sõ(ŋ)] 'sensação';
 k. [ẽ] - *anzól* [ẽ.'zɔɭ] 'anzol', *mansidon* [mẽ.si.'dõ(ŋ)] 'mansidão, delicadeza';
 l. [õ] - *ónradu* [õ.'ra.du] 'honrado' e *konviti* [kõ.'vi.ti] 'convite';
 m. [ũ] - *un* ['ũ(ŋ)] 'um, uma' e *bagunsa* [bɐ.'gũ.sɐ] 'bagunça, desordem';
 n. /N/ - o ponto de articulação da nasal silábica assimila o da consoante seguinte, encontrando-se as seguintes realizações: (i) [m] diante de consoante labial; (ii) [ɱ] quando seguida de consoante labiodental; (iii) [n] no caso de a consoante seguinte ser dental; (iv) [ɲ] quando a consoante seguinte for palatal; (v) [ŋ] diante de consoante velar, de vogais e em final de palavra.

Quanto aos glides ([j, w]), não há um consenso sobre sua natureza: se são vogais (e, portanto, ocupam o núcleo) ou consoantes (e, por conseguinte, estão no onset

²¹Uma análise mais aprofundada — como realizado por Agostinho (2015: 69-74) para o lung'ie — deve ser feita a fim de descobrir se, no caso das consoantes pré-nasalizadas, a consoante nasal é silábica ou não.

ou na coda). Rodrigues (2007: 149-151) aponta essa ausência de consenso e, em seu estudo, considera que os glides, que formam ditongos crescentes ou decrescentes, são vogais e, assim, localizam-se no núcleo da sílaba. Essas “semivogais” aparecem inclusive como fones no quadro fonológico das variedades estudadas pela autora: Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente. Lang *et al.* (2002: 90-91) também concebem o glide como um elemento vocálico, que acompanha uma vogal para formar um ditongo, gerando, então, um núcleo ramificado. Contudo, no decorrer da discussão, os autores apresentam uma postura dúbia no que diz respeito ao tratamento dos glides a depender do tipo de ditongo. Nos casos de ditongos decrescentes, a segunda vogal recebe o nome de semivogal e é representada por [i̯] ou [u̯] (no alfabeto fonético internacional (IPA), [ɨ] ou [ɘ], respectivamente). Já quando se tem ditongos crescentes, a primeira vogal é denominada como semiconsoante e corresponde a [j] ou [w].

Onset

Ocupando a posição de onset simples (constituído por apenas uma consoante) em kabuverdianu, tanto no começo quanto no meio da palavra, é possível encontrar praticamente todos os segmentos do inventário consonantal do kabuverdianu, exceto /ʁ/, que só aparece em posição medial (LANG *et al.* 2002: 112-113). Os glides também podem ocorrer no onset. Em (11), aparecem exemplos (retirados de LANG *et al.* 2002, 95-96, 103-104; BRÜSER *et al.* 2002) das consoantes na posição de onset simples (as consoantes em onset estão sublinhadas na representação fonética):

- (11) a. Oclusivas (/p, b, t, d, k, g/): *pai* [ˈpɛj] ‘pai’, *barba* [ˈb̥ar.b̥ɐ] ‘barba’, *totis* [ˈto.tis] ‘nuca, toutiço’, *dia* [ˈdiɐ] ‘dia’, *kasa* [ˈka.sɐ] ‘1. casar(-se), 2. caçar, 3. prender, capturar, 4. casa’, *galu* [ˈga.lu] ‘galo’;
- b. Fricativas (/f, v, s, z, ʃ, ʒ/): *fólga* [ˈfɔ̃l.gɐ] ‘folga (1. descanso, 2. espaço)’, *próva* [ˈprɔ̃.vɐ] ‘prova’, *sala* [ˈsa.lɐ] ‘sala’, *zóna* [ˈzɔ̃.nɐ] ‘zona’, *xa* [ˈʃa] ‘chá’, *juis* [ˈʒwis] ‘1. juízo, 2. juiz’;
- c. Africadas (/tʃ, dʒ/): *txon* [ˈtʃõ(ŋ)] ‘chão’, *djuguta* [dʒu.ˈgu.tɐ] ‘lutar por alguma coisa, esforçar-se’;

- d. Nasais (/m, n, ɲ/): *mai* ['mɛj] 'mãe', *nada* ['na.dɐ] '1. nadar, 2. nada, de modo nenhum', *nho* ['ɲo] '(o) senhor';
- e. Líquidas (/l, r, ʎ/): *larga* ['laɾ.gɐ] 'largar', *rabola* ['rɐ.bo.lɐ] 'rebolar', *repolhu* [ɾe.'po.ʎu] 'repolho';
- f. Glides ([j, w]): *iati* ['ja.ti] 'iate', *uiski* ['wis.ki] 'uísque'.

Além disso, o kabuverdianu admite ainda a ocorrência de onsets complexos, formados por duas ou três consoantes (QUINT, 2000a: 30-31; LANG *et al.* 2002: 104-106, 112-114; exemplos retirados desses autores e de BRÜSER *et al.* 2002):

- (12) *Clusters com duas consoantes (CC ou CG)*: na primeira posição do cluster, aparece uma das seguintes consoantes: /p, b, t, d, k, g, f, v, s/. Podem ocupar a segunda posição uma consoante líquida (/l, r/), um glide ([j, w]) ou /p, b, t, d, k, g, f, m/ (apenas no caso de o primeiro membro do cluster ser /s/). Os clusters que possuem /s/ como primeiro membro ocorrem apenas em posição inicial (RODRIGUES, 2007: 176). Já o cluster /vr/ aparece somente em posição medial. Os demais ocorrem em posição inicial ou medial. Ademais, o /s/ inicial dos clusters é pronunciado como [z] caso preceda uma consoante sonora ([zb], [zd], [zg], [zm]) (LANG *et al.* 2002: 111, 113). As combinações possíveis entre esses elementos são (na transcrição fonética, os clusters estão sublinhados):

- a. /pl, pr/, [pj, pw]: *planta* ['plɛ̃.tɐ] 'planta', *prende* ['prɛ̃.di] '1. aprender, 2. prender', *rapia* ['ra.pja] 'arrepia(-se)', *barapuada* [bɐ.ɾɐ.'pwa.dɐ] 'paulada, cacetada';
- b. /bl, br/, [bj, bw]: *blóku* ['blɔ.ku] 'bloco de betão', *brasu* ['bra.su] '1. braço, 2. medida de profundidade (1,83 m)', *sibia* [si.'bjɐ] 'assobiar', *buati* ['bwa.ti] 'boate, discoteca';
- c. /tr/, [tj, tw]: *treme* ['tɾe.mi] 'tremar, estremecer', *muntia* ['mũ.tjɐ] '1. caçar, 2. amontoar(-se)', *tuadja* ['twa.dʒɐ] 'toalha, pano';
- d. /dr/, [dj, dw]: *dribla* ['dɾi.blɐ] 'driblar', *diabu* ['dja.bu] 'diabo', *duedu* ['dwe.du] 'dilacerante, doloroso, triste';
- e. /kl, kr/, [kj, kw]: *klaru* ['kla.ru] 'claro, nítido', *kre* ['kre] '1. querer,

- desejar, 2. acreditar, 3. porventura, talvez’, *kiabus* ‘Abelmoschus esculentus’ [‘kja.bus] ‘quiabo’, *kua* [‘kwɐ] ‘coar, filtrar’;
- f. /gl, gr/, [gj, gw]: *glin-glin-glin* [glĩ.gĩ.gĩ(ŋ)] onomatopeia (os autores não trazem um significado e esse vocábulo não aparece no dicionário de BRÜSER *et al.* 2002), *grandi* [‘grẽ.di] ‘grande’, *gia* [‘gje] ‘guiar, conduzir, andar de’, *mingua* [‘mĩ.gwɐ] ‘minguar, diminuir’;
- g. /fl, fr/, [fj]: *flor* [‘flor] ‘flor’, *frazi* [‘fra.zi] ‘frase’, *purfia* [‘pur.fje] ‘teimar, insistir’;
- h. /vr/, [vj, vw]: *livru* [‘li.vru] ‘livro’, *aliviu* [‘e.li.vju] ‘alívio’, *nevueru* [ne.‘vwe.ru] ‘nevoeiro’;
- i. /sp, sb, st, sd, sk, sg, sf, sm/, [sj, sw]: *spértu* [‘spɛr.tu] ‘esperto’, *sbanja* [‘zbẽ.ʒɐ] ‘esbanjar’, *stangu* [‘stẽ.gu] ‘1. estômago, 2. vômito’, (os autores não trazem exemplos de /sd/, nem aparecem casos em BRÜSER *et al.* 2002), *skese* [‘ske.se] ‘esquecer(-se)’, *sgota* [‘zgo.tɐ] ‘esgotar(-se)’, *sfaimadu* [sfej.‘ma.du] ‘esfomeado’, *smaia* [‘zma.jɐ] ‘desmaiar’, *pasia* [‘pa.sje] ‘passear’, *suadju* [‘swa.dʒu] ‘ piso, soalho’;
- j. [zj]: *buziu* [‘bu.zju] ‘búzio’;
- k. [lj, lw]: *mobilia* [mo.‘bi.lje] ‘móbia’, *lua* [‘lwɐ] ‘lua’;
- l. [rj, rw]: *mimória* [mi.‘mɔ.rja] ‘memória’, *ruina* [‘rwi.nɐ] ‘arruinar, destruir’.

(13) *Clusters com três consoantes (CCC ou CCG)* (só ocorrem em posição inicial)²²:

- a. /Npr, Nbr, Ntr, Ndr, Nkr, Ngr, Nfl, Nfr/: *nprista* [‘m̥pris.tɐ] ‘1. emprestar, 2. tomar emprestado’, *nbrabise* [‘m̥brɛ.‘bi.si] ‘tornar-se agressivo’, *ntrega* [‘n̥trɛ.‘gɐ] ‘entregar’, *ndreta* [‘n̥drɛ.tɐ] ‘1. endireitar-se, 2. direita, correta’, *nkrusa* [‘n̥kru.sɐ] ‘cruzar’, *ngrosa* [‘n̥gro.sɐ] ‘crescer’, *nflema* [‘n̥fle.mɐ] ‘inflamar-se, inchar’, *nfrakise* [‘n̥frɛ.‘ki.si] ‘enfraquecer’;

²²Aqui também são listados os clusters com consoantes nasalizadas, já que, assim como Rodrigues (2007: 172, 175, 177), considera-se que tais elementos, do ponto de vista fonológico, constituem uma combinação do arquifonema nasal + consoante oral.

- b. /spl, spr, str, skr, sfr/, [spj, skw]: *splika* [ˈspli.kɐ] ‘explicar’, *spremi* [ˈspre.mi] ‘espremer(-se)’, *stréla* [ˈstrɛ.lɐ] ‘estrela’, *skrabu* [ˈskra.bu] ‘escravo’, *sfrega* [ˈsfre.gɐ] ‘esfregar’, *spia* [ˈspjɐ] ‘observar, olhar, espiar’, *skwa* [ˈskwɐ] ‘escoar, escorrer’.

Coda

De acordo com Brüser *et al.* (2002: 24) e Lang *et al.* (2002: 112), a posição de coda, no meio ou no fim de palavra, no kabuverdianu de Santiago, só pode ser ocupada pelas consoantes /l, r, s/, não havendo casos de clusters nessa posição²³. Além desses segmentos, Quint (2000a: 29) menciona ainda a ocorrência dos glides ([j, w]) nessa posição. Os exemplos em (14) (retirados de QUINT, 2000a: 29; LANG *et al.* 2002: 112) trazem os elementos que podem aparecer na coda (as consoantes em coda estão sublinhadas na transcrição fonética):

- (14) a. /l/: *mel* [ˈmɛl̩] ‘mel’;
 b. /r/: *lugar* [lu.ˈgaɾ̩] ‘lugar’;
 c. /s/: *mes* [ˈmɛs̩] ‘mês’, *dizasaix* [di.zɐ.ˈsɛj̯f̩] ‘dezesesseis’;
 d. [j]: *mai* [ˈmɛj̯] ‘1. mãe, 2. (num jogo de crianças) local em que se está seguro, 3. árvore que começa a dar frutos’;
 e. [w]: *kau* [ˈkaw̩] ‘1. lugar, 2. propriedade, campo, 3. situação, 4. tempo atmosférico’.

Além dos segmentos listados em (14), as consoantes nasais também podem ocupar a posição de coda (como em *kanpia* [ˈkɛ̃m.pjɐ] ‘passear, vadiar’, *kanta* [ˈkɛ̃n.tɐ] ‘cantar’). Opcionalmente, no âmbito fonético, pode ocorrer a transmissão da nasalidade dessa consoante para a vogal anterior e seu posterior apagamento, o que corresponde a [ˈkɛ̃.pjɐ] e [ˈkɛ̃.tɐ], respectivamente.

²³Apesar de Quint (2000a: 29) afirmar que o kabuverdianu moderno realiza o /l/ como [l] em todas as posições, mesmo em coda medial ou final, neste estudo, considera-se que o /l/ é velarizado em posição de coda, sendo realizado como [ɭ]. Esse posicionamento baseia-se em conversas e gravações com falantes nativos do kabuverdianu, nas quais a variante velarizada foi a única encontrada em posição final de sílaba (medial ou absoluta).

Ademais, de acordo com Rodrigues (2007: 179), a variedade de Santiago e Fogo admite na coda apenas /r, l, s, z, N/. Já em São Vicente e Santo Antão, todas as consoantes do quadro consonantal podem aparecer na coda. Deixando de lado o caso das ilhas de Barlavento, os segmentos trazidos pela autora são basicamente os mesmos que aparecem em (14), acrescentando apenas [z, N]. O [z] pode ser visto como um alofone de /s/ quando ele antecede uma consoante sonora, como em *mésmu* ['mɛz.mu] '1. mesmo, até, 2. (o) mesmo, 3. mesmo, efetivamente, realmente'. Já o caso do arquifonema nasal é explicado pelo fato de a autora não considerar a existência de vogais nasais no âmbito fonológico. As vogais nasalizadas consistiriam de uma sequência de vogal oral + consoante nasal. Assim, nesses casos, sempre há um elemento na coda (/N/). A palavra *duense* 'adoecer', por exemplo, teria a seguinte representação fonológica /'dueŋ.se/, já *kondison* 'condição' seria fonologicamente /koŋ.di.'soŋ/. Desse modo, nota-se, mais uma vez, que as diferenças na análise da autora se devem a pressupostos teóricos diversos.

Acento

No que diz respeito à posição do acento, Lang *et al.* (2002: 117-122) e Rodrigues (2007: 185-211) apontam que, a despeito de haver um predomínio de palavras paroxítonas no vocabulário do kabuverdianu, o acento é livre, podendo recair na antepenúltima (palavras esdrúxulas), na penúltima (palavras graves) ou na última sílaba (palavras agudas). De acordo com Rodrigues (2007: 211), o padrão paroxítono é o não marcado no kabuverdianu geral das quatro ilhas estudadas por ela (Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente). O acento na antepenúltima sílaba é o marcado em virtude de aparecer em um número reduzido de vocábulos. Já o padrão oxítono situa-se numa espécie de meio-termo: é mais marcado que o paroxítono e menos do que o proparoxítono. A autora aponta ainda diferenças quanto à sílaba tônica nas diferentes ilhas em que o kabuverdianu é falado: em geral, em Barlavento, predomina o acento oxítono (pés iâmbicos), ao passo que, em Sotavento, prevalece o acento paroxítono (pés trocaicos).

Com relação à atribuição do acento, as palavras monossilábicas gramaticais,

em geral, são átonas (LANG *et al.* 2002: 120). Como exemplos, citam-se: (i) as partículas verbais *sa* [sə] (usada junto com *ta*, ‘estar a (fazer uma coisa num determinado momento)’) e *ta* [tə] (marca imperfectividade); (ii) grande parte das preposições que possuem uma sílaba, a exemplo de *na* [nə] ‘em, a’, *di* [di] ‘di’, *ti* [ti] ‘até, só’, *pa* [pə] ‘para, por, a’, *ku* [ku] ‘com’; (iii) a conjunção coordenativa *y* [i] ‘e’; (iv) a partícula de negação *ka* [kə] ‘não’; (v) os complementizadores *ki* [ki] ‘que’, *ma* [mə] ‘que’ e *si* [si] ‘se’. Contudo, essa não é uma regra categórica. Há preposições e advérbios com uma sílaba, por exemplo, que são tônicos, como *sen* [sẽ(ŋ)] ‘sem’, *tras* [ˈtras] ‘atrás, depois (de)’, *mas* [ˈmas] ‘1. (o) mais, 2. mas (sim)’, *so* [ˈso] ‘só, apenas’, *nem* [ˈnẽ(ŋ)] ‘nem’ (exemplos retirados de LANG *et al.* 2002: 120). Já os pronomes pessoais e possessivos possuem uma forma átona (geralmente uma proclítica e outra enclítica) e uma tônica a depender da função sintática que exercem. Por exemplo, na 1ª pessoa do singular, a forma tônica do pronome pessoal é *(a)mi* [ɐ.ˈmi], já a forma átona é *N* (proclítica)/*n* (enclítica) [m]/[ŋ]/[n]/[ɲ]/[ɳ] (a realização fonética depende do segmento que a acompanha) (exemplo retirado de LANG *et al.* 2002: 120).

Já as palavras com duas sílabas podem ser paroxítonas ou oxítonas e as que possuem três ou mais sílabas podem ser ainda proparoxítonas²⁴. Dentre as proparoxítonas, podem ser citadas como exemplos *prósimu* [ˈprɔ.sɪ.mu] ‘(o) próximo’, *últimu* [ˈuɫ.ti.mu] ‘último’, *alfândiga* [ɐɫ.ˈfẽ.di.gɐ] ‘alfândega’ (exemplos retirados de RODRIGUES, 2007: 194, 206). O padrão paroxítono aparece geralmente em nomes terminados em vogal oral e em verbos (na variedade de Santiago), como se vê em *kóbra* [ˈkɔ.brɐ] ‘cobra, serpente’, *animadu* [ɐ.ni.ˈma.du] ‘confiante, animado’, *sirbi* [ˈsir.bi] ‘servir(-se)’, *kustuma* [kus.ˈtu.mɐ] ‘costumar’ (exemplos retirados de RODRIGUES, 2007: 186, 188, 197). Por outro lado, as palavras que terminam em vogais nasalizadas (fonologicamente /VN/), nas consoantes /l, r, s/ (este /s/ não sendo morfema de plural) ou em ditongo precedido de consoante são oxítonas: *melon* [me.ˈlõ(ŋ)] ‘melão’, *animal* [ɐ.ni.ˈmɐɫ] ‘animal’, *kalor* [kɐ.ˈlor] ‘calor’, *kuskus*

²⁴Para uma descrição pormenorizada da atribuição do acento relacionada aos diferentes números de sílabas das palavras, inclusive com as variações encontradas nas ilhas de Barlavento e Sotavento, dentro do quadro da Teoria da Otimalidade, consultar Rodrigues (2007: 185-211).

[kus.'kus] ‘cuscuz’, *aros* [ɐ.'ros] ‘arroz’, *pastelaria* [pɛs.te.lɐ.'rjɐ] ‘pastelaria’ (exemplos retirados de BRÜSER *et al.* 2002; LANG *et al.* 2002: 122; RODRIGUES, 2007: 192)²⁵. Existem algumas exceções a essa regra geral, como é o caso de *asúcar* [ɐ.'su.kɐɾ] ‘açúcar’, *útil* ['u.tiɫ] ‘útil’, *giné* [gi.'nɛ] ‘pancada, golpe, paulada’, *rivê* [ri.'ve] ‘rever’, *karapó* “*Trachurus trachurus*” [kɐ.rɐ.'pɔ] ‘carapau’, *vovô* [vo.'vo] ‘vovô’, *tabú* [tɐ.'bu] ‘tabu’ (exemplos retirados de BRÜSER *et al.* 2002). Tais exceções devem ser marcadas na escrita com um diacrítico (agudo ou circunflexo) sobre a vogal tônica (como visto na seção sobre a grafia).

Há ainda dois casos de deslocamento da sílaba tônica (LANG *et al.* 2002: 81, 123-124): (i) nos casos de derivação em nomes e verbos, como em *tenpu* [tẽ.pu] ‘tempo’ — *tenpurada* [tẽ.pu.'ra.dɐ] ‘1. temporal, 2. temporada’; *ponta* [põ.te] ‘ponta’ — *pontinha* [põ.'ti.nɐ] ‘pontinha’; *laba* ['la.bɐ] ‘lavar(-se)’ — *labadu* [lɐ.'ba.du] ‘lavado’ (exemplos retirados desses autores); (ii) quando aparecem pronomes objetos após o verbo, a exemplo de *manda* ['mẽ.dɐ] ‘mandar’ — *manda-l* [mẽ.'daɫ] ‘mandou-o’; *dexa* ['de.fɐ] ‘deixar’ — *dexa-m* [de.'fɛ(ŋ)] ‘deixou-me, deixou para mim’ (exemplos retirados desses autores).

Quanto aos tons distintivos, não há menção de sua ocorrência em kabuverdianu. Rodrigues (2007: 253) aponta a possibilidade de haver tom (ao menos residual) no kabuverdianu falado em Fogo. Essa afirmação carece de mais estudos, abordando inclusive se esse aspecto se restringe somente a essa ilha ou se pode ser encontrado (ou poderia ser no passado) também em outras, especialmente em Santiago, variedade que teria exercido maior influência na formação do papiamentu.

MORFOLOGIA: ALGUNS AFIXOS

Dentre os aspectos morfológicos do kabuverdianu, esta seção trata dos processos de formação de palavras, mais precisamente dos prefixos e sufixos, apresentando

²⁵De acordo com Rodrigues (2007: 187, 192, 196), o padrão oxítono aparece ainda nos verbos regulares das ilhas de Barlavento (sendo mais um fator a diferenciar a pronúncia das ilhas do norte e do sul), como em *tomá* [to.'ma] ‘tomar’, *sklarisê* [skla.ri.'se] ‘esclarecer’ (exemplos retirados dessa autora).

alguns afixos mencionados como característicos da língua e analisando posteriormente se, de fato, nesses casos, os vocábulos são formados por afixos ou se já se tornaram formas indivisíveis. Essa discussão torna-se importante por permitir compreender os mecanismos de formação de palavras próprios (e, por conseguinte, os morfemas afixais produtivos) do kabuverdianu, distinguindo-os dos casos de palavras que já entraram formadas na língua, não sendo concebidas como formadas por base e afixo(s).

De acordo com Brüser *et al.* (2002: 39-43), os afixos do kabuverdianu poderiam ser classificados como aparece em (15) (exemplos retirados desses autores):

- (15) a. Modificadores de nomes ou verbos (a depender do afixo):
- (i) *-inhu/-inha*: *sédu* ‘cedo, logo’ — *sed-inhu* ‘muito cedo, cedinho’; *mos* ‘jovem, moço’ — *mos-inhu* ‘joventinho, mocinho’; *txada* ‘1. sítio plano, planície, 2. grande quantidade’ — *txad-inha* ‘planície pequena’; *bunita* ‘bonita’ — *bunit-inha* ‘bonitinha’;
 - (ii) *-on/-óna*: *kabalu* ‘cavalo’ — *kabal-on* ‘cavalo grande’; *grandi* ‘grande’ — *grand-on* ‘muito grande, grandalhão’; *kamisa* ‘camisa’ — *kamis-óna* ‘camisa grande’; *sabida* ‘sabida, esperta’ — *sabid-óna* ‘espertalhona, sabichona’;
 - (iii) *dis-/diz-*: *getós* ‘jeitoso, habilidoso’ — *dis-getós* ‘sem jeito, desajeitado’; *anima* ‘animar(-se)’ — *diz-anima* ‘desanimar(-se)’;
 - (iv) *ra-*: *monda* ‘mondar (pela primeira vez, depois da chuva)’ — *ra-monda* ‘remondar (depois da chuva)’.
- b. Formadores de substantivos:
- (i) *-ada*: *ferga* ‘esfregar’ — *ferg-ada* ‘esfregadela’;
 - (ii) *-ansa*: *bizinh* ‘vizinho, vizinha’ — *bizinh-ansa* ‘vizinhança’;
 - (iii) *-aria*: *salbaxi* ‘1. grosseiro, mal-educado, 2. selvagem’ — *salbaxaria* ‘maldade, malcriação’;
 - (iv) *-(i)dadi*²⁶: *kauberdianu* ‘cabo-verdiano’ — *kauberdian-idadi* ‘identidade nacional dos cabo-verdianos, cabo-verdianidade’;

²⁶Segundo Quint (2000a: 146), esse sufixo teria duas variantes: (i) *indádi*, forma mais antiga; (ii) *idadi*, mais recente e semelhante ao português.

- (v) *-dura*: *geme* ‘gemer, ganir’ — *geme-dura* ‘gemido, ganido’;
 - (vi) *éns(i)a*: *interferi* ‘interferir, intrometer(-se)’ — *interfer-énsa* ‘interferência, intromissão’;
 - (vii) *ésa/éza*²⁷: *kontenti* ‘contente’ — *kontent-ésa* ‘contentamento, alegria’; *morabi* ‘amável’ — *morab-éza* ‘amabilidade’;
 - (viii) *-ida*: *sukundi* ‘esconder(-se)’ — *sukund-ida* ‘jogo das escondidas’;
 - (ix) *-mentu*: *konxe* ‘conhecer’ — *konxi-mentu* ‘conhecimento(s)’;
 - (x) *-son*: *diskulpa* ‘desculpar(-se)’ — *diskulpa-son* ‘desculpa’²⁸;
 - (xi) *-ura*: *bédju* ‘velho, antigo’ — *bedj-ura* ‘idade avançada’.
- c. Formadores de adjetivos:
- (i) *-éntu*: *rapariga* ‘rapariga, amante’ — *raparig-éntu* ‘aquele que é dado a ter amantes’;
 - (ii) *-ós, -ozu*²⁹: *skérda* ‘esquerdo’ — *skerd-ós* ‘canhoto’; *kubisa* ‘cobiça, inveja’ — *kubis-ozu* ‘invejoso, cobiçoso’.
- d. Formadores de advérbios:
- (i) *-(a)menti*: *prontu* ‘1. ileso, inteiro, 2. mentalmente são, 3. pronto, disposto’ — *pront-amenti* ‘pronto! Por mim, está bem!’³⁰.
- e. Formadores de substantivos ou adjetivos:
- (i) *-anti*: *semelha* ‘assemelhar-se, parecer-se’ — *semelh-anti* ‘semelhante’;
 - (ii) *-dor, -dera*: *nada* ‘nadar’ — *nada-dor* ‘(bom) nadador, aquele

²⁷Para Quint (2000a: 146), a variante com a consoante surda seria mais antiga, ao passo que a forma com [z] seria mais atual e próxima do português.

²⁸Existe também a forma *diskulpa*.

²⁹Os autores apontam ainda a existência do sufixo *-osu*, mas nas entradas do próprio dicionário, aparecem apenas as formas *-ós, -ozu*. A respeito dessas duas variantes, Quint (2000a: 151) defende que *-ós* seria a forma mais antiga e *-ozu*, a mais atual e, portanto, mais produtiva na variedade moderna.

³⁰Segundo Quint (2000a: 221, 2000b: 260), os advérbios de modo formados por adjetivos + sufixo *-(a)menti* não fazem parte do sistema geral do kabuverdianu, sendo empregados geralmente pelas camadas da população que possuem um maior contato com o português e um maior nível de escolaridade. Assim, tais advérbios seriam usados em um número restrito de palavras, sobretudo nas variedades rurais e isoladas, não podendo ser considerados como pertencentes ao registro geral e corrente da língua. Em sua gramática, o autor chega a afirmar que *antigamenti* é o único advérbio em *-menti* que aparece na variedade rural de Santiago, sendo claramente um empréstimo do português *antigamente*.

que nada (bem)'; *badja* 'dançar, bailar' — *badj-ador* 'aquele que dança (bem)'; *trisa* '1. esforçar-se, 2. apoiar-se em' — *trisa-dera* 'suporte, escora'; *dibinha* 'adivinhar' — *dibinha-dera* 'adivinha, aquela que prediz o futuro';

- (iii) *-eru/-era*: *fetisu* 'feitiço' — *fitis-eru* 'feiticeiro'; *kustura* '1. costurar, 2. costura' — *kustur-era* 'costureira'.

Além desses afixos, Quint (2000a: 144-145, 151-152, 156-157) aponta ainda:

- (16) a. Modificadores de nomes:
- (i) Sufixos diminutivos (de uso pouco comum na língua) — *-(ek)eti*, *-itu*, *-óti*, *-(dji)tchitchu*: *bódi* 'bode' — *bod-eketi* 'bode pequeno'; *sabi* 'agradável' — *sab-eti* 'bem tranquilo'; *fraku* 'fraco' — *frak-itu* 'fraquinho, muito fraco'; *férga* '1. esfregar, 2. por extensão, o ato de esfregar' — *ferg-óti* '1. leve esfregada, 2. relação sexual incompleta'; *mo* 'mão' — *mo-djitchitchu* 'pequeno punhado (de palha)';
 - (ii) Sufixos aumentativos — *-som* (variante de *-om*) e *-ada*: *xarem* 'prato à base de milho amassado/moído' — *xaren-som* 'grande quantidade de milho amassado/moído'; *katchupa* 'cachupa (prato à base de milho e feijão)' — *katchup-ada* 'cachupa abundantemente acompanhada de legumes e carne';
 - (iii) *in-*: *vurdadi* 'verdade' — *in-vurdadi* 'mentira, inverdade', *kapas* '1. capaz, 2. possível, provável' — *in-kapas* '1. incapaz, condeado, 2. impossível, improvável'.
- b. Formadores de substantivos:
- (i) *-isa*: *pé-di-galu* 'grosseiro, rústico' — *pedigal-isa* 'grosseria';
 - (ii) *-ismu*: *rasa* 'raça' — *ras-ismu* 'racismo';
 - (iii) *-ista*: *Kadjeta* 'Calheta (cidade de Santiago)' — *kadjet-ista* 'aquele que só pensa em Calheta, que a frequenta regularmente'.
- c. Formadores de adjetivos:
- (i) *-udu*: *bóka* 'boca' — *bok-udu* 'pessoa que fala muito, tagarela';

- (ii) $-(V)du$: *dimira* ‘admirar(-se)’ — *dimir-adu* ‘admirado’.

Observando os dados em (15) e (16), percebe-se que os afixos do kabuverdianu são semelhantes aos do português. Essa similaridade faz com que seja difícil determinar, em muitos casos, se a palavra se formou na língua ou se foi tomada emprestada do português e adaptada aos padrões linguísticos do kabuverdianu. Um procedimento adotado para dirimir essa dúvida é observar se a palavra do kabuverdianu também está presente no português. Se não estiver, pode ser um sinal de que a palavra foi formada no kabuverdianu. Adotando esse método, nas palavras que possuem afixos elencadas pelos dois grupos de autores, é possível encontrar dois comportamentos: (i) em alguns casos, as palavras já foram incorporadas na língua com os afixos, sendo resultados de empréstimos. Esse quadro seria o de grande parte das palavras em (15) e (16): nelas, não há afixos propriamente ditos, sendo os mesmos concebidos como partes integrantes dos vocábulos; (ii) há exemplos em que os afixos são de fato produtivos e usados pelos falantes para formar novas palavras que não encontram correspondência na língua lexificadora (o português). Quint (2000a: 145-146) mostra-se consciente dessa diferença, discutindo se os sufixos atribuídos ao kabuverdianu não seriam decalques de formas portuguesas. Como exemplo, ele cita o caso do sufixo *-eru/-era* usado para formar nomes de árvores a partir do seu fruto. Segundo o autor, esse não seria mais um sufixo produtivo na língua (não gerando novas palavras), aparecendo somente em alguns empréstimos oriundos do português. Assim, para formar os nomes de plantas, o kabuverdianu moderno utiliza outra estratégia: a perífrase *pé di + nome do fruto*. Em síntese, o autor afirma que distinguir entre os casos de sufixos produtivos na língua (e, portanto, com valor morfológico) e aqueles de empréstimos herdados do português permite que se obtenha um retrato mais real do kabuverdianu moderno e de suas especificidades com relação ao português. Apesar dessa visão crítica, percebe-se que, ao tratar dos sufixos do kabuverdianu moderno, Quint (2000a: 144-145) apresenta exemplos de formas oriundas do português, a exemplo de *mosindadi* ‘mocidade, juventude’ e *nóbidadi* ‘novidade, notícia’, como sendo casos de formação de palavras no kabuverdianu. Essa atitude revela uma necessidade de revisão dos dados a fim de analisá-los de forma coerente ao posicionamento teórico assumido.

Além de Quint (2000a: 143-146, 151, 155-157), Brüser *et al.* (2002: 40) também defendem que existem formas com afixos oriundas do português e casos de derivação no kabuverdianu. Os autores citam como exemplo a palavra *kabal-indadi* ‘maldade, malcriação’, que se forma pela adjunção do sufixo *(i)ndadi* (alomorfe de *(i)dade*) à forma *ka bale* ‘não vale’³¹. Aparecem ainda diversos casos em que os afixos são produtivos: *dente* ‘dente’ — *dent-óna* ‘dente grande’; *karapati* ‘agarrar-se’ — *dis-karapati* ‘soltar-se’; *terivi* ‘1. travesso, 2. terrível’ — *teriv-indadi* ~ *teriv-idadi* ‘travessura’; *kansa* ‘cansar(-se)’ — *kansa-dura* ‘canseira, cansaço’; *falmadu* ‘insaciável, comilão’ — *falmad-ésa* ‘voracidade, gula’; *kapas* ‘1. capaz, 2. possível, provável’ — *kapas-menti* ‘provavelmente’; entre outros.

Levando em consideração a produtividade dos processos de formação de palavras, Brüser *et al.* (2002: 69) discutem como estabelecer a etimologia das palavras em seu dicionário. No caso de um vocábulo como *(a)prizentason* ‘apresentação’, os autores lançam a seguinte pergunta: a palavra entrou na língua como empréstimo do português *apresentação* ou foi formada no kabuverdianu a partir da adjunção do sufixo *-son* ao verbo *(a)prizenta* ‘apresentar’? O fato de existir uma palavra como *kustumason* ‘amizade’, sem equivalentes em português, formada a partir do verbo *kustuma* ‘costumar’, mostra que o *-son* é ou foi um sufixo produtivo em kabuverdianu. Assim, seria possível considerar que *(a)prizentason* também é um caso de derivação. Apesar de essa alternativa parecer correta, de acordo com os autores, é impossível decidir por uma das duas etimologias, sendo necessário considerar uma dupla explicação para o surgimento de palavras como essa: empréstimos e derivações internas da língua. Em grande parte dos casos, o processo de formação dessas palavras se daria da seguinte forma: “[...] falantes bilíngues (hoje a maioria dos cabo-verdianos) terão formado uma palavra sobre o modelo de uma palavra portuguesa e os falantes monolíngues tê-la-ão depois aceite como formação genuinamente crioula.” (BRÜSER *et al.* 2002: 69). Em suma, os autores assumem que as palavras de fato incorporadas ao kabuverdianu (excluindo-se, assim, casos de estrangeirismos

³¹Em português brasileiro, existe a forma *cavalice* ‘comportamento rude e grosseiro’, derivada do substantivo *cavalo* + sufixo *-ice*. A semelhança com a forma do kabuverdianu sugere que talvez uma outra etimologia (relacionada ao substantivo ‘cavalo’) seja possível.

recentes) possuem uma dupla origem, que pode ser observada inclusive com relação ao material fônico. No momento em que os vocábulos foram entrando no kabuverdianu, possivelmente houve uma tentativa frequente de aproximar as palavras do português, por exemplo, àquelas da(s) língua(s) de substrato, que apresentava(m) semelhanças nos âmbitos fonético e semântico (BRÜSER *et al.* 2002: 67).

SÍNTESE

Este apêndice discutiu aspectos gráficos e linguísticos do kabuverdianu moderno. Inicialmente, foram apontadas as principais características da grafia oficial do kabuverdianu: os símbolos utilizados, os sons que determinados grafemas representam e as regras para o uso dos acentos gráficos. Conhecendo esses aspectos, torna-se possível saber como as palavras são realizadas foneticamente, uma vez que a grafia do kabuverdianu é de inspiração fonológica. Em seguida, aspectos da fonologia da língua foram discutidos, apresentando os inventários vocálico e consonantal, algumas de suas particularidades (como a oposição entre as vogais médias-baixas e médias-altas funcionando como marcador da classe gramatical da palavra e a presença de consoantes nasalizadas), a estrutura silábica e os elementos que podem estar no núcleo, onset e coda, e, por fim, as características do acento. Tratar de tais aspectos permite que se conheçam os padrões e restrições do kabuverdianu, o que explica as mudanças (em diferentes níveis) que ocorreram quando palavras do português entraram na língua. Por fim, abordaram-se os processos de formação de palavras a partir da adjunção de afixos, revelando casos em que as palavras já entraram formadas na língua (frutos de empréstimo) e exemplos em que os afixos são de fato produtivos.

Parte II

Anexos

Anexo A

DADOS DO PAPIAMENTU CLÁSSICO: O *WOORDENLIJST*

Neste anexo, encontram-se os dados do papiamentu clássico retirados do *Woordenlijst* (FREDERIKS & PUTMAN, 2004 [1859]). Todos os vocábulos que constam na primeira parte da obra (o dicionário bilíngue papiamentu-holandês) foram digitados e traduzidos para o português. Como mencionado na seção 2.1, a apresentação dos vocábulos adota o seguinte padrão: (i) palavra no papiamentu clássico em negrito e caixa alta, mantendo a grafia que aparece no *Woordenlijst*. Caso o vocábulo apareça grafado com mais de uma forma, as diferentes grafias são fornecidas. Além disso, alguns vocábulos apareceram entre colchetes (sem explicação do motivo), notação que foi mantida; (ii) correspondente no papiamentu moderno em negrito e na grafia atual. Se a palavra não for mais usada atualmente, aparecerá um traço (—); (iii) glosa em português entre aspas. O agrupamento dos dados manteve os critérios do *Woordenlijst*, que classifica as palavras com base em campos semânticos ou nas classes de palavras (no caso de advérbios, conjunções e dos verbos). Os rótulos usados na obra foram mantidos na ordem em que aparecem e dentro de cada grupo, as palavras foram organizadas em ordem alfabética (considerando o papiamentu clássico), mantendo uma numeração contínua (que não se inicia a cada nova classificação). Em alguns poucos casos, um mesmo vocábulo figurava em duas classificações diferentes. Nessas situações, a repetição foi eliminada e a palavra aparece somente uma vez. Após os verbos (último rótulo usado), aparecem vocábulos retirados dos diálogos que compõem a segunda parte do *Woordenlijst*. Só foram registradas as palavras que ainda não haviam sido mencionadas na primeira parte

da obra (o dicionário). Os vocábulos foram divididos de acordo com o número do diálogo de onde foram retirados, não sendo realizada uma categorização posterior.

CONCEITOS RELIGIOSOS

1. **ALTAAR MAJOOR** altar **mayó/mayor** ‘altar maior/alto’
2. **ASCENSJON** asenshon ‘ascensão’
3. **AWA BENDITA** awa bendita ‘água benta’
4. **BAUTISMO** boutismo/batisamentu ‘batismo’
5. **BÉLA DI WAS** bela di was ‘vela de cera’
6. **BENDISJON** bendishon ‘benção’
7. **BIDA ETERNA** bida eterno ‘vida eterna’
8. **CATISASJI** katisashi ‘catequismo, catequese’
9. **CONFESJON** konfeshon ‘confissão’
10. **CONFIRMACION** konfirmashon ‘confirmação, crisma’
11. **DIËS MANDAMIËNTOE** dies/djes mandamentu ‘dez mandamentos’
12. **DIABEL Ó DEMONJO** diabel ôf demoño ‘demônio’
13. **DIOS JIOE** Dios Yu/Yiu ‘Deus Filho’
14. **DIOS SPIRÍTÔE SANTOE** Dios Spiritu Santu ‘Deus Espírito Santo’
15. **DIOS TATA** Dios Tata ‘Deus Pai’
16. **ENSENSARIO** — ‘incensário’
17. **ETERNIDAD** eternidat ‘eternidade’
18. **EXTREM-OENCION** — ‘extrema-unção’
19. **FIËRNO/FIËRNO** fièrnu ‘inferno’
20. **GLORIA** gloria ‘glória’
21. **HESOE KRIESTOE** Hesus Kristu ‘Jesus Cristo’
22. **HESOE** Hesus ‘Jesus’
23. **IDOLATRIA** idolatria ‘idolatria’
24. **INDOELGENCIA** indulgensia ‘indulgência’
25. **KASTIGADOOR** kastigadó ‘castigador’
26. **KLOK/KLOKKI** klòk ‘1. sino, 2. relógio, 3. alarme’

27. **KONBERSJON kombershon** ‘conversão’
28. **KONDENASJON kondenashon** ‘condenação’
29. **KONFESSIONARIO konfeshonario** ‘confessionário’
30. **KONSOLADOOR konsoladó** ‘consolador’
31. **KREASJON kreashon** ‘criação’
32. **KRIADOOR Kreador** ‘Criador’
33. **KRISTIANISMO kristianismo** ‘cristianismo’
34. **KROES krus** ‘cruz’
35. **LEI lei** ‘lei’
36. **MATRIMONIO Ó KASAMENTO matrimonio òf kasamentu** ‘matrimônio, casamento’
37. **MESA DI COMUNION mesa di komunion** ‘mesa de comunhão’
38. **OEN ANGEL un angel** ‘um anjo’
39. **OEN ARZOBISPO un arsobispo** ‘um arcebispo’
40. **OEN FRAILE** — ‘um frei, monge’
41. **OEN HOEDĪOE un hudiu** ‘um judeu’
42. **OEN KAGA DI MORTO un kaha di morto** ‘um caixão’
43. **OEN KARDINAAL un kardinal** ‘um cardeal’
44. **OEN KATOLIKO un katóliko** ‘um católico’
45. **OEN KONFESOR un konfesor** ‘um confessor’
46. **OEN KRISTIAAN un kristian** ‘um cristão’
47. **OEN LIMOOSNA un limosna** ‘uma esmola’
48. **OEN MARTIER un mártir** ‘um mártir’
49. **OEN MONGA** — ‘uma freira’
50. **OEN MORTO un morto** ‘um morto’
51. **OEN OBISPO un obispu** ‘um bispo’
52. **OEN PAGANO un pagano** ‘um pagão’
53. **OEN PASTOOR un pastor** ‘um pastor’
54. **OEN PEKADOOR un pekadó** ‘um pecador’
55. **OEN PREEKSTOEL un prekstul** ‘um atril (espécie de estante), púlpito’

-
56. OEN PRELADO un prelado ‘um prelado’
57. OEN PROTESTANT un protestant ‘um protestante’
58. OEN SACERDOTE un saserdote ‘um sacerdote’
59. OEN SACRAMENTOE un sakramento ‘um sacramento’
60. OEN SANTO un Santo ‘um Santo’
61. OEN TOKADOOR DI KLOK un tokadó di klòk ‘um tocador de sino’
62. ORASJON orashon ‘oração’
63. ORDEN SACERDOTAAL — ‘ordem sacerdotal’
64. PAGANISMO paganismo ‘paganismo’
65. PAPA papa ‘papa (de Roma)’
66. PARADISO, CIÊLO/CIÊLOE paradeis/paraiso, shelu ‘paraíso, céu’
67. PASJON pashon ‘Paixão (de Cristo)’
68. PENA ETERNA pena eterno ‘pena eterna’
69. PENITENCIA penitensia ‘penitência’
70. PILA pila ‘fonte batismal’
71. POERGATORIO purgatorio ‘purgatório’
72. PORDON pardon ‘perdão’
73. REDENCION redenshon ‘redenção’
74. REDENTOOR Redentor ‘redentor’
75. RESOEREKSJON resurekshon ‘ressurreição’
76. REVELASJON revelashon ‘revelação’
77. SAKRIFICIO sakrifisio ‘sacrifício’
78. SAKRISTAN — ‘sacristão’
79. SALBADOORSalbador ‘Salvador’
80. SALBASJON salbashon ‘salvação’
81. SANTISIMA BIERGEN Santísima bírgen/vírgen ‘Virgem Santíssima’
82. SANTÍSIMA EUCHARISTIA Santísima eukaristia ‘Santíssima Eucaristia’
83. SANTISIMA TRINIDAD Santísima trinidat ‘Santíssima Trindade’
84. SATISFAKSJON satisfakshon ‘satisfação’
85. SENSIA sensia ‘incenso’

86. **SKRITOERA SANTA Skritura Santa** ‘Santa Escritura’
87. **WIESJI, DIA DI WIESJI huisio, dia di huisio** ‘dia do julgamento final’
- PARTES DO CORPO HUMANO**
88. **ADER, BÉNA, OEN WÓWO ader/ardu, bena/vena, un wowo** ‘vaso (de sangue),
veia, nervura’
89. **BARBA barba** ‘barba’
90. **BARÍKA barika** ‘barriga, ventre’
91. **BOERÁKOE DI NANIESJI burako/buraku di nanishi** ‘narina’
92. **BOKA boka** ‘boca’
93. **BRASSA brasa** ‘braço’
94. **CIÊLOE DI BOKA shelu di boka** ‘céu da boca’
95. **DEEDE DI PIA dede di pia** ‘dedo do pé’
96. **DEEDE GRANDI, DUIM dede grandi di man, dûim** ‘polegar’
97. **DEEDENAN dedenan** ‘dedos (da mão)’
98. **DIËNTE/DIËNTE djente** ‘dente’
99. **FRENTA frenta** ‘fronte, testa’
100. **GAL gal** (Aruba, Bonaire) / **hal** (Aruba, Curaçao) ‘bílís, bile’
101. **GARGANTA garganta** ‘garganta, pescoço’
102. **GOORDO gordura** ‘gordura, banha’
103. **HIELTJE hilchi** ‘calcanhar’
104. **HIGRA higrá** ‘fígado’
105. **KABEES kabes** ‘cabeça’
106. **KABEI DI WÓWO kabei di wowo** ‘cílio’
107. **KABEI kabei** ‘cabelo’
108. **KABOEJA kabuya** ‘tendão’
109. **KALPAATSJI karpachi** ‘crânio, caveira’
110. **KÁRA kara** ‘cara, rosto’
111. **KARNE DI DIËNTE karni di djente** ‘gengiva’
112. **KATSJÉTE kashete** ‘maxilar, queixada’
113. **KINNETJE kashete, kenshi** ‘queixo’

-
114. **KOERASON** **kurason** ‘coração’
115. **KOERPA** **kurpa** ‘corpo’
116. **KOROKÓRO** **korokoro** ‘pomo de adão, garganta’
117. **KWEERO**/**KWEROE** **kuero**/**kueru** ‘pele’
118. **LINGA** **lenga** ‘língua’
119. **LIPNAN** **lepnan** ‘lábios’
120. **LOMBA** **lomba** ‘costas, dorso, lombo’
121. **LONG**, **BOFFI** —, **bòfi** ‘pulmão’
122. **MANOE DREETSJE** **man drechi** ‘mão direita’
123. **MANOE ROBEES** **man robes** ‘mão esquerda’
124. **MOESTASJI** **mustachi** ‘bigode’
125. **MOKÉTA** **moketa** ‘punho’
126. **MONDÓNGO** **mondongo** ‘entranhas, tripa, intestino’
127. **NANIESJI** **nanishi** ‘nariz’
128. **NEK** **nèk** ‘pescoço’
129. **OEN MIEMBRO** **un miembro** ‘um membro’
130. **OEN ORÉA** **un orea** ‘uma orelha’
131. **PEETSJOE** **pechu** ‘peito, seio, tórax’
132. **PIA** **pia** ‘perna, pé’
133. **PLANTA DI PIA** **planta di pia** ‘planta/sola do pé’
134. **POLS** **pòls** ‘pulso’
135. **POPETJE DI WÓWO** **pòpchi di wowo** ‘pupila, bola (do olho)’
136. **RODÍA** **rudia** ‘joelho’
137. **ROSÉA** **rosea** ‘respiração, fôlego’
138. **SANGER** **sanger** ‘sangue’
139. **SÉSO** **seso**/**sesu** ‘cérebro’
140. **SKOUDER** **skouder**/**skouru** ‘ombro’
141. **STÓMA** **stoma** ‘estômago’
142. **WÉSONAN** **wesonan** ‘ossos’
143. **WÓWO** **wowo** ‘olho’

144. **WÓWONAN wowonan** ‘olhos’
145. **ZENUWE** — ‘nervo’
- COISAS DE CASA**
146. **BOTERIJ** — ‘armazém, depósito, copa’
147. **DAK dak** ‘telhado, teto’
148. **DRENTAMENTOE drentamentu** ‘entrada’
149. **FORNO/FORNE fòrnu** ‘forno’
150. **GALERIJ galeria** ‘galeria, sacada’
151. **GLASNAN glasnan** ‘copos’
152. **GORDEIN** — ‘cortina’
153. **GRENDDEL grèndel** ‘ferrolho, barra’
154. **HOEMA huma** ‘fumaça’
155. **JÁBI yabi** ‘chave’
156. **KANDÉLA kandela** ‘fogo, chama’
157. **KARBON karbon** ‘1. carbono, 2. carvão’
158. **KELDER kèlder** ‘porão, subsolo’
159. **KELKI kèlki** ‘taça, cálice, pequeno copo’
160. **KLABOE klabu** ‘prego, estaca’
161. **KOESJIENA kushina** ‘cozinha’
162. **KOPPI kòpi/kùp** ‘xícara’
163. **KORAAL kurá** ‘curral, quintal, pátio’
164. **MOERÁJA/MOERALJA/MOERALJE muraya** ‘parede’
165. **OEN BAHOEL un bahul/baul** ‘uma arca, baú’
166. **OEN BALKI un balki** ‘um caibro, viga mestra’
167. **OEN BAZÓRA/BASÓRA un basora** ‘uma vassoura’
168. **OEN BENTÁNA un bentana** ‘uma janela’
169. **OEN BIRÓSI un birosi** ‘uma cômoda’
170. **OEN BLAASBAL un blasbalk** ‘um fole, instrumento usado para produzir corrente de ar’
171. **OEN BOETIESJI un butishi** ‘um vaso, frasco’

172. **OEN BOTTEL un bòter** ‘uma garrafa, frasco’
173. **OEN FOGÓN un fogon** ‘1. um forno, fogão, 2. um fogão/lareira embutido usado antes para cozinhar’
174. **OEN FORKI un fòrki** ‘um garfo’
175. **OEN GARAFFI un garafi** ‘uma garrafa’
176. **OEN GLAS DI BIENJA un glas di biña** ‘um copo/taça de vinho’
177. **OEN GLAS DI SERBEES un glas di serbes** ‘um copo de cerveja’
178. **OEN KAMA/KÁMA un kama** ‘uma cama’
179. **OEN KANIKA un kanika** ‘uma caneca, jarra’
180. **OEN KAS DI GALIENJA un kas di galiña** ‘uma casa de galinhas, galinheiro’
181. **OEN KAS DI PALOMBA un kas di palomba** ‘uma casa de pombos, pombal’
182. **OEN KASJI un kashi** ‘um armário, estante’
183. **OEN KETEL un ketel** ‘uma chaleira, caldeirão’
184. **OEN KOESIENTSJE un kusunchi** ‘uma almofada, travesseiro’
185. **OEN KOETSJARA un kuchara** ‘uma colher’
186. **OEN KOETSJÏOE un kuchú** ‘uma faca’
187. **OEN LAMPI un lampi** ‘uma lâmpada, luminária, candeeiro’
188. **OEN LANTERN un latèrno, lanterna** ‘uma lanterna, lampião’
189. **OEN LEDIKANT** — ‘um leito, cama’
190. **OEN MAKOETOE un makutu** ‘um cesto/cesta’
191. **OEN PIËDRA un piedi/piedra** ‘uma pedra’
192. **OEN POORTA un porta** ‘uma porta, portão’
193. **OEN PORTRET un portrèt, potrèt** ‘um retrato, fotografia’
194. **OEN SAKADOOR un sakadó** ‘um isqueiro’
195. **OEN SCHEIRE un skeiru** ‘uma escova, pincel’
196. **OEN SERVIES un servis** ‘louça, aparelho de jantar’
197. **OEN SOEPJER** — ‘uma sopeira’
198. **OEN STAAL un stal** ‘um celeiro, galpão, chiqueiro, estábulo’
199. **OEN STOELTJI/STOELTSJI un stul** ‘uma cadeira’
200. **OEN TAFELLÁ un taflá, taflak** ‘uma toalha de mesa’

201. **OEN TAJOOR un tayó** ‘um prato’
202. **OEN TAPADÉRA un tapadera** ‘uma tampa’
203. **OEN TEEBLAATSJE un teblachi** ‘uma bandeja’
204. **OEN TÓBO un tobo** ‘uma tina/balde’
205. **OEN TRAPPI un trapi** ‘uma escada(s)’
206. **OEN TROMMELTJE un tròmchi/trònchi** ‘uma lata’
207. **OEN VERDIEP** — ‘ piso, chão’
208. **OEN WĒA un wea** ‘uma panela’
209. **OEN ZETTER un zèter** ‘um compositor’
210. **OEN ZIJBOR** — ‘um aparador (tipo de móvel)’
211. **PALOE palu** ‘árvore, pau’
212. **PANNETSJI/PANNETSJE panechi** ‘azulejo, mosaico’
213. **POOS pos** ‘poço’
214. **SALIMENTOE salimentu** ‘saída’
215. **SJINIZI shinishi** ‘cinza(s)’
216. **SKOORSTEIN skorsten** ‘chaminé’
217. **SPIEL spil** ‘espelho’
218. **STOEPI stupi** ‘calçada, passeio’
219. **SWÉLA suela** ‘solo, chão’
220. **TRANKÉRA trankera, tranké** ‘cerca’
221. **TSJEMENÉ chemené** ‘fuligem’
222. **VOORHUIS** — ‘varanda’
223. **ZAAL** — ‘sala de estar, sala de visitas’
224. **ZOLDER zòlder** ‘forro, teto’
- FRUTAS ETC.**
225. **ANDIJVI** — ‘almeirão’
226. **APPELSINA apelsina** ‘laranja’
227. **AWAKÁTI awakati** ‘abacate’
228. **BATÁTA batata** ‘batata’
229. **BEMBÉ bembe/bèmbe** ‘beldroega (uma erva succulenta)’

230. **BLOMMETSJE, FLOOR** —, **flor** ‘flor’
231. **BOONTSJE bonchi** ‘feijão’
232. **BRÁSA, RÁMA brasa, rama** ‘ramo, galho’
233. **GIAMBO guiambo/yambo** ‘quiabo’
234. **JEERBA SJIMARÓN yerba shimaron** ‘erva daninha, joio’
235. **JEERBA yerba** ‘erva, grama’
236. **KÁLALOE kalalú** ‘hortaliças comestíveis’
237. **KALBAS LARGOE kalbas largu** ‘tipo grande e comestível de abóbora’
238. **KANJA kaña** ‘cana de açúcar’
239. **KÁSKA kaska** ‘casca’
240. **KENÉPA kenepa** ‘tipo de fruta tropical (mamoncillo, lima espanhola)’
241. **KÓLO kolo/kol** ‘couve, repolho’
242. **KONKOMBER kònkòmber** ‘pepino’
243. **MANGÓ mango** ‘manga’
244. **OEN ANÁZA un anasa** ‘um abacaxi’
245. **OEN BAKÓBA un bakoba** ‘uma banana’
246. **OEN BANÁNA un banana** ‘uma banana comprida (da terra)’
247. **OEN DADER un dader** ‘1. uma tamareira, datileira, 2. fruta (seca) dessa planta’
248. **OEN GOEJÁBA un guyaba** ‘uma goiaba’
249. **OEN KASJOE un kashu** ‘um caju’
250. **OEN KÓKO un koko** ‘um coco’
251. **OEN LAMOENTSJE DOESJI un lamunchi dushi** ‘um limão doce’
252. **OEN LAMOENTSJE un lamunchi** ‘um limão’
253. **OEN LARÁGA un laraha** ‘uma laranja (da casca verde)’
254. **OEN MAMÁJA** — ‘1. um abricó, abricó-do-pará, abricoteiro, 2. fruto dessa planta’
255. **OEN MILON un milon** ‘um melão’
256. **OEN OLIJFI un oleifi** ‘uma oliva, azeitona’
257. **OEN PALOE DI FROETA un palu di fruta** ‘uma árvore frutífera’
258. **OEN PÁLOE un palu** ‘1. uma árvore, 2. pau, madeira’
259. **OEN PATÍA un patia** ‘uma melancia’

260. **OEN SKOPAPPEL** — ‘uma pinha’
261. **OEN SORSÁKA un sòrsaka/sorsaka** ‘uma graviola’
262. **OEN TAMAREIN un tamarein** ‘um tamarindo’
263. **OEN YERBA un yerba** ‘uma folha’
264. **PAMPOENA pampuna** ‘abóbora’
265. **PAPÁJA papaya** ‘papaia, mamão’
266. **PITERSELIE pitiseli** ‘sala, salsinha’
267. **PROMENTE DOESJI promèntè/promènte dushi** ‘pimenta doce’
268. **PROMENTE promèntè/promènte** ‘pimenta inglesa’
269. **RADIJS radeis** ‘rabanete’
270. **RAÍS rais/raís** ‘raiz’
271. **SALADA salada** ‘salada’
272. **SELDE sèldu/sèlder** ‘aipo, salsão’
273. **SIBÓJO LARGOE siboyo largu** ‘alho-poró’
274. **SIBÓJO siboyo** ‘cebola’
275. **SNEIBOONTSJE sneibonchi** ‘vagem’
276. **SOEMPIENJA sumpiña** ‘espinho’
277. **SPINASJI spinazi** ‘espinafre’
278. **TRONKÓN tronko(n)** ‘tronco’
279. **ZIERKOOL zürkol/zirkol** ‘chucrute’
- COMIDA ETC.**
280. **ALIMENTO alimento** ‘alimento, comida’
281. **ALMOËRSO almuerzo** ‘almoço’
282. **AZETA azeta/zeta** ‘óleo cru, azeite’
283. **BIBIDA bibida** ‘bebida’
284. **BIENJA biña** ‘vinho’
285. **BINAGER/BINÁGER binager** ‘vinagre’
286. **BRANDI brèndi** ‘conhaque, aguardente’
287. **CÉNA sena** ‘ceia, jantar’
288. **DESERT** — ‘sobremesa’

289. **GÓRDO** *gordura* ‘gordura, banha’
290. **HAM** *ham* ‘presunto’
291. **KANEEL** *kané* ‘canela’
292. **KARNE DI BÁKA** *karni di baka* ‘carne de vaca/boi’
293. **KARNE DI KARNEER** *karni di karné* ‘carne de carneiro/ovelha’
294. **KARNE HASÁ/HASAAR** *karni hasá* ‘carne assada/tostada’
295. **KARNE HEREBÉ** *karni herebé* ‘carne cozida/fervida’
296. **KARNE SAL** *karnisá* ‘rabo de pouco salgado, carne (parte que tem osso, por exemplo) salgada; pode ser de cavalo, de vaca etc’
297. **KARNE STOBÁ** *karni stobá* ‘carne ensopada, carne de panela’
298. **KARNE** *karni* ‘carne’
299. **KEESJI** *keshi* ‘queijo’
300. **KOEMIENDA** *kuminda* ‘1. comida, gêneros alimentícios, 2. prato, comida’
301. **KOFFI** *kòfi* ‘café’
302. **KOMEMENTOE** *komementu* ‘refeição, ato de comer’
303. **KOS DI KOMÉ** *kos di kome* ‘sobremesa’
304. **KRIJDNAGEL** *kreinagel* ‘dente de alho, cravo, cravo-da-índia’
305. **LEETSJE** *lechi* ‘leite’
306. **MANTÉKA** *manteka* ‘1. manteiga, 2. óleo, gordura’
307. **OEN PASTEETSJI un** *pastechi* ‘um pastel, empada’
308. **PAM** *pan* ‘pão’
309. **PEPER** *peper* ‘pimenta’
310. **REES** *res* ‘banha de porco, toucinho’
311. **ROM DI LEETSJE** *ròm di lechi* ‘creme de leite, nata’
312. **ROM** *ròm* ‘rum’
313. **SÁLOE** *salu* ‘sal’
314. **SERBEES** *serbes* ‘cerveja’
315. **SOEKER** *suku* ‘açúcar’
316. **SÓPPI** *sòpi* ‘sopa’
317. **SOUS** *sous* ‘molho’

318. **SPECERIJ speserei** ‘especiaria, condimento’
319. **SPEKKI spèki** ‘bacon’
320. **TEE te** ‘chá’
321. **TSJOKOLATI chukulati** ‘chocolate’
322. **WORST, SOSIJSI wòrs, sosèshi/soseishi** ‘salsicha, linguiça’
- ANIMAIS**
323. **ACETA (DI) PISKAAR azeta/zeta di piská** ‘óleo de baleia’
324. **BAKELAU bakiou** ‘bacalhau’
325. **BEER (OSO) ber, oso** ‘urso’
326. **BÉRS bèrs** ‘perca (tipo de peixe)’
327. **BESTIA DI KÁRGA bestia di karga** ‘besta/animal de carga’
328. **BÓKA, BEK boka**, — ‘boca, focinho, bico’
329. **DORÍ dori (Aruba)** ‘sapo’
330. **HÁLA hala, ala (Curaçao)** ‘asa, barbatana/nadadeira’
331. **HOM, WÉBO** —, **webu** ‘1. ova, 2. bezerro, vitelo’
332. **LEE UW (LION) leon** ‘leão’
333. **KAATSJOE kachu** ‘chifre, corno’
334. **KLIENA DI KABAI klina di kabai** ‘crina de cavalo’
335. **KOLMIJA** — ‘presa, colmilho’
336. **KOMEGIJN komehein** ‘térmita, cupim’
337. **KREEFT kref** ‘lagosta’
338. **LANA/LÁNA lana** ‘lã, pelo de animais’
339. **MAKREEL makré/makrel/makrèl** ‘cavala, cavalinha’
340. **NESJI neishi/nèshi (Curaçao)** ‘ninho’
341. **OEN ABÉGA un abeha, bei** ‘uma abelha’
342. **OEN ANIMAL VENENOSO un animal venenoso** ‘um animal venenoso/peçonhento’
343. **OEN ANIMAL un animal** ‘um animal’
344. **OEN ARANJA un araña/haraña** ‘uma aranha’
345. **OEN BAKA/BÁKA un baka** ‘uma vaca’
346. **OEN BAKA un bákatòr, tòr** ‘um besouro/escaravelho/percevejo’

347. OEN BARBOELETТА / BARBOELETTE un **barbulètè**/**barbulèt** ‘uma borboleta’
348. OEN BESTIA un **bestia** ‘um animal, besta/animal selvagem’
349. OEN BIETSJE un **bichi** ‘uma lombriga, minhoca, verme, larva’
350. OEN BINAAR un **biná** ‘um veado, cervo’
351. OEN BISEER un **bisé**/**bishé** (Aruba) ‘um bezerro’
352. OEN BLINKERTSJI un **blenchi** ‘um colibri, beija-flor’
353. OEN BOEË un **bué**/bue ‘um boi, novilho’
354. OEN BOELADOOR un **buladó** ‘um peixe-voador’
355. OEN BOERÍKO un **buriku** ‘um burro, jumento’
356. OEN DIZENBEIN un **disinbein**/**lisinbein**/**shenpia** ‘uma centopéia’
357. OEN DRADE un **dradu** ‘um golfinho’
358. OEN DSJAKA un **djaka** ‘uma ratazana’
359. OEN FROEMINGA un **vruminga** ‘uma formiga’
360. OEN GAI un **gai** ‘um galo’
361. OEN GALIENJA un **galiña** ‘uma galinha’
362. OEN GANS un **gans** ‘1. um pelicano, pelicano marrom, 2. um ganso’
363. OEN INSEKT un **insekto** ‘um inseto’
364. OEN JEEWA un **yewa** ‘uma égua’
365. OEN KABAI un **kabai** ‘um cavalo’
366. OEN KABRITO un **kabritu** ‘uma cabra/bode’
367. OEN KANGREUW un **kangreu** ‘um caranguejo’
368. OEN KAPAAR un **kapá** ‘um (animal) capado’
369. OEN KARNEER un **karné** ‘um carneiro/ovelha’
370. OEN KARPENTAN — ‘uma carpa (tipo de peixe)’
371. OEN KAS DI ARANJA un **kas di araña**/**haraña** ‘uma teia/casa de aranha’
372. OEN KASKABÉLA un **kaskabel** ‘uma cascável’
373. OEN KATSJOOR un **kachó** ‘um cachorro’
374. OEN KOLÉBRA un **kolebra** ‘uma cobra, enguia, moreia’
375. OEN KONIJNTSJE un **konènci**/**koneu** ‘um coelho, lebre’
376. OEN KRIEKI un **kriki** ‘um grilo’

377. OEN LAMMETSJE un lamchi ‘um cordeiro’
378. OEN LORA un lora ‘um papagaio’
379. OEN MAKÁKO un makako/makaku ‘um macaco’
380. OEN MARIBOMBA un maribomba ‘um marimbondo, vespa’
381. OEN MEEUWTSJE un meuchi ‘uma gaivota’
382. OEN MOELA un mula ‘uma mula’
383. OEN MOESKITA un muskita ‘uma mosca doméstica’
384. OEN MORKOOI un morkoi ‘uma tartaruga, jabuti (da terra)’
385. OEN MOT un môt ‘uma traça’
386. OEN PAARA, PÁRA, PÁGARA (PAARA) un para ‘uma ave, pássaro’
387. OEN PALOMBA un palomba ‘uma pomba’
388. OEN PARABROEHA/PARA-BROEHA un palabrua ‘uma coruja’
389. OEN PATO un patu ‘um pato’
390. OEN PAUWIES un pouwis/pôwis ‘um pavão’
391. OEN PIKOER un pikú ‘uma agulha-preta (tipo de peixe)’
392. OEN PISKAAR un piská ‘um peixe, pescado’
393. OEN PJEUW un pieu ‘um piolho’
394. OEN POEJITO un puitu ‘um pinto/pinta (filhote de galinha)’
395. OEN POERGA un pruga/purga ‘uma pulga’
396. OEN POESJI un pushi ‘um gato’
397. OEN POLÈTSJE un polèchi ‘um tipo de galinha’
398. OEN POOTER un poter ‘um cavalo selvagem/não domesticado’
399. OEN PÓRKO un porko ‘um porco’
400. OEN RAGADISJI un lagadishi ‘1. uma lagartixa, 2. um lagarto’
401. OEN RATON DI ANOTSJI un raton di anochi ‘um morcego’
402. OEN RATON un raton ‘um rato’
403. OEN SANGOERA un sangura ‘um mosquito’
404. OEN SKORPIOEN un skarpion/skòrpion ‘um escorpião’
405. OEN SNÈPI un snepi ‘tipo de pássaro com o bico longo e fino’

406. **OEN SOKLÉ un sloke/sokle** ‘um uru-do-campo (ave similar ao perdiz e à codorna/codorniz)’
407. **OEN TIRAKOOTJSJE un tirakochi** ‘um gafanhoto’
408. **OEN TOERTOEKKA un turtuka/turtuga** ‘uma tartaruga’
409. **OEN TOORO un toro** ‘um touro’
410. **OEN TRIBON un tribon** ‘um tubarão’
411. **OEN TSJOEBÁTO un chubatu** ‘um cabrito, bode, cervo, veado (todos machos)’
412. **OEN VALKI un falki** ‘um falcão’
413. **OEN WALVIS, BISKOP** —, — ‘uma baleia’
414. **OEN WARAWÁRA un warawara** ‘um carcará, gavião-caracará (tipo de ave)’
415. **OEN ZAAG** — ‘um peixe-espada, espadarte’
416. **OEN ZWOUWTSJE un souchi/suarchi** ‘uma andorinha’
417. **OESTER uster** ‘ostra’
418. **PALING** — ‘enguia’
419. **PÁTA DI KABAI pata di kabai** ‘pata de cavalo’
420. **PÁTA, PIA pata, pia** ‘pata, perna, garra’
421. **PEKELEER pékele** ‘arenque (tipo de peixe)’
422. **PIA pia** ‘pata’
423. **PLOEMA pluma** ‘pluma, pena’
424. **RÁBO/RÁBOE rabu** ‘rabo’
425. **SALMAU salmou** ‘salmão’
426. **SKÁMA skama** ‘escama(s) (de peixe)’
427. **STOKVIS** — ‘merluza’
428. **TÁPATÁPA tapatapa** ‘linguado (tipo de peixe)’
429. **TÍGER tiger** ‘tigre’
430. **VOS vòs, zoro/soro** ‘raposa’
431. **WEEBO DI PISKAAR webu di piská** ‘ovas (de peixe)’
432. **WEEBO webu** ‘ovo’
433. **WEESO DI PISKAAR wesu di piská** ‘espinha de peixe’

434. **WOLF (LOBO)** lobo, wòlf ‘lobo’

PARENTES

435. **BISAWÉLA** bisawela ‘bisavó’

436. **BISAWÉLO** bisawelo/bisatawela ‘bisavô’

437. **BREID** brùit ‘noiva’

438. **BREIGOM** brùidegòm/brùidehòm ‘noivo’

439. **DECENDIËNTE** desendente/desendiente ‘descendente’

440. **DI MAS BJEEUW** di mas bieu ‘o mais velho’

441. **DI MAS TSJIKITOE** di mas chikitu ‘o mais novo’

442. **ERFENIS, HERENCIA** —, herensia/erensia ‘herança’

443. **FAMILIE/FAMILIA, FAMÍA** famia ‘família, parente’

444. **HOGOTSJE** ohochi, oochi ‘gêmeo(s)’

445. **KOENJAAR** kuñá ‘cunhado, cunhada’

446. **KOKKI** kòki ‘cozinheiro/cozinheira’

447. **KRIAARNAN** kriánan ‘criados, empregados’

448. **LABADÉRA** labadera ‘lavadeira’

449. **MADRINA** madrina ‘madrinha’

450. **MAMA** mama ‘mãe’

451. **MARI** marí ‘marido/mulher’

452. **MOEHEER** muhé ‘mulher’

453. **MONESTASJON** — ‘comando, ordem’

454. **NIËTOE HOMBER** nietu/ñetu (hòmber) ‘neto’

455. **NIËTU MOEHEER** nieta/ñeta, nietu/ñetu muhé ‘neta’

456. **OELTIMO BOLOENTAD, TESTAMENT** último bolundat, tèstamènt ‘última vontade, testamento’

457. **OEN AMIGO, AMIGA** un amigo/amigu, amiga ‘um amigo, amiga’

458. **OEN BEJOEDA** un biuda/viuda ‘uma viúva’

459. **OEN BEJOEDO** un biudo/viudo ‘um viúvo’

460. **OEN BOEDEL** — ‘bens, patrimônio, herança’

461. **OEN ERFENAAM** — ‘um herdeiro, beneficiário’

462. OEN JIOE HOMBER un yu/yiu hòmber ‘um filho’
463. OEN JIOE MOEHEER un yu/yiu muhé ‘uma filha’
464. OEN JIOE un yu/yiu ‘um filho/filha’
465. OEN KONOSIER un konosí ‘um conhecido/conhecida’
466. OEN KRIAAR HOMBER, SIRBIDoor un kriá hòmber, sirbidó ‘um criado, empregado, servidor’
467. OEN KRIAAR MOEHEER un kriá muhé ‘uma criada, empregada, servidora’
468. OEN MOETSJA HOMBER un mucha hòmber ‘um menino’
469. OEN MOETSJA MOEHEER un mucha muhé ‘uma menina’
470. OEN ROEMAN HOMBER un ruman hòmber ‘um irmão’
471. OEN ROEMAN MOEHEER un ruman muhé ‘uma irmã’
472. OEN VOOGD — ‘um guardião’
473. OEN WEESKIND, WÉRFANO —, un wérfano/wérfana ‘um órfão/órfa’
474. OOM, TIO omo, tio ‘tio’
475. PADRINO padrino ‘padrinho’
476. PRIMA prima ‘prima’
477. PRIMO primo/primu ‘primo’
478. SOBRINA sobrina/subrina ‘sobrinha’
479. SOBRINO sobрино/subrino ‘sobrinho’
480. STRIKADOR strikadó ‘passadeiro/passadeira’
481. SWEEGER suegu (unissex); suegru/suegra ‘1. sogro/sogra, 2. genro/nora’
482. TANTA, MOOTSJI, TIA tanta, —, tia ‘tia’
483. TATA I MAMA tata i mama ‘pais’
484. TATA tata ‘pai’
485. TAWÉLA táwela, tawela ‘avô’
486. WÉLA wela ‘avó’
- MUNDO EM GERAL
487. AIRE/AÏRE, LÁRIA aire/airu ‘ar’
488. AWA DI ROOI awa di roi ‘torrente, aguaceiro’
489. AWA SAL awa sal/salu ‘1. água do mar, 2. água salgada’

490. **AWA** **awa** ‘1. água, 2. chuva’
491. **AWA-SÉRO**/**AWASÉRO** **awaseru**/**áwaseru** ‘chuva (forte)’
492. **BIËNTO**/**BIËNTOE** **bientu** ‘vento’
493. **BLIKSEM** — ‘relâmpago, raio’
494. **DAUW** — ‘orvalho, sereno’
495. **DONDER** **dònder** ‘trovão’
496. **FIRMAMENT** **firmamento**/**firmamentu** ‘firmamento, céu’
497. **FRESKOERA**, **FRESKO** **fresku** ‘1. fresco, 2. frescura, frescor’
498. **FRIO**/**FRÏOE** **frio**/**friu** ‘1. frio, 2. resfriado, gripe’
499. **KALoor** **kalor** ‘calor, quentura’
500. **KANTO**/**KANTOE** **DI LAMAAR** **kantu di laman** ‘praia, costa (do mar), beira-mar’
501. **KANTO** **DI RIO** **kantu di riu** ‘margem de rio’
502. **KOSTA** **kosta** ‘costa, litoral’
503. **LAMAAR** **laman** ‘mar’
504. **LÓDO** **lodo** ‘lodo, limo’
505. **LOENA** **KLAAR** **luna kla** ‘lua cheia’
506. **LOENA** **NOBO** **luna nobo** ‘lua nova’
507. **LOENA** **luna** ‘lua’
508. **LOES** **lus** ‘luz’
509. **MOENDOE** **mundu** ‘mundo’
510. **NATOERALÉZA** **naturalesa** ‘natureza’
511. **NOORD** **nort** ‘norte’
512. **OELTIMO** **KWART** **DI LOENA** **luna di último** **kuartu** ‘quarto minguante (fase da lua)’
513. **OEN** **BARÁNKa** ‘uma pedra, rocha’
514. **OEN** **BIËNTO** **FAVORABLE** **un** **bientu** **favorabel** ‘um vento favorável’
515. **OEN** **BIËNTO** **FLAUW** **un** **bientu** **floU** ‘um vento delicado, brando, fraco’
516. **OEN** **BIËNTO** **KONTRARIO** **un** **bientu** **kontrario**/**kontrali** ‘um vento contrário’
517. **OEN** **BOERÁKOE** **un** **burako**/**buraku** ‘um buraco, toca’
518. **OEN** **DAMP**, **HOEMA** **un** **damp**, **huma** ‘um vapor, fumaça, umidade’

519. **OEN DONNERSLAG un donderslag** ‘um estampido de trovão’
520. **OEN EKLIPS un eklipse** ‘um eclipse’
521. **OEN FONTEIN un fountein** ‘uma fonte, chafariz’
522. **OEN ISLA un isla** ‘uma ilha’
523. **OEN KAAP un kabo** ‘um cabo’
524. **OEN KLIPS** — ‘um recife, escolho’
525. **OEN KOMEET un kometa** ‘um cometa’
526. **OEN KWEEBA un kueba** ‘uma caverna, cavidade, gruta’
527. **OEN NOEBIA un nubia** ‘uma nuvem’
528. **OEN ORKAAN un horkan/orkan** ‘um furacão’
529. **OEN RAJO DI WEERLICH un raio di welek/welèk** ‘um relâmpago, raio’
530. **OEN REENBOOG un regenbog** ‘um arco-íris’
531. **OEN RIO un riu** ‘um rio’
532. **OEN SERO TSJIKITOE un seru chikito/chikutu** ‘um cerro, colina, monte pequeno’
533. **OEN SERO un seru** ‘uma montanha, monte elevado’
534. **OEN SPELONK un spelònk** ‘uma caverna, cavidade, gruta’
535. **OEN STORM** — ‘uma tempestade’
536. **OEN STREJA un strea** ‘uma estrela’
537. **OEN TEMBLOOR un temblor** ‘um terremoto/tremor’
538. **OEN VIJVER** — ‘uma lagoa, lago, reservatório’
539. **OENIVERSO universo** ‘universo’
540. **OOST ost** ‘leste’
541. **PROMEER KWART DI LOENA luna di promé kuartu** ‘quarto crescente (fase da lua)’
542. **SEKOERA sekura** ‘seca, segura’
543. **SKOEMA skuma** ‘espuma, escuma’
544. **SOLO/SÓLO solo** ‘sol’
545. **SOMBRA sombra** ‘sombra’
546. **TEERA ABAU tera abou** ‘subsolo’

547. **TEERA** **tera** ‘terra, solo’
548. **TINIËBLA**, **SKOERIDAD** **tiniebla**, **skuridat** ‘escuridão, escuridade’
549. **VOLLE** **MAAN**, **LOENA** **JEEN** —, **luna** **yen** ‘lua cheia’
550. **WEST** **wèst** ‘oeste’
551. **ZUID** **sùit** ‘sul’
- TEMPO**
552. **AJÉRA** **ayera** ‘ontem’
553. **ANOTSJI** **anochi** ‘noite, à noite’
554. **ANTAJÉRA** **ántayera** ‘anteontem’
555. **ATÁRDI**, **ANOTSJI** **atardi**, **anochi** ‘noite, à noite’
556. **AWÉ** **awe/awé** ‘hoje’
557. **DIËS** **MINUUT** **PASAAR** **DI** **OTSJ’OOR**, (**OTSJO** **ORA**) **dies/djes** **minüt** **pasá** **di** **och’or** (**ocho** **ora**) ‘oito horas e dez minutos (dez minutos depois de oito)’
558. **DOOS** **ORA** **dos** **ora** ‘duas horas’
559. **DRENTAMENTOE** **DI** **SOLO** **drentamentu** **di** **solo** ‘pôr do sol’
560. **FIN** **Ó** **KABAMENTOE** **fin** **òf** **kabamentu** ‘fim, término’
561. **KOEMINSAMENTOE** **kuminsamentu** ‘começo, início’
562. **MAÏNTA** **TEMPRAN** **mainta** **tempran/trempan** ‘(de) manhã cedo’
563. **MANITA**, **MAÏNTA** **manita/mainta** ‘manhã, de manhã’
564. **MANJAAN**, **MANJANA** **mañan**, **mañana** ‘amanhã’
565. **MARDOEGÁ** **mardugá** ‘madrugada’
566. **MEI** **ANOTSJI** **meianochi** ‘meia-noite’
567. **MEIMEI** **meimei** ‘meio, centro, média’
568. **MERDÍA** **merdia/mèrdia** ‘meio-dia’
569. **NA** **TRES** **SEMAAN** **na** **tres** **siman** ‘em três semanas’
570. **OEN** **DIA** **un** **día** ‘um dia’
571. **OEN** **KWART** **DI** **ORA** **un** **kuart/kuarto/kuartu** **di** **ora** ‘um quarto de hora’
572. **OEN** **KWARTO** **PA** **DIËS** **un** **kuart/kuarto/kuartu** **pa** **dies** ‘nove horas e quarenta e cinco minutos (quinze para as dez)’
573. **OEN** **LOENA** **un** **luna** ‘um mês’
574. **OEN** **MEI** **ORA** **un** **mei** **ora** ‘meia hora’

575. OEN MITAAR ANJA un mitar/mitá ãa ‘metade do ano, meio ano’
576. OEN MITAAR DIA un mitá/mitar dia ‘metade do dia, meio dia’
577. OEN MOMENTOE un momento/momentu ‘uma momento’
578. OEN ORA un ora ‘uma hora’
579. OEN SEMAAN, SEMANA un siman ‘uma semana’
580. OEN SÍGLO un siglo ‘um século’
581. OTRO MANJAAN otromañan ‘dia depois de amanhã’
582. OTSJO DIA ocho dia ‘oito dias’
583. SALIMENTOE DI SOLO salimentu di solo ‘nascer do sol’
584. SEMAAN KOE TA BINI siman ku ta bini ‘semana que vem’
585. SEMAAN PASAAR siman pasá ‘semana passada’
586. SIENKO MINUUT PROMEER KOE SIENK’OOR sinku minüt promé ku sink’or
‘quatro horas e cinquenta e cinco minutos (cinco minutos para as cinco)’
587. SIENK’OOR I MEI, Ó MITAAR DI SEIS sink’or i mei òf mitá/mitar di seis
‘cinco horas e trinta minutos (cinco e meia)’
588. SIËTE ORA shete ora ‘sete horas’
589. TEMPOE tempo/tempu ‘tempo’
590. TRAMERDÍA tramerdia/tramèrdia ‘(no) começo da tarde’
- DIAS DE FESTA**
591. ANJA NOBO Aña nobo ‘Ano novo’
592. ANOENCIACION, INCARNACION Anunsiashon, enkarnashon ‘A Anunciação
(25 de março)’
593. ASOENCION DI LA BIERGEN Asunshon di la Birgen/Bírgen/Vírgen ‘Assun-
ção da Virgem Maria’
594. BIDDAG Ó DIA DI ORASJON Biddag òf dia di orashon ‘Dia de oração’
595. BIËRNES SANTOE Bièrnè/Bièrne Santu ‘Sexta-feira Santa/Sexta-feira da Pai-
xão’
596. BISPERA DI PASKOE Bispu di Pasku ‘Véspera/Noite de Natal’
597. DIA DI AJOENA Dia di yunamentu ‘Terça-feira de Carnaval’
598. DIA DI CENISJI Dia di shinishi ‘Dia de cinzas’
599. DIA DI CORPUS — ‘Corpus Christi’
600. DIA DI INOCENTE Dia di inosente ‘Dia das crianças’

601. **DIA DI KWATER-TEMPOR** — ‘Quatro conjuntos separados de três dias dentro da mesma semana destinados ao jejum e à reza’
602. **DIA DI REI SOE ANJA** — ‘Aniversário do Rei’
603. **DIA DI TRES REI Dia di Tres Rei** ‘Dia de Reis (06 de janeiro)’
604. **DIANAN DI ROGASJON Dianan di rogamentu** ‘Dias de pedido, súplica’
605. **DOMÍNGO DI RÁMA Djadumingu di Rama** ‘Domingo de Ramos’
606. **HEMELVAART, ASCENSION** —, **asenshon** ‘(Dia de) Ascensão’
607. **KANDELARIA Kandelaria** ‘Candelária, Festa das Candeias (02 de fevereiro)’
608. **KARNESTOLÉNDÁ** — ‘Terça-feira gorda (de carnaval)’
609. **KWARESMA Kuaresma** ‘Quaresma’
610. **PASKOE DI NACEMENTOE Pasku di nasementu** ‘Páscoa de Nascimento/Natal’
611. **PASKOE DI RESOEREKSJON Pasku di resurekshon** ‘Páscoa de Ressurreição’
612. **PINKSTER, PASKOE DI SPIRITOE SANTOE** —, **Pasku di Spiritu Santu** ‘Páscoa do Espírito Santo/Pentecostes’
613. **SABRA SANTOE Djasabra Santu** ‘Sábado Santo/Sábado de Aleluia’
614. **SAN GWAN San Huan** ‘São João’
615. **SEMANA SANTA Siman Santu** ‘Semana Santa’
616. **TODOS LOS DIFOENTOS Tur Difunto/Difuntu** ‘Dia de Finados’
617. **TODOS LOS SANTOS** — ‘Dia de Todos os Santos’
618. **WEEBES SANTOE Djaweps Santu** ‘Quinta-feira Santa’
MEDIDAS, PESO ETC.
619. **OEN BÁRA** (yard, Eng.) **un bara** ‘uma jarda’
620. **OEN BARIEL TSJIKITOE un barí chikito/chikitu** ‘um vaso, barril (de madeira, de metal etc; redondo) pequeno, casco de bebida pequeno’
621. **OEN BARIL/BARIE un barí** ‘um vaso, barril (de madeira, de metal etc; redondo), casco de bebida’
622. **OEN CENS TSJIKITOE un sèn chikito/chikitu** ‘meio centavo’
623. **OEN CENS un sèn** ‘um centavo, dinheiro’
624. **OEN DOEBLOEN** — ‘uma moeda de ouro antiga espanhola’
625. **OEN DUIM un dùim** ‘uma polegada’
626. **OEN GILDEN un gilden** ‘um gulden (florin)’

627. OEN KANNA un kana ‘um quilograma de peso/125 centilitros’
628. OEN KWARTO un kuart/kuarto/kuartu ‘um quarto’
629. OEN LIEBER un liber ‘uma libra’
630. OEN MEI LIEBER un mei liber ‘meia libra’
631. OEN MITAAR DOEBLOEN — ‘meio dublun’
632. OEN ONS un òns ‘uma onça (peso)’
633. OEN PASO — ‘um passo (antiga unidade de medida)’
634. OEN PATIEN RONDOOR — ‘dois guldens (palavra holandesa; moeda local, também chamada de florin) e meio’
635. OEN PIA un pia ‘um pé (unidade de medida)’
636. OEN PIPA un pip ‘um tubo, cano, cachimbo, canudo’
637. OEN PLAKA un plaka ‘dinheiro, moeda, centavo’
638. OEN REAAL un riá ‘quantidade de dinheiro, 1 riá equivale a 15 centavos’
639. OEN VAAM, BRASSA —, un brasa ‘uma braça (seis pés)’

ESCOLA

640. ALABANZA alabansa ‘aprovação, elogio’
641. BOEKI buki ‘livro’
642. INKT — ‘tinta’
643. LÁKER lak ‘verniz’
644. LES lès ‘lição, aula’
645. LESSENAAR lèsenar ‘escrivantina’
646. MEESTER maestro/maestra ‘mestre/mestra, professor/professora’
647. OEN BANKI un banki ‘um banco, banqueta, banco de igreja’
648. OEN BLAADSJI un blachi ‘uma folha, página’
649. OEN BOEKI DI LEZA un buki di lesa ‘um livro didático, livro de leitura’
650. OEN DICIEPEL un disipel/disípulo ‘um discípulo, aluno’
651. OEN FOUT un fout ‘um erro’
652. OEN INKTPOT — ‘um tinteiro’
653. OEN LEI — ‘uma lousa’
654. OEN LETTER un lèter ‘uma letra’

655. OEN LINJAAL un liñal ‘uma régua’
656. OEN MEZA un mesa ‘uma mesa’
657. OEN MOETSJA DI SKOOL un mucha di skol ‘um estudante, aluno’
658. OEN PEN un pèn/pen ‘uma caneta’
659. OEN POTLOOD un pòtlot ‘um lápis’
660. OEN REKOMPENSA un rekompensa ‘uma recompensa, remuneração’
661. OEN SAMBÈTSJE un sambèchi ‘um canivete’
662. OEN SKRIF/SKRIFT un skref ‘um caderno, pastilha’
663. OEN SPLIKASJON un splikashon ‘uma explicação’
664. OEN SPONS un spòns ‘uma esponja’
665. OEN TRABAU un trabou ‘um trabalho, tarefa’
- JOGOS**
666. BILJART biar ‘bilhar, sinuca’
667. BLINDEMANNETJE — ‘cabra-cega’
668. DOMINÓ dominó ‘dominó’
669. GANA MANOE gana ‘ganhar’
670. GANÁSI ganashi ‘renda, lucros, ganho’
671. HOENGA KARTA hunga karta ‘jogar carta(s)’
672. KABOEJA kabuya ‘cabo, cordão, corda, linha’
673. KARÉDA kareda ‘1. corrida, 2. carreira, 3. linha, fila’
674. KÁPER — ‘pega-pega’
675. KARTA karta ‘carta(s)’
676. KEGEL (Curaçao) kegel ‘boliche’
677. LOTERIA/LOTO loteria ‘loteria’
678. MALBER malbu ‘bola de gude’
679. OEN BALLA DI HOENGA un bala di hunga ‘uma bola para brincar/jogar’
680. OEN BÁLLA un bala ‘uma bola’
681. OEN DAM un dam ‘um jogo de damas’
682. OEN DAMBORD un dambòrt ‘um tabuleiro de jogo de damas’
683. OEN DAU, DOBBELSTEEN un dou, — ‘um dado’

684. **OEN HOENGADOOR un hungadó** ‘um jogador’
685. **OEN KOREMENTOE DI KABAI un korida di kabai** ‘uma corrida de cavalos’
686. **OEN LOT un loto** ‘1. um ticket de loteria, 2. destino’
687. **OEN NADA un nada** ‘um nada/um zero’
688. **OEN NOEMER DI LOTERIA un number/número di loteria** ‘um bilhete de loteria’
689. **OEN PLEZIER un pleizi(r)/plaser** ‘um prazer, diversão’
690. **OEN POESTAMENTOE un pustamentu** ‘uma aposta’
691. **OEN RÁTEL** — ‘um tagarela’
692. **OEN SCHAAKBORD un skakbòrt** ‘um tabuleiro de xadrez’
693. **OEN SWIEP un zuip** ‘um chicote’
694. **OEN TIRAMENTOE un tiramentu** ‘um lançamento/arremesso’
695. **OEN TROM un tròm** ‘um pião’
696. **OEN VLIEG un fli** ‘uma pipa/papagaio’
697. **PÁLOE un palu** ‘bastão, pau, vara’
698. **PARTIEDA partida** ‘partido, grupo’
699. **PIËRDE pierdê/pièrdê** ‘perda’
700. **PRÉMI DI MAS HALTOE premio di mas haltu** ‘a última loteria/o prêmio mais alto’
701. **PROMEER DEN WÉGA promé den wega** ‘1. antecipadamente, 2. fazer algo antes do jogo’
702. **SCHAAK skak** ‘jogo de xadrez’
703. **TROEF** — ‘trunfo’
704. **WÉGA wega** ‘jogo’
705. **WÉGA DI KARTA wega di karta** ‘jogo de cartas’
706. **WÉGA DI SCHAAK wega di skak** ‘jogo de xadrez’
- CIDADE**
707. **DOEÄNA duana** ‘alfândega, aduana’
708. **HAAF (PA BARKOE) haf (pa barku)** ‘cais, porto (para barco)’
709. **HAL** — ‘hall, corredor’
710. **HOSPITAAL hòspital/hospital** ‘hospital’

711. **KAAS DI LÓKO** **kas di loko** ‘manicômio, hospício’
712. **KAAS DI WÉRFANO** **kas di wérfano/wérfana** ‘orfanato’
713. **KLIP** — ‘estaleiro’
714. **MARSJÉ** **marshé/marshe** ‘mercado’
715. **OEN BIRGER** — ‘um cidadão, civil’
716. **OEN BISIENJA un bisiña** ‘um vizinho/vizinha’
717. **OEN FÓRTI un fòrti** ‘um forte/muralha’
718. **OEN GRACHT** — ‘um canal’
719. **OEN HANGETSJI un hanchi** ‘um beco, viela, passagem estreita’
720. **OEN HENDE DI STAD un hende di stat** ‘1. um cidadão/cidadã, 2. pessoa que vive em uma cidade’
721. **OEN HENDE DI TEERA un hende di tera** ‘um nativo, aborígene’
722. **OEN HOTÈL un hotèl** ‘um hotel, albergue’
723. **OEN KÁJA un kaya** ‘uma rua’
724. **OEN KAPEL un kapèl** ‘uma capela’
725. **OEN KATEDRAAL un katedral** ‘uma catedral’
726. **OEN KERKI un kèrki** ‘uma igreja (protestante)’
727. **OEN KOMBENTOE un kombento** ‘um convento’
728. **OEN MIESA un misa** ‘1. uma igreja (católica), 2. missa’
729. **OEN MOELINA un mulina/molina** ‘um moinho, moenda’
730. **OEN PLEIN** — ‘uma praça’
731. **OEN SJAP un shap** ‘1. um bar, pub, taberna, 2. loja, pequena loja’
732. **OEN SKIENA un skina** ‘uma esquina’
733. **OEN SNOOGA un snoa** ‘uma sinagoga’
734. **OEN STAD un stat** ‘uma cidade’
735. **OEN TOREN un toren** ‘uma torre’
736. **POSKANTOOR pòstkantor** ‘correio’
737. **PRISON prizòn** ‘prisão’
- CAMPO**
738. **BAHÁR** — ‘depressão, encosta’

739. **BIEDA DI KOENOEKOE bida di kunuku** ‘vida no campo/fazenda’
740. **HARINJA (DI) HOELANDA hariña di Ulanda/Hulanda** ‘farinha de trigo’
741. **JEERBA SEKOE, PÁGA yerba seku**, — ‘erva seca, feno, palha’
742. **JEERBA/JERBA yerba** ‘erva, capim, grama’
743. **KAMINA/KAMIENA kamina/kaminda** ‘caminho, estrada, via, trilha’
744. **KOENOEKOE kunuku** ‘campo, área rural, fazenda’
745. **MAÏSJI TSJIKITOE maishi chikito/chikitu** ‘molho/maço de milho’
746. **MONDI mondi** ‘monte, terra não cultivada, floresta’
747. **OEN DAM** — ‘uma represa, barragem, tipo de dique’
748. **OEN DORP, PUËBLO** —, **un pueblo** ‘um povoado, aldeia, vilarejo’
749. **OEN GAROOSJI un garoshi** ‘uma carruagem, carroça’
750. **OEN HARK un harka** ‘um ancinho, rodo’
751. **OEN HENDE DI KOENOEKOE un hende di kunuku** ‘um camponês, fazendeiro, agricultor’
752. **OEN HOFFI un hòfi** ‘um jardim, horto’
753. **OEN KOENOEKOE un kunuku** ‘um lugar isolado/recluso’
754. **OEN MANGAZINA un mangasina** ‘um armazém, celeiro, depósito’
755. **OEN MONTON DI PALOE MAÏSJI un monton di palu maishi** ‘um monte de pé de milho’
756. **OEN PLANTADOOR un plantadó** ‘um lavrador, agricultor’
757. **OEN SABÁNA un sabana** ‘1. uma savana, pradaria, 2. lugarejo, povoado’
758. **OEN SERKAAR un serká** ‘um campo, cercado, pequena área cercada para objetivos agrícolas ou para manter os animais’
759. **OEN SIFTE un sefta/seftu** ‘uma peneira’
760. **OEN SKOP/SCHOP un skòp** ‘uma pá, pá de lixo’
761. **OEN TANKI un tanki** ‘um tanque, reservatório’
762. **OEN TAPOTESJI un tapushi** ‘um grupo/cacho de sementes de grão de sorgo’
763. **OEN TSJAPPI un chapi** ‘uma enxada’
764. **POENTA punta** ‘ponta, pico, extremidade’
765. **SALIENJA salíña** ‘salina’
766. **TEERA VLAK** — ‘planície, campo, descampado’

767. **TEMPOE DI KIBRA MAÏSJI** *tempo/tempu di kibra maishi* ‘tempo/época de colheita’
768. **TEMPOE DI PLANTA** *tempo/tempu di planta* ‘tempo/época de plantio’
769. **TRIEGO** *trigo* ‘trigo’
770. **WEI** — ‘campina, prado, grama, pasto, pastagem’
- VESTIMENTAS**
771. **ANGOEHA/ANGOEHA** *hangua/angua* ‘agulha’
772. **BLEK blèk** ‘graxa/verniz de sapato’
773. **BOETON** *boton* ‘botão’
774. **FENÉTA** *feneta* ‘alfinete, broche’
775. **HANDSCHOEN** *hanskun* ‘luva’
776. **KRAAG** *krag* ‘colarinho, gola’
777. **LERS** *lars* ‘bota, coturno’
778. **LINNEN, HILOE** *liña, hilu/ilu* ‘fio, linha’
779. **MÁNGA** *manga* ‘manga (de roupa)’
780. **MÉJA/MEEJA** *mea* ‘meia(s)’
781. **OEN BERSJI un bèshi/burshi** ‘uma bolsa, carteira, pequena bolsa de dinheiro’
782. **OEN BISTIER un bistí** ‘uma vestimenta’
783. **OEN BONÉTSJE un bonèchi** ‘um capô, gorro’
784. **OEN DASJI un dashi** ‘uma gravata’
785. **OEN DOOSJI’ SNEIF un doshi sneif/snùif** ‘uma caixa de rapé’
786. **OEN GARÓTI un garoti** ‘uma bengala, pau, bastão, vara’
787. **OEN GESP un hèspu** ‘uma fivela, fecho, colchete’
788. **OEN HORLÓSJI un holoshi/oloshi** ‘um relógio’
789. **OEN JAPON un yapon** ‘uma camisola, roupão feminino’
790. **OEN KAMIESA un kamisa** ‘uma camisa’
791. **OEN KARSON un karson** ‘uma calça’
792. **OEN LINSO/LINSOE un lensu** ‘um lenço’
793. **OEN MANTEL un mantel** ‘uma capa, manto, capote’
794. **OEN PEINJA un peña** ‘um pente’

795. **OEN PETSJE un pèchi** ‘um boné, boina, gorro’
796. **OEN PLOOI, DOBLÁ un ploi, doblá** ‘uma dobra, prega, ruga’
797. **OEN PREIK** — ‘uma peruca’
798. **OEN ROK** — ‘uma casaca (masculina)’
799. **OEN SJEMIES un shimis** ‘um vestido’
800. **OEN SJILET un zjilèt** ‘um colete, cardigã’
801. **OEN SOMBRÉ un sombré** ‘um chapéu’

802. **SAKKOE saku** ‘saco, pacote’

803. **SAPÁTOE sapatu** ‘sapato’

804. **SIENTA sinta** ‘faixa, cinta’

805. **VOERING** — ‘forro, revestimento interno’

SUBSTÂNCIAS/MATERIAIS

806. **BARÁNKa baranka** ‘pedra, rocha’

807. **BLIKKI bleki** ‘lata, folha (de metal)’

808. **GREIS greis** ‘cascalho, brita, arenito’

809. **HÉRO/HEROE heru** ‘ferro’

810. **KALKI kalki** ‘cal, calcário’

811. **KLEI klei** ‘argila, barro’

812. **KOPER koper** ‘cobre’

813. **KRIJT kreit** ‘giz’

814. **OEN MINA un mina** ‘uma mina, escavação’

815. **ORO oro** ‘ouro’

816. **PLATA plata** ‘prata’

817. **STOF stòf** ‘poeira, pó’

818. **TIN, STANJA tin, staña** ‘1. estanho, 2. solda’

819. **ZANTOE santu** ‘areia’

820. **ZWAVEL** — ‘enxofre’

GUERRA

821. **ALIANZA aliansa** ‘aliança’

822. **ARMA arma** ‘arma’

823. **BALINJA baliña** ‘bainha (de arma)’
824. **BRINGAMENTOE/BRIENGAMENTOE bringamentu** ‘briga, batalha, conflito, luta, combate’
825. **DEFENSA defensa** ‘defesa’
826. **ENEMIGO enemigu** ‘inimigo, adversário’
827. **GAI** — ‘preparada para disparar (arma)’
828. **OEN BANDÉRA un bandera** ‘uma bandeira’
829. **OEN FLETSJA un flecha** ‘uma flecha’
830. **OEN HERÍDA un herida/herido** ‘uma ferida, lesão, ferimento’
831. **OEN KANJON un kañon/kayon** ‘um canhão’
832. **OEN LANSA un lansa** ‘uma lança, arpão’
833. **OEN PISTOOL un pistol/pístolo** ‘uma pistola’
834. **OEN POENJAAL un puñá/puñal** ‘um punhal’
835. **OEN PRISONJÉRO un prizonero** ‘um prisioneiro’
836. **OEN SABEL, HOUWER un sabel**, — ‘um sabre (tipo de espada)’
837. **OEN SKOPET un skopèt/skòpèt** ‘uma espingarda, escopeta, rifle’
838. **OEN SOLDAAT un sòldá** ‘um soldado’
839. **OEN SPADA/SPÁDA un spada** ‘uma espada, lança’
840. **OEN TAMBOER un tambú/tambòr** ‘1. um tambor, 2. parte do revólver onde se colocam as balas’
841. **OEN TÍRO un tiro/tiru** ‘1. um tiro, bala, 2. pancada, golpe’
842. **OEN TRAIOR un traidó/traidor** ‘um traidor’
843. **PAZ pas** ‘paz’
844. **POLVO pòlbu** ‘pólvora’
- PROFISSÃO**
845. **OEN BODE un bode** ‘um mensageiro, office-boy’
846. **OEN DOKTER un dòkter** ‘um médico, doutor’
847. **OEN KARPINTEER un karpinté** ‘um carpinteiro’
848. **OEN KIJPER** — ‘um tanoeiro’
849. **OEN KOERTIDOOR un kurtidó** ‘um curtidor’
850. **OEN KOMERCIANTE un komersiante** ‘um comerciante’

851. **OEN MATADOOR un matadó** ‘um assassino, homicida’
 852. **OEN MESLAAR/METSELAAR un mèsla/mèslá** ‘um pedreiro’
 853. **OEN PISKADOOR un piskadó** ‘um pescador’
 854. **OEN SAPATEER un sapaté** ‘um sapateiro’
 855. **OEN SKILDER** — ‘um pintor’
 856. **OEN SMID un smet** ‘um ferrador’
 857. **OEN SNEIJER un sneiru** ‘um alfaiate, costureiro’
 858. **OEN TRAHADOOR un trahadó** ‘um trabalhador’
 859. **OEN WARDADOOR un wardadó** ‘um guarda, guardador, curador, pastor’

VIDA

860. **BAKOENÁ bakuna** ‘vacina’
 861. **BEGÉZA/BJEGÉSA behes/biehes** ‘velhice’
 862. **BIDA bida** ‘vida’
 863. **BIRAMENTOE biramentu** ‘vertigem, tontura’
 864. **BROEHÉRA LOKO bruera loko** ‘varicela, catapora’
 865. **BROEHÉRA bruera** ‘varíola’
 866. **DEHEEL dehel** ‘icterícia’
 867. **DEWÁTER dewater** ‘edema’
 868. **DOLOOR DI DJENTE doló di djente** ‘dor de dente’
 869. **DOLOOR DI KABES doló di kabes** ‘dor de cabeça’
 870. **DOLOOR doló** ‘dor’
 871. **GÉNERO HOEMANO género humano** ‘gênero humano’
 872. **HENDE hende** ‘gente, pessoa(s)’
 873. **HIK hik** ‘solução’
 874. **HOMBER hòmber** ‘homem’
 875. **JICHT** — ‘gota’
 876. **JIOENAN yunan/yiunan** ‘filhos’
 877. **KAËNTOERA HEEL keintura/kentura hel** ‘febre amarela’
 878. **KAËNTOERA/KAÏNTOERA keintura/kentura** ‘febre, quentura’
 879. **KAËNTOERA KORAAL keintura/kentura kòrà** ‘escarlatina’

880. **KAÏ FLAAUW** **kai flou** ‘ficar fraco, tonto, zonzo, desmaiar’
881. **KAÏ FOR DI É MEES** — ‘desmaiar, desfalecer’
882. **KALAFRIOE** **kalafriu** ‘arrepio, calafrio’
883. **KANKER** **kanker/kanser** ‘cancêr’
884. **KOERAMENTOE**, **SALOER** **kuramentu**, **salú** ‘cura, restabelecimento, recuperação’
885. **KRAMP** **kram** ‘cólica, dor abdominal, espasmo’
886. **LASTER** **laster** ‘lepra’
887. **MALOE DI PEETSJOE** **malu di pechu** ‘tuberculose’
888. **MALOE**, **ENFERMIDAD** **malu**, **enfermidat** ‘mal, doença, enfermidade’
889. **MORTO** **morto** ‘morte’
890. **NACEMENTOE** **nasementu** ‘nascimento’
891. **OEN HENDE BJEUW** **un hende bieu** ‘uma pessoa velha/idoso’
892. **OEN HINTSJAMENTOE** **un hinchamentu** ‘um inchamento, inchaço’
893. **OEN PÁPPA** **un papa** ‘uma papa, caldo, mingau’
894. **OEN PIJSJI** **un pishi** ‘uma úlcera, ferida, chaga’
895. **OEN VOMETIEF/VOMATIEF**, **VOMENTOOR** — ‘um vomitivo, que provoca vômito’
896. **PEGÁ** **pega** ‘infectar, contaminar’
897. **PESTE** **pèst** ‘peste, praga’
898. **SALOER** **salú** ‘saúde’
899. **SARÁMPI** **sarampi** ‘sarampo’
900. **SKORBUT** **skorbuto/eskorbuto** ‘escorbuto’
901. **SOEFRIMENTOE** **sufrimentu** ‘sofrimento’
902. **STIJPI** — ‘eclâmpsia, convulsão’
903. **TEM DI MOETSJA** **tempo/tempu di mucha** ‘infância’
904. **TOCEMENTOE** **tosementu** ‘tosse, ato de tossir’
905. **VERKOUD** **ferkout** ‘gripe, resfriado’
906. **VOMITO PRETOE** **vômito pretu** ‘vômito preto’
907. **YL eilu** ‘delírio’
- CORES**
908. **BÉRDE** **berdè/bèrdè** ‘verde’

909. **BLAAUW, AZOEL blou**, — ‘azul’

910. **BLANKOE blanku** ‘branco’

911. **BLEEK, BLIEKI blek** ‘pálido, lívido’

912. **BRUIN brùin** ‘marrom’

913. **CJINÍJSJI shinishi** ‘cinza’

914. **GEEL, (HEEL) hel** ‘amarelo’

915. **GRIJS** — ‘cinza’

916. **KORAAL kòrá** ‘vermelho’

917. **MORÁ** — ‘lilás, violeta’

918. **PRÉTOE pretu** ‘preto’

FERRAMENTAS

919. **OEN BARÉTA un barete** ‘uma alavanca, barra (de ferro)’

920. **OEN BEITEL un beitel/beitu** ‘um cinzel’

921. **OEN BOOR un bor** ‘uma broca, furadeira’

922. **OEN HAAK un hak** ‘um anzol, gancho’

923. **OEN HÁTSJA un hacha** ‘um machado’

924. **OEN KLÁBOE/KLABOE un klabu** ‘um prego, estaca’

925. **OEN KORKETREK un kòputrèk** ‘um saca-rolhas’

926. **OEN KRAMTSJE un kramchi/kranchi** ‘1. um grampo, 2. uma torneira’

927. **OEN MARTIN un martin** ‘um martelo’

928. **OEN MOKER un mòkel/mukel** ‘um malho (tipo de martelo)’

929. **OEN NIJPTANG un neiptan** ‘um alicate’

930. **OEN PIÈDRA (DI) MOELÁ un pieda/piedra mulá** ‘uma mó, rebolo (pedra para afiar instrumentos cortantes)’

931. **OEN PIEKI/PIEK un piki/pik** ‘1. um arpão, lança, 2. instrumento para quebrar superfícies duras’

932. **OEN PLOEG un plú/plug** ‘um arado’

933. **OEN RAD** — ‘uma roda, polia, guincho’

934. **OEN SKAAF un skaf** ‘um avião’

935. **OEN SKROEF un skruf** ‘um parafuso’

936. **OEN TSJOEMBO un chumbu** ‘1. uma ligação, fio de prumo, sonda, chumbo, 2. chumbo’
937. **OEN VIJLE, VYL un feilu** ‘uma lima, lixa’
938. **OEN ZAAG un zag** ‘uma serra’
—
939. **AROOS aros** ‘arroz’
940. **BERDOERA berdura** ‘verdura, vegetal’
941. **CÉRA, WAS sera, was** ‘cera, graxa’
942. **DREIF** — ‘pombo/pomba’
943. **ERT ertu/èrtu** ‘ervilha’
944. **FLOOR, FLORÁ flor, flora** ‘flor, florescimento’
945. **HARIENJA hariña** ‘farinha’
946. **HEINIG honi** ‘mel’
947. **KATOENA katuna** ‘algodão’
948. **KNOFLO konofló** ‘alho’
949. **MAAL TEMPOE mal tempo/tempu** ‘mal tempo’
950. **MAHOK mahòk** ‘mogno’
951. **OEN HOEMA** — ‘um chuveiro, garoa’
952. **OEN HOOS un hos** ‘um redemoinho de vento, tornado, tromba d’água’
953. **OEN NEETSJE/NEETJE un nechi/not** ‘uma noz, castanha’
954. **OEN PALOE DÁTOE un palu di dader** ‘uma tamareira/datileira’
955. **OEN PALOE GRANAAT un palu di granatapel/garnatapel** ‘uma romãzeira’
956. **OEN PALOE KATOENA un palu di katuna** ‘um algodoeiro’
957. **OEN PALOE KÓKO un palu di koko** ‘um coqueiro’
958. **OEN PALOE LARÁGA un palu di laraha** ‘uma laranjeira’
959. **OEN PALOE MISPEL un palu di mispel** ‘uma nespereira’
960. **OEN PALOE OLIJFI un palu di oleifi** ‘uma oliveira’
961. **OEN PALOE VIJGI un palu di figo/figu** ‘uma figueira’
962. **OEN PLAMIET/PALMIET un palma** ‘uma palma/palmeira, de onde se extrai o palmito’
963. **POESPAS puspas** ‘grãos amassados de cevada cozidos em água ou leite’

964. **RAAP** — ‘nabo’
965. **RAMENÁS** — ‘rabanete, rábano’
966. **ROOIBIET roibit** ‘beterraba’
967. **SALADA (DÍ) RIOE** — ‘agrião’
968. **SEMIJA simia** ‘semente’
969. **SJALOT** — ‘chalote (qualquer dos cultivares da cebola usado principalmente em conserva e como condimento e flores lilacíneas)’
970. **TEM DI AWA tempu/tempo di awa** ‘estação/período chuvoso (tempo de água)’
971. **WAJAKÁ wayaka/wayaká** ‘pau-santo, guiacum, guyacan, guáiaco (espécie de planta)’
—
972. **AWA NA WOWO awa di wowo** ‘lágrima(s)’
973. **BIESTA bista** ‘aspecto, vista, visão’
974. **BLANKOE DI WÓWO blanku di wowo** ‘esclerótica/esclera (branco do olho)’
975. **HALÁ, FREGA hala, frega** ‘esfregar, coçar, friccionar, massagear’
976. **HOEMOOR humor** ‘humor, gênio, temperamento’
977. **HOLOOR; HOLÉ holó; hole** ‘1. cheiro, odor, perfume, 2. cheirar’
978. **KAMPÁNA kampana** ‘úvula’
979. **KLIER klir** ‘glândula’
980. **OEN BÁNJO un baño** ‘1. um banho, 2. banheiro, lavabo (também)’
981. **OEN KIES un kis** ‘um dente molar’
982. **OEN KLISTEER, LAVATIVA un klister, labatiba** ‘um clister, lavagem intestinal por via retal’
983. **OEN LÁGRIMA un lágrima** ‘uma lágrima(s)’
984. **OEN PREGASI** — ‘uma catarse, purgante’
985. **OÏR, TENDEMENTOE oido, tendementu** ‘audição, ato de ouvir’
986. **REMÉDI remedi** ‘um remédio’
987. **SALIVA saliva** ‘saliva, cuspe’
988. **SMAAK, GOESTO smak, gustu** ‘sabor, paladar, gosto’
989. **SPRAAK, HÁBLA** —, **abla/ablá** ‘discurso, fala’
—

990. **AFEKSJON afekshon** ‘afeição’
991. **AMBICIOSO ambisioso** ‘ambicioso’
992. **AMISTAD amistat** ‘amizade’
993. **AMOR PROPIO amor propio** ‘amor próprio’
994. **AMOR, STIMASJON amor, stimashon** ‘amor, estima, afeição’
995. **ANSIA ansha** ‘aflição, angústia, ânsia’
996. **ATENCION atenshon** ‘atenção’
997. **BAGÉZA bahesa** ‘baixeza, vilania, mesquinharia’
998. **BALENTE balente** ‘bravo, valente’
999. **BANIDAD banidat** ‘vaidade’
1000. **BERGWÉNSA bergwensa/bèrgwensa** ‘vergonha, desgraça’
1001. **BONDAD bondat** ‘bondade’
1002. **DESOBEDECIDO desobedecido, desobediente** ‘desobediente’
1003. **DESPERASJON desesperashon** ‘desespero, desesperança’
1004. **DIGNO digno** ‘digno, respeitável’
1005. **DISGRACIA desgrasia** ‘desgraça, má sorte’
1006. **DISKONFIAR deskonfiansa** ‘desconfiança’
1007. **DISTRAKSJON distraishon** ‘distração, divertimento’
1008. **DWÉLE duele** ‘remorso, pena, lamento’
1009. **FIËL fiel** ‘fiel, leal’
1010. **FLOGEDAD flohedat** ‘lentidão, inércia, preguiça’
1011. **FOERIA furia** ‘fúria, raiva’
1012. **FOORZA forsa** ‘força, vigor’
1013. **FORTOENA fortuna** ‘fortuna (1. felicidade, boa sorte, sucesso, 2. dinheiro, riqueza)’
1014. **GLORIA gloria** ‘glória’
1015. **GRADICIMENTOE gradisimentu** ‘agradecimento’
1016. **GRANDESA grandesa** ‘grandeza’
1017. **INDIFERENCIA indiferensia** ‘indiferença’
1018. **INDIGNO indigno** ‘indigno’
1019. **INFIËL infiel** ‘infiel, desleal’

1020. **INOCENCIA inosensia** ‘inocência’
1021. **JALOERS yalurs** ‘ciumento, enciumado’
1022. **KABESOERA kabesura** ‘teimoso, cabeçudo, determinado’
1023. **KARITATIVO karitativo** ‘caridoso, beneficente’
1024. **KÉREMENTOE kerementu** ‘crença, fé’
1025. **KODÍCI kudishi** ‘cobiça, avidez, inveja’
1026. **KOERÁSI, ANIMO kurashi, ánimo** ‘coragem, ânimo’
1027. **KONFIANZA konfiansa** ‘confiança’
1028. **KONSTANTE, FIERME konstante, firme** ‘constante, firme, perseverante, obstinado’
1029. **KRIANZA kriansa** ‘criação, educação’
1030. **KRUELDAD krueldat** ‘crueldade’
1031. **KWIDADO/KWIDAU kuidou** ‘cuidado’
1032. **LEGRIA, KONTENTOE legria, —** ‘alegria, contentamento’
1033. **LOKOERA lokura** ‘loucura’
1034. **MALDAD maldat** ‘maldade’
1035. **MALICIA malisia** ‘maldade, malevolência, malícia’
1036. **MANSEDOEMBRE mansidumbre** ‘mansidão, docilidade’
1037. **MANSO/MÁN SO mansu** ‘manso, gentil, delicado, domesticado’
1038. **MIËDOE miedo/miedu** ‘medo, fobia’
1039. **MISERICORDIA miserikòrdia/mizerikòrdia** ‘misericórdia’
1040. **NETSJE nèchi** ‘1. limpo, puro, 2. agradável, legal, bonito’
1041. **NIESKIER —** ‘curioso, ansioso’
1042. **OBEDECIDO obedesidu** ‘obediente, dócil’
1043. **OBEDIËNCIA obediensia** ‘obediência’
1044. **OEN AKSJON un akshon** ‘uma ação’
1045. **OEN DISKWIDO un deskuido** ‘um descuido’
1046. **OEN FABOOR un fabor** ‘um favor’
1047. **OEN FALTA, ERROOR un falta, eror** ‘uma falta, falha, erro’
1048. **OEN FIAMENTOE un fiamentu** ‘um empréstimo’

1049. **OEN KASTIGO un kastigo/kastigu** ‘um castigo, punição’
1050. **OEN LADRONIA un ladronisia** ‘um roubo, furto, assalto (à mão armada)’
1051. **OEN LOEBIDAMENTOE un lubidamentu** ‘um esquecimento’
1052. **OEN MATAMENTOE un matamentu** ‘um assassinato, homicídio, ato de matar’
1053. **OEN MENTÍRA un mentira/mintira** ‘uma mentira’
1054. **OEN NOBO un nobo** ‘uma notícia(s), novidade(s)’
1055. **OEN OFENSA, INSULTO un ofensa, insulto** ‘um insulto, ofensa, afronta’
1056. **OEN PAGAMENTOE un pagamentu** ‘um pagamento’
1057. **OEN SIRBIESJI un sirbishi** ‘um serviço’
1058. **OEN TROKAMENTOE un trokamentu** ‘uma troca’
1059. **ORGOELJO orguyo** ‘orgulho’
1060. **PASJON pashon** ‘paixão, desejo’
1061. **PRUDENCIA prudensia** ‘prudência’
1062. **RÁBIA rabia** ‘raiva, ira’
1063. **RECONCILIASJON rekonsiliashon** ‘reconciliação’
1064. **SABIDOERĪA sabiduria** ‘sabedoria’
1065. **SANTIDAD santidat** ‘santidade’
1066. **SIN KOERASI, SIN ANIMO sin kurashi, sin ánimo** ‘desencorajado, desanimado’
1067. **SIN KWENTA, DISKWIDAR sin kuenta, deskuidá** ‘despreocupado, sem cuidado’
1068. **SIN MIĒDO, BALENTE sin miedo, balente** ‘bravo, audacioso, valente’
1069. **SINTIER sintí** ‘mente, razão, intelecto, sentido, pensamento, senso, compreensão’
1070. **SOBERBIA soberbia** ‘soberba’
1071. **SOESJI sushi/shushi** ‘1. lixo, sujeira, fezes, 2. sujo, encardido, imundo’
1072. **SPANTOE spantu** ‘espanto, choque’
1073. **SPERANSA/SPERANZA speransa** ‘esperança’
1074. **SUPERSTICION superstishon** ‘superstição’
1075. **TRAICION traishon** ‘traição’
1076. **TRASTOE trastu** ‘fingido, dissimulado, ardiloso, astuto’
1077. **TRISTÉSA, AFLIKSJON tristesa, aflikshon** ‘tristeza, aflição, dor’

1078. **VINGANZA/VINGANSA** *vengansa/bengansa* ‘vingança’

—

1079. **DROP, DRUP** *drep/drèp* ‘1. pingo, gota, 2. pingar, gotejar’

1080. **GOEMA** *guma/goma* ‘1. goma (para passar roupas), 2. borracha, 3. prótese’

1081. **GOM** *gòm* ‘goma, cola, borracha’

1082. **HABON** *habon* ‘sabão’

1083. **INDIGO** *índigo* ‘índigo (de cor azul)’

1084. **LIJM** *leim* ‘cola’

1085. **SKIM** — ‘1. mofo, bolor, 2. forma, molde’

1086. **VITRIOEL** *vitriol* ‘vitríolo (sulfatos, especialmente o ácido sulfúrico)’

1087. **VROES** *frus/frusto* ‘ferrugem, oxidação’

CAVALO

1088. **GALÓPI** *halòp/galòp* ‘galope’

1089. **KAMNA PAS** *ka(m)na* ‘caminhar, andar’

1090. **OEN FRÉNA** *un frena* ‘um freio’

1091. **OEN GOELIFEER** *un gulufera/gorofera* ‘um aparato/cinturão para colocar em cima de animais (como cavalo, jegue, entre outros) abaixo do rabo antes da cela e que auxilia na frenagem’

1092. **OEN KAMNADOOR** *un kanadó* ‘um caminhador, caminhante’

1093. **OEN RIEMPI** — ‘uma cinta, cinto, correia, tira de couro’

1094. **OEN SIEJA** *un sia* ‘um arreio, sela’

1095. **OEN SIENTSJA** *un chincha* ‘uma cilha/cincha (para cavalos e bestas/jumentos/burros)’

1096. **OEN SJES** *un shèrs* ‘uma carruagem, vagão’

1097. **OEN WAGEN** *un wagen/waha/wagòn* ‘um vagão, carroça’

1098. **ROSKAM** *ròskam* ‘pente com dentes de plásticos ou borracha usado em cavalos’

1099. **SJABRÁK** *shabrak* ‘roupa/pano que se põe em cima do arreio/sela do cavalo’

1100. **STAP, PASSO** *stap, paso* ‘passo, pisada’

1101. **STRIBO** *stribu/tribo* ‘estribo’

1102. **TROTÁ** *tròt* ‘trotar, correr devagar’

DIFERENTES NOMES FLEXIONADOS

1103. **ABRIR** *habrí* ‘aberto’

1104. **AMARGO amargo** ‘amargo’
1105. **BARÁTO/BARÁTA barata** ‘barato’
1106. **BASJÍ bashí** ‘1. vazio, 2. quebrado (sem dinheiro)’
1107. **BAU, ABAU bou, abou** ‘embaixo, abaixo, para baixo’
1108. **BEJÁKO, SKUW beako/beaku**, — ‘1. assombrado, assustado, 2. tímido’
1109. **BELEEFD** — ‘gentil, educado, com boas maneiras’
1110. **BERTUOSO birtuoso/virtuoso** ‘virtuoso’
1111. **BJEUW bieu** ‘velho, antigo’
1112. **BÓBO bobo** ‘bobo, tolo, idiota’
1113. **BOEFON** — ‘cômico, engraçado, burlesco, caricato, desdenhoso’
1114. **BOERATSJO burachi** ‘bêbado, embriagado’
1115. **BON bon** ‘bom’
1116. **BONÁSO** — ‘amável, gentil, de bom coração’
1117. **BONITO bunita** ‘bonito, belo’
1118. **BROEHAR bruá/bruhá** ‘misturado, confuso’
1119. **BROETO bruto/brutu** ‘bruto, grosseiro, áspero’
1120. **DELEGÁ, DELEGAAR delegá** ‘delgado, esguio’
1121. **DESGRACIADO desgrasiado** ‘desgraçado, infeliz’
1122. **DIBBEL dōbel** ‘duplicado, duplo’
1123. **DIEKI diki** ‘gordo, corpulento’
1124. **DISGOESTAR disgustá** ‘desgostoso, aborrecido’
1125. **DOEDOSO dudoso** ‘duvidoso, dúvida’
1126. **DOERO duru** ‘duro, difícil, severo, estrito’
1127. **DOESJI dushi** ‘1. doce, 2. gentil, 3. delicioso, 4. legal’
1128. **DOLOROSO doloroso** ‘doloroso’
1129. **DRIFTE** — ‘irritadiço, irritável, raivoso’
1130. **ETERNO eterno** ‘eterno’
1131. **FAVORABEL faborabel/favorabel** ‘favorável’
1132. **FLÁKO flaku** ‘magro, fino, delgado, esguio’
1133. **FLOGO floho** ‘preguiçoso, lento’

1134. **FORTOENAR fortuná** ‘afortunado, sortudo’
1135. **FRESKO fresku** ‘fresco, novo, puro’
1136. **GAAGO gagu** ‘gago’
1137. **GLAD** — ‘plano, liso’
1138. **GOELOOS golos/goloso** ‘guloso’
1139. **GRADECIDO gradesido/gradisidu** ‘agradecido’
1140. **GRANDI grandi** ‘grande’
1141. **GROF, BROETO gròf, bruto/brutu** ‘grosseiro, bruto, rude’
1142. **HALTO halto/haltu/alto/altu** ‘alto’
1143. **HANTSJO anchu/hanchu** ‘amplo, largo’
1144. **HEERS hers/hùrs** ‘rouco’
1145. **HEETSJO hechu** ‘maduro, perfeito, no ponto’
1146. **HELDER** — ‘1. claro, puro, 2. calmo, sereno’
1147. **HINTEER henté/henter** ‘inteiro, completo’
1148. **HOEMILDE humilde/umilde** ‘humilde’
1149. **HOENDO hundu** ‘fundo, profundo’
1150. **HOESTO hustu** ‘justo, sensato’
1151. **HOL, FOFO hòl, fofo** ‘oco, vazio’
1152. **IGWAAL, PAREUW igual, pareu** ‘igual, semelhante’
1153. **IMPOSIBEL impusibel/imposibel** ‘impossível’
1154. **IMPRUDENTE imprudente** ‘imprudente’
1155. **INDECENTE indesente** ‘indecente’
1156. **INFAAM** — ‘infame’
1157. **INMORTAL inmortal** ‘imortal’
1158. **INOCENTE inosente** ‘inocente’
1159. **KAAL** — ‘calvo, careca’
1160. **KALMO, BEDAARD kalmu/kalma, bedaru/bedar** ‘calmo, tranquilo’
1161. **KALOOR, KAJENTE kalor, kayente** ‘calor, quente, caloroso’
1162. **KARO/KARÁ kara (Aruba)/karo/karu** ‘caro, custoso’
1163. **KETO, SOSEGAR ketu, sosegá** ‘quieto, sossegado’

1164. **KOE POENTA** **ku punta** ‘pontudo, com ponta’
1165. **KOELPABEL** **kulpabel** ‘culpável’
1166. **KOESTOEMÁR/KOESTOEMAAR** **kustumbrá** ‘acostumado, comum, usual’
1167. **KONTENTOE** **kontentu/kontento** ‘contente, feliz’
1168. **KORKOBÁ** **korkobá** ‘curvado, inclinado’
1169. **KORTÍKOE** **kòrtiko/kòrtiku/kortiku** ‘curto, pequeno’
1170. **KRUEL** **kruel** ‘cruel’
1171. **LAF, KOBARDE** **laf, kobarde** ‘covarde, medroso’
1172. **LAM** **lam** ‘capenga, coxo’
1173. **LARGO** **largu** ‘comprido, longo’
1174. **LAUW** **lou** ‘morno, tépido’
1175. **LIGEER, (LIHÉ)** **lihé** ‘1. rápido, ágil, 2. simples, fácil’
1176. **LOKO/LÓKO** **loko** ‘1. bobo, idiota, 2. louco, insano’
1177. **MALAGRADECIDO** **malagradesidu/malagradesí** ‘mal-agradecido, ingrato’
1178. **MALOE, ENFERMO** **malu, enfermo** ‘mal, doente, enfermo’
1179. **MALOE** **malu** ‘mau, ruim’
1180. **MALOEKO** **maluku** ‘perverso, travesso, malcriado, desobediente’
1181. **MANKARÓN** **mankaron** ‘deficiente, imperfeito, deformado’
1182. **MEJOR/MEJOOR** **mihó** ‘melhor’
1183. **MIËDOSO** **miedoso** ‘medroso, receoso’
1184. **MISERABEL** **mizerabel/miserabel** ‘miserável’
1185. **MISKIENJA** **meskiña/miskiña** ‘mesquinho, avarento’
1186. **MOLESTO** **molestioso/molestoso** ‘difícil, inconveniente, estressante’
1187. **MOLLI/MÓLI** **moli** ‘mole, macio, suave’
1188. **MÓZA/MOZA, MOETSJA** **mosa, mucha** ‘criança’
1189. **NOBO** **nobo** ‘novo’
1190. **NOEHAAR** **nuá/nuhá** ‘enfurecido, raivoso’
1191. **PARTIKOELAAR** **partikular** ‘particular’
1192. **PEJOR** **pior/pió** ‘pior’
1193. **PERTAR** **pertá/pèrtá** ‘apertado’

1194. **PISAAR pisá** ‘pesado’
1195. **POBER pober** ‘pobre’
1196. **PODEROSO poderoso** ‘poderoso’
1197. **POERO, LIEMPI puro/puru, limpi** ‘puro, limpo’
1198. **POSIBEL posibel/pusibel** ‘possível’
1199. **PROBETSJOSO probechoso** ‘proveitoso, útil, benéfico’
1200. **RABIAR rabiá** ‘furioso, raivoso, zangado’
1201. **RELIGIOSO religioso** ‘religioso’
1202. **RIKO/RIEKOE riku** ‘rico, abundante’
1203. **RONDOOR rondó** ‘1. redondo, circular, 2. ao redor, aproximadamente’
1204. **SABIER sabí** ‘sabido, esperto, capaz’
1205. **SANTO santu** ‘santo’
1206. **SEKO seku** ‘seco, enxuto’
1207. **SEKRETO sekreto/sekretu** ‘1. secreto, confidencial, 2. segredo’
1208. **SENSIBEL sensibel** ‘sensível’
1209. **SERAAR será** ‘fechado’
1210. **SIGOER sigur** ‘seguro, certo’
1211. **SKEEF** — ‘oblíquo, diagonal, enviesado’
1212. **SKEINS skeins/skein/skûin** ‘de soslaio, torto, enviesado, de esguelha’
1213. **SKERPI skerpi** ‘1. afiado, pontiagudo, 2. agudo, incisivo’
1214. **SOBERBE, ORGOELJOSO soberbè/soberbio, orguyoso** ‘soberbo, orgulhoso’
1215. **SOEKOER sukú** ‘escuro, obscuro’
1216. **SOERDO sordo/surdu** ‘surdo’
1217. **STERKI, DOERO sterki/stêrki, duru** ‘forte, duro, sólido’
1218. **STIJF** — ‘rígido, tesó’
1219. **STOM, MOEDA muda, mudo/mudu (Aruba)** ‘mudo, calado’
1220. **TEMERARIO** — ‘temerário, audacioso’
1221. **TRABAGOSO trabahoso** ‘difícil, trabalhoso’
1222. **TRISTOE tristu** ‘triste’
1223. **TROEBEL turbel** ‘turvo, nebuloso’

1224. **TSJIKÍTO chikito/chikitu** ‘pequeno’
1225. **VASTE, FIRME** —, **firme** ‘firme, seguro’
1226. **VERDRIET** — ‘triste, doloroso’
1227. **VOGT, MOEHAAR** —, **muhá** ‘molhado’
1228. **VREPOST** ‘1. atrevido, audacioso, 2. relaxado, despreocupado’
1229. **ZIER zür/zir** ‘ácido, azedo’
1230. **ZWAK, DÉBIL suak, debil/débil** ‘débil, fraco’
- ADVÉRBIOS, CONJUNÇÕES ETC.**
1231. **ABAU, BAU abou, bou** ‘embaixo, para baixo, abaixo’
1232. **ADEN, DEN aden/den, denter** ‘em, dentro (de)’
1233. **ADILANTI adelante** ‘adiante’
1234. **AFOR, FOR afó, for di/fo’i** ‘fora, para fora’
1235. **AÏNDA ainda** ‘ainda’
1236. **AJA BANDA aya banda** ‘por ali, ao redor de lá’
1237. **AJA, AJI aya/ayá** ‘ali, lá’
1238. **AKI BANDA akibanda/aki banda** ‘por aqui’
1239. **AKI aki/akí** ‘aqui’
1240. **ANTO antó, anto** ‘então’
1241. **ARIBA ariba/riba** ‘acima, para cima, em cima’
1242. **AWOOR awor/awó** ‘agora’
1243. **BASTA basta** ‘bastante, suficiente’
1244. **BIËN, WEL bien, wèl** ‘bom, bem’
1245. **CIRKA serka/seka** ‘próximo, perto de’
1246. **DESPUES/DESPOËS despues** ‘depois’
1247. **DI ACIRKA** (aserka: in addition) **di serka** ‘próximo, perto de’
1248. **DI AKI PA DILANTI di aki pa dilanti** ‘daqui para frente, daqui em diante’
1249. **DI NOBO di nobo** ‘de novo, outra vez’
1250. **DI RIPIËNTE dirip(i)ente** ‘de repente, subitamente’
1251. **DILANTI dilanti** ‘diante (de), em frente (de)’

1252. **DRETSJE/DRETSJI drechi** ‘1. direito/direita (lado), 2. direito, íntegro, correto, 3. diretamente, corretamente’
1253. **DWARS duars** ‘diagonal, oblíquo’
1254. **ENFIN enfin** ‘enfim, de qualquer modo’
1255. **FALTA POKO** — ‘quase (falta pouco)’
1256. **FOR (Ó) DES DI/DESDI... for òf desde** ‘de, desde’
1257. **HENTERAMENTE henteramente** ‘inteiramente, totalmente’
1258. **KABA, YA kaba, ya** ‘já’
1259. **KÉTO/KETOE ketu** ‘quieto, silencioso, de forma quieta’
1260. **KI TEM ki tempo/tempu** ‘quando’
1261. **KOE DIOS SOE PODEER** — ‘com a ajuda de Deus/pelo poder de Deus’
1262. **KOE GOESTOE** — ‘com muito prazer, de bom grado’
1263. **KOM/KOMO kon** ‘como’
1264. **KWANTOE kuantu** ‘quanto(s)’
1265. **LAAT lat** ‘tarde’
1266. **LARGO TEMPO largu tempo/tempu** ‘muito tempo’
1267. **LEUW leu** ‘longe, distante’
1268. **MAS mas** ‘mais’
1269. **MASJAR BÉ masha/mashá be/bes** ‘muitas vezes, muito frequentemente’
1270. **MASJAR masha, mashá** ‘muito’
1271. **MEJOOR mihó** ‘melhor, de preferência’
1272. **MENOS ménos** ‘menos’
1273. **MOETSJOE BÉ/MOETSJOE BÉS muchu be/bes** ‘muitas vezes, frequentemente’
1274. **MOETSJOE muchu** ‘muito, bastante’
1275. **NA (Ó) KOE TEMPOE na tempo/tempu** ‘pontual, no tempo’
1276. **NA MITAAR na mitá/mitar** ‘na metade’
1277. **NA TOER BANDA na tur banda** ‘em todo lugar, em toda a parte’
1278. **NADA nada** ‘nada’
1279. **NINGOEN KAMINA ningun/niun kamina/kaminda** ‘nenhum lugar (caminho)’
1280. **NO MAS no/nò mas** ‘não mais’

1281. **NO no, nò** ‘não’
1282. **OEN BANDA un banda** ‘um lado’
1283. **OEN DIA un dia** ‘um dia, uma vez’
1284. **OEN KAMINA un kamina/kaminda** ‘um lugar, qualquer lugar (caminho)’
1285. **OENBÉ/OENBÉS unbes/unabes** ‘logo, sem demora’
1286. **OENDA unda** ‘onde’
1287. **OTRO DIA otro dia** ‘outro dia, recentemente’
1288. **OTRO KAMINA otro kamina/kaminda** ‘outro lugar (caminho)’
1289. **PA TRAS pa tras** ‘para trás, de volta’
1290. **PODESER/PODISER podisé** ‘talvez’
1291. **POKO BÉ poko be/bes** ‘poucas vezes, raramente’
1292. **POKO poko** ‘pouco’
1293. **PRÉS** — ‘em breve, cedo, logo’
1294. **PROMÉ/PROMEER promé** ‘primeiro’
1295. **ROBES robes** ‘esquerdo, errado, reverso’
1296. **SEMPER semper** ‘sempre’
1297. **SIN STOP sin stòp** ‘sem parar’
1298. **SINO sino** ‘senão, do contrário’
1299. **SOLAMENTE solamente** ‘somente, apenas, exceto que’
1300. **TAMBÉ tambe** ‘também’
1301. **TANTOE tantu** ‘1. tanto, muito, 2. enquanto, desde que’
1302. **TÉ te** ‘até’
1303. **TEMPRAN tempran/trempan** ‘cedo’
1304. **TOER tur** ‘tudo, todo(s)’
-
1305. **AFIN KOE, PA KOE** —, **pa ku** ‘a fim de que, para que’
1306. **APESAR KOE apesar ku** ‘apesar de, embora, a despeito de’
1307. **ASINA PRES KOE asina ku** ‘logo que, assim que’
1308. **KOMO, YA KOE komo, ya ku** ‘como, já que’
1309. **MA ma** ‘mas, porém’

1310. **MAS KOE maske** ‘embora, apesar de, a despeito de’

1311. **MIËNTRA miéntras** ‘enquanto isso’

1312. **O/Ó/Ô òf** ‘ou’

1313. **ORA KOE ora ku** ‘quando’

1314. **PASOBRA pasobra** ‘porque’

1315. **SI si** ‘se, em caso de’

1316. **TANTEM KOE tanten** ‘enquanto, durante um tempo’

1317. **TOCH tòg** ‘apesar disso, não obstante, aliás’

—

1318. **SEA KOE sea** ‘seja... seja, ou... ou’

—

1319. **BANDA DI banda di** ‘próximo a, perto de’

1320. **DENTER denter/dentro di** ‘em, dentro (de)’

1321. **KOE ku** ‘1. com, 2. que, quem’

1322. **KONTRA kontra** ‘contra’

1323. **NA na** ‘ao, em, por, para, dentro’

1324. **PA pa** ‘para, por’

1325. **SIN sin** ‘sem’

1326. **TOKANTE tokante** ‘tocante a, no que diz respeito a, quanto a’

VERBOS

1327. **ABOESA abusá/abuzá** ‘abusar, maltratar’

1328. **ABRI (DIA) habri (dia)** ‘abrir, começar (o dia)’

1329. **ABRI (HABRI), HABRI habri** ‘abrir, difundir, estender, ampliar’

1330. **ABRI FO’I OTRO (FOR DI) habri fo’i (for di) otro** ‘rasgar, romper’

1331. **ADMIRÁ atmirá** ‘admirar (1. surpreender, 2. estimar)’

1332. **ADMITI atmití** ‘admitir, permitir’

1333. **ADORA adorá** ‘adorar’

1334. **AFLIGI afilihí** ‘afligir, atormentar’

1335. **ANOTA/ANOTÁ, SKIERBI, TOEMA NOTA anotá, skirbi, tuma nota** ‘anotar, escrever, registrar, tomar nota’

1336. **APRECIÁ, HACI KAUSA apresíá, hasi kousa** ‘apreciar’

1337. **ASISTI, SISTI asistí** ‘assistir, ajudar, auxiliar’
1338. **ATRIBUI atribuí** ‘atribuir, designar’
1339. **AUMENTA, BIRA MAS HOOPI oumentá, bira mas hopi** ‘aumentar, elevar, ampliar’
1340. **AVANSA avansá/vansa (Curaçao)** ‘avançar, adiantar’
1341. **BAAL, TENÉ BALOOR bal, tene balor/baló** ‘1. valer, ter valor, ser digno de, 2. custar (pode se referir a um valor tanto material quanto emocional)’
1342. **BAHA BANDÉRA (STRIJK) baha bandera** ‘baixar a bandeira’
1343. **BAHA PA... baha** ‘ser inferior’
1344. **BAHA, KALMÁ baha, kalma** ‘acalmar, tranquilizar, aliviar, sossegar’
1345. **BAHA, MODERA, TEMPLA baha, moderá, templa** ‘moderar, suavizar, aliviar’
1346. **BAHA/BAHÁ baha** ‘1. afundar, abaixar, reduzir, 2. baixar, descer’
1347. **BAI bai** ‘ir’
1348. **BAM ban** ‘vamos’
1349. **BALIA baila/balia** ‘bailar, dançar’
1350. **BALOEWÁ baluá** ‘1. valorizar, apreciar, 2. orçar, avaliar, estimar’
1351. **BANJA baña** ‘banhar(-se), tomar banho’
1352. **BARKÁ barka** ‘embarcar, iniciar’
1353. **BARRI bari** ‘1. varrer, 2. limpar’
1354. **BASJA ABAU basha abou** ‘desmoronar, ruir, arruinar(-se)’
1355. **BASJA ADEN** — ‘derramar, verter’
1356. **BASJA basha** ‘1. derramar, verter, despejar, 2. esvaziar’
1357. **BATI (NA) bati (na)** ‘bater, pulsar, golpear’
1358. **BATI KLOK bati klòk** ‘bater/badalar/dobrar o sino’
1359. **BATI KOE... bati** ‘bater, acertar’
1360. **BATI MANOE bati man** ‘aplaudir, bater palmas’
1361. **BATI TAMBOER bati tambòr/tambú** ‘rufar (bater tambor)’
1362. **BATI bati** ‘1. bater, pulsar, surrar, 2. pisar, socar, amassar, 3. golpear, armar’
1363. **BATIZA batisá** ‘batizar’
1364. **BEBÉ, MAMÁ bebe, mama** ‘mamar, chupar, sugar’

1365. **BEBÉ** **bebe** ‘beber’
1366. **BENDE KOE...** **bende** ‘vender’
1367. **BENDISJONÀ** **bendishoná** ‘abençoar, bendizer’
1368. **BENTÁ** **benta** ‘1. arejar, ventilar, 2. catar, escolher’
1369. **BEPAAL** **bepal** ‘1. definir, determinar, estipular, 2. apontar, designar’
1370. **BIAGÁ, BAI DI BIÁGE** **biaha, bai di biahe** ‘viajar, ir de viagem’
1371. **BIBA DI NOBO** — ‘reavivar, reanimar, ressucitar’
1372. **BIEBA/BIEBÁ** **biba** ‘1. viver, 2. morar, residir, habitar’
1373. **BIERA FLOGO** **bira floho** ‘desfalecer, enfraquecer, ficar lerdo/preguiçoso’
1374. **BIERA HEERS** **bira hers/hûrs** ‘ficar rouco’
1375. **BIERA MANSOE** **bira mansu** ‘virar/tornar manso’
1376. **BIERA MOEHAR, MOEHÁ** **bira muhá, muha** ‘ficar molhado’
1377. **BIERA PIËDRA** **bira piedra/piedra** ‘petrificar, virar pedra’
1378. **BIERA SOESJI** **bira shushi/sushi** ‘ficar sujo’
1379. **BIERA STIJF** — ‘enrijecer, ficar duro/rígido’
1380. **BIERA WILD** — ‘virar selvagem’
1381. **BIERA ZIER** **bira zür/zir** ‘estar/ficar/virar ácido/azedo’
1382. **BIERA ZWAK** **bira suak** ‘atenuar, enfraquecer, debilitar, fragilizar’
1383. **BIERA, BROEHA** **bira, brua/bruha** ‘1. agitar, incitar, bater, sacudir, girar, 2. misturar, mesclar, 3. mover, mexer’
1384. **BIERA, DOBLA** **bira, dobra** ‘virar, dobrar, inclinar, curvar, voltar’
1385. **BIERA, DRAAI ROND** **bira, drai/drei rondó** ‘virar, girar, rodar, rodopiar’
1386. **BIERA** **bira** ‘virar (1. tornar(-se), transformar(-se), ficar, 2. volver, contornar, voltar(-se))’
1387. **BIESA DILANTI** **bisa dilanti** ‘predizer, profetizar, prever’
1388. **BIESA Ó PAPIA MES KOS** **bisa ôf papia meskos** ‘repetir, reiterar, falar a mesma coisa’
1389. **BIESA, PAPIA** **bisa, papia** ‘dizer, falar, afirmar’
1390. **BIESTI ROUW** **bisti rou** ‘lamentar, sofrer, estar de luto’
1391. **BIESTI** **bisti** ‘vestir(-se), calçar(-se)’
1392. **BINI HOENTO** **bini huntu** ‘reunir, juntar, colher, por junto’

1393. **BINI/BIEN bini** ‘vir’
1394. **BISJITA bishitá** ‘visitar’
1395. **BLANTSJÀ blancha** ‘1. branquear, 2. purificar’
1396. **BLASFEMÁ, KIETA HONOR blasfemá, kita honor/onor** ‘1. blasfemar, praguejar, 2. tirar a honra’
1397. **BLIEKA/(DI BLIJKEN)? blikia** ‘1. branquear, alvejar, embranquecer, 2. murchar, enfraquecer, desmaiar’
1398. **BLOKEÁ blòkia** ‘bloquear, obstruir’
1399. **BOEFONA/BOEFONÁ, HACI BOEFON bofoná, hasi bofon** ‘parodiar, imitar, caçoar, zombar’
1400. **BOELA, SALTA (OVER) bula, salta** ‘pular, saltar’
1401. **BOELA bula** ‘1. soprar, 2. explodir, detonar, 3. voar, flutuar’
1402. **BOESKA, STOEDIA buska, studia** ‘esforçar-se, procurar, batalhar’
1403. **BOESKA buska** ‘1. buscar, procurar, 2. conseguir, obter’
1404. **BOET, PAGA but, paga** ‘recuperar, consertar, emendar, remendar’
1405. **BOETA ATENCION (HACI) (Ó TINO) buta atenshon (hasi) (ôf tino/tinu)** ‘dar atenção, prestar atenção, ficar atento’
1406. **BOLBÉ (TROBÉ) bolbe (atrobe)** ‘regressar, retornar’
1407. **BOLBÉ, BIERA/BIERÁ bolbe, bira** ‘virar, volver, voltar, regressar, retroceder’
1408. **BOOS TA GRIETA bos ta zona** ‘trovejar’
1409. **BORÁ bora** ‘furar, perfurar, abrir buraco’
1410. **BORDUUR bòrda** ‘bordar, adornar’
1411. **BOROTÁ/BOROTA borotá** ‘1. fazer barulho, alvoroçar, bagunçar, discutir ruidosamente, 2. enfurecer(-se), ficar com raiva, enraivec(-se), 3. zumbir, zunir’
1412. **BRASSÁ brasa** ‘abraçar’
1413. **BRIENGA (KONTRA) bringa (kontra)** ‘brigar, lutar, combater’
1414. **BRINGA, COMBATI bringa, kombatí** ‘brigar, combater, lutar, competir’
1415. **BROEHA brua/bruha** ‘1. enredar, enrolar, misturar, combinar, amalgamar, 2. confundir, desarrumar’
1416. **BROMÁ broma** ‘gabar-se, vangloriar-se, alardear(-se)’
1417. **BRONGWENZÁ brongonsá** ‘embaraçar, constranger, envergonhar’
1418. **BUK bùk** ‘corcovar(-se), curvar(-se), inclinar(-se)’

1419. **CALOMNIÁ kalumniá** ‘caluniar, difamar’
1420. **CELEBRA celebrá** ‘celebrar’
1421. **CENDÉ, PEGA sende, pega** ‘acender, iluminar’
1422. **CIVILIZA sivilisá** ‘civilizar’
1423. **COMBINI/KOMBINI, PAS kombení/kombiní/kumbiní, pas** ‘convir, ser conveniente, servir (a um propósito)’
1424. **COMETÉ kometé** ‘cometer, dedicar, realizar’
1425. **COMPONÉ komponé** ‘compor’
1426. **COMPORTA komportá** ‘comportar(-se)’
1427. **COMPRENDE/KOMPRENDE, VERSTAAN komprendé (Aruba)/komprondé,** — ‘compreender, entender’
1428. **CONFESA, DECLARA konfesá, deklará** ‘1. confessar, admitir, 2. declarar, afirmar’
1429. **CONFIA/CONFIÁ konfia** ‘confiar’
1430. **CONFIRMA konfirmá** ‘confirmar’
1431. **CONFORMA/CONFORMÁ konformá** ‘conformar, adaptar(-se), ajustar, ordenar’
1432. **CONSEGA/KONSEGA, DOENA KONSÉGO konsehá, duna konseho** ‘1. aconselhar, persuadir, dar conselho(s), 2. acometer, assaltar, atacar’
1433. **CONSENTI, PERMITI konsentí, permití** ‘consentir, permitir’
1434. **CONSERBÁ konserbá/konservá** ‘conservar’
1435. **CONSIDERA konsiderá** ‘considerar’
1436. **CONSPIRA konspirá** ‘conspirar, tramar’
1437. **CONTRARIÁ kontrariá** ‘contrariar, opor(-se)’
1438. **CONTRIBUI kontribuí** ‘contribuir’
1439. **COPIÁ kopia** ‘copiar’
1440. **CORRIGI, CRITICÁ/KRITIKA korehí, kritiká** ‘corrigir, criticar, censurar’
1441. **CORROEMPI, DANJA korumpí, dañá** ‘corromper, deturpar, destruir, arruinar, estragar’
1442. **DAGVAAR dagfar** ‘intimar, convocar’
1443. **DANJA/DANJÁ, HACI DANJO NA..., COROMPI dañá, hasi daño, korumpí** ‘estragar, danificar, causar dano a, corromper, arruinar, destruir’
1444. **DAUW** — ‘orvalhar’

1445. **DEBARCA desembarká** ‘desembarcar’
1446. **DECIDÍ disidí** ‘decidir, resolver, determinar’
1447. **DECLARA deklará** ‘declarar, afirmar’
1448. **DEERA dera** ‘enterrar’
1449. **DEFENDÉ defendé** ‘proteger, defender’
1450. **DELIBERÁ deliberá** ‘deliberar’
1451. **DEMPEL dèmpel** ‘inserir, preencher (vala, poço ou reservatório) com terra’
1452. **DERRAMA (DRAMA) drama** ‘derramar, verter’
1453. **DESAJOENA, ALMORZA desayuná, almorsá** ‘tomar café da manhã, almoçar’
1454. **DESAJOENÁ desayuná** ‘desiludir, desencantar’
1455. **DESAPROBÁ desaprobá** ‘desaprovar’
1456. **DESEA MASJAR deseá masha/mashá** ‘1. desejar, ansiar, 2. ter saudades’
1457. **DESEA/DESEÁ deseá** ‘desejar, querer’
1458. **DESEA deseá** ‘pendurar, enganchar, enforcar’
1459. **DESESPERÁ desesperá** ‘desesperar(-se)’
1460. **DESKANSA deskansá** ‘descansar, relaxar’
1461. **DESKARGA/DISCARGA deskargá** ‘descarregar, esvaziar, liberar’
1462. **DESKONOCÉ/DISCONOCÉ, NINGA, DISMENTI desconosé, nenga/ninga, desmentí** ‘1. desconhecer, 2. negar, recusar, rejeitar, desmentir’
1463. **DESMAYÁ desmayá** ‘desmaiar, desfalecer’
1464. **DESNOEDA, ABRI desnudá, habri** ‘despir’
1465. **DESONRA desonrá** ‘desonrar’
1466. **DESPRECIA/DESPRECIÁ despresiá** ‘desprezar, depreciar’
1467. **DESTINA destiná** ‘destinar, intentar’
1468. **DIERTI dirti** ‘derreter, degelar’
1469. **DIFERENCIÁ diferensiá** ‘diferenciar, diferir’
1470. **DILATÁ** — ‘dilatar, ampliar, expandir’
1471. **DISCOESTOEMA/DISKOESTOEMÁ diskustumbrá** ‘desacostumar(-se), quebrar um hábito’
1472. **DISCONFIA desconfiá** ‘desconfiar, suspeitar’

1473. **DISGOESTÁ desgustá/disgustá** ‘repugnar, desgostar, desagradar’
1474. **DISIMULÁ disimulá** ‘dissimular, fingir’
1475. **DISKAI deskai** ‘arruinar, acuar, declinar, deteriorar, decair, enfraquecer’
1476. **DISKOE Bri deskubrí/diskubrí** ‘1. descobrir, achar, 2. detectar, surpreender’
1477. **DISKWIDA, NEGLISJA deskuidá, neglighá** ‘ignorar, descuidar, negligenciar’
1478. **DISMINUI, MINGUÁ/MENGWA disminuí, mengua** ‘diminuir, minguar’
1479. **DISPARCÉ/DISPARECÉ disparsé** ‘desaparecer’
1480. **DISPONÉ disponé** ‘estar à disposição de, estar disponível’
1481. **DISTINGI distinguí** ‘distinguir, diferenciar’
1482. **DISTROEWI (DRISTOEWI) destruí** ‘destruir, aniquilar, dilapidar, gastar’
1483. **DISTROEWI PLAKA destruí plaka** ‘desperdiçar dinheiro’
1484. **DOBBEL** — ‘apostar, jogar dado’
1485. **DOBLA dobla** ‘dobrar, curvar, pregar’
1486. **DOEDA/DOEDÁ, TENÉ DOEDA duda, tene duda** ‘duvidar, questionar, hesitar, vacilar’
1487. **DOENA CORREKSION duna korekshon** ‘advertir, repreender’
1488. **DOENA DI KOMÉ duna di kome** ‘alimentar, nutrir (dar de comer)’
1489. **DOENA KOLOOR duna koló** ‘dar cor, colorir, pintar’
1490. **DOENA KWERDA duna kuerdè/kuèrdè** ‘dar corda (em relógio)’
1491. **DOENA NOTICIA duna notisia** ‘mencionar, informar, reportar’
1492. **DOENA PA BIEN duna pabien** ‘felicitar, desejar/querer a felicidade/boa sorte’
1493. **DOENA PODEER duna poder** ‘dar poder’
1494. **DOENA PREFERENCIA duna preferensia** ‘dar preferência’
1495. **DOENA SATISFAKSJON duna satisfakshon** ‘dar satisfação’
1496. **DOENA, OFRECÉ duna, ofresé** ‘dar, oferecer’
1497. **DOERA, CONTINUÁ dura, kontinuá** ‘durar, persistir, continuar’
1498. **DOMINÁ dominá** ‘dominar’
1499. **DORÁ dora** ‘dourar’
1500. **DRETSJÁ drecha** ‘equipar, aparelhar’
1501. **DREIG, MENAZA/MENAZÁ** —, **menasá** ‘ameaçar’

1502. **DRENTA drenta** ‘entrar’
1503. **DRIEF drif** ‘ser levado pela corrente, derivar, flutuar, boiar’
1504. **DROEMI ABAU drumi** ‘deitar(-se), reclinar-se’
1505. **DROEMI drumi** ‘1. deitar, repousar, 2. dormir’
1506. **DRUK drùk** ‘imprimir, publicar’
1507. **EKCITA, MANDA eksitá, manda** ‘1. excitar, estimular, 2. mandar’
1508. **EKSELLÉ eksedé** ‘exceder, superar, sobressair’
1509. **EKSIGI, KOBRA eksigí, kobra** ‘exigir, requerer, requisitar, cobrar’
1510. **EKSORTA, VERMAAN eksortá, —** ‘advertir, prevenir’
1511. **ENTREGA entregá** ‘1. entregar, fornecer, 2. entregar-se, render-se’
1512. **ERF —** ‘herdar’
1513. **ESKLAMA, (SKLAMÁ) sklama** ‘exclamar, gritar’
1514. **ESPERIMENTA eksperimentá** ‘experimentar, tentar’
1515. **ESPONÉ, RIESKA eksponé, riska** ‘expor, arriscar(-se)’
1516. **ESPRIMI, PRIMI —** ‘exprimir, expressar’
1517. **ESTIMA, APRECIA stima, apresiá** ‘estimar, apreciar (bastante), amar’
1518. **EVITA, HOEWI evitá, hui** ‘evitar, expulsar, prevenir, impedir’
1519. **EXISTI eksistí** ‘existir’
1520. **EXITA insitá** ‘incitar, estimular’
1521. **FADA/FADÁ, BIERA FADAR, TERG fada, bira fadá, tèt** ‘1. irritar, enfadar, fatigar, ficar chato/enfadonho, 2. aborrecer, incomodar, importunar, afligir’
1522. **FALSIFIKA falsifiká** ‘falsificar, forjar, adulterar’
1523. **FALTA, SIENTI OF TENÉ FÁLTA falta, sinti òf tene falta** ‘faltar, carecer, sentir falta’
1524. **FALTA falta** ‘carecer, faltar, falhar’
1525. **FALTA falta** ‘repousar as mãos violentamente’
1526. **FASTIÁ fastia** ‘repugnar, ficar nauseado, enjoado’
1527. **FATIGÁ fatigá** ‘fatigar, cansar’
1528. **FAVORECÉ faboresé/favoresé** ‘favorecer’
1529. **FAYA faya** ‘falhar, errar’

1530. **FIA PLAKA ARIBA...**, **FIA PLAKA fia plaka** ‘emprestar dinheiro (para)’
1531. **FIÁ fia** ‘emprestar, pegar emprestado’
1532. **FIÁ fia** ‘enfiar, enlaçar’
1533. **FIERMA/FIERMÁ (NUMBER)**, **PONE FIERMA firma (nòmber)**, **pone firma** ‘assinar, autografar’
1534. **FIGOERA figurá** ‘figurar, calcular, deduzir, interpretar’
1535. **FIRMA, TEEKEN firma, tek** ‘1. assinar, autografar, 2. contar nos dedos, pôr ok, 3. desenhar, rascunhar, delinear’
1536. **FLORÁ flora/floria** ‘florescer, desabrochar’
1537. **FLUIT fleit/flùit** ‘assobiar, zumbir, flautear’
1538. **FOELA fula** ‘sentir, acariciar, apalpar, tocar’
1539. **FOORSA/FOORZÁ, DWINGE fòrsa**, — ‘forçar, coagir, obrigar, compelir, requerer’
1540. **FORMÁ forma** ‘formar, constituir, configurar, moldar’
1541. **FREGA frega** ‘limpar esfregando’
1542. **FRENÁ frena** ‘frear, deter(-se), conter’
1543. **FRESKA freska** ‘refrescar’
1544. **FRĪA/FRIA fria** ‘esfriar, resfriar, refrescar’
1545. **GABA gaba** ‘gabar(-se), vangloriar(-se)’
1546. **GANA gana** ‘vencer, ganhar, lucrar’
1547. **GANA PLAKA gana plaka** ‘ganhar dinheiro’
1548. **GANJA, SAKA MENTIERA gaña, saka mentira/mintira** ‘enganar, mentir, contar uma mentira, trair’
1549. **GASTA, KOMÉ gasta, kome** ‘digerir, desgastar, corroer’
1550. **GASTA gasta** ‘usar, consumir, desgastar, gastar (de uso)’
1551. **GLORIÁ, BROMA gloria, broma** ‘gabar-se, vangloriar-se, alardear(-se)’
1552. **GOBERNA/GOEBERNA, REINÁ goberná, reina** ‘governar, reinar’
1553. **GOELI guli** ‘engolir, devorar, digerir’
1554. **GOESTA, COMPLACÉ gusta, komplasé** ‘gostar, apreciar, agradar, satisfazer, aprazer’
1555. **GOESTA, SMAAK gusta, smak** ‘saborear, degustar, experimentar’
1556. **GOZA gosa** ‘divertir(-se), gozar’

1557. **GRABATA grawatá** ‘esgaravatar, coçar, arranhar’
1558. **GRADICI gradisí** ‘agradecer’
1559. **GRIETA, DAAL GRIETO grita/guièrta, dal grito/gritu** ‘gritar, dar um grito’
1560. **GRIETA, GIÈRTA grita/guièrta** ‘1. gritar, chamar, 2. choramingar (grito da ovelha)’
1561. **GRIETA grita/guièrta** ‘gritar, chamar’
1562. **GROENJÁ gruña** ‘rosnar, grunhir, resmungar, zumbir’
1563. **HAAP hap** ‘bocejar, abrir a boca’
1564. **HABRAKA habraká** ‘1. mutilar/arruinar (uma língua), 2. despedaçar, rasgar, romper’
1565. **HABRI NA HERIDA habri na herida** ‘tocar na ferida’
1566. **HACI (OFICI), EGERCÉ hasi (fishi/ofishi), ehersé/ehersitá** ‘exercer, praticar’
1567. **HACI ANJA hasi aña** ‘fazer aniversário’
1568. **HACI BASJÍ hasi bashí** ‘esvaziar, tornar vazio’
1569. **HACI BIËNTO, SOEPLÁ hasi bientu, supla** ‘soprar, assoar, ventar (fazer vento)’
1570. **HACI BOEFON hasi bofon** ‘parodiar, imitar, caçoar, zombar’
1571. **HACI BON hasi bon** ‘favorecer, beneficiar, fazer o bem’
1572. **HACI DANJO Ó MALO hasi daño òf malu** ‘causar dano, ferir, estragar, danificar’
1573. **HACI DWEE (DWÉLE) hasi due (duele)** ‘causar dor, doer’
1574. **HACI GASTO hasi gastu** ‘financiar (ter gasto)’
1575. **HACI KARIENJO hasi kariño** ‘acariciar, afagar, fazer carinho’
1576. **HACI KAUSA** — ‘cuidar, olhar, zelar’
1577. **HACI MAS GRANDI hasi mas grandi** ‘aumentar, avolumar, tornar maior’
1578. **HACI MOETSJOE POERÁ hasi muchu purá** ‘apressar(-se)’
1579. **HACI MÓLI hasi moli** ‘amolecer’
1580. **HACI PARÀ hasi pará** ‘parar, cessar’
1581. **HACI PAREUW (Ó GELIJK) hasi pareu** ‘tornar igual, semelhante’
1582. **HACI PERKOERASJON hasi perkurashon** ‘ter cuidado/interesse/preocupação’
1583. **HACI POERÁR/POERÁ/POERAAR, LIGEER hasi purá, lihé** ‘apressar(-se)’
1584. **HACI SEINJA hasi seña/señal** ‘sinalizar, dar um sinal’

1585. **HACI WÁRDA hasi warda** ‘fazer/manter guarda’
1586. **HACI, TRAHA hasi, traha** ‘fazer, trabalhar’
1587. **HAJA TROBÉ haya/haña atrobe** ‘recuperar, readquirir’
1588. **HAJA, GANA haya/haña, gana** ‘conseguir, obter, adquirir, ganhar’
1589. **HAJA haya/haña** ‘achar, conseguir, receber, descobrir, encontrar’
1590. **HALA LEETSJI hala lechi** ‘tirar leite, ordenhar’
1591. **HALA OEN BANDA hala un banda** ‘desaparecer, sumir’
1592. **HALA ROSEA hala rosea** ‘respirar, pegar fôlego’
1593. **HALÁ, AGONIZÁ hala, agonisá** ‘agonizar, estar morrendo’
1594. **HALA hala** ‘1. puxar, arrastar, mover, 2. desenhar, traçar, riscar’
1595. **HALZA halsa** ‘alçar, erguer, levantar, elevar’
1596. **HANTSJÁ hancha** ‘ampliar, alargar’
1597. **HARI hari** ‘rir’
1598. **HARMA Ó BOESKÁ GEERA harma/arma òf buska guera** ‘procurar/buscar briga/discussão, discórdia’
1599. **HARMÁ harma/arma** ‘armar, erguer, montar, estabelecer, reforçar’
1600. **HAZÁ hasa** ‘assar, fritar (na panela)’
1601. **HEERA KAMINA hera kamina/kaminda** ‘desviar-se, perder/errar o caminho’
1602. **HEERA hera** ‘errar, falhar, cometer erro(s)’
1603. **HEETSJÁ hecha** ‘amadurecer’
1604. **HEFTÁ hêft/hêftu** ‘coser, costurar’
1605. **HENDÉ** — ‘fender, cortar, rachar’
1606. **HEREBÉ herebé** ‘ferver, cozer/cozinhar’
1607. **HERIDÁ heridá** ‘ferir, machucar, lesar’
1608. **HIEBA hiba** ‘1. carregar, levar, conduzir, 2. tomar, apanhar, erguer, catar, arranjar, ter’
1609. **HIELA hila** ‘emaranhar, fiar, afilar’
1610. **HIENKA BAU DI AWA hinka bou di awa** ‘imersir, submergir, afundar’
1611. **HIENKA/HINKA RODIEJA [ABAU] hinka rudia [abou]** ‘ajoelhar(-se)’
1612. **HIENKA hinka** ‘1. picar, fincar, furar, 2. plantar’

1613. **HIENTSJA, REIS hinchá, reis** ‘inchar, distender’
1614. **HIEZA, LAMANTA hisa, lamta/lanta** ‘levantar, içar, elevar, suspender, erguer’
1615. **HINKA, PASSA DEUR hinka, pasa dir di** ‘1. picar, fincar, furar, 2. ajoelhar-se’
1616. **HOEMA humá** ‘fumar’
1617. **HOEMILJA humiliá/humiyá/umiyá** ‘humilhar, rebaixar’
1618. **HOENGA hunga** ‘jogar, representar, atuar’
1619. **HOENTA Ariba OTRO hunta ariba/riba otro** ‘acumular, empilhar, juntar (um sobre o outro)’
1620. **HOENTA, BINI HOENTOE hunta, bini huntu** ‘juntar, unir, reunir, combinar’
1621. **HOENTA, FREGA hunta, frega** ‘1. engraxar, lustrar, 2. esfregar, friccionar, coçar’
1622. **HOENTA hunta** ‘1. agregar, unir, reunir, juntar, amontoar, 2. untar, ungir, lambuzar’
1623. **HOERA, HACI HOERAMENTOUE hura, hasi hura mentu** ‘jurar, prestar/fazer juramento’
1624. **HOESTA husta** ‘estipular, estabelecer condições, insistir em (preço)’
1625. **HOESTIFIKA hustifiká** ‘justificar’
1626. **HOEWI FOR hui** ‘evitar, banir, expulsar, renegar’
1627. **HOEWI/HOEWÍ hui** ‘escapar, fugir’
1628. **HOEZGA husga/huzga** ‘julgar’
1629. **HOGÁ hoga** ‘afogar(-se), submergir’
1630. **HOLÉ (STINKI) hole/ole stinki** ‘feder, ter um mau cheiro’
1631. **HOLÉ hole/ole** ‘cheirar, ter odor’
1632. **HONRA, REGALÁ honra/onra, regalá** ‘adorar, venerar, honrar, homenagear’
1633. **HORTA, ROBÁ hòrta, roba** ‘roubar, furtar’
1634. **HOUW, KORTA —, kòrta** ‘cortar, picar’
1635. **HUUR [HIER] (KOE...) hür (ku)** ‘alugar, arrendar, locar’
1636. **IGWALÁ igualá** ‘igualar’
1637. **IJL, DELIRÁ —, delirá** ‘delirar’
1638. **IMITA, SIEGÍ imitá, sigui** ‘imitar, seguir’
1639. **INDIGNÁ indigná** ‘indignar, irritar, exasperar’
1640. **INSPIRÁ inspirá** ‘inspirar’

1641. **INSTIGA instigá** ‘instigar’
1642. **INSTITUWI instituí** ‘1. instituir, estabelecer, 2. começar, 3. ajustar’
1643. **INVENTÁ/INVENTA inventá** ‘inventar’
1644. **INVOKA invoká** ‘invocar’
1645. **JAAG yag** ‘caçar, perseguir’
1646. **JAMA [NUMBER] yama [nòmber]** ‘chamar (1. nomear, mencionar, 2. convocar, intimar, 3. gritar, bradar)’
1647. **JAMA ADEN** — ‘negar, reparar, restaurar’
1648. **JAMA TROBÉ, REVOCÁ yama atrobe, revoká** ‘revogar, cancelar, anular’
1649. **JEENA/JENA, HACI JEEN yena, hasi yen** ‘preencher, encher, tornar cheio, abastecer, completar’
1650. **JEGA (NA TEERA) yega (na tera)** ‘pousar, aterrisar, desembarcar’
1651. **JEGA CIRKA yega serka/seka** ‘chegar perto, aproximar(-se), avançar’
1652. **JEGA, TOKA (NA) yega, toka (na)** ‘passar, expandir, chegar, atingir, levar’
1653. **JEGA/JEGÁ (NA) yega (na)** ‘chegar, alcançar’
1654. **JOBÉ yobe** ‘chover’
1655. **JOEDA, ASISTI, ALIVIÁ yuda, asistí, aliviá** ‘aliviar, facilitar’
1656. **JOEDA, SIESTI yuda, asistí** ‘apoiar, recostar, sustentar’
1657. **JOEDA yuda** ‘1. ajudar, 2. apoiar, recostar, sustentar’
1658. **JORA (PA) yora** ‘chorar, lamentar, prantear, estar triste/pesaroso, gemer’
1659. **KABA KOE..., RANKA kaba ku..., ranka** ‘exterminar, extinguir, abolir, dizimar’
1660. **KABA KOE... kaba ku...** ‘acabar com’
1661. **KABA TRABAUW kaba trabou** ‘acabar/completar o trabalho’
1662. **KABA kaba** ‘acabar, finalizar’
1663. **KAI/KAĭ kai** ‘cair’
1664. **KAIBOKA kiboká** ‘ficar em silêncio’
1665. **KAJENTÁ keinta/kenta** ‘aquecer, esquentar’
1666. **KALKOELA kalkulá** ‘calcular, medir’
1667. **KALMÁ, BEDAAR kalma, bedar/bedaru** ‘acalmar, tranquilizar, aliviar, sossegar’
1668. **KAMNA/KAMNÁ kamna/kana** ‘caminhar, andar’

1669. **KANSA SOE KOERPA kansa su/bo kurpa** ‘trabalhar duro/arduamente, fatigar-se, esforçar-se’
1670. **KANSA/KANSÁ, BIERA KANSAR kansa, bira kansá** ‘1. cansar, fatigar, 2. ficar cansado’
1671. **KANTA kanta** ‘cantar, entoar’
1672. **KAP kap** ‘1. cortar, picar, talhar, 2. abaixar, cair’
1673. **KARGA MOETSJOE karga muchu** ‘sobrecarregar’
1674. **KARGA Ó TRESÉ HOENTOE karga òf trese huntu** ‘carregar/trazer junto’
1675. **KARGA, TRANSPORTA karga, transportá** ‘transportar, carregar’
1676. **KARGA karga** ‘1. carregar, levar, sustentar, 2. pôr carga em’
1677. **KASKÁ kaska** ‘descascar’
1678. **KASSA kasa** ‘casar(-se)’
1679. **KASTIGA, STRAF kastigá, straf** ‘castigar, punir’
1680. **KAUSÁ/KAUSA kousa** ‘causar, fazer acontecer’
1681. **KAUW kou** ‘mastigar, mascar’
1682. **KEDA STOM keda stòm** ‘ficar em silêncio’
1683. **KEEDA ATRAS keda atras** ‘ficar para trás’
1684. **KEEDA SOBRÁ** — ‘permanecer, restar’
1685. **KEEDA, FIEKA keda**, — ‘permanecer, ficar, estar’
1686. **KEEDA, TARDÁ keda, tarda** ‘permanecer, demorar(-se), tardar’
1687. **KEEGA/KEGA (KEHÁ) keha** ‘1. reclamar, lastimar(-se), lamentar(-se), ter pena de si, queixar(-se), 2. gemer’
1688. **KEERÉ/KERÉ kere** ‘crer, acreditar’
1689. **KEGA, KLAAG keha**, — ‘acusar, denunciar’
1690. **KEIJER** — ‘andar, passear, perambular’
1691. **KEUR kùr** ‘inspecionar, fiscalizar, examinar, investigar’
1692. **KIEBRA (PIEDA PIEDA) kibra (na pida pida)** ‘quebrar, partir, destruir’
1693. **KIEBRA, (PERDÉ) BARKOE kibra, (perdè/pèrdè) barku** ‘sofrer naufrágio, naufragar’
1694. **KIEBRA, SKEER kibra, sker** ‘quebrar, partir, fender, rachar, romper’
1695. **KIEBRA kibra** ‘quebrar’

1696. **KIEER MIHOOR, PREFERÁ ke/kier/kièr/ker mihó, preferá** ‘querer preferencialmente/preferivelmente, preferir’
1697. **KIEER ke/kier/kièr/ker** ‘querer’
1698. **KIEMA kima** ‘queimar’
1699. **KIESJIKI kishikí** ‘fazer cócegar, sentir coçando’
1700. **KIETA (BARBA), (LANA) kita (barba), (lana)** ‘barbear(-se), fazer a barba’
1701. **KIETA (FOR DI KAMIENA) kita (for di kamina/kaminda)** ‘esvaziar, desocupar’
1702. **KIETA FO’I (FOR DI) LOEGAR kita fo’i (for di) lugá** ‘mover/mudar (de lugar)’
1703. **KIETA LEETSJI kita lechi** ‘desmamar’
1704. **KIETA PANJA kita paña** ‘despir(-se), tirar a roupa’
1705. **KIETA kita** ‘tirar, remover, retirar(-se), eliminar’
1706. **KINIPÍ/KINIPI kinipí** ‘beliscar’
1707. **KLABA klabá** ‘apreender, pregar’
1708. **KOBA AFOOR koba afó** ‘cavar, escavar’
1709. **KOBA koba** ‘cavar, escavar, fazer buraco’
1710. **KOBRÁ kobra** ‘coletar, cobrar, arrecadar (impostos)’
1711. **KODICEÁ, HACI KODICI kudishá, hasi kudishi** ‘invejar, cobiçar, ter inveja’
1712. **KOELPA kulpa** ‘culpar, condenar’
1713. **KOEMIENSA/KOEMIENZA kuminsá** ‘1. começar, 2. empreender’
1714. **KOEMPLI KOE..., HACÍ kumpli ku..., hasi** ‘cumprir com, fazer’
1715. **KOEMPLI KOE... kumpli ku...** ‘cumprir, executar, concluir, realizar’
1716. **KOEMPLI kumpli** ‘cumprir, satisfazer’
1717. **KOEMPRA kumpra** ‘comprar’
1718. **KOERA, SANÁ kura, sana** ‘curar, sarar, sanar’
1719. **KOERASJÁ kurashá** ‘encorajar’
1720. **KOESÁ, (AKOESA) akusá** ‘acusar’
1721. **KOESJINÁ kushiná** ‘cozinhar’
1722. **KOESTOEMÁ/KOESTOEMAAR, (TA) Ó TENÉ KOESTOEMBER kustumbrá, (ta) òf tene kustumber/kustumbra** ‘acostumar-se, estar acostumado, ter costume’
1723. **KOGA/KOGÁ, KAMNA OEN BANDA koha, kamna/kana un banda** ‘coxear, capengar, mancar’

1724. **KOHÉ (ARIBA) (DEN) kohe (ariba) (den)** ‘surpreender, pegar desprevinido’
1725. **KOHE (FOR...) kohe** ‘montar, reunir, juntar, coletar, recolher, pegar’
1726. **KOHÉ kohe** ‘1. buscar, trazer, levar, colher, coletar, tomar, pegar, 2. agarrar, prender, apossar-se, segurar’
1727. **KOLOGA kologá** ‘1. balançar, pendurar, pender, 2. enforcar’
1728. **KOMBIDÁ, NOOI kombidá, noi** ‘chamar, convidar’
1729. **KOMBINCI kombensé/konvensé** ‘convencer, persuadir’
1730. **KOMBINI, HOESTA KOE... kombení/kombiní/kumbiní, husta ku...** ‘concordar (com), convir, condizer, combinar, corresponder’
1731. **KOMÉ BASTA kome basta** ‘satisfazer, saturar (comer bastante/o suficiente)’
1732. **KOMÉ, MORDÉ kome, morde** ‘roer, morder, beliscar’
1733. **KOMÉ kome** ‘comer’
1734. **KOMPANJÁ, KOMPANJA kompañá** ‘1. acompanhar, coabitar, amasiar, 2. conduzir, guiar’
1735. **KOMPARÁ kompará** ‘comparar(-se)’
1736. **KOMPENSA kompensá** ‘compensar, ressarcir’
1737. **KONFIÁ Ariba... konfia ariba...** ‘contar com, confiar’
1738. **KONOCÉ konosé** ‘conhecer’
1739. **KONOPÁ/KONOPÉ konopá** ‘amarrar’
1740. **KONSOLA konsolá** ‘consolar, confortar’
1741. **KONSULTA konsultá** ‘consultar’
1742. **KONTA Ariba konta ariba/riba** ‘calcular, contar’
1743. **KONTA, COMUNICA konta, komuniká** ‘dizer, contar, comunicar’
1744. **KONTA konta** ‘contar (1. narrar, dizer, 2. calcular)’
1745. **KONTRA (KOE), TOPÁ kontra (ku), topa** ‘encontrar(-se), deparar(-se), topar’
1746. **KONTRÁ kontra** ‘encontrar’
1747. **KORDA, PENSA kòrda, pensa** ‘recordar, lembrar, pensar’
1748. **KORDA, REKORDA kòrda, rekordá/rekòrdá** ‘recordar(-se), lembrar(-se)’
1749. **KORONÁ koroná** ‘coroar’
1750. **KORRÉ KOE... kore/kuri ku** ‘expulsar, expelir, afugentar, repelir, afastar, ejetar’
1751. **KORRÉ SANGER kore/kuri sanger** ‘sangrar’

1752. **KORRÉ, KOERÍ kore/kuri** ‘brotar, correr, fluir’
1753. **KORRIGI, MENDRA korehí**, — ‘melhorar, aperfeiçoar, aprimorar’
1754. **KORTA (NA DOS) kòrta (na dos)** ‘cortar, podar’
1755. **KORTA, SNOEI kòrta, snui** ‘cortar, retalhar, podar, reduzir’
1756. **KOSÉ kose** ‘coser, costurar, suturar’
1757. **KOSTÁ kosta** ‘custar’
1758. **KRAAK krak** ‘quebrar, fraturar, romper, rachar’
1759. **KRECÉ, AUMENTA krese, oumentá** ‘crescer, aumentar’
1760. **KRECÉ krese** ‘crescer, cultivar’
1761. **KRIA, MANTENÉ kria, mantené** ‘alimentar, nutrir, sustentar’
1762. **KRIA, TRAHA kria, traha** ‘criar, produzir’
1763. **KRIA kria** ‘1. criar (educar), 2. criar (cultivar), 3. mimar, afagar’
1764. **KRIMP** — ‘reduzir, diminuir’
1765. **KUAHA (LEETSJI) kuaha (lechi)** ‘coalhar, coagular’
1766. **KOEMIENDÁ kumindá** ‘cumprimentar’
1767. **KWIDA/KWIDÁ, PERKOERA PA... kuida, perkurá/pèrkurá pa...** ‘cuidar, preocupar-se, tomar conta, guardar, proteger, zelar’
1768. **LAAF** — ‘refrescar, restaurar, atualizar’
1769. **LABA laba** ‘lavar, banhar’
1770. **LAMANTA FOR DI SONJO lamta/lanta for di soño** ‘acordar (levantar do sono)’
1771. **LAMANTA MAS lamta/lanta mas** ‘levantar, aumentar, elevar, amplificar’
1772. **LAMANTA, HIEZA lamta/lanta, hisa** ‘levantar, içar, elevar, suspender’
1773. **LAMANTA lamta/lanta** ‘1. acordar, despertar, 2. levantar (estimular, suscitar, incitar), 3. levantar (içar, elevar, suspender), 4. pegar, tomar’
1774. **LANDA landa** ‘nadar’
1775. **LARGA [ATRAS] larga [atras]** ‘excluir, omitir, negligenciar (deixar para trás)’
1776. **LARGA PASSA larga pasa** ‘admitir, permitir, deixar passar, deixar para trás’
1777. **LARGA, (A) BANDONA larga, bandoná** ‘deixar, largar, abandonar’
1778. **LARGA larga** ‘1. largar, deixar, sair, 2. permitir’
1779. **LAS las/lasa** ‘(en)laçar, articular, soldar’

1780. **LASTRA lastra** ‘1. arrastar (rebocar, rastejar, puxar), 2. arrastar-se (demorar)’
1781. **LEGRÁ, MOENSTRA CONTENTO alegrá, mustra kontentu/kontento** ‘alegrar(-se), mostrar-se feliz, contente’
1782. **LEGRÁ alegrá** ‘1. alegrar(-se), mostrar-se feliz, contente, 2. distrair(-se), divertir(-se)’
1783. **LEI lei** ‘levar, conduzir, guiar, escoltar’
1784. **LEK lèk** ‘pingar, gotejar’
1785. **LEUN, STEUN lèn, sten/stùn** ‘1. apoiar, inclinar(-se), reclinar, 2. contar com, depender’
1786. **LEZA lesa** ‘1. ler, 2. recitar, declamar’
1787. **LIEBRA, SALVÁ libra, salba** ‘livrar, libertar, salvar’
1788. **LIEBRA, SKAPA libra, skapa** ‘livrar, escapar, soltar, permitir’
1789. **LIEMPIA/LIEMPIÁ limpia** ‘limpar, purificar’
1790. **LIJM leim** ‘colar, grudar’
1791. **LIMBÉ lembe** ‘lamber’
1792. **LOEBIDA lubidá** ‘esquecer(-se)’
1793. **LOER lur** ‘espionar, espreitar, encarar, espionar, olhar de soslaio’
1794. **LOEZA (LAMPARÁ) lusa** ‘acender, iluminar’
1795. **LOMBRA lombra** ‘brilhar, reluzir, cintilar, refletir, iluminar’
1796. **LORA lora** ‘rolar, girar, enrolar’
1797. **LOS lòs** ‘desatar, desligar, afrouxar, desunir’
1798. **LOSJEER** — ‘acomodar, abrigar, hospedar’
1799. **MAAN, PIEDI** —, **pidi** ‘pedir, demandar’
1800. **MAHÀ maha** ‘aborrecer, incomodar, chatear’
1801. **MAÏNA, FIGOERA imaginá, figurá** ‘imaginar, figurar’
1802. **MAKITSJA/MATSJIKA (KALKI) machiká (kalki)** ‘1. amassar, socar, misturar, amalgamar (cal, calcário ou argila), 2. machucar, amassar, esmagar, partir, quebrar’
1803. **MALDISJONÁ maldishoná** ‘amaldiçoar, execrar’
1804. **MALKOESTOEMA** — ‘mimar, estragar’
1805. **MALTRATA maltratá** ‘maltratar’
1806. **MANDA BAI manda bai** ‘remover, livrar-se, banir’

1807. **MANDA BOESKA** **manda buska** ‘trazer, mandar buscar’
1808. **MANDA Ó SAKA AFOOR** **manda òf saka afó** ‘banir, expulsar, afastar, afugentar’
1809. **MANDA... TRAS** **manda** ‘mandar para, enviar’
1810. **MANDA/MANDÁ** **manda** ‘mandar (1. comandar, ordenar, 2. enviar), 3. apresentar, colocar, 4. impor, 5. manter’
1811. **MANSA/MÁNSÁ Ó KIBRA KABAI** **mansa òf kibra kabai** ‘amansar/domesticar um cavalo’
1812. **MANSA/MANSÁ, BIERA MANSO** **mansa, bira mansu** ‘amansar, virar/tornar manso, domesticar’
1813. **MANTENÉ, KRIA** **mantené, kria** ‘manter, preservar’
1814. **MANTENÉ, RISISTI KOE..., WANTA** **mantené, resistí ku..., wanta** ‘manter, aguentar, suportar, insistir, resistir, reter’
1815. **MANTSJA/MANTSJÁ** **mancha** ‘manchar, macular, marcar, contaminar, sujar’
1816. **MARA (NA)/MARRA** **mara** ‘amarrar, atar’
1817. **MÁRKA** **marka** ‘verificar, marcar, assinalar, tomar nota’
1818. **MARRA HOENTOE** **mara huntu** ‘amarrar junto’
1819. **MATA** **mata** ‘matar, liquidar, assassinar’
1820. **MEDITA/MEDITÁ, KORDA ARIBA** **meditá, kòrda ariba** ‘meditar, refletir, considerar’
1821. **MEEN, KORDA men, kòrda** ‘1. entender, querer dizer, 2. pretender, intentar’
1822. **MENOSPRECIA/MENOSPRECIÁ** **menospresia** ‘menosprezar, depreciar’
1823. **MERECÉ** **meresé** ‘merecer’
1824. **MESTÉR** **mester** ‘dever, precisar’
1825. **MIEDI** **midi** ‘medir, mensurar’
1826. **MIERA ATRAS** **mira atras** ‘1. olhar para trás (pensar no passado), 2. olhar ao redor, 3. ter cuidado, cuidar, zelar’
1827. **MIERA, WEITA** **mira, weita/weta** ‘ver, olhar, enxergar’
1828. **MIESJI/MISJI (DEN) OF (KOE)** **mishi (den) òf (ku)** ‘1. mexer, tocar, 2. interferir, envolver, meter’
1829. **MOEHA/MOEHÁ** **muha** ‘molhar, umedecer’
1830. **MOELA/MOELÁ, HACI SCHERPI/SKERPI** **mula, hasi skerpi** ‘aguçar, amolar, afiar’
1831. **MOELA** **mula** ‘moer, tornar fino’

1832. **MOENSTRA (MOESTRÁ) mostra** ‘mostrar (indicar, marcar, demonstrar, provar)’
1833. **MOERI HAMBER** — ‘estar faminto, morrer de fome’
1834. **MOERI muri** ‘morrer’
1835. **MOERMOERA murmurá** ‘murmurar, grunhir’
1836. **MORDÉ morde** ‘morder’
1837. **MOVÉ, MOEF move, muf** ‘mover’
1838. **NABEGA/NABIGÁ nabegá** ‘navegar, velejar’
1839. **NACÉ, SPRUIT nase, spreit/sprùit** ‘nascer, brotar, florescer, germinar’
1840. **NACÉ nase** ‘nascer, criar, começar, surgir’
1841. **NEGLISJA/NEGLISJÁ neglishá** ‘negligenciar’
1842. **NEGOCIA negoshá/negosiá** ‘negociar’
1843. **NIESTER nister** ‘espirrar’
1844. **NIFIKA nifiká** ‘significar’
1845. **NINGA, DISKONOCÉ nenga/ninga, deskonosé** ‘renunciar, repudiar, negar’
1846. **NINGA, REFOESÁ nenga/ninga, refutá** ‘negar-se, recusar, rejeitar, desprezar’
1847. **NOEHA KOE... nua/nuha** ‘discordar, estar com raiva de’
1848. **NOENCIA, DOENA NOBO anunsia, duna nobo** ‘dizer, anunciar, dar notícias (de)’
1849. **NOENCIA anunsia** ‘anunciar, informar’
1850. **NOMBRA nombra** ‘nomear’
1851. **NOOI, KOMBIDA, JAMÁ noi, kombidá, yama** ‘chamar, convidar’
1852. **OBEDECÉ obedesé** ‘obedecer’
1853. **OBLIGA obligá** ‘obrigar, compelir’
1854. **OBSERVA LEI [WARDA,...] opservá lei [warda,...]** ‘manter/conservar lei’
1855. **OBSERVA opservá** ‘observar’
1856. **OESA, GASTA usa/uza, gasta** ‘usar, consumir, desgastar, gastar (de uso)’
1857. **OESA usa/uza** ‘usar, empregar’
1858. **OFENDÉ ofendé** ‘ofender, insultar, zombar, ridicularizar, debochar, caçoar’
1859. **OFRECÉ, PRESENTA ofresé, presentá** ‘oferecer, apresentar, presentear’
1860. **OFRECÉ, SACRIFIKA ofresé, sakrifiká** ‘oferecer, sacrificar’
1861. **OPRIMI oprimí** ‘oprimir, sufocar’

1862. **ORDENÁ ordená** ‘ordenar’
1863. **ORNÁ dørna** ‘adornar, decorar, ornamentar’
1864. **PAGA, RECOMPENSÁ paga, rekompensá** ‘pagar, recompensar’
1865. **PAGA/PAGÁ paga** ‘1. apagar, desligar, extinguir (chama, fogo), 2. pagar, recompensar’
1866. **PAK paki** ‘1. empacotar, embalar, 2. apertar, espremer, comprimir’
1867. **PAPIA GAAGO papia gagu** ‘gaguejar’
1868. **PAPIA/PAPIÁ papia** ‘papear, conversar, falar’
1869. **PARA BOR (BORG) para bõrg** ‘1. garantir, abonar, atestar, 2. segurar, avaliar, ficar/permanecer seguro’
1870. **PARÁ para** ‘parar, ficar de pé’
1871. **PARCÉ parse** ‘parecer(-se) com, ser semelhante a’
1872. **PARTI (NA DOS) parti (na dos)** ‘dividir, partir, partilhar’
1873. **PARTI KOE... parti ku...** ‘compartilhar, dividir com’
1874. **PARTI/PARTÍ, TOEMA PÁRTI parti, tuma parti** ‘dividir, partir, compartilhar, separar’
1875. **PAS pas** ‘servir, encaixar(-se)’
1876. **PASJIMÁ pashimá** ‘desfalecer, enfraquecer, murchar’
1877. **PASJOEWÁ** — ‘satisfazer, contentar, gratificar’
1878. **PASSA (NA) pasa (na)** ‘cruzar, passar, atravessar’
1879. **PASSA ROND pasa rondó** ‘contornar, rodear, circular’
1880. **PASSA, PERDÉ pasa, perdê/pêrdê** ‘1. perecer, destruir, arruinar, 2. ultrapassar, transcorrer, 3. afogar’
1881. **PASSA pasa** ‘1. passar, decorrer, transcorrer, 2. aprovar, 3. exceder, superar, ultrapassar, 4. atravessar, cruzar’
1882. **PEENÁ KOE MALOE pena ku malu** ‘caminhar penosamente, sofrer, pesar, doer’
1883. **PEGA KANDÉLA NA... pega kandela na..., pega na kandela** ‘começar um incêndio’
1884. **PEGA NA KANDÉLA pega kandela** ‘acender o fogo/uma chama’
1885. **PEGA SONJO pega sonho** ‘cair no sono, dormir’
1886. **PEGA, KOELPA pega, culpa** ‘culpar, acusar, incriminar’
1887. **PEGA/PEGÁ pega** ‘1. aderir, colar, grudar, 2. atar, juntar, 3. pegar (uma doença; infectar, contaminar)’

1888. **PEKA/PEKÁ, HACI MALOE peka, hasi malu** ‘pecar, transgredir, fazer algo errado’
1889. **PELÁ pela** ‘1. barbear(-se), 2. descascar, raspar’
1890. **PENÁ pena** ‘pesar, sofrer, afligir, doer’
1891. **PENETRA penetrá** ‘penetrar’
1892. **PERDÉ KAMIENA perde kamina/kaminda** ‘perder o caminho (1. não saber onde está ou como chegar em algum lugar, 2. não saber mais o seu propósito ou o que fazer)’
1893. **PERDÉ SOE BIEDA perdè/pèrdè su bida** ‘perder a vida, perecer, morrer’
1894. **PERDE/PERDÉ KOLOOR perdè/pèrdè koló** ‘perder a cor, descolorir, empalidecer’
1895. **PERDE/PERDÉ perdè/pèrdè** ‘perder’
1896. **PERFEKSJONÁ perfekshoná** ‘aperfeiçoar, caprichar’
1897. **PERKOERA, TENÉ KWIDADO perkurá/pèrkurá, tene kuidou** ‘cuidar, ter cuidado com/fazer (muito) esforço para fazer alguma coisa, para não esquecer de algo’
1898. **PERMITI permití** ‘1. admitir, permitir, deixar, consentir, autorizar, conceder, outorgar, 2. decretar, sentenciar’
1899. **PERS pèrs** ‘apertar, pressionar, comprimir’
1900. **PERSEVERA, PERSISTI perseverá, persistí** ‘perseverar, persistir’
1901. **PERSUADI persuadí** ‘persuadir’
1902. **PIEDI JÁBI** — ‘pedir a chave (ao alugar)’
1903. **PIEDI LIMOOSNA pidi limosna** ‘pedir esmola, mendigar’
1904. **PIEDI, EKSIGI pidi, eksigí** ‘pedir, requerer, exigir’
1905. **PIEDI pidi** ‘pedir, rogar’
1906. **PIESA pisa** ‘pesar, medir, ponderar’
1907. **PIESÁ pisa** ‘1. ir para algum lugar, 2. pisar’
1908. **PIESKA piska** ‘pescar’
1909. **PLAK plak** ‘colar, grudar’
1910. **PLAMA, ABRI plama, habri** ‘espargir, espalhar, estender, espraiair’
1911. **PLAMA/PLAMÁ plama** ‘espargir, espalhar, estender, espraiair, ampliar’
1912. **PLANTA/PLANTÁ, ZAAI planta**, — ‘plantar, semear’
1913. **PLATEÁ platia** ‘pratear’
1914. **PLEGÁ plega** ‘praguejar, amaldiçoar’

1915. **PLEITA Ó HACI PLEITOE pleita òf hasi pleitu** ‘pleitear, brigar, causar pleito’
1916. **PLOEG, BIERA TEERA plú/plug, bira tera** ‘lavar, arar’
1917. **PLOEMÁ pluma** ‘des(em)plumar’
1918. **POEBLIKA, HACI POEBLIEK publiká, hasi públiko** ‘publicar, noticiar, tornar público’
1919. **POENTRA, PIEDI puntra, pidi** ‘perguntar, pedir’
1920. **POENTRA puntra** ‘perguntar, questionar’
1921. **POERA, KAMNA POERAAR pura, kamna/kana purá** ‘apressar(-se), caminhar apressado’
1922. **POERÁ pura** ‘apressar(-se)’
1923. **POERBA/PROEBA purba/pruba** ‘tentar, experimentar, provar’
1924. **POERIFIKA purifiká** ‘purificar’
1925. **POERSIGI persigui/pursigui** ‘1. perseguir, 2. maltratar’
1926. **POESJA, STOOT pusha, stet/stùt** ‘empurrar, encostar(-se), inclinar(-se)’
1927. **POESTA/POESTÁ pusta** ‘apostar’
1928. **POETRI putri** ‘apodrecer, estragar, arruinar, deteriorar’
1929. **POLEER pòlesh, pòlish** ‘polir’
1930. **PONÉ ATENCION pone atenshon** ‘prestar atenção, ficar atento’
1931. **PONÉ CIRKA pone serka/seka** ‘adicionar, acrescentar’
1932. **PONÉ LAS pone las** ‘amarrar, pôr/fazer um laço’
1933. **PONÉ OEN BANDA pone un banda** ‘isolar, segregar (pôr de lado)’
1934. **PONÉ, BOETA pone, buta** ‘pôr, botar, colocar’
1935. **PONÉ, DOENA LOEGAAR pone, duna lugá** ‘pôr, colocar, acomodar’
1936. **PONÉ pone** ‘1. pôr, colocar, introduzir, 2. colocar (adicionar, juntar)’
1937. **POR (POOR) por** ‘poder, ser capaz de’
1938. **PORDONA/PORDONÁ, SKOESA pordoná**, — ‘escusar, desculpar’
1939. **PORDONA/PORDONÁ pordoná** ‘perdoar’
1940. **POSEDÉ poseé, poseí (Aruba)** ‘possuir, ter’
1941. **PREDIKA prediká** ‘1. pregar, 2. predicar, apregoar, proclamar’
1942. **PREFERÁ preferá** ‘preferir’

1943. **PREPARÁ, DRETSJA prepará, drecha** ‘1. preparar, deixar pronto, 2. consertar, endireitar’
1944. **PREPARA/PREPARÁ prepará** ‘preparar, elaborar, desenvolver’
1945. **PRETENDÉ pretendé** ‘fingir, simular’
1946. **PRIMI primi** ‘comprimir, apertar’
1947. **PRIMINTI primintí** ‘prometer, assegurar, fazer voto’
1948. **PRIVA, KIETA priva, kita** ‘privar, subtrair, tirar’
1949. **PROBETSJA/PROBETSJÁ DI... probechá di...** ‘aproveitar(-se), fazer uso de, beneficiar-se’
1950. **PRODOECI, PARI, DOENA... produsí, pari, duna** ‘1. produzir, resultar, 2. originar, dar à luz, dar frutos’
1951. **PROEBA, DOENA BEWIJS proba**, — ‘atestar, provar, demonstrar’
1952. **PRONK prònk** ‘exibir, ostentar, mostrar, decorar, adornar’
1953. **PROPONÉ proponé** ‘propor, oferecer’
1954. **PROTEGÉ, DEFENDÉ protehá, defendé** ‘proteger, defender’
1955. **PROVOCÁ provoká** ‘desafiar, provocar’
1956. **RAAI** — ‘adivinhar (um mistério)’
1957. **RABIA/RABIÁ rabia** ‘rabiar, enfurecer(-se)’
1958. **RAKÁ racha/raka** ‘arranhar, raspar, tocar levemente, passar suavemente, encontrar de leve’
1959. **RANKA AFOOR/RANKA AFOR ranka afó** ‘arrancar, tirar (fora), puxar com violência’
1960. **RANKA ranka** ‘puxar, arrancar’
1961. **RASP raspa** ‘raspar, roçar’
1962. **RECOMENDÁ rekomendá** ‘recomendar’
1963. **RECONCILIA, HACI BON KOE.! rekonsiliá, hasi bon ku!** ‘reconciliar, acomodar’
1964. **RECONOSÉ rekonosé** ‘reconhecer, admitir, confessar’
1965. **REDÁ, HACI RÉDOE reda, hasi redu** ‘delatar, denunciar’
1966. **REGLA regla** ‘arrumar, organizar’
1967. **REK rèk** ‘prolongar, esticar, puxar, estender, expandir’
1968. **REKEN, CIJFER** — ‘calcular’
1969. **REKORDA rekordá/rekòrdá** ‘recordar(-se), lembrar(-se)’

1970. **REMÁ, TRAHA KOE RÉMA rema, traha ku rema** ‘remar, usar remo’
1971. **REMENTÁ, BASTER rementa, baster** ‘arrebentar, estourar, explodir, estalar’
1972. **REMOLÁ** — ‘sorrir, dar risada, sorrir de orelha a orelha’
1973. **RENACÉ, NACÉ DI NOBO renasé,** — ‘renascer, nascer de novo’
1974. **RENOENCIA renunsiá** ‘renunciar, abdicar’
1975. **RENOVA/RENOVÁ, HACI NOBO renobá/renová, hasi nobo** ‘renovar, restaurar, reformar’
1976. **REPITI, REPETEER rípití,** — ‘repetir, reiterar’
1977. **RESERVÁ reservá** ‘reservar, encomendar’
1978. **RESOLVÉ resolvé** ‘resolver’
1979. **RESONÁ resoná** ‘ecoar, ressoar, repercutir’
1980. **RESPECTA/RESPETA respetá** ‘respeitar, apreciar’
1981. **RESPETA, SPAAR respetá, spar** ‘1. respeitar, 2. poupar, economizar’
1982. **RESPIRÁ respirá** ‘respirar, tomar fôlego’
1983. **RESPONDE PA... respondé/rospondé pa...** ‘responder por, garantir, ser responsável’
1984. **RESPONDÉ respondé/rospondé** ‘responder’
1985. **RESTITUI, DOENA TROBÉ restituí, duna atrobe** ‘restituir, devolver, retribuir’
1986. **RESTITUI, REPARÁ restituí, repará** ‘restituir, reparar, consertar’
1987. **REZA, PIEDI resa, pidi** ‘rezar, pedir, orar’
1988. **RICIBI, HAJA risibí, haya/haña** ‘achar, conseguir, receber’
1989. **RIESKA riska** ‘ousar, arriscar(-se), aventurar(-se)’
1990. **RIPARÁ ripará** ‘reparar, observar, notar’
1991. **RISISTI resistí** ‘resistir, fazer frente a, impor resistência’
1992. **RISP respu** ‘arrostar’
1993. **RONDIÁ rondia** ‘buscar, procurar, rondar à procura de algo, vagar’
1994. **RONKA ronka** ‘1. roncar, ressonar, 2. ribombar, 3. bramir’
1995. **ROOSTE roster/rostu** ‘assar, tostar’
1996. **ROUW rous** ‘rosnar’
1997. **RUINÁ, DISTROEWI ruiná, destruí** ‘arruinar, destruir’

1998. **SABI, KONOSÉ sa/sabi, konosé** ‘saber, conhecer’
1999. **SAGOEDI, TEMBLÁ sagudí/sakudí, tembla** ‘sacudir, tremer, agitar, estremecer, arrepiar-se’
2000. **SAKA AWA saka awa** ‘esvaziar, tirar/pegar/obter água’
2001. **SAKA FO’I [FOR DI] TEERA saka for di/fo’i tera** ‘banir, exilar, deportar, afugentar, dispersar’
2002. **SAKA KANDÉLA saka kandela** ‘apagar o fogo/uma chama’
2003. **SAKA RAÍS saka raís/rais/reis** ‘tirar raiz’
2004. **SAKA SENTENCIA saka sentensia** ‘dizer/estabelecer/pronunciar a sentença/julgamento’
2005. **SAKA SPADA saka spada** ‘tirar a espada’
2006. **SAKA, KORRÉ KOE... saka, kore/kuri ku** ‘ejetar, expulsar, expelir, afastar’
2007. **SAKA, RANKA saka, ranka** ‘tirar, remover, retirar, arrancar’
2008. **SAKA saka** ‘1. eliminar, remover, esvaziar, desfazer-se, ejetar, excluir, 2. emitir, publicar, lançar, 3. gastar, consumir’
2009. **SALI [AFOOR] sali [afó]** ‘sair, partir, deixar’
2010. **SALI BON sali bon** ‘sair(-se) bem’
2011. **SALI MALOE sali malu** ‘sair(-se) mal/ruim’
2012. **SALI sali** ‘sair, aparecer, retirar-se, partir’
2013. **SALTA, BOELA salta, bula** ‘saltar, pular’
2014. **SALTA, PASSA salta, pasa** ‘pular, saltar, atravessar’
2015. **SALVÁ, SKAPÁ salva, skapa** ‘salvar, resgatar, escapar’
2016. **SAMBOEJA/SAMBOEJÁ sambuyá** ‘mergulhar, submergir’
2017. **SAMINA, INFORMA saminá, informá** ‘examinar, investigar, pesquisar’
2018. **SAMINÁ saminá** ‘fazer um checkup médico, examinar, inspecionar’
2019. **SANGRÁ sangra** ‘sangrar’
2020. **SCHRAP AFOOR skrap** ‘1. raspar, cruzar, atravessar, 2. apagar, cancelar’
2021. **SEEKÁ/SEKA/SEKÁ seka** ‘secar (1. enxugar, 2. murchar, desfalecer)’
2022. **SEERA DEN TRANKEERA sera den tranké/trankera** ‘cercar’
2023. **SEERA/SERA sera** ‘fechar, cerrar, encerrar, trancar, encarcerar, confinar’
2024. **SEKÁ seka** ‘enxugar, secar’

2025. **SENTENCIÁ, SAKA SENTENCIE sentensiá, saka sentensia** ‘sentenciar, julgar, condenar’
2026. **SEPARA/SEPARÁ (FOR) separá (for)** ‘1. separar (de), dividir, 2. divorciar-se’
2027. **SIEGI, CONTINUA, (KAMNA) sigi, kontinuá, (kamna/kana)** ‘seguir, perseguir, continuar, manter, acompanhar’
2028. **SIEJA sia** ‘selar’
2029. **SIENJA, DECLARA siña, deklará** ‘declarar, informar, afirmar’
2030. **SIENJA, INSTRUWI siña, instruí** ‘ensinar, instruir’
2031. **SIENJÁ siña** ‘1. ensinar, 2. aprender’
2032. **SIENTA/SIENTÁ (PEGA) sinta** ‘sentar(-se)’
2033. **SIENTI FÁLTA, FALTÁ sinti falta, falta** ‘sentir falta, ter saudades’
2034. **SIENTI, MARKA sinti, marka** ‘verificar, marcar, assinalar, tomar nota’
2035. **SIENTI sinti** ‘sentir, perceber’
2036. **SIERBI PA... sirbi** ‘servir, atender, cumprir’
2037. **SIERBI sirbi** ‘1. administrar, gerir, 2. servir, ter utilidade’
2038. **SIGOERA sigurá** ‘segurar, assegurar’
2039. **SJAGRINÁ shagriná** ‘humilhar, rebaixar, espezinhar’
2040. **SJWAT shuata** ‘envenenar, intoxicar’
2041. **SKÁMA skama** ‘(d)escamar’
2042. **SKAPA, HOEWI skapa, hui** ‘escapar, fugir’
2043. **SKEIJER skeiru** ‘escovar’
2044. **SKIERBI skirbi** ‘escrever’
2045. **SKOEPI skupi** ‘cuspir, escarrar, expectorar’
2046. **SKOETSJA skucha** ‘ouvir, escutar’
2047. **SKOHÉ skohe** ‘escolher’
2048. **SKONDÉ SOE KOERPA skonde su/bo kurpa** ‘cobrir-se, esconder-se, ocultar-se’
2049. **SKONDÉ skonde** ‘esconder (1. abrigar, acolher, 2. ocultar, omitir)’
2050. **SKUIF skeif/skùif** ‘mudar de posição, empurrar, enfiar’
2051. **SKWAAL skual** ‘reprovar, censurar, reprimir’
2052. **SLIP slep** ‘deslizar, escorregar’

2053. **SLUIMER** — ‘dormir, tirar uma soneca’
2054. **SNIK** — ‘soluçar, fungar’
2055. **SNOEP snup** ‘saborear’
2056. **SOBRÁ sopra** ‘sobrar, ficar, permanecer’
2057. **SODÁ soda** ‘transpirar, suar’
2058. **SOEBI KABAI subi kabai** ‘montar/andar/subir no cavalo’
2059. **SOEBI subi** ‘subir, levantar(-se), elevar-se’
2060. **SOEFRI, PADECÉ sufri, padesé** ‘sofrer, aguentar, padecer’
2061. **SOEHETA suhetá** ‘sujeitar, submeter(-se)’
2062. **SOEMETÉ someté** ‘submeter(-se), sujeitar’
2063. **SOEPLA NANIESJI supla nanishi** ‘assoar o nariz’
2064. **SOEPLA supla** ‘1. soprar, assoar, 2. assobiar, silvar’
2065. **SOEPLIKA supliká** ‘suplicar, rogar’
2066. **SOESJÁ shusha/susha** ‘sujar’
2067. **SOETA, BATI, DAAL suta, bati, dal** ‘açoitar, espancar, surrar, bater, golpear’
2068. **SOFOKÁ, STIK sofoká**, — ‘sufocar, engasgar, asfixiar, abafar’
2069. **SOLICITA solisitá** ‘solicitar’
2070. **SONÁ zona** ‘1. soar, ressoar, 2. chacoalhar, balançar, sacudir’
2071. **SONJÁ soña** ‘sonhar’
2072. **SOPONÉ suponé** ‘supor, imaginar’
2073. **SOSEGÁ sosegá** ‘sossegar, descansar’
2074. **SOSODÉ sosodé** ‘acontecer, suceder’
2075. **SOSPETSJÁ sospechá** ‘suspeitar, desconfiar’
2076. **SPAAR spar** ‘economizar, poupar’
2077. **SPALK spalk** ‘entalar, colocar tala(s)’
2078. **SPANTA/SPANTÁ spanta** ‘espantar, assustar, amedrontar’
2079. **SPERA, WARDA spera, warda** ‘esperar, aguardar’
2080. **SPERÁ spera** ‘esperar, desejar’
2081. **SPÍËRTA, AVISA spiërta, avisá** ‘avisar (1. informar, notificar, 2. prevenir, acautelar)’

2082. **SPIËRTA spiërta** ‘prevenir, acautelar, alertar’
2083. **SPLIEKA splika** ‘1. indicar, propor, mostrar, 2. explicar, interpretar, explicar’
2084. **SPOELÁ spula** ‘enxaguar, jorrar, esguichar’
2085. **SPRENKEL, MOEHA sprengu, muha** ‘borrifar, respingar, molhar’
2086. **SPRUIT spreit/sprùit** ‘nascer, brotar, florescer, germinar’
2087. **STAMPEL stèmpel** ‘imprimir, carimbar, marcar, estampar’
2088. **STEEK, (STIK)** — ‘agitar, estimular, provocar, excitar’
2089. **STEM stèm** ‘sintonizar, afinar’
2090. **STEUN ARIBA... sten/stùn (riba)** ‘suportar, sustentar’
2091. **STIEMA, KIEER stima, ke/kier/kièr/ker** ‘amar, querer, estimar’
2092. **STIEMA stima** ‘estimar, amar’
2093. **STOBÁ stoba** ‘refogar, guisar’
2094. **STOEDIA, MAINA studia**, — ‘meditar, refletir, ponderar’
2095. **STOEDIA studia** ‘1. inventar, criar, 2. praticar, ensaiar, exercitar(-se)’
2096. **STOP, JEENA stòp, yena** ‘parar, fechar, obstruir, entupir, encher, preencher’
2097. **STOP stòp** ‘parar, cessar’
2098. **STRIEKA strika** ‘passar a ferro, engomar’
2099. **STROBA, HINDER stroba**, — ‘estorvar, impedir, irritar’
2100. **STROBA, IMPEDI stroba, impedí** ‘estorvar, impedir, atrapalhar’
2101. **STROBA/STROBÁ stroba** ‘estorvar, impedir, atrapalhar, incomodar, barrar, frear’
2102. **STROOI (ZANTOE) stroi (santu)** ‘dispersar, distribuir, espalhar, espargir (areia)’
2103. **STUT, PONÉ STUT stet/stùt, pone un stet/stùt** ‘apoiar, sustentar’
2104. **STUUR stir/stür** ‘dirigir, guiar, conduzir’
2105. **TA ta** ‘ser, estar’
2106. **(TA) DWEEL (MI)** — ‘lamentar, doer(-se), sentir pena (de alguém)’
2107. **TABATA tabata** ‘foi, era, esteve, estava’
2108. **TABATIEN tabatin** ‘tinha, teve, tinha tido, havia/existia’
2109. **TAHÁ taha** ‘proibir, deter, frear’
2110. **TAPA, KOEBRI tapa, kubri** ‘tapar, cobrir’

2111. **TARDA, KEEDA AFOOR tarda, keda afó** ‘1. tardar, demorar, atrasar, 2. ficar fora de casa por um período’
2112. **TARDA tarda** ‘1. balbuciar, gaguejar, 2. tardar, demorar(-se), atrasar, deter(-se), permanecer, ficar’
2113. **TEEKEN tek** ‘1. contar nos dedos, pôr ok, 2. desenhar, rascunhar, delinear’
2114. **TEIMA, POLUSJA teima, —** ‘1. incomodar, pegar no pé, importunar, 2. pleitear’
2115. **TEMBLA tembla** ‘1. estrondar, ribombar, 2. sacudir, tremer, estremecer, arrepiar-se’
2116. **TEMÉ teme** ‘temer, ter medo de’
2117. **TENDÉ, SKOETSJA, VERNEEM tende, skucha, —** ‘ouvir, escutar’
2118. **TENÉ BERGWENZA Ó RIPÁRA tene bergwensa/bèrgwensa òf ripara** ‘ter vergonhar, envergonhar-se’
2119. **TENÉ COMPASION KOE.. tene kompashon ku** ‘ter compaixão por (alguém)’
2120. **TENÉ HAMBER tene hamber** ‘ter/estar com fome’
2121. **TENÉ KWENTA tene kuenta** ‘levar em conta’
2122. **TENÉ MIËDO tene miedu/miedo** ‘ter medo’
2123. **TENÉ MISERICORDIA tene miserikòrdia/mizerikòrdia** ‘atender, cuidar, ser cuidadoso, ter misericórdia’
2124. **TENÉ NA MEMORIA (SINTIER) tene na memoria (sintí)** ‘lembrar, ter na memória/mente’
2125. **TENÉ RIPÁRA tene ripara** ‘ter medo, recear, temer’
2126. **TENÉ SED tene sede/sedu/set** ‘ter sede’
2127. **TENÉ WARDA tene warda** ‘guardar, vigiar, proteger’
2128. **TENÉ/TINI/TIEN tene/tin** ‘1. ter, 2. deter, conter, parar, prender’
2129. **TENTÁ tenta** ‘tentar, provocar, instigar, atrair’
2130. **TERG, PROVOCÁ tèr, provoká** ‘desafiar, provocar’
2131. **TERG tèr** ‘desafiar, estimular, excitar, provocar, irritar, incitar’
2132. **TESTIGUA testiguá** ‘testificar, atestar’
2133. **TIEN IDÉA tene/tin idea** ‘ser convencido, insolente, pretensioso’
2134. **TIERA AFOOR tira afó** ‘rejeitar, repudiar, desaprovar’
2135. **TIERA KOOTSJI tira un kochi** ‘dar um chute/coice forte’
2136. **TIERA POENJA PA... tira puña pa** ‘1. fazer um comentário/observação agudo/incisivo com, 2. jogar uma farpa para’

2137. **TIERA SCHEMPEL** — ‘zombar, ridicularizar’
2138. **TIERA/TIERÁ/TIRA tira** ‘1. arremessar, atirar, lançar, jogar, 2. atirar, disparar, balear’
2139. **TOCÉ tose** ‘tossir’
2140. **TOEMA LOEGAAR tuma lugá** ‘substituir, tomar o lugar de’
2141. **TOEMA OVER tuma over** ‘assumir o controle’
2142. **TOEMA PA BON tuma pa bon** ‘tomar/interpretar (algo) como bom’
2143. **TOEMA PA MALOE tuma pa malu** ‘tomar/interpretar (algo) como mau’
2144. **TOEMA PÁRTI tuma parti** ‘tomar parte’
2145. **TOEMA, ACEPTA tuma, aseptá** ‘tomar, aceitar, acreditar’
2146. **TOEMA, KOHÉ tuma, kohe** ‘buscar, trazer, levar, tomar, pegar’
2147. **TOEMBA tumba** ‘derrotar, vencer, derrubar, subtrair, remover’
2148. **TOKA FLUIT ETC. toka fleit/flùit** ‘tocar apito, flauta etc’
2149. **TOKA, BATI KLOK toka, bati klòk** ‘bater/badalar/dobrar o sino’
2150. **TOKA, FOELAtoka, fula** ‘tocar, apalpar, tatear’
2151. **TOKÁ, RAAK toka, raka/racha** ‘tocar, apalpar, encostar’
2152. **TOKA/TOKÁ toka** ‘tocar (1. mexer, mover, ter contato com, 2. instrumento, 3. encontrar, atingir, acertar, 4. interessar(-se), preocupar-se, concernir, relacionar-se, ser relativo a)’
2153. **TOLONDRÁ tolondrá** ‘atordoar(-se), espantar’
2154. **TORMENTA, TERG tormentá, tèr** ‘affligir, atormentar, castigar, incomodar’
2155. **TORMENTA/TORMENTÁ tormentá** ‘affligir, atormentar, torturar, castigar’
2156. **TRAHA KAMA traha kama** ‘arrumar/fazer a cama’
2157. **TRAHA METSELAAR** — ‘colocar/fazer tijolo’
2158. **TRAHA, BOUW traha, bou** ‘construir, erguer’
2159. **TRAHA, HACI TRABAU traha, hasi trabou** ‘trabalhar, construir, elaborar, fazer trabalho’
2160. **TRAPPÁ trapa** ‘pisar, calcar’
2161. **TRATA trata** ‘tratar, lidar, manipular’
2162. **TRESÉ ADEN trese aden** ‘introduzir, inserir, colocar dentro’
2163. **TRESSÉ trese** ‘trazer’

2164. **TRIBÍ tribi** ‘ousar, atrever(-se)’
2165. **TRIOENFA triunfá** ‘triunfar, prevalecer’
2166. **TROCÉ WOOWO** — ‘olhar atravessado, com raiva’
2167. **TROCÉ, PRIMI trose, primi** ‘torcer, retorcer’
2168. **TROKA KABEI (PERDÉ) troka kabei (perdè/pèrdè)** ‘mudar/perder o cabelo’
2169. **TROKA KAS [KAAS] troka kas** ‘mudar(-se), trocar’
2170. **TROKA PA... troka pa...** ‘trocar, mudar, permutar’
2171. **TROKA PLOEMA troka pluma** ‘mudar/trocar pluma’
2172. **TROKA, MOEDA/MOEDÁ troka, muda** ‘trocar, mudar’
2173. **TROKA troka** ‘trocar, mudar, permutar’
2174. **TROMPEKA trompeká** ‘tropeçar’
2175. **TROSÉ trose** ‘torcer, retorcer’
2176. **TSJIEPTSJIEP, GOTEÁ chip, gotia** ‘gotejar, pingar’
2177. **TSJOKA choka** ‘engasgar, esganar, estrangular’
2178. **VAAR** — ‘navegar, velejar’
2179. **VEILA/PA VIJLA/VYL feila** ‘1. esfregar, limpar esfregando, friccionar, roçar, 2. polir, limar’
2180. **VENCÉ, SALI VENCEDOR, TRIOENFA vense, sali vensedó, triunfá** ‘vencer, conquistar, sair vencedor, triunfar’
2181. **VENENÁ venená** ‘envenenar’
2182. **VERF ferf/fèrf** ‘pintar’
2183. **VERFOEI** — ‘detestar, abominar’
2184. **VERLEI** — ‘1. desencaminhar, desregrar, 2. atrair, engodar, incitar’
2185. **VERNIES vernisá/fernísá/vèrnísá** ‘envernizar’
2186. **VERRADE, VERRAAI** — ‘trair, delatar’
2187. **VERSTOOT, TIERA AFOOR... ferstòp/verstòp (Aruba), tira afó** ‘livrar-se de, repudiar’
2188. **VERWIJT, TIERA NA KÁRA** —, **tira na cara** ‘reprovar, censurar, repreender’
2189. **VINGA venga/benga** ‘vingar(-se)’
2190. **VLEGTE flèktu/vlègtu (Aruba)** ‘1. entrelaçar(-se), trançar, tecer, fiar, 2. trancar’
2191. **VOMEER, SAKA vomitá, gumitá (Curaçao), saka** ‘vomitar’

2192. **VROES frusa (Curaçao)/frusta** ‘enferrujar, oxidar’
2193. **WAAK wak** ‘olhar, cuidar, guardar, zelar’
2194. **WANTA, SOEFRI wanta, sufri** ‘1. aguentar, suportar, reter, tolerar, resistir, 2. sofrer, padecer’
2195. **WANTA, TENÉ wanta, tene** ‘sustentar, resistir, continuar’
2196. **WANTA/WANTÁ wanta** ‘aguentar, suportar, reter, resistir, sofrer, padecer’
2197. **WARDA/WARDÁ warda** ‘1. aguardar, esperar, 2. guardar, manter salvo’
2198. **WENSCH, DESEA —, deseá** ‘desejar’
2199. **ZAAG zag** ‘serrar’
2200. **ZEGEL, PONÉ STAMPEL —, pone stèmpel** ‘selar, lacrar, vedar, carimbar’
2201. **ZIFTÁ sefta** ‘peneirar’
2202. **ZINK senk** ‘afundar, afogar-se’
2203. **ZOENDRA zundra** ‘1. repreender, censurar, ralhar, 2. maldizer, xingar, praguejar, usar linguagem abusiva’
2204. **ZOENTSJE, BESÁ sunchi, —** ‘beijar’
2205. **ZOIJA soya** ‘descascar, esfolar, tirar a pele’
2206. **ZOOM zòm** ‘limitar, demarcar’
2207. **ZWAAI zuai** ‘1. balançar (os quadris, na cadeira), requebrar, cambalear, 2. ninar, 3. fazer sexo’

CONVERSA FAMILIAR

1

2208. **ADIOS ayó** ‘tchau, adeus’
2209. **BO bo** ‘2s’
2210. **DANKI danki** ‘agradecimento, graças’
2211. **DI di** ‘de/do/da’
2212. **DIA DOMINGO diadumingu/djadumingu** ‘domingo’
2213. **ESAI esei** ‘esse/essa/isso’
2214. **HERMANA —** ‘irmã’
2215. **MI mi** ‘1s’
2216. **MORGE —** ‘manhã’
2217. **SJON shon** ‘1. senhor, senhora, 2. pronome de tratamento (forma de respeito)’

2

2218. **ALGOEN** **algun** ‘algum, alguma’
2219. **ASIENA** **asina** ‘assim’
2220. **DISGRACIADO** **desgrasiado** ‘desgraçado, infeliz’
2221. **I** **i** ‘e’
2222. **KIKO** **kiko** ‘(o) que’
2223. **NOEMÁ** **numa** ‘de qualquer maneira/jeito, simplesmente’
2224. **NOS** **nos** ‘1PL’
2225. **PERDEMENTOE** **perdèmentu/pèrdèmentu** ‘perda’
2226. **POOBERSITOE** **pobersitu** ‘coitadinho’
2227. **SI** **sí** ‘sim’
2228. **TAL** **tal** ‘tal’
2229. **ZOO** — ‘então, assim’

3

2230. **APPETIET** **apetit** ‘apetite’
2231. **ATRAS** **atras/atrasá** ‘1. atrás, para trás, 2. atrasado’
2232. **BERDAD** **berdè/bèrdè/berdat/bèrdat** ‘verdade’
2233. **BIENTI** **binti** ‘vinte’
2234. **EL** **e, el** ‘3S’
2235. **HERAAR** **herá** ‘errado’
2236. **HORLOGIEMAKER** — ‘relojoeiro’
2237. **KAS** **kas** ‘casa’
2238. **KOOS/KOS** **kos** ‘coisa’
2239. **KWERDA** **kuerdè/kuèrdè** ‘corda’
2240. **MEES KOOS** **méskos/meskos** ‘mesmo, mesma coisa, igual, semelhante’
2241. **NET** **nètamente/netamente** ‘exatamente, precisamente’
2242. **PARÁ** **pará** ‘parado’
2243. **RAZON/RASON** **rason** ‘razão’
2244. **TAL** **BÉS talbes** ‘talvez’

4

2245. **KI** **ki** ‘1. (o) que, 2. quando, 3. como’

2246. **LÉ** el/e ‘3s’

2247. **PAKIKO** pakiko ‘por que?’

2248. **PARAPLU** paraplü ‘guarda-chuva’

2249. **PRESTOE** prestu ‘instantâneo, imediato, rápido’

5

2250. **ANJA** aña ‘ano’

2251. **BIENTI-SIENKOE** binti sinku ‘vinte e cinco’

2252. **DIËS-SEIS** dieseis/djeseis/djesseis ‘dezesseis’

2253. **DJÉ** dje (di + e) ‘dele/dela (função de objeto indireto)’

2254. **DOOS** dos ‘dois’

2255. **ES** es ‘1. esse, essa, 2. o, a, os, as’

2256. **NAN** nan ‘3PL’

2257. **NINGOEN** ningun/niun ‘1. nenhum/nenhuma, 2. ninguém’

2258. **OTSJENTA** ochenta ‘oitenta’

2259. **ROEMAN** ruman ‘irmão’

2260. **SETENTA** setenta ‘setenta’

6

2261. **DATO** — ‘data’

2262. **EXEMPEL** ehèmpel ‘exemplo, modelo’

2263. **MAL** mal ‘mal, ruim’

2264. **OTRO** otro ‘outro/outra’

2265. **PAPEEL** papel ‘papel (1. folha de papel, 2. função)’

2266. **PEN** (PENNAN) pèn ‘penas, plumas’

2267. **PENNEMES** pènemès ‘canivete’

2268. **STOMPI** stòmpi ‘cego’

2269. **TRES** tres ‘três’

2270. **VLOEI** — ‘1. flutuar, 2. fluir, brotar, correr, vazar’

7

2271. **AMISTOSAMENTE** amistosamente ‘amistosamente, amigavelmente’

2272. **BRIFI** — ‘carta, epístola’

2273. **KENDE** ken/**kende** ‘quem’

2274. **POSTPAPIER** — ‘papel para escrever cartas’

2275. **SPRAAKKUNST** — ‘gramática’

2276. **TROBÉ atrobe** ‘de novo, outra vez’

2277. **VEL vèl** ‘folha (de papel)’

8

2278. **GLAS** glas ‘copo’

2279. **PIEDA pida** ‘pedaço, partícula’

2280. **SED** sede/**sedu**/**set** ‘sede’

2281. **SOOL** so ‘só (1. sozinho, 2. único, somente)’

2282. **TAMPÓKO tampoko** ‘tampouco, nem’

9

2283. **DIFERENCIA** **diferensia** ‘diferença’

2284. **MEES** mes ‘mesmo/mesma’

2285. **SEKAAR** seká ‘seco’

2286. **SOCIËDAD** **sosiedat** ‘sociedade’

10

2287. **AFÈR afêr** ‘assunto, coisa, caso (amoroso)’

2288. **ES... AÏ, ES AJA esaya, es... aya** ‘esse/essa/isso (aí/ali/lá)’

2289. **ES... AKI, ESAKI esaki** ‘este/esta/isto (aqui)’

2290. **HASAAR** hasá ‘assado/tostado’

2291. **HEREBÉ** herebé ‘cozido/fervido’

2292. **KOEROE** kurú ‘cru’

2293. **KOESJIER** kushí ‘cozido em fogo brando, vagarosamente’

11

2294. **HABRIER** habrí ‘aberto’

2295. **MANOE** man ‘mão’

2296. **MENEER** mener ‘senhor’

2297. **PENJA** peña ‘pentear’

2298. **PORNADA/POR NADA pòrnada** ‘por nada, livre’

12

2299. **KRIAAR kriá** ‘criado, empregado doméstico, servente’
2300. **POKOPOKO/PÓKOPOKO/POKO-POKO pokopoko** ‘devagar, lentamente’
2301. **PORT** — ‘postagem’
2302. **POST pòst** ‘correio, correspondência’
2303. **SOE su** ‘seu/sua/seus/suas’

13

2304. **KLAAR kla** ‘1. pronto, preparado, 2. brilhante, 3. claro, explícito’
2305. **PANJA paña** ‘roupa(s), pano, tecido’
2306. **SEDA/SÉDA seda** ‘seda’
2307. **WABLIEF ablif** ‘perdoe-me!, desculpe!, o que você disse?’

14

2308. **FIENI fini** ‘fino, magro’
2309. **HOLLANDÉS ulandes/hulandes** ‘holandês’
2310. **I e** ‘o, a, os, as’
2311. **JAS yas** ‘jaqueta, casaco, paletó’
2312. **KOLOOR koló** ‘cor’
2313. **LAATSTE delaster** ‘último, final, derradeiro’
2314. **LAKEN laken/laker** ‘lençol de cama’
2315. **MODA moda** ‘moda, costume, maneira, forma’
2316. **MONSTER mònster** ‘amostra, espécie’
2317. **OKASJON okashon** ‘ocasião, acontecimento’
2318. **PESA pesa** ‘peça, rolo (de tecido)’
2319. **SKOER skur/sukú** ‘escuro’
2320. **SOORTO sorto** ‘tipo, espécie, gênero’

15

2321. **ALGO algo/algu** ‘algo, alguma coisa’
2322. **BIEDER bider** ‘pechinchar, barganhar’
2323. **BOTÓN boton** ‘botão’
2324. **CIENKOE sinku** ‘cinco’
2325. **CIENKWENTA sinkuenta** ‘cinquenta’

2326. **FOEROE furo/furu** ‘forro, revestimento’

2327. **KONTRARI kontrario/kontrali** ‘contrário, oposto’

2328. **ROSA ros** ‘rosa (cor)’

2329. **SEIS seis** ‘seis’

2330. **TAF tafeta** ‘tafetá (tipo de tecido)’

16

2331. **GESP** — ‘afivelar, apertar, prender, enlaçar’

2332. **KARBAATSJI karbach** ‘açoite, chicote, instrumento/artefato usado para bater nas pessoas’

2333. **MEI mei** ‘meio, metade’

2334. **RIESKOE rísiko/risku** ‘risco, perigo’

2335. **SIEJAAR siá** ‘selado’

2336. **SPOOR spor** ‘espora’

2337. **VALIES valis/falis** ‘mala, maleta’

17

2338. **GOESTOSO gustoso** ‘gostoso, agradável, amigável’

2339. **ÍNSTRUMENT instrumènt/instrumento** ‘instrumento’

2340. **MUZYK músika/muzik** ‘música’

2341. **PASATEMPOE pasatempu** ‘passatempo’

2342. **PIANO piano** ‘piano’

2343. **VIOOL viol/fió** ‘violino’

18

2344. **ALAFIEN alafin/alafan** ‘finalmente, enfim, por fim’

2345. **BÁRIOS/BARIOS varios/vários** ‘vários’

2346. **EXPONEER eksponé** ‘exposto’

2347. **GOEDEN DAG** — ‘bom dia’

2348. **MANERA/MANÉRA manera** ‘1. maneira, modo, 2. como’

2349. **PASAAR pasá** ‘passado, atrás’

19

2350. **GEËNTER ènter** ‘vacinar, inocular’

2351. **INGLÉS ingles** ‘inglês’

2352. **KOMPANĪA kompania** ‘companhia, empresa’

2353. **KOP kòp** ‘bater/acertar com a cabeça, cabecear’

2354. **TERCERA terser/tersera** ‘terceira’

20

2355. **AANBEELD ánbelt** ‘bigorna’

2356. **BAAS bas** ‘chefe, patrão’

2357. **BLAASBALG blasbalk** ‘fole, instrumento usado para produzir corrente de ar’

2358. **BOUT** — ‘1. parafuso, ferrolho, 2. ferro’

2359. **MOKER mòkel/mukel** ‘trenó (tipo de veículo)’

2360. **MORGEN** — ‘boa manhã, bom dia’

2361. **TANG** — ‘tentáculo, garra’

2362. **VOORHAMER** — ‘malho, marreta’

21

2363. **DRETSJAMENTOE drechamentu** ‘conserto, reparo’

2364. **MILAGER milager/milagro** ‘milagre’

2365. **OELTIMO último** ‘último, final, definitivo’

2366. **SMID smet** ‘ferreiro’

22

2367. **BAKKI baki** ‘tina, caixa, pote, vasilha’

2368. **BIEBOE bibu** ‘vivo, vigoroso’

2369. **DOMMEKRACHT** — ‘cavalete’

2370. **HEFBOOM** — ‘alavanca’

2371. **HERMENT hermèn/hermènt/hèrmènt/èrmènt** ‘ferramenta(s)’

2372. **KAAPSTANDER** — ‘cabrestante (máquina para levantar âncoras)’

2373. **KIMAAR kimá** ‘queimado’

2374. **KOETSJÁRA kuchara** ‘colher’

2375. **KOKOLIESJI kokolishi** ‘concha, carapaça’

2376. **LOEGAAR lugá** ‘lugar, local, ponto’

2377. **MANGA manga di pilon** ‘pilão, espremedor’

2378. **METSEL** — ‘construir, edificar’

2379. **PAPÁ pachi/pai/papa/papai/papachi/papi** ‘pai, papai’

2380. **SERAAR será** ‘firme, sólido’

2381. **VIJNSEL** — ‘mistura de cimento, argamassa’

2382. **WINDAS** — ‘manivela’

23

2383. **BREI** — ‘tricotar’

2384. **GANAAAR ganá** ‘ganho, lucrado’

2385. **GASTAAR gastá** ‘gasto (de uso), usado’

2386. **GESPAAR** — ‘economizado, poupado, guardado’

2387. **KADA kada** ‘cada’

2388. **PA DEN paden** ‘para dentro’

2389. **PA FOOR pafó** ‘para fora’

2390. **PAAR par** ‘par, casal’

2391. **PENNETJE DI PASA SIENTA pèncchi** ‘pregador (de roupa)’

2392. **RATOE ratu** ‘momento’

2393. **RIPARAR ripará** ‘observado, notado’

2394. **VINGERHOED frengu/frengut (Aruba)** ‘dedal’

2395. **ZOMÉ zòm** ‘fazer a bainha (de uma roupa)’

24

2396. **BOOS bos** ‘voz, som’

2397. **BRULLE** — ‘rugar’

2398. **DIFERENTE diferente** ‘diferente’

25

2399. **BÉLA bela** ‘vela’

2400. **DOEROE duru** ‘rápido, ligeiro (kamna/kana duru)’

2401. **ECHO eko** ‘eco’

2402. **KARGAAR kargá** ‘carregado’

2403. **NABIOE nabiu** ‘navio’

2404. **SONAMENTOEO zonamentu** ‘som, sonido’

2405. **SOSIËGO sosiegu** ‘sossego, descanso, repouso’

2406. **TABLA** **tabla** ‘tábua, placa, prancha’
2407. **TERRIBEL** **teribel** ‘terrível’
- 26**
2408. **ABÓ** **abo** ‘2s (enfático)’
2409. **BLOK** — ‘jogar/brincar com gude’
2410. **HOEPEL** **hupel** ‘arco’
2411. **MÉTA** **meta** ‘meta, objetivo, alvo’
- 27**
2412. **MARAAR** **mará** ‘amarrado’
2413. **STOOT** **stot** ‘cutucar, empurrar’
- 28**
2414. **BINIMENTOE** **binimentu** ‘vinda, chegada’
2415. **DIERTIR** **dirtí** ‘derretido’
2416. **DOOIJEN** — ‘degelo’
2417. **DRUPPEL** **drùpel** ‘gota, pingo’
2418. **FROETA** **fruta** ‘fruta’
2419. **GOETA** **gota** ‘gota, pingo’
2420. **HAGEL** — ‘granizo’
2421. **HERFST** **hèrfst, otoño** ‘outono’
2422. **IJS** **eis** ‘gelo’
2423. **JENAAR** **yená** ‘preenchido, cheio’
2424. **KWATER** **kuater/kuatro (Aruba)** ‘quatro’
2425. **LENTE** **lènte, primavera** ‘primavera’
2426. **MIST, MEST** **mest** ‘neblina, névoa’
2427. **MISTEN** — ‘enevoar, obscurecer’
2428. **MODI** **modo** ‘maneira, modo (como)’
2429. **MOETSJÍSIMO** **muchísimo** ‘muitíssimo’
2430. **NEVEL** — ‘nevoeiro, bruma’
2431. **NEVELEN** — ‘cobrir de névoa, nublar’
2432. **NOENKA** **nunka** ‘nunca’

2433. **ONPERSOONLIJKE** — ‘impessoal’
2434. **PINTAAR** **pintá** ‘pintado, colorido’
2435. **PRINTJE** **prenchi** ‘imagem, gravura, figura (que não fotografias)’
2436. **RIJP** — ‘geada, gelo’
2437. **SEBO** **sebu** ‘banha/gordura animal, sebo’
2438. **SESOEN** ‘estação do ano’
2439. **SNEEUW** **sneu** ‘neve’
2440. **SNEEUWEN** — ‘nevar’
2441. **TAPAAR** **tapá** ‘tapado, coberto’
2442. **VRIEZEN** **fris** ‘gelar, congelar’
2443. **WERKWOORDEN** — ‘verbo’
2444. **WINTER** **wenter, invierno** ‘inverno’
2445. **ZOMER** **zomer, verano** ‘verão’

29

2446. **BASTANTE** **bastante** ‘bastante, suficiente’
2447. **NIFIKASJON** **nifikashon** ‘significado’
2448. **ROUW** **rou** ‘luto’
2449. **WINKEL** — ‘loja’

30

2450. **ANKER** **anker** ‘âncora’
2451. **BALIAMENTOE** **balimentu** ‘baile, dança’
2452. **BÁRA** **bara** ‘vara, bastão’
2453. **BARKOE** **barku** ‘barco, navio, canoa, bote’
2454. **BÉS** **be/bes** ‘vez’
2455. **BIAGE** **biahe** ‘viagem’
2456. **DALMENTOE** **dalmentu** ‘batida, golpe, ataque’
2457. **DEFENDEDOOR** **defendedó** ‘defensor, patrocinador’
2458. **DIËS** **dies** ‘dez’
2459. **DONJO** **doño** ‘dono’
2460. **DRETSJAAR** **drechá** ‘consertado, reparado’

2461. **GOLF** **golfo** ‘golfo’
2462. **HACIER** **hasí** ‘feito’
2463. **HALTOERA** **haltura/altura** ‘altura’
2464. **HOENJA** **huña/uña** ‘1. unha, garra, presa, 2. espora, esporão, agulhão, 3. arranhar, coçar, unhar’
2465. **HOESTIESJI** **hustisia** ‘justiça’
2466. **HOMONYMEN** **homónimo** ‘homônimo’
2467. **HONoor** **honor/onor** ‘honra’
2468. **INKLINASJON** **inklinashon** ‘inclinação, tendência’
2469. **KAMER** **kamber** ‘1. sala, 2. quarto’
2470. **KAMNAMENTOE** **kamnamentu/kanamentu** ‘caminhada’
2471. **KANSAAR** **kansá** ‘cansado, fatigado’
2472. **KANTOE** **kantu** ‘beira, borda, margem, lado’
2473. **KAPAAS** **kapas** ‘1. capaz, hábil, 2. provável’
2474. **KASTA** **kasta** ‘casta, posto, fila’
2475. **KATSJIKÁTSJI** **kachikachi** ‘coisas velhas/antigas’
2476. **KOMPANJERO** **kompañero/kompañera** ‘companheiro’
2477. **KWASJI** **kuashi** ‘escova, pincel’
2478. **KWEROE DI MARRA** **kuero/kueru di mara** ‘cinto, cinta, faixa’
2479. **LOODS** **lots** ‘1. piloto, 2. cais, porto’
2480. **MIEDIER** **midí** ‘medida’
2481. **MONTON** **monton** ‘monte, pilha, acervo, montão’
2482. **MORDEMENTOE** **mordementu** ‘mordimento, mordida’
2483. **PAKI** **paki** ‘pacote, embrulho, embalagem’
2484. **PALABRA/PALÁBRA** **palabra** ‘palavra’
2485. **PARTI** **parti** ‘parte, lado, porção’
2486. **PARTÍMENTOE** **partimentu** ‘1. compartilhamento, divisão, 2. partida’
2487. **PERDIER** **perdí/pèrdí** ‘perdido’
2488. **POSADA** **posada** ‘pousada, albergue’
2489. **PRINS** **prínsipe** ‘1. príncipe, 2. soberano, monarca’

2490. **ROK roka** ‘pedra, rocha’
2491. **SKERTSJE skèr** ‘tesoura(s)’
2492. **SKOHEMENTOE skohementu** ‘escolha’
2493. **SLIP slep** ‘deslizamento’
2494. **SLOF slòf** ‘chinelo, pantufa’
2495. **SOESPIRO suspiro** ‘suspiro’
2496. **SOONJO soño** ‘1. sono, 2. sonho’
2497. **TABERNA** — ‘taberna’
2498. **TANTÍSIMO tantísimo** ‘tantíssimo, grande quantidade’
2499. **TRAHAAR trahá** ‘feito, trabalhado, elaborado, produzido’
2500. **WORTEL wòrtel** ‘cenoura’
- 31**
2501. **(DEN WÓWO) den wowo** ‘fixo, rígido’
2502. **(DI BLIJKEN) blikia** ‘1. branquear, alvejar, 2. murchar, enfraquecer’
2503. **ANIMO ánimo** ‘ânimo, entusiasmo’
2504. **APÉNA** — ‘estreito, curto, apertado’
2505. **ARMBOS armbòs** ‘porquinho/minhaeiro (para guardar economias)’
2506. **BOEFONAMENTOE bofonamentu** ‘escárnio, zombaria, paródia’
2507. **BOENITÉSA bunitesa** ‘beleza, formosura’
2508. **BOSJI bòshi** ‘pilha, bando, grupo, feixe’
2509. **EXISTENCIA eksistensia** ‘existência’
2510. **GASTOE gastu** ‘gasto(s), despesa(s)’
2511. **GRADOE grado** ‘grau, título, classe, posto’
2512. **HACI MANTENJA hasi manteña** ‘inclinar-se, reverenciar’
2513. **HARIMENTOE harimentu** ‘risada, riso’
2514. **KANTADOORNAN kantadónan** ‘cantores/cantoras’
2515. **KAUSA, MOTIBO kousa, motibo/motibu** ‘causa, motivo’
2516. **KOEMPRADOOR kumpradó** ‘comprador’
2517. **KOMBERSASJON kòmbersashon/kombersashon** ‘conversa, conversação’
2518. **KONOSEMENTOE konosementu** ‘1. conhecimento, 2. consciência’

2519. **KONSEGO/KONSÉGO konseho** ‘conselho, aviso’
2520. **LARGAAR largá** ‘1. dissolvido, 2. modificado, alterado’
2521. **MANDAMENTOE mandamentu** ‘1. comando, mandamento, ordem, 2. envio’
2522. **MEDEKLINKER** — ‘consoante’
2523. **MIRAMENTOE miramentu/mirada** ‘vista, visão, aparência, aspecto, olhar’
2524. **MOEHAAR muhá** ‘molhado, umedecido’
2525. **NATOERAL natural** ‘natural’
2526. **NI ni** ‘nem’
2527. **ODIO odio** ‘ódio’
2528. **OM TE SCHEPPEN skòp** ‘chutar’
2529. **ORDE órden/òrdu** ‘ordem’
2530. **PAPIAAR papiá** ‘falado, dito’
2531. **PARONYMEN** — ‘parônimo’
2532. **PESO peso** ‘1. peso, 2. libra’
2533. **POENTA DI Ariba punta ariba** ‘ponta, pico, topo’
2534. **POETRÍ putrí** ‘pútrido, apodrecido, estragado’
2535. **PONEER poné** ‘posto, colocado’
2536. **PONTJE ponchi** ‘tipo de barco pequeno’
2537. **PRONUNCIACION pronunsiashon** ‘pronúncia’
2538. **RAAD** — ‘conselho, aviso’
2539. **RAAT DI HEINIG** — ‘favo de mel’
2540. **RIJM rim** ‘borda/orla da roda’
2541. **SCHOP (KOE PIA) skòp** ‘chute, pontapé, coice’
2542. **SKIERBIER skirbí** ‘escrito’
2543. **SOEBIMENTOE subimentu** ‘ascensão, escalada, subida’
2544. **STEKELVARKEN** — ‘ouriço’
2545. **TAKKI taki** ‘ramo, galho’
2546. **VICTORIA, GANAMENTOE** —, ganamentu ‘vitória, ganho’
2547. **WIEL wil** ‘roda, polia’

2548. **BANKROET bankrut** ‘1. bancarrota, falência, 2. falido’
2549. **DESPEDIDA despedida** ‘despedida, adeus’
2550. **IMPRESJON impresjon** ‘impressão (1. convicção, 2. marca)’
2551. **INTENSJON intensjon** ‘intenção, propósito’
2552. **LIDWOORD** — ‘artigo’
2553. **MERITO mérito** ‘mérito, valor, merecimento’
2554. **MOTIBOE motibo/motibu** ‘motivo’
2555. **PERMISJON pérmit/permit** ‘permissão, autorização’
2556. **PLEITOE pleitu** ‘briga, combate, luta’
2557. **RESPEKT rèspèt** ‘respeito, reverência’
2558. **RESPONDI** — ‘resposta’

33

2559. **BORÓTO boroto** ‘barulho, ruído’
2560. **FADAAR fadá** ‘irritado, aborrecido, entendido’
2561. **KORDAMENTOE kòrdamentu** ‘lembrança, recordação’
2562. **MAHOOS mahos** ‘feio’
2563. **POERAAR purá** ‘apressado’
2564. **SPLIKAAR spliká** ‘explicado, interpretado, proposto’
2565. **VERTALEN** — ‘traduzir’
2566. **WANTÓMBA wantomba** ‘espantalho’

Anexo B

DADOS DO KABUVERDIANU CLÁSSICO

Este anexo apresenta os dados do kabuverdianu clássico, retirados de Coelho (1967a [1880]), Costa & Duarte (1967 [1886]), Brito (1967 [1887]) e Schuchardt (1888) (nessa ordem). Os vocábulos do kabuverdianu clássicos foram mantidos na grafia adotada nas obras de onde foram retirados e aparecem em *itálico e caixa alta*. Caso haja mais de uma grafia para um mesmo vocábulo, todas as formas possíveis são apresentadas. Os dados do kabuverdianu clássico são de duas naturezas: (i) textos e frases, apresentados em duas colunas. Na primeira coluna, aparece o material em kabuverdianu clássico; na segunda, a tradução em português. As traduções foram fornecidas pelos próprios autores consultados (sendo realizadas pequenas alterações na grafia quando necessário), exceto no caso de Schuchardt (1888), cujo material em kabuverdianu clássico foi traduzido pela autora; (ii) vocábulos, acompanhados da glosa em português, fornecida pelos autores. A categorização dos vocábulos manteve os rótulos utilizados pelos autores (que consideram as classes gramaticais), bem como a ordem adotada, seguindo uma numeração contínua. Após cada grupo de vocábulos (por exemplo, pronomes), em geral, aparecem alguns exemplos de frases usando os itens do grupo.

Coelho [1880] (1967)

Carta 1^a

Kabuverdianu

Português

NHA AMIGO. - CU PRÉSSA
EN SCRÊBÊ ÊS DÔS FÓJA DI PA-
PEL, QUI DENTRO D'ÊS CARTA EN
TÂ MANDA NHÔ.

5 TALVÊS ALGUN CÚSA, PALA-
BRA, OU MÓDE NHÚ CRÊ, STÂ
ÊRRADO. CUZA QU'EN CÂ TÂ
DUBÍDA; PAMÓDE PÂ MÁ S
CRIÔLO QUI NÓS DI CABO BERDE
10 NÚ SABÊ, SÊNPRE NU TÂ NCON-
TRA DIFICULDADE OU ENBARÁÇO,
QUEL'ORA QUI NÚ PÊGA NA
PÉNA PÂ NU SCRÊBÊ NA NÓS
LINGUA.

15 ÊS CULPA Ê CÂ DI NÓS, Ê DI
GOBÉRNO, QUI SI AL BÊ ANI-
MABA NÓS NA CALQUÉR CUZA,
Ê TÂ OPRIMÍNO CÚ MÁ SCOJA
DI SÊS EMPREGADO, QU'Ê TÂ
20 MANDA PÂ CABO BERDE.

Ê TÂ FAZÊ BÊN MAL, PAMÓDE
ASSI Ê TÂ PÊRDÊ TUDO AMOR,
TUDO STIMA QU'Ê PÔDÊ TÊN NA
PÔBO DI CABO BERDE. ÊS CUZA
25 Ê CÂ SÓ NA CABO BERDE, Ê PÂ
TUDO CÁBO, UNDE Ê TÊN UN
PALMO DI CHÔN. EN PODÊ FLÁBA
NHÔ CUZÁS CHÉO A RUSPÊTO DI
NÓS GOBÉRNO NA CABO BERDE,
30 MAS PAQUÊ? ÊS CARTA Ê CÂ,
SIMA PORTUGUÊS TÂ FLÂ, DI
POLITICA, E PAMÓDE ÊS EN TÂ
BIRA PA PRINCIPIO DI NÓS
CONBERSA.

Meu amigo. - Com pressa escrevi estas
duas folhas de papel que dentro desta carta
lhe envio.

Talvez alguma cousa, palavra ou como
quiser, esteja errada. O que não duvido,
porque por mais crioulo que nós de Cabo
Verde saibamos, sempre encontramos difi-
culdade ou embaraço logo que pegamos na
pena para escrevermos na nossa língua.

A culpa não é nossa, é do governo que
longe de animar-mos em qualquer cousa,
oprimi-nos com a má escolha dos seus em-
pregados, que ele manda para Cabo Verde.

Faz bem mal, porque assim perde todo o
amor e toda a estima que pode ter no povo
de Cabo Verde. Isto não é só em Cabo Verde
é por toda a parte, onde ele tem um palmo
de terra. Eu podia dizer-lhe muitas coisas a
respeito do nosso governo em Cabo Verde,
mas para quê? Esta carta não é, como di-
zem os portugueses, de política, e por isso
volto ao princípio da nossa conversação.

Kabuverdianu

Português

- 35 *Ê SIMA EN STABA*
TÂ FLÂ NHÔ, EN CÂ SABÊ SI
ALGUN CUZA STÂ TORTO OU MÁL
SCREBÊDO NÊS DÔS FÓJA DI PA-
PEL; MAS CÂ M'INPORTA CÚ ÊS,
 40 *E NHU ÔUBI CUSS'Ê QU'EN TÂ*
FLÂ NHÔ: NA FÓJA UN E NA
LINHA BINTE CU BINTE UN, NHU
TÂ LÊ NA BANDA DI CRIÔLO "NHA
DÓNA DI NHA LUCÍA" E NA
 45 *BANDA DI PORTUGUÊS NHÚ CÂ*
TÂ ACHA NADA QUI, SIMA POR-
TUGUÊS TÂ FLÂ, TÂ CORRÊS-
PONDÊL.
NHÚ SABÊ Ê PAMÓDE? Ê
 50 *PAMÓDE ÊS DÓNA¹ Ê UN NÓME*
QUI NA CRIÔLO TÂ CHOMÁDO
"NOME DI CASSA", E Ê TÂ CUS-
TUMA PÔDO N'ALGUN MINIMO²
FÊMEA. Ê PÂ ÊS NÓME QUE ÊS
 55 *MININO TÂ CHOMADO TIOQU'Ê*
GRANDE, OU TIOQU'Ê MÓRRÉ. ÊS
USO Ê CÂ SÓ DI CABO BERDE,
NA BRAZIL TANBÊ Ê TÂ USADO,
E ASSI MI CONCHÊ GHENTES
 60 *CHÉO CÚ NOME DI NÉNÉ,*
NHANHINA, NHÁNHA, SINHÂ-
RÍNHA, NHÁ SINHÁRA, JÚCA,
JÓCA, SIN SÉR SÊS NOME DI
BATISMO, OU SÊS NOME DI
 65 *IGREJA³.*
AGORA SI NHÚ CRÊ SABÊ
CUSS'Ê QUI DÓNA CRÊ FLÂ, EN
TÂ FLÂ NHÔ, NO PORTUGUÊS Ê
AVÓ⁴ E DÓNO Ê AVÔ⁵.
 70 *A RUSPÊTO DI BERBO, CRIÔLO*
CÂ TÊN TUDO QUI PORTUGUÊS
TÂ CHOMA TÊNPO⁶.

É como lhe estava dizendo, não sei se alguma coisa está errada ou mal escrita nessas duas folhas de papel; mas não nos importemos com isso, e ouça o que lhe digo: Na folha 1 v. e linhas vinte e vinte um, na coluna crioula “nha Dona nha Luzia”, e no português não encontro nada que, como dizem os portugueses, lhe corresponda.

Sabe a razão? É porque Dona naquele lugar é um nome que em crioulo se chama “nome de casa”, e usa-se nas meninas (crianças). É por esse nome que elas são chamadas até à maioridade ou até à morte. Este uso não é só de Cabo Verde, no Brasil também se usa, e assim conhecemos muita gente com os nomes de Nené e Joca sem serem os seus nomes de baptismo.

Agora se quiser saber o que quer dizer Dona, eu lhe digo, em português é avó e Dono avô.

Enquanto a verbos, o crioulo não tem tudo quanto o português chama tempo.

¹Essa palavra aparece em itálico no original.

²Provavelmente, a grafia deveria ser *MININO*, tratando-se de um erro no original.

³Esse sintagma aparece em itálico no original.

⁴Essa palavra aparece em itálico no original.

⁵Essa palavra aparece em itálico no original.

⁶Essa palavra aparece em itálico no original.

Kabuverdianu

Português

PRÓNÓME Ê SIMA JA'N ES-
 PLICÁ NHÔ NA FÓJA DÔS. NA
 75 CRIÔLO DI CABO BERDE CÂ TÊN
 BÓS⁷ OU ABÓS⁸ PÂ VÓS⁹ DI POR-
 TUGUÊS, E ÊS TÂ FLÂ NHÔ,¹⁰ O
 QU'ÊS TÂ PAPIÂ CÚ ALGUÊN SÓ,
 E NHÔS,¹¹ O QU'ÊS TÂ PAPIÂ CÚ
 80 MÁŠ D'UN.

AGORA EN, MIN, AMIN¹² Ê
 QUASI TUDO Ô MÉSMO, CÚ AL-
 GUN DIFÉRENÇA, CÓNFORME
 CONBERSA TÂ CÔRRÊ. TANBÊ
 85 CRIÔLO TÊN MI.¹³ EX.:

EN CRÊ ÊS CUZA.

QUÊNHÊ QUI FAZÊ ÊS CUZA?
 Ê MI.

AMIN EN SÂ TÂ BÁ ENGHÊ-
 90 NHO, OU AMIN SÂ TÂ BÂ EN-
 GHÊNHO, OU EN SÂ TÂ BÁ
 ENGHENHO.

JÁ BÁSTÂ. NHÚ AL STÂ ENFA-
 DADO. AGÓRA TIOQUE NU EN-
 95 CONTRA NA BIBLIOTÉCA.

NHÚ ACREDITAN, CUM'AMIGO
 (OU¹⁴ SIMA'AMIGO) QUI TÂ RES-
 PÊTA NHÔ CHÉO.

O pronome é como já lhe expliquei na folha 2. No crioulo de Cabo Verde só há *bós* ou *abós* para o *vós* português, e usam de *nhô* quando falam a uma pessoa só, e de *nhôs* quando falam a mais de uma.

Agora enquanto a *Eu*, *min*, *amin* é quase tudo o mesmo, com alguma diferença conforme o seguimento da conversação. Também o crioulo tem *mi*. Ex.:

Eu quero esta cousa.

Quem fez isto? Fui eu.

Eu vou ao engenho

Basta. Deve de estar enfadado. Agora até quando nos encontrarmos na biblioteca.

Acredite-me, como amigo, que muito o respeita.

⁷Essa palavra aparece em itálico no original.

⁸Essa palavra aparece em itálico no original.

⁹Essa palavra aparece em itálico no original.

¹⁰Essa palavra aparece em itálico no original.

¹¹Essa palavra aparece em itálico no original.

¹²Essas palavras aparecem em itálico no original.

¹³Essa palavra aparece em itálico no original.

¹⁴Essa palavra aparece em itálico no original.

Carta 2^a

Kabuverdianu

Português

CÉSA.¹⁵ - PAN FARTÁ-BO BON-
TADE EN TÂ SCRÊBÊ-BO NA NÓS
LINGUA, NA CRIÔLO RACHADO,
QU'EN CÂ SABÊ SI BÔ TÂ EN-
5 TENDÊ-LE.

FLAN: PÂ QUE BÔ MESTÊ PÂ
NÛ SCRÊBÊBO NÊS LINGUA? BÔ
TENÊ GÁNA DI ESTUDÂ SI ORIGE,
FAZÊ ALGUN GRAMATICA OU DI-
10 CIONARE? S'Ê ALGUN GRAMA-
TICA OU DICIONARE? S'Ê PÂ
ALGUN DÊS CUSSA DEUS JUDA-
-BOS; MAS DEXAM FLA-BO MÊ
AL FAZÊ-BO SUÂ TIOQUE BU CÂ
15 PODÊ MÂS, TIOQUE BI SIENTI...

N'ÊS IJA QUASI TUDO ALGUÊN
TENÊ MÉDO DI DUÇO. DUÇO BU
CONCHÊ-LE? ESTAN MÂ NÁU.
DUÇO ERA UN PRÊSO QUE STABA
20 NA CALABÔS; Ê ENTENDÊ MÊ
CÂ STÁBA LÂ SÁBE, Ê FUGI ÊLE
CÛ DÔS COMPANHEROS; Ê STÂ
RIBA CHÁDA; TÂ MÁTÂ CÁBRA,
TÂ FORÇÂ MUJÊRES, TÂ FAZÊ
25 TUDO CASTA DI POUCA BOR-
GONHA. FLADO MÂ DUÇO
MANDA FLÂ HENRIQUE D'OLI-
BÉRA, PUCHIM, MAIA, BENCES-
LÁU PÂ ÊS TOMÂ SEINTIDO CÛ
30 SÊS BIDA, PÂ ÊS CÂ BÁ FÓRA,
PAMÓDE SE ENCONTRA CU ÊLES
MÊ TA MATALOS. FAZÊ IDÉA
MÓ ÊS AL TÊNÊ MÉDO!

César. - Para vos fazer a vontade eu escrevo-vos na nossa língua em crioulo fundo, que eu não sei se vós o entendeis.

Dizei-me: para que precisais de que vos escrevamos nesta língua? Tendes desejo de estudar a sua origem, de fazer alguma gramática ou dicionário? Se é para alguma destas coisas, Deus vos ajude, mas sempre vos direi que isso vos fará suar até não poderdes mais, até que o sintais...

Nesta ilha quase toda a gente tem medo de Duço: Duço vós conheci-lo? Estou que não. Duço era um preso que estava no calabouço; e entendeu que não estava lá bem; e fugiu com dois companheiros; está em cima da achada; mata cabras, força mulheres, faz toda a casta de pouca vergonha. Diz-se (falado) que Duço manda dizer a Henrique de Oliveira, Puchim, Maia, Venceslau para que estes tomem sentido com a sua vida, para estes não irem fora, pois que se se encontra com eles que os mata. Fazei ideia como estes terão medo!

¹⁵Essa palavra aparece em itálico no original.

Kabuverdianu

Português

P. SI BIDA Ê DENTRO CAR-
35 *TORE; Ê STÂ MAGRO SIMA AL-*
GUÊN TISGO; Ê FLÂ MÂ SÓ BO
QUE SÂ TÂ FAZÊ-LE FALTA; Ê
MANDÁ-BO MANTENHA CHÉO.
TI OUTR'ORA; EN CÂ TEN MÂS
40 *TEMPO. BO ARMUN, ETC.*

Paulo a sua vida é dentro do cartório, ele está magro assim como um tísico; diz que sois vós que lhe tendes feito falta; ele manda-vos muitas recomendações.

Até outra ocasião; eu não tenho mais tempo. Vosso irmão, etc.

Carta 3ª

Kabuverdianu

Português

NHA ESTIMADO ARMUN: EN
RÊCÊBÊ CARTA DI NHÔ, QU'IN
FICA MUNTO CONTENTE CON ÊL,
E PAN FAZÊ NHÔ BONTADE EN
5 TÂ CUMÇÂ SCREBÊ NHÔ NA
CRIÔLO. PRIMÊRO NOBIDADE
QU'IN TÂ DÂ NHÔ Ê CUMÂ C.
MÂ TÂ RECITÂ QUÊS BERÇOS DI
DÔDA DE ALBANO NA CRIÔLO E
10 Ê TÂ CUNÇAL SIN:
BENA LI NHA FIJO SUCUTA:
BÔ Ê AMIGO DI BU MÁI?
BÉ! NHA MÁI, E QUE PER-
GUNTA Ê ÊS?
15 PÔS BÊN, SIMA BU OJÁ ÊS
CARNUJA CARNUGADO, FERUCHO
FERUCHADO Ê SANGUE DI BU
PAI; I BU TÂ JURAN CUMÂ BU
TA BINGAL?
20 EN TÂ JURA!
AMPÔZ Ê RICARDO PAI DI
MARIA, QUI MATÂ BU PAI!
BÉ! MAMÁI! PAI DI MARIA
EN CÂ PODÊ MATAL, PAMÓDE
25 MARIA STAN DENTE NHA CÔRA-
ÇON.
E ASSIM CÚ MUNTO CUZA,
MAS QU'IN CÂ SABÊ, E POR ISSO
EN CÂ TÂ PON. QUEN QUI COS-
30 TUMÁ TANBÊ RECITAL Ê BRITO
E MAS QUINQUIM.
EN PIDI NHÔ DI FABÔR PÂ
NHÚ MANDAN QUÊL DICIONARE;
EN PEDI TÉ NA PORTUGUÊS, GORA
35 EN TÂ BIRAL NA CRIÔLO. QUÊ
PÂ FABUR CÂ NHÚ DESQUECÊ.

Meu estimado irmão. Eu recebi carta do senhor, que eu fico muito contente com ela, e para fazer ao senhor vontade eu começo a escrever ao senhor em crioulo. Primeira novidade que eu dou ao senhor é que C. recita aqueles versos da doida de Albano em crioulo, e começa assim:

Vem cá meu filho escuta:

És amigo de tua mãe?

Bem, minha mãe, e que pergunta é essa?

Pois bem, assim como tu vês este ferro enferrujado é sangue de teu pai, e tu juras-me como o vingas?

Eu juro!

Pois é Ricardo, pai de Maria, que matou teu pai!

Bé! mamã! Pai de Maria eu não posso matá-lo, porque Maria está dentro de meu coração.

E assim com muita cousa, mas que eu não sei, e por isso eu não ponho. Quem aqui também costuma recitá-los é Brito e mais Joaquim.

Eu pedi ao senhor o favor de mandar-me aquele dicionário; eu pedi em português, agora eu traduzo (viro) em crioulo. Queira por favor não se esquecer.

Kabuverdianu

Português

EN TÂ, CÁBA ÊS CARTA PA POR-
GUNTA NHÔ S'Ê PÊRCISO ES-
CRÊBÊ NHÔ EN CRIÔLO NA TUDO
40 BAPOR, OU NÁO.
NHU ADÉS, NHÚ DÁN TUDO
ALGUEN MANTENHA CHÉO. TUDO
GHENTES DI CASA TÂ MANDÂ
NHÔ MANTENHA CHÉO.

Eu acabo esta carta por perguntar ao senhor se é preciso escrever ao senhor em crioulo por todos os vapores ou não.

Adeus senhor, o senhor dê a toda a gente muitos cumprimentos. Todas as pessoas de casa mandam ao senhor muitos cumprimentos.¹⁶

¹⁶A tradução em português dessa última parte aparece entre colchetes no original.

Frases diversas

Kabuverdianu

Português

- MÁ NHU STÂ? OU¹⁷ MÁ NHU
PÁSSÂ?
CÔMÔDÁDO, NHÔ MÁ NHU
SA TA PÁSSÂ?
5 MÁ BA GHENTES TUDO DI-
NHÔ? OU¹⁸ MÓDE GHENTES TUDO
DI NHÔ STÂ?
TUDO STÂ BON, GRAÇAS A
DÉUS.
10 JÁ DURA QUI EN CA ÔJÂ NHÔ;
UNDE NHU STABA? OU¹⁹ UNDE
NHU TÊN STADO?
MI EN STÁBA LA NA ORGÔN,
OU²⁰ EN TÊN STÁDO LA NA ORGÔN.
15 CUZ'Ê OU²¹ CUSS'Ê NHU BÁ
FAZÊBA LÂ?
EN BÁBA OJA (OU²² EN BÁ
OJÁBA) UN NHÂ PARENTE, QUI
STÁBA DOENTE.
20 QUÊNHÊ, TIA DI NHÔ, NHÂ
MARIA? CUSS'Ê QU'Ê TÊNBA?
Ê TÊNBA DÓR NA PÉTO, OU²³ Ê
TA QUEXABA DI DÓR NA PÉTO.
Ê JÁ STÂ MILHOR?
25 EN DÉXAL UN POUÇO MI-
LHOR, OU²⁴ EN DÉXAL MÁŠ CÔ-
MÔDÁDO UN POUÇO.

Como está? *ou* Como passa?
Bom, e o senhor como tem passado?
Como estão todos os seus?
Todos estão bons, graças a Deus.
Há muito tempo que o não vejo, onde
tem estado?
Eu estava nos Órgãos, *ou* eu tenho es-
tado nos Órgãos.
O que foi lá fazer?
Fui ver uma parenta minha que estava
doente.
Quem? A sua tia, a Sr^a Maria? O que
tinha ela?
Tinha dores no peito, *ou* queixava-se de
dores no peito.
Já está melhor?
Deixei-a um pouco melhor.

¹⁷Essa palavra aparece em itálico no original.

¹⁸Essa palavra aparece em itálico no original.

¹⁹Essa palavra aparece em itálico no original.

²⁰Essa palavra aparece em itálico no original.

²¹Essa palavra aparece em itálico no original.

²²Essa palavra aparece em itálico no original.

²³Essa palavra aparece em itálico no original.

²⁴Essa palavra aparece em itálico no original.

Kabuverdianu

Português

PÚNDO NHU SÂ TÂ BAI?
 (GOSSI-N)²⁵.
 30 E SÂ TÂ BAI PRAIA.
 I MI EN SÂ TÂ BAI (OU²⁶ BÁ)
 TARRAFAL OU TAREFAL.
 ANTON NHU TÊN QUI ANDA
 CHÊO INDA.
 35 QUI HORAS Ê GOSSIN? OU²⁷
 CANTO HORA JÁ DÂ?
 JÁ STÂ PÂ DÔS HORA.
 DÊXAM BAI, TIOQUE NU
 TORNA OJÁ.
 40 NHU ADÉS (ADÉS)²⁸.
 F. EN TÂ PIDI BO PÂ BO
 ESCRÊBÊN UN CARTA NA CRIÔLO,
 MAS NUN CRIÔLO BÊRDADÊRO.
 BU AL ACHA GALANTE ÊS PI-
 45 DIDO; MAS OC BU SABÊ Ê PÂ
 CUZÉ, BU AL FICÁ CONTÊNTE.
 GOSSIN EN CÂ PODÊ FLÁBO Ê
 PÂ QUE FIN, PAMÓDE EN CÂ
 TÊN TÊNPO.
 50 CÂ BU SQUÊCÊ, JA BU OUBÍ?
 BO ARMUN AMIGO.
 JÁ BU RÊCÊBÊ NHA CARTA
 QUI EN SCRÊBÊ-BO NA CRIÔLO?
 RESPONDÊN E E MANDÂ FLAN
 55 MODE GHENTES TUDO STÂ.
 TITIA JÁ STÂ MIJÓR DI SI
 DISMAIOS? NHA DÓNA DI NHA
 LUCÍA INDA CÂ CÔMÔDA?

Para onde vai agora?
 Vou à Praia.
 E eu vou para o Tarrafal.
 Então tem de andar ainda muito.
 Quantas horas são?
 Devem ser duas horas.
 Deixe-me ir, até quando nos tornarmos
 a ver.
 Adeus.
 F. Peço-te que me escrevas uma carta
 em crioulo, mas em um crioulo verdadeiro
 (puro). Hás-de achar esquisito (extrava-
 gante) este pedido, mas quando souberes
 para que é, ficarás satisfeito. Agora (nesta
 ocasião) não posso dizer-te para que fim é,
 porque não tenho tempo.
 Não te esqueças, ouviste?
 Teu irmão, amigo.
 Já recebeste a minha carta que te escrevi
 em crioulo? Responde-me e manda dizer-me
 como estão todos.
 A tia já está melhor dos seus desmaios?
 A nha Dona da Luzia ainda não está boa?

²⁵Essa palavra aparece em itálico no original.

²⁶Essa palavra aparece em itálico no original.

²⁷Essa palavra aparece em itálico no original.

²⁸Essa palavra aparece em itálico no original.

Kabuverdianu

Português

LOGO QUI²⁹ BU RÊCÊBÊ ÊS
 60 CARTA, BU TA MANDA CHÔMA
 ROQUE, E BU TA FLAL CUMÂ EN
 RÊCÊBÊ SI CARTA, E SU XINTI
 CHÊO DI MÁŠ, DI MÁO TRATOS,
 QUI SCRIBONS SÂ TÂ DAL.
 65 COMÂ GOSSIN EN CÂ PODÊ
 FAZEL NÁDA, E PÂ Ê SPÊRA TIO-
 QUE EN BOLTÂ C. BERDE; E
 ANTON EN TÂ OJA, SI ALGUN
 CUZA EN TÂ PODÊ ALCANÇA NA
 70 SI FABÔR.

Logo que receberes esta carta mandarás chamar o Roque, e lhe dirás que recebi a carta dele e senti bastante dos maus tratos, que os escrivães lhe têm dado.

Que agora nada lhe posso fazer, e que espere até (quando) eu voltar a Cabo Verde, e verei então se alguma cousa posso alcançar em seu favor.

²⁹Nota do original: “Logo qui por quê l’or qui. Hoje é muito usado na cidade da Praia.”

Outra carta (ditada por uma negra de Santiago)

Kabuverdianu

Português

NHO DÓTORE

MI TEN SÓDADI CHEU DI NHO DÓTORE, A MÁ DI NHA DÓNA L.

MI MANDA MANTENHA CHEU,
5 *CHEU, CHEU.*

MI A MÁ SEYTON NU ESTÁ DESEMPARADOS CHEIOS DI SÓDADI DI NHO DOTORE I DI NHA L

OH! NHOR DEUS!

10 *NHA SINHÁRA MANDA MANTENHA CHEU TAMBÉM.*

A. CU J. ESTÁ MAGRO TÓRAQUI PISCÓÇO JÁ SAI FORA.

15 *AGORA QUI JÁ MI SABÊ CUSA QUI É FALTA DI NHO DOTORE. DEOS AL JUDAN QUI UN TORNA OLHÁ NHO.*

MI ESTÁ NA CASA DI NHA SINHÁRA, MAS EN STÁ CU MUITO, MUITO SÓDADI DI NHOS TUDO DÓS.

20 *MI É QUEL CRIADA DI NHÓS QUI TÁ CHOMADO MARIA.*

Senhor doutor

Eu tenho saudades muitas do sr. doutor e mais da sr.^a. Dóna L.

Eu mando recomendações, muitas, muitas, muitas.

Eu e mais o Seiton nós estamos desamparados cheios de saudades do sr. doutor e da sr.^a

Oh! senhor Deus!

A minha senhora manda recomendações muitas também.

A. e J. estão magros até que (até o ponto) pescoço já sai fora. (Isto é: está demasiadamente magro.)

Agora que já eu sei cousa que é a falta do sr. doutor. Deus há-de permitir-me que eu torne a ver sr.

Eu estou na casa de minha senhora, mas eu estou com muitas, muitas saudades dos srs. ambos dois.

Eu sou a criada dos srs. que se chama Maria.

Costa & Duarte [1886] (1967)

-
1. *CHÔMÂ* ‘chamar’
 2. *ANDÂ* ‘andai’
 3. *MÂ* ‘mãe’
 4. *PÔ* ‘pau’
 5. *CURAÇON* ‘coração’
 6. *NAU, NAO* ‘não’
 7. *NHÔR NÃO* ‘não senhor’
 8. *DIGUJÂ* ‘debulhar’
 9. *DI* ‘de’
 10. *DISPIDI* ‘despedir’
 11. *BÔTO* ‘bote’
 12. *PÊXE* ‘peixe’
 13. *LÊTE* ‘leite’
 14. *DIXÂ* ‘deixar’
 15. *FIXON* ‘feijão’
 16. *NIN* ‘nem’
 17. *SIN* ‘sem’
 18. *MÊ* ‘meu’
 19. *SÊ* ‘seu’
 20. *CHAPÊ* ‘chapéu de homem’
 21. *SI* ‘seu’
 22. *GUÊNTE* ‘gente’
 23. *GUÊTO* ‘jeito’
 24. *GARDÂ* ‘guardar’
 25. *GÂRDA* ‘guarda’
 26. *ARMON* ‘irmão’

-
27. *JÔGO* ‘jogo’
 28. *RANCHÂ* ‘arranjar’
 29. *GREXÂ* ‘igreja’
 30. *FIXON* ‘feijão’
 31. *DUÊJO* ‘joelho’
 32. *INGREZ* ‘inglês’
 33. *FIJO* ‘filho’
 34. *MUJER* ‘mulher’
 35. *BINTÊN* ‘vintém’
 36. *ALGUÊN* ‘alguém’
 37. *FIN* ‘fim’
 38. *BON, BUN* ‘bom’
 39. *ALGUN* ‘algum’
 40. *ASSI* ‘assim’
 41. *UNDÊ* ‘onde’
 42. *ARRANHA* ‘aranha’
 43. *CÊRRA* ‘cera’
 44. *TÊRA* ‘terra’
 45. *BURO* ‘burro’
 46. *CANTÂ* ‘cantar’
 47. *CUMÊ* ‘comer’
 48. *DORMÍ* ‘dormir’
 49. *LÔRA* ‘rolar, enrolar’
 50. *LÔRO* ‘rolo’
 51. *ENSINÂ (ENXINÂ)* ‘1. ensinar, 2. aprender’
 52. *SUJO (XUJO)* ‘sujo’
 53. *SINTÀ (XINTÂ)* ‘assentar’
 54. *SINTI (XINTI)* ‘sentir’

55. *SINTIDO* (*XINTIDO*) ‘sentido’

56. *CASSA* ‘casa’

57. *CUSSÊ* ‘coser’

58. *BÁCA* ‘vaca’

59. *BÁRA* ‘vara’

60. *FASSÊNDA* ‘fazenda’

61. *FASSÊ* ‘fazer’

PRONOMES

62. *MIN, AMI, MI* ‘1S’

63. *BÓ, BU, ABÓ* ‘2S’

64. *EL, AÊL, Ê* ‘3S’

65. *NÔS, ANÔS, NU* ‘1PL’

66. *NHÔS, ANHÔS* ‘2PL’

67. *ÊS, AÊS* ‘3PL’

68. *DI MÊ, DI MEU, DE MEU, MINHA, DE MINHA, NHA, NHE* ‘POSS 1S’

69. *BÔ, BU, DI BÓ, DE BÓ, BÔSSA, DE BÔSSA* ‘POSS 2S’

70. *SI, SÊ, DI SÊ, DE SEU, DI SEL, BÔCÊ* ‘POSS 3S’

71. *NÔS, NOSS’, DI NÔS, DE NÔS, DE NOSSA* ‘POSS 1PL’

72. *DI/DE NHÔS* ‘POSS 2PL’

73. *ESTE, ÊS, ESS* ‘este, esta’

74. *QUÊL’, AQUÊL’, ACHÊL’* ‘1. esse, essa, 2. aquele, aquela’

75. *ALGUÉM* ‘alguém’

76. *ALGUN* ‘algum’

77. *NIUN’ALGUÊN* ‘ninguém’

78. *NIÛN* ‘nenhum’

79. *GENTE, GUENTE* ‘outrem’

80. *TUDO, TUDE, FÊPO* ‘tudo, todo’

81. *QUI?* ‘que?’

82. *QUÊN?* ‘quem?’

83. *QAL?* ‘qual?’

84. *QALQUER* ‘qualquer’

85. *CADA* ‘cada’

DIPÔS DI MIN EL CHIGÂ.

AMI?! AMIN NON!

AMI, JÂ IN CÂ TÂ BÂ.

PAMÔDE SABE MI.

SE MI ERA BÓ IN CÂ TÂ BÂBA.

QUÊN 'SCREBÊ ESS' CARTA? É MI.

JÂ MI TÂ BÂ.

BU TÂ GOSTÂ DE MIM?

NÊGO DI BÓ PA BU SABÊ MAIS QUE MI.

ABÓ É FEIO.

ÊL 'STÂ NA CASA.

AÊL NON!

Ê MANDÂ NHÔ MANTENHA CHEU.

NÔS É BALENTE.

ANÔS TAMBÊN NU TÂ BAI.

NU TÂ BÂ JUNTO.

NÔS TAMBÊN NU TÂ BÊN JUNTO.

NHÔS TÂ CUMÊ.

ANHÔS CÂ TÊN JUÍZO.

ÊS TÂ DORMI BÊN.

AÊS CÂ TÂ CUSTAL' DINHÊRO!

MANÊL FERÍ SÊ CABEÇA.

Chegou depois de mim.

Eu?! Eu não sou capaz disso!

Eu já não vou.

Porque me apraz - porque assim o quero.

Em teu lugar não ia.

Quem escreveu esta carta? Fui eu.

Eu já vou.

Tu gostas de mim?

Negro seja eu se tu sabes mais do que eu sei.

Tu és feio.

Ele está em casa.

Ele não!

Ele manda-lhe muitas saudades.

Nós somos valentes.

Nós também vamos.

Nós vamos juntos.

Nós também voltamos juntos.

Vós comeis.

Vós não tendes juízo.

Eles dormem bem.

Eles, não lhes custou dinheiro!

Manuel feriu-se.

ALGUNS VERBOS DE DERIVAÇÃO INCERTA OU QUE NA ACEPÇÃO OU ESCRITA ESSENCIALMENTE DIFEREM DO PORTUGUÊS³⁰

86. *BENTIÂ* ‘bandejar milho etc’

87. *BIJITÂ* ‘visitar por pêsames’

88. *BUÂ* ‘saltar, voar’

89. *BUSGÂ* ‘mastigar, comer sem deixar resto’

90. *CATIÇÂ* ‘1. excitar à desordem, 2. assolar’

³⁰A análise dos verbos mostra que, em alguns casos, não existem diferenças consideráveis com relação ao português.

-
91. *CHIÂ* ‘tirar certo som com os beijos, denotando fazer pouco caso do que se diz’
 92. *CHINCÂ* ‘1. andar aos saltos, 2. choutar’
 93. *CÔLÂ* ‘bater palmas acompanhando dança ou cantiga’
 94. *COMÔDÂ* ‘consertar’
 95. *DANÂ* ‘1. estragar, 2. zangar’
 96. *DERRENCÂ* ‘derrear’
 97. *DESONRÂ* ‘descompor’
 98. *DIGUJÂ* ‘debulhar’
 99. *DÔGÂ* ‘embebedar(-se), faltar’
 100. *ENCARTÂ* ‘1. não querer andar nem para trás nem para diante, 2. não querer sair’
 101. *ENGÂCHÂ* ‘esconder(-se)’
 102. *ESFRANGANHÂ* ‘1. desarranjar, 2. desarrumar’
 103. *FACHÂ* ‘pescar ao candeio’
 104. *FAJÂ* ‘enfeitar-se’
 105. *FICHÂ* ‘assolar cães’
 106. *FININGÂ*, *FININGUITÂ* ‘1. retalhar, 2. rasgar’
 107. *FITÂ* ‘comer a abarrotar’
 108. *FLÂ* ‘dizer’
 109. *FURRIÂ* ‘1. arremessar, 2. deitar fora’
 110. *GARANHÂ* ‘arranhar’
 111. *HILÂ* ‘torrar milho’
 112. *IMBICHÂ* ‘1. buscar lida, 2. apoquentar a paciência até receber correção, 3. provocar alguém, fazendo como o rato tantas fosquinhas e sortidas, que afinal é comido pelo gato’
 113. *LÊGRÂ* ‘1. escarapelar, 2. roer’
 114. *LÔNGÂ* ‘1. dar qualquer coisa, 2. estender a mão’
 115. *LORÂ* ‘1. rolar, 2. enrolar’
 116. *LUÂ* ‘amuar-se’

-
117. *MARISCÂ* ‘1. andar à babugem, 2. andar atrás de alguém para conseguir qualquer coisa’
118. *MASCABÂ* ‘pisar fazendo ferida’
119. *PANGÂ* ‘bater’
120. *PAPIÂ* ‘falar, conversar’
121. *PASTORÂ* ‘além da acepção geral, diz-se no figurado por acompanhar alguém de que se desconfia para guardá-lo, e também tomar sentido em qualquer coisa ou pessoa’
122. *PATIÂ* ‘1. fazer feitiços, 2. fazer pacto com o diabo’
123. *PNICÂ* ‘beliscar’
124. *POLUTÂ* ‘apara qualquer coisa que se atira’
125. *RAMINÂ* ‘teimar’
126. *REBÊLÂ* ‘1. opor resistência, 2. recusar fazer qualquer coisa’
127. *RÔNCA* ‘1. namorar, 2. imposturar’
128. *ROSCÂ* ‘deitar abaixo com pancadas’
129. *RUMÂ* ‘cair sobre alguém em ajuda de outrem’
130. *SANGANHÂ* ‘1. esgadelhar, 2. arrepiar’
131. *SAPÂ* ‘cortar’
132. *SFRÊLÂ* ‘descascar’
133. *SORTIÂ* ‘experimental’
134. *SOTÂ* ‘dar pancada’
135. *SPIÂ* ‘1. ver, 2. ir ver, 3. olhar com atenção’
136. *ZUBURGÂ* ‘esmigalhar’
137. *GUENGUÊ* ‘afastar’
138. *JOBÊ* ‘1. procurar, 2. ir ver, 3. ver se encontra, 4. examinar’
139. *MANXÊ* ‘amanhecer’
140. *SAQUÊ* ‘1. estar de pé, 2. pôr-se de pé’
141. *SUCURECÊ* ‘escurecer’
142. *BURBURI* ‘1. agitar-se, 2. sacudir-se’
143. *CAPATI* ‘tirar um pedaço’

-
144. *CÂPLI* ‘1. fugir, 2. escapar-se’
145. *CATICATI* ‘esforçar-se’
146. *CHAPUTÍ* ‘beliscar’
147. *CHUSSÍ* ‘1. introduzir, 2. atíçar, 3. provocar à guerra’
148. *CHUCHÍ* ‘tocar levemente em alguém para chamar-lhe a atenção’
149. *CHUQUÍ* ‘picar, espetar’
150. *CORCUTÍ* ‘1. ralhar, 2. descompor, 3. raspar’
151. *CUCHÍ* ‘descascar o milho no pilão à moda da terra’
152. *CUDÍ* ‘1. responder, 2. ir falar a quem o chama’
153. *FACHÍ* ‘pescar os olhos’
154. *FALI* ‘mostrar-se esfomeado ou sôfrego por qualquer coisa’
155. *FITFITÍ* ‘lavar parcialmente qualquer roupa’
156. *FRUNHÍ* ‘franzir o rosto como quem faz pouco caso’
157. *FURFUNHI* ‘1. remexer, 2. misturar’
158. *FUTFUTÍ* ‘trabalhar para escapar mexendo o corpo’
159. *JINGUÍ* ‘1. unir, 2. ajustar, 3. ajoujar’
160. *JONGURNI* ‘encolher-se para dar lugar’
161. *NHANÍ* ‘1. desfalecer, 2. queixar-se por qualquer coisa, 3. passar mal’
162. *PARÍ* ‘1. parir, 2. dar frutos (plantas)’
163. *PATPATÍ* ‘1. não atar nem desatar, 2. não desempatar, não se resolver a coisa alguma, 3. patinhar, 4. revolver-se’
164. *RIQUITÍ* ‘1. esmigalhar, 2. esmiuçar, 3. tirar bocadinhos’
165. *SULÍ* ‘deitar líquido em qualquer vasilha’
166. *TINGUÍ* ‘1. irregalar-se, 2. tiritar com frio’
167. *CONCÔ* ‘1. bater à porta, 2. sacudir ou bater em qualquer coisa com os nós dos dedos’
168. *JONGÔ* ‘cabecear com sono’
169. *JONGOTÔ* ‘acocorar-se’
170. *LÔLÔ* ‘1. escorregar, 2. engolir’

171. *MUNHOGÔ* ‘amarrotar’
172. *ÔROMBÔ* ‘juntar o milho ou qualquer outro grão’
173. *BAMBÚ* ‘trazer as crianças às costas à moda da terra’
174. *BUSSÚ* ‘1. perder o fio ou pelo, 2. desfiar, desembainhar, 3. desbotar’
175. *DANGÚ* ‘1. não fazer caso, 2. não dar importância’
176. *DISDANGÚ* ‘desdenhar, desprezar’
177. *JUTÚ* ‘1. fazer pouco de alguém ou de alguma coisa, 2. desprezar, 3. recusar-se a aceitar’
178. *LAMBÚ* ‘pôr o pano ou xaile à moda da terra’

PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

179. *EN, NA* ‘em’
180. *ENTRE* ‘entre’
181. *A* ‘a’
182. *JÊRGA* ‘ao pé’
183. *TRÂS* ‘atrás’
184. *CU* ‘com’
185. *CONTRA* ‘contra’
186. *SIN, SÊN* ‘sem’
187. *DI* ‘de’
188. *DÊS, DÊSDE* ‘desde’
189. *PA, PAN* ‘para’
190. *POR, PUR* ‘por’
191. *ATÊ, TÊ* ‘até’
192. *NÂ PÊ DÍ* ‘ao pé de’
193. *PUR LI* ‘para aqui’
194. *PAR LÁ* ‘por lá’

EL FAZÊ AQUEL'CASA EN CINCO MEZ.
EL 'STÂ NA LISBÔA.
A ÊS HORA JÂ EL CORDÂ BÊJO.
TRÂS DI MIN ÂL BÊN ÔTO MIJOR.
BU 'STÂ CU SÔNO.
ÊSS'CUSA É CONTRA JUSTIÇA.
CÂ TÊN FLICIDADE SÊN (OU) SIN SAÚDE.
EL TÂ GOSTÂ DI (OU) DE BRINCÂ.
DÊS QU'ÊL BÊN DE LISBÔA EL CÂ BAJÂ.
DÊSDE HÔNTE EL CÂ CUMÊ.
EL TÂ BÂ (OU) BAI PA FRANÇA.
BU Q'RÊ PAN CUMEL?
Ê POR CAUSA D'EL QUI BU 'STÂ 'CREBÊ
ÊS FLÂ ATÊ, CUMÂ JÔSÊ 'STÂVA LÂ.
EL TÂ BÂ SÔ TÊ LISBÔA.

Fez aquela casa em cinco meses.
 Ele está em Lisboa.
 A esta hora deve estar acordado há muito tempo.
 Atrás de mim virá outro melhor.
 Tu estás com sono.
 Isto é contra justiça.
 Sem saúde não há felicidade.
 Ele gosta de brincar.
 Não dança desde que veio de Lisboa.
 Desde ontem ele não comeu.
 Ele vai para França.
 Queres que o coma?
 É por causa dele que estás a escrever.
 Disseram até que o José estava lá.
 Ele vai só até Lisboa.

ADVÉRBIOS DE MODO

195. *BÊN, SABÊ* 'bem'
 196. *MÂL, FÊDE* 'mal'
 197. *CUMÂ, SIMÂ, MÂ* 'como'
 198. *FUT* '1. de súbito, 2. repentinamente'
 199. *FÂXE* 'apressadamente'

EL SABÊ CANTÂ BÊN.
EL FAZEL' MUTE SÂBE.
EL FAZÊ MAL EN BÂ PERGUNTAL'.
EL FLÂL' FÊDE.
Ê ASSIN QU'EL FUGÍ.
BU É CUMÂ EL.
BU TÂ BAJÂ SIMÂ BU MÃE.
EL MOSTRAL' MÂ UN HÔME DEBÊ FUGÍ DI
CONTENDA.
EL SAÍ FUT.
BÂ FÂXE PA CASSA DI BU PAI.

Ele sabe cantar bem.
 Ele tratou-o muito bem.
 Ele fez mal em perguntar-lhe.
 Ele falou-lhe mal.
 É assim que ele fugiu.
 Tu és como ele.
 Danças como tua mãe.
 Mostrou-lhe como um homem deve fugir de questões.
 Ele saiu de repente.
 Vai depressa para casa de teu pai.

ADVÉRBIOS DE LUGAR

200. *UNDÊ, DON* 'onde'
 201. *ALÍ, LI* 'aqui'

202. *LONGE* ‘longe’

203. *PERTO* ‘perto’

204. *DÊNTO* ‘dentro’

205. *FORA* ‘fora’

UNDÊ EL ’STÂ BAI?

EL BÂ DON SÊ DONA.

É ALI (OU) LI QU’EL ’STÂ.

Ê LÂ QU’EL PANHÂ QUEL’LIBRO.

EL ’STÂ TÂ BÊN DE LONGE.

JÂ EL ’STÂ PERTO D’ALI.

Onde vai ele?

Foi aonde sua avó.

É aqui onde ele está.

Foi ali que ele apanhou aquele livro.

Está vindo de longe.

Já está perto daqui.

ADVÉRBIOS DE TEMPO

206. *AGÔ, GÔ* ‘agora’

207. *INDA* ‘ainda’

208. *HOJE* ‘hoje’

209. *MANHÃ* ‘amanhã’

210. *ANTAN* ‘então’

211. *LOGO* ‘logo’

212. *ANTE* ‘antes’

213. *DIPÔS, DISPÔS* ‘depois’

214. *CEDO* ‘cedo’

215. *TARDE* ‘tarde’

216. *QANDO, ÔQUE* ‘quando’

217. *SEMPRE* ‘sempre’

218. *JÁ, GÔRASSIN, GÔSSIN* ‘1. já, 2. agora mesmo, 3. neste instante’

219. *NUNCA* ‘nunca’

220. *BÊJO* ‘há tempo, há muito tempo’

AGÔ EL CÂ SABÊ CUSA EL ÁL FLÂ.
 EL GÔ 'STÂ CONTENTE.
 INDA EL CÂ GASTÂ TUDE SÊ DINHER?
 HOJE É DIA DE FESTA.
 MANHÃ M'ÁL PASSEÂ, SE CÂ CHÔBÊ.
 LOGO EL TÂ BÊN.
 ANTE DE JANTÂ EL TÂ BÊBÊ UN GROG.
 DISPOS D'EL CANÇÂ EL SOCEGÂ.
 ONTE EL CORDÂ MÁS CÊDO.
 É TARDE DÍ MÁS PAN JÔBÊ MARIDO.
 QANDO BÓ TÂ Q'RÊBA BU CÂ TÂ PODÊBA.
 BÊJO JÂ EL TÂ SABÊBA CUMÂ BAJÂ TÂ FA-
 ZÊBA EL MAL.
 EL TÂ BÂ JANTÂ GORASSIN.
 EL TÂ BÊN GOSSIN.

Agora não sabe o que há-de dizer.
 Ele agora está contente.
 Ainda não gastou todo o seu dinheiro?
 Hoje é dia de festa.
 Amanhã hei-de passear se não chover.
 Ele vem logo.
 Antes de jantar toma um copo de aguar-
 dente.
 Depois de cansar sossegou.
 Acordou ontem mais cedo.
 É tarde de mais para procurar marido.
 Quando querias não podias.
 Há muito tempo já ela sabia que dançar lhe
 fazia mal.
 Vai jantar já.
 Ele vem já.

ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE E COMPARAÇÃO

221. MUTO, CHEU 'muito'

222. PÔCO 'pouco'

223. TAN 'tão'

224. TANTO 'tanto'

225. QANTO 'quanto'

226. MÁS 'mais'

227. MENOS 'menos'

228. QUASSI 'quase'

EL CUMÊ CHEU DE MÁS.
 NHÔS TÂ TOMÂ PÔCO SENTIDO NA PAPIÂ.
 AQUEL'ONDRA CORRÊ TANTO QU'EL BA-
 FÂL'.
 NÊN EL SABÊ QUANTO EL É LINDRO.
 EL É MÁS CONTENTE QUE TUDE SÊ FAMI-
 LIA.
 EL TÂ CUDABA MENOS DI SÊ SAUDE, QU'EL
 TÂ DÊBÊ CUDÂBA.
 QUASSI QUI SI PAI PURDAL'.

Ele comeu muito de mais.
 Os senhores tomam pouco sentido no que
 conversam.
 Aquela onda correu tanto que o abafou.
 Nem ela sabe quanto é linda.
 Ele é o mais contente da família.
 Ela cuidava menos em si do que devia.
 Quase que o pai lhe perdoou.

ADVÉRBIO DE AFIRMAÇÃO

229. SIN 'sim'

SIN, EL CAÍ.

Ela caiu, sim.

ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO

230. *CÂ, NON, NAU, NÃO* ‘não’

CÂ BU CONCÔ N’ESS’PORTA.

Não batas nesta porta.

BU CÂ TÂ BÂ? AGORA NON (OU) NAU.

Tu não vais? Agora não.

EL CASÂ ÔNTE? NHOR NÃO....

Ele casou ontem? Não senhor.

EL CÂ TÂ BÂ NADA.

Ele não vai.

ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO

231. *SÓ* ‘só’

232. *SINON* ‘senão’

EL SÓ SABÊ CHORÂ.

Ela só sabe chorar.

BU CÂ SABÊ SINON ÊSS’CONTO.

Tu não sabes senão esta história.

EL CÂ SABÊ MÁ S SENON (OU) SINAM BASÂ

Ele não sabe senão dizer facécias.

DITO.

ADVÉRBIO DE DÚVIDA

233. *TÂLBÊS* ‘talvez’

TÂLBÊS ERA MIJOR CÂ FAZÊ NADA.

Era melhor talvez não fazer nada.

ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO

234. *ALI* ‘eis, eis aqui’

235. *ALÊM’, ALIME* ‘eis-me’

236. *ALÊBO, ALIBO* ‘eis-te’

237. *ALÊL’, ALIL’* ‘ei-lo’

238. *ALÂ* ‘eis ali’

239. *ALÂM’* ‘1. eis-me ali, 2. lá estou’

240. *ALÂBO* ‘eis-te ali’

241. *ALÂL’* ‘ei-lo ali’

ALI MOTIBO PAMÔDE EL TÂ BÊN.
 ALÊM'CU TUDO SINTIDO.
 ALIME DE BOLTA: JÂ BU CONTENTE?
 ALÊBO CU BU CUSA.
 ALIBO NA CAMA: AGÔ DORMI.
 ALÊL'CU SÊ ERMON.
 ALÂ QUÊL'MUJER BONITO.
 ALÂM' MANHÂ NA CASA.
 ALÂBO ÔTO BÊS NA CASA DI BU PAI.
 ALÂL' DI NÔBO CÔ SÊ MANIA.

Eis a razão por que ele vem.
 Eis-me com todo o sentido.
 Eis-me de volta: já estás contente?
 Eis-te com as tuas histórias.
 Eis-te na cama: agora dorme.
 Ei-lo com seu irmão.
 Eis ali aquela mulher bonita.
 Amanhã lá estou em casa.
 Eis-te ali de novo em casa de teu pai.
 Ei-lo ali novamente com a sua mania.

LOCUÇÕES ADVERBIAIS

242. AGORA SIN 'agora mesmo'
 243. ALÊ' LI - ALIL' LI 'eis-me aqui'
 244. ALÊBO LI, ALIBO LI 'eis-te aqui'
 245. ALÊL' LI, ALIL' LI 'ei-lo aqui'
 246. ALÂM' LÂ 'eis-me ali'
 247. ALÂBO LÂ 'eis-te ali'
 248. ALÂL' LÂ 'ei-lo ali'
 249. DI CISO 'sèriamente'
 250. LI-GÔ 'ali assim'
 251. NA DIBÊRAS 'deveras'
 252. PA RABÊNDITA 'por acinte'
 253. NA BÊRDÂDE 'verdadeiramente'
 254. ÔTR'AMANHÃ 'depois de amanhã'

CONJUNÇÕES COPULATIVAS

255. E, I 'e'
 256. TAMBÊN 'também'
 257. NÊN (OU) NIN 'nem'

EL PRIGUITE DE SÊ CÂBO, E BÂ BARÇAL'.
 EL SÊLÂ SI BURO I BÂ PA SI CASSA.
 NHÔ TAMBÊN 'STÂ TÂ 'SPIÂM'!

Levantou-se de repente do seu lugar e foi abraçá-lo.
 Arreou o seu burro e foi para casa.
 Também o senhor está a olhar para mim!

EL CÂ MESTÊ BU DINHÊRO, NIN EL CÂ DEBÊ CÊTAL'. Não precisa do teu dinheiro nem deve aceitá-lo.

CONJUNÇÕES CONTINUATIVAS

258. *PÔS, AMPÔ* 'pois'

259. *PAMÔDE* 'porque'

BU CÂ Q'REL', AMPÔ IN Q'REL'. Tu não o queres, pois quero-o eu.
E S'EL EMBARCÂ É PAMÔDE EL MESTÊBA GANHÂ SÊ BIDA. Se embarcou é porque precisava ganhar a sua vida.

CONJUNÇÃO EXPLICATIVA

260. *SIMÂ* 'assim como'

CONJUNÇÕES DISJUNTIVAS

261. *Ô* 'ou'

262. *NI, NIN, NÊN* 'nem'

NI MIN NÊN BÓ CÂ PODÊ BUÂ D'ÊS AL-TURA. Nem eu nem tu podemos saltar desta altura.

CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS

263. *MÂ, MÂS* 'mas'

264. *SINON* 'senão'

EL CÂ BONITO, MÂ EL É BÊRDE. Não é bonita, mas é engraçada.
NHÔ COMPÔ BÊN LÔRO DI NHÔ, SINON TUD'ERBA TÂ PERDÊ FÊPO. Enrole bem o seu rolo de tabaco, senão estraga-se.

CONJUNÇÕES CONCLUSIVAS

265. *MÊ* 'por isso mesmo'

IN TÂ FAZEL'MÊ. Faço-o por isso mesmo.

CONJUNÇÕES CONDICIONAIS

266. *SI, SE* 'se'

CONJUNÇÕES CAUSAIS

267. *PAMÔDE, PRAQUÊ* 'porque'

268. *TIÔQUÊ (OU) TÔQUE* 'até que'

IN TA 'SPERÁ TIÔQUÊ EL BÊN DI MERCA. Espero até que ele chegue da América.
 IN TA FICÁ NA CAMA TÔQUE BÊN NHÔ DO- Ficarei na cama até que venha o médico.
 TOR.

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

269. AMPÔ GÔ 'pois agora'
 270. ALÊN DI 'além de'
 271. ALÊN D'ISSO 'além disso'
 272. ASSI CUMÂ 'assim como'
 273. DI MÁ S A MÁ S 'de mais a mais'
 274. DI MÔDO QUI 'de modo que'
 275. LOGO QUE 'logo que'
 276. PAMÔDE MÊ 'por isso mesmo'
 277. QUEL'HORA 'assim que'
 278. TÊ QANDO 'até quando'

OH! NOSS'SENHOR! SÂBE CUSA NA Oh! meu Deus! que cousa tão boa!
 MUNDO! Oh! meu Deus! que festa tão bonita!
 OH SABÊ! NOSS'SENHOR! FORTE FÊSTA! Oh! meu Deus! já vi coisa de espantar!
 OH! NHÔR DÊS! JAM OJÂ CUSA! Oh! como tu és faladora!
 OH! GENTE! BÓ É LINGUARADA! Ai! não tem vergonha de o dizer?!
 BÍ! NHÔ CÂ TÊN BRIGONHA DI FLÂL?! Ai! como estou tão doente!
 AI! IN 'STÂ DUENTE DI CISO! Apre! forte bruto!
 ÂPE! FORTE BRUTO EL É! Safa! se és doida deixa-me sossegado!
 BASSAFÓRA! SI BÓ É JÂTA DIXAM'QUIÊTO! Ah! se eu pudesse ir a França!
 AH! SIN PODÊBA BÂ FRANÇA! Era bom! mas coisa boa não foi feita para
 QUINDÊRA! MÂ CUSA SÂBE CÂ FAZÊDO PA mim!
 MIN! Anda! não estejas a demorar!
 ANDÂ! CÂ BU PERDÊ BU TEMPO! Assim! assim! foi muito bem feito!
 ASSIN! ASSIN! 'STÂ MUTO BÊN FÊTO! É bem feito! ele tinha-te desfeitoado!
 BÊN FÊTO! EL FAZÊBA BÓ MUTO FÊDE! Bravo! que cavalo tão corredor!
 AH CANAJA! FORTE CABALO CORREDOR! Oh! meu amigo, não deixe fugir esse ma-
 Ê! NH'AMIGO! CÂ NHÔ DIXÂ CAPLI caco!
 ESS'SANCHO! Oh! rapazes! venham cá!
 O! NHÔS MÊSSO! NHÔS BÊN CUDÍ! Olá! vem cá para te dizer uma cousa!
 HÊU! CHIGÂ LI PAN FLABO UN CUSA! Vem para o pé de mim! deixa-a ir, não te
 BENCA! DIXÂ L'BÂ, CÂ BU DANGÚ! importes com isso!

PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Kabuverdianu de Santiago

Português

ERA UN BÊS - UN PAI TEMBA DÔS
FIJO. GUEL'MÁS PIQUINOTE PIDIL' PA
DÂB'EL SI PARTE QUI ÂL BÊN TOCÂL'
DI SI HERDANÇA, Ê DISPIDI D'EL, Ê BÂ
5 MORÂ N'UN TÊRA UNDÊ GASTÂ FÊPO
NA ESTRABAGANÇA DI RAPÁS NÔBO, SI
PARTE QUI TÂ QUEBÊL'.

DISPÓ QU'EL CABÂ DI GASTÂ TUDO
QU'Ê TEMBA, OJÂ SI PESSÔA NA TAN
10 GRANDE PROBESSA, QUI CÂ TÂ SABÊ DI
MODO QUI TÂ PASSÂ, PIDI I ÂCHÂ CABO
DI MOÇO D'UN MORGADO, QUI MAN-
DAL' PR'UN FASSEDA GARDÂ PÔRÇO.

Ê DÊS MÔDO TAN TRISTE QU'EL
15 CONXÊ SI DESGRACIA. ANTON EL QUÊÍ
NA EL, I 'SCLAMÂ CU GRANDE DOR:
OH! TANTO CRIADO ÊS HORA NA
CASSA DI NHA PAI CU CUMIDA CHEU,
I MI LI SI TÂ MORÊ DI FOME!

JAM CÂ PÔDÊ MÁŠ SAPORTÂ NHA
20 MISÊRRA, IN TÂ BÂ TÊR CU NHA PAI
IN TÂ FINCÂ DUÊJO NA SI PÉ, IN TÂ
FLÂL': Ê DI CISO, QUI IN GRABÂ NHÔ
ASSI MA'N GRABÂ NHÔR. DÊS: JAM
25 CÂ MERECÊ NHÔ OJÂM' CUMÂ FIJO DI
NHÔ, MÂŠ IN TÂ PIDI NHÔ GASAJAM'
NA CASSA DI NHÔ, I IN TÂ DESSEJÂ PA
ÊŠ TRATAM' N'EL CUMÂ MÁŠ BAXO DI
TUDO CRIADO.

CU ESS' BON PROPOSTO, Ê BÂ PA
30 CASSA DI SI PAI; 'STÂBA LONGE INDA
QANDO SI PAI OJÂL', I CUMÂ UN PAI
CÂ TA PODÊ INFASTIÂ DI SI FIJO, ASSIN
QU'OJÂL 'SQUECÊ DI TUDO TRABERSIN-
35 DADE QU'EL TEMBA FÊTO, I CORÊ BAR-
ÇÁL' NA SI BRAÇO I PURDAL'.

Um pai tinha dois filhos. Pediu-lhe o
mais moço que lhe desse a parte que po-
dia tocar-lhe da sua herança, e despedindo-
se dele, foi residir numa terra, aonde gastou
em larguezas e vícios da mocidade o quinhão
que lhe coubera.

Tendo assim dissipado quanto possuía,
viu-se reduzido a tão grande miséria que,
não sabendo já como havia de viver, pediu
e obteve ser moço de um rico proprietário,
que o mandou para uma herdade sua guar-
dar porcos.

Nesta situação tão humilde é que ele co-
nheceu a sua desgraça. Então caiu em si,
e exclamou com a maior dor: Ah! quantos
servos têm a estas horas pão com abundân-
cia em casa de meu pai, enquanto eu aqui
estou morrendo à fome!

Já não posso por mais tempo suportar
o meu infortúnio. Vou ter com meu pai,
lançar-me a seus pés, e dizer-lhe: É verdade
que o ofendi, meu pai, assim como ofendi
a Deus: eu já não sou digno de ser olhado
como seu filho, mas suplico-lhe que me re-
colha na sua casa, onde desejo tão sòmente
ser tratado como o mais ínfimo dos seus fâ-
mulos.

Com esta louvável resolução, dirigiu-se
a casa de seu pai: estava ainda em distân-
cia, quando este o percebeu, e como um pai
nunca pode aborrecer seu filho, apenas o
avistou, esqueceu-se de todos os erros que
ele tinha cometido, e apressou-se a apertá-
lo em seus braços e a perdoar-lhe.

Kabuverdianu de Santiago

Português

É RÂBIDÂ PA SI CREADO, I FLÂL': BÂ
 40 BUSCÂ RÔPA MÁŠ FAJÁDO DI NHA FIJO,
 NHÔŠ RANCHÂ UN JANTÂ GRANDE, PÔŠ
 IN Q'RÊ FASSÊ UN FESTA BÊJO, PA NÔŠ
 TUDO NU FICÂ SÂBE.

SI ARMUN MÁŠ BÊJO, QUI TÂ BIBÊ
 45 SEMPRE CUMÂ BON FIJO, Ê TIBE AL-
 GUN CIÔŠ QAND'EL BÊN DI CAMPO, ÔBI
 MUSGO, I OJÂ TUDO FÊSTA DI CASSA,
 Ê CÂ PODÊ INTENDÊ DI MODO QU'ÊŠ
 TÂ FASSÊ TANTO FESTA I LÊGRIA P'RA
 50 BINDA D'UN MÔŠSO, QUE TEMBA LAR-
 GADO CASSA DI SI PAI, QUI GASTÂ NA
 'STRABAGANÇA TUDO SI HERDANÇA, I
 QUI S'EL TÂ BOLTÂ, ERA PAMÔDE Ê
 CÂ TEMBA ÔTO CÂBO UNDÊ QUI PODÊ
 55 PASSÂ BIDA.

MÁŠ LOGO QUI SI PAI SABÊ DI CUSSA
 QUI TÂ PASSÂ NA SI CURAÇON, Ê FAS-
 SEL' INTENDÊ, QUI TUDO FIJO ERA
 Q'RÊDO DI MESMO MODO PA UN PAI QUI
 60 ERA BON, I FLÂ MÁŠ: NHA FIJO, BÔ AR-
 MUN STÂBA MORTO I AGORA JÂL BIBO;
 'STÂBA PERDIDO I JÁ NÔŠ ÂCHAL': É
 MUTIBO DI NÔŠ SABURA.

Voltou-se depois para os criados, e disse:
 Vão já buscar o melhor fato do meu filho,
 aprontem um esplêndido jantar, pois quero
 dar um banquete, e que nos regozijemos to-
 dos.

O irmão mais velho, que sempre tinha
 vivido como bom filho, teve algum ciúme
 quando, ao recolher-se dos campos, ouviu o
 som dos instrumentos, e presenciou toda a
 alegria que reinava em casa; não podendo
 conceber que se fizessem tantos regozijos
 pela vinda de um mancebo que tinha aban-
 donado a casa paterna, gastando em extra-
 vagâncias toda a sua herança, e que, se a ela
 voltava, era porque já não tinha outra parte
 aonde pudesse subsistir.

Mas apenas o pai soube o que se passava
 no íntimo do seu coração, fez-lhe entender
 que todos os filhos eram igualmente estima-
 dos por um bom pai, e acrescentou: Meu
 filho: teu irmão estava morto, e ressucitou;
 estava perdido e nós o tornamos a achar; eis
 o motivo da nossa alegria.

Brito [1887] (1967)

Dedicatória

Kabuverdianu

Português

NHAS PATRISIU!³¹

É KU MÁS GRĀDI GÔSTU K'Ī
TA-PRISĒTĀ' NHOS ÊS ISTUDU PĀ
NU PODÊ' FAZÊ' GRAMÁTIKA DI
5 NÓS LĪGUA.

NHÔS LÊ-'L KU TĒSĀ, I NHÔS
MĒDĀ'-L KU REZĀ.

NHÔS LĒBRĀ' K'É PROMÈRU
TRABAJHU D'ÊS KÓLIDADI KI NU
10 TĒ, SĒDU SERTU KI PĀ'M FAZÊ-'L
Ī KA ACHĀ' Ū SÓ ISKRITU KIRIÔL
PĀ SIRBĪ-'M DI MOLDI.

NHÔS MĒDĀ' ÉRU KI NHÔS
ACHĀ', NHÔS LIMĀ' FALTA KI
15 NHÔS KÔTRĀ', MÁS NHÔS MĒDĀ'
I NHÔS LIMĀ' KU JHUSTISA I
REZĀ.

XIDADI PRAIA DI CABU-
BERDI, 8 DI DIZĒBRU DI 1885.
20 = A. DE PAULA BRITO³².

Patrícios!³³

É com o maior prazer que ofereço à vossa
apreciação estes apontamentos para a gra-
mática do nosso pátrio dialeto.

Lede-os com atenção, e emendai-os com
critério.

Lembra-vos que é o primeiro trabalho
neste género que possuímos, sendo certo que
para o levar a cabo nem um só escrito crioulo
encontrei que me servisse de guia.

Emendai os erros que encontrardes, li-
mai as impurezas, mas emendai e limai com
justiça e imparcialidade.

Cidade de Praia de Cabo Verde, 8 de De-
zembro de 1885. = A. de Paula Brito³⁴.

ALGUNS NOMES INANIMADOS

279. IGUKA 'alforjes de couro'

280. KÓRDA 'corda'

281. NABAJHA 'navalha'

282. GALĀ 'paninho tinto que serve de xaile'

283. JHAGE-JHAGE 'Palma-Christi'

284. MAMU 'mamão (fruta)'

³¹Esse sintagma aparece em itálico no original.

³²O nome do autor aparece em itálico no original.

³³Essa palavra aparece em itálico no original.

³⁴O nome do autor aparece em itálico no original.

-
285. *SĪBRŌ* ‘simbrão (fruta)’
286. *KALMĀ* ‘cabaça (serve de alguidar)’
287. *BĀTA* ‘cabaça (serve de tigela)’
288. *JHĀBIKU* ‘cabaça (serve de funil)’
289. *SĪBŌ* ‘simbó (rabeca de uma corda)’
290. *JHĒJHĒ* ‘jhejhe (nome de uma erva)’
291. *TĒTERĒ* ‘tenterém (comida que se faz com farinha de milho torrada)’
292. *MŌRA* ‘roca’
293. *GICHU* ‘fuso’
294. *BIOKU* ‘careta’
295. *ERBA* ‘tabaco (folha)’
296. *TĒRA* ‘terra’
297. *CHUPADĒRU* ‘chupadeiro’
298. *KUFŌGU* ‘cufongo (bolo de milho)’
299. *BATĀGA* ‘batanga (bolo de milho)’
300. *LORŌJU* ‘relógio’
301. *CHAPĒ* ‘chapéu’
302. *SĒTE* ‘azeite’
303. *KANHOTU* ‘cachimbo’
304. *LŌRU* ‘tabaco enrolado’
305. *CHUBA* ‘chuva’
306. *NUBRIS* ‘nuvens’
307. *ARKU-BEJHE* ‘arco-íris’
308. *ROSADI* ‘rosário’
309. *JHĪJHIBI* ‘gengibre (planta)’
310. *BŌGOLŌ* ‘feijão frade’
311. *TRUCHIDA* ‘feijão (sem a película)’
312. *KACHUPA* ‘cachupa (comida de milho)’
313. *FŪKU* ‘choupana’
314. *NABI* ‘navio’

Frases soltas

Kabuverdianu

Português

TUDU TA-KABÂ', SÓ MORA
 DÉS TA-FIKÂ'.
 ALÉ-'M LI JHÛTU DI MARAL.
 ALÉ-NU LI.
 5 I DISMÔTÂ' GORA (GÓ) SĨ.
 Ê TA-KUSTÂ'-BÔ CHEU.
 Ê SIMA NHO FLÂ'.
 Ê KA FAZÊ' KÔTA DI MĨ.
 SOL JHÁ MÃXÊ'.
 10 KA BU GRITÂ' CHEU SĨ.
 Û JHÃJHÃ.
 ÊS FLOR Ê FORMÔS.
 BU KA TA-ÏGANÂ'-'M.
 BU KA NADA N'ÊS MÛDU.
 15 KOIMA PORDIGUEDÉS.
 MININU TORNÂ'.
 AL'ÊSS TA-BÊ.
 BIRÂ' PÂ 'DRETA.
 Ï KA TÊ NADA KU ÊSS.
 20 ÊS KUZA KA GOSTÂ-'M.
 Ê TÊBA ROSTU PUXADU.
 Ï KA PODÊ SAI' DI LI.
 BU TA-SAI' MÉ.
 Ï AL-SAI' SI NHOR DÉS JHÁ KRÊ.
 25 SÓ NHOR DÉS SABÊ' KUSA
 K'Ï PASÂ'.
 MOD'Ê?
 TRATÂ' DI BU BIDA.
 Ê BÊDÊ' TUDO K'Ê TÊBA.
 30 Ê 'STÂ' MUDADU CHEU, Ê KA
 KÊL KI NU KÕXÊBA.
 OXI É RIKU PÔDRE.
 Ê KRÊ, I Ê TA-JHOBÊ' POBRI.
 Ê PAMODI Ê TA-'SPERÂ' TUDU
 35 DI NHOR DÉS I NADA DI PEKADOR.

Tudo acaba menos o amor de Deus.
 Eis-me aqui junto de Pedro.
 Eis-me aqui.
 Apeei-me agora mesmo.
 Há-de-te custar caro.
 É como o senhor diz.
 Não fez caso de mim.
 Rompeu o sol.
 Não grites tanto.
 Um galo de mato.
 Esta flor é bonita.
 Não me enganas³⁵.
 Não és nada neste mundo.
 Paulo que Deus haja.
 A criança morreu.
 Aí vem eles.
 Vira para a direita.
 Não tenho nada com eles.
 Não gosto disso.
 Tinha o rosto carregado.
 Não posso sair daqui.
 Mas hás-de sair.
 Sairei se Deus quiser.
 Só Deus sabe o que sofri.
 Como é isso, ou o que é lá isso?
 Trata da tua vida.
 Vendeu tudo o que tinha.
 Está muito mudado, não é o mesmo que
 conhecíamos.
 Hoje é riquíssimo.
 Estima e socorre os pobres.
 É porque espera tudo de Deus e nada dos
 homens.

³⁵No original, a tradução aparece acompanhada pelo ponto de interrogação, tratando-se de um possível erro.

Kabuverdianu

Português

KÊS KI FAZÊ'-BU FEDI OXI,
 AL-RAPÊDÊ' MANHÃ.
 SI KA ERA PABIA DI NHOR
 DÉS, ÊSS TA-PAGABA MI TUDU E FÉPU.
 40 BU TA-DÂ KRERTU NA KUSA
 K'Ê FLÂ'?
 Ê KA MESTÊ ÎGANÂ'-'M.
 Î S'Ê ÎGANÂ'BÔ?
 KUZA K'Î AL-FAZÊ'?
 45 BU SATÂ'-ÔBI'-'M.
 NU 'SPERÂ'-BÔ CHEU.
 Ê KA DI BU KÔTA.
 ÊSS SATÂ'-CHAMÂ'-BÔ.
 Î FLADU PÂ 'M BÊ LI.
 50 BU SATÂ'-FLÂ DISÏTU.
 JHOBÊ'-'L NA RUA.
 LISI Ê KA STÂ'.
 JHOBÊ'-'L NA CASA DI SÊ MAI.
 NU BAI NÓS KAMINHU.
 55 Ê KA PODÊ' TARDÂ'.
 Î KA PODÊ' KU ÊS KUZA.
 MODI BU SATÂ'-PASÂ?
 KOMODADU, DÉS LÔBADU.
 ÊSS ÔBI' KUZA KI NU FLÂ?
 60 BU FAZÊ'-'L NOSÏTI.
 XINÂ' SI BU KRÊ SABÊ.
 BU TA-DORMI' CHEU DI MÁ.
 Î TENÊ' SODADI DI NHA FIJHA.
 FLÂ-'M KUZA BU TÊ.
 65 TÊ KABU P'ALGÊ PASÂ'? KA TÊ.
 TÊBA LISI Û KABU P'ALGÊ PASÂ'?
 TÊBA MAS Ê KA TÊ MÁ.
 SI ÊS KA TÊ, AL-TÊ ÔTU.
 AL-TÊBA SI NU TA-PAPIABA.
 70 TÊ Ó KA TÊ, Î AL PASÂ'.
 SI TÊBA ÔTU KABU P'ALGÊ
 PASÂ' Î TA-MOSTRABA-BÔ EL.
 SI TÊ ÔTU KABU MOSTRÂ-
 M-EL, PAMODI Î KRÊ BÂ NHA
 75 KAMINHU.
 Ê GRÂDI SIMA MÛDU.

Os que te ofendem hoje arrepender-se-ão
 amanhã.
 Se não fora por causa de Deus, pagar-
 me-iam capital e juros.
 Acreditas no que ele disse?
 Não precisa enganar-me.
 E se te enganar?
 O que farei?
 Estás ouvindo o que digo?
 Esperámo-te muito.
 Não tens nada com isso.
 Chamam-te.
 Disseram-me para vir aqui.
 Estás dizendo isto de propósito.
 Procura-o na rua.
 Aqui não está.
 Procura-o em casa da mãe dele.
 Vamo-nos embora.
 Não pode tardar.
 Não posso aturar isto.
 Como está passando?
 Bom, graças a Deus.
 Ouviram o que dissemos?
 Fizeste-o inconscientemente.
 Aprende se queres saber.
 Dormes demasiadamente.
 Tenho saudades de minha filha.
 Dize-me o que tens.
 Há lugar para se passar? Não há.
 Havia aqui um lugar para se passar?
 Houve, mas já não há.
 Se não existe este haverá outro.
 Haveria se falássemos.
 Haja ou não, eu passarei.
 Se houvesse outro lugar para se passar
 eu mostrar -to-ia.
 Se houver outro mostra-mo, porque de-
 sejo ir-me embora.
 É tão grande como o mundo.

Kabuverdianu

Português

	<i>P'ÕDI NU SATÂ'-BAI?</i>	Onde vamos nós?
	<i>P'ÕDI NHÔ KRÊ.</i>	Para onde quiserdes.
	<i>Î KRÊ BAI TÉ ORGÕ.</i>	Quero ir aos Órgãos.
80	<i>Ê TA KORÊ^â SIMA KABALU.</i>	Corre como um cavalo.
	<i>KÊ KI KA TÊ KABÉSA KA</i>	Quem não quer ser lobo não lhe veste a
	<i>TA-PÔ CHAPÉ.</i>	pele.

VOCABULÁRIO

315. *ABRASU* 'cingir com os braços'
316. *AKANHADU* 'acanhado, envergonhado, que falta desembaraço etc'
317. *ALĀBRI* 'alambre (conta de), âmbar'
318. *ALKĀSĀ'* '1. conseguir, alcançar, obter, atingir, 2. aproximar um objeto qualquer de uma pessoa, 3. chegar com as mãos a um ponto dado etc'
319. *ALEIBE* 'falso testemunho, calúnia'
320. *ALFĀDIGA* 'alfândega, repartição aduaneira'
321. *ALÉ* 'eis; esta palavra não se usa senão ligada a um pronome (objetivo): *alé-'m* 'eis-me', *alé-'l* 'ei-lo' etc'
322. *ALMA* 'espírito, alma, vivente'
323. *ANIMU* 'espírito, arrojo, força etc'
324. *APRI* 'forra, ira, ápage'
325. *ARMĀ'* 'preparar, arranjar'
326. *AROMA* 'esponjeira (arbusto)'
327. *ARTI* 'habilidade, indústria, artifício, ardil, astúcia'
328. *ASKU* 'nojo, fastio, repugnância'
329. *AZÉDU* 'azedo, desagradável, repugnante'
330. *BABA* 'saliva, espuma, cuspo'
331. *BĀDA* 'cinto, faixa'
332. *BADAMÉKU* 'bandalho, fedelho'
333. *BADIU* 'nome que se dá ao camponês na ilha de Santiago'
334. *BĀDONĀ'* 'abandonar, desprezar'

335. *BAFU* ‘fôlego, hálito’
336. *BAGU* ‘grão’
337. *BALĀSĒ* ‘baile, soirée’
338. *BALDA* ‘defeito, tacha’
339. *BARU* ‘barro, argila’
340. *BASTĀ* ‘estar satisfeito, não precisar de mais’
341. *BATĒ* ‘lavar a roupa’
342. *BAUL* ‘baú’
343. *BAXU* ‘baixo, vil’
344. *BEBRU* ‘bêbado, embriagado’
345. *BĒRA* ‘borda, beira’
346. *BĒSTA* ‘1. estúpido, 2. fêmea do burro’
347. *BIZARRU* ‘generoso, brioso, bastante’
348. *BÓDI* ‘macho da cabra’
349. *BÓLI* ‘cabaça do feitio de um 8 que serve de garrafa’
350. *BŌ* ‘bom, prestadio, útil’
351. *BONĀ* ‘abonar, adiantar, emprestar, servir de fiador’
352. *BULI* ‘mexer, tocar, bulir’
353. *BOTĀ* ‘deitar fora, atirar’
354. *BRĀDĀ* ‘abrandar, aquietar-se’
355. *BRABU* ‘bravo, fogoso, de mau gênio, fácil de se irritar’
356. *BRAJĒRU* ‘brejeiro, garoto’
357. *BRIGĀ* ‘brigar, combater’
358. *BRIJHĀTI* ‘brilhante’
359. *BRIU* ‘crédito, brio, desejo de agradar às damas’
360. *BRUXA* ‘feiticeira’
361. *BULIDOR* ‘provocador, mexilhão’
362. *BŪDĀSIA* ‘abundância, fartura’

363. *BURRISIDU* ‘aborrecido, importuno’
364. *BURUFU* ‘borrifo’
365. *BUSKÂ* ‘procurar, buscar, implicar’
366. *CHAKOTA* ‘mofa, caçoada, escárnio’
367. *CHAKOTÊRU* ‘trocista, escarnecedor’
368. *CHÃBUADU* ‘com os pés ligados’
369. *CHABI* ‘chave’
370. *CHAPA* ‘chapa, remendo’
371. *CHÊA* ‘cheia, inundação’
372. *CHIGÂ* ‘chegar’
373. *CHÊRÂ* ‘cheirar’
374. *CHIBÁRU* ‘chibo’
375. *CHOKÂ* ‘chocar, pôr a galinha no choco’
376. *CHORÔNU* ‘chorão, choramingas’
377. *CHÛBU* ‘chumbo’
378. *DANINHU* ‘danoso, nocivo’
379. *DADÔR* ‘liberal, amigo de dar’
380. *DÂ* ‘dar’
381. *DIGUJHÂ* ‘debulhar’
382. *DISIDI* ‘decidir, despachar’
383. *DIKLARÂ* ‘declarar’
384. *DISÎTI* ‘de caso pensado, de propósito’
385. *DISTRÎSÂ* ‘destriçar, explicar minuciosamente’
386. *DIZANHÂ* ‘depreciar, desdenhar’
387. *DÓ* ‘luto, comiseração’
388. *DOBRÂ* ‘dobrar, repetir’
389. *DÓNA* ‘avó’
390. *DONÔ* ‘avô’

391. *DORÁ* '1. adorar, 2. doirar'
392. *DORNÊTU* 'lânguido, cheio de dengüices'
393. *DUBRA* 'dúvida'
394. *DURMI* 'dormir'
395. *DURMISÊ* 'adormecer'
396. *EKI* 'somente, unicamente, apenas um'
397. *EKĀTĀ* 'encantar, enfeitiçar'
398. *ERBA* 'erva, tabaco'
399. *ESKRABU* 'escravo, cativo'
400. *ESPĀTU* 'espanto'
401. *ESPRESÕ* 'expressão'
402. *ESTRABAGĀTI* 'extravagante'
403. *FABA* 'fava'
404. *FABORSÊ* 'favorecer'
405. *FAISKA* 'centelha, faúlha'
406. *FALIDU* 'esfomeado, esganado por'
407. *FAJHADU* 'generoso, bom, liberal'
408. *FALSIA* 'traição, engano'
409. *FALTA* 'carência, penúria'
410. *FALTĀ* 'carecer, faltar'
411. *FANHÔS* 'morfinho, que fala pelo nariz'
412. *FARTĀ* 'fartar, saciar'
413. *FAZÊ* 'fazer, executar'
414. *FAZÊDA* 'fazenda, quinta'
415. *FECHU* 'porção, parte, quantidade indeterminada'
416. *FÊDÔR* 'fedor, fétido, mau cheiro'
417. *FELISE* 'feliz, afortunado'
418. *FENHE-FENHE* 'rareado, penugem'

-
419. *FÉSTA* ‘festa, festejo, aplauso’
420. *FESTÊRU* ‘o que faz a festa’
421. *FIÂ* ‘confiar, vender a crédito’
422. *FIKÂ* ‘1. ficar, 2. não gostar de...’
423. *FĨKÂ* ‘espetar, pôr a prumo’
424. *FIJHU* ‘filho’
425. *FIRFIRI* ‘procurar, diligenciar’
426. *FIRFIRIDÔR* ‘fura-vidas, indagador’
427. *FOGÂ* ‘1. afogar, 2. engasgar’
428. *FORRÂ* ‘1. libertar, 2. pôr forro, 3. repetir’
429. *FÓS* ‘fósforo’
430. *FRÕTÂ* ‘afrontar, desesperar’
431. *FURFUNHIDU* ‘remexido, resolvido, vido’
432. *FURRIÂ* ‘atirar para longe’
433. *GABÂ* ‘gabar, elogiar’
434. *GAITA* ‘harmônio’
435. *GAJHÓFA* ‘galhofa, risata’
436. *GALÃ* ‘pano de algodão tinto que as mulheres do povo usam em vez de xaile’
437. *GÁNA* ‘vontade ardente’
438. *GÊTU* ‘jeito, habilidade, ocasião’
439. *GEMIA* ‘gêmea’
440. *GÊMÊ* ‘gemer’
441. *GEMEDURA* ‘gemido’
442. *GÊGÊ* ‘inclinat’
443. *GOSTU* ‘gosto, alegria, satisfação’
444. *GOZÂ* ‘gozar, fruir, desfrutar’
445. *GRADU* ‘gosto, vontade’
446. *GRÃDEZA* ‘grandeza, orgulho’

447. *GRÃDURA* ‘tamanho’
448. *GURUGUTÓ* ‘acabou-se, foi-se’
449. *IMAXI* ‘imagem’
450. *JARDĨ* ‘jardim’
451. *JUIZ* ‘1. juiz, 2. juízo’
452. *JĀBU* ‘jambo (fruto)’
453. *JHĀJHĀ* ‘galo do mato’
454. *JHIJHŨ* ‘jejum’
455. *JHOGU* ‘jogo’
456. *JHUGĀ* ‘jogar’
457. *JHŨGURNIDU* ‘desjeitoso, amarrotado, acororado desjeitosamente’
458. *JHŨTĀ* ‘ligar, unir, ajuntar’
459. *JHURĀ* ‘jurar’
460. *JHURA* ‘jura, juramento’
461. *KABĒSA* ‘cabeça’
462. *KĀCHA* ‘dissimulação’
463. *KAI* ‘cair’
464. *KĀKĀ* ‘tabaco preparado e depois tostado cuidadosamente ao lume e reduzido a pó; serve para cheirar’
465. *KANHOTU* ‘cachimbo’
466. *KOĀ* ‘passar o líquido por um pano’
467. *KOBARDI* ‘covarde’
468. *KOBRAĀ* ‘cobrar, tirar a desforra’
469. *KŌTA* ‘1. conta, caso, 2. dar importância: *ê ka fazê kōta di bó* ‘não faz caso de ti.’’
470. *KOMĒRA* ‘cómoda’
471. *KORĒJU* ‘correio’
472. *KRÊSÊ* ‘crescer’
473. *KÚSKÚS* ‘comida preparada com farinha de milho cozida a vapor de água numa forma a que se dá o nome de *bĩde*’

-
474. *LÁ* ‘lá, ali’
475. *LABAREDA* ‘chama’
476. *LABUTÂ* ‘labutar, lidar’
477. *LADINU* ‘esperto, fino, astuto’
478. *LADRISA* ‘ladroeira’
479. *LARÃJHA* ‘laranja’
480. *LÊ* ‘lado’
481. *LABÃTADU* ‘erguido, rebelado, bulhento’
482. *LIBRE* ‘livre’
483. *LIXÕXA* ‘lisonja’
484. *LUXÊTU* ‘cheio de luxo’
485. *MACHU* ‘macho’
486. *MADRUGÂ* ‘madrugar, matinar’
487. *MÃDUKU* ‘1. pedaço, 2. cassetete, marmeleiro’
488. *MANÊRA* ‘maneira, modo, ocasião’
489. *MARGAJHADU* ‘torto, mal feito’
490. *MOFINU* ‘cobarde, sem préstimo’
491. *MONHÕGODU* ‘amarrotado’
492. *NASÊ* ‘nascer’
493. *NABIU* ‘navio’
494. *NEGU* ‘negro, preto. É tido como título de desprezo entre os pretos.’
495. *NÔTI* ‘noite’
496. *NOIBU* ‘noivo’
497. *NOJHU* ‘nojo’
498. *NUBRIS* ‘nuvens’
499. *NHAMÊ* ‘mastigar, comer’
500. *NHANHA* ‘minha senhora (termo caseiro)’
501. *OBRIGÂ* ‘obrigar’

-
502. *OJHU* ‘olho’
503. *OJHADA* ‘quebranto’
504. *PAGÁ* ‘pagar’
505. *PARI* ‘parir, dar à luz’
506. *PASA-PÓ* ‘surra, sova’
507. *PANASKU* ‘florinha (serve para colchões)’
508. *PE* ‘pé’
509. *PEKADÔR* ‘criatura, pessoa’
510. *PITU* ‘apito, pipo de cachimbo, boquilha’
511. *PIRÃ* ‘farinha de pau’
512. *PILÕ* ‘pilão’
513. *PÓ* ‘pau’
514. *PODRISA* ‘podridão’
515. *PORDIGUEDÉS* ‘Que Deus haja’
516. *PUPADA* ‘gritaria, choro’
517. *PURÉZA* ‘habilidade’
518. *RABU* ‘cauda’
519. *RACHÁ* ‘rasgar, rachar’
520. *RÃCHU* ‘arranjos, cousas’
521. *RAIBA* ‘raiva’
522. *RAZU* ‘plano, raso’
523. *RÉZA* ‘reza, oração’
524. *RÉTU* ‘teso, hirto’
525. *RUNHU* ‘mau, ruim, perverso’
526. *RUIDADI* ‘malvadez, travessura’
527. *SABI* ‘bom, gostoso, agradável, contente, satisfeito, de bom humor’
528. *SABIDU* ‘esperto, experimentado’
529. *SÃCHU* ‘mono, macaco’

530. *SĀCHADU* ‘sandeu, zangado’
531. *SÊGĀ* ‘cegar’
532. *SĪBÓ* ‘instrumento parecido com a rabeca. É feito com a metade de uma cabaça, tem uma única corda e toca-se com um arco’
533. *SIÓS* ‘ciumento, ciúmes’
534. *SIRBI* ‘servir, ter préstimo’
535. *SIRÉ* ‘tabaco tostado ao lume, reduzido depois a pó, e preparado com manteiga de vaca. Serve para se pôr na boca’
536. *SOLDADI* ‘soldado’
537. *SUKURU* ‘escuro, cerração’
538. *TÁCHA* ‘vaso de metal que serve ordinariamente para fazer doces’
539. *TAGARRA* ‘alguidar de madeira’
540. *TAJHĀ* ‘talhar, cortar, atalhar’
541. *TĒPRĀ* ‘1. temperar, 2. preparar-se’
542. *TĒTERĒ* ‘comida feita com farinha de milho torrado. Na ilha do Fogo a esta comida chama-se *kamóka*’
543. *TORNĀ* ‘repetir, voltar de novo. Também significa ‘morrer’: *mininu tornā* ‘a criança morreu’.
544. *TRĀDU* ‘excepto’
545. *TROZA* ‘calças. Pouco usado em Santiago, porém muito na ilha do Fogo.’
546. *UBA* ‘uva’
547. *UBĀ* ‘uivar’
548. *UNI* ‘unir, ligar’
549. *URDI* ‘urdir, tecer’
550. *URRA* ‘Viva! Salve!’
551. *UZĀ* ‘1. usar, 2. ter costume, estar habituado’
552. *XĀ* ‘chá’
553. *XAROPI* ‘xarope’
554. *XARGÕ* ‘enxergão’

-
555. *XÊRÊ* ‘milho reduzido a grânulos’
556. *XIRĨGA* ‘seringa’
557. *XUXU* ‘1. sujo, 2. demo, demônio’
558. *ZAGAIA* ‘azagaia (arma gentilica)’
559. *ZÂGÂ* ‘1. zangar, irritar-se, 2. assombrar, dar mau olhado’
560. *ZÉLU* ‘desvelo, ciúmes’
561. *ZĨBRÂ* ‘1. dar com força, 2. abarrotar’
562. *ZĨBRADA* ‘pancada forte’

Schuchardt (1888)

A. Á mí qué bóde!

Personagem unico: Banda Marál da Costa

(Scena deserta. Banda entrando com umas anducas ás costas)

- BÉ! JHAM ÁRÂ CÔ CÁBO! (ao ponto) É NHÔ, É CÂ LÍ QUÉ CÁSSA DI SARADOR? (ponto: Aqui é o teatro) UÁ NHA*
- 5 *MÁI, A MI JHAM MÓRE! NA JHOBE NHA ÁSNO QUIN PÔ NA QUINTALONA DI SARADOR, ÛN BEN DA LÍ NA TRIATO! ÊS SÓ PÂ... PAXENXA! MÁ S TUDO MODI, JHA QUI JHAM STÂ LI, AL SER SÓ UN BÁ, UN BÁ JHOBE, PÓ QUIN BÁ FÓRA, PAN SABE MÓ QUIN TA FLÁ DI CUSA QUI BRANCOS TA FASSÊ LI. SPERA; ÛN DADO UN DINHERROS*
- 10 *P'ÛN PÔCOS DI RACOMENDA, UN TÂ JHOBE SE JHA SOBEXAM ALGUN, ÛN TA CÚMPRÂ VILGETE PAN CANBA, PAN SPIA. (assentando-se no chão e tirando das anducas um lenço amarrado com di-nheiro nas quatro pontas). ÊS LI Ê DI NHA COMÁ TÂTAXA, PAN CUMPRÁL QUATO LÔRO LINHA 'L RENDA PÁ CRÓXETA; UN BÁRRA*
- 15 *DE NASTRO DI DÉRES; DÉRÉS D'ALFINETE, C'UN DÉRES DI... AHAAH! ... ÊS LI UN CA LENBRA PÂ CUSSÊ! ... AHÁ NHA GUENTE!... AH! JHAM LEMBRA GÓRA; É PAN CUMPRAL ZABÓLA PÂ TENPRA. PAXENXA, ALÍ CÂ SOBRA NADA! (desamarrando outra) ÊS LI Ê DI NHO PADRI QUI DAN PAN COMPRAL BINHO; ALI EN CÂ TA BULI NEM PÂ*
- 20 *MÉCINHA! (desamarrando outra) ÊS LI... (fallando consigo mesmo) MÁ NHA GUENTE, ÊS LI CA DRETO; SIN TRA DINHERRO PAN CUMPRAL VILGETE, TA PARCÊ MA QUI JHAN FURTA, E QUEL CA PÔDE SER; NÃO; UN TÂ JHOBE XAXO, PORQUI FLADO M'EL QUÉ DONO 'L TRIATO, UN TÂ FLAL PÊ DEXAN OJHA, Ê TA DEXA PORQUI HÓMI É MUTO FAJHADO*
- 25 *FLADO. (olhando para o publico) BÉ! FORTE GUENTE CHEU! ÓMI, ÊS NEM NA GREXA! (tirando o chapéu) NHORIS PURDAN; EN CÂ SABE SI NHORIS 'STABA LI, PORIS QUIN CA FLABA NHOS MANTINHA; (curvando-se e levando a mão ao nariz) MA SIORIS PASSA? COMO-DADO? LOBADO SEXA NHÔR DES! MÁ SIORIS TA PASSA? ... NHA*
- 30 *MUJHER QUI TA PASSA CU QUEXA; Ê TENÊBA DÔR NA PONTÁDA CU PE-TOÊRA, MAS JHE STÂ MIJHOR. NHÔS C'OJHAM NHO XAXO LI?... (fallando consigo mesmo) ÊS CÂ TÂ CUDI; (ao publico) BÉ! CA NHOS TA DISDANGÚ ALGUEM; Ê CÂ DRETO! (á parte) BEN BÁ ÊS CA TA 'NTENDE CREOLO? UN TA PAPIA PORTUGUEZ CU ELLES. (querendo*
- 35 *fallar portuguez) EU PERGUNTABA SIORIS, SI SIORIS NÃO OJÂ NHO LIXANDRO QUI SON DONO DI LI. (em tom sacudido) NHOS CA CRE CUDI? PÔS NHOS DEXA STAR; VISTO QUE NHOS ÓME É MUFINO, UN TA ROGA QUEL NHÁRAS LÂ (apontando para os camarotes) PÂ DEXAN CANBA*

JUNTO CU ELLIS, NEM QUE SÓ PAN TENERLES CABALLO Ó QUES BEN MON-
 40 TADO. (às senhoras, querendo outra vez fallar portuguez) *MÓDE!*
SIORAS NÃO DEIXON-MI CAMBEI JUNTO CO SIORAS PÂ SIRBIN DE CRIADO?
SI DEIXON, DIZESTE; SI NÃO... VAI OJHAN SI MÉ, PORQUE SUBISTE
RIBA DÊS PEDRA LI (apontando para a cupula do ponto) *E OJHASTE*
ANTON FÉPO! (zangado) *MIJHOR MÉ É QUEL QUIN TA FASSE PAN*
 45 *CÂ SA TA ROGA ÊS NHANBABOS QUI 'STA SÓ TA DISDANGÚ ALGUEN!*
 (querendo d'anducas às costas encarrapitar-se na cupula do
 ponto), *ALI ÛN THOJA DRETO!* (o regente da orchestra levanta-se,
 e empunha a batuta; Domingos salta para traz, e grita:) *Ei!*
CÂ NHO DAJHE NA MI! SÉ CÂ PA BIA DE PLICIA QUE 'STA LA SÍ,
 50 *UN TA MOSTRABA NHO! AH CANAJHA! PA ÊS QUI FÓRA É SABE.*

(batuque:)

LÂ FÓRA MÍ QUÉ PÓ GRANDE
QUEL QUI TA FLADO GALEON;
TUDO ALGUEN QUIN DÂ CU PÓ,
 55 *AL CAI SÉCO NA CHON.*

BÓDE, É SÓ MI QUI CHOMA
DENTO DI NHA FREGUESSIA,
CA TEN BRANCO, CA TEN PRETO
QUI TA FALTAN CORTOSSIA!

60 (declamando) *Ai! Ai!... RIBA NHA GUENTE! CHABÊTA!* (batendo com
 as mãos nas pernas) *CHABETA NHA GUENTE! CHABÊTA 'STA DI BAGAR!*
 (depois de pequena pausa, e dando um pulo) *JÁ PÓ! A MÍ*
QUÉ BÓDE!... (a orchestra cala-se) *AN?! NHOS CÂ SÂ TÂ SIGUI*
CU BATUQUE?... ANTON SI NHOS CA TA SIGUI, NHOS FLÂN, PORQUI TA
 65 *DURA, TA NOTI E FICAN RACOMMENDA CHEU DIN CUMpra! MAS...*
UN C'AL BAI, SEN FLA NHOS PUNDE QUIN MORA, PORQUI NEN QUI NHOS
CA FASSEM SABI, NA CA CRÊ DEXAM CAMBA TRIATO, PAN OLHA, SEMPRE
O QUI NHOS PASSA LA, UN TA FASSE NHOS MAS SABI QUI NHOS NHOS
FASSEM. A MÍ UN CHOMA DIMINGO, MAS TUDO ALGUEN CONCHEM PÂ
 70 *BANDA MARRAL DA COSTA, BÓDE DI ROBERA DI PICO BURMEJHO, CABO*
QUI TEM MÓÇAS FAJHADO TÓQUI NHOR DÊS FLA JHA BUM! AN...
AN!...

MAS JÂ QUI JÂN SA TA BAI
SEN SABÊ C'Ó QUIN TEN LI,
 75 *NHOS FASSÊ QUIN PASSA SABI*
PAN TEN MÓDE TORNA BULI.

Eu sou o cara!

Personagem único: Banda Máral da Costa³⁶

(*Cena deserta. Banda entrando com uns sacos de couro nas costas*)

- Ôh! Já estou aqui! (*chegando ao teatro*) Ôh senhor, não é aqui que é a casa do homem que cuida dos animais daqueles que vão para cidade por causa do trabalho?
- 5 Ui, já morri de cansaço! Olhei para o asno que está no grande quintal do cuidador, um vem dali do curral. Ora essa... paciência! Em todo caso, como já estou aqui, preciso ir dar uma olhada imediatamente, para quando eu estiver fora, eu saber como falar daquilo que os brancos fazem ali. Espere, deram-me um dinheiro
- 10 para algumas encomendas. Deixa eu olhar se sobrou algum para eu comprar um bilhete para assistir uma peça. (*assentando-se no chão e tirando das bolsas de couro um lenço amarrado com dinheiro nas quatro pontas*). Esse aqui é de dona Anastácia para comprar quatro rolos de linha para fazer crochê, uma barra
- 15 de dez réis; dez réis de alfinete, mais dez réis de... ahah! ... esse aqui, eu não me lembro para que é!... ora esta!... Ah, me lembrei agora, é para comprar cebola para temperar a comida. Paciência, aqui não sobra nada! (*desamarrando outra*) Esse aqui é do senhor padre, que me deu dinheiro para comprar vinho. Esse eu não posso bulir
- 20 de jeito nenhum! (*desamarrando outra*) Esse aqui... (*falando consigo mesmo*). Ôh gente, isso não está certo. Se eu tirar dinheiro para comprar bilhete, vai parecer que eu furtei. Assim não pode ser. Não! Vou olhar o de Alexandre, porque me disseram que ele é dono de animais.

³⁶Nota de Schuchardt (1888: 316-317, tradução nossa): “Em kabuverdianu, para nomes próprios, são comuns nomes carinhosos (hipocorísticos), que parecem não ter nenhuma relação sonora com os primeiros. Coelho (1967a [1880]) apresenta algumas formações nominais enigmáticas, mas encontrei algumas que não apresentam nenhuma dificuldade especial, como *Choncha* (cf. *Bâcha* e *Chichó*, *Chôchó* (COSTA & DUARTE, 1967 [1886]; *Chana* = *-tiana*) = *Se[bas]tião*; *Doria* = *[An]dré*; *Faia* = *[Ra]-phae[l]*; *Lota* (*Bêlôta*, COSTA & DUARTE, 1967 [1886]) = *[Izabe]l+ota*; *Pelico* = *Polyc[arp]o*; *Pota* = *[Hip]po[ly]to*; *Touco* = *[Vic]to[r]*; cf. *Doca* = *Theodora*, *Nico* = *Manuel* (*Bêlôca* = *Izabel*, *Têca* = *Catharina*, COSTA & DUARTE, 1967 [1886]), e provavelmente *Choga* = *[Chry]so[stomo]*. Mas para outros, e aí acrescentaríamos *Penha* = *Gregório*, não saberíamos dar nenhuma explicação; apenas me ocorre que esses quase todos são conhecidos ao português como apelativos. [...] Os dois nomes pertencem, contudo, a esse espectro obscuro do kabuverdianu: *Banda* = *Domingos*, *Maral* = *Pedro*. Para Domingos, Coelho (1967a [1880]) tem *Dunda*, Costa & Duarte (1967 [1886]) ainda *Nhango*; ambos parecem ser abreviações (*Dunda* para **Dunga*, com assimilação da segunda consoante, como em *Júja* = *Julia*, COSTA & DUARTE, 1967 [1886]), e não seria impossível a forma regressiva *Banda* a partir de *Domingos*, interpretando-se talvez como uma mistura de formas secundárias, como *Dunda* e **Mango* (cf. *Bia* = *Maria*, COSTA & DUARTE, 1967 [1886]).”

- Deixa eu ver, porque dizem que esse homem é muito generoso.
- 25 (*olhando para o público*) Ôh, quanta gente! Nem na igreja há tantas pessoas! (*tirando o chapéu*) O senhores me perdoem. Eu não sabia que estavam aqui, por isso não os cumprimentei. (*curvando-se e levando a mão no nariz*) Como têm passado? Tudo bem? Louvado seja nosso Senhor Deus! Como têm passado?.... Minha
- 30 mulher estava se queixando. Ela tinha dores na ponta do dedo indicador, mas já está melhor. Vocês não viram o senhor Alexandre aqui?... (*falando com si mesmo*) Eles não respondem. (*ao público*) Ôh! Vocês estão desprezando alguém. Isso não está certo! (*à parte*) Seria o caso de eles não entenderem crioulo? Vou falar português com eles. (*querendo*
- 35 *falar português*³⁷) Eu perguntava a vocês se não viram o senhor Alexandre, que é o dono daqui. (*em tom sacudido*) Vocês não querem responder? Pois os senhores deixem estar; visto que os homens são mofinos, eu rogo àquelas senhoras lá (*apontando para os camarotes*) que deixem eu me esconder junto com elas, nem que seja só para ter os cavalos quando eles estiverem bem montados.
- 40 (*às senhoras, querendo outra vez falar português*) Ôh! As senhoras não me deixam ficar junto com vocês para servir de criado? Se deixarem, me digam. Se não... vou olhar assim mesmo, porque subo nessa pedra (*apontando para a cúpula do teatro*) e então olho tudo! (*zangado*) É o melhor que eu posso fazer para
- 45 não rogar a esses brancos que só estão desdenhando de alguém! (*querendo com as bolsas às costas encarapitar-se na cúpula do teatro*). Dali eu vejo bem! (*o regente da orquestra levanta-se e empunha a batuta. Domingos salta para trás e grita:*) Ei! Não me bata! Se não fosse por causa da polícia que está lá assim,
- 50 Ah, canalha! Para aqueles de fora é bom.

(batuque:)³⁸

- Lá fora eu sou pau grande
aquele que chamam galeão;
55 todos aqueles que batem de frente com o pau
caem seco no chão.

Só me chamam de valentão

³⁷Nota de Schuchardt (1888: 319, tradução nossa): “A frase seguinte e também a que começa na linha 41 misturam kabuverdianu e português.”

³⁸Nota de Schuchardt (1888: 320, tradução nossa): “O batuque é um tipo de poesia popular com conteúdo satírico. Essa música é tocada no violino, e as pessoas ficam de pé numa roda, batendo suas mãos nas coxas e uma mulher pouco pudica (lasciva) dança no meio da roda (*pô na torto*); ir para o meio do círculo significa *subi térrero*. O batuque é uma dança conhecida em várias partes da África, e a descrição de Moraes Silva como: ‘baile de que usam as duas nações de Africa, Congueza e Bunda [Angola]’ é muito restrita apesar de ser dali originária.”

dentro da minha freguesia
não tem branco, não tem preto
que me falte cortesia!

- 60 (*declamando*) para cima, minha gente! acelerem as palmas! (*batendo com as mãos nas pernas*) acelerem as palmas, minha gente! As palmas estão lentas demais! (*depois de uma pequena pausa, e dando um pulo*) Bravo! Eu sou o cara! (*a orquestra cala-se*) Ahn? Os senhores não vão seguir com o batuque? ... então se os senhores não forem continuar, me avisem, porque
- 65 está ficando tarde e há muitas encomendas para eu comprar! Mas... eu não vou embora sem falar aos senhores onde moro, porque embora não façam as coisas bem, eu não quero deixá-los ir para o curral, sem que vejam, sempre quando passarem lá, que eu faço melhor do que os senhores. Eu me chamo Domingo, mas todo mundo me conhece como
- 70 Banda Marral da Costa, bode da ribeira do Pico Vermelho, onde há moça bonita até Deus dizer chega! an... an...

- Mas já que eu já estou indo
sem saber quando estarei aqui,
façam com que eu passe bem
- 75 para que eu possa voltar [Tradução literal: tornar a bulir].

B. Storia d'un fijho strabagante

- TENBA UN PAI QUI TENBA DÔS FIJHO;
 QUEL MÁŠ PIQUINOTE UN DIA BIRA NA SU PAI; Ê FLÁL PÂ DÁL QUEL QUÊ
 AL BEN ARDÁBA; SI PAI DÁL MÉ; Ê CABA DI RACÊBÊ,
 Ê FLÁ SI PAI ADÊS, Ê SAI, Ê BÁ, Ê BÁ MÔRA N'OTO TÉRA; Ê CÁ CHI-
 5 GA LÁ, Ê BIRA NA STRABAGANCIA, TI DIA QUÊ CÁ GÁSTA TUDO CUSSA
 QUI SI PAI DÁBA EL.
- CANDO JHÊ CÁ GASTA FÉPO, E QUI JHE OJHA M'Ê CÁ TEM NADA MÁŠ, E
 QUI, PRÓPI JHE BIRA Ê CÁ SABÊ CUSSA QUÊ TÂ FASSÊ,
 Ê BÁ PIDI, Ê DADO UN CÁBO PÊ TÂ GÁRDA PORCO, NA CÁSSÂ D'UN
 10 MÓRGADO RICO DI QUEL TÉRA.
- ALÂ GÓRA QU'Ê BEN CONXE SI DISGRAXA.
 CANDO JHÊ CUDÁ TÉ, Ê FLÁ: "UÁ NHA MÃI! ... CANTO MORADOR
 NA CÁSSA DI NHA PAI FARTO, E A MI LI SI CU FOME, TA BUSCÁ MÓRÊ!
 'N CÁ PÔDE SAPPORTA MÁŠ! 'N TÂ BÁ PUNDI NHA PAI, 'N TA
 15 FINCA DUEJHO SI DIANTE, 'N TA FLAL: QUÊ PAPAI! NHO PURDAN!
 JHAN SABÊ MÂN GRABA NHÔ SIMÂ 'N GRABA NHOR DÊS;
 'N CÁ MERECÊ DI NHO TRATAN SIMA FIJHO DI NHÔ; MÁŠ, DI SUMOLA,
 NHO TOMAN SÍMA MORADOR DI NHO, E NHO TRATAN SIMA NHO TA TRATA
 QUEL CRIADO MÁŠ MUFINO QUI NHO TEN LI."
- 20 CANDO JHÊ FASSÊ ÊŠ XINTIDO SUGURO, Ê PEGA NA CAMINHO, Ê BAI,
 MÁ NA ANTE D'Ê CHIGA, SI PAI JHÂ XINTIL JHÂ; E COMÂ UN PAI CÁ
 TÂ PODE DISPREZIA SI FIJHO, Ê CÁ OJHÂ QUÊ OJHÁL, Ê CORÊ, Ê BÁ BAR-
 ÇAL, E Ê PURDAL TUDO CUSSA QUÊ FASSEBA ÊL.
- Ê BIRA PROPÍ NA SI CRIADOS, Ê FLAL: "NHOS BÁ TARSEM QUEL RÔPA
 25 MÁŠ FAJHADO QUI NHA FIJHO TEM;
 NHOS PÔ CALDERON RIBA, PORQUI HOCHÊ 'N CRÊ FASSÊ UN FESTA BEJHO,
 PÂ NÓS TUDO NO FICA SABI DENTO DÊS CÁSSÂ."
- CANDO SI ARMUN MÁŠ BÉJHO, QUI STABA NA SIRBIÇO, CHIGA, QU'Ê OBI
 BATUCO, CU MUSGO TA TÔCA,
 30 Ê QUI JHE OJHA MA TUDO QUEL FESTA É SÓ PABIA SI ARMUN QUI
 JHA TONA BEN CÁSSA, Ê CIOZ; Ê ACHA MÂ CÁ TÂ PÔDE SER, PA TA FA-
 CIDO QUEL FESTA TUDO, PABIA D'UN MÔS QUI SAI DI CASSA DE SI PAI
 E QUI BÁ GASTA NA STRABAGANCIA TUDO CUSSA QUÊ DADO, Ê QUI DÊXA
 TI DIA QUÊ CÁ TEN NADA MÁŠ QUE PÔDE FASSE, ANTO QUÊ CUNSA LENBRA
 35 BEN CASSA DI SI PAI.
- MÁ SI PAI, CABA DI XINTI CUSSA QUI MÔS SA TA CUDÁ NA SI
 XINTIDO, Ê PÔL 'NTEDE MA UN PAI PÂ SER FAJHADO, Ê AL TRÁTA SI
 FIJHOS TUDO SÓ DI QUEL UN MÓDI. "NHA FIJHO, BÔ ARMUN JHA MÓRÊBA
 JÂ, E HOJHE JHE TORNA BIBO; A EL JHE PERDEBA JHA, A NÓS QUI BEN
 40 ACHAL; A ÊŠ QUI FASSÊ QUI BÔ OJHANDO NO 'STA TUDO CONTENTI DENTO DÊS
 CABO."

Parábola do filho pródigo

Havia um pai que tinha dois filhos.

Um dia, aquele mais novo virou para seu pai e pediu para que ele lhe desse sua parte na herança. Seu pai lhe deu. Assim que ele acabou de receber a herança, adeus a seu pai, saiu e foi morar em outro lugar. Quando ele chegou lá, passou a viver na extravagância
5 até o dia em que ele acabou de gastar tudo aquilo que seu pai tinha lhe dado.

Quando ele já tinha acabado de gastar tudo, percebeu que já não tinha mais nada e não sabia mais o que fazer.

Ele foi para o lugar onde guardavam porcos, na casa de um homem rico daquela terra.

E foi exatamente aí que ele conheceu a sua desgraça.

10 Depois de pensar bastante, ele falou: “Ué, minha mãe?!... Tanto morador na casa de meu pai com fartura e eu aqui com fome, quase morrendo!

Eu não posso suportar mais isso! Eu vou encontrar meu pai, me ajoelharei a seus pés e falarei: Ô meu pai, o senhor me perdoe eu lhe ofendi assim como ao Senhor Deus.

Eu não mereço que o senhor me trate como filho; mas, por caridade, o senhor me aceite
15 como um morador e o senhor me trate como ao criado mais baixo que tem.”

Quando tinha decidido isso, ele pegou o caminho e foi encontrar seu pai, mas antes que chegasse, seu pai já sentiu sua presença. E como um pai não pode desprezar seu filho, mal ele viu o filho, correu para abraçá-lo e perdoou tudo que ele tinha feito.

O pai virou para seus criados e disse: “Tragam a melhor roupa que meu filho tem.

20 Façam uma comida, porque hoje quero fazer uma bela festa para que todos saibam o que está acontecendo aqui em casa.”

Quando seu irmão mais velho, que estava no serviço, chegou e ouviu o batuque, com música tocando, e percebeu que toda aquela festa era só porque seu irmão havia retornado para casa, ele ficou com ciúmes. Ele achava que era descabido fazer toda aquela festa por
25 causa de um rapaz que tinha saído da casa de seu pai e tinha gastado em extravagâncias tudo que lhe foi dado, esperando até o dia em que não pudesse fazer mais nada pela falta de dinheiro para então se lembrar de voltar para casa de seu pai.

Mas o pai, assim que percebeu o que o rapaz estava pensando, o fez entender que um bom pai tratava todos os seus filhos do mesmo modo. “Meu filho, seu irmão já tinha
30 morrido e hoje renasceu. Ele já estava perdido e nós o recuperamos. É por isso que você vê nós todos contentes aqui.”

C. Provérbios

Kabuverdianu

Português

1. *DÔS TÔRO BALENTI CÂ TÂ QUEBÊ*
N'UM CURRAL (= GARÉ CU GARÉ
CÂ TÂ TISSÊ)
 Duro com duro não faz bom muro. (Tradução literal: Dois touros valentes não cabem em um curral.)³⁹
 Uma mão lava a outra, e as duas o rosto. (Tradução literal: Dando e dando é que se trabalha.)
2. *DÂ CU DÂ QUI TÂ LABUTA.*
 Tradução literal: Senhor Deus que não dê chifre a asno, ele já sabe porquê.
- 5 3. *NHÔR DÊS QUI CÂ DÂ ASNO CHIFRE,*
EL JHE SÊ PÓMÓDI.
 Tradução literal: Em casa velha, não falta barata.
4. *CASSA BEJHO CÂ TÂ FALTA BARATA.*
 Quem maus costumes tem, tarde ou cedo nunca os perde. (Tradução literal: Macaco velho não esquece marmulano (planta; *Sideroxylon mirmulano*)
5. *SANCHO BEJHO CÂ TÂ 'SQUICE MARMULANO (= MARMULADO É QUE*
 10 *SANCHO Q'RÊ)*
 Grão em grão enche a velha o sarrão. (Tradução literal: De grão em grão, a galinha enche o papo.)
6. *GRÃ GRÃ, QUI GALINHA TA INCHI*
PAPO (= SANTOME UNI, UNI, XIA
BACHÍ)
 Quem tem boca vai a Roma. (Tradução literal: Quem tem boca não erra o caminho.)
7. *QUEN QUI TÊM BÓCA, CA TA ÁRRÂ*
 15 *CAMINHO.*
 Quem quer vai, quem não quer manda. (Tradução literal: Quem precisa que vá (ele próprio).)
8. *QUEM QUI MESTÊ, QUI TÂ BAI EL*
PRÓPI.
 Ver, ouvir e calar. (Tradução literal: Ouvir, você não ouça; ver, você não veja.)
9. *OBI, BO C'OBI; OJHA, BO C'OJHA.*
 Tradução literal: Quem acredita não é enganado.
10. *QUEM QUI CREDO, CA*
 20 *T'ANGANADO.*
 Manteiga em focinho de cão. (Tradução literal: Grão de milho na boca de asno.)
11. *GRÃ DI MIJHO NA BÓCA D'ASNO.*

³⁹As traduções não literais foram fornecidas pelo próprio Schuchardt (1888).

Anexo C

DADOS DO PAPIAMENTU SEFARDITA

Neste anexo, encontra-se o material do papiamentu sefardita, retirado de Henriquez (1988, 1991). Os dados foram divididos de acordo com a obra de onde provêm e numerados de forma contínua. A apresentação dos dados segue a estrutura: (i) vocábulo ou expressão grafado da forma como aparece em Henriquez (1988, 1991) em negrito e itálico. Em alguns casos, mais de uma grafia era possível para um mesmo vocábulo, sendo fornecidas todas as variações gráficas. Ademais, alguns itens apareceram entre aspas, notação que se manteve. No conjunto dos dados, foi possível notar que o uso das aspas ocorreu de forma sistemática em palavras e estruturas cuja forma era muito próxima daquela de seus étimos (português, espanhol, francês, inglês), talvez como indicativo de que a grafia não se conformava às regras do papiamentu, tratando-se de um empréstimo ainda não totalmente nativizado; (ii) glosa em português, elaborada para esta tese.

***TA ASINA O TA ASANA?* (HENRIQUEZ, 1988)**

1. ***abraiko*** ‘hebraico (idioma judeu)’
2. ***achakoso*** ‘doente, enfermo’
3. ***ache*** ‘número um, o melhor que existe’
4. ***ache mayúskula*** ‘sobressalente, que ultrapassa todas as coisas’
5. ***agaya*** ‘amídalas’
6. ***agumel, agomel, hagomel*** ‘reza especial de agradecimento, depois de escapar de uma desgraça ou de se curar de uma enfermidade séria’
7. ***agwita*** ‘1. uma líquido ralo, 2. remédio de casa, erva estomacal’
8. ***aha*** ‘machucar, cansar’

9. *ahá* ‘machucado, cansado, murcho’
10. *ahuar* ‘conjunto de roupas e móveis que a noiva recebe quando se casa (enxoval)’
11. *aichi* ‘tipo de pimenta pequena muito picante’
12. *alabado sea!* ‘expressão de gratidão muito usada em ocasiões distintas, sobretudo quando se recebe uma boa notícia’
13. *alafan* ‘finalmente, enfim, por fim’
14. *alasena* ‘armário, geralmente grande’
15. *alelá* ‘lerdo, sem graça, fraco’
16. *aléntá* ‘alentar’
17. *Aliyá* ‘honra de subir na *Teba* e ler uma bênção do *Torá* antes e depois que o rabino leu uma parte da passagem da semana’
18. *alkoba* (palavra antiga) ‘dormitório’
19. *almendra* ‘amêndoa’
20. *almuerso* ‘almoço’
21. *almusá* ‘almoçar’
22. *amén* ‘amém’
23. *Amidá* ‘oração silenciosa’
24. *amoldá* ‘amoldar’
25. *andanshu, andanshi* ‘enfermidade que está se alastrando, epidemia leve’
26. *a no sea ku* ‘a não ser que’
27. *antesala* ‘antessala’
28. *antoso* ‘então’
29. *aplik* ‘luz de parede’
30. *aranke* ‘arranque’
31. *aruga* ‘ruga’
32. *arugá* ‘1. machucar, 2. machucado’
33. *askenazi* ‘asquenaze (judeu proveniente do norte, leste e centro da Europa e seus descendentes)’
34. *atirá* ‘atrair a atenção’
35. *auto-da-fe* ‘auto-de-fé (decreto judicial e castigo público que a Inquisição impunha sobre os sentenciados)’
36. *avel* ‘período de luto que dura sete dias’

37. *avochi* ‘avós, antepassados’
38. *ayazgo* ‘achado’
39. *Azjunta* ‘nome da sala onde a Direção da Sinagoga e o Conselho de Anciãos se reúnem’
40. *azjur* ‘a céu aberto (quando uma obra tem umas partes sólidas, outras abertas)’
41. *azjuré* ‘aberto, não completamente fechado’
42. *bai den bo stimpat* ‘ser um fracasso completo’
43. *bai Shon Gadòl* ‘ir falar com o governador/o chefe’
44. *baile* ‘baile’
45. *bakafal* ‘termo para fazer zombaria ou mostrar desprezo pelos sefarditas que só falam inglês e ainda mal’
46. *baké* ‘*expert*, conhecedor, perito (em alguma coisa)’
47. *balia* ‘bailar, dançar’
48. *balufá* ‘1. inchar, encher, 2. inchado, inflado, cheio, 3. bombástico’
49. *bamba* ‘algo de pouca utilidade, que não serve para grande coisa’
50. *bamboleo* ‘bamboleio’
51. *bamboliá* ‘bambolear’
52. *bangalá Berit* ‘nome dado ao pai de uma criança que realiza *Berit*’
53. *banka* ‘lugar especial reservado para o *parnasim* (líder da comunidade) sentar durante o serviço na sinagoga’
54. *Ba Noni* ‘nome de um fantasma para espantar crianças enjoadas, malcriadas’
55. *Bar Mitsvá, Bat Mitsvá* ‘Bar Mitsvá (cerimônia na qual as crianças, geralmente meninos, passam a participar dos serviços da sinagoga depois de seu aniversário de 13 anos)’
56. *Barug Habá* ‘reza judaica, cantada em três ocasiões: (i) ao se nomear um recém-nascido; (ii) em um casamento na hora que a noiva entra; (iii) no dia em que se instala um novo conselho diretor da sinagoga’
57. *barwit* ‘escasso, pobre’
58. *bati doudou* ‘sair sem ser notado’
59. *batola* ‘bata, roupa confortável’
60. *baya kombein* ‘desejo de uma boa viagem’
61. *behestorio* ‘velho, antiquado’
62. *bela trensá* ‘três velas finas e altas entrelaçadas usadas na cerimônia de *Havdalá*’

63. *benderechi* ‘sobejo, sobra’
64. *Bendigamos* ‘oração que costuma ser cantada em várias ocasiões, geralmente para fechar a cerimônia de *Hagadá*’
65. *benduta* ‘venda com desconto’
66. *Berit* ‘circuncisão’
67. *bensamim* ‘1. especiarias, 2. recipiente para colocar especiarias’
68. *Beshimantó!* ‘expressão usada para desejar ou indicar sorte’
69. *betahim ta spok* ‘ter fome, estar fraco de fome, com o estômago roncando’
70. *Bèt Hayim, Betahim* ‘cemitério judaico’
71. *beyako* ‘velhaco’
72. *biba di granmèrsí* (variante popular: *biba di gremesí*) ‘viver às custas de outra pessoa’
73. *biya, viya* (v auxiliar) ‘vir a’
74. *bibir kontentu* ‘viver com alguém com a intenção de casar depois’
75. *biento em popa* ‘vento em popa’
76. *bira falsu, bira falso* ‘aborrecer(-se), ficar com raiva’
77. *bira plato dushi* ‘virar assunto de conversa’
78. *Birkat Halabaná* ‘benção da lua (costume judaico)’
79. *bizjita di novio* ‘visita do noivo depois de pedir a mão da noiva para entrar oficialmente na família’
80. *bizjitá kas* ‘primeira fase do namoro’
81. *bizoté* ‘biselado, chanfrado (vidro, espelho)’
82. *Blenheim* ‘cemitério judaico mais antigo no hemisfério ocidental’
83. *B’nai Brith* ‘organização hebraica fundada em 1843 com os objetivos de promover a fraternidade, fazer caridade e combater o preconceito religioso e racial’
84. *boas festas* ‘expressão usada na véspera e no dia de festas religiosas’
85. *bodjiga, bodjinga* ‘coisa inútil, velha, sem valor’
86. *bolo poder* ‘tipo de bolo de manteiga, feito com farinha de pão e especiarias’
87. *bonzjur* ‘despachar, mandar embora’
88. *bon zjuzjum* ‘o que os sefarditas desejam um ao outro na véspera do *Kipur*’
89. *boste* (pronome pessoal arcaico) ‘você(s)’
90. *bosue* ‘corcunda’

91. *boton di li boton di la, sopra boton boton* ‘em uma quantidade bastante exagerada’
92. *bragazjá* ‘1. excessivamente pesado, robusto, 2. sem forma’
93. *brega* ‘brigar’
94. *breka* ‘modelo de sapato alto, elegante’
95. *bride’s cake* ‘bolo de noiva, bolo preto’
96. *brigant* ‘bandido, canalha’
97. *brisera* ‘globo de cristal para proteger a vela’
98. *broína* ‘bolo de manteiga, feito com farinha de pão, farinha de milho e especiarias, sobretudo canela’
99. *bròsh* ‘broche’
100. *buche* ‘gole (de água ou de outro líquido)’
101. *burzjuá* ‘pessoa de certa posição social, caracterizada por seu mal gosto e falta de delicadeza’
102. *butishi* ‘botija’
103. *buzulanga, buzu* ‘diarreia violenta, que ocorre de repente’
104. *“Casa de Rodeos”, Kas di Rodeo* ‘pequena casa no cemitério judaico onde o defunto era velado’
105. *chabacano* ‘pessoa grosseira, rude’
106. *chakueko* ‘não muito forte, sem estabilidade, duvidoso’
107. *chamba (haña chamba)* ‘fato de não receber convite para algum evento’
108. *chamuská* ‘1. chamoscar, 2. chamoscado’
109. *chankleta* ‘chinelo, pantufa’
110. *chember* ‘urinol’
111. *“chevalier comme il faut”* ‘um homem correto e culto’
112. *“chevalier d’Orsay”* ‘homem afeminado, homossexual’
113. *chibatiá* ‘dedurar’
114. *chiku pleitu* ‘expressão usada quando duas pessoas estão discutindo para fazê-las encerrar a discussão’
115. *chimichimi* ‘intrometido, indiscreto, mexeriqueiro’
116. *chinga* ‘impaciente, ansioso’
117. *chismeira* ‘pessoa intrometida, curioso, bisbilhoteira’

118. *chiton*, *chitao* ‘silencioso, quieto’
119. *chiya* ‘1. chiar, 2. combinação não harmoniosa’
120. *chochera* ‘estupidez, bobagem’
121. *chocheria* ‘buginganga, coisa insignificante’
122. *chocho* (ADJ e SUBST) (com tons respectivamente alto e baixo, como em **loko** e **poko**) ‘1. senil, caduco, 2. bobo’
123. *chocho* (SUBST) (com tons respectivamente baixo e alto, como em **dodo** e **boko**) ‘termo usado para denotar algo gracioso, mas de pouco valor’
124. *chokèkè*, *choguèguè* ‘apertado, comprimido’ (esse vocábulo é o nome de um pássaro — pardela de asa larga *Puffinus iherminieri*)
125. *chokompé* ‘lugar sujo, desordenado, em mau estado’
126. *chonchorogai franses* ‘penteado extravagante ou roupa exagerada’
127. *chose kavé* ‘assunto acabado’
128. *chusko* ‘gracioso, alegre, contador de piadas’
129. *daka* ‘dê-me! (interjeição)’
130. *dakapaleta* ‘1. interjeição usada como resposta ao oferecimento de algo que se quer muito, 2. interjeição para indicar a rapidez com que uma coisa coisa é feita’
131. *dal abou* ‘conseguir dinheiro de alguém por meio de mentiras e promessas falsas’
132. *dale ke dale* ‘perseverar, insistir’
133. *dal um fiou* ‘engravidar uma moça antes do casamento’
134. *danda* ‘malcriar, mimar’
135. *darandas* ‘discussão, pleito’
136. *deboleo*, *devoleu* ‘malandro, brincalhão’
137. “*de but em blanc*” ‘fazer algo inesperadamente’
138. *degradé* ‘degradê’
139. *del timbo al tambo* ‘mudar de uma coisa para outra’
140. *demakrá* ‘fraco, abatido’
141. “*démarche*” ‘atitude, forma de fazer alguma coisa’
142. *dera aki bou* ‘segredo’
143. *deranzjá* ‘importunar, perturbar, atrapalhar’
144. *desabridu* ‘sem substância, sem sabor, sem graça, desagradável’
145. *desahogo* ‘lugar para guardar coisas que não são usadas com frequência’

146. *deskansado* ‘defunto’
147. *deskanso* ‘o que se deseja para a família e pessoas próximas de um defunto quando ele acaba de morrer, após o enterro, depois de mês, ano e em cada aniversário de sua morte’
148. *desmaselá* ‘desmazelado’
149. *desparesé* ‘desaparecer’
150. *despriposto* ‘inoportuno, absurdo’
151. *dezja* ‘desleixar, descuidar, negligenciar’
152. *dezjadu, lezjadu* ‘desleixado, descuidado, apático, indiferente’
153. *Diáspora* ‘diáspora, exílio, que se refere à dispersão dos judeus ao redor do mundo’
154. *dichozo* ‘afortunado, sortudo’
155. *Dies Mandamentu* ‘dez mandamentos’
156. *dihe* ‘jóia pequena se usa em corrente ou pulseira’
157. *divagá* ‘divagar’
158. *djaden* ‘de casa, familiar, íntimo’
159. *djakas* ‘bobo, estúpido’
160. *djansai* ‘1. cavaleiro, jovem, mancebo, 2. atraente, distinto’
161. *djente pafó* ‘hipocrisia’
162. *djispi* ‘1. criança pequena, 2. vivo, travesso’
163. *djispou, djispous, bispou* ‘esperto, alerta, sabido’
164. *djogui* ‘pertences, coisas velhas, sem valor’
165. *djòmbi* ‘biscoito de *Pesáh*, semelhante ao *panlevi*’
166. *djuku* ‘astuto, esperto’
167. *dobla warda den gogobí* ‘não repetir’
168. *dòmpereré* ‘mãos à obra!’
169. *dòmпиño* ‘gordinho’
170. *donaire* ‘donaire, elegância, distinção’
171. *dònbèndji, dònbèncchi* ‘enganar’
172. *donsea* ‘governanta’
173. *dorlotá* ‘mimar’
174. *drandran* ‘remela’

175. *droga, draga* ‘fera, draga’
176. *duna kuèrda* ‘dar corda (1. falar sem parar, 2. instigar)’
177. *echa* ‘atirar, lançar, jogar’
178. *Ehal, Hehal* ‘arca sagrada onde se guarda o *Sefer*’
179. *ei den tin djòdjò* ‘expressão usada para indicar que não se confia muito em um assunto’
180. *Ekspulshon* ‘desterro, expulsão dos judeus da Espanha em 1492’
181. *el a bini, anto ku “chapeau”* ‘ele não apenas veio, mas estava vestido cerimoniosamente’
182. *el a kome webu di parnas* ‘a conversa dele está deixando você louco’
183. *“El cabrito que compró mi padre por dos florins”* ‘conto da tradição sefardita, recitado no final da cerimônia de *Hagadá*’
184. *elefantesko* ‘enorme, desproporcional’
185. *“El Porvenir”* ‘nome de uma sociedade fundada em 1863’
186. *“El que lo hereda, no lo hurta”, “Lo que se hereda no se hurta”* ‘quem herda não furta’
187. *embuyá* ‘entusiasmado, animado’
188. *empalagoso* ‘1. doce demais, 2. grudento’
189. *“en famille”* ‘no círculo íntimo da família e dos amigos’
190. *en gran* ‘1. em grande escala, 2. pronto para celebrar’
191. *e no ta rebusná, pasobra Dios no tin tata* ‘mais bobo do que ele não existe (expressão usada quando alguém faz algo estúpido)’
192. *enklenke, inklenke* ‘adoentado’
193. *enorabuena* ‘desejo popular que se usa frequentemente e em diferentes ocasiões’
194. *en pasta* ‘enormemente’
195. *enshoval, inshoval* ‘enxoval’
196. *ensimismá* ‘de caráter reservado, introvertido, retraído’
197. *eskivá* ‘esquivar’
198. *“Esos polvos traen estos lodos!”* ‘expressão usada para indicar que más consequências uma pequena ação pode trazer’
199. *espiga, spiga* ‘1. pedaço de pau pontiagudo, 2. tipo de dente falso’
200. *e ta na su sí bemòl* ‘expressão usada para indicar que uma pessoa está difícil de lidar naquele dia’

201. *e ta pelo en pecho* ‘expressão que indica que uma pessoa tem um caráter vigoroso, robusto (no caso de ser usado para mulher, indica que ela é lésbica)’
202. *e tin mashá bemòl* ‘advertência para que a pessoa tenha cuidado ao lidar com outra, pois esta está tendo um dia difícil, inspirando mais cuidado no tratamento’
203. *Ets Hayim* ‘Árvore da Vida (termo bíblico)’
204. *facha* ‘face, aparência’
205. *facha nos ta mira, kurason nos no konosé* ‘quem vê cara não vê coração’
206. *famia* ‘1. família ou parente próximo, 2. o povo judeu como um todo’
207. *famitu* ‘faminto’
208. *fansifun* ‘fantasia, exagero, ostentação’
209. *fasòn* ‘maneira, modo’
210. *fèrtada* ‘fritada (espécie de omelete)’
211. *festa a kohe sènter* ‘expressão para indicar que uma festa de repente se tornou muito animada e todos os convidados estavam aproveitando’
212. *festa tabata Shon Dai* ‘expressão para indicar que uma festa não estava muito animada’
213. *festin* ‘festa pequena, geralmente em família’
214. *fika* (v arcaico) ‘permanecer, ficar, estar’
215. *finta* ‘imposto, contribuição obrigatória que os membros da comunidade hebraica pagavam à sinagoga para os gastos concernentes ao grupo’
216. *fiou* ‘1. empréstimo, 2. algo feito antes do que deveria’
217. *fiska, piska* ‘quantidade mínima, migalhas’
218. *flaira* ‘tipo de sobremesa, semelhante a um pudim, porém mais leve’
219. *flihidu, aflihi* ‘afrito, triste, deprimido’
220. *floho manera parnas* ‘excessivamente preguiçoso’
221. *flukshon* ‘coriza, fluxão’
222. *fogahá* (v e ADJ) ‘palavra usada quando uma pessoa está com uma temperatura entre 37,5 e 38 graus’
223. *fogahe* ‘quentura leve no corpo, que não chega a ser febre’
224. *“folie de grandeur”* ‘megalomania’
225. *fontaña, fontaina* ‘fonte’
226. *fopá* ‘infração, delito, ofensa’
227. *fora, afora, pafora* ‘1. fora, para fora, 2. ademais, além de’

228. *franses di shon Fin Oliveira* ‘trata-se de um francês deficiente, mas gracioso’
229. *frapa* ‘chamar atenção, surpreender’
230. *frapante* ‘chamativo, vistoso, surpreendente’
231. *frita* ‘uma sobremesa judaica típica, tradicionalmente servida em dia de *Purim*’
232. *frizji* ‘frigir, fritar’
233. *fruña* ‘limpar a casa’
234. *fruñadó* ‘espanador’
235. *fuku malazjé* ‘mau agouro, má sorte persistente’
236. *fulano* ‘fulano’
237. *furni* ‘fornecer, equipar’
238. *furní* ‘fornecido, bem equipado’
239. *gaba* ‘gabar(-se), vangloriar-se’
240. *gabay* ‘tesoureiro e/ou administrador do comitê da sinagoga’
241. *gabazón* ‘elogio, gabamento’
242. *gabernechi* ‘armário antigo de mogno, precioso e imponente’
243. *gadòl* ‘1. chefe maior, aquele que comanda, 2. órgão sexual masculino’
244. *gafe* ‘gafe, erro’
245. *gagá* ‘gagá, caduco’
246. *ganap, ganaf, guenèp* ‘1. ladrão, 2. roubar’
247. *ganap gadòl* ‘grande ladrão, enganador de marca maior’
248. *ganápido* ‘invejoso, ávido por algo’
249. *gargarisá* ‘gargarejar’
250. *gargarismo* ‘medicamento líquido para gargarejar’
251. *garosa* ‘doce tradicional de *Pesáh*’
252. *gaveta* ‘palavra que significa gaveta, mas na verdade se refere a cofre’
253. *gazayá* ‘agasalhar (1. acolher, 2. tratar com afeto)’
254. *gazayo, gazayada* ‘1. agasalho (carinho, amparo), 2. convite’
255. *gòdòdò* ‘gordo’
256. *gogorá* ‘furar, perfurar’
257. *góniko* (g fricativo) ‘estragante, exótico’

258. *gordiflonchi* ‘rechonchudo, mas não muito gordo (‘cheinho’)’
259. *gordo manera bankada* ‘muito gordo’
260. *goy* ‘1. homem ou mulher não judeu, 2. qualquer grupo ou comunidade não judaica’
261. *granzjur* ‘grande dia (dia de alegria, de celebração)’
262. *Guemará* ‘nome de um livro, que reúne interpretações, discussões e comentários sobre as leis de *Mishná*’
263. *guenizá* ‘depósito, cofre, onde se guardam livros, papéis, documentos e objetos que não são mais usados’
264. *gwele, wele* ‘cheirar, sentir cheiro’
265. *habri manera parasòl chines* ‘1. dar muitos presentes, 2. pagar com generosidade (‘ser mão aberta’)’
266. *Haftará* ‘parte do livro dos profetas, que se lê depois que termina a leitura do *Torá*’
267. *Hagadá* ‘história lida em voz alta durante a cerimônia de *Seder*. Trata-se de um relato da escravidão do povo judeu e de como ele conseguiu se libertar e fugir do Egito’
268. *haham* ‘palavra sefardita para rabino’
269. *haikapòt* ‘pessoa ou coisa honorável, importante’
270. *hakeka* ‘dor de cabeça’ (sentido literal e figurado)
271. *hakitía* ‘forma como os judeus sefarditas do Marrocos chamam sua língua’
272. *Haleluya* ‘1. cantiga de louvor, cantada em casamentos e outras ocasiões especiais; 2. interjeição que expressa tanto alegria, quanto ironia’
273. *hames* ‘levedura’
274. *hames na Pesáh* ‘algo contrário a todas as regras, totalmente inaceitável, tabu’
275. *Hanuká* ‘festa de luz, de dedicação, que dura oito dias e comemora a vitória de Israel em sua luta pela liberdade de religião’
276. *hasi di un pieu un baka* ‘transformar algo sem valor em uma coisa importante, supervalorizar’
277. *hasi “ménage”* ‘ver se tudo está em ordem na casa (com relação às atividades domésticas e provisões)’
278. *hasi pia* ‘dar de presente algo que a própria pessoa recebeu como regalo’
279. *hasi toalèt* ‘arrumar(-se)’
280. *hasi zeba* ‘ignorar, não dar importância’
281. *haskamot* ‘estatuto, acordo, regras de conduta que devem ser respeitadas’

282. *Hatan Bereshit e Hatan Torá* ‘dois membros da sinagoga eleitos anualmente pela congregação para ler a parte final do livro de Deuteronômio (*Hatan Torá*) e a parte inicial de Gênesis (*Hatan Bereshit*)’
283. *Havdalá* ‘cerimônia que indica o fim do *Shabat*’
284. *hayasish* ‘palavra hebraica para homens que completam 60 anos’
285. *Hazan* ‘pessoa que atua como clérigo hebreu, mas não possui diploma de rabino. Ele deve dirigir o serviço religioso e dar aula de religião’
286. *hazekená* ‘palavra hebraica para mulheres que completam 60 anos’
287. *hebreo* ‘hebreu, hebraico’
288. *híbaro* ‘selvagem’
289. *hogma* ‘qualidade de uma pessoa que passa a impressão de que sabe muitas coisas’
290. *Holokôst* ‘Holocausto (1. sacrifício no qual as vítimas são totalmente destruídas pelo fogo, 2. massacre de seis milhões de judeus efetuado pelos nazitas durante a Segunda Guerra Mundial)’
291. *Honen Dalim* ‘nome de uma congregação sefardita que existiu em Santo Eustáquio nos séculos XVII e XVIII’
292. *horban* ‘sofrimento, pena, tortura’
293. *horipilante, horipilente* ‘horripilante’
294. *horobá* ‘incomodar, importunar, aborrecer’
295. *hudiu* ‘judeu’
296. *ido* ‘distráido’
297. *iman* ‘imã’
298. *intereseiro* ‘interesseiro’
299. *ishkeibibel* ‘interjeição usada quando se percebe que determinada situação trata-se de pantomima para incomodar ou quando se quer chamar atenção de alguém pelo que ele/ela está fazendo’
300. *israelí* ‘pessoa de nacionalidade israelita ou que nasceu no estado de Israel, podendo ser judia ou não’
301. *israelita* ‘pessoa de qualquer nacionalidade, nascida em qualquer país, mas que tem descendência judaica’
302. *“je ne sais quoi”* ‘eu não sei o quê’
303. *kabal* ‘justo, completo, perfeito’
304. *Kabala* ‘Cabala’
305. *kabalista* ‘1. judeu conhecedor da Cabala, 2. pessoa supersticiosa’

306. *Kabana, Sukot* ‘*Succoth*, festa religiosa para celebrar a colheita’
307. *kabilá* ‘1. insistir em discutir uma questão sem importância, 2. usar sofismas para argumentar’
308. *kabisbou* ‘cabisbaixo’
309. *kábula* ‘qualidade de pessoa inclinada a complicar a vida, cultivar problemas, buscar interpretações profundas para assuntos que na realidade são fáceis e simples’
310. *kachasa* ‘tranquilidade excessiva, apatia’
311. *kachibachi* ‘objeto sem valor, coisa velha’
312. *kada kual ku su igual* ‘me diga com quem andas que te direi quem és’
313. *Kadish* ‘reza para louvar ou consagrar’
314. *kaduka bieu* ‘pessoa de idade avançada, que já está perdendo a lucidez’
315. *kai na awa sali seku* ‘livrar-se de algo desagradável (por exemplo, convidar uma pessoa para alguma coisa só por educação sabendo que ela já outro compromisso)’
316. *kalendario hebreo* ‘calendário hebreu, baseado nas fases da lua’
317. *kal-kadosh* ‘todo o mundo’
318. *kalma chicha* ‘quietude completa, calma’
319. *kambalachi* ‘cambalacho’
320. *kana piki pone* ‘fazer muitas coisas ao mesmo tempo, ficar num vaivém’
321. *kanta la bamba, kanta la banka* ‘expressão usada para descrever um evento pomposo, chique’
322. *Kaptan Araña* ‘um chefe que começa com muito ânimo e bravura, mas na metade do caminho deixa seu povo abandonado’
323. *kara di avel* ‘rosto ou expressão muito triste, melancólica’
324. *kara di kashu kashipete* ‘rosto cheio de rugas e marcas de expressão’
325. *kara di Tishna-beAb* ‘rosto aflito, abatido, que expressa uma tristeza, um sofrimento muito profundo’
326. *karantoña* ‘hipócrita’
327. *karikoche* ‘nome carinhoso para um carro estimado, ainda que esteja velho e instável’
328. *karké* ‘vagabundo, sem-vergonha, ladrão’
329. *karkomí* ‘carcomido’
330. *kashaka (bòltu kashaka)* ‘casaca, paletó elegante’
331. *kashé* ‘estilo, elegância, distinção’

332. *kasher, kashé* ‘1. qualidade de alimento e bebida que são preparados de acordo com os preceitos judaicos, 2. digno de confiança’
333. *kashiña* ‘mealheiro’
334. *kashòt* ‘prisão’
335. *kashotá, kashotiá* ‘encaixotar, fechar hermeticamente’
336. *kashu híprès* ‘sobremesa feita com castanha de caju’
337. *kavot, kabot, kapót* ‘respeitável, honrável, digno’
338. *keaser* ‘1. ocupação, trabalho, 2. assunto que requer atenção’
339. *keda pa simia/simía* ‘ficar para semente’
340. *Ketubá* ‘contrato de casamento judeu’
341. *kibra zjuzjum* ‘quebrar o jejum’
342. *Kidush* ‘consagração, santificação’
343. *kidusim, kidusin* ‘anel de casamento, aliança’
344. *“kike”* (palavra americana, pronunciada ‘kaik’) ‘maneira humilhante e ofensiva para designar uma pessoa vulgar, mal educada’
345. *kipá* ‘quipá’
346. *Kipur, Yòm Kipur* ‘dia mais sagrado da religião judaica’
347. *kizjada* ‘torta pequena, individual, recheda com doce de amêndoa’
348. *klèps, lèsklèps* ‘descuidado, desleixado’
349. *klèptol* ‘gente ou coisa insignificante, de qualidade inferior’
350. *kles* ‘perder todo o encanto, ficar velho’
351. *klòribus* ‘bobo, estúpido, trapalhão’
352. *kochis* ‘pessoa que gosta de beber, bebedor’
353. *koíbí* ‘1. coibir, 2. coibido’
354. *koità* ‘espantado, com medo de se expressar, inseguro’
355. *koitadu* ‘coitado’
356. *kokiná* ‘desconsertar, frustrar, aturdir’
357. *kokolo bibá kokolo murí* ‘1. expressão usada por crianças quando têm um pássaro nas mãos e ele parece meio morto, 2. expressão usada para se referir a uma pessoa que estava muito mal de saúde e logo depois fica bem’
358. *kolá* ‘haste de planta colocada na terra para parecer que é uma planta de verdade’
359. *Kol Nidré* ‘primeira reza do serviço de *Kipur*’

360. *kombitu sin noi* ‘pessoa que vai para uma festa sem ser convidada’
361. *komedia franses*, “*comédie française*” ‘farsa, fingimento’
362. *kome pavo* ‘expressão usada quando uma mulher está em uma festa e nenhum homem tira ela para dançar’
363. *kometé un gaf* ‘cometer uma gafe’
364. *kompañá hazan* ‘companheiro, amigo’
365. *kompungí* ‘compungido, triste, angustiado’
366. *konchabá* ‘conchavar, confabular’
367. *konchabo* ‘conchavo, reunião’
368. “*Konseho di Ansiános*” ‘organismo que consiste em todas as pessoas que serviram durante um ou mais períodos no comitê diretivo da sinagoga’
369. *konservador* ‘denominação dada àqueles que praticam o judaísmo de uma forma menos estrita do que os *òrtodòks*, mas não tão liberal quanto os *reformá*’
370. *konsiderashon* ‘algo que se faz por deferência, fase de luto bem leve’
371. *kopioso* ‘estranho, pouco usual, excêntrico, curioso’
372. *koretina*, *korentina* ‘ação rápida, vaivém contínuo’
373. *kòrtamentu di bolo* ‘costume judaico que consiste numa reunião entre a noiva e suas amigas mais próximas na véspera do casamento, em que a noiva recebe diversos conselhos matrimoniais’
374. *kòrta pia* ‘dar um presente personalizado’
375. *kòrta un hende kriya* ‘brigar, quebrar amizade, parar de visitar alguém’
376. *kosher* (variante ídiche da palavra *kashé*, *kasher*) ‘usado sobretudo num sentido negativo, para indicar que um assunto ou alguém não é digno de confiança (*no ta kosher*)’
377. *koyuntura* ‘articulação’
378. *koza* ‘1. usado para indicar que talvez haja alguma coisa que não se encaixa com o que foi dito, 2. usado como resposta (*ké kosa!*) para indicar que não se concorda com o que foi dito (algo como *não diga!*, *ah, é?*)’
379. *kremPOCHi* ‘pessoa pequena’
380. *krepul*, *krapul* ‘crápula, vagabundo, canalha’
381. *kuita* ‘evacuar’
382. *kulchuí* ‘1. acolchoar, forrar, 2. acolchoado, forrado’
383. *kuñá* ‘cunhado, cunhada’
384. *kundi* ‘1. durar muito, 2. ganhar força’

385. *kuper* ‘utensílio pequeno, de barro queimado, para beber água (filtro de barro)’
386. *kupial* ‘pequena espaço na frente das casas, com portas nas quatro paredes’
387. *kuriosiá* ‘espionar, ser curioso’
388. *kursi*, *kursilon* ‘vulgar, pomposo, algo de gosto, seja imitação barata, mal feita, ou exagerado e ridículo’
389. *kuruká* ‘encolher-se, buscar refúgio, proteger-se de forma aconchegante, abraçar com ternura’
390. *labatiba* ‘1. lavagem intestinal, injeção via retal, 2. preocupação, incômodo’
391. *ladino* ‘ladino (antigo idioma hebreu-castelhano)’
392. *lampadai* ‘1. adorno ou babado colocado em certos móveis de época, 2. roupa desajeitada, desarrumada’
393. *lampiño* ‘jovem, sem experiência, lampinho’
394. *lamp’i Saba* ‘expressão para indicar que algo está evidente, claro’
395. *lando* ‘carro grande (landau)’
396. *langolí* ‘expressão usada para se referir a uma pessoa ou coisa grande, vistosa’
397. *lánguido* ‘lânguido’
398. *lanso* ‘lençol de cama’
399. *lanta man* ‘intensificar um esforço, fazer algo rápido’
400. *larzjès* ‘generosidade, bom coração’
401. *lata* ‘algo sem graça, chato’
402. *latoso* ‘chato, enfadonho, sem graça’
403. *lavalierà* ‘tipo de gravata’
404. *lebedeus* ‘morrer, sair do caminho’
405. *legado* ‘doação em dinheiro feita por um judeu à sinagoga para que a oração em honra de seus mortos (*Skaba*, *Hashkabá*) seja sempre realizada’
406. *lahaím* ‘saúde!, tudo de bom! (brinde para desejar vida longa)’
407. *lelo*, *lelu* ‘1. fraco, esgotado, 2. bobo, estúpido’
408. *lenga viperina* ‘língua viperina (a língua de quem fala mal dos outros, de quem fala demais)’
409. *ler* ‘forma antiquada do verbo *lesa* (ler)’
410. *lèrdu* ‘lerdo, devagar’
411. *lesma* ‘lesma (1. animal, 2. pessoa fraca (que está mal), débil, descaída, sem brio, 3. preguiçoso, lerdo)’

412. *lèter* ‘escrita, letra’
413. *lèterchi* ‘biscoito de amendoim em forma de S, que os judeus comem na época de *Pesáh*’
414. *levantador* ‘um dos participantes da cerimônia da leitura do *Sefer Torá*’
415. *levelekòl* ‘mover(-se), levantar o corpo. Essa palavra é usada para indicar que é hora de ir embora de uma reunião ou festa’
416. *levita* ‘casaco elegante usado em ocasiões especiais’
417. “*livro da caixa*” ‘livro-caixa’
418. “*livro de segredos*” ‘1. livro de assuntos privados, 2. algo confidencial’
419. “*llover sobre mojado*” ‘expressão usada para se referir a uma situação que já estava péssima e fica ainda pior’
420. *lobo marino* ‘nome dado a pessoas de idade que gostam de ir para festas para registrar tudo que acontece e fazer comentários no dia seguinte’
421. *loke esun ta manka, e otro tin dimas* ‘o que falta em um, o outro tem de sobra’
422. *loko di perinola* ‘completamente louco, trasntornado’
423. “*longos años da felicidad*” ‘desejo tradicional, muito usado, para desejar muitos anos de felicidade’
424. *lontanansa* ‘1. fundo, distância, em um plano mais distante (termo usado na pintura para indicar o último plano ou horizonte na perspectiva de um quadro), 2. porvir, futuro’
425. *losa* ‘louça, porcelana fina’
426. *lotriná* ‘doutrinar (1. educar, ensinar boas maneiras, 2. castigar, disciplinar)’
427. *L’Shaná Tová* ‘saudação e desejo que se faz no *Rozaná*, o ano novo judeu’
428. *mabitá* ‘1. ter má sorte, ser azarado, 2. azarado, de má sorte’
429. *mabita* ‘agouro, má sorte, olhado’
430. *Magen David, Mogen David* ‘estrela de David, uma estrela de seis pontas (pentagrama)’
431. *Mahamad* ‘sinônimo de *Parnasim* (plural de *Parnas*); 1. executivos da congregação hebraica, 2. sala onde esses executivos se reúnem’
432. *maka* ‘defeito, imperfeição, anormalidade’
433. *makaku di Spaña* ‘1. pessoa que se veste de forma exagerada e chamativa, 2. pessoa risível, ridícula’
434. *maklon* ‘grande, enorme, colossal’
435. *mala ficha* ‘pessoa que não é digna de confiança, falsa, irresponsável, que causa muitos problemas’

436. *malazjé* ‘persistente, tenaz’
437. *maleita* ‘mau gênio, mau humor’
438. *malhut* ‘castigo, trato cruel e desumano’
439. *mal pará* ‘1. conveniente, fácil, 2. um tipo de eufemismo quando se dá algum presente ou carinho pequeno, sem fazer alarde’
440. *mamaracho* ‘coisa mal feita, de mau gosto, que não serve para nada’
441. *mamzer* ‘bastardo (não se refere a alguém que nasce fora do matrimônio, mas sim a um descendente de uma união proibida pela lei judaica)’
442. *mana* ‘maná’
443. *manda al paseo* ‘mandar embora, livrar-se de alguém’
444. *manera boton na Fransha* ‘usado para expressar que há pessoas ou coisas em grande quantidade’
445. *manka* ‘faltar, falhar, esquecer, descumprir’
446. *mansebo* ‘mancebo, moço’
447. *mantel* ‘mantel, toalha de mesa’
448. *manusiá* ‘manusear’
449. *manzinga* ‘grande, valente, forte’
450. *manzja* ‘comer’
451. *mapro* ‘coisa sem valor ou de qualidade inferior’
452. *maraka di Purim* ‘chocalho que as crianças devem sacudir, fazendo o máximo de barulho possível, em determinados momentos da leitura do *Megilá* no dia de *Purim*’
453. *Marikastaña* ‘personagem lendário de tempos muito distantes’
454. “*marrano*” ‘judeu convertido ao catolicismo, cristão-novo’
455. *maseduan* ‘comida feita com diferentes frutas ou verduras, cortadas em pedaços pequenos e misturadas’
456. “*más vale caer en gracia, que ser gracioso*” ‘usado para expressar 1. uma conquista que vale a pena, obtida por pura casualidade, 2. êxito fantástico alcançado sem muito esforço, 3. um sonho que se torna realidade’
457. *mataná* ‘montante que se oferece no momento das ofertas na sinagoga em memória de um ente querido ou por caridade’
458. *matzo* ‘um tipo de pão plano, feito sem levedura’
459. *matzo di zjema* ‘sobremesa de *Pesáh*’
460. *mazel tov* ‘parabéns, felicitações quando alguém consegue algo, forma de parabenizar mostrando alegria’

461. *medio palo* ‘algo insípido, mediano’
462. *Megilá* ‘1. livro da Bíblia escrito em um pergaminho e enrolado. Cinco livros são nomeados dessa forma, a exemplo do livro de Ester, 2. história longa e interminável’
463. *meketrefe* ‘mequetrefe’
464. *mèm djúdj* ‘marmelada à base de ovo’
465. *menester* ‘dever, necessidade’
466. *menorá* ‘candelabro de sete braços, emblema de Israel’
467. *meskolansa* ‘mescla de uma variedade de pessoas ou coisas, que não se combinam muito bem’
468. *mesteriba* ‘dever fazer algo que não está sendo feito’
469. *mezuzá* ‘caixa pequena de metal, porcelana ou madeira que contém um pergaminho inscrito com os versículos 6:4-9 e 11:13-21 de Deuteronômio’
470. *mikvá* ‘banho ritual, banheira’
471. *Mikvé Israel* ‘Esperança de Israel, congregação fundada em Curaçao em 1651’
472. *mi no ta kere ni su sheman* ‘expressão de desconfiança completa’
473. *minyan* ‘quorum, número mínimo de 10 pessoas para poder fazer o serviço religioso’
474. *misba, mitsvá* ‘1. boa obra, obra sagrada, ato de caridade, 2. atenção, apoio especial ou sustento moral na hora de necessidade’
475. *Misheberá, Meshiberá* ‘primeira palavra de uma oração para invocar bênçãos para a congregação inteira’
476. *mishirikeira* ‘mexeriqueiro, fofoqueiro, intrometido’
477. *Mishná* ‘tradições legais da Lei Oral, que formam a base do *Talmud*’
478. *mishpahá* ‘família, grupo, tribo’
479. *Mohel* ‘pessoa, médico ou não, qualificada para fazer a circuncisão’
480. *moncha* ‘1. mastigar, ruminar, 2. comer aos poucos, escondido para que ninguém repare’
481. *morcha* ‘1. muchar, 2. cansar, enfraquecer’
482. *morchá* ‘1. murcho, 2. cansado, exausto, fatigado’
483. *morgada* ‘torta pequena, individual, rechada com um tipo de cocada’
484. *morto riba tera* ‘termo que se refere ao antigo costume judaico segundo o qual, por respeito ou consideração, quando um judeu morria, nenhum outro membro da comunidade participava de qualquer tipo de festejo antes que o morto fosse enterrado’
485. *mucha den zjar* ‘expressão para indicar que quando pessoas mais velhas estão conversando ou discutindo, as crianças devem sair do ambiente’

486. *nabiu* (SUBST antiquado) ‘navio’
487. *nebuá, nebuchá* ‘profecia, prognóstico, pressentimento’
488. *Nehilá, Neilá* ‘conclusão, a última oração do dia de *Kipur*’
489. *ñêñê* ‘resmugar, fazer malcriação’
490. “*Nevé Shalom*” ‘sinagoga na região de Otrobanda (Curaçao), que existiu entre 1746 e 1864. O nome hebraico significava ‘Lugar de Paz’
491. *Ner tamid* ‘luminária/lâmpada que tradicionalmente forma parte integral de uma sinagoga’
492. *ni fu ni fa* ‘nem uma coisa, nem outra, algo insípido, mediano’
493. *ni patu ni riu, ni riu ni patu* ‘não se fez nem uma coisa, nem outra’
494. *ni tuzji ni muzji* ‘ficar calado, não ter nenhuma reação’
495. *ninguein* ‘de categoria inferior, de pouco ou nenhum valor’
496. “*niño que no llora no mama*” ‘quem não chora não mama’
497. “*no hay mal que por bien no venga*” ‘há males que vem para bem’
498. “*no se topa ni kon kandelá de Januká*” ‘expressão do judeo-espanhol usada para se referir a um acontecimento difícil de esclarecer’
499. *noba* ‘notícia, informação’
500. *nochesitu* ‘entardecer’
501. *nochobi, mochobi* ‘abatido, triste, deprimido, cabisbaixo’
502. *no-ku-no* ‘reunião ou refeição pequena e íntima’
503. *ñoña* ‘1. mimar, estragar, fazer as vontades de alguém, 2. importunar, aborrecer’
504. *ñoñadó* ‘1. mimado, 2. provocador’
505. *ñoñèkè* ‘malcriado, irritável, mimado’
506. *no tin tal karné* ‘usado para indicar que algo é fantasia, alucinação, engano, ilusão’
507. *novedat* ‘momento em que a bolsa rompe no momento do parto’
508. *noveleiro* ‘1. noveleiro, fofoqueiro, que gosta de intrigas, 2. termo jocoso usado para se referir a pessoas que gostam de saber de todas as novidades’
509. *noviazgo* ‘noivado’
510. *nuera* ‘nora’
511. *oferta* ‘contribuição voluntária que um membro oferece à sinagoga para pedir bênçãos para alguém ou em memória de um ente querido’
512. *Omer* ‘período de 49 dias que começa no segundo dia do *Pesáh*, considerado como nefasto’

513. *“onze mes”* ‘um dos três períodos de luto que os sefarditas mantêm em memória de um parente próximo (são eles *avel*, *luna* ou *sheloshim* e *“onze mes”*); esse período dura onze meses’
514. *opíparo* ‘suntuoso, real, abundante’
515. *ordonans* ‘decreto, mandato’
516. *orea de Haman* ‘um tipo de biscoito, feito com uma massa parecida com massa de pastel, porém com açúcar dentro’
517. *ortodòks* ‘denominação dada àqueles que praticam o judaísmo em sua forma mais fechada, mais tradicional’
518. *oskuritu*, *skuritu* ‘entardecer’
519. *oyada* ‘1. olhado, má sorte, maldição, 2. usado para descrever uma olhada que pode trazer má sorte e causar todo tipo de doença e mau agouro, 3. também a própria doença’
520. *palanka* ‘1. barra rígida de ferro ou madeira, que se usa para levantar objetos pesados, 2. pessoa de muita influência, que ajuda alguém a melhorar de posição, padrinho’
521. *palia* ‘paliar, reconciliar, aliviar’
522. *palto*, *paltó* (SUBST antiquado) ‘paletó, casaco elegante pouco largo ou de largura normal’
523. *Palu di Talet* ‘nome dados aos quatro garotos que carregam o *Talet* durante a cerimônia de casamento na sinagoga’
524. *panera* ‘pãozeira’
525. *panim* ‘cara, aparência, face’
526. *panim beganaf* ‘cara de delinquente, de bandido’
527. *panlevi* ‘tipo de biscoito feito com ovo, farinha, açúcar e um pouco de sal, servido pelos judeus em ocasiões festivas’
528. *panlevi na suku* ‘*panlevi* embebido em uma calda, que, ao secar, forma uma capa fina e transparente’
529. *panpan* ‘1. palmadas no bumbum, 2. dar palmadas no bumbum’
530. *pan trensá òf pan heflèktu* ‘pão especial, que costuma ser feito em dias de festa’
531. *pantri* ‘1. dispensa, 2. copa’
532. *pañal* ‘tipo de pano com que se enrola um bebê para carragá-lo durante cerimônias festivas’
533. *papa prozje* ‘pessoa démodé, que tem ideias antiquadas’
534. *papia na metaf* ‘falar usando metáforas, usar linguagem figurada para se comunicar’

535. *paraké* ‘imitação, falsificação’
536. *parapeto* ‘1. grande quantidade de coisas sem importância, 2. voltas, desculpas para alguma coisa’
537. *parashá, perashá* ‘seção ou passagem do *Torá*’
538. *parna* ‘íntimo, próximo’
539. *parnas* ‘membro do comitê diretivo da sinagoga’
540. *paròl* ‘fala, palavra, maneira de falar’
541. *parti purim* ‘espalhar presentes na festa de *Purim* (lembrando dos pobres) para compartilhar alegria e mostrar gratidão’
542. *parti un bolchi* ‘compartilhar o pão’
543. *pasa stropi na boka* ‘passar por uma experiência agradável, que dura apenas um momento e deixa saudades’
544. *pasa un hipoteka* ‘livrar-se de algo desagradável (por exemplo, convidar uma pessoa para alguma coisa só por educação sabendo que ela já outro compromisso)’
545. *pasha* ‘1. hospedar-se, ficar um ou mais dias na casa de um parente ou amigo, 2. usado para indicar uma saída para mudar de ambiente’
546. *pasmá* ‘atônito, pasmado’
547. *pasta di bondat* ‘pessoa muito boa’
548. *pataka* ‘moeda antigamente de grande valor, mas que se desvalorizou completamente’
549. *pataleta* ‘ataque, convulsão’
550. *pataliandu* ‘abandonado, desamparado’
551. *patan* ‘pessoa rude, grosseira’
552. *pata pariba* ‘na rua, desamparado, abandonado’
553. *pata pariba pata pabou* ‘ir e vir sem conseguir nada’
554. *patapuf* ‘pessoa gorda, sem forma’
555. *patatí-patatá* ‘expressão usada para não prolongar uma história chata ou para evitar repetição’
556. *patraña* ‘patranha, engodo, mentira’
557. *pedaso, pidazo* ‘1. pedaço, 2. uma má companhia’
558. *pedji, bedji* ‘tipo de má sorte, maldição’
559. *peiná* ‘penteado’
560. *pelafustan* ‘1. pessoa maltrapilha, largada, vagabunda, 2. pessoa sem escrúpulos, sem vergonha’

561. *pèlmèl* (SUBST, ADJ e ADV) ‘desordem, caos, confusão’
562. *peltre* ‘liga metálica à base de estanho e chumbo ou de zinco e cobre, usada para fazer utensílios de casa’
563. *peña Shi Pou* ‘penteado com duas tranças, não muito grandes, que se unem na parte de trás da cabeça, de modo que elas caem em forma de V sobre a nuca’
564. *pendentif, pendentif* ‘pingente’
565. *Pentateuch* ‘Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia)’
566. *pèñuar* ‘tipo de roupão fino que se usa em cima da camisola, com a qual geralmente forma um conjunto’
567. *percha* ‘móvel antigo, geralmente de mogno, usado para colocar as roupas para tomar um vento’
568. *perdigão* ‘1. sair perdendo, sem conquistar o que se desejava apesar dos esforços, 2. esforço desnecessário, tempo perdido’
569. *pereke* ‘muita preocupação por algo sem importância’
570. *pérgola* ‘pérgola, lugar coberto por muitos galhos’
571. *pertrechá* ‘apetrechar, equipar com tudo aquilo necessário’
572. *Pésah* ‘Páscoa judaica’
573. *pésame* ‘pêsames’
574. *peskueso* ‘pescoço’
575. *pesma* ‘comover-se, dar os pêsames’
576. *pespeta* ‘intrometido, pessoa que gosta de incomodar e semear a discórdia’
577. *pèster* ‘atormentar, irritar’
578. *pèsti* ‘travesso, arteiro’
579. *pete-laganga* ‘1. mimoso, delicado, 2. também usado como expressão para indicar que algo é um grande exagero’
580. *petimètre, petimèter* ‘homem muito preocupado com suas vestimentas e sua aparência’
581. *pezadu* ‘pesado, trabalhoso’
582. *pezadumbre* ‘1. tristeza, melancolia, 2. grande dor tanto física quanto mental, 3. fato ou tarefa difícil de aceitar’
583. *peze* ‘1. pessoa lerda, preguiçosa, lenta, 2. vagar, passear’
584. *pi i margal* ‘abundância, profusão’
585. *picha* ‘discutir, brigar por coisas insignificantes’
586. *pichadó* ‘pessoa que gosta de discutir’

587. *pichadulse* ‘aproveitador, parasita, que vive às custas de outrem’
588. *pichiri* ‘avarento, mesquinho, sovina’
589. *pichiriá* ‘poupar, economizar, ser avaro’
590. *pidi kakao* ‘desculpar(-se)’
591. *pika pia* ‘caminhar rápido’
592. *pike* ‘briga, disputa, aborrecimento’
593. *pikitu* (SUBST) ‘um pouquinho’
594. *pikúo* ‘extravagante, fora do comum’
595. *pilashi* ‘graça, piada, zombaria’
596. *pimpoyo* ‘1. ramo (de planta), 2. jovem bonito, atraente’
597. *pinga* (SUBST) ‘um pouco’
598. *pinga* ‘pingar’
599. *pipiòl* ‘novato, o menor de todos, pessoa sem experiência’
600. *piruèt* ‘pantomima, fantasia, pirueta’
601. *polenta* ‘prato formado por uma massa e um recheio rico e bem temperado de galinha ou de carne junto com ameixa seca, azeitona e alcaparras’
602. *pone boka òf lenga na papiyòt* ‘expressão usada quando se fala um idioma estrangeiro e se deve prestar atenção tanto na pronúncia quanto no que é dito’
603. *pone broa riba un hende* ‘buscar uma forma de atacar, de se livrar de algo’
604. *pònpòn* (SUBST, ADJ e ADV) ‘algo barato, de má qualidade, inferior’
605. *popa* ‘popa (de embarcação)’
606. *pòpchi di kanapé* ‘pessoa bonita, porém sem conteúdo’
607. *pòpchi dos un plaka* ‘idêntico’
608. *poriba* ‘poderia (combinação de **tabata** + **por** ou **por** + **a**)’
609. *postiyon* ‘moleque de recados, mensageiro’
610. *potosí* ‘grande riqueza, abundância’
611. *preña* ‘engravidar’
612. *preñá* ‘grávida’
613. *priguis* ‘1. exageradamente preciso, 2. resmungão, que reclama de tudo’
614. *priguiwjá, prigazjá* ‘1. aborrecer, irritar, perder a paciência, 2. perder tempo com disparates’
615. *prikítbuk* ‘livro para fazer anotação’

616. *primu ruman* ‘primo-irmão, primo de primeiro grau’
617. *primu segundo* ‘primo de segundo grau’
618. *proa* ‘proa (de embarcação)’
619. *prole* ‘prole’
620. *promé nomiado* ‘1. primeiro convidado a chegar numa festa, 2. pessoa que gosta de comandar, de estar à frente das coisas’
621. *promesa* ‘sinônimo de *oferta*, contribuição voluntária e espontânea que se oferece à sinagoga’
622. *pulushá* ‘discutir, argumentar em busca da perfeição’
623. *pulushi* ‘perfeccionista, meticoloso’
624. *punteiro, yad* ‘objeto de madeira, metal, prata ou ouro usado para guiar a leitura do *Torá*, ponteiro’
625. *puntozo, puntuozo* ‘pertinente, categórico, exigente, rigoroso’
626. *Purim* ‘festa que comemora como, há vários séculos, na Pérsia, os judeus escaparam de Haman, que queria massacrar todos eles’
627. *pursi (di)* ‘de fato, naturalmente’
628. *pusilga* ‘pocilga (1. chiqueiro, 2. lugar imundo)’
629. *rabagas* ‘1. de qualidade inferior, de aspecto pouco firme, 2. pessoa completamente sem modos, odiosa’
630. *rabieta* ‘pequeno ataque de raiva, muitas vezes causado por capricho’
631. *Rabino* ‘rabino (clérigo hebreu com grau acadêmico, líder espiritual da congregação)’
632. *rabitu* ‘1. cóccix, 2. filho, cria’
633. *rabuzjentu* ‘crise de fúria, ataque de raiva’
634. *racha* ‘rachar, estalar’
635. *racha* ‘fenda, racha’
636. *rachá* ‘rachado, estalado’
637. *ráfaga* ‘rajada (de vento)’
638. *rafta* ‘corrigir (qualquer pessoa que comete erros ao ler o *Teba*)’
639. *“rage”* ‘furor, entusiasmo, paixão por algo que está na moda’
640. *ragmónes, dragmónes* ‘compaixão, misericórdia’
641. *raha* ‘1. rachar, partir, quebrar, 2. mudar de ideia’
642. *ranka un tabla* ‘conseguir uma vantagem inesperada, por sorte’

643. *rara bes* ‘raras vezes, com pouca frequência’
644. *rar te bia* ‘raras vezes, com pouca frequência’
645. *ras, ras-ras* (V, ADJ, ADV) ‘cortar bem curto, até a borda’
646. *rata porshon (hasi)* ‘repartir coisas, de forma que cada pessoa fica com uma parte ou porção’
647. *ravazj (hasi)* ‘1. estrago, destruição, 2. fazer grande limpeza na casa, se desfazendo de tudo aquilo que não se usa mais’
648. *razu* ‘simples, sem cerimônia’
649. *rechiyá* ‘1. rechear, encher, 2. recheado, cheio’
650. *reformá* ‘denominação dada àqueles que praticam o judaísmo em sua forma mais liberal’
651. *reiní* ‘raquítico, fraco, magro’
652. *rekubeku (di -)* ‘1. com muitas voltas, 2. conseguir algo depois de muita dificuldade’
653. *repisa* ‘prateleira’
654. *Respona* ‘coleção de perguntas e respostas relacionadas à vida e cultura judaica’
655. *retalía, retalhía, retahil* ‘ladainha, coisa longa, interminável’
656. *retraktá* ‘retratar, corrigir’
657. *retraktabel* ‘1. retrátil, 2. retratável (que pode ser corrigido)’
658. *retrosede Maria* ‘1. expressão usada para indicar que, ao invés de ir para frente, se vai para trás, 2. indica que um trabalho ou missão que fracassou deve ser iniciado de novo’
659. *rezo* ‘oração, reza’
660. *rienda liber* ‘sem restrição, sem limite’
661. *rigor (di -)* ‘indispensável, obrigatório’
662. *rikesa di pushi flako* ‘uma ostentação vazia ou sobre às custas de outro, um ‘querer sem poder’
663. *rimonim* ‘adorno do *Sefer Torá* em forma de romã’
664. *rizible, rizibel* ‘risível, ridículo, absurdo’
665. *rogativa* ‘rogativa, reza, súplica’
666. *roncha* ‘roncha (inchaço causado por picada de inseto, urticária)’
667. *rosa* ‘roçar, tocar superficialmente’
668. *rosagante, rozagante* ‘saúdável, contente, cheio de vida e alegria’

669. *rose* ‘bom trato, comunicação’
670. *Rosh Hodes* ‘novo mês’
671. *roza, rozita* ‘vagina’
672. *Rozaná* ‘ano novo judaico’
673. *rozèt* ‘decoração no centro do teto, feita de madeira entalhada ou modelada no gesso’
674. *runrun* ‘rumor, fofoca’
675. *Saba* ‘período que se estende desde o pôr do sol de sexta-feira até o pôr do sol de sábado’
676. *saka desnú* ‘vestir-se de forma exagerada, exibindo mais do que o convencional’
677. *saka manzinga* ‘dar tudo o que tem’
678. *saka pa kabes* ‘1. efeito contrário ao desejado, sobretudo quando se trata de um remédio, 2. ser mal interpretado’
679. *saka un bolada* ‘inventar uma desculpa’
680. *Sala Konsistorial* ‘sala sede da direção da sinagoga’
681. *salamera* ‘hipócrita, dissimulado’
682. *salameria* ‘adulação, dissimulação’
683. *salamesa* ‘recompensa, merecido’
684. *salga* ‘salgar’
685. *salgá* ‘salgado (1. com muito sal, 2. perspicaz, 3. com duplo sentido)’
686. *sali dris* ‘ficar perdido’
687. *salgamöndi* ‘guisado’
688. *salmuera* ‘salmoura’
689. *salpiká* ‘1. salpicar, borrifar, 2. misturar, confundir, 3. salpicado, 4. confuso’
690. *samovar* ‘chaleira grande, luxuosa, em forma de prata’
691. *sángano* ‘pessoa preguiçosa, que prefere viver às custas de outra’
692. *sanger lihé* ‘pessoa alegre, agradável’
693. *sangri* ‘vinho tinto preparado com diferentes condimentos, limão, laranja, água e açúcar’
694. *santans* ‘sentença, decisão’
695. *santu riba suela* ‘areia no chão (característica da Sinagoga Mikvé Israel)’
696. *sanzejèn* ‘simples, sem cerimônia’

697. *sarampi na kama di behes* ‘1. tipo de caduquice, 2. usado para se referir a pessoas de idade que se comportam como adolescentes, 3. usado para indicar que uma pessoa está fazendo coisas sem sentido’
698. “*sarna kon gusto no pica, y si pica, no mortifica*” ‘expressão usada para indicar que quando alguém tenta fazer alguma coisa, ainda que encontre contratempos, não se desencoraja’
699. *seba* ‘virar uma mania, acostumar(-se) tanto que é difícil de parar alguma coisa’
700. *Sedaká* ‘caridade, justiça, retidão, integridade’
701. *Seder* ‘comida e cerimônia especial para celebrar a primeira noite do *Pésah*’
702. *sefardí, PL sefardim* ‘sefardita (judeu proveniente da Península Ibérica e seus descendentes)’
703. *Sefer, Sefer Torá* ‘livros do Torá que são guardados no *Ehal, Hehal*’
704. *segredo, segredú* ‘segredo, algo confidencial, privado’
705. *sehitá* ‘abate de animais de acordo com lei judaica, para que a carne seja *kasher*’
706. *sekupeku* ‘sem mais nem menos, descaradamente, sem tirar nem por’
707. *semehá* ‘assemelhar(-se)’
708. *semeká, semiká* (SUBST, ADV) ‘raras vezes’
709. *semita* ‘descendente de Sem, filho de Noah’
710. *senefa* ‘sanefa, borda decorativa que se usa em cortina, tapeçaria, toldo’
711. *sentebú* ‘ataque (de fúria, de raiva)’
712. *serafim, serafín* ‘serafim’
713. *seremonia di kasamentu na Znoa* ‘cerimônia de casamento na sinagoga’
714. *seremonia di lesamentu di Sefer Torá* ‘cerimônia de leitura de *Sefer Torá*’
715. *Seremonia na ora di morto* ‘cerimônia de enterro’
716. *severa katalina* ‘pessoa severa, séria’
717. *Shabat* ‘palavra hebraica para *Saba*’
718. *shabrak* ‘pano que se coloca em cima do cavalo’
719. *Shadai* ‘1. palavra escrita com três letras hebraicas que significa ‘Todo Poderoso’, 2. espécie de faixa de ouro gravada com as essas três letras’
720. *shalom* ‘paz, serenidade (saudação tradicional de muitos hebreus quando se encontram)’
721. *shamas* ‘sacristão da sinagoga’
722. *shaperon* ‘acompanhante, vigilante’

723. *Sheloshim* ‘período de luto que dura um mês’
724. *Sheman Israel, Shemá Israel* ‘1. primeiras palavras de uma oração que proclama a fé dos judeus (‘ouve, ó Senhor’), 2. nome de uma revista ou folheto escrito em espanhol, publicado pela sociedade *El Porvenir*’
725. *shetemesino* ‘1. pessoa ou animal que nasce sete meses antes do previsto, 2. criança que acha ser maior do que é de fato, 3. raquítico, fraco, 4. gigantesco, forte, valente’
726. *shifonié* ‘cômoda, feita especialmente para guardar roupas masculinas’
727. *shinini* (ADJ, ADV, SUBST) ‘1. algo de classe inferior, de má qualidade, 2. pessoa preguiçosa, sem energia’
728. *shishí* ‘ostentação exagerada, excesso’
729. *shofar* ‘chifre de um animal *kasher*, geralmente carneiro; seu som é bastante forte’
730. *shohèt* ‘pessoa especializada e autorizada pela congregação hebraica para se encarregar do abate de animais de acordo com a lei *kasher*’
731. *Shon Bea Poron* ‘1. aparentemente era o nome de pessoa que nunca saía sem chapéu, 2. chapéu extravagante, pomposo, 3. pessoa que usa um chapéu assim’
732. *Shon Grandi a bini ku nabi, el a bai ku kanoa* ‘expressão usada para se referir a uma pessoa que chegou em um lugar de forma ruidosa, mas foi embora em silêncio’
733. *shubidó* ‘proveitador, oportunista’
734. *silensio* ‘luto, lamento’
735. *siloria (na -)* ‘vestido de forma desleixada, largada’
736. *Simhat Torá* ‘dia de muita alegria em que se celebra o final e o subsequente reinício do ciclo anual de leitura do *Torá*’
737. *simulaker* ‘simulacro, imitação’
738. *Simurim* ‘*matzo* abençoado durante a cerimônia de *Pesáh*’
739. *si no yobe lo pinga* ‘poder parar de ser muitas coisas e conseguir algo’
740. *Skaba, Hashkabá* ‘oração pelo descanso da alma de um falecido’
741. *skabechi* ‘escabeche (peixe, cozido ou frito, posto no vinagre, temperado com pimentão, cebola, pimenta, alho, entre outros condimentos)’
742. *Skalo, Pietermaai i Pèn* ‘bairros, juntamente com Julianaplein (antes Concordia Plein), que possuíam grande número de judeus’
743. *skamotiá* ‘escamotear’
744. *skarpin* ‘sapato elegante para homem’
745. *skeze* ‘esquecer(-se)’
746. *skezementu* ‘esquecimento’

747. *skezidu* ‘esquecido, distraído’
748. *skombra* ‘limpar bem um lugar, desentulhar, revolver’
749. *skombra hames* ‘expressão usada para se referir à limpeza feita, por ocasião do *Pesáh*, nas casas judaicas em busca de restos de pão’
750. *skotan* ‘estimar, valorar, demonstrar interesse’
751. *skoya* ‘escolher, selecionar’
752. *skritu e skritu seyá, seyado* ‘expressão usada no final das orações do serviço de *Kipur*, sendo a abreviatura de uma súplica das pessoas para que seus nomes estejam inscritos no Livro da Vida e que isso seja selado para o Ano Novo’
753. *skuzadu* ‘escusado, desnecessário, supérfluo’
754. *soba* ‘massagear, friccionar, acariciar’
755. *sobezji, sobrezji* ‘sobejo, sobra’
756. *solta* ‘soltar’
757. *sonsaká, sonsagá* ‘indagar, averiguar’
758. *sòpi di biña* ‘um prato muito apreciado, que antes não faltava em jantares festivos ou de família; trata-se de uma sopa que pode ser servida quente ou fria’
759. *sòpi di galiña* ‘sopa feita com ingredientes variados (a depender de quem está preparando), também conhecida como **penisilin hudiu**, servida em ocasiões diversas’
760. *sopièr, supièr* ‘sopeira’
761. *spachadu* ‘despachado, atrevido’
762. *spanta kardoz* ‘dizer ou fazer algo de brincadeira para ver o efeito que isso produz na pessoa’
763. *sparsi* ‘espargir, espalhar, dispersar’
764. *stamu* (SUBST arcaico) ‘sinônimo de **stoma** (estômago)’
765. *steira* ‘esteira’
766. *stokayá* ‘1. desamparado, sem poder tomar uma atitude, 2. pessoa que tem que aceitar algo contra sua vontade’
767. *strombois* ‘trovão’
768. *strondoso* ‘estrondoso’
769. *struzji* ‘estrugir, confundir, atordoar (pelo barulho, babel ou confusão)’
770. *Subi Sefer* ‘celebração judaica que ocorre quando os jovens completam 13 anos, marcando o início de sua participação nos serviços da sinagoga’
771. *suèlto* ‘1. solto, ágil, livre, 2. ousado, atrevido’
772. *sulazjá* ‘alentar, consolar, sustentar, animar’

773. *sumiso* ‘dócil, atento, respeitoso’
774. *su nêrvio ta fa bemòl* ‘expressão para indicar que uma pessoa está muito nervosa’
775. *taba* ‘partícula de passado imperfeito, sinônimo de *tabata*’
776. *tabardia* ‘1. insolação, 2. tipo de tifo que costuma dar febre’
777. *Tabernakel* ‘tabernáculo (1. santuário portátil, 2. cofre portátil onde se guarda a *Tabla di Lei*)’
778. *tabike* ‘parede, divisória, separação’
779. *Tabla di Lei* ‘tábula que contém os Dez Mandamentos’
780. *tafur, taful* ‘1. fanático, que faz algo com muita dedicação e afinco, 2. dedicado à religião, devoto’
781. *takada* ‘1. tarefa desagradável, mas que precisa ser cumprida, 2. ladainha, algo sem fim’
782. *takaño* ‘tacanho, sovina, avarento’
783. *takanza, takansa* ‘1. ocupação chata, enfadonha, 2. participação por obrigação, sem nenhuma vontade’
784. *Talet* ‘xale de seda, geralmente branco, que deve ser usado pelos homens judeus nas sinagogas’
785. *talet di kasamentu òf hupá* ‘xale especial próprio para casamentos, que encobre os noivos’
786. *talhí-talhá* (ADJ, ADV) ‘1. tanto vale um como o outro, 2. usado para indicar duas coisas parecidas’
787. *talhí-talhá kol hamishpahá* ‘expressão para indicar que todas as coisas estão exatamente iguais’
788. *Talmud* ‘corpo oficial das leis judaicas, baseado no *Mishná* e *Guemará*’
789. *tanazá* ‘prolongar um trabalho, demorar para fazer algo’
790. *tantó* ‘1. forma de dar ‘tchau’ (‘até daqui a pouco’), 2. sinônimo de *asina* ‘assim’
791. *Teba* ‘plataforma central, logo que entra nas sinagogas, de onde o rabino ou seu substituto faz a celebração’
792. “*Techi likes*” (com pronúncia inglesa) ‘expressão usada para indicar que uma pessoa deve parar de fingir’
793. *Tefilin* ‘duas caixas pequenas de couro, cada uma contendo quatro passagens do *Torá* escritas em pergaminho’
794. *teima* ‘1. incomodar, pegar no pé, importunar, 2. teimar, pleitear, insistir’
795. *teima* ‘teima, argumento, disputa’
796. *teimoso* ‘teimoso’

797. *Tèmpel* ‘edifício onde os judeus reformados realizam seus serviços religiosos’
798. *Tempel Emanu-El* ‘templo construído em 1867 pelos judeus que se separaram, em 1864, da comunidade da sinagoga Mikvé Israel e fundaram a congregação Emanu-El’
799. *templista* ‘nome dado ao grupo sefardita que, em 1864, saiu da congregação da sinagoga Mikvé Israel’
800. *tempu di Marikastaña* ‘muito tempo atrás’
801. *tenasa* ‘tenaz (espécie de pinça)’
802. *tenemiaká* ‘momento de tranquilidade que as mães conseguem ao mandar seus filhos para perto de um familiar, vizinho ou babá; estes tratam a criança com carinho, entretendo-a’
803. *termo* ‘decisão final ou resolução tomada pela junta diretiva da congregação’
804. *tertulia* ‘1. tertúlia (reunião de amigos, festa pequena, encontro social, familiar, musical ou literário), 2. desordem, confusão’
805. *Tikun* ‘cerimônia que se faz quando se vai morar em uma casa nova ou mudar de uma casa para outra’
806. *timbal* ‘timbale (tipo de pastel)’
807. *tina* ‘tina, vaso grande feito de madeira; antes usado como banheira’
808. *tinoko* ‘balde/barril de lixo’
809. *Tishna-beAb* ‘dia nove do mês de *Ab* (julho-agosto). Data mais triste do calendário judaico, que marca a destruição tanto do primeiro como do segundo templo, além de outros acontecimentos tristes’
810. *tizga* ‘1. sofrer pena, 2. sofrer moralmente, passar por grande tristeza’
811. *tolèlè* (ADJ, ADV) ‘vazio, sem sentido, tolo’
812. *Torá* ‘Pentateuco, conteúdo dos cinco livros de Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio’
813. *tòrna ke bolbe* ‘1. vaivém sem fim e sem alcançar nada, 2. rodear um problema, sem enfrentá-lo’
814. *toto* ‘pessoa ou coisa velha’
815. *traba* ‘obstáculo, dificuldade’
816. *trafat* ‘quantidade de coisas para fazer que causa muita preocupação e cansaço’
817. *traga* ‘1. engolir, 2. aguentar, suportar’
818. *traga pilchi* ‘aceitar algo fastidioso, desagradável’
819. *tragabinao* ‘glutão, comilão, guloso’
820. *traha pòpchi* ‘expressão para indicar de forma indireta que aquilo que uma pessoa está contando é notícia antiga ou repetição’

821. *trahin* ‘vaivém contínuo, cansaço, fadiga’
822. *trahiná* ‘cansar, fatigar’
823. *trama* ‘tramar, conspirar’
824. *transizjá* ‘transigir, consentir, chegar a um acordo’
825. *trasa* ‘investigar, tentar descobrir, seguir uma pista para determinar a origem de uma coisa’
826. *traskuartu* ‘quarto/câmara atrás do quarto de dormir, que conecta este com o banheiro’
827. *traza* ‘atrasar’
828. *trazá, trazadu* ‘mentalmente retardado, fora de moda’
829. *trazjèr, trazjèt* ‘prateleira’
830. *trefu* ‘1. tudo o que não está de acordo com as prescrições *kasher* da lei judaica, como alimentos, animais, 2. tudo aquilo considerado tabu’
831. “*tribe*” (inglês) ‘tribo, família, grupo judeu em geral’
832. *trifulka* ‘1. discussão, babel, 2. transtorno e confusão’
833. *trigueño* ‘triguenho (moreno)’
834. *tris* ‘triz, quase nada, muito pouco’
835. *trivariá* ‘tresvariar, delirar’
836. *troncha* ‘1. tronchar, cortar, mutilar, 2. frustrar, contrariar’
837. *tronchá* ‘1. troncho, cortado, mutilado, 2. frustrado, contrariado’
838. *trusó* ‘sinônimo de *enshoval*’
839. *tura* ‘1. cozinhar em fogo baixo, 2. amadurecer’
840. *turdi* ‘aturdir, confundir, perturbar, desorientar, transtornar’
841. *tur la bida* ‘de muitos anos, há muito tempo’
842. *tur su kosnan ta den gogobí* ‘pessoa reservada, taciturna’
843. *tuzji* ‘1. resmugar, queixar(-se), 2. alterar(-se), ficar com raiva, 3. reagir’
844. *Tzitzit, Tziziot* ‘adorno, bordado feito nas quatro pontas de um *Talet*’
845. *uzansa, uzans* ‘usança, costume, hábito, maneira de proceder’
846. *uzo* ‘modo e moral de vida’
847. *vaiven* ‘grande atividade, vaivém contínuo’
848. *vansa* ‘avançar, adiantar’
849. *vante* ‘vangloriar(-se), ostentar, gabar(-se)’

850. *vantedó* ‘pessoa que se gaba, que ostenta’
851. *vantementu* ‘ostentação, convencimento, vaidade’
852. *vava* ‘avó’
853. *“vieux jeu”* ‘antiquado, fora de moda, caduco, ultrapassado’
854. *vitola, bitola* ‘1. presença, porte, aparência, 2. pessoa importante’
855. *wanta gora* ‘cumprir uma tarefa por obrigação, não fazendo o que deveria’
856. *webu batí* ‘creme feito com gema de ovo, açúcar, baunilha e casca de limão raspada’
857. *wega di alòns* ‘tipo de jogo em que se bate forte ou se engana o adversário’
858. *wichi* ‘homem afeminado, homossexual’
859. *wowo ku a mira bai, no a mira bini* ‘expressão para indicar que se emprestou uma coisa a alguém, que nunca será devolvida’
860. *wowo di Om Manchi* ‘nome dado a um passatempo que consistia em buscar algo parecido com uma pessoa, objeto ou animal’
861. *yano* ‘lhano (1. agradável, amável, 2. desprezioso)’
862. *yerno* ‘genro’
863. *yeshiva* ‘centro de estudo rabínico, escola, casa de estudo, universidade hebraica’
864. *yídish* ‘ídiche (judeo-alemão, língua falada pelos judeus da Europa Ocidental e Central)’
865. *zampa* ‘1. receber ou aguentar algo com muita dificuldade (uma visita indesejada, por exemplo), 2. desaparecer, ir embora, 3. zampar (comer bastante e com rapidez)’
866. *zanpeip* ‘furtar às escondidas, com rapidez e habilidade’
867. *zanpèt* ‘usado para indicar que um assunto já está resolvido’
868. *zekezeke, zeke* ‘fraco, cambaio, debilitado’
869. *zjanblan* ‘1. pessoa muito branca, 2. albino’
870. *zjangran* ‘pessoa poderosa, importante’
871. *zjanre* ‘estilo, natureza, caráter, índole’
872. *zjanta* (v) ‘jantar (comer à noite)’
873. *zjanta* (SUBST) ‘jantar (comida)’
874. *zjantèt* ‘pessoa arrogante, pretensiosa’
875. *zjardinièr* ‘jardineira (1. vaso geralmente oval, um tanto fundo, para colocar flores e adornar a mesa, 2. móvel feito especialmente para colocar adornos e vasos de flores, 3. diferentes verduras, cortadas em pedaços pequenos, que acompanha o prato principal)’

876. *zjeitu* ‘jeito (talento, habilidade)’
877. *zjeitoso* ‘jeitoso, talentoso’
878. *zjema* ‘gema’
879. *zjena* ‘incomodar, aborrecer, perturbar’
880. *zjinete* ‘tipo de biscoito, que se come no *Pésah*’
881. *zjirandòl* ‘candelabro grande de vários braços’
882. *zjitona* ‘azeitona’
883. *zjò, djò* ‘1. urinar, 2. urina, 3. vagina’
884. *zjudeo-español* ‘judeo-espanhol (1. idioma falado pelos judeus sefarditas, 2. sinônimo de *sefardí*)’
885. *zjudeus* ‘sinônimo de judeu sefardita’
886. *zjur* ‘dia/momento apropriado, oportuno, favorável’
887. *zjuzjum* ‘jejum’
888. *zjuzjuwá* ‘jejuar’
889. *znoa* ‘sinagoga’
890. *zoná vehá lalá* ‘mulher fácil de conquistar, frívola, leviana’
891. *zuru* (com tons respectivamente baixo e alto, como em *tutu* e *yuda*) ‘atordoado, confuso, desorientado, distraído’

LOKE A KEDA PA SIMIA (HENRIQUEZ, 1991)

892. *abladuria* ‘falatório, conversa sem importância, sem fundamento’
893. “*a cuatro patadas*” ‘totalmente sem consideração, com grosseria’
894. *a pedir de boca* ‘expressão para indicar que algo está exatamente como deveria estar’
895. *adenter* ‘dentro, para dentro’
896. *ahinko* ‘afinco, empenho’
897. *akuedukto* ‘aqueduto’
898. *alardá* ‘alardear’
899. *alarde (hasi)* ‘alarde’
900. *alhibe* (SUBST antiquado) ‘algibe, reservatório, cisterna’
901. *alto kopete* ‘elite, aristocracia, de alta classe’
902. “*amor con amor se paga*” ‘forma de expressar amor e sinceridade recíprocos ou carinho mútuo, amor com amor se paga’

903. *amorio* ‘flerte, relação amorosa não muito séria e passageira’
904. *antitranksaso* ‘remédio antigo para combater *tranksaso*’
905. *anturazj* ‘1. o que está no entorno de uma pessoa ou coisa, 2. ambiente familiar, conjunto de amigos e conhecidos’
906. *apego* ‘apego’
907. *apogeo* ‘apogeu, ponto culminante’
908. *aranzjá* ‘1. arranjar (consertar, reparar), 2. conciliar, chegar a um acordo’
909. *así-asá* ‘mais ou menos, expressão usada para aludir que alguma coisa não está completamente boa’
910. *ataut* ‘ataúde, caixão’
911. *atenshon na boko!* ‘expressão que se usa para chamar atenção ou pedir silêncio quando alguém quer falar algo e outras pessoas continuam conversando sem prestar atenção’
912. *atónito (keda)* ‘atônito’
913. “*a ver cómo baila Miguel, si baila bien, bailo con él*” ‘expressão usada para indicar que a atitude a ser tomada depende das circunstâncias’
914. *awa di redu* ‘nome dado ao chá bebido na *ora di redu*’
915. *avispá* ‘vivo, espero, perspicaz, sabido, alerta’ (palavra usada tanto em sentido positivo quando negativo)
916. *azotea* ‘terraço bonito, geralmente com piso de mosaico’
917. *bahü* ‘baú, arca’
918. *bala* ‘*expert*, veterano, conhecedor, muito bom em alguma coisa’ (palavra usada tanto em sentido positivo quando negativo)
919. *balandran* ‘bata, roupa larga, folgada e confortável’
920. *bamba* ‘algo sem valor, insignificante’
921. *bambuzjer* ‘divertir(-se), festejar’
922. *ban al grano* ‘ir direto ao ponto’
923. *barahá* ‘embaralhar, misturar’
924. *baraha* ‘baralho’
925. *baranka di Shon Kei* ‘expressão para qualificar um baluarte, uma pessoa ou um objeto forte, resistente, confiável’
926. *barba* ‘barba’
927. *barkas* ‘1. barcaça, 2. grande, pesado, vultuoso’
928. *baròk* ‘1. estilo barroco, 2. qualquer obra de arte extravagante e sobrecarregada’

929. *batiente* ‘1. parte, divisão de porta ou janela, 2. esquadria, moldura, revestimento’
930. *beldat* ‘beldade’
931. *Bènbèn a pèrdè kabes* ‘usado para indicar um erro ou para se desculpar’
932. *berea, bereda* ‘vereda (caminho estreito)’
933. *berehena, berenhena* ‘1. berinjela, 2. hematoma, contusão’
934. *bèrtu* ‘talento, habilidade, disposição de fazer o bem e evitar o que é ruim’
935. *bebes ta bon?, bebes no ta bon* ‘usando linguagem de criança, essa expressão é uma forma engraçada de se informar se o que uma pessoa está fazendo ou dizendo é uma brincadeira, uma loucura ou algo sério’
936. *biahe di kayon* ‘esforço para nada’
937. *biehura* ‘palavra depreciativa para se referir a uma pessoa velha e antiquada’
938. *bistoso* ‘vistoso’
939. *bodega* ‘espaço abaixo das casas, porão’
940. *bodega ta grandi* ‘expressão para tipificar uma pessoa que gosta de comer e que está sempre pronta para encher a barriga’
941. *bofonada* ‘zombaria, gracejo, palhaçada’
942. *bòftá sin man* ‘ofensa, insulto, humilhação’
943. *boka di ganatu* ‘pessoa fofoqueira, que não consegue saber de uma coisa e não espalhar’
944. *boka di patu, pone boka di patu* ‘expressão ligada a uma crença de que não se deve elogiar muito uma pessoa, projeto, feito, sucesso ou o que seja, para não dar azar, trazer má sorte’
945. *boka ta na yabi* ‘sem comentário, expressão usada para indicar que, ainda que uma pessoa saiba aquilo que está sendo perguntado, não está disposta a contar’
946. *bònchi* 1. pilha, monte, quantidade coletiva de algum objeto, 2. variedade de objetos amarrados juntos em um pano (trouxa)’
947. *bòrda* ‘abordar, aproximar(-se)’
948. *botadó* ‘abertura para deságue em *alhibe* e *akuedukto*’
949. *bribon* ‘travesso, astuto; palavra usada principalmente na brincadeira para descrever uma pessoa mais velha que gosta de fazer graça ou uma criança que tem mau comportamento’
950. *bribonada* ‘travessura, malícia’
951. *brinka* ‘1. pular, saltar, 2. ajudar, cooperar’
952. *bruera loko, alastrin* ‘varíola’

953. *chagai* ‘valente, corajoso, destemido’
954. *chalalá* ‘conversar de forma amistosa, informal, bater papo’
955. *chapaleta!* ‘caramba! 1. usado para se referir a algo estranho ou surpreendente, 2. usado para enfatizar um pensamento ou uma ação’
956. *charla* ‘conversar de forma amistosa, informal, bater papo’
957. *chifla* ‘1. ficar louco, perder a cabeça, ter atitudes irracionais, 2. estar loucamente apaixonado’
958. *chiflá* ‘1. louco, maníaco, 2. estúpido, bobo’
959. *chifladura* ‘1. loucura, desatino, 3. atitude impensada movida por paixão, 2. passatempo, hobby’
960. *chòkò-chòkò* (tons baixo-alto-baixo-alto) (ADJ, ADV) ‘1. lento, aos poucos, 2. palavra para se referir a alguma coisa que parece não avançar’
961. *chòkòchòkò* (tons baixo-baixo-alto-baixo) ‘deteriorado, velho, estragado’
962. *chòn* ‘cabisbaixo, fatigado, abatido, decaído, desanimado’
963. *choro di bestialidat* ‘1. disparate, estupidez, 2. expressão usada especialmente para se referir a uma bobagem, um absurdo’
964. *chuba* ‘valente, robusto’ (essa palavra pode expressar certa admiração, mas também uma censura de indignação)
965. *chuki* ‘triste, fraco, abatido’ (essa palavra é usada quase exclusivamente para descrever o rosto de alguém)
966. *daka tenemi* ‘usado para se referir a uma pessoa insegura, indeciso’
967. *dal* ‘pancada, batida, contusão’
968. *damaidamaré, djamaidjamaré* ‘pessoa que gosta de tomar à frente das coisas, buscando tirar o essencial dos acontecimentos’
969. *de buenas a primeras* ‘expressão para indicar que uma ação aconteceu de repente e de forma inesperada’
970. *degú* ‘1. desgosto ou aversão a certos alimentos, 2. cansaço, 3. aborrecimento, chateação’
971. *“del bagazo no se hace caso”* ‘ditado que recomenda para não se preocupar quando se trata de uma pessoa desprezível, que não vale a pena’
972. *den bientu* ‘com rapidez e sem grande esforço’
973. *den dansa* ‘1. piada ruim, de mau gosto, 2. complicação, briga, problema. Expressão usada para descrever uma situação em que alguém se encontra, na maioria das vezes contra sua vontade’
974. *dera shete pia bou di tera* ‘expressão usada de várias maneiras: 1. para decretar que um evento deve ocorrer em segredo, 2. quando se comete um erro grave, 3. para indicar que alguém está morto’

975. *derasiná* ‘1. arrancar a raiz, 2. perdido, desnorreado (usado para se referir a uma pessoa que está pouco à vontade fora de seu ambiente natural)’
976. *derúakol* ‘prestar atenção, tomar cuidado, ficar alerta (palavra usada para alertar alguém que pode haver algum perigo ou para indicar que se trata de um assunto não *kosher*)’
977. *desagwe* ‘saída de água, torneira ou buraco por onde a água desemboca, bueiro’
978. *desdentá* ‘desdentado’
979. *despistá* ‘despistar’
980. *destemplá* ‘1. inconstante, volúvel, raivoso, 2. indisposto, fraco, sem energia, 3. falso, desafinado (quando se trata de música)’
981. *destros* ‘destroço, estrago, destruição’
982. *di grita* ‘de chorar, mortal; usado para descrever uma pessoa, evento ou situação que resultou em um completo fracasso’
983. *di grita di bon* ‘formidável, fabuloso, agradável, fantástico’
984. *dísere* (PL *díseres*) ‘1. expressão, provérbio, ditado, refrão ou frase que contém um conselho, declaração, observação ou sabedoria popular, 2. falatório, rumor’
985. *djaka di kaña* ‘1. esquilo, 2. pessoa astuta e com maus comportamentos’
986. *djònk* ‘algo de tamanho um pouco grande, desigual’
987. *djònk* ‘cortar muito grande, de forma desigual’
988. *dochi muda* ‘pessoa quieta, taciturna, silenciosa’
989. *don di hende* ‘tato, diplomacia, jeito, fineza’
990. *dora e pildora* ‘suavizar algo desagradável (como uma má notícia ou um remédio amargo)’
991. *drecha* ‘consertar, endireitar, fazer um reparo’
992. *dresa* ‘1. preparar, equipar, ajustar, 2. adornar, decorar’
993. *duende, duender, duendel* ‘espírito vivo, arteiro, brincalhão, travesso’
994. *duna oido* ‘dar ouvidos (ouvir e considerar o que foi dito)’
995. *echa a patadas* ‘mandar alguém embora de forma insultante, grosseira’
996. *echa na kara di un hende* ‘acusar, confrontar alguém de forma desagradável’
997. *echa (òf dal) su gataso* ‘1. chamar atenção de forma positiva, saltar aos olhos, 2. expressão usada para se referir a alguma coisa que aparenta ser mais do que realmente é’
998. *echa (su) kanita al aire* ‘viver na farra, na diversão, tendo relacionamentos passageiros’

999. *echa patras* ‘bater em retirada, não aceitar ou permitir que algo vá à frente’
1000. *eklatante* ‘1. brilhante, resplandescente, 2. notável, usado para se referir a algo que atrai atenção, seja para o bem ou para o mal’
1001. *Eliya* ‘um dos profetas mais venerados do judaísmo’
1002. *emboskada* ‘comida que acompanha um prato principal, feita com banana e queijo’
1003. *embromá* ‘1. incomodado, frustrado, 2. indisposto’
1004. *empiná* ‘empinado, íngreme’
1005. *engreí, ingreidu* ‘presunçoso, convencido’
1006. *entrometí, entrometidu, entremetí* ‘intrometido, bisbilhoteiro’
1007. *èrorut, ararut* ‘araruta *Maranta arundinacea*’
1008. *esaki ta un otro kantika* ‘expressão usada quando, na discussão de um assunto, uma pessoa apresenta uma versão totalmente diferente’
1009. *estrambótiko, estrambólíko* ‘estrambótico, extremamente exagerado, extravagante, ridículo’
1010. *etròg* ‘cidra, usada, junto com outras três coisas, na cerimônia da *Kabana*’
1011. *èz* ‘gozo, satisfação, prazer, alegria’
1012. *familial* ‘familiar, usado para se referir aos laços de família’
1013. *familiar* ‘1. familiar, próximo, chegado, 2. intrometido, íntimo demais’
1014. *famia o pariente inmediato* ‘família ou parente próximo’
1015. *fantasía por la orkesta* ‘expressão para indicar um conto, um ato ou uma brincadeira que não se enquadra totalmente com a realidade, algo fictício, imaginário, sem fundamento’
1016. *fasineroso* ‘facínora, terrível, feroz, brutal, diabólico, abominável’
1017. *fastiá* ‘raivoso, chateado, aborrecido’
1018. *figurín* ‘1. revista de moda, catálogo com várias roupas, 2. estatueta de aspecto delicado’
1019. *frito* ‘farto, cansado, aborrecido’
1020. *frunsi (frenta o seha)* ‘franzir (1. (a cara) ficar de cara feia, 2. amassar, amarrotar)’
1021. *gai gayero* ‘valente, destemido’
1022. *gaítu* (SUBST e ADJ) ‘1. galo pequeno, 2. valentão, brigão’
1023. *gancha* ‘enganchar’
1024. *gancho* ‘1. prendedor, grampo (de cabelo, por exemplo), 2. gancho, 3. encanto, atração, charme’

1025. *ganchoso* ‘1. ávido, egoísta, 2. usado para descrever uma pessoa que exige tudo para si, que impõe seus desejos sobre os outros’
1026. *gaya* ‘1. valor, ânimo, 2. intrépido, usado para se referir a uma mulher valente, destemida’
1027. *gentio* ‘grande quantidade de pessoas, multidão’
1028. *gòngòn* ‘1. firme, preserverante, persistente, 2. usado para indicar a intenção de fazer algo sem falta’
1029. *gòsta* (v antiquado) ‘1. gostar, 2. experimentar, saborear’
1030. *grangia* ‘granjear, adquirir, conquistar’
1031. *gran kakou* ‘pessoa que ocupa uma posição importante, através da qual pode exercer influência’
1032. *grasiosura* ‘1. graça, brincadeira, divertimento, 2. presente ou atenção, ainda que modesto, dado ou feito com carinho’
1033. *guáramo* ‘força, coragem, valor’
1034. *guinda* ‘colocar’
1035. *guindá* ‘abandonado, desamparado’
1036. *gwera* ‘buraco’
1037. *gwera* ‘furar, perfurar’
1038. *hadrei* ‘espaço/sala da frente ou de trás das casas antilhanas antigas’
1039. *hais* ‘pessoa da alta sociedade ou aquela que ocupa um cargo elevado’
1040. *hala-kore* ‘sem-vergonha, vagabundo’
1041. *hala pia* ‘afastar(-se), distanciar(-se), terminar uma amizade por causa de um desgosto ou mal-entendido’
1042. *hasi “acte de présence”* ‘manter as aparências, fazer algo, mesmo que não se deseje, para manter um bom relacionamento’
1043. *hasi un akto* ‘cumprir um dever, demonstrar simpatia, dar atenção’
1044. *hayaka, ayaka* ‘1. tipo de comida (significado corrente), 2. carta muito desejada escrita por uma pessoa querida, 3. pacote ou presente que traz alegria e contentamento’
1045. *heringá* (palavra um pouco vulgar) ‘incomodar, enfadar, irritar, prejudicar’
1046. *hoga den un fréngu di awa* ‘expressão para indicar que uma pessoa está prestes a perder a cabeça, a ficar com raiva’
1047. *holgá* ‘folgado, amplo, espaçoso, grande, confortável’
1048. *hosiká* ‘1. bater o rosto, tropeçar, 2. enfrentar, confrontar’

1049. *infumabel* ‘intragável, inaceitável’
1050. *kabaleta, kabalete* ‘cavalete’
1051. *kaba na butishi* ‘acabar em discussão e briga; usado para indicar que um encontro ou reunião terminou em uma guerra formal’
1052. *kaba na dos plato bashí* ‘usado para se referir a algo que não se materializou’
1053. *kabe* ‘caber’
1054. *kabeson* ‘cabeça grande; usado frequentemente como apodo’
1055. *kabesudo* ‘inflexível, obstinado, teimoso’
1056. *kachucha* ‘gorro, boné’
1057. *kai for di nubia* ‘ficar surpreso, atônito, ser surpreendido’
1058. *kakalaka na festa (o baile) di galiña* ‘expressão para indicar que uma pessoa ou um objeto está completamente fora de seu ambiente natural’
1059. *kalakuna ta bai kèrki* ‘1. expressão para descrever um peru quando ele abre suas penas e caminha orgulhosamente, 2. usado para uma pessoa pomposa, que se veste de forma chamativa’
1060. *kambia bista* ‘fazer algo diferente, trazer variação para a vida’
1061. *kambou* ‘cambaio, fraco (aplica-se tanto a pessoas como a objetos que não estejam bons); diz-se de um sapato quando fica velho, gasto, perdendo a forma’
1062. *kanatiya* ‘enxoval de bebê, colocado em uma cestinha especial, bonita e adornada’
1063. *kapchi* ‘1. cabeça redonda ou pontiaguda, de cor branca, de um muro comum, 2. cabeça de pilar de pedra que cercava os quintais da parte da frente e de trás de uma casa’
1064. *kara di luna yen* ‘usado para descrever um rosto agradável e risonho’
1065. *kara di postal* ‘expressão para descrever um rosto de mulher semelhante àquele que figurava como ilustração popular nos selos postais de antigamente’
1066. *kaster pushi!* ‘expressão usada quando uma pessoa espirra’
1067. *kastor, kastol* ‘sinônimo de *pumpá*’
1068. *katerba* ‘palavra um pouco depreciativa para se referir a uma grande quantidade de pessoas ou coisas’
1069. *kat-kat* ‘quieto, escondido, em segredo, clandestino, confidencial’
1070. *kènèp* ‘1. tirar, cortar de forma brusca, 2. tirar do caminho, matar, destruir’
1071. *kerer sin poder* ‘1. pretensão falsa usada para indicar uma pessoa que quer muito uma coisa, mas não tem os atributos requeridos para tal, 2. refere-se a uma pessoa que quer controlar tudo, sem ter a personalidade e as condições necessárias para isso, 3. indica uma pessoa que se apresenta de forma pomposa, fingindo ser importante’

1072. *kerubim* ‘querubim, anjo’
1073. *kesityó ksekuando* ‘complicação, muitos requisitos para fazer uma coisa’
1074. *kesikenó* ‘indeciso, inseguro’
1075. *kinipí di morto* ‘mancha azulada que aparece no corpo das pessoas e considerada, na superstição, como prenúncio de morte de um familiar ou amigo querido’
1076. *kinta esensha* ‘quinta-essência’
1077. *kiskiyoso, kiskeyoso* ‘1. suscetível, muito delicado, 2. pessoa que faz tempestade em copo d’água’
1078. *kita pone* ‘1. pessoa caprichosa, instável, que muda rapidamente de ideia, 2. certo tipo de móvel ou decoração que, quando não está sendo usado, pode ser dobrado para liberar mais espaço no ambiente’
1079. *kome alambre kon púa* ‘expressão usada para 1. descrever uma pessoa agressiva, violenta, de temperamento difícil, 2. indicar que uma pessoa está muito sensível, desconfiada e suscetível a interpretar as coisas de modo ruim’
1080. *konde ku bai Koro no ta konde* ‘falta de dignidade, falsidade; 1. ditado para expressar dúvida quando uma pessoa finge ser o que não é, 2. usado para se referir ao fato de que quando uma pessoa pertence a uma determinada classe ou alcançou uma certa posição, seu comportamento deve estar de acordo com essa posição, já que não é aceitável que ela se rebaixe e perca o respeito da sociedade’
1081. *kontures* ‘com tudo isso, ademais, fora isso, também’
1082. *konzje (haña o duna)* ‘mandar embora, despachar, despedir, jogar fora’
1083. *konzje (tuma)* ‘despedir(-se), dar tchau, deixar (um lugar)’
1084. *kopa di Eliya* ‘cálice consagrado ao profeta *Eliya*, geralmente de prata lavrada, sendo um tesouro de família, passado de geração em geração’
1085. *kopete* ‘1. topete (penteado), 2. parte mais acima de certos móveis, crista’
1086. *kraso* ‘vulgar, ridículo, grosseiro; usado sobretudo para indicar que uma coisa ultrapassou todos os limites (crasso)’
1087. *kuartopoyo* ‘pequeno, insignificante; usado para qualificar uma pessoa de estatura abaixo do normal’
1088. *kuent’i rei* ‘charada, adivinhação; descrição enigmática de um objeto ou palavra’
1089. *kuña* ‘cunha (pedaço de madeira, metal, borracha ou plástico usado para manter uma porta fixa, por exemplo)’
1090. *ladra den desierto* ‘expressão que indica que será em vão gritar, exclamar, suplicar ou aconselhar, posto que de antemão sabe-se que tudo irá para um vazio’
1091. *lanta un tèmpe* ‘criar confusão, tumulto, barulho, brigar’
1092. *lèns* ‘minguar, diminuir, baixar, perder a força’

1093. *lep* ‘1. comer com gosto até lamber o prato, comer ou beber de forma gulosa, saborear um prato, 2. desejar uma comida ou uma bebida’
1094. *liña rekta kontrali* ‘pólo oposto; usado para descrever um assunto ou uma pessoa que vai contra a corrente’
1095. *linda (ku)* ‘estar próximo, contíguo a, limitar com’
1096. *lindero* ‘demarcação de um terreno, cerca que estabelece o tamanho de uma propriedade’
1097. *linse* ‘1. lince (animal), 2. pessoa inteligente, perspicaz, esperta e com uma vista muito boa’
1098. *lokual hende muhé ke, Dios ke* ‘o que uma mulher quer, Deus quer (indica que se deve ceder aos desejos de uma dama)’
1099. *lucha titánika* ‘batalha, briga, guerra, discussão, debate formal (palavra usada tanto em sentido real como figurado)’
1100. *luho asiátiko* ‘opulência, luxo exagerado’
1101. *lulav, lulab* ‘ramo de palmeira, que ainda não amadureceu, usado, junto com outras três coisas, na cerimônia *Kabana*’
1102. *lumbrera* ‘sábio, inteligente, astuto’
1103. *luna di Gabi* ‘expressão para indicar um mês de muitos gastos extras’
1104. *lush* ‘suspeito, ambíguo, duvidoso, desonesto’
1105. *mahos ku kronchi* ‘muito feio, de chorar’
1106. *maldesí* ‘maldizer, amaldiçoar’
1107. *malsano* ‘usado para descrever algo que faz mal para a saúde, como um clima, um lugar, um ambiente, a água etc’
1108. *mameluk* ‘tipo de macacão para criança’
1109. *mampara* ‘biombo, anteparo’
1110. *mampará* ‘amparar, defender, proteger, ajudar, acolher’
1111. *mamparo* ‘amparo, proteção, refúgio, ajuda’
1112. *mara bònchi* ‘1. usado para indicar que se vai viajar ou passar o dia fora, 2. despachar, livrar-se de alguma coisa, deixar ir’
1113. *mara kara* ‘aborrecer-se, ficar com raiva’
1114. *mastodonte* ‘1. mastodonte (animal), 2. palavra um pouco depreciativa para descrever algo gigantesco’
1115. *medikucho* ‘palavra depreciativa para indicar um médico de má fama, medíocre, charlatão’
1116. *meitu, meito* ‘1. pessoa sem graça, 2. objeto de qualidade inferior’

1117. *mesa di awa* ‘mesa com um filtro de água em cima, antigamente comum nas casas’
1118. *mes klesté ku diferente pipa* ‘ditado para explicar que os efeitos no final serão os mesmos; por mais que se mude a forma de fazer algo, basicamente o problema continuará igual’
1119. *metuza, tuza* ‘senil, caduco, ancião, antiquado; usado para descrever ou qualificar uma pessoa de idade muito avançada’
1120. *moch’i mucha* ‘usado para descrever uma criança pequena vestida como gente grande; o resultado pode ser ridículo, mas também gracioso’
1121. *mònster di Adonai* ‘usado para descrever um tipo feroz, muito feio, horrível, espantoso, grotesco’
1122. *montes i fontes* ‘grande quantidade, soma enorme’
1123. *morisketa* ‘contração nervosa, tique nervoso, podendo ser de vários tipos: 1. ocorrer involuntariamente e ser causado pela contração involuntária, 2. ser feito para assinalar ou enfatizar alguma coisa, 3. ser realizado por pura brincadeira e para chamar atenção sobre seu praticante’
1124. *mou* ‘vazio, escasso, pouco, frugal’
1125. *mueka* ‘tipo de movimento e expressão do rosto e gestos para chamar atenção, assinalar algo, brincar, exaltar ou simplesmente zombar’
1126. *muheriego* ‘mulherengo’
1127. *muraya chino* ‘pessoa ou circunstância difícil de sondar, impenetrável; pessoa com caráter exageradamente reservado, fechado’
1128. *ni así ni asá* ‘algo mediano, nem bom, nem ruim’
1129. *“Nicholas Blas, ya comiste ya te vas”* ‘expressão para se referir a uma pessoa que mal acaba de comer e já vai embora’
1130. *nini* ‘bonito, belo, gracioso’
1131. *nini-nono* ‘1. bom, bonito, 2. preguiçoso’
1132. *niña frágil* ‘pessoa malcriada, mimada, frágil, covarde’
1133. *ofuská* ‘1. ofuscar, obscurecer, 2. cegar, transtornar, confundir, aturdir’
1134. *ohal* ‘botoeira, casa (de botão)’
1135. *ohera* ‘olheiras’
1136. *oido, oidu* ‘1. sentido da audição, ouvido, 2. aptidão musical, 3. tato, diplomacia, sensibilidade para o que se passa no entorno’
1137. *ogia, ogéa* ‘1. dar uma olhada, folhear, 2. examinar, analisar’
1138. *opak, opako* ‘1. opaco, sombrio, 2. denso, vago, confuso’
1139. *ora di redu* ‘reunião de amigas à tarde para conversar e beber chá na casa de uma delas (trata-se de um costume antigo)’

1140. *orsuelo* ‘terçol’
1141. *otro gai lo kanta* ‘ditado para indicar que haverá uma mudança, seja para o bem ou para o mal’
1142. *ouge* ‘auge (1. cume, apogeo, 2. realce, grandeza, enaltecimento)’
1143. *oustu* ‘antiquado, velho, ultrapassado’
1144. *paga patu* ‘ser culpado ou responsabilizado injustamente no lugar de alguém’
1145. *pakotiya* ‘artigo grosseiro, barato, malfeito; usado para denotar mercadoria de qualidade inferior’
1146. *palabrua* ‘1. coruja, 2. pessoa excêntrica, extravagante, ridícula, 3. mulher leviana’
1147. *pañō di lágrima* ‘pessoa confidente e conselheira de outra, com quem se pode contar para abrir o coração e receber compreensão e consolo para seus pesares’
1148. *papayan* ‘dever de gratidão, obrigação moral que parece interminável’
1149. *papaleta* ‘pílula (uma dose de remédio)’
1150. *paradiá* ‘ostentar, gabar(-se), desfilar’
1151. *paravan* ‘sinônimo de *mampara*, para-vento’
1152. *pari yu manera ròchi* ‘expressão utilizada para qualificar uma mulher fecunda, parideira’
1153. *pasadiso* ‘passadiço, corredor, passagem’
1154. *pasa la mar negra* ‘sofrer muito; usado para descrever uma experiência desagradável, abominável’
1155. *pasa na nanishi* ‘expressão para indicar que uma coisa já está demais, alguém já se aborreceu e o assunto ficou chato’
1156. *pasa por alto* ‘usado para explicar um esquecimento, ou seja, que a pessoa não se lembrou de cumprir o que tinha combinado’
1157. *pastish* ‘imitação da arte, má cópia do estilo de um artista, má imitação de uma obra, falsificação’
1158. *patalanga* ‘nada, nem um pouco’
1159. *pata moli* ‘usado para descrever uma criança ou pessoa de idade que não caminha firme
1160. *pechu ariba* ‘dormir um pouco depois do almoço, tirar uma soneca’
1161. *pechudo* ‘usado para descrever uma pessoa com o busto grande’
1162. *“Pedro por su casa”* ‘ditado para descrever uma pessoa que se sente completamente à vontade na casa de outra; pode ter a conotação de que a pessoa é muito atrevida ou pode simplesmente ser uma constatação de que a pessoa é de confiança e conhece os costumes da casa’

1163. *pega ku skupi di lora* ‘usado para descrever algo que não cola direito ou que a colagem não é duradoura’
1164. *pego* ‘cilada, artimanha, truque, engano’
1165. *pèrdè facha* ‘ficar mal, perder o prestígio’
1166. *perempere* ‘indeciso, pendente, duvidoso; usado para se referir a algo que não está claramente definido’
1167. *pichoso* ‘pessoa que gosta de criticar, que encontra defeitos em tudo’
1168. *“pie por qué te tengo”* ‘expressão para indicar que chegou o momento de ir embora’
1169. *piesa* ‘1. habitação, quarto, 2. peça (parte de uma entidade, um objeto), 3. unidade, bloco, 4. composição musical, 5. obra de teatro, 6. objeto de colecionador, usado para indicar algo bastante valioso, 7. duas partes que se encaixam uma com a outra (por exemplo, as partes de um biquíni), 8. pessoa de personalidade e atitude desagradáveis’
1170. *pikason* ‘coceira, prurido; usado para descrever irritação na pele, que dá a sensação de que o corpo está ardendo ou sendo picado’
1171. *pike* ‘aborrecimento, ressentimento ou desgosto ocasionado por um desacordo ou briga’
1172. *piltrafa* ‘1. pele com osso, carne de má qualidade, 2. pessoa ou objeto sem valor’
1173. *pimpante* ‘vivo, elegante, suntuoso’
1174. *pinguinini* ‘pequeno, gracioso, delicado’
1175. *piuni* ‘1. pequeno, débil, fraco, delicado, frágil, 2. mesquinho, baixo’
1176. *plasa* ‘acomodar, colocar, pôr’
1177. *plato del dia* ‘prato principal, na boca de todo mundo’
1178. *pobretonchi* ‘ninguém, pessoa de qualidade inferior’
1179. *pòdjò, pòdji* ‘grande, pesado, vultuoso’
1180. *politès* ‘polidez, cortesia, delicadeza, boas maneiras’
1181. *porton* ‘portão’
1182. *praim* (SUBST apelativo) ‘primo, amigo (usado também para zombar)’
1183. *primanochi* ‘período da noite que vai das oito às onze horas’
1184. *pronka* ‘1. picar, alfinetar, furar, 2. insistir, animar, 3. ostentar, exibir’
1185. *pilchi* ‘pílula, remédio pequeno, no formato de uma bolinha’
1186. *pumpá* ‘chapéu preto, alto, cartola’
1187. *puño, puñu* ‘punho (1. mão fechada, 2. punhado (quantidade reduzida), 3. parte da manga da camisa, 4. maçaneta da porta)’

1188. *puño i letra* ‘expressão usada para estipular que determinada obra é de autoria de alguém’
1189. *puño será* ‘sovina, avarento, mesquinho, mão fechada’
1190. *punta* ‘1. despontar, apontar, começar a aparecer, 2. vislumbrar uma situação sem poder defini-la claramente’
1191. “*Purim alegre*” ‘cumprimento que os membros da comunidade judaica usam depois que o serviço de *Purim* acaba’
1192. *putuputu* ‘1. gordo, pesado, 2. sem forma’
1193. *rapòr* ‘entendimento, harmonia, conexão, relação, simpatia, analogia, acordo’
1194. *raspa pòtlot* ‘fazer a ponta de um lápis’
1195. *rastakuèr* ‘fanfarrão, que esbanja aquilo que verdadeiramente não tem’
1196. *razgo* ‘1. feição, traços, 2. qualidade particular ou distintiva’
1197. *razguñá* ‘arranhar, raspar superficialmente’
1198. *razguño* ‘arranhão’
1199. *rechoncho* ‘gordo, rechonchudo’
1200. *rékete* ‘prefixo intensificador’
1201. *rekua* ‘grande quantidade, tropa, grupo’
1202. *rematá* ‘arrematar, finalizar, liquidar, aniquilar, acabar’
1203. *remate (di)* ‘1. mais além, mais longe, 2. algo que não se pode suportar’
1204. *remate* ‘1. liquidação, venda final, 2. término, conclusão’
1205. *remohá* ‘remolhar, empapar, impregnar’
1206. *rere* ‘perseverar, insistir’
1207. *resibo* ‘recepção, acolhida, aceitação’
1208. *riba ref* ‘sem dinheiro, desemparedado, quebrado’
1209. *rìnkóná* ‘1. arrincoar, refugiar, retirar, 2. esconder de vista’
1210. *ròchi* ‘animal roedor como coelho e esquilo’
1211. *rondoritu kleishòt* ‘usado para qualificar uma pessoa ou um animal gordinho’
1212. *roza di zjazjimein* ‘expressão para descrever uma moça ou dama de boa aparência e elegante’
1213. *sabedor Dios!* ‘ditado popular para expressar que até então, um assunto está meio obscuro e, por isso, é difícil prognosticar o rumo que ele tomará’
1214. *sabelotodo* ‘pessoa convencida de que sabe tudo melhor que os outros’

1215. *saka for di kisio* ‘irritar, enfurecer, exasperar’
1216. *saka shete pia for di un karné* ‘exigir mais do que o valor real, aproveitar-se dos outros, trapacear’
1217. *saka spor* ‘aborrecer(-se), ficar com raiva’
1218. *sali dris* ‘ser enganado (usado quando uma pessoa é vítima das circunstâncias)’
1219. *samblans, samblan* ‘simulacro, fingimento, imitação’
1220. *sapatiá kaya* ‘1. caminhar até cansar, caminhar com um fim determinado, 2. usado para definir o que pessoas que saem muito gostam de fazer’
1221. *sapitu lipon* ‘1. brincadeira de criança, 2. usado para descrever uma pessoa nervosa, inquieta, que está continuamente em movimento’
1222. *sef* ‘armário de cozinha para guardar alimentos’
1223. *sekia* ‘1. seca, segura, estiagem, 2. sede’
1224. *sékito* ‘séquito, acompanhante, seguidor’
1225. *semblante* ‘semblante’
1226. *sesudo* ‘inteligente, sabido, sagaz’
1227. *sèter* ‘globo de cristal ou vidro que se usa para proteger a vela’
1228. *shalup* ‘xarope, espécie de papa feita com água e farinha de *ararut*’
1229. *shèbi* ‘1. desleixado, descuidado, gasto, decaído, deteriorado, pisoteado (usado para descrever qualquer coisa em mal estado ou que já esteve em condições melhores), 2. duvidoso, não confiável’
1230. *sin puntra kien bibe* ‘expressão para indicar que uma ação aconteceu rapidamente, sem perda de tempo’
1231. *skaramusa* ‘escaramuça, desacordo, briga, conflito sem importância’
1232. *skòns* ‘luz de parede, lâmpada ou candelabro para prender ou colocar na parede’
1233. *skuza* ‘escusa, pretexto, desculpa’
1234. *skuza* ‘escusar, desculpar(-se), perdoar’
1235. *slepchi* ‘sesta, sono curto, leve’
1236. *sobriké* ‘apodo, apelido, nome carinhoso’
1237. *solapa* ‘lapela (de paletó)’
1238. *sòt* ‘estúpido, bobo, idiota’
1239. *spiritu di bòkel* ‘expressão para descrever uma pessoa alta e magra’
1240. *stila* ‘1. destilar, gotejar, 2. enfraquecer (usado para indicar que parece que uma pessoa está enfrentando uma situação dolorosa)’

1241. *stropi* ‘esquecido, distraído, negligente’
1242. *stul di Eliya* ‘cadeira especial, consagrada ao profeta *Eliya*, usada nas cerimônias de *Berit*’
1243. *suañé* ‘esmerado, elegante, ordenado, caprichoso, limpo, metuculoso’
1244. *subi tabla òf ta riba tabla* ‘atuar, dramatizar, fazer pantomima; usado para descrever qualquer ação realizada com o propósito de chamar atenção’
1245. *tahada* ‘1. talhada, porção servida ou cortada de um alimento (às vezes, tem a conotação de grande, abundante), 2. sermão, ladainha’
1246. *takiná* ‘aborrecer, chatear, incomodar, zombar, mas sempre sem malícia e muitas vezes na brincadeira ou de mentira’
1247. *tansikiera* ‘mesmo, ao menos, ainda que’
1248. *tantia* ‘tentear, examinar, indagar, sondar, tentar descobrir alguma coisa de forma indireta’
1249. *teduki* ‘pano quadrado feito com retalhos de tecido, em que era possível colocar coisas e formar uma trouxa’
1250. *templá* ‘1. severo, veemente, colérico, de caráter forte, 2. algo que está morno ou quente’
1251. *tende gai kanta, sin sa na unda* ‘usado para indicar que uma pessoa está contando uma coisa errada como se fosse certa’
1252. *tende kolo pa safran, kolo pa safran* ‘entender uma coisa em lugar de outra, seja por surdez ou por distração’
1253. *tera santu* ‘terra de Israel’
1254. *tin moro na kosta* ‘expressão que recomenda precaução, indicando que não é seguro continuar uma conversa, por exemplo, já que outras pessoas chegaram no ambiente’
1255. *tinzji* ‘tingir, pintar, matizar’
1256. *tira ku kuater patada* ‘mandar embora, despachar (de forma grosseira)’
1257. *tira ku shete piedra* ‘negar veementemente, mandar embora’
1258. *tira pa raka* ‘indagar, insinuar, tentar descobrir alguma coisa de forma indireta e nem sempre empregando táticas muito confiáveis’
1259. *titiritiá* ‘tiritar, tremer (de medo, espanto, frio etc)’
1260. *tizan* ‘tisana, chá aromático ou erva de diferentes tipos que se pode colocar em infusão para depois beber’
1261. *toka piano* ‘furtar, roubar’
1262. *toria* ‘1. abordar, acercar, cortejar, explorar, 2. confundir, atordoar, 3. evadir, escapar, 4. examinar, indagar (se refere às atividades de um toureiro ao lidar com o touro)’

1263. *torpe* ‘1. bobo, lerdo, 2. estúpido, rude, grosseiro (pode qualificar tanto um estado mental quanto corporal)’
1264. *toto* ‘ficar mais lento, diminuir a velocidade’
1265. *trabahá* ‘1. preparar, 2. enfraquecer, cansar mentalmente, 3. fraco, abatido, cansado mentalmente’
1266. *tra’i awa, trei awa* ‘atrasado, bobo, fora da realidade’
1267. *trankaso* ‘gripe, resfriado’
1268. *tranzju* ‘série, grupo, fila, séquito, grande quantidade’
1269. *tras di bastidor* ‘por trás da cena, fora de vista, nos bastidores’
1270. *trata a patádas* ‘tratar de forma grosseira, bruta, com maus modos’
1271. *trilette* ‘pessoa animada, que gosta de contar coisas engraçadas e inteirar as pessoas das novidades (talvez com uma ponta de mexerico)’
1272. *troka disko* ‘mudar o disco, usado para sugerir que é hora de mudar de assunto, seja porque há pessoas não confiáveis ou porque a conversa se tornou chata’
1273. *trono* ‘banheiro, vaso sanitário’
1274. *troya* ‘guerra, briga, burburinho, confusão’
1275. *trupashi* ‘multidão, tropa, grupo grande de pessoas ou animais’
1276. *tukunú* ‘rechonchudo, gordinho (usado para qualificar mulheres gordinhas; para se referir a homens, usa-se **djipopo**)’
1277. *tupé* ‘coragem, valentia, arrojo, ousadia, atrevimento’
1278. *tupi* ‘tapar, fechar, cobrir’
1279. *tupí* ‘1. tapado, fechado, coberto, 2. bobo, acanhado’
1280. *vasio, basio* ‘vazio, fraqueza, esvaziamento; usado para descrever algo que não tem conteúdo’
1281. *vasiyá, basiyá* ‘esvaziar, desocupar, eliminar’
1282. *“vernissage”* ‘vernissage (abertura oficial de uma exposição de obras de arte, que em geral é unicamente para convidados)’
1283. *vestuario* ‘vestuário’
1284. *vetusto* ‘vetusto, muito velho, antigo, ancião, antiquado’
1285. *volátil* ‘1. caprichoso, de gênio difícil, inconstante, que fica com raiva facilmente, 2. usado para descrever algo que pode evaporar’
1286. *watiná* ‘1. acolchoar, forrar com algodão ou outro material macio, 2. acolchoado, forrado’

1287. *wawasiegu, papasiegu* ‘1. pessoa que caminha no escuro, 2. pessoa que caminha insegura, buscando seu caminho, 3. pessoa que, sem motivo, caminha à noite com óculos escuros para se fazer mais interessante, 4. usado quando se faz alguma coisa sem planejar de antemão’
1288. *wèlchi* ‘1. selvagem, louco, bravo, 2. usada para indicar uma pessoa criada livre, sem atenção ou regras’
1289. *weta (mira) ku wowo di mama* ‘ditado para indicar que se olha com tanto amor que não se enxerga nenhum defeito’
1290. *yabi bieu* ‘chave das casas dos antepassados judeus na Espanha, guardada por alguns sefarditas mais velhos’
1291. *gevadero* ‘complacente, tolerante, agradável’
1292. *yunan di mi yunan, ta dos bes mi yunan* ‘ditado para expressar o amor imenso que as avós sentem por seus netos’
1293. *zanzaña* ‘usado para descrever uma coisa interminável’
1294. *zarpa* ‘zarpar (1. levantar âncora (navio ou barco), 2. partir, ir embora, sair)’
1295. *zèz* ‘1. classe, tom, postura, 2. arrogância (pode-se usar essa palavra tanto num sentido positivo quanto negativo)’
1296. *zjazjimein* ‘milho branco, empapado e fervido até ficar mole; costuma ser comido com pedaços de coco’

Anexo D

PRIMEIRO REGISTRO DO USO DO PAPIAMENTU

Este anexo traz uma imagem do excerto do diário de bordo em que é mencionado pela primeira vez o nome do papiamentu (COOMANS & COOMANS-EUSTATIA, 2004: 156). Os autores trazem a seguinte legenda para a imagem: “Uma página do processo de 1747 a Newport, Rhode Island, [em que aparece] a primeira menção da língua papiamentu — como ‘Poppemento’ — de Curaçao (de D. S. Towle, 1936, p 433).”¹

¹Citação original: Een pagina van het proces uit 1747 te Newport, Rhode Island, met de eerste vermelding van de taal Papiamentu — als ‘Poppemento’ — op Curaçao (uit: D. S. Towle, 1936, p. 433).

Figura D.1: Primeira menção ao nome do papiamentu (COOMANS & COOMANS-EUSTATIA, 2004: 156).

Anexo E

LÁPIDES DO ANTIGO CEMITÉRIO JUDAICO

Este anexo apresenta imagens de algumas lápides de judeus sefarditas sepultados em Curaçao. Inicialmente, aparecem alguns dados digitados de Emmanuel (1957: 109-116) e agrupados da seguinte forma: (i) preces comuns nas lápides; (ii) lápides em português; (iii) lápides em espanhol. Em seguida, encontram-se imagens de reproduções de lápides do século XVII do antigo cemitério judaico Beth Haim. Essas reproduções estão na parte externa da Sinagoga Mikvé Israel de Curaçao e foram fotografadas em 2013. Não foi necessário pedir autorização para registrar as imagens, já que é permitido tirar retratos do espaço (as fotos são vetadas dentro da sinagoga e do Museu Judaico). Há um total de nove lápides reproduzidas, todas (exceto uma) acompanhadas por informações sobre o falecido e comentários sobre a causa da morte ou a lápide em si (o texto ou a imagem).

ALGUMAS PRECES COMUNS NAS LÁPIDES (EMMANUEL, 1957: 110):

1. Sua Bendita Alma Goze Da Eterna Gloria
2. Sua Bendita Alma Goze De La Gloria
3. Que Goze Sua Alma De Eterna Divindade
4. Su Alma Goze El Divino Ausilio
5. Goze no ceio da felicidade eterna
6. Que su Benemerita Alma Goze de la bien aventuranza eterna en el seno de su Criador
7. Que Deus Mandelhe Paz
8. Su Alma Goze de D^S

LÁPIDES EM PORTUGUÊS (EMMANUEL, 1957: 115):**1. *Epitáfio de 1749 escrito por pais para seu falecido filho:***

Aquy Meus, Avos Vos Venho Abuscar
Y Espero Que No Ceo Vos Hede Achar.

2. *Epitáfio de 1836 dedicado por Mosseh Cohen Henriquez a seu filho, Salomoh:*

Vaidade de Vaidade Todo he Vaidade.
Salomoh de Mos:
Cohen Henriquez
Em 9 Adar 5588 Naceo
Em 16 Sebeth 5596 Desvaneceo.
Olhacá! Neste globo A Perfeita obra
Riqueza, honra, vigor, nada A assombra
Com hum sopro, E sem distençao
Nem de Menino, menos de ançiao
Assaz nacida criatura
A leva na sepultura.
Oh mortal! Que nao te cause surpresa
O certo nesse mundo hé A tristeza.

LÁPIDES EM ESPANHOL (EMMANUEL, 1957: 109-111, 115-116):

1. *Epitáfio de 1875 dedicado a Isaac Capriles:*

En el cielo volverase a formar
El amoroso grupo que en la tierra
Solo la muerte ha desunido.

2. *Epitáfio de 1851 dedicado Gabriel da Costa Gomez:*

Goce de eterna gloria su inmortal esencia y descansen en paz sus cenizas venerables

3. *Epitáfio de 1867 dedicado a Abigail Levy Maduro:*

Ruego a Dios por la eterna paz de su buena y noble alma.

4. *Epitáfio de 1825 escrito por um marido para sua falecida esposa:*

Oh, Tu preciosa prenda tan pronto encortada
Para un mundo mejor tu alma es apropiada.

5. *Epitáfio de 1841 dedicado a Ester Penso:*

Restos venerados!
Monumento infausto!
Inscripciones lamentados!
Ultimo recuerdo funesto!
Mitigad la pena i el sentimTO estenso
Que la Ausencia i perdidas fatales causan,
de Ester de Mosé Penso,
Que en Paz i tranquilidad descansa.

RÉPLICAS DE LÁPIDES DO SÉCULO XVII DO ANTIGO CEMITÉRIO JUDAICO

Figura E.1: Comentário sobre as lápides.

Figura E.2: Lápide 1.

Figura E.3: Lápide 2.

Tombstone of Ishac Haim Senior (1726) He died young (incurtado=cut off) and is depicted on his deathbed pronouncing the last words of a dying Jew: "Shema Israel Adonai Elohenu Adonai Ehad" (Hear O Israel, the Lord Our God, the Lord is One). He is seen surrounded by his grieving family and servant.

Figura E.4: Lápide 3.

Tombstone of Abraham Daniel Moreno Henriquez (1726). The ship indicates that the deceased was either a seafarer or a shipowner. There are 4 more tombstones bearing sculptured ships in the old cemetery (Beth Haim). All are of the Moreno Henriquez family.

Figura E.5: Lápide 4.

Tombstone of ELIAU Namias de Crasto (1717)
 The sculpture represents the Biblical passage in II KING 2:11 "there appeared a chariot of fire.....and ELIAHU went up by a whirlwind into heaven....and Elisha took up the mantle that fell from him."

Figura E.6: Lápide 5.

Figura E.7: Lápide 6.

Tombstone of Aaron LEVY Maduro (1727).
The sculpture represents three LEVITES
washing the hands of the 'COHEN' (High
Priest) before he blesses the Congregation

Figura E.9: Lápide 8.

Tombstone of Raphael COHEN Henriquez (1767)
it shows the Priestly Crown and the hands of the
COHEN (High Priest) with fingers spread out in the
traditional manner for bestowing the Priestly Blessing.

Figura E.10: Lápide 9.

Anexo F

DOCUMENTOS EM PORTUGUÊS DA COMUNIDADE SEFARDITA

Neste anexo, constam quatro imagens, retiradas de Emmanuel (1957: figuras 11, 32 e 77) e Emmanuel & Emmanuel (1970: 748), que mostram o uso do português pela comunidade sefardita de Curaçao e de Amsterdã. A primeira é a capa de um livro em que constam os regulamentos de uma irmandade estabelecida na ilha caribenha em 1783. A segunda consiste em um manuscrito com instruções de Ishac Carigal para seus investimentos e economias em Curaçao. Já a terceira é o manuscrito de uma resolução de 1659 emitida pela comunidade judaica portuguesa de Amsterdã concedendo um *Sefer Torá* — os livros de *Torá* (Pentateuco) sagrados para a comunidade judaica guardados em uma arca sagrada, o *Ehal* ou *Hehal* — para Isaac da Costa levar para Curaçao. A quarta imagem, por seu turno, consiste na transcrição do manuscrito de 1659, acompanhada da tradução em inglês.

Figura F.1: Documento 1 (EMMANUEL, 1957: figura 11).

Suma a mi disposicion, si enro,
 remite a dñs II. Parnassim de la flota de
 Curacao y 100: - que entregue en dinero
 desentado en este dia, por cuyo favor les
 quedare muy obligado y agradecido, -
 y por quanto es muy dable que recibire
 algunos dineros que me pertenecen, estando
 pronto para seguir mi viaje para heras.
 Cami Carai, dispondre lo necesario para
 que dñs dineros se remitan por mi cuenta
 a dñs II. Parnassim deste KK a quien
 suplico me hagan la gracia que todo el
 dinero que llegare a sus manos de mi q,
 lo empleen Cami Carai en obligaciones a cargo
 de la generalidad desta Republica y la otra
 mitad en Anuitas del Reyno de la Gran
 Bretaña, Conservando estos effetos baxo la
 administracion de dñs II. Parnassim
 por mi querita, Siendo como riesgo todos
 los danos que pueden sobre venir para
 la execucion de lo referido, pidiendo al mismo
 tiempo de remeirme todos los annos los
 intereses que produxeren estos empleos,
 rebajando 3 p. 100 por la administracion p.
 la Sedaca deste KK Segun es usança,
 quedo rogando a V. por la vida de Vns muy
 illustre y conde muchos augm. a todo
 este KK - Amsterdam 24 Menahem,
 año 5524 - Muy umilde servidor
 de V. M. J. M. B.
 J. Carigal

77 CARIGAL'S INSTRUCTIONS REGARDING HIS
 INVESTMENTS AND CURAÇAO SAVINGS, 1764

Courtesy of Parnassim, Amsterdam

Figura F.2: Documento 2 (EMMANUEL, 1957: figura 77).

Figura F.3: Documento 3 (EMMANUEL, 1957: figura 32).

Figura F.4: Documento 4 (EMMANUEL & EMMANUEL, 1970: 748).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS APÊNDICES E ANEXOS

- AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos. 2015. Fonologia e método pedagógico do lung'Ie. 446f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANDERSEN, Roger William. 1974. Nativization and Hispanization in the Papiamentu of Curaçao, N.A.: a Sociolinguistic Study of Variation. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade do Texas, Texas, Austin.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2011. Três textos em papiamentu clássico. Tese de livre-docência para obtenção do título de professor-associado — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2013. *Harmonia vocálica*. Handout de aula.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de & HAGEMEIJER, Tjerk. 2013. *Dicionário livre do santome-português*. São Paulo: Hedra.
- BANDEIRA, Manuele. 2013. A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno. 245f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRITO, António de Paula. 1967 [1887]. Dialectos Crioulos-Portugueses. Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistos por F. Adolfo Coelho. 7ª série, nº 10. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 235-328.
- BRÜSER, Martina *et al.* 2002. *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português*, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang. Tübingen: Narr.
- CABO VERDE. Decreto-lei nº 67/98. 31 de dezembro de 1998. Aprova, a título experimental, o Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Caboverdiana. 5º Suplemento. I série, nº 48.

- CLEMENTS, J. Clancy. 2014. The status of Portuguese/Spanish /r/ and /r/ in some Iberian-based creole languages. *PAPIA*, São Paulo, vol. 24, n. 2, p. 343-356.
- COELHO, Adolfo. 1967a [1880]. Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América I. 2ª série, nº 3. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 1-108.
- COOMANS, Henny & COOMANS-EUSTATIA, Maritza. 2004. Papiamentse woordenboeken en woordenlijsten uit de 19e eeuw. In: FREDERIKS, Bernardus Th. & PUTMAN, Jacobus Josephus. 2004 [1859]. *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken*. Fac-símile. Bloemendaal/Curaçao: Stichting Libri Antilliani/Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 147-160.
- COSTA, Joaquim Vieira Botelho da & DUARTE, Custódio José. 1967 [1886]. O Crioulo de Cabo Verde. Breves Estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo Verde Oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. 6ª série, nº 6. In: MORAIS-BARBOSA, Jorge (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa. p. 235-328.
- COUTO, Hildo Honório do. 2005. Resenhas: Dicionário do crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)/ Wörterbuch des Kreols der Insel Santiago (Kapverde). *PAPIA*, Brasília, vol. 15, n. 1, p. 134-136.
- DIJKHOFF, Marta B. 1993. Papiamentu Word Formation: a case study of complex nouns and their relation to phrases and clauses. Tese de doutorado. Amsterdã: Universidade de Amsterdã.
- EMMANUEL, Isaac S. 1957. *Precious stones of the Jews of Curaçao*. Curaçaoan Jewry 1656-1957. Nova York: Bloch Publishing Company.
- EMMANUEL, Isaac S. & EMMANUEL, Suzanne A. 1970. *History of the Jews of the Netherlands Antilles*. Cincinnati: American Jewish Archives.
- FPI (Fundashon pa Planifikashon di Idioma). 2009. *Ortografia e Lista di Palabra Papiamentu — Buki di oro*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma.
- FRÉ, Marina Almeida Nascimento. 2013. Os ditongos no papiamentu moderno. Iniciação científica — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FREDERIKS, Bernardus Th. & PUTMAN, Jacobus Josephus. 2004 [1859]. *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken*. Fac-símile. Bloemendaal/Curaçao: Stichting Libri Antilliani/Fundashon pa Planifikashon di Idioma.
- FREITAS, Shirley. 2012. *Processos fonológicos no léxico ibérico em papiamentu: a Lista Maduro*. Universidade de São Paulo, Relatório apresentado à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), processo 2010/14252-3.

- GOILO, Enrique R. 1953. *Gramatica Papiamentu*. Curaçao: Hollandsche Boekhandel.
- GRANT, Anthony P. 2008a. The Portuguese elements in Papiamentu. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronnie & WEIJER, Christa (Ed.). *Linguistic Studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma. p. 47-71.
- HARRIS, Charles Cleland. 1951. Papiamentu Phonology. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade de Cornell, Ithaca, Nova York.
- HENRIQUEZ, May. 1988. *Ta asina? O ta asana? Aba, uzu i kustumber sefardí*. Curaçao: Edição do autor.
- HENRIQUEZ, May. 1991. *Lo ke a keda pa simia*. Curaçao: Edição do autor.
- HOYER, John. 1944. *A Little Guide English — Papiamento*. Curaçao: Boekhandel Bethencourt Heerenstraat.
- HULST, Harry van der & WEIJER, Jeroen van de. 1995. Vowel Harmony. In: GOLDSMITH, John A. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell. p. 495-534.
- JACOBS, Bart. 2012. *Origins of a creole: the history of Papiamentu and its African ties*. Coleção Language contact and bilingualism. New York: Walter de Gruyter. (Tese de Doutorado: Universidade de Munique).
- JOUBERT, Sidney M. 2013. *Dikshonario/Woordenboek Papiaments Nederlands*. Willems-tad: Edição do autor.
- KLEIN, Thomas B. 2006. Creole phonology typology: Phoneme inventory size, vowel quality distinctions and stop consonant series. In: BHATT, Parth & PLAG, Ingo (Ed.). *The structure of creole words: Segmental, syllabic and morphological aspects*. Tübingen: Niemeyer. p. 3-21.
- KOUWENBERG, Silvia. 2004. The Grammatical Function of Papiamentu Tone. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 3, p. 55-69.
- KOUWENBERG, Silvia. 2009. Some issues in the study of Papiamentu tone. In: FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa & ECHTELD, Liesbeth (Ed.). *Leeward voices: Fresh perspectives on Papiamentu and the literatures and cultures of the ABC Islands*. Volume 1. Curaçao: FPI/UNA. p. 11-38.
- KOUWENBERG, Silvia & MURRAY, Eric. 1994. *Papiamentu*. München [i.e.] Untersch-leissheim; Newcastle: Lincom Europa.
- KOUWENBERG, Silvia & MUYSKEN, Pieter. 1995. Papiamento. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 205-218.
- LADEFOGED, Peter & MADDIESON, Ian. 1996. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell.

- LANG, Jürgen. 2014. A origem das consoantes pré-nasalizadas do crioulo de Santiago (Cabo Verde). *PAPIA*, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 149-170.
- LANG, Jürgen *et al.* 2002. *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Cap. 1. Disponível em: <<http://iilp.wordpress.com/2012/11/14/uma-gramatica-do-crioulo/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- LENZ, Rodolfo. 1928. *El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcells & Cia.
- LOPES, Francisco João. 2012. Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da ilha de São Nicolau — Cabo Verde. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MACMILLAN ELT. 20—. *Macmillan Dictionary*. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/>>. Acesso em: 06 out. 2013.
- MADURO, Antonie Johannes. 1953a. *Ensayo pa Yega na un Ortografia Uniforme pa nos Papiamentu*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1953b. *Suplemento di Vocabulario Etimológico (Capítulo X) di Ensayo pa Yega na un Ortografia Uniforme pa nos Papiamentu*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966a. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan I (Letter A te M)*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966b. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ)*. Willemstad: Edição do autor.
- MADURO, Antonie Johannes. 1966c. Vocabulario pa un Estudio Comparativo. In: MADURO, Antonie Johannes. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ)*. Willemstad: Edição do autor. p. 59-72.
- MAURER, Philippe. 1998. El papiamentu de Curazao. In: PERL, Matthias & SCHWELGER, Armin (Ed.). *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Editora Iberoamericana. p. 139-217.
- MICHAELIS, Susanne Maria *et al.* (Ed.) 2013. *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <<http://apics-online.info>>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- MUNTEANU, Dan. 1996. *El papiamentu, lengua criolla hispánica*. Madrid: Gredos.
- PIETERS, Marlene *et al.* 1993. *Ortografia di Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma (FPI).
- QUINT, Nicolas. 2000a. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L'Harmattan.

- QUINT, Nicolas. 2000b. *Le Cap Vertien: Origines et Devenir d'une Langue Métisse*. Paris: L'Harmattan.
- QUINT, Nicolas. 2003. *Parlons Capverdien, langue et culture*. Paris: L'Harmattan.
- RATZLAFF-HENRIQUEZ, Betty. 2008. *Dikshonario Papiamentu-Ingles/Ingles-Papiamentu*. Bonaire: Jong Bonaire.
- REMIJSEN, Bert & HEUVEN, Vincent J. van. 2005. Stress, tone and discourse prominence in the Curaçao dialect of Papiamentu. *Phonology*, vol. 22, p. 205-235.
- RIVERA-CASTILLO, Yolanda & PICKERING, Lucy. 2004. Phonetic Correlates of Stress and Tone in a Mixed System. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 19, n. 2, p. 261-284.
- RIVERA-CASTILLO, Yolanda. Em elaboração. Vowel harmony and feature-value underspecification in two Creoles.
- RIVERA-CASTILLO, Yolanda. 2011. Subsystem interface and tone typology in Papiamentu. In: CLEMENTS, J. Clancy & GOODEN, Shelome (Ed.). *Language change in contact languages: grammatical and prosodic considerations*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 177-198.
- RODRIGUES, Ulisdete. 2007. Fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- ROUGÉ, Jean-Louis. 1994. A propos de la formation des créoles du Cap Vert et de Guinée. *PAPIA*, Brasília, vol. 3, n. 2, p. 137-149.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1888. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch: III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden. *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 12, p. 312-322.
- SEKSHON Informativo di Schooladviesdienst pa promoshon di bon uzo di papiamentu den enseñansa i komunitat. 1983. *Ortografia di papiamentu*: reglanan pa skibi papiamentu segun ortografia Römer-Maduro-Jonis. Curaçao: Sekshon Informativo di Schooladviesdienst pa promoshon di bon uzo di papiamentu den enseñansa i komunitat.
- SELKIRK, Elizabeth O. 1982. Syllables. In: HULST, Harry van der & SMITH, Norval (Ed.). *The structure of phonological representations*, Part II. Dordrecht: Foris Publication. p. 337-383.
- SMITH, Norval. 1999. Pernambuco to Surinam 1654-65? The Jewish slave controversy. In: HUBER, Magnus & PARKVALL, Mikael (Ed.). *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*. London: University of Westminster Press. p. 251-298.
- SOUZA NETO, Antônio Félix. Em elaboração. Processos fonológicos no Papiamentu

- (Curaçao). Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VEIGA, Manuel. 2012. *Dicionário Caboverdiano — Português*. 2 ed. Cidade da Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro.
- VIARO, Mario Eduardo. 2007. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos -eiro/-eira na língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; BERLINK, Rosane de Andrade; GUEDES, Marymarcia & OLIVEIRA, Taísa Peres de (Org.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. 12 ed. Araraquara: Cultura Acadêmica. p. 45-84.
- WATTMAN, Francine Harriet. 1953. *Papiamentu Morphology and Syntax*. Tese (Mestrado em Artes) — Universidade de Cornell, Ithaca, Nova York.
- WINDT, Igma van Putte-de & VAN PUTTE, Florimon. 2009. *Ortografia fonológiko di papiamentu: kua fono kua lógiko kiko?* — argumentashon pro revishon di ortografia ofisial. Curaçao: Editora Djuku.
- WINDT, Igma van Putte-de & VAN PUTTE, Florimon. 2010. *Buki di oro: ta oro di lei e ta?* — reseña. Curaçao: Editora Djuku.